

A CIDADE DE DEUS

Santo Agostinho

Volume III

5.ª Edição

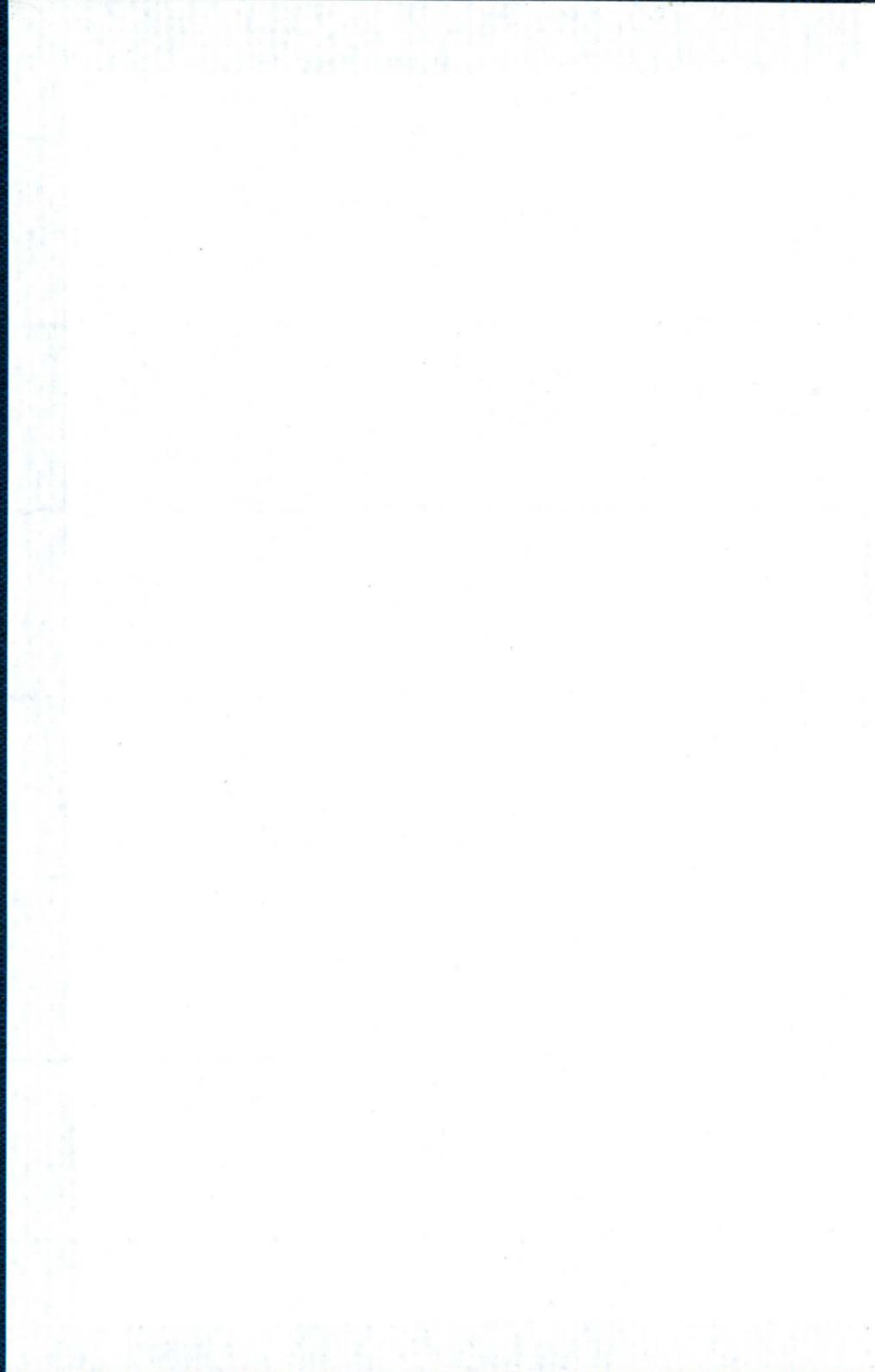


FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN

ISBN 978-972-31-0898-9



9 789723 108989



A CIDADE DE DEUS



A CIDADE DE DEUS

Santo Agostinho

VOLUME III
(LIVRO XVI A XXII)

Tradução, prefácio, nota biográfica e transcrições
de
J. DIAS PEREIRA

5.ª Edição



FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN

Tradução do original latino intitulado
DE CIVITATE DEI
de Santo Agostinho, baseada na
quarta edição de B. Dombart e A. Kalb.

Reservados todos os direitos
de harmonia com a lei.
Edição da Fundação Calouste Gulbenkian
Av. de Berna. Lisboa

Para esta tradução foi utilizado o texto latino da quarta edição de B. Dombart e A. Kalb, col. Bibliotheca Teubneriana, Leipzig, 1928-1929, reproduzida em Oeuvres de Saint Augustin, edic. bilingue de Desclée de Brouwer, Paris, 1959, confrontado, porém, *pari passu* com o texto latino dos beneditinos de S. Mauro utilizado por Migne na Patrologia Latina XLI e reproduzido pela BAC (Biblioteca de Autores Cristianos, Madrid, 1977) em Obras de San Augustin, XVI-XVIII — La Ciudad de Dios.

LIVRO XVI

Na sua primeira parte, do capítulo primeiro ao décimo segundo, expõe-se o desenvolvimento das duas Cidades, da Celeste e da Terrestre, conforme a história sagrada, desde Noé até Abraão. Na segunda, trata-se apenas do desenvolvimento da Cidade Celeste desde Abraão até aos reis dos Israelitas.

CAPÍTULO I

Se, depois do dilúvio, desde Noé até Abraão, se encontram algumas famílias que tenham vivido como a Deus apraz.

É difícil pôr a claro, pelo que das Escrituras consta, se depois do dilúvio, se podem seguir os vestígios da Cidade santa em marcha, ou se eles se interromperam por períodos de impiedade tais que deixou de haver homens que adorassem o único e verdadeiro Deus — porque, depois de Noé (que, com sua mulher, seus três filhos e suas noras, mereceu escapar, na arca, à catástrofe do dilúvio), até Abraão, ninguém se encontra nos livros canônicos, cuja piedade tenha sido claramente proclamada pela palavra divina. Vemos apenas que Noé, intuindo e prevendo o que, num futuro longínquo, havia de acontecer, recomenda dois dos seus filhos, Sem e Jafet, por uma bênção profética. É por isso também que, contra o seu filho do meio, mais jovem que o mais velho e mais velho que este Jafet, que tinha pecado contra o pai, ele pronunciou uma maldição, não na pessoa deste filho, mas na do filho dele, seu neto, com estas palavras:

*Maldito seja o filho Canaã. Ele será escravo de seus irmãos*¹.

Canaã tinha nascido de Cam, que, em vez de cobrir a nudez de seu pai adormecido, a tinha posto em evidência.

¹ *Maledictus Chanaan puer, famulus erit fratribus suis.*
Gén., IX, 25.

E foi por isso também que ele acrescentou uma bênção para os seus dois filhos, o mais velho e o mais novo, dizendo:

Bendito seja o Senhor, Deus de Sem. Canaã será seu escravo.

Que Deus alargue (a) Jafet e habite nas moradas de Sem².

Tudo isto — como a própria plantação de uma vinha por Noé, a embriaguês resultante do seu fruto, a sua nudez enquanto dormia e os outros factos ocorridos e narrados — são factos todos carregados de sentido profético e como que ocultos por um véu.

² *Benedictus Dominus Deus Sem, et erit Chanaan puer illius; latificet Deus Iapheth, et habitet in domibus Sem* (2).

Gén., IX, 27.

(2) Mige traz *laetificet* em vez de *latificet*, pelo que, a preferi-lo, a tradução seria antes:

«Bendito seja o Senhor, Deus de Sem. Canaã será seu escravo. Que Deus torne fecundo Jafet e habite nas moradas de Sem.»

CAPÍTULO II

O que foi profeticamente figurado nos filhos de Noé.

Agora, porém, realizado já o efeito nos seus descendentes, tornou-se bastante claro o que era obscuro. Quem é, na verdade, que, olhando para estas figuras com atenção e inteligência, as não reconhece em Cristo? Sem, de cuja semente nasceu Cristo segundo a carne, significa «afamado» (*nominatus*)¹. Mas quem é mais «afamado» do que Cristo, cujo nome espalha por toda a parte um agradável aroma, de tal forma que no Cântico dos Cânticos é antecipadamente comparado pela profecia ao perfume derramado? E não habita também em suas moradas, isto é, nas igrejas, a extensão (*latitudo*) das nações? É que na realidade Jafet significa «extensão» (*latitudo*). Mas Cam, que quer dizer «quente» (*calidus*), filho do meio de Noé, como que se separando de um e de outro mas permanecendo entre os dois, — que simboliza ele, que nem pertence às primícias de Israel nem à plenitude das nações, senão à raça dos hereges em fervura, não pelo espírito de sabedoria, mas pelo da impaciência, que costuma pôr em efervescência as entranhas dos hereges e perturbar a paz dos santos? Mas tudo isto redundando em proveito dos que progredem, segundo o dito do Apóstolo:

*Convém que haja herejes para que se evidenciem entre vós os que têm uma virtude comprovada*².

¹ Segundo S. Jerónimo (in *De nominibus hebraicis* — P. L., XXIII, 784): «Sem, nomen vel nominatu» = «Sem, nome ou com renome».

² *Oportet et haereses esse, ut probati manifesti fiant vobis.*

I Cor., XI, 19.

Daí que também esteja escrito:

*O filho instruído será sábio e fará do néscio seu servidor*³.

Efectivamente, quando muitas questões relativas à fé Católica são agitadas pela acalorada agitação dos hereges, são elas examinadas com maior cuidado, compreendidas com maior clareza e pregadas com maior insistência para que sejam defendidas dos seus ataques — e assim uma questão suscitada por um adversário torna-se numa ocasião de aprender. Todavia, tanto os que estão abertamente separados como todos aqueles que se honram com o nome de cristãos mas vivem na perdição, parece-me que, sem sombra de dúvida, podem ser figurados pelo segundo filho de Noé — pois que a paixão de Cristo, simbolizada na nudez de Noé, eles a proclamam, professando-a, mas a desonram, mal procedendo. Foi pois deles que foi dito:

*Pelos frutos os reconhecereis*⁴.

É por isso que Cam foi amaldiçoado em seu filho como em seu fruto, isto é, em sua obra. E será por isso também que Canaã, seu filho, quer dizer «seus (deles) movimentos» que o mesmo é que dizer «as obras deles»?

Porém, Sem e Jafet, ou seja a circuncisão e o prepúcio ou, como de outra maneira diz o Apóstolo, os Judeus e os Gregos, são chamados e justificados, porque, tendo conhecido de certo modo a nudez de seu pai, símbolo da paixão do Salvador, tomaram um manto, puseram-no sobre as suas costas e, avançando em recuas, com ele cobriram a nudez de seu pai sem verem o que com reverência cobriam. Deste modo honramos na paixão de Cristo o que por nós foi feito e afastamo-nos do crime dos Judeus. O manto significa o mistério (*sacramentum*), as costas a memória do passado — porque já no tempo em que Jafet habita nas

³ *Filius eruditus sapiens erit, imprudente autem ministro utetur.*
Prov., X, 4 (segundo os Setenta).

⁴ *Ex fructibus eorum cognoscetis eos.*
Mat., VII, 20.

moradas de Sem e seu mau irmão no meio de ambos, celebra a Igreja a paixão de Cristo como já cumprida e não a contempla ainda como futura.

Mas o mau irmão torna-se em seu filho, isto é, na sua obra, o servidor ou antes o escravo de seus irmãos bons, quando, para se exercitarem na paciência ou para progredirem na sabedoria, os bons conscientemente se servem dos maus. Efectivamente, segundo o testemunho do Apóstolo, há os que pregam a Cristo com uma intenção que não é pura; mas diz ele:

*Sob algum pretexto ou pela verdade seja Cristo anunciado*⁵ (a).

Ele próprio plantou a vinha de que fala o profeta:

*A vinha do Senhor dos exércitos é a casa de Israel*⁶,
e ele mesmo bebeu do seu vinho (quer se pense aqui naquele cálice do qual ele disse:

*Podeis beber do cálice de que eu mesmo hei-de beber?*⁷

e:

*Pai, se é possível, que este cálice se afaste*⁸;

com o que sem dúvida quis significar a sua paixão, — quer se queira antes com isto entender, pois que o vinho é o fruto da vinha, que ele desta vinha, isto é, da raça de Israel, tomou a sua carne e o seu sangue por amor de nós, para poder sofrer), e «embriagou-se», isto é, sofreu, e «foi despi-

⁵ *sed sive occasione sive veritate Christus annuntietur* (a).

Philip., I, 18.

(a) É deste teor a frase em Migne:

sed sive occasione, sive veritate, Christus annuntietur, in hoc gaudeo, sed et gaudebo — «contanto que Cristo seja anunciado quer sob qualquer pretexto quer por amor à verdade, nisso me regozijo e sempre me regozijarei.»

⁶ *Vinea Domini Sabaoth domus Israel est;*

Isaías, V, 7.

⁷ *Potestis bibere calicem, quem ego bibiturus sum?*

Mat., XX, 22.

⁸ *Pater, si fieri potest, transeat calix iste.*

Mat., XXVI, 39.

do», porque então a sua enfermidade foi posta a nu, isto é, apareceu, como diz o Apóstolo:

*Se ele foi crucificado na sua enfermidade*⁹.

Daí que tenha dito também:

*A fraqueza de Deus é mais forte que os homens e a loucura de Deus tem mais sabedoria que os homens*¹⁰.

E depois de ter dito:

*Desnudou-se*¹¹,

a Escritura acrescenta:

*Em sua casa*¹²,

maneira elegante de mostrar que Cristo devia sofrer a crucifixão e a morte da parte da gente da sua raça, da parte das pessoas da sua casa e do seu sangue, ou sejam os Judeus. A esta paixão de Cristo anunciam-na exteriormente, apenas com o som da voz, os réprobos, sem entenderem o que anunciam. Mas os justos trazem no «homem interior» um tão grande mistério e honram no íntimo do coração a fraqueza e a loucura de Deus, porque é mais forte e mais sábia do que os homens. Disto temos a figura em Cam, que saiu para anunciar o facto, ao passo que Sem e Jafet, para o encobrirem, isto é, para o honrarem, entraram e praticaram a sua acção no interior.

Cada um de nós explora como pode, melhor ou pior, estes segredos da Sagrada Escritura, tendo porém como ponto certo da Fé que os factos que ela relata não foram realizados ou escritos sem prefigurarem um futuro que só a Cristo e à sua Igreja, a Cidade de Deus, se podem reportar — e que esta, desde a origem do género humano, foi

⁹ *Etsi crucifixus est ex infirmitate.*

II Cor., XIII, 4.

¹⁰ *Infirmitas Dei fortius est hominibus et stultum Dei sapientius est hominibus.*

I Cor., I, 25.

¹¹ *Et nudatus est.*

Gén., IX, 21.

¹² *In domo sua.*

Id. ib.

objecto de muitos vaticínios que todos os dias vemos realizarem-se.

Mas, depois da bênção dos dois filhos de Noé e da maldição do do meio, não se faz menção até Abraão de nenhum piedoso adorador de Deus — silêncio este que se arrasta por mais de mil anos. Não é porque os não tenha havido, julgo eu. Seria demasiado longo mencioná-los a todos e isto constituiria mais uma diligência histórica do que uma providência profética. Por isso é que o escritor sagrado, ou antes o Espírito de Deus por ele, se apega aos acontecimentos que não contam somente o passado mas predizem também o futuro — pelo menos aqueles que interessam à Cidade de Deus. Porque tudo o que aqui se diz acerca de homens que não são seus cidadãos, para isto se diz: para que, por contraste, sirva para seu proveito ou para sua glória. Não se vá, porém, julgar que todos os acontecimentos narrados têm um «significado»; simplesmente, os (acontecimentos) que não têm «significado» são relatados por causa dos que têm «significado». Com efeito, só a relha do arado fende a terra; mas, para que o consiga, são necessárias as outras peças do arado. Também só as cordas da cítara ou de qualquer instrumento semelhante são aptas para ressoar; mas, para que isso se possa conseguir, há também na estrutura do instrumento outras peças que não são percutidas pelo artista mas estão ligadas às que são percutidas e ressoam. Da mesma forma, na história profética narram-se factos que nenhum «significado» possuem mas a que se unem outros que o têm e que de certa maneira se lhes entrelaçam.

CAPÍTULO III

Gerações dos três filhos de Noé.

A seguir, convém examinar as gerações dos filhos de Noé e consignar tudo quanto parecer interessar a esta obra que mostra o desenvolvimento, através dos tempos, das duas Cidades — a da Terra e a do Céu.

Começam a ser mencionadas a partir do filho mais novo, que se chamou Jafet. Deste se citam oito filhos, sete dos seus netos nascidos de dois de seus filhos, três de um e quatro de outro — o que perfazem, todos, quinze. Os filhos de Cam, ou seja o filho do meio de Noé, são quatro, e os netos, nascidos apenas de um filho, cinco, e dois bisnetos, nascidos apenas de um neto. É de onze a soma deles. Enumerados estes, como que se volta ao princípio e diz-se:

Chus gerou Nébroth; foi o primeiro gigante na terra. Este gigante caçador era contra o Senhor Deus. Por isso é que se diz: gigante caçador contra o Senhor como Nébroth. O princípio do seu reino foi Babilónia, Orech, Archad e Calané na terra de Senaar. Desse país saiu Assur que fundou Nínive, Roboth, Chalach e, entre Nínive e Chalach, Dasem, a grande cidade¹.

¹ *Chus autem genuit Nembroth; hic coepit esse gigans super terram. Hic erat gigans venator contra Dominium Deum. Propter hoc dicunt: sicut Nembroth gigans venator contra Dominum. Et factum est initium regni ejus Babylon, Orech, Archad et Chalanne in terra Sennaar. De terra illa exivit Assur et aedificavit Ninevem ^(a) et Roboth civitatem et Chalach et Dasem inter medium Ninevae ^(b) et Chalach: haec civitas magna.*

Gen., X, 8-12.

^(a) Em Migne vem «aedificavit Niniven» — «fundou Nínive».

^(b) Em Migne vem «inter medium Ninives et Chalach — entre Nínive e Calach.»

Gén., X, 8-12.

Portanto, Cus, pai do gigante Nébroth, foi enumerado como o primeiro dos filhos de Cam, do qual já se contaram cinco filhos e dois netos. Mas — ou gerou este gigante depois do nascimento dos seus netos, ou, o que é mais de crer, a Escritura fala em especial dele por causa da sua proeminência, pois que assinala também o reino cujo começo foi a famosíssima Babilónia, e as outras cidades e outras regiões com ela acima referidas. Diz-se que dessa terra, isto é, da terra de Senaar, que pertencia ao reino de Nébroth, saiu Assur e fundou Nínive e outras cidades que se citam — mas isso aconteceu muito depois. Refere-se-lhe de passagem, devido à celebridade do Império da Assíria, extraordinariamente dilatado por Nino, filho de Belo, e fundador da grande cidade de Nínive, cujo nome deriva do seu, e por Nino se chamou Nínive. Porém, Assur, donde provêm os Assírios, não figura entre os filhos de Cam, filho do meio de Noé; mas acha-se entre os filhos de Sem, filho mais velho de Noé. É pois evidente que foram descendentes de Sem que posteriormente se apoderaram do reino desse gigante, donde partiram para fundar outras cidades, a primeira das quais se chamou Nínive, do nome de Nino.

Daí, volta-se ao outro filho de Cam, chamado Mesraim, cujos descendentes são mencionados, não individualmente, mas como sete nações. E da sexta, como de um sexto filho, procede um povo chamado dos Filistinos; pelo que seriam oito. Volta-se de novo a Canaã, o filho em quem Cam foi amaldiçoado, e designam-se os onze que ele gerou. Depois, fala-se das fronteiras a que chegaram, mencionando-se algumas cidades. Contando pois filhos e netos, são trinta e um os que se dizem nascidos de Cam².

² Não se pode receber este comentário de S. Agostinho ao L. X do Gén. como uma autêntica representação histórica, como também se não pode receber como uma autêntica representação histórica o comentário, embora muito mais desenvolvido, de S. Jerónimo (in Quaest. hebraic. in Genes. — P. L. XXIII, 950-956). Sobre este ponto e ainda sobre a importância (para o conhecimento dos povos antigos, das suas

Falta mencionar os filhos de Sem, o mais velho dos filhos de Noé, ao qual conduz gradativamente a narrativa genealógica começada pelo mais novo. Mas o começo da enumeração dos filhos de Sem oferece certa obscuridade, que convém aclarar nesta exposição porque está muito relacionada com a questão que examinamos. Com efeito, lê-se:

*Héber nasceu de Sem, pai de todos os (a) filhos e irmão mais velho de Jafet*³.

A ordem das palavras é: *et Sem natus est Heber* (e de Sem nasceu Heber), *etiam ipsi* (e dele mesmo — isto é, do próprio Sem) *natus est Heber* (nasceu Heber) *qui Sem pater est omnium filiorum* (de Sem, que é pai de todos os filhos)⁴. Quis-se dar a entender que Sem é o patriarca de todos os que saíram da sua estirpe já nomeados — filhos, netos, bisnetos e demais descendentes. É claro que Sem não gerou este Héber que é o quinto na série dos descendentes. Quem de facto Sem gerou, entre outros filhos, foi Arfaxat. Este Arfaxat gerou Cainam, Cainam gerou Sala e Sala gerou Héber. Não é sem razão que este se cita como o primeiro da descendência de Sem e se antepõe mesmo aos seus filhos apesar de pertencer à quinta geração: justificou-se assim a tradição de que os Hebreus tiram dele o nome como se se dissesse «hebereus». Embora exista também a

relações, da raça e da geografia) da tábua genealógica do Génesis, apesar das suas inexactidões e lacunas, V. J. Chainé, *Le livre de la Genèse*, pp. 147-159, e É. Dhorme, *Les peuples issus de Japhet d'après le chapitre X de la Genèse* in *Recueil Édouard Dhorme*, Pa. 1956, pp. 167-190.

³ *Et Sem natus est et ipsi patri omnium* (a) *filiorum, Heber, fratri Japheth majori*.

Gén., X, 21.

(a) Migne acrescenta *suorum* ficando assim a frase *omnium filiorum suorum* — «de todos os seus filhos».

⁴ Não há dúvida de que, o texto, tal como S. Agostinho o apresenta é obscuro. Como Sem é quem, na qualidade de antepassado do povo eleito, interessa de forma especial ao escritor sagrado, o texto deve ser compreendido da seguinte forma, salvo melhor opinião:

E também provém uma descendência de Sem, o antepassado de todos os filhos de Héber e o irmão mais velho de Jafet.

opinião de que pode (esse nome) provir de Abraão como se disséssemos «abraeus». Mas a verdade é que se chamaram «hebreus» (Heberaei), do nome de Héber e depois, devido à queda de uma letra, «hebraei» (Hebraei)⁵. Só pôde conservar esta língua o povo de Israel cujos santos constituíam a cidade de Deus peregrina, e em todos esteve misteriosamente simbolizada.

São, portanto, primeiramente nomeados seis filhos de Sem. Depois, de um deles, nascem quatro netos. Outro filho de Sem lhe gerou também um neto e deste nasceu um bisneto e finalmente deste último nasceu Héber, seu tetraneto. Héber gerou dois filhos, a um dos quais chamou Falec, que quer dizer «o que divide». Em seguida, a Escritura acrescenta, para dar razão deste nome:

*Porque, no seu tempo, se dividiu a terra*⁶.

Mais tarde, veremos o que isto significa. O outro que nasceu de Héber gerou doze filhos: desta forma são ao todo vinte e sete os descendentes de Sem. No seu conjunto, portanto, os descendentes dos três filhos de Noé — quinze de Jafet, trinta e um de Cam, vinte e sete de Sem — perfazem setenta e três.

Depois, a Escritura prossegue, dizendo:

*São estes os filhos de Sem por tribos, línguas, territórios e nações*⁷.

Da mesma forma, diz de todos:

São estas as tribos dos filhos de Noé por gerações e por

⁵ Acerca da origem do nome «hebreu», v. E. Dhorme, *Les Amorrhéens*, in *Revue Biblique* 37, 1928, pp. 63; 40, 1931, pp. 184 e ainda in *Recueil Édouard Dhorme*, Paris, 1951, pp. 81-165.

Cf. ainda o que a este respeito repete S. Agostinho in *Revisões* II, XVI e in *De Consensu Evang.* I, XIV, 21 — L. XXXIV, 1051.

⁶ *Quia in diebus ejus divisa est terra.*
Gén., X, 25.

⁷ *Hi filii Sem in tribubus suis secundum linguas suas in regionibus suis et in gentibus suis.*

Gén., X, 31.

*nações. Delas se separaram sobre a terra, depois do dilúvio, as ilhas das nações*⁸.

Donde se conclui que estes setenta e três, ou antes setenta e dois nomes (mais tarde o demonstrarei), não designam homens, mas povos. De facto, ao mencionar os filhos de Jafet, termina assim:

*Deles se separaram as ilhas das nações, cada uma com língua e terra próprias, por tribos e povos*⁹.

Em outra passagem, são mais claramente mencionados povos entre os filhos de Cam, como acima já mostrei:

*Mesraim gerou os que se chamam Ludiim*¹⁰;

e assim vai citando até sete povos. E, depois de os ter enumerado a todos, conclui:

*São estes os filhos de Cam por tribos, línguas, territórios e nações*¹¹.

Não se mencionam, consequentemente, os filhos de muitos porque, ao nascerem, se foram agregando a outros povos, não chegando por isso a formar eles próprios um povo. De facto, que outro motivo pode haver para que, citados oito filhos de Jafet, apenas de dois deles se mencionem os filhos; e, nomeados quatro filhos de Cam, se refiram apenas os filhos de três; e, ao nomearem-se seis de Sem, se fale tão-somente da posteridade de dois deles? Será que os outros não tiveram filhos? Estamos longe de crer nisso. Foi antes porque não formaram qualquer povo que os tornasse dignos de serem mencionados — pois, à medida que iam nascendo, iam-se agregando a outros povos.

⁸ *Haec tribus filiorum Noe secundum generationes eorum, secundum gentes eorum. Ab his dispersae sunt insulae gentium super terram post diluuium.*
Gén., X, 32.

⁹ *Ex his segregatae sunt insulae gentium in terra sua, unusquisque secundum linguam in tribubus suis et in gentibus suis.*
Gén., X, 5.

¹⁰ *Mesraim genuit eos, qui dicuntur Ludiim;*
Gén., X, 13.

¹¹ *Hi filii Cham, in tribubus suis secundum linguas suas in regionibus suis et in gentibus suis.*
Gén., X, 20.

CAPÍTULO IV

Diversidade das línguas e inícios de Babilónia.

Depois de ter referido que cada uma destas nações falava a sua língua, o narrador volta aos tempos em que uma só língua foi de todos, e expõe então o acontecimento que levou à diversidade das línguas:

A terra toda era uma só língua, a mesma palavra para todos. E aconteceu que, quando eles emigraram do Oriente, encontraram uma planura na terra de Senaar e estabeleceram-se lá. E disseram uns aos outros: vinde, façamos tijolos e cozamo-los ao fogo. E os tijolos tornar-se-ão em pedra e o betume servir-lhes-á de argamassa. E disseram: vinde, edifiquemos para nós próprios uma cidade e uma torre cujos cimos serão até ao Céu, e tornemo-nos num nome antes de nos dispersarmos pela face de toda a terra. E o Senhor desceu para ver a cidade e a torre que os filhos dos homens edificaram. E disse o Senhor Deus: eis que de todos é uma só a raça e uma só a língua; começaram com isto e não deixarão de realizar o que emprenderem. Vinde, desçamos e confundamos já a sua língua de forma que cada um não perceba a fala do próximo. E o Senhor espalhou-os pela face de toda a terra e eles deixaram de construir a cidade e a torre. Foi por isso que se lhe deu o nome de «confusão», porque foi aí que o Senhor confundiu as línguas de toda a terra¹.

¹ *Et erat omnis terra labium unum et vox una omnibus. Et factum est, cum moverent ipsi ab Oriente, invenerunt campum in terra Senaar, et habitaverunt ibi. Et dixit homo proximo: Venite, Faciamus lateres et coquamus illos*

Esta cidade, a que se chamou «*confusão*», é a própria Babilónia, cuja maravilhosa construção a história das nações tanto realça. De facto, Babilónia significa «*confusão*». Donde se conclui que foi seu fundador o dito gigante Nébroth — o que já acima tinha sugerido de relance a Escritura, ao referir que Babilónia foi o princípio do seu reino, isto é, a cidade que exerce sobre todas as outras a hegemonia como metrópole, capital do reino — embora não chegasse a ser tão grandiosa como a sonhava a orgulhosa impiedade. É que se projectava uma altura prodigiosa — dizia-se que até ao Céu, ao falar-se apenas de uma torre destinada a sobrepujar todas as torres, que se designavam por um número no singular, como se diz «o soldado» (*miles*) para designar mil (*milia militum*); ou como se exprime a história das pragas com que os Egípcios foram castigados por Moisés — «a rã» e «o gafanhoto» para designar a multidão das rãs e dos gafanhotos. Mas que poderia fazer a vã presunção dos homens ao levantar essa imensa mole tão alto até ao Céu contra o próprio Deus, que ultrapassa todas as montanhas mesmo que se elevem acima dos espaços dos ares nublados? Que dano poderia causar a Deus uma elevação de espírito ou de corpo, por maior que fosse? O seguro e verdadeiro caminho para o Céu é a humildade que o constrói elevando o coração para o alto, para o Senhor, e não contra o Senhor, como fez esse gigante «caçador contra o Senhor».

igni. Et facti sunt illis lateres in lapidem, et bitumen erat illis lutum, et dixerunt: Venite, aedificemus nobismetipsis civitatem et turrem, cujus caput erit usque ad caelum, et faciamus nostrum nomen antequam dispergamur in faciem omnis terrae. Et descendit Dominus videre civitatem et turrem, quam aedificaverunt filii hominum. Et dixit Dominus Deus: Ecce genus unum et labium unum omnium; et hoc inchoaverunt facere, et nunc non deficient ex illis omnia quae conati fuerint facere; venite, et descendentes confundamus ibi linguam eorum, ut non audiant unusquisque vocem proximi. Et dispersit eos Dominus inde super faciem omnis terrae, et cessaverunt aedificantes civitatem et turrem. Propter hoc appellatum est nomen illius confusio, quia ibi confudit Dominus labia omnis terrae; et inde dispersit illos Dominus Deus super faciem omnis terrae.

Gén., XI, 1-9.

Alguns, enganados pela ambígua expressão grega, não entenderam isto e não a interpretaram como «contra o Senhor» mas «perante o Senhor», pois o termo ἔναντίον tanto significa «perante» como «contra». É esta palavra que se encontra no Salmo:

*Choremos perante o Senhor que nos fez*²;

e esta palavra encontra-se também em Job, onde está escrito:

*Rompes em furor contra o Senhor*³.

Assim se deve pois entender que este gigante foi caçador «contra» o Senhor. Que se quis aqui significar com este nome de «caçador» senão «enganador», «opressor», «exterminador» de animais terrestres? Elevava (Nébroth) com os seus povos contra o Senhor uma torre, sinal de ímpia soberba. Porém, a sua má intenção sofreu um justo castigo, mesmo sem ir avante⁴.

De que género foi o castigo? Como o poder de quem comanda se realiza pela palavra, nela é que foi condenada a soberba, de modo que quem dava uma ordem a um homem não era compreendido, ele que não quis compreender quando Deus lhe ordenou que obedecesse. Desta forma se dissolveu aquela conspiração, separando-se cada um daquele que não entendia, para se juntar àquele com quem podia falar. E pelas línguas se dividiram os povos e se dispersaram através das terras, como aprouve a Deus, que para isto, se serviu de modos ocultos, para nós incompreensíveis.

² *Et ploremus ante Dominum qui nos fecit.*

Salmo XCIV, 6.

³ *In furorem erupisti contra Dominum.*

Job, XV, 13 segundo os Setenta.

⁴ É certo que o termo ἔναντίον tem o duplo sentido apontado por S. Agostinho. Todavia actualmente os melhores exegetas entendem que a frase *gigans venator contra Dominum Deum* se deve traduzir por «valente caçador perante Iahvé».

CAPÍTULO V

Descida do Senhor para confundir a língua dos que edificavam a torre.

Está escrito:

*E o Senhor desceu para ver a cidade e a torre que os
filhos dos homens tinham construído*¹,

isto é, não os filhos de Deus, mas a sociedade que vive como ao homem apraz, à qual chamamos «Cidade terrestre». Deus não muda de lugar. Está sempre todo em toda a parte. Mas diz-se que «desce» quando realiza alguma coisa na Terra, e essa coisa, maravilhosamente realizada fora do curso normal da natureza, de certo modo revela a sua presença. Também não é que, vendo, ele adquire em dado momento certo conhecimento — ele que nada pode ignorar; mas diz-se que ele vê e conhece em dado momento o que faz com que seja visto ou conhecido. Aquela cidade não se vê, portanto, do mesmo modo com que Deus fez que fosse vista quando mostrou quanto ela lhe desagradava.

Mas também se pode compreender que Deus «desceu até ela» no sentido de que os Anjos em quem ele habita lá desceram. E o que se acrescenta:

*E disse o Senhor Deus: eis um só povo e uma só língua para todos*²,

etc., assim como:

¹ *Et descendit Dominus videre civitatem et turrem, quam aedificaverunt filii hominum,*

Gén., XI, 5.

² *Et dixit Dominus Deus: Ecce genus unum et labium unum omnium,*
Gén., XI, 6.

*Vinde e, descendo, confundamos a sua língua*³,
poderá ser uma recapitulação que explica como foi realiza-
do o que tinha sido dito:

*Desceu o Senhor*⁴.

Se Deus já tinha descido, que significam as palavras:

*Vinde e, descendo, confundamos*⁵

(o que se entende como dito aos Anjos), senão que ele des-
cia por intermédio dos Anjos nos quais ele estava quando
desciam? Não disse bem:

*Vinde e, descendo, confundi*⁶

mas sim;

*Confundamos a língua deles*⁷,

mostrando deste modo que opera por intermédio de seus
ministros, para que sejam eles próprios cooperadores de
Deus, conforme diz o Apóstolo:

*Pois somos cooperadores de Deus*⁸.

³ *Venit et descendentes confundamus ibi linguam eorum.*

Gén., XI, 7.

⁴ *Descendit Dominus.*

⁵ *Venite et descendentes confundamus.*

⁶ *Venite et descendentes confundite.*

⁷ *Confundamus ibi linguam eorum.*

⁸ *Dei enim sumus cooperarii.*

I Cor., III, 9.

CAPÍTULO VI

Como se deve entender a linguagem com que Deus fala aós Anjos.

Quando o homem foi criado, poderia o que foi dito:

*Façamos o homem*¹,

entender-se como referindo-se aos Anjos, pois não foi dito:

*Faça*²;

mas, porque se segue:

*À nossa imagem*³,

não é lícito crer que o homem foi feito à imagem dos Anjos, nem que a imagem dos Anjos seja idêntica à de Deus — pode correctamente entender-se como referindo-se à pluralidade da Trindade. Mas, como a Trindade é um só Deus, depois de ter dito:

*Façamos*⁴,

(a Escritura) acrescenta:

*E Deus fez o homem à sua imagem*⁵,

e não disse:

*À imagem dos deuses*⁶

ou:

¹ *Faciamus hominem.*

Gén., I, 26.

² *Faciam;*

³ *ad imaginem nostram.*

Gén., I, 26.

⁴ *faciamus.*

⁵ *Et fecit Deus hominem ad imaginem Dei.*

Gén., I, 26.

⁶ *ad imaginem deorum.*

*Os deuses fizeram*⁷.

Também aqui se poderia ver a mesma Trindade, como se o Pai tivesse dito ao filho e ao Espírito Santo:

*Vinde, desçamos e confundamos a língua deles,*⁸

se algo houvesse que não permitisse ver aí os Anjos, aos quais fica bem que se dirijam a Deus com movimentos santos, isto é, com piedosos pensamentos, em que consultam a imutável Verdade como lei eterna na sua Cúria do Alto. Porque eles não são a sua própria verdade; mas participam da verdade criadora; para ela se movem como para a fonte da vida, para daí colherem o que não têm neles próprios. E é um movimento estável que os faz prosseguir sem se afastarem.

Deus não fala aos Anjos como nós falamos uns com os outros, ou como falamos a Deus e aos Anjos, ou como os Anjos nos falam a nós, ou como, por intermédio deles, nos fala Deus a nós, — mas fá-lo à sua maneira inefável, e o que diz, é à sua maneira que o declara. Anterior à sua obra e de natureza mais sublime, a palavra de Deus é a razão imutável dessa mesma obra. Não é ela um som que ressoa e passa, mas uma força que, agindo no tempo, permanece eternamente igual. É por ela que se dirige aos santos Anjos — mas de maneira diferente a nós, que estamos longe dele. Mas, quando também nós lhe percebemos algo dessa linguagem com o nosso ouvido interior, aproximamo-nos dos Anjos. Mas não tenho nesta obra de estar sempre a explicar a fala de Deus. Com efeito, a Verdade imutável ou se dirige por si mesma duma forma inefável à inteligência da criatura racional, ou fala, por intermédio de criaturas mutáveis, ao nosso espírito com imagens espirituais e aos sentidos do corpo com sons materiais.

Certamente que o que está dito:

*E agora não deixarão de realizar o que empreenderam,*⁹

⁷ *fecerunt dii.*

⁸ *Venite, et descendentes confundamus ibi linguam eorum.*

⁹ *Et nunc non deficient ex illis omnia, quae conati fuerint facere.*

Gen., XI, 6.

não foi dito como uma afirmação mas como uma interrogação, como costumam falar os ameaçadores e como o diz certo autor:

*Não empunharão as armas? Não saltarão de toda a cidade a persegui-los?*¹⁰

Convém, pois, compreender como se tivesse dito:

Não deixarão eles de realizar tudo o que propuseram?

Mas, falando assim, não se exprime uma ameaça. De facto, por causa dos tardios de compreensão, acrescentamos a partícula *ne* (*acaso*) para dizermos *nonne* (*acaso não*), já que não podemos escrever a entoação da voz.

Daqueles três homens, filhos de Noé, descenderam setenta e três, ou antes, como se deve calcular, setenta e dois povos, falando outras tantas línguas, os quais se começaram a espalhar sobre a Terra e, à medida que foram crescendo, chegaram a encher as ilhas. Mas o número de povos ultrapassou em muito o das línguas. Mesmo na África conhecemos muitos povos bárbaros com uma única língua.

¹⁰ *Non arma expedient totaque ex urbe sequentur?*
Virg., Eneida, IV, 592.

CAPÍTULO VII

Receberam, mesmo as mais remotas ilhas, todas as espécies de animais que tinham sido salvas na área da inundação do dilúvio?

Quem duvida de que, multiplicando-se o género humano, os homens puderam passar em navios para as ilhas e habitá-las? Mas a questão que se apresenta é acerca de toda a espécie de animais que não estão sob a tutela do homem nem nascem da terra como as rãs, mas apenas se propagam pela união do macho e da fêmea, como os lobos e outros que tais. Como é que, depois do dilúvio, em que foram destruídos todos os que não estavam na arca, até nas ilhas puderam estar se não foram renovados senão por aqueles de ambos os sexos que a arca conservou? Pode-se admitir que passaram a nado para as ilhas, mas só para as mais próximas. Mas há ilhas tão afastadas do continente que nenhum desses animais seria capaz, parece-me, de as alcançar a nado. Também não é de todo impossível que os homens, tendo em mira a caça, os tenham capturado e levado consigo e desta forma estabelecessem essas espécies nas terras que iam habitar. Todavia, também se não pode negar que elas poderiam ter mesmo sido transferidas por obra dos Anjos sob comando ou permissão de Deus. Mas, se saíram da terra, conforme a sua origem primeira, quando Deus disse:

*Que a terra produza uma alma viva*¹,

¹ *Producat terra animam vivam.*
Gén., I, 24.

se nas ilhas para onde não podiam passar a terra produziu múltiplos animais, mostra-se então com muito mais clareza que todas as espécies estiveram na arca não tanto para refazerem como para simbolizarem as diversas nações por causa do mistério (*sacramentum*) da Igreja².

² Para a nossa mentalidade de homens do século XX, herdeiros de milênios de cultura e de investigação, é peregrina a hipótese posta por S. Agostinho de as ilhas, pelo menos as mais afastadas do continente, poderem ter sido povoadas por animais transferidos por anjos. Bom é não esquecer que ainda há bem pouco tempo os seus contraditores punham a ridículo Pasteur — e Pasteur é dos nossos dias — pois mais não era que ridícula e absurda, na sua opinião a hipótese de que seres vivos tão pequenos que nem se viam podiam destruir uma vida humana.

Evidentemente que hoje estamos muito mais esclarecidos do que ele acerca da vida, da sua história e do seu desenvolvimento.

Sobre o assunto poderá ver-se, entre outros, L. Cuenot, *La Genèse des espèces animales*, 3.^a ed., Pa., 1932, pp. 555-801 e, acerca das ilhas, especialmente pp. 697-707.

Todavia, apesar da referida herança de séculos de cultura e investigação, temos de confessar que constituem uma avalanche esmagadora os pontos obscuros destes problemas da vida.

CAPÍTULO VIII

Da descendência de Adão ou dos filhos de Noé provieram certas castas de homens monstruosos?

Pergunta-se ainda se é de admitir que dos filhos de Noé, ou antes desse único homem do qual eles próprios são provenientes, descendem certos monstros humanos de que fala a história dos povos, tais como, segundo se diz: alguns que têm um só olho no meio da fronte; outros têm as plantas dos pés voltadas para trás; outros com a natureza de ambos os sexos — o mamilo direito é de homem e a mama esquerda é de mulher e, unindo-se alternadamente entre si, ora geram ora dão à luz; outros não têm a boca e vivem respirando apenas pelo nariz; outros têm a estatura de um côvado (*cubitum*), pelo que os Gregos lhes chamam «*pygmaeus*»¹; em outros sítios, as mulheres concebem aos cinco anos e não vão além do oitavo ano de vida. Também se diz que há um povo onde as pessoas só têm uma perna sobre os pés, não dobram o joelho e são duma espantosa rapidez; chamam-lhes Sciópadas, porque, no Verão, deitadas de costas sobre a terra, protegem-se com a sombra dos pés; há outras sem cabeça, com os olhos nos ombros; e outros homens ou espécie de homens, pintados nos mosaicos do porto de Cartago, tirados de curiosos livros de histórias. Que direi dos *Cinocéfalos*, cuja cabeça de cão e o próprio latido os fazem tomar mais por animais do que por homens?

¹ Pygmaeus, do grego *πυγμαῖος* (= de um côvado de altura, anão) que, por sua vez, deriva de *πυγμή* (= punho).

Não há necessidade de acreditar em todos estes géneros de homens que se diz existirem. Todavia, onde quer que nasça um homem, isto é, um animal racional mortal, por mais estranho que seja para os nossos sentidos, a forma do corpo, a cor, os movimentos, a voz, ou mesmo as funções, partes ou qualidades da sua natureza, nenhum fiel poderá duvidar que tira a sua origem do único primeiro homem. Mas vê-se bem o que, no seu conjunto, provém da natureza, e o que pela sua raridade nos espanta.

A explicação que se dá do nascimento entre nós de monstros humanos pode valer também para explicar a monstruosidade de certos povos. Com efeito, Deus, que é o criador de todos os entes, sabe em que lugar e quando é ou foi conveniente criar um ser, como sabe de que partes semelhantes ou dissemelhantes há-de formar a beleza do Universo. Mas quem o não pode considerar no seu conjunto sente-se chocado com a aparente deformidade duma parte cuja conveniência e relação com o conjunto ignora. Conhecemos pessoas que nascem com mais de cinco dedos nas mãos e nos pés — e é uma diferença bem menor que outras; não vá, todavia, alguém, lá porque não sabe porque é que isso aconteceu, ter a loucura de julgar que o Criador se enganou na contagem dos dedos. Mesmo quando surgir um caso mais anormal, sabe bem o que faz aquele cujas obras ninguém pode justificadamente criticar. Em Hipona Zarito², há um homem que tem as plantas dos pés em

² S. Agostinho foi bispo de Hipona Real (Hippo Regius),—apenas conhecida por Hipona. Está actualmente absorvida pela cidade argelina de Annaba onde, durante a dominação francesa, construíram uma bela catedral.

Há porém no norte de África com o nome de Hipona — Hippo Zaritus ou Hippo Diarrhytus, cujas ruínas ainda são visíveis perto da actual Bizerta, em Túnis. Como S. Agostinho ali pregou algumas vezes, é de concluir que foi então que conheceu o homem com os pés em lua.

Cfr. Mesnage, *L'Afrique Chrétienne, Évêchés et ruines antiques*. V. ainda Epíst. 143, 4 e Sermo 359, 396. Finalmente V. J. Morin, *Sermones post Maurinos reperti*, in *Misc. Agust.* I, pp. 124-141.

forma de lua, só com dois dedos em cada um, e da mesma maneira as mãos. Se houvesse um povo assim, passaria à história do curioso e do prodigioso. Por causa disso iremos nós negar que este homem descende do primeiro que foi criado? Embora muito raros, os andróginos, também conhecidos por hermafroditas, encontram-se, todavia, de tempos em tempos: neles, cada um dos sexos é tão evidente que não se sabe de que sexo devem tirar de preferência o seu nome. Prevaleceu, porém, o costume de os designar com o masculino, considerado o melhor, e assim ninguém diz «uma» andrógina ou «uma» hermafrodita. Há anos, mas ainda no nosso tempo, nasceu no Oriente um homem duplo quanto aos seus membros superiores e simples quanto aos inferiores: efectivamente, tinha duas cabeças, dois peitos, quatro mãos; mas, como qualquer outro, um só ventre e dois pés. Viveu durante tanto tempo que a sua fama atraiu muitos para o verem. E quem poderá mencionar todos os fetos humanos que não se assemelham àqueles de quem com toda a certeza nasceram?

Assim, pois, como não se pode negar que esses procedem de um só, da mesma forma há que confessar que têm origem naquele único pai todos os povos que se diz terem-se desviado, por deformações corporais, do estado natural que se conserva na maioria, em quase todos, desde que se verifique a definição animal racional mortal — isto supondo que é exacto o que se conta acerca da variedade das raças humanas e das diferenças entre elas e nós. Efectivamente, se nós não soubéssemos que os macacos, os «*cercopitecos*»³ e as esfinges não são homens mas animais, poderiam esses historiadores, orgulhosos da sua ciência, apresentarem-nos-os com impune sensatez como raças humanas. Mas se aqueles de quem se descreveram esses prodígios são homens — porque é que Deus não havia de criar povos assim, evitando deste modo a nossa possível crença de que em tais monstros, nasci-

³ Cercopitecos são macacos de longa cauda.

dos entre nós evidentemente do homem, se tinha enganado a sua sabedoria, autora da natureza humana, como acontece com um artista pouco hábil? Não nos deve, portanto, parecer absurdo que haja homens monstruosos em algumas raças humanas, assim também em todo o género humano pode haver povos monstruosos. Para concluir esta questão com prudência e cautela: ou o que se conta dessas raças não se verifica; ou, se se verifica, não são homens; ou, se são homens, provêm de Adão.

CAPÍTULO IX

Será de admitir que, na parte inferior da Terra, contrária à que habitamos, há antípodas?

Quanto ao que se diz de haver antípodas, isto é, homens que marcam as suas passadas contrárias aos nossos pés pela parte oposta da Terra onde o Sol nasce quando entre nós se põe, nenhuma razão há para o crer. Ninguém refere que o tenha sabido por qualquer conhecimento histórico. Apenas se conjectura pelo raciocínio: a Terra, diz-se, está suspensa no interior da abóbada do Céu — e para o mundo o lugar de baixo é o mesmo que o lugar de cima. Disto se conclui que a outra parte da Terra, que está do lado de baixo, não pode deixar de ser habitada por homens. Não prestam atenção a que, embora se creia que o mundo tem uma forma esférica e redonda, e embora se demonstre isto com algum argumento, — não se segue daí que essa parte da Terra não esteja coberta de massas de água; e, mesmo que esteja seca, nem daí se pode logo concluir necessariamente que tem homens. Mas, porque a Escritura não mente, ela que baseia a confiança nos factos narrados pelo cumprimento fiel das suas predições, — seria demasiado inverosímil afirmar-se que alguns homens tenham podido navegar através da imendidade do Oceano até chegarem à outra parte onde também se teria estabelecido o género humano procedente do primeiro e único homem.

Vejamos, pois, se entre os povos que se dividiram em setenta e duas nações e em outras tantas línguas, é possível

descobrir esta Cidade de Deus em peregrinação na Terra que tinha chegado até ao dilúvio e à arca e que manifestamente se manteve entre os filhos de Noé, graças às suas bênçãos, e principalmente no maior, que se chamou Sem: porque Jafet não foi abençoado senão para habitar nas moradas de seu irmão.

CAPÍTULO X

Gerações de Sem, na descendência de quem a linhagem da Cidade de Deus se esboça a caminhar para Abraão.

Temos, pois, que nos ater à genealogia de Sem. Ela é que nos há-de mostrar a Cidade de Deus depois do dilúvio, como antes no-la mostrava a genealogia procedente de Set. É por isso que a Sagrada Escritura, depois de ter mostrado a Cidade terrestre, isto é, na *confusão*, volta ao princípio, ao patriarca Sem, e começa por ele a ordem das gerações até Abraão, indicando com que idade cada um gerou um filho pertencente a essa série e o número de anos que viveu. É certamente agora que se deve explicar o que mais acima prometi: porque é que se diz dos filhos de Héber:

*O nome de um era Falec, porque no seu tempo foi dividida a terra*¹.

Que outra coisa se deve entender por «foi dividida a Terra» senão que o foi pela diversidade das línguas? Omitidos pois os outros filhos de Sem (eles não interessam a este assunto), na ordem das gerações se entrelaçam aqueles pelos quais se pode chegar até Abraão, como, antes do dilúvio, se entrelaçavam aqueles pelos quais se chegava até Noé nas gerações que se propagaram desde o filho de Adão, chamado Set.

A lista das gerações é assim que começa:

E são estas as gerações de Sem: Sem tinha cem anos quando gerou Arfaxat, no segundo ano depois do dilúvio.

¹ *Nomen unius Phalech, quia in diebus ejus divisa est terra.*
Gén., X, 25.

*Depois de ter gerado Arfaxat viveu Sem quinhentos anos e gerou filhos e filhas e morreu*².

Prosegue da mesma maneira para com os outros, dizendo em que ano da sua vida cada um gerou um filho pertencente a esta ordem de gerações que se estende até Abraão e quantos anos viveu depois, assinalando que teve outros filhos e filhas. Fazem-nos assim compreender como puderam crescer os povos, não vá acontecer que, admirados do pequeno número de descendentes nomeados, nos perguntemos inconsideradamente como é que os filhos de Sem puderam encher tantas terras e reinos — sobretudo se tivermos em conta o reino dos Assírios, em que o famoso Nino, esse grande vencedor de todos os povos orientais, reinou com prodigiosa prosperidade e deixou aos seus sucessores um reino tão extenso e tão sólido que iria durar por muito tempo.

Mas, para não nos determos mais do que é preciso, não mencionaremos o número de anos que cada um viveu, mas apenas em que ano da sua vida gerou um filho na ordem das gerações, de forma a obter-se o número de anos decorridos desde o dilúvio até Abraão, tocando brevemente e de fugida algumas questões em benefício de outras quando a necessidade nos obriga a determo-nos.

No segundo ano depois do dilúvio, Sem gerou Arfaxat; Arfaxat, aos cento e trinta e cinco anos, gerou Cainan, que, aos cento e trinta anos, gerou Sala; também Sala era dessa idade quando gerou Héber. Héber tinha cento e trinta e quatro anos quando gerou Falech, em cujos dias a Terra foi dividida. Viveu Falech cento e trinta anos e gerou Ragau; e Ragau cento e trinta e dois e gerou Seruch; e Seruch cento e trinta e gerou Nachor; e Nachor setenta e nove e gerou Tara; Tara setenta e gerou Abrão, a quem Deus mudou o nome e chamou Abraão. Perfazem

² *Et hae generationes Sem. Sem filius centum annorum, cum genuit Arphaxat, secundo anno post diluvium. Et vixit Sem, postquam genuit Arphaxat, quingentos annos et genuit filios et filias et mortuus est.*

Gén., XI, 10.

assim mil e setenta e dois os anos, que vão desde o dilúvio até Abraão segundo a edição vulgarizada, isto é, a dos Setenta intérpretes. Os códices hebreus dão-nos, porém, um número muito inferior de anos — do que não nos dão qualquer explicação ou dão uma explicação muito difícil.

Quando, portanto, nesses setenta e dois povos procuramos a Cidade de Deus, não podemos afirmar que, na época em que não tinham todos senão um «lábio», isto é, a mesma língua, já então o género humano se tinha afastado do culto do verdadeiro Deus, de maneira que a verdadeira piedade já não subsistia senão naquelas gerações que descendem da semente de Sem por Arfaxat e tendem para Abraão. Mas a Cidade, isto é, a Sociedade dos ímpios, patenteou-se desde a orgulhosa tenção de erguerem uma torre até aos Céus em que se simbolizava aquela ímpia arrogância. Mas não é fácil decidir se não existiu antes ou se não esteve oculta ou então se subsistiram as duas: a pia, nos dois filhos de Noé que foram abençoados e na sua posteridade, e a ímpia, no filho maldito e na sua descendência, donde proveio o «Gigante caçador contra o Senhor». Talvez — e é sem dúvida o mais verosímil — mesmo antes da fundação da Babilónia houve, de entre os filhos dos dois primeiros, quem desprezasse Deus, e de entre os filhos de Cam, adoradores de Deus. Temos que admitir que nunca faltarão na Terra homens de um e outro género. Se, na verdade, quando diz:

*Todos se afastaram do bom caminho ao mesmo tempo que se tornaram inúteis. Não há quem faça o bem, nem um sequer*³, também se lê nos dois salmos onde estão estas palavras:

*Acaso não o sabem todos os que cometem iniquidades e devoram o meu povo como se fosse pão?*⁴,

³ *Omnes declinaverunt, simul inutiles facti sunt; non est qui faciat bonum, non est usque ad unum.*

Salmo XIV (XIII), 3; Salmo LIII (LII), 4.

⁴ *Nonne cognoscent omnes, qui operantur iniquitatem, qui devorant populum meum in cibo panis?*

Salmo XIV (XIII), 4; Salmo LIII (LII), 5.

já então existia, portanto, o povo de Deus. Daí, o que se diz:

*Não há quem faça o bem, nem um sequer*⁵,

diz-se dos filhos dos homens e não dos filhos de Deus, pois já antes se havia dito:

*Deus olhou do Céu os filhos dos homens para ver se havia algum que compreendesse ou procurasse Deus*⁶

e de seguida vêm as palavras que demonstram que todos os filhos dos homens, ou seja, os que pertencem à Cidade que vive segundo o homem e não segundo Deus, são réprobos.

⁵ *Non est qui faciat bonum, non est usque ad unum.*

Salmo XIV (XIII), 3; Salmo LIII (LII), 4.

⁶ *Deus de Caelo prospexit super filios hominum, ut videret si est intelligens aut requirens Deum.*

Salmo XIV (XIII), 2; Salmo LIII (LII), 3.

CAPÍTULO XI

A primeira língua em uso entre os homens foi a que depois se chamou «hebraico», do nome de Héber, na família do qual se conservou até à dispersão das línguas.

Por isso, assim como, quando não havia senão uma língua para todos, isso não impediu os «filhos da pestilência» de existirem (porque antes do dilúvio só havia uma língua — e, todavia, à excepção da casa do justo Noé, todos mereceram o extermínio pelo dilúvio), assim também, quando, devido à sua arrogante impiedade, foram castigados e divididos os povos com a diversidade das línguas, e a Cidade dos ímpios recebeu o nome de *confusão*, isto é, de Babilónia, — houve uma família, a de Héber, destinada a conservar a língua que todos falavam antes. Foi por isso que, como acima referi, ao contarem-se os filhos de Sem, cada um dos quais deu origem a um povo, foi nomeado Héber em primeiro lugar, embora fosse tetraneto daquele, isto é, seu descendente em quinto grau. E porque, divididos os outros povos segundo as suas línguas, ficou na sua família a língua que justificadamente se crê ter sido primeiro comum ao género humano, recebeu por esse motivo o nome de «hebraica». Era, de facto, necessário distingui-la então das outras por um nome próprio, como também elas eram chamadas pelos seus nomes próprios. Quando era a única, chamava-se «língua humana» ou «linguagem humana», e era a única falada por todo o género humano ¹.

¹ Actualmente ninguém considera o hebreu como a língua primitiva falada por todos nos primórdios da humanidade.

Alguém dirá: se foi no tempo de Falech, filho de Héber, que a Terra, isto é, os homens que viviam então na Terra, se dividiram em línguas, era o nome daquele (Falech) que devia ter sido dado a essa língua antes a todos comum. Mas há que compreender que foi o próprio Héber quem pôs a seu filho esse nome (Falech), que significa *divisão*, porque nasceu quando a Terra se dividiu em línguas, isto é, no momento em que se disse:

*Nos seus dias se dividia a Terra*².

Efectivamente, se Héber ainda não vivesse quando se verificou a multiplicação das línguas, não teria dele recebido o seu nome a língua que se pôde manter na sua família. Por isso se deve crer que foi aquela a primeira língua comum, porque aquela multiplicação e mudança de línguas resultaram dum castigo e com certeza o povo de Deus devia ficar fora desse castigo.

Não é sem razão que Abraão (que teve esta língua) não a pôde transmitir a todos os seus filhos mas apenas aos filhos de Jacob que, juntados duma forma mais insigne e mais eminente em povo de Deus, puderam conservar as alianças de Deus e a estirpe de Cristo. O próprio Héber não transmitiu esta língua a toda a sua descendência, mas apenas à linha das gerações que conduzem a Abraão. Por isso é que, embora a existência duma raça de homens piedosos não seja claramente mencionada na época em que Babilónia foi fundada pelos ímpios, esta obscuridade do texto não pretende enganar o investigador, mas antes pôr à prova o seu desígnio. Com efeito, lê-se que no princípio houve apenas uma língua para todos, e vê-se que Héber é nomeado antes de todos os filhos de Sem, embora pertença à quinta geração; por outro lado chama, a «hebraica» à língua consagrada pela autoridade dos patriarcas e dos profetas não só nas suas conversas mas também nas Sagradas Escrituras. Pois com certeza — mas, se se procurar agora, na divisão

² *In diebus ejus divisa est terra.*
Gen., XI, 25.

das línguas, onde se poderia ter conservado aquella que antes fora comum (e, sem dúvida, onde ela se conservou não se verificou o castigo da confusão das línguas), que mais nos ocorre senão que ela se conservou na raça daquele de quem ela recebeu o nome — e que não é pequeno indício da justiça deste povo que, ao passo que os outros eram castigados com a mudança das línguas, só ele não incorreu nessa punição?

Surge, porém, outra dificuldade: como é que Héber e seu filho Falech puderam formar um povo cada um, se era uma só a língua para ambos? Na verdade, um só é o povo hebreu propagado desde Héber até Abraão e, depois, desde este até ao momento em que Israel se tornou um grande povo. Como é que então todos os descendentes dos três filhos de Noé fundaram cada um uma nação, se Héber e Falech o não fizeram? É muito provável que o tal gigante Nébroth tenha ele fundado também a sua nação, mas foi nomeado à parte de modo mais assinalado por causa do seu poder e da sua força corporal, mantendo-se o número de setenta e dois povos e línguas. Mas Falech foi nomeado, não em atenção ao povo que fundou (pois o seu povo é o hebreu e essa é também a sua língua), mas por ter vivido na época insigne em que a Terra foi dividida.

Também não nos deve surpreender como é que o gigante Nébroth appareceu no tempo da fundação de Babilónia e da confusão das línguas, donde provém a divisão das nações. Embora Héber seja o sexto depois de Noé e Nébroth o quarto, não se segue que não tenham podido conviver na mesma época. Aconteceu assim porque viviam mais quando as gerações eram menos, e menos quando as gerações eram mais; ou também porque nasciam mais tarde quando havia poucos e mais cedo quando havia muitos. Deve também ficar bem assente que, quando a Terra foi partilhada, os outros descendentes dos filhos de Noé, que se citam como fundadores de povos, eram não só nascidos mas também com idade de terem numerosas famílias capazes de dar nome a povos. Não se deve, portanto, julgar que

de facto foram gerados pela ordem por que são nomeados. De outra maneira — como é que os doze filhos de Jectan, outro filho de Héber e irmão de Falech, teriam podido fundar então nações, se Jectan tinha nascido depois de seu irmão Falech, como depois dele se menciona, já que, quando Falech nasceu é que se partilhou a Terra? Tem, pois, que se admitir que, realmente, se nomeia primeiro Falech, mas que nasceu muito depois de seu irmão Jectan, pois que os filhos deste tiveram famílias tão numerosas que podiam dividir-se segundo as suas próprias línguas. Pôde, pois, nomear-se primeiro o que era o último na idade — como, entre os três filhos de Noé, foram nomeados: primeiro, os filhos de Jafet; o menor deles na continuação dos filhos de Cam, que era o do meio; e, finalmente, os filhos de Sem, que era o primeiro e o mais velho.

Mantiveram-se em parte os nomes desses povos e assim ainda hoje se pode verificar donde provêm — como os Assírios, de Assur e os Hebreus, de Héber. Em parte, com o rodar dos tempos se alteraram de tal maneira que apenas os homens mais doutos, perscrutando as mais antigas histórias, podem hoje encontrar as origens, não de todos os povos, mas de alguns deles. Assim, diz-se que os Egípcios nasceram do filho de Cam chamado Mesraim — mas a sonância da palavra não revela qualquer parentesco; o mesmo se diga dos Etíopes, que derivam, diz-se, de Cus, filho de Cam. E, se os examinarmos a todos, são mais os alterados do que os que se mantiveram³.

³ Os nomes dos egípcios e dos etíopes são gregos, não podendo portanto haver qualquer parentesco etimológico entre estes e os de Mesraim e Cus dados àqueles povos pelos hebreus que aliás tinham reduzidos conhecimentos de geografia, incomparavelmente muito menores do que os dos gregos, dos egípcios ou dos seus vizinhos fenícios (filisteus).

CAPÍTULO XII

Da época em que, em Abraão, se forma uma nova ordem da sucessão santa.

Já agora, examinemos o desenvolvimento da Cidade de Deus a partir da era que se inicia com o pai Abraão, quando começam a ser mais conhecidas e mais se evidenciam as promessas divinas que agora vemos cumprirem-se em Cristo. Como sabemos por indicações da Sagrada Escritura, Abraão nasceu na Caldeia, terra que pertencia ao reino assírio. Mas também já então prevaleciam entre os Caldeus as ímpias superstições que de igual modo grassavam nos outros povos. Havia apenas a casa de Taré, da qual nasceu Abraão, em que se mantinha o culto do único Deus verdadeiro, a única também, tanto quanto é de crer, em que se mantinha a língua hebraica — embora também ele (Taré)¹, (como o fez no Egipto o povo que é manifestamente o povo de Deus), tenha prestado culto aos deuses estranhos na Mesopotâmia, segundo refere Jesus Nave² —; mas os outros descendentes de Héber foram-se pouco a

¹ Traduzi *ipse*, como vem no texto utilizado, por «ele» que só pode ser Taré. Migne porém tras *ipsa* que só poderá referir-se a Casa (a casa de Taré); e em tal caso a tradução será «embora também ela».

² No texto utilizado, tal como em Migne, vem «*Jesu Nave narrante*» («segundo refere Jesús Navé»). Mas não há dúvida de que se trata de Josué como resulta do Cap. XXIV no 2.º do Livro de Josué, do teor seguinte:

Disse então Josué a todo o povo:

— Assim fala o Senhor, Deus de Israel:

«Para lá do rio, habitaram antigamente vossos pais, Taré, pai de Abraão e de Nacor e serviram a outros deuses.»

pouco fundindo com outros povos e outras línguas. E assim como, no dilúvio das águas, a única que se salvou foi a casa de Noé para refazer o género humano, da mesma forma, do dilúvio de inúmeras superstições espalhadas pelo mundo inteiro, só escapou a casa de Taré, nela se guardando o gérmen da Cidade de Deus. Finalmente, como acima, depois da enumeração das gerações até Noé, e depois de exposta a causa do dilúvio, antes de ter falado a Noé da construção da arca, Deus diz:

*São estas as gerações de Noé*³,

assim também aqui, depois da menção dos descendentes de Sem, filhos de Noé, até Abraão, a mesma fórmula notável se repete nestes termos:

*São estas as gerações de Taré. Taré gerou Abrão, Nacor e Aran; Aran gerou Lot. E Aran morreu na presença de Taré seu pai na terra onde tinha nascido, na região dos Caldeus. Abrão e Nacor tomaram esposas. O nome da mulher de Abrão era Sara e o nome da mulher de Nacor era Melca, filha de Aran*⁴.

Este Aran, pai de Melca, foi também pai de Jesca, que era, julga-se, a mesma que Sara, esposa de Abraão.

³ *Hae autem generationes Noe.*
Gén., VI, 9.

⁴ *Hae sunt generationes Tharae. Thara genuit Abram et Nachor et Arran, et Arran genuit Loth. Et mortuus est Arran coram Thara patre suo in terra in qua natus est, in regione Chaldaeorum. Et sumpsit Abram et Nachor sibi uxores; nomen mulieris Abram Sara et nomen mulieris Nachor Melcha, filia Arran.*

Gén., XI, 27.

CAPÍTULO XIII

Qual parece ter sido a razão por que, na ocasião da migração de Taré, que abandonou a Caldeia para passar à Mesopotâmia, nenhuma menção se faz de seu filho Nacor.

Em seguida, conta-se como é que Taré com os seus abandonou a região dos Caldeus e foi para a Mesopotâmia e habitou em Charra. Mas não se faz menção de um de seus filhos chamado Nacor, como se não o tivesse levado consigo. Efectivamente, é assim que se relata:

*E tomou Taré seu filho Abrão e Lot, filho de Aran e sua nora Sara, mulher de seu filho Abrão, e levou-os da região dos Caldeus para a terra de Canaã e chegou a Charra e aí habitou*¹.

Nacor nunca é aí nomeado, bem como Melca sua mulher. Mas depois, quando Abraão manda um seu servo buscar esposa para seu filho Isaac, encontramos o que está assim escrito:

*O servo tomou consigo dez dos camelos do seu senhor e parte de todos os bens do seu senhor e, levantando-se, partiu para a cidade de Nacor na Mesopotâmia*².

Estes e outros testemunhos da história sagrada mostram-nos que também Nacor, irmão de Abraão, abandonou a região dos Caldeus e estabeleceu a sua residência na Mesopotâmia, onde

¹ *Et sumpsit Thara Abram filium suum et Lot filium Arram, filium filii sui, et Saram nurum suam, uxorem Abram filii sui, et eduxit illos de regione Chaldaeorum in terram Chanaan; et venit in Charran et habitavit ibi.*

Gén., XI, 31.

² *Et accepit puer decem camelos de camelis domini sui et de omnibus bonis domini sui secum, et exurgens profectus est in Mesopotamiam in civitatem Nachor.*

Gén., XXIV, 10.

Abraão tinha habitado com seu pai. Porque é que então a Escritura não o nomeia quando Taré partiu com os seus do país da Caldeia e se instalou na Mesopotâmia, citando então não só seu filho Abraão mas também sua nora Sara e seu neto Lot, que levou consigo? Porque será senão talvez, parece-nos, porque ele tinha renegado a fé de seu pai e de seu irmão para aderir às superstições dos Caldeus, mas depois, de lá, ou por arrependimento ou por perseguição (porque teria sido considerado suspeito), também ele emigrou? Efectivamente, no livro de Judite, Holofernes, inimigo dos Israelitas, ao perguntar que raça de gente era aquela e se teria de lhe fazer guerra, respondeu-lhe Aquior, chefe dos Amonitas:

Ouçá nosso senhor a palavra da boca do seu servo. Dir-te-ei a verdade acerca do povo que habita perto de ti nesta montanha e da boca do teu servo não sairá a mentira. Este povo é da raça dos Caldeus. Outrora habitaram na Mesopotâmia; mas porque não quiseram seguir os deuses de seus pais que tão honrados foram na terra dos Caldeus, se desviaram do caminho de seus pais e adoraram o Deus do Céu que conheceram e (os Caldeus) os expulsaram da presença dos seus deuses e eles fugiram para a Mesopotâmia e lá habitaram por muitos dias. E o Deus deles disse-lhes que deixassem a sua habitação e seguissem para a terra de Canaan e lá habitaram³,

e ainda outras coisas que o amonita Aquior conta. Onde se vê claramente que a casa de Taré foi perseguida pelos Caldeus por causa da verdadeira religião em que adoravam o único verdadeiro Deus.

³ *Audiat dominus noster verbum de ore pueri sui, et referam tibi veritatem de populo qui habitat juxta te montanam hanc, et non exhibit mendacium de ore servi tui. Haec enim progenies populi est Chaldaeorum, et antea habitaverunt Mesopotamiam, quia noluerunt sequi deos patrum suorum, qui fuerunt in terra Chaldaeorum gloriosi, sed declinaverunt de via parentum suorum et adoraverunt Deum Caeli, quem cognoverunt et projecerunt eos a facie deorum suorum et fugerunt Mesopotamiam et habitaverunt ibi dies multos. Dixitque illis Deus eorum, ut exirent de habitatione sua et irent in terram Chanaan, et illic habitaverunt.*

Judith, V, 5-9.

CAPÍTULO XIV

Dos anos de Taré, que acabou sua vida em Charra.

Morto que foi Taré na Mesopotâmia, onde consta ter vivido durante duzentos e cinco anos, começam a ser anunciadas as promessas de Deus feitas a Abraão. É este o texto:

E os dias de Taré em Charra (Haran) foram de duzentos e cinco anos e Taré morreu em Charra (Haran) ¹.

Não se deve pensar que Taré teria vivido aí durante todos esses dias, mas que foi lá que acabaram todos os dias da sua vida, que foi de duzentos e cinco anos. De outro modo ignorar-se-ia quantos anos teria Taré vivido, porque não se lê em que ano da sua vida veio para Charra e é absurdo pensar-se que nesta série de gerações, em que se anota com cuidado quantos anos viveu cada um, só do número de anos da vida deste se tivessem esquecido. Se, na verdade, a Escritura não refere os anos de alguns que menciona, é porque eles não pertencem a essa ordem em que se vai contando o tempo pela morte dos progenitores e a sucessão dos filhos. E esta ordem que parte de Adão até Noé e deste até Abraão, ninguém assinala sem se referir o número de anos da sua vida.

¹ Et fuerunt dies Tharae in Charra quinque et ducenti anni, et mortuus est Thara in Charra.

Gén., XI, 32.

CAPÍTULO XV

Data da partida de Abraão quando, por ordem de Deus, saiu de Charra.

Depois da menção da morte de Taré, pai de Abraão, lê-se:

*E disse o senhor a Abrão: «Sai da tua terra, da tua parentela, e da casa de teu pai»*¹.

Não se deve daqui concluir que a ordem da narrativa seja a ordem dos factos no tempo. Se assim fosse, surgiria uma questão insolúvel. De facto, depois destas palavras de Deus dirigidas a Abraão, a Escritura exprime-se deste modo:

*E Abrão saiu como o Senhor lhe tinha dito e com ele foi Lot. Tinha Abrão quando saiu de Charra (Haran) setenta e cinco anos*².

Como é que isto pode ser verdadeiro, se ele saiu de Charra depois da morte de seu pai? Efectivamente, como acima se precisou, foi aos setenta anos que Taré gerou Abraão; juntando a este número os setenta e cinco de Abraão quando saiu de Charra, ficam cento e quarenta e cinco anos. Mas essa é a idade de Taré quando Abraão saiu daquela cidade da Mesopotâmia. Tinha ele, portanto, setenta e cinco anos e seu pai, que o tinha gerado aos setenta anos, tinha então, como se disse, cento e quarenta e cinco anos. Não saiu, por-

¹ *Et dixit Dominus ad Abram: Exi de terra tua et de cognatione tua et de domo patris tui, etc.*

Gén., XII, 1.

² *Et exiit Abram, quem ad modum locutus est ei Dominus, et abiit cum eo Loth. Abram autem erat quinque et septuaginta annorum, cum exiit ex Charra.*

Gén., XII, 4.

tanto, depois da morte de seu pai, isto é, depois dos duzentos e quinze anos que seu pai viveu; mas o ano da sua partida desse lugar — porque era o seu septuagésimo quinto — correspondia, sem a menor dúvida, ao centésimo quadragésimo quinto da vida de seu pai, que o tinha gerado aos setenta.

Por isto, deve entender-se que, à sua maneira, a Escritura volta aqui a uma época já ultrapassada pela narrativa³. Como acima, ao recordar os filhos de Noé, diz ela que eles se tinham repartido em línguas e nações e, todavia, acrescenta, como se isso seguisse a ordem do tempo:

*E toda a terra tinha uma só língua com as mesmas palavras*⁴.

Como é que podiam estar repartidos em seus povos e línguas, se a língua era uma só para todos, senão porque a narrativa, em recapitulação, tinha voltado ao que já tinha passado? Da mesma forma, quando se diz aqui:

*E os dias de Taré em Haran foram de duzentos e cinco anos e Taré morreu em Haran*⁵,

a Escritura, voltando ao que omitira para completar o que tinha acima principiado a propósito de Taré, diz:

*E o Senhor disse a Abrão: sai da tua terra, etc.*⁶.

E depois destas palavras acrescenta:

*E Abrão saiu como o Senhor lhe tinha dito e com ele foi Lot. Tinha Abrão, quando saiu de Charra (Haran), setenta e cinco anos*⁷.

Isto teve lugar quando seu pai Taré tinha cento e quarenta

³ Trata-se de uma regra de exegese denominada «recapitulatio».

⁴ *Et erat omnis terra labium unum et vox una omnibus.*

Gén., XI, 1.

⁵ *Et fuerunt dies Tharae in Charra quinque et ducenti anni, et mortuus est Thara in Charra.*

Gén., XI, 32.

⁶ *Et dixit Dominus ad Abram: Exi de terra tua, etc.*

Gén., XX, 1.

⁷ *Et exiit Abram, quem ad modum locutus est ei Dominus, et abiit cum eo Loth. Abram autem erat quinque et septuaginta annorum cum exiit ex Charra.*

Gén., XII, 4.

e cinco anos — pois foi então que ele (Abraão) completou setenta e cinco.

Também se pode resolver esta questão de outra maneira. Os setenta e cinco anos de Abraão quando partiu de Charra, contar-se-iam desde a data em que se viu livre do fogo dos Caldeus, e não desde a data do seu nascimento, como se preferentemente devesse ter nascido então.

Mas o bem-aventurado Estêvão, quando nos Actos dos Apóstolos narra estes factos, diz:

O Deus de glória apareceu a Abraão nosso pai quando ele estava na Mesopotâmia, antes de habitar em Haran (Charra) e diz-lhe: «Sai da tua terra, da tua parentela e da casa de teu pai e vem para a terra que te hei-de mostrar»⁸.

Segundo estas palavras de Estêvão, não foi depois da morte de seu pai que Deus falou a Abraão, pois este morreu em Charra, onde habitava com seu filho, mas antes de habitar nessa cidade, portanto quando já estava na Mesopotâmia, pois já tinha saído da Caldeia. Também o que Estêvão acrescenta:

Então Abraão saiu da terra dos Caldeus e habitou em Charra (Haran)⁹,

não indica o que aconteceu depois de Deus lhe ter falado (não foi depois destas palavras de Deus que ele saiu da terra dos Caldeus, pois foi na Mesopotâmia que Deus lhe falou) mas que o que disse se refere a todo aquele tempo expresso por «então» (*tunc*), isto é, desde que saiu dos Caldeus e passou a residir em Charra. Da mesma maneira, no que se segue:

Depois da morte de seu pai, Deus estabeleceu-o nesta terra em que vós e os vossos pais viveis agora¹⁰,

⁸ *Deus gloriae apparuit Abrahae patri nostro, cum esset in Mesopotamia, priusquam habitaret in Charra, et ait ad illum: Exi de terra tua et de cognatione tua et de domo patris tui, et veni in terram, quam tibi demonstrabo.*

Act. Apost., VII, 2-3.

⁹ *Tunc Abraham egressus est de terra Chaldaeorum et habitavit in Charra.*

Act. Apost., VII, 4a.

¹⁰ *Et inde postquam mortuus est pater ejus, (Deus) conlocavit illum in terra hac in qua vos nunc habitatis et patres vestri.*

Act. dos Ap., VII, 4b.

não diz: «depois da morte de seu pai saiu de Charra», mas «(Deus) colocou-o aí depois da morte de seu pai». Deve entender-se, portanto, que Deus falou a Abraão quando este estava na Mesopotâmia antes de habitar em Charra; mas que veio a Charra com seu pai, conservando no seu íntimo o preceito de Deus e daí saiu aos setenta e cinco anos de idade e aos cento e quarenta e cinco anos de seu pai. O seu estabelecimento na terra de Canaã, e não a sua partida de Charra, é que foi dada como tendo tido lugar depois da morte de seu pai — pois este já tinha morrido quando ele comprou uma terra e a começou a possuir como coisa sua. Mas, depois de estabelecido na Mesopotâmia, isto é, já depois de ter saído da terra dos Caldeus, ao dizer:

*Sai da tua terra, da tua parentela e da casa de teu pai*¹¹,

o Senhor não pretende arrancar dali o seu corpo — o que já tinha feito —, mas para de lá desviar seu ânimo. De facto, não teria abandonado o seu país de boa vontade se conservasse a esperança e o desejo de lá voltar, esperança e desejo que, por obediência à ordem de Deus e com a sua ajuda, era preciso arrancar. Não se julgue de todo improvável que, mais tarde, quando Nacor seguiu seu pai, Abraão executou a ordem do Senhor de sair de Charra com Sara sua esposa e Lot seu sobrinho.

¹¹ *Exi de terra tua et de cognatione tua et de domo patris tui,*
Gén., XII, 1

CAPÍTULO XVI

Ordem e natureza das promessas feitas por Deus a Abraão.

Convém examinar desde já as promessas feitas por Deus a Abraão. É nelas que começam a tornar-se mais claros os oráculos do nosso Deus, isto é, do verdadeiro Deus, acerca do povo dos santos anunciado pela autoridade profética. A primeira delas anuncia-se assim:

*E disse o Senhor a Abrão: sai da tua terra e da tua parentela e da casa de teu pai e vai para a terra que te hei-de mostrar. Farei de ti o chefe de um grande povo, abençoar-te-ei, tornarei glorioso o teu nome: e serás abençoado e abençoarei os que te abençoarem e amaldiçoarei os que te amaldiçoarem, e em ti serão abençoadas todas as tribos da terra*¹.

Duas coisas prometidas a Abraão devem pois ser notadas:

— uma: que a sua descendência possuirá a terra de Canaã, o que se quis dizer com estas palavras:

*Vai para a terra que te hei-de mostrar e farei de ti um grande povo*²;

¹ *Et dixit Dominus ad Abram: exi de terra tua et de cognatione tua et de domo patris tui et vade in terram, quam tibi demonstravero; et faciam te in gentem magnam et benedicam te et magnificabo nomen tuum et eris benedictus, et benedicam benedictes te et maledicentes te maledicam, et benedicentur in te omnes tribus terrae.*

Gén., XII, 1-4.

² *Vade in terram, quam tibi demonstravero et faciem te in gentem magnam.*

Gén., XII, 1-2.

— a outra, muito mais importante, não acerca da descendência carnal mas da espiritual, que faz dele, não o pai apenas do Povo Israelita, mas de todos os povos que seguem as suas passadas na fé, e começou a ser prometida por estas palavras:

*E em ti serão abençoadas todas as tribos da terra*³.

Julga Eusébio que esta promessa foi feita a Abraão quando tinha setenta e cinco anos de idade, como se ele tivesse deixado Charra (Haran) logo depois de a ter recebido, porque não pode contradizer a Escritura onde se lê:

*Abrão tinha setenta e cinco anos quando saiu de Charra*⁴.

Mas, se a promessa lhe foi dirigida nesses anos, claro está que habitava já em Charra (Haran) com seu pai. Nem podia ter saído de lá se não começasse por lá habitar. Haverá então contradição no que diz Estêvão:

*O Deus de glória apareceu a nosso pai Abraão quando ele estava na Mesopotâmia antes de habitar em Charra?*⁵

Deve antes compreender-se que tudo se passou no mesmo ano — a promessa de Deus a Abraão antes de habitar em Charra (Haran), a estadia em Charra e a sua partida daí. E isto não só porque Eusébio, nas suas Crônicas, partindo do ano da promessa, conta quatrocentos e trinta anos até à saída do Egipto, quando a lei foi promulgada, mas também porque o mesmo menciona o Apóstolo Paulo.

³ *Et benedicentur in te omnes tribus terrae.*

Gén., XX, 4.

⁴ *Abram et quinque et septuaginta annorum, cum exiit ex Charra.*

Gén., XII, 4.

⁵ *Deus gloriae apparuit Abrahae patri nostro, cum esset in Mesopotamia, priusquam habitaret in Charra (Aran)?*

Act. Apost., VII, 2.

CAPÍTULO XVII

Dos três mais notáveis reinos dos pagãos, dos quais um, o dos Assírios, já no tempo de Abraão era o que mais sobressaía.

Por essa mesma época sobressaíam os reinos dos gentios, nos quais a Cidade dos filhos da terra, isto é, a sociedade dos homens que vivem segundo o homem, brilhava sob o domínio dos Anjos desertores, ou sejam estes três: o dos Siciónios, o dos Egípcios e dos Assírios. Mas o dos Assírios era de longe o mais poderoso e o mais glorioso. Na verdade, o dito rei Nino, filho de Belo, tinha subjugado todos os povos da Ásia à excepção da Índia. Quando agora digo Ásia, não me refiro àquela parte que é uma província da Grande Ásia, mas à que abrange toda a Ásia como uma das duas partes, ou, segundo a maioria, das três partes do mundo, que são a Ásia, a Europa e a África — embora não tenham feito esta divisão em partes iguais: a parte a que se chama Ásia estende-se do Sul pelo Oriente até ao Setentrião; a Europa vai do Setentrião até ao Ocidente; e a África do Ocidente para o Sul. Donde se vê que a Europa e a África ocupam as duas metades do orbe e a Ásia sozinha a outra metade. Esta divisão em duas partes foi assim feita porque entre uma e outra penetram desde o Oceano todas as águas que banham as terras, dando-nos desta forma um grande mar. Se se dividir o orbe em duas partes — o Oriente e o Ocidente —, a Ásia estará numa parte e a Europa e a África na outra. Assim, dos três reinos então dominantes, o dos Siciónios não dependia dos Assírios, porque ficava na Europa. Mas o dos Egípcios, como é que não ia ficar-lhes submetido, se dominavam toda a Ásia à

excepção, diz-se, apenas da Índia? Na Assíria prevalecia, portanto, a Cidade ímpia, cuja capital era Babilónia, nome que se adaptava perfeitamente à cidade terrígena pois que significa «confusão». Já Nino lá reinava desde a morte de seu pai Belo, que foi o primeiro a lá reinar durante sessenta e cinco anos. Nino, seu filho, que sucedeu no reino ao seu defunto pai, reinou durante cinquenta e dois anos e já governava há quarenta e três quando nasceu Abraão — o que aconteceu cerca de mil e duzentos anos antes da fundação de Roma, que é, no Ocidente, como que outra Babilónia.

CAPÍTULO XVIII

Por duas vezes Deus fala a Abraão, prometendo-lhe, a ele e à sua descendência, a terra de Canaã.

Abraão saiu, pois, de Charra (Haran) aos setenta e cinco anos de idade, quando seu pai tinha cento e quarenta e cinco anos, e partiu com Lot, filho de seu irmão, e com Sara, sua esposa, para a terra de Canaã. Chegado que foi a Siquém, novamente recebeu um oráculo divino assim relatado:

*O Senhor apareceu a Abrão e disse-lhe: darei esta terra à tua descendência*¹.

Não se trata aqui da descendência que o tornou pai de todos os povos, mas apenas daquela que o tornou pai do único povo de Israel — pois só esta descendência é que possuirá aquela terra.

¹ *Et apparuit Dominus Abrae, et dixit illi: Semini tuo dabo terram hanc.*

Gén., XII, 6-7.

CAPÍTULO XIX

No Egipto, Deus protege o pudor de Sara, que Abraão declara ser não sua esposa mas sua irmã.

Depois de ali ter levantado um altar e invocado Deus, Abraão partiu de lá e habitou no deserto, donde foi constringido pela fome a ir para o Egipto. Aí disse, sem mentir, que era sua irmã aquela sua esposa — pois, de facto, o era como próxima parente por consanguinidade; tal como de Lot, devido ao mesmo parentesco, pois era filho do irmão de Abraão, se disse que era seu irmão. Sem o negar, não disse que ela era sua esposa, encomendando a Deus a guarda do pudor de sua mulher e temendo, como homem, as insídias humanas. Se não se tivesse prevenido do perigo tanto quanto estava na sua mão, mais do que esperar em Deus, tê-lo-ia tentado. A este propósito, já respondemos suficientemente às calúnias do maniqueu Fausto. Finalmente, aconteceu o que Abraão tinha esperado do Senhor: o Faraó, rei do Egipto, que tinha tomado Sara por esposa, foi gravemente castigado e devolveu-a ao seu marido. Longe de nós o pensamento de que ela foi manchada por uma união adúltera, pois é muito mais provável que o Faraó disso tenha sido impedido por grandes castigos.

CAPÍTULO XX

Separação de Lot e Abraão, feita de comum acordo e sem quebra de amizade.

Quando Abraão voltou do Egípto ao lugar donde tinha partidô, Lot, filho de seu irmão, separou-se dele para a terra dos Somoditas, sem prejuízo da sua amizade. Efectivamente, tinham-se tornado muito ricos e começaram a ter muitos pastores para os seus rebanhos e, como estes levantavam rixas entre si, evitaram desta maneira a teimosa discórdia das suas famílias. Disso podia, na verdade, como acontece nas questões humanas, levantar-se entre os dois alguma discussão. Por isso, prevenindo esse mal, Abraão dirigiu a Lot estas palavras:

*Não haja disputas entre mim e ti, nem entre os meus e os teus pastores, porque somos irmãos. Não está toda esta terra à tua frente? Separa-te de mim; se tu fores para a esquerda eu irei para a direita; se tu fores para a direita eu irei para a esquerda*¹.

Foi talvez daqui que surgiu entre os homens o costume pacífico de, quando há que dividir algum terreno, o mais velho dividir e o mais novo escolher.

¹ *Non sit rixa inter me et te, et inter pastores meos et inter pastores tuos, quia homines fratres nos sumus. Nonne ecce tota terra ante te est? Discede a me; si tu in sinistram, ego in dextram; vel si tu in dextram, ego in sinistram.*

Gên., XIII, 8-9.

CAPÍTULO XXI

Terceira promessa em que Deus promete para sempre a terra de Canaã a Abraão e à sua descendência.

Quando Abraão e Lot se separaram e passaram a habitar separadamente, por necessidade de sustentarem suas famílias e não devido a imunda discórdia, ficando Abraão na terra de Canaã e Lot em Sodoma, num terceiro oráculo disse o Senhor a Abraão:

Do lugar onde agora estás, lança os teus olhos para o aquilão e o Áfrico, para o oriente e o mar, porque dar-te-ei toda a terra que vês, a ti e a toda a descendência até ao fim dos séculos e tornarei a tua descendência como a areia da terra: o que puder contar a areia da terra poderá contar os teus descendentes. Levanta-te e percorre a terra no seu comprimento e na sua largura, porque vou dar-ta¹.

Não está claro se nesta promessa está também aquela em que ele se tornou pai de todos os povos. Poderá, na verdade, parecer que a isto se referem as palavras:

E tornarei a tua descendência como a areia da terra²,

¹ *Despicens oculis tuis vide a loco, in quo nunc tu es, ad aquilonem et Africum et Orientem et mare, quia omnem terram, quam tu vides, tibi dabo eam et semini tuo usque in saeculum, et faciam semen tuum tanquam harenam terrae. Si potest aliquis dinumerare harenam terrae, et semen tuum dinumerabitur. Surgeus perambula terram in longitudinem ejus et in latitudinem, quia tibi dabo eam.*

Gén., XIII, 14-27.

² *Et faciam semen tuum tanquam harenam terrae.*

Gén., XIII, 16.

o que é dito numa frase a que os Gregos chamam hipérbole — frase que é trópica (um tropo) e não a própria³. Dela, como os demais tropos, costuma usar a Escritura como não pode pô-lo em dúvida qualquer que a conheça. Este tropo, ou este modo de locução verifica-se quando o que se diz é muito mais amplo do que o que se quis significar com o dito. Quem é, efectivamente, que não vê quanto o número de grãos de areia é incomparavelmente superior ao de todos os homens desde Abraão até ao fim dos séculos? Quanto, pois, será maior que a descendência de Abraão — não só a que pertence ao Povo Israelita mas também a que é e será por imitação da fé entre todos os povos do mundo inteiro! Esta descendência, em comparação com a multidão dos ímpios, está, sem dúvida, em bem poucos — embora mesmo estes poucos constituam uma multidão inumerável, hiperbolicamente comparada às areias da terra. Com certeza que esta multidão prometida a Abraão não é inumerável para Deus mas para os homens; aliás, para Deus nem a areia da terra o é. E como não é apenas o povo de Israel mas também toda a descendência de Abraão, na qual está a promessa de muitos filhos não segundo a carne mas segundo o espírito, que realizam melhor a comparação da multidão da areia, — pode muito bem entender-se que aqui a promessa se refere a uma e outra descendência. Dissemos, porém, que isto não se mostra muito claro porque mesmo a multidão só desse povo nascido de Abraão segundo a carne por seu neto Jacob cresceu a pontos de encher quase todas as partes do orbe. Por isso ela sozinha poderia ser comparada hiperbolicamente às inumeráveis areias, pois ela só não poderia ser contada pelo homem.

³ ὑπερβολή (de ὑπερβάλλω, passar a medida, ser exagerado, excessivo). Trópica (de *Tropo*) — figurado, metafórico (do grego τροπή). Em vez de traduzir por metafórica a palavra *Trópica*, preferi manter este adjectivo formado de Tropo para, tanto quanto possível, não prejudicar a homofonia (Trópica própria) tão do agrado de S. Agostinho.

Certamente que ninguém duvida de que a terra de que se trata é a de Canaã. Mas o que está dito:

*Dar-ta-ei e à tua descendência para sempre*⁴,
pode perturbar alguns se entenderem «para sempre»⁵ como querendo significar *in aeternum*, isto é, «para a eternidade». Mas se «*usque in saeculum*», isto é, «para sempre», se tomar aqui, como nos ensina a fê, pelo princípio do século futuro que nasce do presente, não há dúvida de que não podem ficar perturbados — porque, embora os Israelitas tenham sido expulsos de Jerusalém, apesar disso permanecem nas outras cidades da terra de Canaã e lá permanecerão até ao fim. E mesmo toda essa terra habitada por cristãos pertence também à descendência de Abraão.

⁴ *Tibi dabo eam et semini tuo usque in saeculum.*
Gén., XIII, 15.

⁵ *usque in saeculum.*
Gén., XIII, 15.

CAPÍTULO XXII

Derrota por Abraão dos inimigos de Sodoma quando libertou Lot do cativo e foi abençoado pelo Sacerdote Melquisedec.

Depois de ter recebido esta promessa, Abraão partiu e fixou-se em outro lugar da mesma terra, perto do carvalho de Mambré, no Hebrón. Depois, quando cinco reis guerreavam com quatro, os Sodomitas foram invadidos e vencidos pelos inimigos e o próprio Lot foi aprisionado. Foi, porém, libertado por Abraão, que consigo levou para o combate trezentos e dezoito escravos seus e obteve uma vitória para os reis de Sodoma, mas não quis despojo algum quando lhe foi oferecido pelo rei a quem deu a vitória. Mas foi então que foi abençoado por Melquisedec, sacerdote de Deus Altíssimo. Dele se referem muitas e grandes coisas na Epístola intitulada «aos Hebreus», que muitos dizem que é do Apóstolo Paulo, embora alguns o neguem¹. E foi aí que, pela primeira vez, apareceu o sacrificio agora oferecido a Deus pelos Cristãos em todo o orbe da Terra, e se cumpriu o que, muito depois deste facto,

¹ Ep. aos Hebreus. Santo Agostinho, embora não duvidasse da canonicidade da Ep. aos Hebreus, punha as suas reservas quanto à sua autoria apesar de os orientais a atribuírem a S. Paulo e a incluírem no Cânon desde o Séc. III, ao contrário dos Ocidentais que só a partir da segunda metade do Séc. IV passaram a considerá-la canónica.

Cfr. *De Doctrina Christiana* II, 8-13 (n. P. L. 34, 41); M. J. Lagrange, *Histoire du Canon du Nouveau Testament*, Pa. 1933, pp. 147-148 e 152-156; H. Haag, *Breve dictionário de la Biblia*, p. 28.

disse o profeta dirigindo-se a Cristo que havia de vir em carne:

*Tu és sacerdote para sempre segundo a ordem de Melquisedec*²,

quer dizer — não segundo a ordem de Aarão, ordem que havia de desaparecer ao alvorecer das realidades anunciadas por aquelas sombras.

² *Tu es sacerdos in aeternum secundum ordinem Melchisedech.*
Salmo CIX, 4.

CAPÍTULO XXIII

Palavra do Senhor a prometer a Abraão uma posteridade que se viria a multiplicar como a multidão das estrelas. Porque nessa palavra acreditou, foi ele justificado, embora ainda não fosse circuncidado.

Foi também então que, numa visão, a palavra de Deus chegou a Abraão. Prometeu-lhe protecção e uma grande recompensa. Preocupado com a sua posteridade, designou como seu futuro herdeiro um certo servidor seu chamado Eliezer. E logo lhe foi prometido um herdeiro — não esse servidor, mas um filho que do próprio Abraão havia de nascer. E novamente uma descendência inumerável — não como a areia da Terra, mas como as estrelas do Céu. Parece-me que o que aqui foi prometido é principalmente uma posteridade sublimada pela felicidade celeste. Quanto ao que se refere ao número — que são as estrelas do Céu comparadas com a areia da Terra? A não ser que se diga que esta comparação é semelhante precisamente porque se não podem contar as estrelas do Céu provavelmente porque ninguém consegue vê-las todas. Efectivamente, quanto maior é a acuidade visual de quem olha, maior é a quantidade que descobre. Por isso precisamente se pensa que algumas se mantêm ocultas à vista mais penetrante — e isto sem se falar dos astros que, segundo se diz, se levantam e se põem numa outra parte do universo muito afastada de nós. Enfim, a quantos como Arato, Eudoxo e outros que se gabam de terem abarcado e descrito o universo completo das estrelas, despreza-os a autoridade deste livro.

É aqui que, por certo, se expressa a sentença de que o Apóstolo se recorda para encarecer a graça de Deus:

*Abraão acreditou em Deus e isso foi-lhe imputado à Justiça*¹,

isto para que se não pense que se tem de glorificar a circuncisão e de se negar a admissão da fé em Cristo aos povos incircuncisos. Quando ao crente Abraão lhe foi imputada a fé para a justificação, ainda ele não era circunciso.

¹ *Credidit Abraham Deo et deputatum est illi ad justitiam.*
Rom., IV, 3; Jac., II, 23; Gal., III, 6; Gén., XV, 6.

CAPÍTULO XXIV

Significação do sacrificio que foi ordenado a Abraão que oferecesse, depois de ter pedido explicações acerca daquilo em que tinha acreditado.

Na mesma visão, quando Deus lhe falava, disse-lhe ainda:

*Eu sou o Deus que te tirei da região dos Caldeus para te dar esta terra para que sejas herdeiro dela*¹.

Tendo-lhe Abraão perguntado por que sinal reconheceria que seria seu herdeiro, Deus respondeu-lhe, como está escrito:

«Traz-me uma novilha de três anos, uma cabra de três anos, um carneiro de três anos, uma rola e uma pomba.»

Ele trouxe-lhe todos estes animais, esquartejou-os ao meio e pôs as metades em frente uma da outra; mas não esquartejou as aves.

E as aves rapaces caíram sobre os corpos esquartejados e Abrão sentou-se junto deles.

Mas pelo pôr do sol o pavor invadiu Abrão e eis que um intenso e negro temor caiu sobre ele — e foi dito a Abrão: «Fica sabendo que a tua descendência viverá como estrangeira em terra que lhe não é própria, reduzida à servidão e oprimida durante quatrocentos anos. Mas eu julgarei a nação a quem hão-de servir. Depois disso sairá de lá com

¹ *Ego Deus, qui eduxi te de regione Chaldaeorum, ut dem tibi terram hanc, ut haeres sis ejus.*

Gén., XV, 7.

muitos haveres. Mas quanto a ti, tu irás com paz para os teus pais saciado numa feliz velhice. À quarta geração (a tua descendência) voltará. Os pecados dos Amorreus até agora ainda não chegaram ao cúmulo.»

Mas quando o sol já estava no ocaso, surgiu uma chama e eis que uma fornalha fumegante e lâmpadas de fogo passaram entre as metades esquartejadas. E naquele dia o Senhor Deus estabeleceu um pacto com Abrão dizendo:

«Darei esta terra à tua posteridade desde o rio Egipto até ao rio grande — o rio Eufrates: a terra dos quenitas (Ceneus), quenizitas (Ceneseus), cadmonitas (Cedmonius), hititas (Queteus), fereseus, rejaítas, amorreus, cananeus (Eveus), gurigeseus, jebuseus.»²

Todas estas coisas aconteceram e foram ditas numa visão divina. Dissertar acerca de cada uma delas pormenorizadamente seria muito longo e excederia o plano desta obra. Basta que saibamos o que interessa. Depois de ter

² «Accipe mihi juvencam trimam et capram trimam et arietem trimum et turturem et columbam». Accepit autem illi haec omnia et divisit illa media et posuit ea contra faciem alterum alteri; aves autem non divisit. Et descenderunt aves supra corpora quae divisa erant, et consedit illis Abram. Circa solis autem occasum pavor inruit super Abram, et ecce timor tenebrosus magnus incidit ei; et dictum est ad Abram: «Sciendo scies, quia peregrinum erit semen tuum in terra non propria, et in servitutem redigent eos et adfligente eos quadringentis annis; gentem autem, cui servierint iudicabo ego. Post haec vero exibunt hoc cum supellectili multa. Tu autem ibis ad patres tuos cum pace nutritus in senecta bona. Quarta vero generatione convertent se hoc. Nondum enim impleta sunt peccata Amorrhaeorum usque adhuc». Cum autem jam sol erat ad occasum, flamma facta est, et ecce fomax fumabunda et lampades ignis, quae pertransierunt per media divisa illa. In die illa disposuit Dominus Deus testamentum ad Abram, dicens: «Semini tuo dabo terram hanc, a flumine Aegypti usque ad flumen magnum flumen Euphraten, Ceneos et Cenezaeos et Celmonacos et Chettaeos et Pherezaeos et Raphain et Amorrhacos et Chananaeos et Evaeos et Gergesacos et Jebusacos.

Gén., XV, 8-19.

dito que acreditava em Deus e isso lhe valer como justificação — não lhe terá faltado a fé ao dizer:

*Senhor meu Soberano, como saberei que sou seu herdeiro?*³

(Trata-se da terra que lhe tinha sido prometida em herança). Não diz «Donde o saberei?», como se não tivesse ainda acreditado, mas diz «como o saberei?» — como que para obter um sinal do que tinha acreditado e reconhecer assim o modo. Do mesmo modo não foi a falta de fé que fez dizer à Virgem Maria:

*Como acontecerá isso se não conheço varão?*⁴

pois ela estava segura do que havia de acontecer — mas procurava saber o modo por que viria a acontecer, e, tendo-o perguntado, ficou a sabê-lo. Depois disto, foram dados (a Abraão) sinais por meio de animais — a novilha, a cabra, o carneiro e duas aves — a rola e a pomba. Por eles conheceria que viria a acontecer o que não duvidava de que acontecesse.

A novilha significava o povo submetido ao jugo da lei; a cabra, esse mesmo povo que há-de prevaricar; o carneiro, ainda o mesmo povo que há-de reinar; (estes animais eram de três anos, porque eram de três os períodos de tempo desde Adão até Noé e desde então até Abraão e depois até David, que, depois da reprovação de Saúl, foi o primeiro a ser colocado no reino do Povo Israelita pela vontade do Senhor; e neste terceiro período, que vai de Abraão a David, cresceu aquele povo como que chegando à sua terceira idade). Pode-se dar ainda a estes sinais um outro sentido mais apropriado: não tenho a menor dúvida de que a rola e a pomba sejam os símbolos acrescentados para prefigurarem os homens espirituais. Por isso foi dito:

*Mas não esquitejou as aves*⁵,

³ *Dominator Domine, secundum quid sciam, quia heres ejus ero?*
Gén., XV, 8.

⁴ *Quo modo fiet istud, quoniam virum non cognosco?*
Luc., I, 34-35.

⁵ *Aves autem non divisit.*
Gén., XV, 10.

porque os carnis dividem-se entre si, mas de maneira nenhuma os espirituais — quer porque, como a rola, eles fujam das conversações penosas dos homens, quer porque vivem entre si como a pomba. Estas duas aves são simples e inocentes: figuram no próprio Povo Israelita, ao qual aquela terra devia ser dada, os futuros filhos «indivisíveis» da promessa, herdeiros para sempre do reino da eterna felicidade.

Mas as aves que descem sobre os corpos esquarterados, nada de bom indicam, mas os espíritos do nosso ar que procuram o seu alimento na divisão dos homens carnis. O facto de Abraão se ter sentado junto deles significa que, mesmo no meio desta divisão dos homens carnis, os verdadeiros fiéis perseveraram até ao fim. E o pavor que invadiu Abraão por volta do pôr do sol, e o intenso e negro temor, representam a grande perturbação e tribulação que, para o fim deste século, há-de sobrevir aos fiéis, de que fala o Senhor no Evangelho:

*Surgirá então uma tão grande tribulação como outra não houve desde o princípio*⁶.

O que, porém, foi dito a Abraão:

*Fica sabendo que a tua descendência será estrangeira em terra que lhe não é própria, reduzida à servidão e oprimida durante quatrocentos anos*⁷,

constitui uma clara profecia da futura servidão do povo de Israel no Egipto; — não porque aquele povo devia passar quatrocentos anos de servidão sob a opressão dos Egípcios, mas prediz que isso havia de acontecer dentro desses qua-

⁶ *Erit enim tunc tribulatio magna, qualis non fuit ab initio.*
Mat., XXIV, 21.

⁷ *Sciendo scies, quia peregrinum erit semen tuum in terra non propria, et in servitute redigent eos et affligent eos quadringentis annis.*
Gén., XV, 13.

trocentos anos. Da mesma maneira se escreveu, com efeito, acerca de Taré, pai de Abraão:

*E os dias de Taré em Charra foram de duzentos e cinco anos*⁸,

— não porque viveu ali todos esses anos, mas porque ali se acabaram. Da mesma maneira foi por isso que se acrescentou:

*será reduzida a servidão e oprimida durante quatrocentos anos*⁹

— porque este número de anos se completou nessa opressão e não porque esta tenha durado todo esse tempo. Diz-se quatrocentos anos por causa da perfeição do número, embora tenham sido uns tantos mais, quer se contem a partir da promessa feita a Abraão, quer a partir do nascimento de Isaac, por causa da descendência de Abraão, que é o objecto dessa promessa. Como acima dissemos, desde os setenta e cinco anos de Abraão, quando ele recebeu a primeira promessa, até à saída de Israel do Egipto, contam-se quatrocentos e trinta anos. O Apóstolo assim os recorda:

*Mas isto vos digo: uma aliança confirmada por Deus, a lei outorgada quatrocentos anos depois não a tornou caduca de maneira a anular a promessa*¹⁰.

Podia-se, pois, dizer quatrocentos anos em vez de quatrocentos e trinta, porque não são muito mais — tanto mais que, deste número, já alguns tinham passado quando estas coisas foram mostradas e ditas em visão a Abraão, ou, ainda, quando Isaac nasceu de seu pai centenário, vinte anos depois da primeira promessa, já não restavam desses quatrocentos e trinta anos mais que quatrocentos e cinco aos quais Deus quis chamar apenas quatrocentos. O resto

⁸ *E fuerunt dies Tharae in Charra quinque et ducenti anni.*
Gén., XI, 32.

⁹ *Et in servitutum redigent eos et adfligent eos quadringentis annis.*
Gén., XV, 13.

¹⁰ *Hoc autem dico: testamentum confirmatum a Deo post quadringentos triginta annos facta lex non infirmat ad evacuandam promissionem.*
Gál., III, 17.

que se segue nas palavras que Deus pronunciou, ninguém duvidará que se aplica ao Povo Israelita.

Mas o que se segue:

*Mas quando o sol já estava no ocaso, surgiu uma chama e eis que uma fornalha fumegante e lâmpadas de fogo passaram entre as metades esquatejadas*¹¹,

significa que, no fim do século, os homens carnais serão julgados pelo fogo. Do mesmo modo que esta desolação da Cidade de Deus, tal que antes jamais houve outra, e que é esperada para a época do Anticristo, é representada pelo negro temor de Abraão perto do pôr do sol, isto é, das proximidades do fim do século, assim, ao pôr do sol, isto é, mesmo no fim do século, o fogo que passa representa o dia do juízo, que distinguirá dentre os homens carnais os que devem ser salvos pelo fogo e os que devem ser condenados.

Depois, a aliança com Abraão designa propriamente a terra de Canaã e nomeia os onze povos que nela estão desde o rio do Egipto até ao rio Eufrates — não desde o grande rio do Egipto, que é o Nilo, mas desde o pequeno, que separa o Egipto da Palestina, onde se encontra a cidade de Rinocorura.

¹¹ *Cum autem jam Sol erat ad occasum, flamma facta est, et ecce fornax fumabunda et lampades ignis, quae pertransierunt per media divisa illa.*

Gén., XV, 17.

CAPÍTULO XXV

Acerca de Agar, escrava de Sara, que esta entregou a Abraão como sua concubina.

Vêm depois os tempos dos filhos de Abraão, um nascido da escrava Agar, outro de Sara, mulher livre de que já falámos no livro precedente. Pelo que respeita ao próprio facto, de modo nenhum se deve fazer recair sobre Abraão o crime de concubinato. Na verdade, ele usou dela para gerar prole e não para satisfazer uma paixão, não para a injuriar mas antes para obedecer à esposa que julgou ser um lenitivo para a sua esterilidade tornar fecundo o seio da escrava por vontade, já que por natureza não o era o seu — usando daquele direito de que fala o Apóstolo:

*Da mesma forma o homem não é senhor do seu corpo mas a mulher*¹,

serviu-se a mulher de outra para dar à luz, o que por si não podia. Não há aqui um desejo lascivo nem torpeza perversa. Pela esposa é entregue a escrava ao marido por causa da prole e por causa da prole é recebida pelo marido. Por um e outro se procura, não a luxúria do pecado, mas o fruto da natureza. Por fim, quando a escrava grávida se mostra soberba à senhora estéril e Sara, com ciúmes de mulher, atribui isto a seu marido, mais uma vez Abraão demonstrou que não tinha sido amante escravizado mas um pai livre e que em Agar tinha conservado a fidelidade devida à sua esposa Sara, satisfazendo não o seu prazer mas a vontade da

¹ Similiter et vir non habet potestatem corporis sui, sed mulier.
I Cor., VII, 4.

esposa: recebeu o que se lhe oferecia sem o ter procurado, aproximou-se dela sem se lhe ter ligado, fecundou-a sem a ter amado. É, de facto, o que diz:

Eis a tua escrava, nas tuas mãos — dispõe dela como te aprouver².

Ó varão que como varão usas da mulher, da esposa com moderação, da escrava por obediência, de nenhuma com intemperança!

² Ecce ancilla tua in manibus tuis, utere ea quo modo tibi placuerit.

Gén., XVI, 6.

CAPÍTULO XXVI

Segurança que Deus concede a Abraão prometendo-lhe que, na sua velhice, teria um filho de Sara até então estéril, tornando-o pai dos povos e instituindo como garantia da sua promessa o sacramento da circuncisão.

Depois disto, nasceu Ismael de Agar; nisto poderia Abraão pensar que se cumpria a promessa que lhe fora feita quando quis adoptar o seu servo e Deus lhe disse:

*Não será esse o teu herdeiro — mas será teu herdeiro aquele que de ti nascer*¹.

Para que não pensasse que se cumpria a promessa no filho da escrava,

quando ele tinha noventa e nove anos, apareceu-lhe o Senhor e disse-lhe:

«Eu sou Deus. Agrada aos meus olhos e sê irreprensível e eu estabelecerei a minha aliança entre mim e ti e eu te cumularei.»

Abrão caiu sobre a face. E Deus falou-lhe dizendo:

«Quanto a mim — aqui está a minha aliança contigo — serás o pai duma multidão de povos; e o teu nome não será como até agora o de Abrão — o teu nome será Abraão porque te instituí pai de muitos povos. Muito e muito te aumentarei e porei à frente de nações e de ti sairão reis. Estabelecerei a minha aliança entre mim e ti, entre a tua descendência depois de ti pelo discurso das suas gerações, como aliança eterna, de

¹ *Non erit heres tuus hic; sed qui exiet de te, ille erit heres tuus.*
Gén., XV, 4.

maneira a ser o teu Deus e da tua descendência depois de ti. Dar-te-ei a ti, à tua descendência, a terra em que habitas — toda a terra de Canaã em posse perpétua e serei o seu Deus.»

E disse Deus a Abraão:

«Quanto a ti — guardarás a minha aliança, tu e a tua descendência depois de ti, no decurso das suas gerações. E esta é a minha aliança que guardarás entre mim e vós e a tua descendência depois de ti: todo o varão de entre vós será circuncidado. Circuncidar-vos-eis na carne do prepúcio — o que será sinal da aliança entre mim e vós. E a criança de oito dias será circuncidada — sê-lo-á todo o varão de entre vós no decurso das vossas gerações, o escravo nascido em vossa casa e o comprado entre os estrangeiros que não é da tua descendência; seja circuncidado com a circuncisão tanto o escravo que nasceu na tua casa como o comprado. E a minha aliança na vossa carne será uma aliança perpétua. E o varão que não for circuncidado, que ao oitavo dia não circuncidar a carne do seu prepúcio será sua alma separada da sua raça porque violou a minha aliança.»

E disse Deus a Abraão:

«Sara, tua mulher, não mais será chamada pelo seu nome de Sara — mas o seu nome será Sarra. Abençoá-la-ei e dela te darei um filho e eu abençoá-lo-ei e ele tornar-se-á chefe de nações e dele sairão reis de povos.»

E Abraão caiu sobre sua face e riu-se e disse, murmurando em seu íntimo:

«Porventura de mim, que tenho cem anos, nascerá um filho — porventura dará Sarra à luz com noventa anos?»

Por isso Abraão disse a Deus:

«Oxalá Ismael, que aqui está, viva sob o teu olhar.»

Deus, porém, respondeu a Abraão:

«Sim, eis que Sarra tua esposa dar-te-á um filho e tu lhe porás o nome de Isaac e eu firmarei a minha aliança com ele em aliança eterna para ser o seu Deus e o da sua descendência depois dele.»

«Quanto a Ismael, porém, eis em que te atendi: eis que o abençoei e o exaltarei e muito o multiplicarei. Gerará doze povos e dele farei chefe dum grande povo. Mas a

minha aliança firmá-la-ei com Isaac que Sarra te dará neste tempo para o ano que vem.»²

² *Cum esset annorum nonaginta et novem, apparuit ei Dominus et dixit illi: «Ego sum Deus, place in conspectu meo et esto sine querella, et ponam testamentum meum inter me et inter te et implebo de valde».*

Et procidit Abram in faciem suam. Et locutus est illi Deus dicens:

«Et ego, ecce testamentum meum tecum, et eris pater multitudinis gentium; et non appellabitur adhuc nomen tuum Abram, sed erit nomen tuum Abraham, quia patrem multarum gentium posui te; et augeam te valde valde et ponam te in gentes, et reges ex te exhibunt; et statuam testamentum meum inter me et inter te et inter semen tuum post te in generationes eorum in testamentum aeternum, ut sim tibi Deus et semini tuo post te. Et dabo tibi et semini tuo post te terram in qua incola es, omnem terram Chanaan in possessionem aeternam, et ero illis Deus».

Et dixit Deus ad Abraham:

«Tu autem testamentum meum conservabis, tu et semen tuum post te in progenies suas. Et hoc est testamentum quod conservabis inter me et vos et inter semen tuum post te in generationes suas: Circumcidetur vestrum omne masculinum, et circumcidemini carnem praeputii vestri, et erit in signo testamenti inter me et vos. Et puer octo dierum circumcidetur, vestrum omne masculinum in progenies vestras. Vernaculus et empticius ab omni filio alieno, qui non est de semine tuo, circumcisione circumcidetur vernaculus domus tuae et empticius. Et erit testamentum meum in carne vestra in testamento aeterno. Et qui non fuerit circumciscus masculus, qui non circumcidetur carnem praeputii sui octava die, interibit anima illa de genere ejus, quia testamentum meum dissipavit».

Et duxit Deus ad Abraham:

«Sara uxor tua, non appellabitur nomen ejus Sara, sed Sarra erit nomen ejus. Benedicam autem illam et dabo tibi ex ea filium, et benedicam illum, et erit in nationes, et reges gentium ex eo erunt.»

Et procidit Abraham super faciem suam et risit et dixit in animo suo dicens:

«Si mihi centum annos habenti nascetur filius, et si Sarra annorum nonaginta pariet?»

Dixit autem Abraham ad Deum:

«Ismael hic vivat in conspectu tuo.»

Dixit autem Deus ad Abraham:

«Ita, ecce Sarra, uxor tua pariet tibi filium, et vocabis nomen ejus Isaac; et statuam testamentum meum ad illum in testamentum aeternum, esse illi Deus semini ejus post illum. De Ismael autem ecce exaudivi te; ecce benedixi eum et ampliabo illum et multiplicabo eum valde. Duodecim gentes generabit, et dabo illum in magnam gentem. Testamentum autem meum statuam ad Isaac, quem pariet tibi Sarra in tempore hoc ad annum sequentem.»

Gén., XVII, 1-21.

Aqui tornam-se mais claras as promessas sobre a vocação dos gentios em Isaac, isto é, no filho da promessa, no qual se simboliza a graça e não a natureza, porque é o filho prometido a um velho e a uma velha mulher estéril. Embora Deus seja o autor do curso natural da procriação, quando, devido a vício ou falha da natureza, a obra de Deus se torna evidente, então mais evidentemente se patenteia a graça. E, como ela devia agir não por geração mas por regeneração, Deus ordenou a circuncisão no momento em que foi prometido um filho a Sarra. Ao prescrever-se a circuncisão a todos — não apenas aos filhos mas também aos escravos nascidos em casa ou comprados —, constitui isto um testemunho de que essa graça pertence a todos. Na verdade, que significa a circuncisão senão a renovação da natureza pelo despojamento da velhice? E que outra coisa significa o oitavo dia senão Cristo, que ressuscitou uma vez finda a semana, isto é, depois do Sábado? Também os nomes dos pais são mudados, tudo soa a novidade, e na Velha Aliança, como numa sombra, se esconde a Nova. Porque é, na verdade, que se diz Velha Aliança senão porque é encobrimento da Nova? E porque é que se chama a outra Nova senão porque é o descobrimento da Velha? O riso de Abraão é a exultação de quem está grato e não a irrisão de quem desconfia. E também aquelas palavras ditas no seu íntimo — *porventura, de mim que tenho cem anos, nascerá um filho? — porventura dará Sarra à luz³ com noventa anos?* — não são palavras de alguém que duvida, mas de alguém que se admira.

Se alguém se sentir perturbado com o que ficou dito:

Dar-te-ei a ti e depois de ti à tua descendência a terra em que habitas — toda a terra de Canaã em posse perpétua⁴,

³ *Si mihi centum annos habenti nascetur filius, et si Sarra annorum nonaginta pariet?*

Gén., XVII, 17.

⁴ *Et dabo tibi et semini tuo post te terram, in qua tu incola es, omnem terram Chanaan in possessionem aeternum,*

Gén., XVII, 8.

se alguém perguntar como é que isso se cumpriu ou se virá ainda a cumprir, pois que uma posse terrestre não pode ser eterna para povo nenhum — fique sabendo que o nosso *aeternum* (eterno) traduz o que os Gregos chamam αἰώνιον (secular), que deriva de «século» porque em grego «século» (*saeculum*) diz-se αἰών. Os Latinos não ousaram traduzir por «secular» (*saeculare*), para não mudarem por completo o sentido para outra coisa. Efectivamente, chamam-se *saecularia* (seculares) muitas coisas que acontecem de tal forma neste século que elas passam em pouco tempo, ao passo que αἰώνιον significa o que não tem fim ou se estende até ao fim deste século (mundo).

CAPÍTULO XXVII

Acerca do varão cuja alma perecerá, se não for circuncidado ao oitavo dia, porque quebrou a aliança de Deus.

Também pode causar embaraço como se deve entender o que aqui foi dito:

*O varão, que não circuncidar a carne do seu prepúcio ao oitavo dia, será a sua alma separada da sua raça porque quebrou a minha aliança*¹,

porque nenhuma culpa tem a criança cuja alma, diz-se, perecerá, nem foi ela que destruiu a aliança com Deus, mas os seus pais, que não trataram de o circuncidar. A não ser porque também as crianças, não segundo a sua conduta pessoal mas segundo a origem comum do género humano, quebraram todas elas a aliança num só em quem todos pecaram. Realmente, há alianças com Deus fora das duas principais, a Velha e a Nova, — o que cada um, desde que leia, pode saber. Sem dúvida a primeira aliança que se realizou com o primeiro homem, é esta:

*No dia em que dela comerdes, de morte certa morrereis*².

¹ *Masculus, qui non circumcidetur carnem praeputii sui octava die, interibit anima illa de genere ejus, quia testamentum meum dissipavit.*

Gén., XVII, 14.

² *Qua die ederitis, morte moriemini.*

Gén., II, 17.

Daí, o que está escrito no livro denominado Eclesiástico:

*Toda a carne envelhece como o vestuário. Mas esta é a aliança perpétua: de morte certa morrerás*³.

Mas, se a lei foi depois promulgada em termos mais claros e se o Apóstolo disse:

*Onde não há lei também não há prevaricação*⁴,
como pode ser verdadeiro o que se lê no salmo:

*Considerarei como prevaricadores todos os pecadores da terra*⁵,

senão porque todos os que estão acorrentados a um pecado são culpados de terem sido prevaricadores de uma lei? Se, pois, mesmo as crianças, como confessa a verdadeira fé, nascem pecadoras, não por vontade própria mas por origem — daí que confessemos que lhes é necessária a graça da remissão dos pecados —, com certeza, tal como são reconhecidas pecadoras, assim são também prevaricadoras da lei promulgada no Paraíso. Desta forma são igualmente verdadeiras estas duas coisas que estão escritas:

*Considerarei como prevaricadores todos os pecadores da terra, etc.*⁵

e:

*Onde não há lei também não há prevaricação*⁴.

A circuncisão é, portanto, o sinal da regeneração e a criança, devido ao pecado original, destruidor da primeira aliança com Deus, merece que morra por geração, a não ser que se salve por regeneração. Daí que se devam entender estas palavras divinas como se se tivesse dito:

Aquele que não for regenerado será sua alma separada da sua raça,

³ *Omnis caro sicut vestis veterescit. Testamentum enim a saeculo: Morte morieris.*

Ecl., XIV, 18 (Segundo os Setenta).

⁴ *Ubi autem non est lex, nec praevaricatio,*
Rom., IV, 15.

⁵ *Praevaricatores aestimavi omnes peccatores terrae.*
Salmo CXVIII, 119.

porque quebrou a aliança com Deus quando ele próprio também pecou com todos em Adão. Se, de facto, tivesse dito: «Porque quebrou esta minha aliança», seríamos obrigados a crer que se trataria apenas da circuncisão. Mas, como se não precisa que aliança foi destruída pela criança, é-se livre de compreender que se trata daquela cuja destruição poderia dizer respeito à criança.

Pode, porém, alguém sustentar que o que foi dito não se refere senão a esta circuncisão, porque a criança quebrou nela a aliança de Deus porque não foi circuncidada; quem assim pense procure uma maneira de falar em que se possa entender sem absurdo a ruptura da aliança não realizada por ela mas nela. E, mesmo assim, convém notar que a alma da criança não circuncidada não morrerá injustamente por negligência sua, mas por estar sujeita ao pecado original.

CAPÍTULO XXVIII

Mudança dos nomes de Abraão e de Sarra, que conseguiram o benefício da fecundidade quando já não podiam gerar por causa da esterilidade de uma e da velhice de ambos.

Depois de ter sido feita uma tão grande e tão clara promessa a Abraão, a quem abertamente foi dito:

*Instituí-te como pai de muitos povos. Muito e muito te aumentarei. Farei de ti chefe de nações e de ti sairão reis. Dar-te-ei de Sarra um filho que abençoarei e se tornará chefe de nações e dele sairão reis*¹,

(esta promessa vemo-la agora cumprida em Cristo) desde então, aqueles cônjuges já não se chamam nas Escrituras, como dantes se chamavam, Abrão e Sara, mas Abraão e Sarra, como nós desde o princípio sempre lhes chamámos, porque é assim que por todos são chamados. Foi dada a razão por que este nome de Abraão foi mudado:

*Porque te instituí como pai de muitos povos*².

Tal é o significado do nome de *Abraão*, enquanto *Abrão*, como dantes se chamava, quer dizer *pai excelso*. Não se deu explicação da mudança de nome de Sara, mas, como dizem os que têm escrito acerca das interpretações dos nomes

¹ *Patrem multarum gentium posui te; et ageam te valde valde et ponam te in gentes, et reges ex te exibunt. Et dabo tibi ex Sarra filium, et benedicam illum, et erit in nationes, et reges gentium ex eo erunt.*

Gén., XVII, 5; 16.

² *Quia patrem multarum gentium posui te.*

Gén., XVII, 5.

hebreus que aparecem nas Sagradas Escrituras, Sara significa *minha princesa* e Sarra, *virtude*. É por isso que está escrito na Epístola aos Hebreus:

*Por sua fé recebeu Sarra a virtude de conceber*³.

Ambos eram velhos, como o atesta a Escritura. Além disso, ela era estéril e já privada do fluxo menstrual, pelo que já não podia ter filhos mesmo que estéril não fosse. Se uma mulher for de proecta idade mas ainda dotada do fluxo, pode ter filhos de um jovem, mas não de um velho. Também um velho poderá gerar, mas duma jovem, como, depois da morte de Sarra, o pôde fazer Abraão com Cetura, porque a encontrou na idade plena de vitalidade. É isto que o Apóstolo menciona como maravilhoso e é a isto que se refere ao dizer que o corpo de Abraão já estava morto porque já não podia gerar nessa idade de qualquer mulher que estivesse no limite da idade em que pode conceber. Temos que compreender que, com efeito, o corpo estava morto para tal função, mas não para todas. Se o estivesse para todas, já não seria o corpo envelhecido de um vivo, mas o cadáver de um morto.

Esta dificuldade costuma também ser assim resolvida: Abraão gerou posteriormente filhos de Cetura, porque, depois da morte da esposa, conservou o dom de gerar que de Deus recebera. Mas parece-me preferível a solução que adoptamos para esta questão — porque, se no nosso tempo um velho de cem anos de mulher nenhuma pode gerar, não era assim ao tempo em que a vida se prolongava tanto que cem anos ainda não faziam de um homem um velho decrépito.

³ *Fide et ipsa Sarra virtutem accepit ad emissionem seminis.*
Heb., XI, 11.

CAPÍTULO XXIX

Dos três homens ou Anjos, em quem se manifesta ter o Senhor aparecido a Abraão junto do carvalho de Mambré.

Deus appareceu ainda a Abraão junto do carvalho de Mambré, na figura de três homens, que, não há dúvida, eram Anjos; todavia, há quem julgue que um deles era Cristo Senhor, afirmando que ele era visível mesmo antes de se revestir de carne. Certamente que é próprio do poder divino e invisível e da natureza incorpórea e imutável apparecer mesmo aos olhos mortais sem nenhuma alteração de si, não mediante aquilo que é, mas mediante aquilo que lhe está sujeito — e que coisa há que lhe não esteja sujeita? Todavia, poderão afirmar que um dos três era Cristo, porque, ao ver três, ele falou ao Senhor no singular (efectivamente, está assim escrito:

E eis que três homens estavam em pé em frente dele.

Ao vê-los correu ao seu encontro desde a entrada da sua tenda e, prostrando-se por terra, disse: Senhor, se encontrei graça perante ti¹, etc.)

Mas porque não reparam para isto — que dois deles vieram para que os Sodomitas fossem destruídos, ao passo que Abraão falava ainda só a um, chamando-lhe «Senhor» e pedindo-lhe que em Sodoma não perdesse o justo com o ímpio? Mas também Lot recebeu aqueles dois da mesma

¹ *Et ecce tres viri stabant super eum, et videns procucurrit in obviam illis ab ostio tabernaculi sui, et adoravit super terram et dixit: «Domine, si inveni gratiam ante te,» et cetera.*

Gén., XVIII, 2-3.

forma — chamando-lhes, na sua conversa, «Senhor» no singular. Mas, depois de lhes ter dito no plural:

*Eis senhores, descei à casa do vosso servidor*²,

e o mais que aí se diz, lê-se em seguida:

*E os anjos tomaram-no pela mão a ele, à sua mulher e às suas duas filhas porque o Senhor os poupava. E aconteceu que logo que os trouxeram para fora disseram: «Salva a tua vida, não olhes para trás, não pares em parte alguma de toda a região. Refugia-te no monte para que não sejas então apanhado.» E Lot disse-lhes: Peço-te, Senhor, pois que o teu povo encontrou em ti misericórdia*³,

e o mais que se segue. Em seguida, depois destas palavras, também o Senhor lhe responde no singular, embora estivesse na pessoa de dois Anjos, dizendo:

*Eis que admirei a tua face, etc.*⁴.

É pois mais de crer que Abraão nos três, e Lot nos dois homens reconheceram o Senhor a quem falavam no singular — embora os considerassem como homens. Nem foi por outra razão que os receberam e trataram como mortais que tinham necessidade dos alimentos humanos. Mas alguma coisa havia certamente em que tanto se alçavam que, mesmo parecendo homens, os que lhes prestavam essa hospitalidade não podiam duvidar de que neles estava o Senhor como costuma estar nos profetas. É por isso que ora se dirigiam aos próprios no plural, ora ao Senhor, neles presente, no singular.

Mas que eram Anjos atesta-o a Escritura, não só no livro do Génesis, onde estas coisas são narradas, mas tam-

² *Ecce domini, declinate in domum pueri vestri.*

Gén., XII, 2.

³ *Et tenuerunt angeli manum ejus et manum uxoris ejus et manus duarum filiarum ejus, in eo quod parceret Dominus ipsi. Et factum est, mox ut eduixerunt illum foras, et dixerunt: «Salvam fac animam tuam, ne respexeris retro, nec steteris in tota regione; in monte salvum te fac, ne quando comprehendaris.» dixit autem Loth ad illos: Oro, Domine, quia invenit puer tuus misericordiam ante te.*

Gén., XIX, 16-19.

⁴ *Ecce miratus sum faciem tuam, et cetera.*

Gén., XIX, 21.

bém na Epístola aos Hebreus, onde se diz, quando se louva a hospitalidade:

*Por ela, alguns, sem o saberem, hospedaram anjos*⁵.

Foi por intermédio destes três homens que, ao receber novamente a promessa de que o filho Isaac lhe nasceria de Sarra, Abraão ouviu também a resposta divina como se segue:

*Abraão se converterá num grande e numeroso povo, e nele são abençoados todos os povos da terra*⁶.

E foi então que, em termos muito breves mas completíssimos, lhe foram feitas aquelas duas promessas — referente uma ao povo de Israel, segundo a carne, e a outra a todos os povos, segundo a fê.

⁵ *Per hanc etiam quidam nescientes hospitio receperunt angelos.*
Heb., XIII, 2.

⁶ *Abraham erit in magnam gentem et multam, et benedicentur in eo omnes gentes terrae.*
Gén., XVIII, 18.

CAPÍTULO XXX

Acerca de Lot, libertado dos Sodomitas, que foram consumidos pelo fogo celeste; e acerca de Abimelec, cuja concupiscên- cia não pôde atentar contra a castidade de Sarra.

Libertado Lot de Sodoma depois desta promessa, devido a uma chuva de fogo vinda do Céu, transformou-se em cinza toda aquela região da ímpia cidade onde as desonestidades entre varões se tornaram tão habituais como a libertinagem de outras acções autorizadas por lei. Mas o castigo deles foi uma imagem do futuro juízo divino. Que outra coisa quer significar a proibição, feita aos que eram libertados pelos Anjos, de olharem para trás, senão que se não deve de coração voltar à antiga vida de que cada um se despojou uma vez regenerado pela graça, se se quiser escapar ao último juízo? Por fim, a mulher de Lot, quando olhou para trás e parou e se transformou em sal¹, forneceu aos homens fiéis como que um condimento com o qual saborearão aquilo por que se garantirão contra aquele exemplo.

Depois, de novo fez Abraão em Gerara, perante o rei Abimelec, o que já fizera no Egipto acerca de sua esposa, e da mesma forma esta lhe foi restituída intacta. Quando o

¹ Segundo relata F. M. Abel, com toda a sua autoridade de eminente arqueólogo ligado às questões bíblicas, (in *Une Croisière autour de la mer Morte*, Paris, 1911, pp. 55-58), ainda hoje se pode contemplar na costa do mar Morto, ao sul de Arnon, a mulher de Lot transformada em bloco de sal.

rei lhe perguntou porque tinha escondido que era sua mulher e dito que era sua irmã, Abraão confessou-lhe abertamente que tivera medo, e acrescenta ainda:

*Na verdade é minha irmã pelo lado do pai, mas não pelo lado da mãe*²,

porque da parte do pai ela era irmã de Abraão, sua parente próxima. E era tão bela que mesmo naquela idade podia inspirar amor.

² *Etenim vere soror mea est de patre, sed non de matre.*
Gén., XX, 12.

CAPÍTULO XXXI

A Isaac, nascido da promessa, foi posto este nome por causa do riso de seus pais.

Depois disto, nasceu a Abraão, como Deus tinha prometido, um filho de Sarra, a quem chamou Isaac, que significa «riso». E, de facto, o pai tinha-se rido, admirando-se no gozo, quando lhe foi prometido; e também a mãe se tinha rido, duvidando no gozo, quando de novo lhe foi prometido por intermédio dos três homens. Todavia, depois de a repreender porque aquele riso, embora de gozo, não foi, porém, de fé perfeita, o Anjo confirmou-a a ela também na fé. Foi, portanto, por causa disto que o menino recebeu esse nome. Que não era um riso de troça perante uma injúria, mas um sinal de grande alegria, mostrou-o bem Sarra quando Isaac nasceu e lhe pôs este nome, pois disse:

*O Senhor fez-me rir e quem quer que o ouvir congratular-se-á comigo*¹.

Pouco depois, a escrava foi expulsa de casa com seu filho. Significa isto, segundo o Apóstolo, os dois Testamentos — o Antigo e o Novo —, em que Sarra representa a Jerusalém celeste, isto é, a Cidade de Deus.

¹ *Risum mihi fecit Dominus; quicumque enim audierit, congaudebit mihi.*

Gén., XXI, 6.

CAPÍTULO XXXII

Obediência e fé de Abraão, que foi posto à prova pela oferta de seu filho, que ele devia imolar. Morte de Sarra.

Entre estes acontecimentos (seria demasiado longo enumerá-los a todos), está a tentação sofrida por Abraão sobre a imolação do próprio Isaac, seu filho muito amado, para que fosse posta à prova a sua piedosa obediência, destinada a ser levada ao conhecimento, não de Deus mas dos séculos. É que nem toda a tentação é de condenar — pois deve ser motivo para nos congratularmos quando vem como provação. A maior parte das vezes, a alma humana não pode chegar a conhecer-se a si própria a não ser pela resposta à prova que interroga as suas forças, não por palavras mas pela experiência; se ela nisso reconhecer o favor de Deus, então ela é piedosa e firma-se na força da graça, em vez de inchar de vã jactância. Certamente que Abraão jamais acreditaria que Deus se compraz com vítimas humanas. Todavia, perante uma peremptória ordem divina, há que obedecer e não que discutir. Mas a verdade é que Abraão deve ser louvado por ter imediatamente acreditado que seu filho havia de ressuscitar depois de ter sido imolado. Realmente, quando se recusava a satisfazer a vontade da esposa para expulsar a escrava e seu filho, Deus tinha-lhe dito:

*Em Isaac é que terás descendência com o teu nome*¹.

¹ *In Isaac vocabitur tibi semen.*
Gen., XXI, 12.

E não há dúvida de que se diz logo a seguir:

*Quanto ao filho da tua escrava, farei dele o chefe de um grande povo, porque ele é a tua descendência*².

Porque é então que se diz:

*Em Isaac é que terás descendência com teu nome*¹, se Deus também chama a Ismael «a sua posteridade»? O Apóstolo, ao expor o significado de:

*Em Isaac é que terás descendência em teu nome*¹, diz:

*Isto é: não são os filhos da carne que dão os filhos de Deus, mas os filhos da promessa são tidos como posteridade*³.

E por isso, para constituírem a descendência de Abraão, os filhos da promessa são chamados em Isaac, isto é, são congregados em Cristo pelo chamamento da graça. Este piedoso pai, agarrando-se fielmente à promessa que se havia de cumprir precisamente naquele que Deus mandava imolar, não duvidou de que o imolado lhe poderia ser restituído por quem pôde dar-lho quando não era esperado. Assim se interpreta e expõe na carta aos Hebreus, ao dizer:

*Pela fé Abraão, posto à prova, ofereceu Isaac — e era seu filho único que o depositário da promessa oferecia, do qual foi dito: «Em Isaac é que terás descendência com o teu nome», pensando que Deus tem poder de ressuscitar os mortos*⁴.

E por isso acrescentou:

*Por isso no-lo deu como figura*⁵,

² *Et filium autem ancillae hujus in magnam gentem faciam illum, quia semen tuum est.*

Gen., XXI, 12-13.

³ *id est non qui filii carnis, hi filii Dei, sed filii promissionis deputantur in semen.*

⁴ *Fide praecessit Abraham Isaac temptatus et unicum obtulit, qui promissiones suscepit, ad quem dictum est: «In Isaac vocabitur tibi semen», cogitans quia et ex mortuis suscitare potest Deus.*

Heb., XI, 17-19.

⁵ *Pro hoc etiam eum et in similitudinem adduxit.*

Heb., XI, 17-19.

e figura de quem, senão daquele de quem fala o Apóstolo:

*Porque não poupou o seu próprio filho mas por todos nós o entregou?*⁶

Pois o próprio Isaac, tal como o Senhor, levou a sua cruz, transportou ele até ao lugar do sacrifício a lenha sobre a qual devia ser posto. Finalmente, porque Isaac não devia ser imolado, quando o pai foi proibido de o ferir — que carneiro era então esse com cuja imolação se consumou o sacrifício com sangue simbólico? Quando Abraão o viu, estava preso pelos chifres num arbusto. Quem nele estava representado, senão Jesus coroado de espinhos pelos Judeus antes de ser imolado?

Mas ouçamos antes as palavras divinas, proferidas por intermédio do Anjo. Diz a Escritura:

E Abraão estendeu a mão para pegar no cutelo e matar seu filho.

Mas do Céu o chamou um anjo do Senhor dizendo:

— «Abraão!»

E este disse:

— «Aqui estou.»

E disse:

— «Não levantes a mão contra o menino e não lhe faças nada; porque agora sei que temes o teu Deus e por minha causa não poupaste teu filho muito amado»⁷.

⁶ *Qui proprio filio non pepercit sed pro nobis omnibus tradidit eum?*

Rom., VIII, 32.

⁷ *Et extendit Abraham manum suam sumere machaeram, ut occideret filium suum. Et vocabit illum angelus Domini de caelo et dixit:*

— «Abraham!»

Ille autem dixit:

— «Ecce ego.»

Et dixit:

— «Non inicias manum tuam super puerum, neque facias illi quicquam; nunc enim scivi quia times Deum tuum, et non pepercisti filio tuo dilecto propter me.»

Gén., XXII, 10-12.

«Agora sei» está dito por «agora fiz com que se ficasse a saber», pois que Deus já o sabia. Em seguida, depois de ter imolado aquele carneiro em lugar de seu filho Isaac, como se lê:

Abraão chamou àquele lugar «O Senhor viu», como se diz hoje «O Senhor apareceu na montanha»⁸.

Assim como se disse «agora sei», em vez de «agora fiz com que se ficasse a saber» — assim também «o Senhor viu», está por «o Senhor apareceu», isto é, fez-se ver.

E o anjo do Senhor chamou Abraão uma segunda vez, clamando do Céu:

“Jurei por mim mesmo», diz o Senhor, «porque por mim fizeste isso e nem o teu filho muito amado poupaste, cumular-te-ei de bênçãos e multiplicarei a tua descendência como as estrelas do Céu e como as areias das praias. E a tua descendência possuirá as cidades dos inimigos, e na tua descendência serão abençoados todos os povos da Terra, porque obedeste à minha voz»⁹.

Deste modo foi a promessa confirmada até com o juramento de Deus, sobre a vocação dos povos na descendência de Abraão depois do holocausto que simbolizava Cristo. Tinha, na verdade, muitas vezes prometido — mas nunca tinha jurado. Mas que é o juramento de um Deus verdadeiro e verídico senão a confirmação de uma promessa e como que uma censura aos incrédulos?

Depois morreu Sarra, aos cento e vinte e sete anos de sua vida e aos cento e trinta e sete de seu marido. Abraão

⁸ *Vocavit Abraham nomen loci illius: «Dominus vidit»; ut dicant hodie: «In monte Dominus apparuit.»*

Gen., XXII, 14.

⁹ *Et vocavit angelus Domini Abraham secundo de Caelo dicens: «Per me ipsum juravi», dicit Dominus, «propter quod fecisti verbum hoc et non pepercisti filio tuo dilecto propter me, nisi benedicens benedicam te, et multiplicans multiplicabo semen tuum tamquam stellas Caeli et tamquam harenam, quae juxta labium maris. Et hereditate possidebit semen tuum civitates adversariorum, et benedicentur in semine tuo omnes gentes terrae, quia obaudisti vocem meam.*

Gên., XXII, 15-18.

tinha, efectivamente, mais dez anos que ela, como ele mesmo disse quando dela lhe foi prometido o filho:

Porventura poderá nascer-me um filho aos cem anos!

*E Sarra dará à luz aos noventa anos*¹⁰!

Abraão comprou então um campo, onde sepultou sua esposa. Foi então, segundo a narrativa de Estêvão, que ele se fixou nessa terra, porque aí começou a ser proprietário — certamente depois da morte de seu pai, que se calcula ter falecido dois anos antes.

¹⁰ *Si mihi annorum centum nascetur filius, et si Sarra annorum nonaginta pariet.*

Gén., XVII, 17.

CAPÍTULO XXXIII

Rebeca, neta de Nácór, a quem Isaac tomou por esposa.

Depois, Isaac tomou por esposa a Rebeca, neta de Nacor, seu tio paterno, quando tinha quarenta anos, ou seja, aos cento e quarenta anos de seu pai e três anos depois da morte de sua mãe. Quando, para a trazer, foi mandado um servo à Mesopotâmia, que quer significar isso que Abraão disse a esse servo:

*Põe a tua mão debaixo das minhas ilhargas e jura-me pelo Senhor Deus do Céu e da Terra que não escolherás para meu filho Isaac uma esposa de entre as filhas dos Cananeus*¹

— senão que o Senhor Deus do Céu e da Terra deveria vir em carne das ilhargas de Abraão? Serão acaso pequenos estes indícios da verdade cujo cumprimento vemos em Cristo?

¹ *Pone manum tuam sub femore meo, et adjurabo te Dominum Deum Caeli et Dominum terrae, ut non sumas uxorem filio meo Isaac a filiabus Chananaeorum.*

Gén., XXIV, 2-3.

CAPÍTULO XXXIV

Que se deve pensar do caso de Abraão ter casado com Cetura depois da morte de Sarra.

Que significa o caso de Abraão ter casado com Cetura depois da morte de Sarra? Longe de nós a suspeita de incontinência, principalmente naquela idade e em tal santidade de fé. Procuraria ainda gerar filhos quando já, tendo-lho Deus prometido, acreditava com uma fé inabalável num aumento de seus filhos, por Isaac, semelhante às estrelas do Céu e às areias da Terra? Com certeza que, se Agar e Ismael, na lição do Apóstolo, simbolizam os homens carnis da Antiga Aliança, porque é que Cetura e seus filhos não hão-de simbolizar os homens carnis que se julgam pertencer à Nova Aliança? Ambas são chamadas esposas e concubinas de Abraão, ao passo que Sarra nunca é alcunhada de concubina. Assim, quando Agar foi dada a Abraão, escreveu-se:

*Sara, a esposa de Abraão, tomou sua escrava, a egípcia Agar, dez anos depois de Abraão ter habitado a terra de Canaã, e deu-a por esposa ao seu próprio marido Abrão*¹.

Mas de Cetura, que ele tomou depois da morte de Sarra, lê-se:

*Abraão tomou ainda uma esposa cujo nome era Cetura*².

¹ *Et adprehendit Sara uxor Abram Agar Aegyptiam ancillam suam post decem annos, quam habitaverat Abram in Terra Chanaan, et dedit eam Abram viro suo ipsi uxorem.*

Gén., XVI, 3.

² *Adiciens autem Abraham sumpsit uxorem, cui nomen Cettura.*

Gén., XXV, 1.

Eis, pois, que ambas se dizem esposas; mas verifica-se que ambas foram concubinas, como a seguir o diz a Escritura:

*Abraão deu, pois, todos os seus bens a seu filho Isaac e fez doação aos filhos das suas concubinas e, ainda vivo, mandou-os para longe de seu filho Isaac para o Oriente, para as terras do Oriente*³.

Os filhos das concubinas recebem, pois, algumas dádivas, mas não chegam ao reino prometido; nem os hereges nem os judeus carnais, porque fora de Isaac ninguém é herdeiro, e *não são filhos de Deus os que são filhos da carne — mas são os filhos da promessa que são reputados como da descendência*⁴,

da qual se disse:

*Em Isaac é que terás descendência com o teu nome*⁵.

De facto, não compreendo porque é que Cetura, recebida depois da morte da esposa, se chamou concubina senão por causa deste mistério⁶.

Mas quem não quiser tomar estes acontecimentos neste significado, livre-se de caluniar Abraão. Pois não será a reputação antecipada de futuros hereges adversários das segundas núpcias o facto de o casamento deste pai das

³ *Dedit autem Abraham omnem censum suum Isaac filio suo, et filiis concubinarum suarum dedit Abraham donationes et dimisit eos ab Isaac filio suo adhuc se vivo ad orientem in terram orientis.*

Gén., XXV, 5.

⁴ *non qui filii carnis, hi filii Dei, sed filii promissionis deputantur in semine,*

Rom., IX, 8.

⁵ *In Isaac vocabitur tibi semen.*

Gén., XXI, 12.

⁶ Diz S. Jerónimo (in *Quaestionum hebraicarum in Genesim librum unum* — P. L. XXIII, 976) que os hebreus supõem que Cetura é Agar de nome mudado que, depois da morte de Sara, de concubina passou a esposa — «*Suspiciantur Hebraei, mutato nomine eamdem (Cethrum) esse Agar, quae, Sara mortua, de concubina transierit in uxorem.*»

Cf. Gén., XXV, 1.

nações, após a morte de sua esposa, nos ser apresentado como isento de pecado⁷?

Abraão morreu aos cento e setenta e cinco anos. Deixou, portanto, seu filho Isaac com setenta e cinco anos, pois gerara-o aos cem.

⁷ Santo Agostinho atinge várias heresias da época, principalmente a dos *montanistas* que condenavam as segundas núpcias, por Santo Agostinho tidas como lícitas. V. das suas obras, nomeadamente *De bono viduitatis*, e *Contra Adversarium legis et prophetarum* II, 10-37 (P. L. 42-661).

CAPÍTULO XXXV

Acerca dos dois gémeos ainda encerrados no seio da sua mãe Rebeca: sentido da resposta divina a este respeito.

Vejamos desde já como os tempos da Cidade de Deus vão prosseguindo entre os descendentes de Abraão. Desde o primeiro ano da vida de Isaac até ao sexagésimo, em que lhe nasceram os filhos, aconteceu algo de memorável. Tendo pedido a Deus que lhe desse filhos de sua esposa, que era estéril, e tendo-lhe o Senhor concedido o que pedia, concebeu ela e, ainda encerrados no seu seio, começaram os gémeos a mexer-se. Atormentada por este incómodo, interrogou ela o Senhor e recebeu esta resposta:

*Duas nações estão no teu seio; dois povos sairão separados do teu ventre: um povo triunfará do outro povo e o mais velho servirá o mais novo*¹.

O Apóstolo Paulo quer ver nisto um notável testemunho da graça, porque, ainda não eram nascidos, ainda nada tinham feito de bom ou de mau, sem nenhum mérito, o mais jovem é o escolhido e o mais velho reprovado. Sem dúvida que, quanto ao pecado original, ambos eram iguais; e quanto aos pecados próprios, ainda nenhum os tinha. Mas o plano desta obra não me permite por agora alongar-me mais sobre este assunto acerca do qual já muito disse noutras obras.

¹ *Duae gentes in utero tuo sunt et duo populi de ventre tuo separabuntur et populus populum superabit et major serviet minori.*

Gén., XXV, 23.

Quanto ao dito:

*O mais velho servirá o mais novo*²,

quase todos os nossos o compreendem no sentido de que o povo dos Judeus, o mais velho, será o servidor do mais novo, o povo cristão. Poderá certamente ver-se cumprido no povo dos Idumeus, que nasceu do mais velho que tinha dois nomes (chamava-se, de facto, Esaú e Edom: daí os Idumeus); povo que foi vencido por outro povo nascido do mais novo, isto é, o Israelita, e havia de lhe estar submetido. Todavia, é preferível julgar que a esta profecia, assim expressa:

*Um povo triunfará do outro povo e o mais velho servirá o mais novo*³,

tem uma significação superior. Que quererá isto dizer senão o que se vê evidentemente cumprido nos Judeus e nos Cristãos?

² *Major serviet minori.*

Gén., XXV, 23.

³ *Populus populum superabit et major serviet minori.*

Gén., XXV, 23.

CAPÍTULO XXXVI

Oráculo e bênção recebida por Isaac nos mesmos termos que seu pai Abraão em nome do qual Deus o amava.

Também Isaac recebeu o mesmo oráculo que seu pai algumas vezes tinha recebido. Desse oráculo se escreveu desta maneira:

Além da fome que antes surgira no tempo de Abraão, outra surgiu no país. Isaac foi ter com Abimelech, rei dos Felisteus em Gerara. Mas o Senhor, tendo-lhe aparecido, disse:

— *Não vás ao Egipto. Fixa-te na terra que eu te indicar e vive lá. Eu estarei contigo e abençoar-te-ei. Dar-te-ei a ti e à tua descendência toda esta terra. Cumprirei com o meu juramento que fiz a Abraão teu pai e multiplicarei a tua posteridade como as estrelas do Céu e darei toda esta terra à tua descendência e na tua descendência serão abençoados todos os povos da Terra, pois que Abraão teu pai ouviu a minha voz e guardou os meus preceitos, mandamentos, decisões e leis¹.*

¹ *Facta est autem fames super terram praeter famem, quae prius facta est in tempore Abrahæ. Abiit autem Isaac ad Abimelech regem Philistinorum in Gerara. Apparuit autem illi Dominus et dixit:*

— *Noli descendere in Aegyptum; habita autem in terra, quam tibi dixerò, et incola in terra hac; et ero tecum et benedicam te. Tibi enim et semini tuo dabo omnem terram hanc, et statuam juramentum meum, quod juravi Abrahæ patri tuo; et multiplicabo semen tuum tamquam stellas Caeli, et dabo semini tuo omnem terram hanc, et benedicentur in semine tuo omnes gentes terræ, pro eo quod obaudivit Abraham pater tuus vocem meam et custodivit præcepta mea et mandata mea et justificationes meas et legitima mea.*

Gén., XXVI, 1-5.

Este patriarca não teve outra esposa nem concubina alguma, mas contentou-se com a posteridade dos dois gémeos nascidos da mesma união. (Também ele recebeu o perigo resultante da beleza de sua mulher quando habitava entre estrangeiros. Como seu pai, chamou-lhe irmã, escondendo que era esposa. É que ela era sua parente, quer pelo lado paterno quer pelo lado materno. Mas também ela foi poupada pelos estrangeiros quando souberam que era sua mulher). Todavia, não o devemos preferir a seu pai só porque não teve outra mulher além da sua esposa. Não há a menor dúvida de que os méritos da fé e da obediência paternas eram de tal modo mais elevados — que foi por isso que Deus disse que lhe ia fazer o bem que fez, dizendo:

*Na tua descendência serão abençoados todos os povos da terra, pois que Abraão teu pai ouviu a minha voz e guardou os meus preceitos, mandamentos, decisões e leis*²; e de novo, noutro oráculo, diz:

*Não tenhas medo: eu sou o Deus de Abraão teu pai. Eu estou contigo, abençoei-te e multiplicarei a tua descendência por causa de Abraão teu pai*³,

para que compreendamos quão castamente procedeu Abraão naqueles casos que os impúdicos, procurando nas Sagradas Escrituras desculpas para a sua malícia, atribuem à paixão.

Daí que tenhamos também que saber comparar os homens entre si, não pelas boas acções em particular mas considerando em cada um o conjunto dessas acções. Pode, efectivamente, acontecer que alguém tenha na vida e nos costumes algo por que supere a outrem e seja isso muito mais notável do que aquilo por que é superado por

² *Benedicentur in semine tuo omnes gentes terrae, pro eo quod obaudivit Abraham pater tuus vocem meam et custodivit praecepta mea et mandata mea et justificationes meas et legitima mea.*

Gén., XXVI, 5.

³ *Ego sum Deus Abraham patris tui, noli timere; tecum enim sum et benedixi te et multiplicabo semen tuum propter Abraham patrem tuum.*

Gén., XXVI, 24.

outrem. Assim, conforme um juízo verdadeiro e são, a continência é preferível ao casamento; todavia, o crente casado vale mais que um descrente continente. E o descrente é não somente menos de louvar, mas é antes totalmente de detestar. Suponhamos dois homens bons: mesmo neste caso, é melhor o homem casado mas grande na fé e na obediência a Deus, do que o continente mas de menor fé e de menor obediência. Mas, se no resto são iguais — quem duvidará em antepor o continente ao casado?

CAPÍTULO XXXVII

Acerca dos que estão misticamente prefigurados em Esaú e em Jacob.

Os dois filhos de Isaac, Esaú e Jacob, iam igualmente crescendo. A primazia do mais velho passa para o mais novo devido ao acordo entre eles estipulado, segundo o qual o mais velho, imoderadamente desejoso das lentilhas que o mais novo preparou, por tal preço vendeu os seus direitos de primogénito ao irmão, com garantia de juramento. Por aqui ficamos a saber que, na comida, o condenável não está na qualidade do alimento mas na sua desmedida avidez.

Isaac envelheceu e, com a velhice, os seus olhos perdem a vista. Quis abençoar seu filho mais velho, mas, sem saber, em vez do mais velho, que era peludo, com a imposição das mãos paternas abençoa o mais novo, que se tinha tapado com a peluda pele de cabrito, como que se cobrindo com os pecados alheios. Para evitar que se julgasse a intenção de Jacob como um fraudulento subterfúgio, e se procurar nisso o símbolo dum grande acontecimento, a Escritura disse mais acima:

*Isaú era um homem hábil na caça e agreste, ao passo que Jacob era simples e vivia em casa*¹.

Alguns traduziram isto por «sem mancha». Mas quer se diga «sem mancha» ou «simples» ou antes «sem fingimento» — que em grego é ἄπλαστος — qual é, nesta bênção, a

¹ *Et erat Esau homo sciens venari, agrestis; Jacob autem homo simplex, habitans domum.*

Gén., XXV, 27.

mancha de um homem que não tem mancha, qual é a mancha de um homem simples, qual é o fingimento de um homem que não mente, — senão um profundo mistério da verdade? E a própria bênção em que consiste? Diz ele:

*O aroma do meu filho é como o aroma dum fértil campo abençoado pelo Senhor. Conceda-te Deus o orvalho do Céu e a fertilidade da terra e a abundância de trigo e de vinho. Sirvam-te as nações e adorem-te os príncipes. Torna-te o Senhor de teu irmão e os filhos de teu pai adorar-te-ão. É maldito o que te amaldiçoar e bendito o que te abençoar*².

A bênção de Jacob é, pois, a predição de Cristo em todos os povos. Isto se está cumprindo, isto se está realizando. Isaac é a Lei e os profetas. Pela própria boca dos Judeus, essa Lei abençoa Cristo sem o conhecer, pois ela própria é desconhecida. O mundo está cheio do aroma do nome de Cristo, como um campo; a sua bênção vem do orvalho do Céu, isto é, da chuva das palavras divinas; e da fertilidade da terra, isto é, da reunião dos povos; a abundância dos seus trigos e do seu vinho é a multidão que reúne o trigo e o vinho no sacramento do seu corpo e do seu sangue. A ele obedecem os povos, a ele adoram os príncipes. Ele é o Senhor de seu irmão, porque o seu povo domina os Judeus. É a ele que os filhos de seu pai adoram: os filhos de Abraão segundo a fé, porque ele próprio é filho de Abraão segundo a carne. É maldito quem o amaldiçoar e bendito quem o abençoar. Este nosso Cristo, digo eu, é bendito e proclamado, na realidade, pela boca dos próprios Judeus, que, embora errados, o proclamam na Lei e nos Profetas; julgam abençoar um outro que erradamente esperam.

² *Ecce odor filii mei tanquam odor agri pleni, quem benedixit Dominus. Et det tibi Deus de rore caeli et de ubertate terrae et multitudinem frumenti et vini, et serviant tibi gentes et adorent te principes et fieri dominus fratris tui et adorabunt te filii patris tui. Qui maledixerit te, maledictus est; et qui benedixerit te, benedictus.*

Gén., XXVII, 27-30.

Mas eis que, ao reclamar o mais velho a bênção prometida, Isaac fica espantado e reconhece que abençoou um pelo outro. Admirado, pergunta quem é o outro. Mas não se queixa de ter sido enganado. Pelo contrário: tendo subitamente, no íntimo do seu coração, a revelação de um grande mistério, evita a indignação e confirma a bênção. Diz ele:

*Quem é que então caçou e me trouxe caça e a comi toda antes que chegasses? Mas abençoei-o — pois abençoado seja*³.

Quem não esperaria aqui antes a maldição de um homem indignado, se isto tivesse acontecido, não por inspiração divina mas segundo os hábitos terrestres? Ó factos na realidade cumpridos mas profeticamente cumpridos — cumpridos na Terra, mas inspirados no Céu; realizados por homens, mas por um modo divino! Se se fossem a esquadri-nhar cada um destes factos, prenes de tão grandes mistérios — muitos volumes se completariam. Mas a necessidade de pôr a esta obra os limites que ela reclama, obriga-nos a passar rapidamente a outras questões.

³ *Quis ergo venatus est mihi venationem et intulit mihi, et manducavi ab omnibus, antequam tu venires? Et benedixi eum, et benedictus sit.*

Gén., XXVII, 33.

CAPÍTULO XXXVIII

Da missão de Jacob à Mesopotâmia para aí tomar esposa, da visão que ele teve no caminho, e das suas quatro esposas embora só procurasse uma.

Jacob foi mandado à Mesopotâmia por seus pais, para aí casar. Foram estas as palavras do pai ao mandá-lo:

Não tomarás por esposa uma filha dos Cananeus: Anda, vai à Mesopotâmia, a casa de Batuel, pai da tua mãe, e toma aí por esposa uma das filhas de Labão, irmão de tua mãe. Bendiga-te o meu Deus, te acrescente e te multiplique e tornar-te-ás o chefe de numerosas nações. Que Ele te dê a bênção de Abraão teu pai, a ti e depois de ti à tua descendência para que te tornes o herdeiro da terra em que habitas e que Deus deu a Abraão¹.

Já aqui vemos a descendência de Jacob separada de outra descendência de Isaac — a que se forma por Esaú. Quando, de facto, se diz:

Em Isaac é que terás descendência com o teu nome², descendência pertencente com certeza à Cidade de Deus, uma outra descendência de Abraão dela se separou — a

¹ *Non accipies uxorem ex filiabus Chananaeorum; surgens fuge in Mesopotamiam in domum Bathuel, patris matris tuae, et sume tibi inde uxorem de filiabus Laban, fratris matris tuae. Deus autem meus benedicat te et augeat te et multiplicet te; et eris in congregationes gentium; et det tibi benedictionem Abraham patris tui, tibi et semini tuo post te, ut heres fias terrae incolatus tui, quam dedit Deus Abraham.*

Gén., XXVIII, 1-4.

² *In Isaac vocabitur tibi semen.*

Gén., XXI, 12.

que vem do filho da escrava e também a dos filhos de Cetura. Mas ficava ainda a dúvida acerca dos dois gémeos de Isaac — aquela bênção pertencia aos dois ou só a um, e, se só a um, a qual? Tudo se esclarece agora, quando, ao abençoar profeticamente a Jacob, seu pai diz:

*E tornar-te-ás o chefe de numerosas nações. Que ele te dê a bênção de Abraão, teu pai*³.

A caminho da Mesopotâmia, Jacob recebeu um oráculo assim descrito:

Jacob abandonou o poço do juramento, partiu para Charra, parou num sítio e lá dormiu porque o sol já se tinha posto. Tomou uma das pedras do sítio, pô-la debaixo da cabeça, adormeceu nesse sítio e teve um sonho: eis uma escada apoiada sobre a terra cujo cimo tocava o Céu. Os anjos de Deus subiam e desciam por ela e o Senhor debruçava-se sobre ela e disse:

«Não tenhas medo: eu sou o Deus de Abraão teu pai e Deus de Isaac. A terra sobre a qual tu dormes, dar-ta-ei a ti e à tua descendência. E a tua descendência será como a areia da terra e estender-se-á para além do mar, para o África e o Aquilão e o Oriente. Em ti e na tua descendência serão benditas todas as tribos da terra. E eis que eu estou contigo guardando em todos os caminhos que trilhares e reconduzir-te-ei a esta terra, porque não te abandonarei até que cumpra tudo o que te disse.»

Jacob saiu do sono e disse:

«O Senhor está neste lugar e eu não o sabia.»

Têve medo e disse:

«Que terrível que é este lugar!

Ele não é senão a casa de Deus e a porta do Céu.»

E Jacob levantou-se, pegou na pedra que lá tinha posto debaixo da cabeça, pô-la de pé à maneira de monu-

³ *Et eris in congregationes gentium et det tibi benedictionem Abraham patris tui.*

Gén., XXVIII, 3-4.

mento, derramou azeite por cima dela — e Jacob deu àquele lugar o nome de «Casa de Deus»⁴.

Isto constitui uma profecia. Jacob não derramou azeite sobre a pedra à maneira da idolatria, como quem faz dela um deus. Nem adorou essa pedra nem lhe ofereceu um sacrifício. Mas, como o nome de Cristo vem de «Chrisma», que significa «unção», com certeza que está aqui figurada alguma coisa que se refere a um grande mistério.

Quanto a essa escada, vê-se que o próprio Salvador a evoca no Evangelho, ao dizer de Natanael:

*Eis um verdadeiro Israelita sem mancha*⁵,
porque tinha visto esta visão Israel (que é o próprio Jacob), acrescentou na mesma passagem:

*Na verdade vos asseguro: vereis o céu aberto e os anjos de Deus subindo e descendo sobre o filho do homem*⁶.

⁴ *Et exiit Jacob a puteo jurationis et profectus est in Charran et devenit in locum et dormivit ibi; occiderat enim sol; et sumpsit ex lapidibus loci et posuit ad caput suum et dormivit in loco illo et comniavit. Et ecce scala stabilita super terram, cujus caput pertingebat ad caelum; et angeli Dei ascendebant et descendebant per illam, et Dominus incumbebat super illam et dixit:*

— *«Ego sum Deus Abraham patris tui et Deus Isaac, noli timere; terram in qua tu dormis super eam, tibi dabo illam et semini tuo; et erit semen tuum sicut harena terrae, et dilatabitur supra mare et in Africum et in aquilonem et ad orientem; et benedicentur in te omnes tribus terrae et in semine tuo. Et ecce ego sum tecum, custodiens te in omni via quacumque ibis, et reducam te in terram hanc, quia non te derelinquam, donec faciam omnia, quae tecum locutus sum.»*

Et surrexit Jacob de somno suo et dixit:

— *«Quia est Dominus in loco hoc, ego autem nesciebam»,*

Et timuit et dixit:

— *«Quam terribilis locus hic! non est hoc nisi domus Dei et haec porta est Caeli.»*

Et surrexit Jacob et sumpsit lapidem, quem supposuit ibi sub caput suum, et statuit illum titulum et superfudit oleum in cacumen ejus; et vocavit Jacob nomen loci illius: domus Dei.

Gén., XXVIII, 10-19.

⁵ *Ecce vere Israelita, in quo dolus non est.*

João I, 47.

⁶ *Amen, amen, dico vobis, videbitis caelum apertum et angelos Dei ascendentes et descendentes super filium hominis.*

João I, 51.

Dirigiu-se, pois, Jacob para a Mesopotâmia, para lá tomar esposa. Mas aí, como no-lo refere a Sagrada Escritura, aconteceu-lhe ter quatro mulheres que lhe deram doze filhos e uma filha, embora nenhuma delas cobiçasse ilicitamente. Realmente, tinha vindo para receber apenas uma. Mas, como lhe substituíram uma por outra, tendo usado dela durante a noite sem o saber, não a devolveu para não parecer que dela mofou. Como, nesse tempo, nenhuma lei proibia que se tivessem várias mulheres com vista à multiplicação da posteridade, recebeu também aquela à qual já tinha dado a palavra de que seria ela a sua única esposa. Mas, como esta fosse estéril, deu a seu marido uma sua escrava, para dela própria ter filhos. O mesmo, imitando-a, fez também sua irmã mais velha, embora já tivesse dado à luz, porque pretendia multiplicar a sua prole. Não se lê que Jacob tenha pretendido mais que uma mulher nem que tenha usado de várias senão para cumprir o seu dever de gerar prole; ficava, porém, salvaguardado o direito conjugal de só o fazer se o solicitassem as suas esposas, que sobre o corpo do marido tinham um legítimo poder. Das quatro mulheres, gerou, pois, Jacob doze filhos e uma filha. Depois, entrou no Egipto por intermédio de seu filho José, que, vendido por seus invejosos irmãos, para lá foi levado e lá obteve as maiores honrarias.

CAPÍTULO XXXIX

Por que razão a Jacob se chamou também Israel.

Ora Jacob, como disse há pouco, também se chamava Israel — nome que o povo dele proveniente preferiu. Este nome foi-lhe posto pelo Anjo com quem lutara no caminho de regresso da Mesopotâmia: é ele, com toda a evidência, a figura de Cristo. Com efeito, a vitória de Jacob sobre o Anjo, vitória por este consentida para prefigurar um mistério, é o símbolo da paixão de Cristo em que, parece, sobre ele prevaleceram os Judeus. E, todavia, ao Anjo que vencera pediu ele uma bênção; e assim a imposição desse nome foi uma bênção. Israel significa «*o que vê a Deus*» — o que será no fim o prémio de todos os santos. Mas o mesmo Anjo tocou-o como que a vencedor, na região mais grossa da anca; e deste modo deixou-o coxo. Assim Jacob ficou ao mesmo tempo bendito e coxo — bendito naqueles do seu povo que acreditaram em Cristo, coxo naqueles que nele não creram. É que «a região mais grossa da anca» significa a multidão dos da sua estirpe, entre os quais há muitos de quem se profetizou:

*Andaram a coxear fora dos seus caminhos*¹.

¹ *Et claudicaverunt a semitis suis.*
Salmo XVII, 46.

CAPÍTULO XL

Como é que se conta ter Jacob entrado no Egipto com setenta e cinco pessoas, quando a maior parte das que são referidas só mais tarde foram geradas?

Conta-se que no Egipto entraram setenta e cinco homens juntamente com o próprio Jacob e com seus filhos. Neste número são mencionadas apenas duas mulheres, uma filha e uma neta. Vistas bem as coisas, não se mostra que tenha sido tão grande o número dos descendentes de Jacob no dia ou ano em que entraram no Egipto. Entre eles, referem-se até bisnetos de José, que não podiam existir então, pois nesse tempo tinha Jacob cento e trinta anos e seu filho José trinta e nove e sabe-se que José tinha trinta anos ou menos quando casou: como é que, no espaço de nove anos, poderia ter ele bisnetos de seus filhos havidos da mesma esposa? Por outro lado, os filhos de José, Efraim e Manassés, que Jacob foi encontrar ainda crianças de menos de nove anos quando entrou no Egipto, não podiam ter filhos. Como é que então são contados, entre os setenta e cinco que entraram no Egipto com Jacob, não apenas os seus filhos mas os seus netos? É aí referido, com efeito, Machir, filho de Manassés e neto de José, bem como Galaad, filho de Machir, neto de Manassés, bisneto de José. Também aí é referido um que Efraim, outro filho de José, gerou, ou seja Utalaam, neto de José, e ainda Edem, neto de Efraim e bisneto de José. Nenhum destes podia existir quando Jacob veio para o Egipto e lá encontrou os dois filhos de José — netos dele e avós daqueles — «ainda crianças com menos de nove anos». Todavia, a entrada de Jacob

no Egipto, quando a Escritura o menciona entre setenta e cinco pessoas, não corresponde nem a um dia nem a um ano, mas a todo o tempo durante o qual viveu José, por causa de quem todos lá puderam entrar. Efectivamente, a mencionada Escritura fala assim do próprio José:

*E José habitou no Egipto, ele, seus irmãos e toda a família de seu pai. Viveu cento e dez anos e viu os filhos de Efraim até à terceira geração*¹.

Este é seu bisneto, o terceiro a partir de Efraim; chama-lhe terceira geração contando o filho, o neto e o bisneto. E continua:

*E os filhos de Machir, filhos de Manassés, nasceram sobre os joelhos de José*².

Este é aquele neto de Manassés, bisneto de José. Segundo o seu costume, a Escritura fala no plural, como quando diz as «filhas» referindo-se à única filha de Jacob; como é uso na língua latina falar de filhos no plural mesmo que não sejam mais que um.

Quando, portanto, se proclama a felicidade de José porque pôde ver os seus bisnetos, não se deve julgar que eles já viviam aos trinta e nove anos de seu bisavô José quando para junto dele, no Egipto, veio seu pai Jacob. O que leva a que se caia em erro é o facto de se tomar em pouca consideração o que está escrito:

*São estes os nomes dos filhos de Israel que entraram no Egipto com Jacob seu pai*³.

¹ *Et habitavit Joseph in Aegypto, ipse et fratres ejus et omnis cohabitatio patris ejus, et vixit annos centum decem, et vidit Joseph Ephraem filios usque in tertiam generationem.*

Gén., I, 22-23.

² *Et filii Machir, filii Manasse, nati sunt supra femora Joseph.*

Gén., I, 23.

³ *Haec autem nomina filiorum Israel, qui intraverunt in Aegyptum simul cum Jacob patre suo.*

Gén., XLVI, 8.

Quer isto dizer que com ele se contam setenta e cinco pessoas — não porque todas existissem já quando ele próprio entrou no Egipto, mas, como disse, porque a sua entrada é contada como sendo todo o tempo que viveu José, por causa de quem a entrada se verificou.

CAPÍTULO XLI

Bênção prometida por Jacob a seu filho Judá.

Portanto, se, atendendo ao povo cristão em quem a Cidade de Deus vive como peregrina na Terra, procuramos a humanidade de Cristo na descendência de Abraão, depois de afastados os filhos das concubinas, quem nos surge é Isaac; se a procuramos na descendência de Isaac, depois de afastado Esaú, que é o mesmo que Edom, quem nos surge é Jacob, ou seja Israel; se a procuramos na descendência de Israel, depois de afastados todos os outros filhos, quem nos surge é Judá — pois é da tribo de Judá que Cristo descende. Por tal razão ouçamos como Israel, quando estava para morrer no Egito, disse profeticamente a Judá, ao abençoar os seus filhos:

Judá, os teus irmãos te louvarão. As tuas mãos pesarão sobre as costas dos teus inimigos. Os filhos de teu pai adorar-te-ão. Judá, um leão novo. Levantaste-te do renovo, meu filho. Deitaste-te e adormeceste como um leão, como um leãozito: quem o acordará? Um príncipe não faltará a Judá, nem um chefe à sua raça até que se cumpra o que lhe está reservado. Ele próprio é a expectativa das nações. Prenderá à sua vinha o seu burro e à sua tenda a cria da sua burra. Lavará seu vestido no vinho e seu manto no sangue da uva. Seus olhos são fulvos do vinho e seus dentes mais brancos do que o leite¹.

¹ *Juda, te laudabunt fratres tui. Manus tuae super dorsum inimicorum tuorum; adorabunt te filii patris tui. Catulus leonis Juda; ex geminatione, filii mi, ascendisti; recumbens dormisti ut leo et ut catulus leonis; quis suscitabit eum?*

Expus estes pontos no meu tratado contra o maniqueu Fausto e creio ter dito o bastante acerca da verdade tão clara desta profecia. A morte de Cristo está aí anunciada com a palavra «dormição» (*dormitio*), e pela palavra «leão» é indicado o poder (que não a necessidade) sobre a morte. Ele próprio proclama esse poder dizendo no Evangelho:

*Tenho o poder de deixar minha alma e tenho o poder de a retomar. Ninguém ma pode tirar; mas eu é que posso deixá-la e retomá-la*².

Assim rugiu o leão, assim cumpriu o que disse. Pois a este poder se refere o que se acrescentou acerca da ressurreição:

*Quem o acordará?*³,

isto é, ninguém senão ele mesmo, que do seu corpo disse também:

*Destruí este templo e em dois dias o restaurarei*⁴.

Até o género de morte, isto é, a «elevação» na cruz, está compreendida nesta única palavra que diz:

*Levantaste-te*⁵.

O acrescentamento:

*Deitaste-te e adormeceste*⁶,

Non deficiet princeps ex Juda et dux de femoribus ejus, donec veniant quae repocitata sunt ei; et ipse expectatio gentium; alligans ad vitem pullum suum et cilicio pullum asinae suae lavabit in vino stolam suam et in sanguine uvae amictum suum. Fulvi oculi ejus a vino et dentes candidiores lacte.

Gên., XLIX, 8-12.

² *Potestatem habeo ponendi animam meam et potestatem habeo iterum sumendi eam. Nemo eam tollit a me; sed ego eam pono a me, et iterum sumo eam.*

João X, 18-17.

³ *Quis suscitabit eum?*

Cf. supra, nota 1.

⁴ *Solvite templum hoc, et in triduo resuscitabo illud.*

João II, 19.

⁵ *Ascendisti.*

Cf. supra nota 1.

⁶ *Recumbens dormisti.*

Cf. supra nota 1.

explica-o o evangelista ao dizer:

*E tendo inclinado a cabeça, entregou o espírito*⁷,
— ou pelo menos reconhece-se aí a sepultura onde se deitou para dormir e donde ninguém o fez levantar, como o fizeram para alguns profetas e ele próprio para outros, mas donde se levantou ele próprio como que dum sono. E a sua veste — que ele lava no vinho, isto é, que ele purifica dos pecados no seu sangue, sangue de que os baptizados conhecem o Sacramento, — é por isso que acrescenta:

*E o seu manto no sangue da uva*⁸,
que significa essa veste senão a Igreja?

*E os seus olhos são fulvos do vinho*⁹ —
refere-se aos seus homens espirituais, embriagados pela sua bebida, que o Salmo canta:

*E a tua taça inebriante, como ela é esplêndida!*¹⁰
e as palavras:

*Seus dentes mais brancos do que o leite*¹¹ —
significam as palavras de alimento que bebem do Apóstolo os pequeninos que ainda não são capazes de alimento sólido. Era, pois, nele que estavam postas as promessas de Judá, até cujo cumprimento nunca faltaram príncipes, isto é, reis de Israel, nessa estirpe.

*Ele próprio é a expectativa das nações*¹².
Sobre este ponto é mais claro o que estamos a ver do que o que poderemos expor.

⁷ *Et inclinato capite, tradidit spiritum.*

João XIX, 30.

⁸ *Et in sanguine uvae amictum suum.*

Cf. supra nota 1.

⁹ *Et fulvi oculi ejus a vino.*

Cf. supra nota 1.

¹⁰ *Et calix tuus inebrians quam praeclarus est!*

Salmo XXII, 5.

¹¹ *Et dentes ejus candidiores lacte.*

Cf. supra nota 1.

¹² *Et ipse expectatio gentium.*

Cf. supra nota 1.

CAPÍTULO XLII

Dos filhos de José que Jacob abençoa com uma troca profética na posição das suas mãos.

Assim, pois, os dois filhos de Isaac, Esaú e Jacob, foram a imagem de dois povos — os Judeus e os Cristãos — (embora, no que se refere a filiação carnal, nem os Judeus procedam de Esaú — mas os Idumeus —, nem os povos cristãos procedam de Jacob, mas sim os Judeus; o que vale aqui é a figura contida na frase «O mais velho servirá o mais jovem» (Gén., XXV, 23). Também assim aconteceu com os dois filhos de José: pois o mais velho representou os Judeus e o mais jovem os Cristãos. Quando Jacob os abençoou pondo a sua mão direita sobre o mais novo, que tinha à esquerda, e a sua esquerda sobre o mais velho, que tinha à direita — isso pareceu desagradável ao pai deles e disso advertiu o pai (Jacob) como que para corrigir o seu erro e para lhe indicar qual deles era o mais velho. Mas ele não quis mudar as mãos e disse:

*Eu sei, filho, eu sei. Este será o chefe dum povo e será exaltado. Mas o seu irmão mais novo será maior que ele e a sua posteridade tornar-se-á numa multidão de nações*¹.

Ainda aqui se mostram aquelas duas promessas. Com efeito, aquele *in populum* (chefe de um povo) e este *in multitudinem*

¹ *Scio, fili, scio. Et hic erit in populum, et hic exaltabitur; sed frater ejus junior major illo erit, et semen ejus erit in multitudinem gentium.*

Gén., XLVIII, 19.

gentium (uma multidão de nações) — que é que há de mais evidente do que nestas duas promessas estarem contidos, na descendência de Abraão, o povo dos Israelitas e todo o mundo — aquele segundo a carne e este segundo a fé?

CAPÍTULO XLIII

Época de Moisés, de Jesus Navé (Josué), dos Juízes; depois, a dos Reis, de que Saúl é o primeiro e David o mais importante pelo seu mérito e pelo seu significado.

Depois da morte de Jacob, depois também da morte de José, cresceu de forma incrível aquele povo durante os cento e quarenta e quatro anos restantes, até sair da terra do Egipto, apesar de enfraquecido por perseguições tão grandes que, em determinada época, eram mortos os recém-nascidos do género masculino, tanto o crescimento extraordinário deste povo surpreendia e aterrorizava os Egípcios. Foi então que Moisés, furtivamente subtraído aos executores das crianças, porque Deus preparava grandes acontecimentos por seu intermédio, chegou ao palácio real e foi alimentado e adoptado pela filha do Faraó (nome que era no Egipto o de todos os reis), tornou-se num tão grande personagem que arrancou esse povo, tão maravilhosamente multiplicado, do jugo da servidão, o mais duro e o mais pesado que lá se suportava — ou antes: Deus cumpriu, por seu intermédio, o que tinha prometido a Abraão. Com efeito, começou por fugir dali porque, ao defender um israelita, matara um egípcio e ficou aterrorizado; depois, enviado por Deus, pelo poder do espírito de Deus venceu os magos do Faraó, que se lhe opunham. Foi então que, por seu intermédio, os Egípcios foram atingidos por dez memoráveis pragas, porque se recusavam a deixar partir o povo de Deus: a água transformada em sangue, as rãs, os mosquitos, os escaravelhos, a morte dos gados, as úlceras, o granizo, os gafanhotos, as trevas, a morte dos primogénitos.

Por fim, quebrados por tantas e tão grandes pragas, os Egípcios acabaram por deixar partir os Israelitas e ficaram sepultados no Mar Vermelho quando os perseguiram. O mar separou-se, abrindo caminho aos que partiam — mas a água, voltando sobre si mesma, submergiu os que os perseguiram.

A seguir, o povo de Deus passou quarenta anos no deserto sob a condução de Moisés e instituiu-se então «*o tabernáculo do testemunho*», onde se prestava culto a Deus com os sacrifícios que figuravam os futuros. A lei já tinha sido promulgada na montanha, de maneira terrífica. A divindade manifestava-se abertamente por sinais e vozes admiráveis. Isto aconteceu pouco depois da saída do Egito, quando o povo começou a viver no deserto, cinquenta dias depois de ter celebrado a Páscoa pela imolação do cordeiro. Este é a imagem de Cristo, prefigurando a sua passagem deste mundo para o Pai pelo sacrifício da Paixão, (pois páscoa significa, em hebreu, «*passagem*»); e de tal maneira o prefigura que, quando se revela a Nova Aliança, depois de ser imolado Cristo, nossa Páscoa, cinquenta dias depois vem do Céu o Espírito Santo, que no Evangelho recebe o nome de «*dedo de Deus*», para reter na nossa memória a lembrança do facto antigo prefigurativo, porque também as ditas tábuas da lei foram escritas, segundo se refere, pelo dedo de Deus.

Depois da morte de Moisés, Jesus Navé (Josué) governou o povo, introduziu-o na terra da promessa e partilhou-a pelo povo. Por estes dois admiráveis chefes foram também maravilhosamente conduzidas guerras com grande sucesso, mas Deus proclamou que as suas vitórias eram devidas menos aos méritos do povo hebreu do que aos pecados dos povos vencidos.

Depois destes chefes, vieram os Juízes, quando o povo já estava instalado na Terra da Promissão. Começava a cumprir-se a primeira promessa a Abraão — a de um só povo, isto é, o hebreu, e da terra de Canaã; mas não era ainda a (promessa) de todos os povos e de toda a terra. Esta só a

cumpriria a vinda de Cristo em carne, e não pela observância da Lei Antiga mas pela fé do Evangelho, como símbolo. Não foi precisamente Moisés, embora tenha recebido na Montanha do Sinai a Lei do povo, quem introduziu o povo na terra da promessa — mas sim «Jesus» a quem, por ordem de Deus, foi posto este nome¹.

Nos tempos dos juizes, conforme prevaleciam os pecados do povo ou a misericórdia de Deus, também nas guerras se alternavam os sucessos e os insucessos.

Chega-se depois aos tempos dos reis, o primeiro dos quais foi Saul. Por ter sido reprovado e morto numa batalha desastrosa e rejeitada a sua descendência, donde não mais proviriam reis, sucedeu-lhe no reino David. Foi sobretudo deste que Cristo se chamou filho.

Nele surgiu uma nova época e como que o começo da juventude do povo de Deus, cuja adolescência, de certo modo, se estendeu desde Abraão até este David. Não foi sem razão que o evangelista Mateus assinalou as gerações pondo em relevo este intervalo em catorze gerações, desde Abraão até David. Efectivamente, o homem começa a poder procriar a partir da adolescência; por isso é que começam as gerações desde Abraão, que foi precisamente constituído pai dos povos quando se lhe mudou o nome. Portanto, antes dele, de Noé até Abraão, foi como que a *puerícia* (*pueritia*) do povo de Deus. É por isso que ele ficou então de posse da sua língua, isto é, do hebraico. É de facto a partir da *puerícia* que o homem começa a falar, depois da infância durante a qual, como o nome o indica², não pode falar. Esta primeira idade

¹ Parece que Josué (Jesus Navé) se chamou primeiramente Oseias (talvez abreviatura de Josué) e só passou a chamar-se Josué quando Moisés lhe mudou assim o nome ao tomá-lo por auxiliar. In número XIII, 16, diz-se que «Moisés deu a Oseias, filho de Nun, o nome de Josué».

² Sempre dado às questões etimológicas, S. Agostinho lembra neste passo que *infância*, *infante*, vem do verbo *fari* que se traduz por dizer ou falar. Assim *in-fans* (*infante*) é o que não fala.

é sorvida pelo esquecimento, tal qual como a primeira idade do género humano foi destruída pelo dilúvio. Quem é, na verdade, que se lembra da sua infância?

Por isso, neste desenvolvimento da Cidade de Deus, como o livro anterior compreende apenas a primeira idade, assim este compreende a segunda e a terceira. Nesta terceira, na novilha, na cabra e no carneiro, todos de três anos, impõe-se o jugo da lei e apareceu a multidão dos pecados e teve início o reino terrestre, onde não faltaram homens espirituais figurados misticamente na rola e na pomba.

LIVRO XVII

Nele se trata do desenvolvimento da Cidade de Deus no tempo dos Reis e dos Profetas desde Samuel e David até Cristo, e se expõem os vaticínios desses tempos acerca de Cristo e da Igreja, consignados nas Sagradas Escrituras dos Reis, dos Salmos e de Salomão.

CAPÍTULO I

O Tempo dos Profetas.

Como se cumpriram as promessas de Deus a Abraão, a cuja posteridade, conforme Deus anunciou, sabemos que pertencem não só o Povo Israelita segundo a carne mas também todos os povos segundo a fê, — é o que indicará o desenvolvimento da Cidade de Deus no decurso dos tempos. Como o livro precedente chegou até ao reinado de David, vamos agora tratar dos acontecimentos que se seguem a partir desse reinado na medida em que isso nos parecer conveniente à obra em mãos.

Ora o tempo decorrido desde que o Santo Samuel começou a profetizar, continuando depois até ao tempo em que Israel foi levado cativo para Babilónia e, segundo a profecia do Santo Jeremias, desde o regresso dos Israelitas, decorridos setenta anos até à reconstrução da casa de Deus — todo ele é o *tempo dos profetas*. Mas também podemos chamar profetas ao patriarca Noé, em cujos dias toda a terra foi destruída pelo dilúvio, e a outros anteriores e posteriores a ele até ao tempo em que o povo de Deus começou a ter reis: é que, de certo modo, todos estes predisseram ou prefiguraram factos pertinentes à Cidade de Deus e ao reino dos Céus. Com toda a propriedade podemos chamar-lhes profetas, tanto mais que, segundo lemos, a alguns deles, tais como Abraão e Moisés, expressamente esse nome se lhes dá. Todavia, chamam-se mais clara e precisamente *dias dos profetas* aos que decorrem desde que começou a profetizar Samuel, que, por ordem de Deus, ungiu como rei, primeiro a Saul e, depois da reprovação deste, a David, de cuja estirpe nasceriam os demais enquanto fosse conveniente.

Se, portanto, se pretendesse rememorar tudo o que foi predito pelos profetas acerca de Cristo durante esses tempos percorridos pela Cidade de Deus com os seus membros que iam desaparecendo com a morte ou iam aparecendo com o nascimento, — seria um nunca mais acabar:

primeiro, porque a Escritura, parecendo embora que não se preocupa senão das exigências da história expondo a sucessão dos reis, dos seus factos e gestas, se for estudada mais cuidadosamente com a ajuda do espírito de Deus, encontramos-la tão atenta, se não mais, a predizer o futuro como a contar o passado (a perscrutar tudo isso e a expô-lo em tratado, quem não vê, por pouco que reflecta, quanto tempo e quanto trabalho e quantos volumes seriam precisos);

depois, porque as passagens que, sem dúvida, constituem profecias acerca de Cristo e do Reino dos Céus, que é a Cidade de Deus, são tão numerosas que a sua explicação muito aprofundada ultrapassaria as medidas desta obra. Por conseguinte, se puder, porei entraves à minha pena de maneira a que, prosseguindo neste trabalho, conforme Deus quiser, nem diga o que é a mais nem omita o que é preciso.

CAPÍTULO II

Em que época foi cumprida a promessa de Deus acerca da Terra de Canaã que Israel, segundo a carne, recebeu em partilha.

Dissemos no livro precedente que, desde o princípio, foram prometidas a Abraão duas coisas:

uma — que a sua descendência havia de possuir a Terra de Canaã, o que se quis significar quando se escreve:

*Vai para a terra que te mostrarei, e farei de ti um grande povo*¹;

outra — muito mais importante, respeitante não já à sua descendência carnal mas à espiritual, pela qual ele é o pai, não já só do Povo Israelita mas de todos os povos que seguem as suas pisadas na fé. Esta promessa começou por estas palavras:

*E em ti serão benditas todas as tribos da Terra*².

Mostrámos de seguida, com muitos testemunhos, que foram ratificadas as duas promessas.

Estava já na Terra da Promissão a descendência de Abraão, isto é, o povo de Israel segundo a carne, e já tinha começado a governar ali, com a instituição de reis e a posse e domínio das cidades dos adversários; já se tinham em grande parte realizado as promessas de Deus a este povo: as dirigidas aos três patriarcas Abraão, Isaac, Jacob e outros

¹ *Vadem in terram, quam tibi demonstravero, et faciam te in gentem magnam.*

Gén., XII, 1.

² *Et benedicentur in te omnes tribus terrae.*

Gén., XII, 3.

dos tempos deles; e também as feitas a Moisés, que libertou este povo da servidão do Egipto e por intermédio do qual, nos tempos em que conduziu o povo pelo deserto, se realizaram todas as coisas passadas. O insigne chefe Jesus Navé (Josué), introduziu aquele povo na Terra da Promissão e, depois de ter vencido os respectivos povos, antes de morrer partilhou-a pelas doze tribos, conforme Deus tinha ordenado; mas nem por seu intermédio, nem, depois dele, durante todo o período dos Juizes, foi realizada a promessa de Deus acerca da Terra de Canaã desde um certo rio do Egipto até ao grande rio Eufrates. Já se não profetizava a questão como futura, mas esperava-se o seu cumprimento. Mas cumpriu-se por intermédio de David e de seu filho Salomão, cujo reino se estendeu no espaço tanto quanto tinha sido prometido. Efectivamente, submetteram todos aqueles povos e tornaram-nos seus tributários.

Sob estes reis, a descendência de Abraão estabeleceu-se pois na Terra da Promessa segundo a carne, na Terra de Canaã; e de tal modo que só uma coisa faltava no cumprimento da promessa terrestre de Deus: o povo de Deus devia permanecer na mesma terra, no que respeita à prosperidade temporal, em situação estável através da sua posteridade até ao termo deste século mortal, mas sob a condição de obedecer às leis do Senhor seu Deus. Mas, como Deus sabia que essa condição não seria cumprida, serviu-se também de penas temporais para provar aos poucos fiéis que tinha e para lembrar aos que, posteriormente, se lhe manteriam fiéis entre os outros povos, porque é que convinha fossem admoestados aqueles em quem, mediante a encarnação de Cristo e depois de revelada a Nova Aliança, a outra promessa viria a ser cumprida.

CAPÍTULO III

Dos três sentidos das profecias, que se referem, ora à Jerusalém terrestre, ora à celeste, ora a uma e outra.

Assim, pois, os oráculos divinos feitos a Abraão, Isaac e Jacob e todos os outros sinais ou palavras proféticas referidas na parte precedente das Sagradas Escrituras, bem como as outras profecias desde esse tempo dos Reis, dizem respeito, em parte, à descendência carnal de Abraão, em parte àquela descendência em que são benditos todos os povos co-herdeiros de Cristo pela nova aliança para possuírem a vida eterna e o Reino dos Céus. Dizem, portanto, respeito — em parte à serva que gera na servidão, isto é, à Jerusalém terrestre, que, com seus filhos, é escrava; e, em parte, à livre Cidade de Deus, isto é, à verdadeira e eterna Jerusalém do Céu, cujos filhos, os homens que vivem em conformidade com Deus, peregrinam na Terra. Mas há também nessas profecias alguma coisa que a ambas se refere: à escrava, no sentido próprio, e à livre, no sentido figurado.

Há, pois, três gêneros de profecias: as que respeitam à Jerusalém terrestre, as que respeitam à Jersusalém Celeste e as que respeitam a uma e outra. Reparo que o que afirmo deve ser provado com exemplos. O profeta Natã foi enviado a David para exprobar um pecado grave e lhe predizer os males que dele lhe iriam resultar. Quem é que duvida de que respeitam à cidade terrestre estas e outras semelhantes profecias, quer sejam públicas, isto é, para a salvação ou a utilidade do povo, quer sejam privadas (por exemplo, se um qualquer, no interesse dos seus negócios temporais, é contemplado com uma palavra do Senhor que lhe revela o futuro)?

Mas onde se lê:

Eis que chegam os dias, diz o Senhor, e Eu concluirei uma Aliança Nova com a casa de Israel e a casa de Judá, não como a aliança que contrái com os seus pais no dia em que os tomei pela mão para os fazer sair do Egipto, porque eles não perseveraram na minha aliança, e Eu abandonei-os, diz o Senhor. Porque esta é a aliança que estabelecerei com a casa de Israel depois destes dias, diz o Senhor, metendo as minhas leis na mente deles e escrevendo-as nos seus corações, e Eu os verei, e serei o seu Deus e eles serão o meu povo¹.

Certamente que se alude à Jerusalém Celeste, cuja recompensa é o próprio Deus e cujo supremo e completo bem consiste em tê-lo a Ele e em a Ele pertencer. Mas a uma e outra se refere o facto de Jerusalém ser chamada Cidade de Deus e o facto de se profetizar nela a futura casa de Deus — profecia que parece ter sido cumprida quando o rei Salomão construiu o celebérrimo templo. De facto, estas coisas aconteceram historicamente na Jerusalém terrestre — mas foram também figuras da Jersualém Celeste.

Este género de profecia, que está como que formado e misturado com os outros dois, tem grande importância nos antigos livros canónicos, nos quais estão contidas as narrativas dos acontecimentos passados que têm estimulado e continuam a estimular o génio dos que perscrutam as Sagradas Escrituras, para descobrirem como é que os factos históricos, anunciados e cumpridos na descendência de Abraão segundo a carne, podem ter um significado alegórico que se há-de realizar na descendência do mesmo Abraão segundo a fé; — e isto até um ponto tal que, na opinião de

¹ *Ecce dies veniunt, dicit dominus, et consummabo domui Israel et domui Juda testamentum novum, non secundum testamentum, quod disposui patribus eorum in die, qua adprehendi manum eorum, ut educerem eos de terra Aegypti, quoniam ipsi non permanserunt in testamento meo, et ego neglexi eos, dicit Dominus. Quia hoc est testamentum, quod constituam domui Israel post dies illos, dicit Dominus, dando leges meas in mentem eorum et super corda eorum scribam eas, et videbo eos, et ero illis in Deum, et ipsi erunt mihi in plebem.*

Jeremias, XXXI, 31-33. Cf. Heb., VIII, 8-10.

muitos, nada existe nesses livros, — acontecimentos preditos e realizados ou realizados sem terem sido preditos —, que não insinue, em sentido figurado, alguma coisa que se relaciona com a Cidade de Deus e com seus filhos peregrinos nesta vida. Mas, sendo assim, os oráculos dos profetas, ou melhor, de todas as Escrituras contidas no chamado Velho Testamento, já não são de três mas de dois géneros. Nele, nada haverá que se referia unicamente à Jerusalém terrestre se, tudo quanto dela ou por causa dela se diz ou se realiza em tais livros, significa alguma coisa que também se refere, de forma alegórica, à Jerusalém Celeste; haverá apenas dois géneros — um relativo à Jerusalém livre e o outro a ambas. Quanto a mim, parece-me que tão gravemente se enganam os que pensam que os factos contados neste género de escritos nada mais significam do que a maneira como eles se passaram — como são muito ousados os que pretendem que tudo, absolutamente tudo, é lá envolvido de sentido alegórico. Há, portanto, como disse, três géneros e não dois. É o que eu entendo; mas não condeno os que são capazes de separar de qualquer facto histórico um sentido espiritual, contanto que se salvasse a verdade histórica. Quanto ao mais, se se fazem afirmações que se não podem referir a qualquer facto, humano ou divino, realizado ou a realizar — que crente poderá admitir que elas foram proferidas em vão? Quem é que, se puder, não lhes atribuirá um sentido espiritual ou não admitirá que o procure quem for capaz?

CAPÍTULO IV

Transformação prefigurada da Realeza e do Sacerdócio de Israel. As profecias de Ana, mãe de Samuel, que era uma figura da Igreja.

O desenvolvimento da Cidade de Deus durante o tempo dos reis, — quando David, devido à rejeição de Saul, foi o primeiro a reinar e de tal maneira que os seus sucessores reinaram depois em prolongada sucessão sobre a Jerusalém terrestre —, apresenta-nos um símbolo, ao significar e anunciar com os seus feitos (coisa que se não deve passar em silêncio) uma mudança do futuro que pertence às duas Alianças, a Velha e a Nova: a transformação do Sacerdócio em reinado, por intermédio daquele que é, ao mesmo tempo, sacerdote e rei novo e sempiterno, Jesus Cristo. Efectivamente, reprovado o Sacerdócio de Heli, substituiu-o, no ministério de Deus, Samuel, que desempenhou ao mesmo tempo as funções de sacerdote e de juiz; e também depois da reprovação de Saul, foi David estabelecido na realeza: os dois são figuras do que estou dizendo.

Também Ana, mãe de Samuel, que a princípio foi estéril e se alegrou com a fecundidade posterior, não parece que tenha profetizado outra coisa ao expandir, cheia de alegria, o seu reconhecimento ao Senhor, quando consagrou a Deus o menino depois da lactação, com a mesma piedade com que o tinha pedido. Eis o que ela diz:

Meu coração se robustece no Senhor e o meu poder se exalta no meu Deus. A minha boca abriu-se contra os meus inimigos, alegra-me a tua saudação. Porque não há Santo como o Senhor, não há justo como o nosso Deus. Não há

Santo além de Ti. Não vos glorifiqueis nem pronuncieis palavras altivas, nem da vossa boca saia a arrogância. Porque o Senhor é o Deus das ciências, o Deus que prepara os seus próprios desígnios. Tornou-se frouxo o arco dos poderosos e os débeis cingiram-se de força. Foram apoucados os fartos de pão e os esfomeados transpuseram a Terra. Porque a estéril sete vezes deu à luz e a que se multiplicou em filhos ficou enferma. O Senhor dá a morte e concede a vida, conduz ao abismo e de lá nos retira. O Senhor faz pobres e enriquece, humilha e exalta. Levanta da terra o pobre e tira o indigente da estrumeira, para os fazer sentar ao lado dos poderosos do povo e lhes dar em herança um trono de glória. Ao que faz um voto dá o voto e abençoa os anos do justo, porque não é por sua própria força que o homem é forte. O Senhor tornará débil o seu inimigo — Ele que é Santo. Não se glorifique o prudente da sua prudência nem o poderoso do seu poder, nem o rico da sua riqueza; mas o que se glorifica ponha a sua glória em conhecer e compreender o Senhor e em julgar e fazer justiça no meio da Terra. O Senhor subiu aos Céus e tropeja, Ele mesmo é quem julgará os extremos da Terra, porque é justo; dá força aos nossos reis e exaltará o poder do seu Ungido (Cristo)¹.

¹ *Confirmatum est cor meum in Domino, exaltatum est cornum meum in Deo meo. Dilatum est super inimicos meos os meum, laetata sum in salutari tuo. Quoniam non est sanctus sicut Dominus, et non est justus sicut Deus noster; non est sanctus praeter te. Nolite gloriari et nolite loqui excelsa, neque procedat magniloquium de ore vestro. Quoniam Deus scientiarum Dominus, et Deus praeparans ad inventiones suas. Arcum potentium fecit infirmum, et infirmes praecincti sunt virtutem; pleni panibus minorati sunt, et esurientes transierunt terram. Quia sterilis peperit septem, et multa in filiis infirmata est. Dominus mortificat et vivificat, deducit ad inferos et reducit. Dominus pauperes facit et ditat, humiliat et exaltat. Suscitavit a terra pauperem et de stercore erigit inopem, ut collocet eum cum potentibus populi, et sedem gloriae hereditatem dans eis; dans votum voventi, et benedixit annos justis, quoniam non in virtute potens est vir. Dominus infirmum faciet adversarium suum, Dominus sanctus. Non gloriatur prudens in prudentia sua, et non gloriatur potens in potentia sua, et non gloriatur dives in divitiis suis; sed in hoc gloriatur, qui gloriatur, intellegere et scire Dominum et facere iudicium et justitiam in medio terrae. Dominus ascendit in*

Serão porventura estas as palavras duma mulherzinha que rejubila por lhe ter nascido um filho? Estará a mente dos homens tão afastada da luz da verdade que não compreenda que estas efusivas palavras ultrapassam a capacidade de uma mulher²?

Mas quem se sente justamente comovido com os factos cujo cumprimento começou já nesta peregrinação pela Terra, — não compreenderá, não verá, não reconhecerá nesta mulher (cujo nome de Ana significa *Graça*) a própria religião cristã, a própria Cidade de Deus, de que Cristo é o fundador e rei, enfim, a própria graça de que os orgulhosos se desviam para caírem e de que os humildes se enchem para se elevarem, ela de que fala sobretudo, sob a inspiração do Espírito profético, este tão eloquente cântico? A não ser que se diga que esta mulher nada profetizou e apenas, exultando de alegria, louvou a Deus por causa do filho às suas preces concedido. Mas então que significam as palavras:

*Tornou-se frouxo o arco dos poderosos e os débeis cingiram-se de força. Foram apoucados os fartos de pão e os esfomeados transpuseram a Terra. Porque a estéril sete vezes deu à luz e a que se multiplicou em filhos ficou enferma*³.

Acaso tinha ela dado à luz sete vezes apesar de ser estéril? Quando proferia estas palavras, tinha ela apenas um filho; e posteriormente não deu à luz sete ou seis, dos quais Samuel seria o sétimo, mas sim três filhos e duas filhas.

caelos et tonuit; ipse judicabit extrema terrae, quia justus est; et dat virtutem regibus nostris, et exaltabit comum christi sui.

Reis, II, 1-10 (segundo os Setenta).

² Santo Agostinho, embora admita a autenticidade do cântico de Ana, não deixou, com razão, de notar quão pouco ele se adapta à pessoa que o pronunciou. Os próprios exegetas modernos reconhecem que este cântico constitui uma composição mais tardia, intercalada no texto do Livro dos Reis.

³ *Arcum potentium fecit infirmum, et infirmi praecincti sunt virtute; pleni panibus minorati sunt, et esurientes transierunt terram; quia sterilis peperit septem, et multa in filiis infirmata est?*

V. supra nota 1.

Além disso, não havendo ainda nenhum rei nesse povo, porque é que acaba assim:

*Dá força aos nossos reis e exaltará o poder do seu Ungido (Cristo)*⁴,
se, falando assim, não profetizava?

Diga, pois, a Igreja de Cristo, cidade do grande Rei, cheia de graça e mãe fecunda, diga o que sabe ter sido de si profetizado tanto tempo antes pela boca desta piedosa mãe:

*O meu coração se robustece no Senhor e o meu poder se exalta no meu Deus*⁵.

Na verdade, o seu coração robusteceu-se e o seu poder se exaltou, porque ela pôs a sua esperança, não em si própria mas no Senhor seu Deus.

*A minha boca abriu-se contra os meus inimigos*⁶,
porque a palavra de Deus não está atada nas angústias das perseguições nem nos arautos aprisionados.

*Alegro-me na tua salvação*⁷,
diz ela; esta salvação é Cristo, esse Jesus pequenino que o velho Simeão, como se lê no Evangelho, abraçou, reconhecendo que era grande, ao dizer:

*Agora, Senhor, deixa ir em paz o teu servo, pois os meus olhos viram a salvação*⁸.

Diga, pois, a Igreja:

⁴ *Dat virtutem regibus nostris et exaltabit cornum christi sui.*

V. supra nota 1.

⁵ *Confirmatum est cor meum in Domino, exaltatum est cornum meum in Deos meo.*

V. supra nota 1.

⁶ *Dilatatum est super inimicos meos os meum,*

V. supra nota 1.

⁷ *Laetata sum in salutari tuo,*

V. supra nota 1.

⁸ *Nunc dimittis, domine, servum tuum in pace, quoniam viderunt oculi mei salutare tuum.*

Luc., II, 29-30.

*Alegro-me na tua salvação*⁷; *porque não há santo como o Senhor e não há justo como o nosso Deus*⁹,
como santo que santifica, como justo que justifica.

*Não há santo além de Ti*¹⁰,
porque ninguém o será senão por ti. Continua por fim:

*Não vos glorifiqueis, nem pronuncieis palavras altivas, nem da vossa boca saia a arrogância, porque o Senhor é o Deus das ciências*¹¹.

Ele é que vos conhece e conhece o que ninguém conhece, porque

*aquele que julga ser alguma coisa, quando nada é, a si mesmo se engana*¹².

Estas palavras dirigem-se aos adversários da Cidade de Deus, que pertencem a Babilónia, que presumem da sua força, que se glorificam em si e não no Senhor. Entre eles se encontram também os Israelitas carnais, cidadãos terrestres da Jerusalém terrestre, que, como diz o Apóstolo,

*ignoram a justiça de Deus*¹³,

(isto é, aquela que Deus, que é o único justo e justificante, dá ao homem),

*querem estabelecer a sua*¹³

(isto é, como se fosse coisa sua e não dada por Ele)

*e não se submetem à justiça de Deus*¹³,

porque são orgulhosos e julgam que podem agradar a Deus fiados em si mesmos e não n'Ele, que é o Deus das ciências

⁹ *quoniam non est sanctus, sicut Dominus et non est iustus, sicut Deus noster,*

V. supra nota 1.

¹⁰ *Non est sanctus praeter te.*

V. supra nota 1.

¹¹ *Nolite gloriari et nolite loqui excelsa neque exeat magniloquium de ore vestro; quoniam Deus scientiarum Dominus.*

V. supra nota 1.

¹² *qui putat se aliquid esse, cum nihil sit, se ipsum seducit.*

Gál., VI, 3.

¹³ *ignorantes Dei justitiam et suam volentes constituere justitiae Dei non sunt subjecti,*

Rom., X, 13.

e, portanto, o árbitro das consciências, onde ele vê os pensamentos dos homens, pensamentos que são vãos quando vêm dos homens e não d'Ele. Diz também:

*Ele prepara os seus próprios desígnios*¹⁴.

A que desígnios julgamos que se refere senão a que os soberbos caíam e os humildes se levantem? E executa na verdade estes desígnios ao dizer:

*Tornou-se frouxo o arco dos poderosos e os débeis cingiram-se de força*¹⁵.

«O arco tornou-se frouxo», isto é, a intenção dos que se julgam tão poderosos que podem cumprir os preceitos divinos só com as forças humanas, sem a graça e a ajuda de Deus, — e «cingiram-se de força» os que dizem no seu íntimo:

*Tem piedade de mim, Senhor, porque sou débil*¹⁶.

*Foram apoucados os fartos de pão e os esfomeados transpuseram a Terra*¹⁷.

Quais são os que se devem considerar fartos de pão senão os que a si próprios se consideram poderosos, isto é, os Israelitas a quem se confiaram os oráculos de Deus? Mas, neste povo, os filhos da escrava foram apoucados (*minorati*) — (palavra pouco latina mas que exprime bem que de maiores se tornaram menores) — porque, nesses pães, isto é, nos divinos oráculos, os Israelitas, únicos de entre todos os povos a recebê-los, apenas saborearam as coisas terrenas. Os gentios, a quem esta Lei não tinha sido dada, logo que até eles chegaram, por intermédio do Novo Testamento, aqueles oráculos, pressionados pela fome, — «*transpuseram a terra*» —, (*terram transierunt*) porque não saborearam neles as

¹⁴ *Et praeparans adinventiones suas.*

I Reis, II, 3.

¹⁵ *Arcus potentium infirmatus est, et infirmi praecincti sunt virtute.*

V. supra nota 1.

¹⁶ *Miserere mei, Domine, quoniam infirmus sum.*

Salmo VI, 3.

¹⁷ *Pleni panibus minorati sunt et esurientes transierunt terram.*

V. supra nota 1.

coisas terrenas mas sim as celestes. E, como se buscasse a causa deste facto, diz:

*Porque a estéril sete vezes deu à luz e a mãe de muitos filhos ficou enferma*¹⁸.

Aqui brilhou com todo o esplendor a profecia para os que reconhecem o número septenário em que é figurada a perfeição da Igreja universal. Também o Apóstolo João escreve às Sete Igrejas, mostrando deste modo que se dirige à plenitude da única Igreja. E já antes, nos Provérbios de Salomão, a Sabedoria simbolizava isto ao dizer:

*Construiu para si uma casa e embelezou-a com sete colunas*¹⁹.

Realmente, a Cidade de Deus era estéril em todas as nações antes do nascimento deste gérmen que vemos. Vemos também como agora se debelita a cidade terrestre, que tantos filhos tinha. Na verdade, a sua força estava nos filhos da livre que com ela estavam. Mas agora, porque nela está a letra mas não o espírito, perdeu a sua força, debelitou-se.

*O Senhor dá a morte e concede a vida*²⁰:

dá a morte à que se multiplicara em filhos e concede a vida à estéril que dá à luz sete vezes. Embora com mais exactidão se deva compreender que Ele faz reviver os que tinha feito morrer. Na verdade, como que repete isto acrescentando:

*Conduz ao abismo e de lá nos retira*²¹.

¹⁸ *Quia sterilis peperit septem, et multa in filiis infirmata est.*

V. supra nota 1.

¹⁹ *aedificavit sibi domum et suffulsit columnas septem.*

Prov., IX, 1.

²⁰ *Dominus mortificat et vivificat.*

V. supra nota 1.

²¹ *Deducit ad inferos et reducit.*

V. supra nota 1.

Realmente, àqueles a quem o Apóstolo diz:

*Se com Cristo morrestes, procurai o que está no Alto, onde Cristo está sentado à direita de Deus*²², a esses fá-los Cristo morrer para sua salvação; e para esses mesmo acrescenta:

*Saboreai as coisas do Alto e não as da Terra*²³, para que eles próprios sejam os esfaimados (*esurientes*) que transpuseram a terra (*transierunt terram*). Efectivamente, diz:

*Estais mortos*²⁴: eis como Deus os faz morrer para sua salvação. E depois continua:

*E a vossa vida está escondida com Cristo em Deus*²⁵: eis como Deus os faz reviver.

Mas serão os mesmos os que Ele conduz aos abismos e os que de lá retira? Sem discrepância dos fiéis vemos claramente cumpridas ambas estas duas coisas naquele, isto é, na nossa cabeça, com o qual, segundo diz o Apóstolo, a nossa vida está escondida em Deus. Na verdade, Aquele

*que não poupou o seu próprio Filho, mas o entregou por todos nós*²⁶,

²² *Si mortui estis cum Christo, quae sursum sunt quaerite, ubi Christus est in dextera Dei sedens.*

Coloss., III, 1 (°).

(°) Santo Agostinho, nesta citação, liga dois textos distanciados da Epístola aos Colossenses; o texto em que se lê *si ergo mortui estis cum Christo* — se com Cristo morrestes (vers. II, 20) e o texto *igitur, si surrexistis cum Christo, quae sursum quaerite* — então, se com Cristo ressuscitastes, procurai as coisas do alto (vers. III, 1).

²³ *Quae sursum sunt sapite, non quae super terram.*

Coloss., III, 2.

²⁴ *mortui estis.*

²⁵ *Et vita vestra abscondita est cum Christo in Deo:*

Coloss., III, 3.

²⁶ *qui proprio filio non pepercit, sed pro nobis omnibus tradidit eum.*

Rom., VIII, 32.

— foi por este modo que O entregou à morte; e foi Ele também quem O ressuscitou dos mortos, restituindo-O à vida. E, como se reconhece a sua voz na profecia:

*Não deixarás a minha alma no Inferno*²⁷,

é o mesmo que O conduziu aos abismos e de lá O retirou. Nós somos enriquecidos pela sua pobreza, pois

*Deus faz pobres e enriquece*²⁸.

Para bem o compreendermos, ouçamos o que se segue:

*humilha e exalta*²⁹;

efectivamente, humilha os soberbos e exalta os humildes.

E o que algures se lê:

*Deus resiste aos soberbos, mas concede a sua Graça aos humildes*³⁰,

isto encerra todo o discurso daquela cujo nome significa «Graça» de Deus.

Também, na verdade, o que se acrescenta:

*Levanta da terra o pobre*³¹,

a ninguém entendo que o possa referir melhor do que àquele que

*embora fosse rico, por nossa causa se fez pobre para que, por sua pobreza nos enriquecêssemos*³²,

como há pouco se disse.

Porque tão depressa o levantou da terra que a sua carne não chegou a ver a corrupção. E não deixarei de lhe aplicar o que se acrescenta:

²⁷ *Non derelinques animam meam in inferno.*

Salmo XV, 10.

²⁸ *Dominus pauperes facit et ditat.*

V. supra nota 1.

²⁹ *Humiliat et exaltat.*

V. supra nota 1.

³⁰ *Deus superbis resistit, humilibus autem dat gratiam.*

Tiago, IV, 6.

³¹ *Suscitat a terra pauperem.*

V. supra nota 1.

³² *propter nos pauper factus est, cum dives esset, ut ejus paupertate ditaremur,*

II Cor., VIII, 9.

*E tira o indigente da estrumeira*³³.

«Pobre» é o mesmo que «indigente»; mas a estrumeira donde foi tirado interpreta-se precisamente como referida aos Judeus seus perseguidores, no número dos quais se conta o Apóstolo quando perseguidor da Igreja. Acrescenta ele:

*O que para mim foram lucros, como pura perda o vim a considerar por causa de Cristo; e não apenas como pura perda, mas até como uma estrumeira o vim a considerar, para de Cristo fazer o meu lucro*³⁴.

O pobre foi, portanto, levantado da terra acima de todos os ricos — e o indigente foi tirado da estrumeira e posto acima de todos os opulentos para se sentar

*com os poderosos do povo*³⁵,

dos quais diz:

*Sentar-vos-ei em doze tronos*³⁶ — *dando-lhes em herança um trono de Glória*³⁷,

porque esses poderosos lhe tinham dito:

*Tudo abandonámos e te seguimos*³⁸.

Esta promessa é reveladora de um grande poder.

Mas donde lhes vem este (poder) senão daquele de quem logo a seguir se diz:

*Ao que me faz um voto, dá ele o objecto desse voto*³⁹?

³³ *Et de stercore erigit inopem.*

V. supra nota 1 deste Cap.

³⁴ *Quae mihi fuerunt lucra, haec propter Christum damna esse duxi; nec solum detrimenta, verum etiam stercora existimavi esse, ut Christum luci facerem.*

Philip., III, 7-8.

³⁵ *Cum potentibus populi,*

I Reis, II, 8.

³⁶ *Sedebitis super duodecim sedes.*

Mat., XIX, 28; Cf. Luc., XXIII, 30.

³⁷ *Et sedem gloriae hereditatem dans eis.*

I Reis, II, 8.

³⁸ *Ecce nos dimisimus omnia et secuti sumus te.*

Mat., XIX, 27.

³⁹ *Dans votum voventi.*

Se assim não fosse, seriam estes do número daqueles poderosos cujo arco foi afrouxado.

*Ao que me faz um voto, dá ele o objecto desse voto*³⁹, diz ele. Ninguém, na verdade, pode fazer ao Senhor um voto conveniente senão o que oferece o que dele recebe. Segue-se:

*Abençoou os anos do justo*⁴⁰,
para que viva sem fim com aquele de que foi dito:

*Teus anos não acabarão*⁴¹.

Efectivamente, os seus anos lá estão firmes, — mas aqui eles passam, morrem até; antes de chegarem, não existiam — mas, chegados que são, já não são, porque eles vêm com o seu termo. Das duas coisas:

*Ao que me faz um voto, dá ele o objecto desse voto*³⁹
e

*Abençoou os anos do justo*⁴⁰,
— a primeira é o que nós fazemos, a segunda é o que nós recebemos. Mas esta última não receberemos da liberalidade de Deus se não cumprirmos, com a sua ajuda, a primeira, porque

*o homem não é forte pela sua própria força. O Senhor tornará débil o seu adversário*⁴²,
isto é, o invejoso de quem faz um voto e procura impedir-lo de cumprir o que prometeu. Da ambiguidade do texto grego também se pode entender *adversarium suum* — «ao seu adversário». Porque, desde o momento em que o Senhor toma posse de nós, o que era adversário nosso torna-se adversário dele e é vencido por nós, mas não pelas nossas próprias forças,

⁴⁰ *Et benedixit annos justí,*
I Reis, II, 9 (segundo os Setenta).

⁴¹ *Et anni tui non deficient.*
Salmo CII (CI), 28.

⁴² *non in virtute potens est vir. Dominus infirmum faciet adversarium ejus.*

I Reis, II, 9-10.

*porque o homem não é forte pela sua própria força*⁴³.

Portanto,

*tornou débil o seu adversário o Senhor Santo*⁴⁴

para que esse adversário seja vencido pelos Santos, que o Senhor, Santo dos Santos, tornou santos.

De maneira que

*não se glorifique o prudente da sua prudência, nem o poderoso do seu poder, nem o rico da sua riqueza: mas o que se glorifica ponha a sua glória em conhecer e compreender o Senhor e em apreciar e fazer justiça no meio da terra*⁴⁵.

Não é pouco o que conhece e compreende do Senhor quem conhece e entende que até o conhecê-lo e o compreendê-lo lhe vem do Senhor. Diz o Apóstolo:

*Que é que tu tens que não tenhas recebido? Mas, se o recebeste, de que é que te gabas, como se o não tivesses recebido?*⁴⁶

isto é, como se tu de ti próprio tivesses de que te gloriasses. Quem vive rectamente é que faz o que é recto e o que é justo — e vive rectamente quem obedece a Deus que manda. Mas

*o fim do preceito*⁴⁷,

isto é, aquilo a que o preceito se refere, é

*a caridade brotando desse coração puro, duma boa consciência, duma fé sincera*⁴⁸.

⁴³ *quia non in virtute potens est vir.*

V. nota 42.

⁴⁴ *infirmum faciet adversarium suum, Dominus Sanctus.*

V. notas 42 e 43 supra.

⁴⁵ *non gloriatur prudens in sua prudentia, et non gloriatur potens in sua potentia, et non gloriatur dives in divitiis suis; sed in hoc gloriatur, qui gloriatur, intellegere et scire Dominum et facere iudicium et justitiam in medio terrae.*

Supra nota 1.

⁴⁶ *Quid enim habes quod non accepisti? Si autem et accepisti, quid gloriaris, quasi non acceperis?*

I Cor., IV, 7.

⁴⁷ *finis praecepti.*

⁴⁸ *Caritas est de corde puro, et conscientia bona et fide non ficta.*

I Tim., 1, 5.

Ora esta caridade, como o atesta o Apóstolo João,
*vem de Deus*⁴⁹.

Julgar e fazer justiça vem, pois, de Deus.

Mas que quer dizer
*no meio da Terra*⁵⁰?

Não estão dispensados de julgar e fazer justiça os que habitam nos *confins* da Terra. Quem se atreveria a afirmá-lo? Porque é que se diz então — *no meio da Terra (in medio terrae)*? Se nada se tivesse acrescentado e se se dissesse apenas:

*julgar e fazer justiça*⁵¹,

o preceito aplicar-se-ia melhor aos dois grupos de homens — os do interior e os das regiões costeiras. Mas, para que ninguém julgue que, depois do fim da vida que se passa neste corpo, haverá um tempo para se julgar e se fazer justiça que não foi cumprida nos tempos da carne, e que desta maneira se poderia fugir ao julgamento de Deus, parece-me que, *in medio terrae (no meio da Terra)* quer dizer «quando cada um vive no corpo». Porque, na verdade, nesta vida, cada um está envolvido pela sua própria terra, que é, quando o homem morre, confiada à terra comum, para lhe ser restituída quando ressuscitar. É, portanto, *no meio da terra*, isto é, enquanto a nossa alma está encerrada neste corpo de terra, que se deve «julgar e fazer justiça» — o que nos será proveitoso para o futuro quando

*cada um receberá conforme o que, por meio de seu corpo, tiver feito de bem ou de mal*⁵².

«*Per corpus*» (pelo seu corpo), quis com isto dizer o Apóstolo «durante o tempo que tiver vivido no corpo». Se alguém blasfe-

⁴⁹ *ex Deo est.*

I João, IV, 7.

⁵⁰ *In medio terrae.*

V. supra nota 1.

⁵¹ *facere iudicium et justitiam.*

V. supra nota 1.

⁵² *recipiet quisque secundum ea quae per corpus gessit, sive bonum, sive malum.*

II Cor., V, 10.

mar na sua mente perversa e no seu ímpio pensamento sem qualquer cooperação dos seus membros corporais, não será menos condenável, embora o seu corpo nisso não tenha tomado parte — porque ele fez isso quando vivia no seu corpo. Desta maneira se pode também compreender melhor o que se lê no Salmo:

*Mas Deus, nosso rei, operou antes dos séculos a nossa salvação no meio da terra*⁵³,

tomando o Senhor Jesus por nosso Deus, que é antes dos séculos, porque foi por Ele que os séculos foram feitos, foi Ele que operou a nossa salvação no meio da Terra quando o Verbo se fez carne e habitou num corpo de terra.

Depois, a seguir a estas palavras de Ana que profetizavam como se deve glorificar aquele que se glorifica — não certamente em si próprio mas no Senhor — expõe-se como motivo da recompensa que terá lugar no dia do Juízo:

*O Senhor subiu aos Céus e tropeja: Ele é quem julgará os extremos da Terra, porque Ele é justo*⁵⁴.

Mantém precisamente a ordem da profissão de fé dos fiéis. Efectivamente, o Cristo Senhor subiu aos Céus donde virá para julgar os vivos e os mortos. Porque, como diz o Apóstolo:

*Quem é que subiu senão o que também desceu às regiões inferiores da Terra? O que desceu é o mesmo que subiu acima de todos os Céus para tudo cumprir*⁵⁵.

Ele tropejou pelas suas nuvens que encheu do Espírito Santo depois da sua ascensão. E no profeta Isaías ameaça a

⁵³ *Deus autem rex moster ante saecula operatus est salutem in medio terrae.*

Salmo LXXIII (LXXIV), 12.

⁵⁴ *Dominus ascendit in Caelos et tonuit; ipse judicabit extrema terrae quia justus est.*

V. supra nota 1.

⁵⁵ *quis ascendit nisi qui est descendit in inferiores partes terrae? Qui descendit, ipse est et qui ascendit super omnes caelos, ut adimpleret omnia.*

Efésios, IV, 9-10.

escrava Jerusalém, isto é, a vinha estéril, de impedir que as nuvens sobre ela chovam.

Disse também:

*Ele mesmo é quem julgará os extremos da Terra*⁵⁶, como se dissesse: «*mesmo as extremidades da Terra*» (*etiam extrema terrae*); pois não deixará de julgar as outras partes. Aquele que sem dúvida alguma julgará todos os homens. Mas, melhor, por «os extremos da Terra» deve entender-se «extremos dos homens»; pois os homens não serão julgados acerca da sua conduta que, no meio da sua vida, mudou para bem ou para mal, mas acerca do estado em que for encontrado «na sua extremidade» o que for julgado. Por isso é que está dito:

*O que perseverar até ao fim, esse será salvo*⁵⁷.

Aquele, portanto, que «*julgar e fizer justiça*» com perseverança no meio da terra, não será condenado quando «*as extremidades da terra*» forem julgadas.

E, diz também:

*Dá força aos nossos reis*⁵⁸,

para não ter que os condenar no dia do juízo. Dá-lhes força para que com ela governem a sua carne como reis e vençam o mundo naquele que por eles derramou o seu sangue e

*exaltará o poder do seu Ungido (Cristo)*⁵⁹.

Como é que Cristo exaltará o poder do seu Cristo? Porque Aquele de quem acima se diz: *Dominus ascendit in caelos* — o Senhor subiu aos Céus, a saber, o Cristo Senhor, é ele mesmo, como aqui se diz, quem *exaltabit cornum christi sui* — exaltará o poder do seu Cristo. Quem é então o Cristo de Cristo?

⁵⁶ *Ipse judicabit extrema terrae,*

⁵⁷ *Qui perseveraverit usque ad finem, hic salvus erit.*

Mat. X, 22.

⁵⁸ *dat virtutem regibus nostris,*

V. supra nota 1.

⁵⁹ *exaltabit cornum christi sui.*

V. supra nota 1.

Não será que Ele exalta o poder de cada um dos fiéis, como a própria Ana diz no princípio do seu cântico:

Exaltatum est cornum meum in Domino meo — o meu poder se exalta no meu Deus? Podemos com toda a certeza chamar *cristos* a todos os que foram ungidos com o seu unguento (*chrisma*), porque todo o corpo com sua cabeça é um único Cristo.

Esta é a profecia de Ana, mãe de Samuel, o homem santo e tão louvado. Nele se figurou então a mudança do antigo Sacerdócio, agora realizada, quando a mãe de muitos filhos se debilitou para que a estéril, que sete vezes deu à luz, tivesse um novo sacerdócio em Cristo.

CAPÍTULO V

Das coisas que, com espírito profético, o homem de Deus disse ao sacerdote Heli indicando a sucessão do Sacerdócio que tinha sido instituído segundo a ordem de Aarão.

Este (novo sacerdócio) foi mais claramente anunciado ao próprio sacerdote Heli por um homem de Deus que lhe fora enviado, cujo nome se cala mas em que, sem dúvida, se reconhece, no seu ofício e no seu ministério, que se trata de um profeta. Está assim escrito:

Um homem de Deus veio até Heli e disse-lhe:

— *Estas coisas diz o Senhor: «Revelei-me bem à casa de teu pai quando estava no Egípto escrava do Faraó. Dentre todos os ceptros de Israel, Eu escolhi a casa de teu pai para desempenhar as funções do meu sacerdócio, subir ao meu altar, queimar o incenso e transportar o éfode (a); e como alimento dei à casa de teu pai tudo o que os filhos de Israel Me ofereciam pelo fogo. Porque é que olhaste com um olhar impudente para o meu incenso e o meu sacrifício e honraste aos teus filhos mais do que a Mim, consagrando-lhes na minha presença as primícias de todo o sacrifício de Israel?»*

Por isso diz o Senhor Deus de Israel estas coisas: «Eu disse: A tua casa e a casa de teu pai caminharão à minha frente para sempre».

(a) Espécie de sobrepeliz que os sacerdotes usavam sobre todo o outro vestuário.

Mas agora o Senhor diz: «Não será mais assim, mas Eu honrarei os que Me honram e desprezarei os que Me desprezam. Eis que chegam os dias em que aniquilarei a tua descendência e a descendência da casa de teu pai e não haverá nunca mais na minha casa um velho dos teus. Repelirei do meu altar qualquer homem dos teus, para que os seus olhos se apaguem e a sua alma desfaleça. E qualquer que da tua casa sobreviver, sob a espada morrerá. E tu terás disto um sinal no que acontecer aos teus filhos Ofni e Tineas: no mesmo dia morrerão ambos. Estabelecerei um sacerdote que me seja fiel, que fará tudo conforme o meu coração e a minha alma, e eu edificar-lhe-ei uma casa fiel e ela caminhará todos os dias à frente do meu Ungido (Christo). Então, qualquer sobrevivente da tua casa virá adorá-Lo com um óbolo de prata, dizendo: Concede-me uma parte do teu sacerdócio para comer (um pouco) de pão.»¹

¹ Et venit homo Dei ad Heli et dixit: Haec dicit Dominus: Revelatus revelatus sum ad domum patris tui, cum essent in terra Aegypti servi in domo Pharao; et elegi domum patris tui ex omnibus sceptris Israel mihi sacerdotio fungi, ut ascenderent ad altare meum et incenderent incensum et portarent Ephod; et dedi domui patris tui omnia, quae sunt ignis filiorum Israel, in escam. Et ut quid respexisti in incensum meum et in sacrificium meum impudenti oculo et glorificasti filios tuos super me, benedicere primitias omnis sacrificii in Israel in conspectu meo? Propter hoc haec dicit Dominus Deus Israel: Dixi: Domus tua et domus patris tui transibunt coram me usque in aeternum. Et nunc dicit Dominus: Nequaquam, sed glorificantes me glorificabo, et qui spernit me, spernetur. Ecce dies veniunt, et exterminabo semen tuum et semen domus patris tui, et non erit tibi senior in domo mea omnibus diebus, et virum exterminabo tibi ab altari meo, ut deficiant oculi ejus et defluat anima ejus; et omnis qui superaverit domus tuae, decident in gladio virorum. Et hoc tibi signum, quod veniet super duos filios tuos hos, Ophni et Phinees: una die morientur ambo. Et suscitabo mihi sacerdotem fidelem, qui omnia, quae in corde meo et quae in anima mea, faciat; et aedificabo ei domum fidelem et transibit coram Christo meo omnibus diebus. Et erit, qui superaverit in domo tua, veniet adorare ei obolo argenti dicens: Jacta me in unam partem sacerdotii tui manducare panem.

I Reis, II, 27-36.

Não se pode dizer que esta profecia, em que tão claramente é vaticinada a mudança do antigo sacerdócio, se tenha cumprido em Samuel. (Embora Samuel não fosse de outra tribo que a destinada por Deus para o serviço do altar, não provinha porém dos filhos de Aarão cuja descendência tinha sido designada para fornecer sacerdotes². Por isso neste acontecimento está representada a mesma mudança que se havia de operar por meio de Cristo Jesus; e esta profecia, por actos e não por palavras, pertencia propriamente à Antiga Aliança e figurativamente à Nova, significando por um acto o que pela palavra do profeta foi dito ao sacerdote Heli).

Na realidade, houve posteriormente sacerdotes da descendência de Aarão, como Sadoc e Abiatar, no reinado de David, e, mais tarde, antes da época em que a mudança de sacerdócio, há tanto tempo anunciada, se devia cumprir por Cristo. Quem é que não vê agora, com os olhos da fé, que estas previsões se cumpriram? Na verdade, nem tabernáculo, nem templo, nem altar, nem sacrifício e, por fim, nem sacerdócio ficou aos Judeus, aos quais a Lei de Deus tinha prescrito que os Sacerdotes fossem escolhidos na posteridade de Aarão. É isto o que aquele profeta recorda quando diz:

Estas coisas diz o Senhor Deus de Israel:

— *Eu disse: a tua casa e a casa de teu pai caminharão à minha frente para sempre. Mas agora o Senhor diz:*

— *Não será mais assim, mas eu honrarei os que Me honram e desprezarei os que Me desprezam³.*

² Acerca desta referência aos antepassados de Samuel, recorde-se o que Santo Agostinho refere em *Revisões* (II, XLIII, 2): «foi dito de Samuel 'Não era dos filhos de Aarão'. Melhor seria que se dissesse: não era filho de um sacerdote. Realmente, era mais conforme à lei que os filhos dos sacerdotes sucedessem aos pais falecidos. E entre os filhos de Aarão não se encontra o pai de Samuel. Não era sacerdote nem filho de Aarão como se o próprio Aarão o tivesse gerado, mas apenas da mesma maneira que se chamam filhos de Israel aos filhos do povo de Israel.»

³ *Haec dicit Dominus Deus Israel: Dixi: Domus tua et domus patris tui transibunt coram me usque in aeternum. Et nunc dicit Dominus: Nequam, sed glorificantes me glorificabo, et qui me spernit, spernetur.*

V. supra, nota 1.

Ao mencionar «a casa de teu pai», o profeta não fala do pai imediato, mas de Aarão, que foi o primeiro sacerdote instituído e cuja posteridade devia fornecer os outros, como o demonstra o que precede em que se diz:

Revelei-me à casa de teu pai quando estava no Egípto escrava do Faraó. Dentre todos os ceptros de Israel Eu escolhi a casa de teu pai para desempenhar as funções de meu sacerdócio ⁴.

Qual destes antepassados em servidão no Egípto foi escolhido para o Sacerdócio depois da libertação senão Aarão? Foi, pois, da descendência deste que se disse no citado lugar que para o futuro, não haveria sacerdotes. E isto vemos nós que já se cumpriu. Esteja vigilante a fé, as coisas estão claras, tocam-se e entram pelos olhos dos que não querem ver. Diz Ele:

Eis que chegam os dias em que aniquilarei a tua descendência e a descendência da casa de teu pai, e não haverá nunca mais na minha casa um velho dos teus. Repelirei do meu altar qualquer homem dos teus, para que os seus olhos se apaguem e a sua alma desfaleça ⁵.

Eis que chegaram os dias anunciados. Já não há sacerdote segundo a ordem de Aarão; e a qualquer homem da sua linhagem que vê o sacrifício dos Cristãos estender-se por todo o mundo, ao passo que esta grande honra lhe é retirada, os seus olhos se lhe apagam e a sua alma desfalece, consumida pela tristeza.

Mas é propriamente à casa de Heli que se referem as palavras seguintes deste dircurso:

⁴ *Revelatus sum ad domum patris tui, cum essent in terra Aegypti servi in domo Pharae, et elegi domum patris tui ex omnibus sceptris Israel mihi sacerdotio fungi.*

V. supra nota 1.

⁵ *Ecce dies veniunt et exterminabo semen tuum et semen domus patris tui, et non erit tibi senior in domo mea omnibus diebus, et virum exterminabo tibi ab altari meo, ut deficiant oculi ejus, defluat anima ejus.*

V. supra nota 1.

*E qualquer que da tua casa sobreviver, sob a espada morrerá. E tu serás disto um sinal no que acontecer aos teus filhos Ofni e Fineas: no mesmo dia morrerão ambos*⁶.

O mesmo sinal que marcou a abolição do sacerdócio na sua casa, significava uma semelhante mudança na casa de Aarão. Realmente, a morte dos dois filhos figurava, não a morte de homens, mas a do próprio sacerdócio dos filhos de Aarão. Mas o que se segue já respeita àquele sacerdote de que Samuel foi a figura ao suceder a Heli. Consequentemente, o que se segue é dito acerca de Cristo Jesus, verdadeiro Sacerdote da Nova Aliança:

*Estabelecerei um sacerdote que me seja fiel, que fará tudo conforme o meu coração e a minha alma, e Eu edificarei-lhe-ei uma casa fiel*⁷.

Esta é a Jerusalém eterna e celeste. Diz ele:

*Caminhará todos os dias à frente do meu Ungido (Cristo)*⁸.

«Caminhará (*transibit*)», quer dizer «morará» — como ele mais acima tinha dito da casa de Aarão:

*Eu disse: A tua casa e a casa de teu pai caminharão à minha frente para sempre*⁹.

Estas palavras «*coram Christo meo transibunt*» (à frente do meu Ungido (Cristo) caminhará), sem dúvida que se devem entender como referidas a essa casa e não ao sacerdote que é o Cristo Mediador e Salvador: será esta casa que caminhará diante dele. Pode-se agora entender «caminhará» como a

⁶ *Et omnis qui superaverit domus tuae, decident in gladio virorum. Et hoc tibi signum, quod veniet super duo filios tuos hos, Ophni et Phinees: uno die morientur ambo.*

V. supra nota 1.

⁷ *Et suscitabo mihi sacerdotem fidelem, qui omnia quae in corde meo et quae in anima mea faciat; et aedificabo ei domum fidelem.*

V. supra nota 1.

⁸ *Et transibit coram Christo meo omnibus diebus.*

V. supra nota 1.

⁹ *Dixi: Domus tua et domus patris tui transibunt coram me in aeternum.*

V. supra nota 1.

passagem da morte à vida, «todos os dias» em que esta vida mortal prossegue até ao fim deste século.

Quanto a isto que Deus disse:

*Que fará tudo conforme o meu coração e a minha alma*¹⁰,

não julguemos que Deus tem uma alma, sendo ele o criador da alma; isto é dito acerca de Deus no sentido figurado e não no sentido próprio, tal como a mão, o pé e os outros membros do corpo. E, para que se não julgue que foi na sua forma corporal que o homem foi feito à semelhança de Deus, acrescentam-lhe até asas, coisa que, evidentemente, o homem não tem. E diz-se acerca de Deus:

*Proteger-me-ás à sombra das tuas asas*¹¹,

para fazer compreender aos homens que tais afirmações acerca da sua natureza inefável se fazem com termos figurados e não próprios.

O que se acrescenta:

*Então, qualquer sobrevivente da tua casa virá adorá-lo*¹²,

não se refere propriamente à casa de Heli, mas à de Aarão, da qual sobreviveram homens até à vinda de Jesus Cristo e mesmo hoje não faltam descendentes dela. Da casa de Heli já acima se disse:

*E qualquer que da tua casa sobreviver, sob a espada dos homens morrerá*¹³.

Como é que então se pode com verdade dizer:

*Então qualquer sobrevivente da tua casa virá adorá-lo*¹²,

¹⁰ *Qui omnia quae in corde meo et quae in anima mea faciat.*

V. supra nota 1.

¹¹ *Sub umbra alarum tuarum proteges me.*

Salmo XVI (XVII), 8.

¹² *Et erit, qui superavit in domo tua, veniet adorare.*

V. supra nota 1.

¹³ *Et omnis qui superaverit domus tuae, decident in gladio virorum.*

V. supra nota 1.

se é verdade que nenhum dos seus sobreviventes escapará à espada vingadora? A não ser que se tenha querido referir os que pertencem à estirpe do Sacerdócio total segundo a ordem de Aarão. Aquele que, portanto, faz parte destes restos predestinados de que um outro profeta diz:

*Os restos serão salvos*¹⁴,

(donde a palavra do Apóstolo:

*Assim, portanto, mesmo nesse tempo, encontraram-se restos por eleição da graça*¹⁵)

— pois se deve entender que destes restos se trata nas palavras:

*Qualquer sobrevivente da tua casa*¹⁶

— esse, com certeza, acredita em Cristo, como no tempo dos Apóstolos também um grande número dessa estirpe acreditou n'Ele. E ainda agora não faltam os que n'Ele crêem, embora raríssimos. E assim n'Ele se cumpriu o que esse homem de Deus logo a seguir acrescenta:

*Virá adorá-lo com um óbolo de prata*¹⁷.

A quem virá ele adorar senão àquele sumo sacerdote que também é Deus? Porque, no tempo do sacerdócio segundo a ordem de Aarão, os homens não vinham ao templo ou altar de Deus para lá adorarem o sacerdote. E que significa o que ele diz «*obolo argenti (Com um óbolo de prata)*», senão a brevidade da palavra de fê a propósito da qual o Apóstolo relembra o que está dito:

*O Senhor produzirá sobre a terra uma palavra sumária e breve*¹⁸.

¹⁴ *Reliquiae salvae fient.*

Isaías X, 22.

¹⁵ *Sic ergo, et in hoc tempore reliquiae per electionem gratiae factae sunt.*

Rom., XI, 5.

¹⁶ *Qui superaverit in domo tua.*

V. supra nota 1.

¹⁷ *Veniet adorare ei obolo argenti.*

V. supra nota 1.

¹⁸ *Verbum consumans et brevians faciet Dominus super terram?*

Rom., IX, 28.

Que o termo «prata» é usado em vez do termo «palavra», atesta-o o Salmo quando canta:

*As palavras do Senhor são palavras castas, são prata provada pelo fogo*¹⁹.

Que diz então este que vem adorar o sacerdote de Deus e o sacerdote Deus?

*Faze-me participar no teu sacerdócio, para comer o meu pão*²⁰.

Não pretendo ser colocado no lugar, que já não existe, das honras de meus pais. Faze-me participar no teu sacerdócio, pois

*preferi ser desprezado na casa de Deus*²¹;

desejo ser um membro de qualquer espécie, ainda que de mínima importância, do teu sacerdócio. *Sacerdócio* designa aqui o próprio povo de que o Sacerdote é o mediador entre Deus e os homens, o homem Jesus-Cristo, povo de que fala o apóstolo Pedro:

*Povo Santo, Sacerdócio real*²².

Embora alguns tenham traduzido «do teu sacrifício» e não «do teu sacerdócio», isso não deixa de significar o próprio Povo Cristão. Daí ter dito o apóstolo Paulo:

*Embora muitos, somos um só pão, um só corpo*²³.

E quando acrescenta

*para comer o meu pão*²⁴,

¹⁹ *Eloquia Domini eloquia casta, argentum igne examinatum.*

Salmo XI (XII), 7.

²⁰ *Jacta me in partem sacerdotii tui, manducare panem.*

I Reis, II, 36.

²¹ *Elegi enim abjectus esse in domo Dei;*

Salmo LXXXIII (LXXXIV), 11.

²² *Plebs sancta, regale sacerdotium.*

I Pedro, II, 9.

²³ *Unus panis, unum corpus multi sumus.*

I Cor., X, 17.

²⁴ *manducare panem.*

V. supra nota 20.

exprime-se ainda, com elegância, o próprio género de sacrificio de que o sacerdote diz:

*O pão que eu der é a minha carne para a vida do século*²⁵.

Ele próprio é que é o sacrificio — não segundo a ordem de Aarão, mas segundo a ordem de Melquisedec. Quem lê que compreenda! É, pois, uma confissão breve e salutarmente humilde o que se diz:

*Faze-me participar no teu sacerdócio para comer o meu pão*²⁰;

ele próprio é o óbolo de prata, porque é coisa pequena e é a palavra de Deus que habita no coração do crente. Mais acima, afirma (o Senhor) que tinha dado à casa de Aarão uma parte das vítimas da Velha Aliança quando disse:

*Dei à casa de teu pai em alimento tudo o que os filhos de Israel me oferecem pelo fogo*²⁶,

(estes, na verdade, tinham sido os sacrificios dos Judeus); por isso é que aqui se diz «*manducare panem*» (comer o seu pão) — o que, na Nova Aliança, é o sacrificio dos Cristãos.

²⁵ *Panis, quem ego dedero, caro mea est pro saeculi vita.*

João, VI, 52.

²⁶ *Dedi domui patris tui omnia, quae sunt ignis filiorum Israel, in escam.*

I Reis, II, 28.

CAPÍTULO VI

Do Sacerdócio e da Realeza judaicos, cuja instituição foi proclamada eterna, e, todavia, já não persistem, para que se compreenda que são outros os que têm a promessa de eternidade.

Apesar de estas coisas terem sido anunciadas então com tamanha profundidade e brilharem agora com tamanha claridade, pode, porém, alguém admirar-se e perguntar — como é que podemos esperar que venham a acontecer todas as coisas preditas nesses livros, se mesmo isto que foi dito por Deus:

*A tua casa e a casa de teu pai caminharão à minha frente para sempre*¹,

não se pôde cumprir? Porque vemos que aquele sacerdócio mudou e já não há que esperar pelo cumprimento da promessa feita a essa casa, é que aquela que, depois da sua reprovação, a substitui, merece muito mais que seja eterna. Quem assim fala ainda não compreendeu, ou não se recorda, que o próprio sacerdócio segundo a ordem de Aarão foi constituído para ser como que uma sombra do sacerdócio eterno. Por isso, quando a eternidade lhe foi prometida, não o foi à sombra nem à figura, mas foi-o àquela que era esboçada e figurada por essa sombra. Mas, para que se não julgasse que a própria sombra devia manter-se, é que até a sua mudança teve de ser profetizada.

¹ *Domus tua et domus patris tui transibunt coram me in aeternum.*
I Reis, II, 30

Deste modo, mesmo o reino de Saul, que, sem dúvida, foi reprovado e rejeitado, era a sombra do reino futuro destinado a subsistir eternamente. De facto, o óleo com que foi ungido, este «crisma» que lhe valeu o nome de «cristo» (ungido), deve ser tomado num sentido místico, como significando um grande mistério. O próprio David respeitou de tal forma este sinal nele, que sentiu o seu coração tomado de pavor quando, escondido na escura caverna para onde também Saul tinha entrado pressionado por uma necessidade da natureza, furtivamente lhe cortou por detrás um pequeno pedaço do seu manto para ter por onde lhe provar que, quando o podia ter matado, o tinha poupado e para afastar assim do seu espírito as suspeitas de inimizade por causa das quais ele furiosamente perseguira David, o Santo, julgando-o seu inimigo. Teve muito medo de se tornar réu da profanação de um tão profundo mistério em Saul por se ter atrevido a tocar no seu vestido. Efectivamente, está escrito:

*David bateu no peito por ter cortado a fímbria do manto*².

Mas aos homens que estavam com ele e que lhe aconselhavam a matar Saul caído em suas mãos, respondeu:

*Livre-me o Senhor de fazer isso ao meu Senhor, ao Ungido (Christus) do Senhor: de pôr sobre ele a minha mão — porque ele é o Ungido (Cristus) do Senhor*³.

Tão grande era, pois, a veneração que tributava a esta sombra do futuro, não por si mesma mas pelo que ela representava! Da mesma forma, o que a Saul disse Samuel:

Porque não observaste o meu mandamento que o Senhor te deu, assim como o Senhor te tinha preparado um

² *Et percussit cor David super eum, quia abstulit pinnulam chlamydis ejus.*

I Reis, XXIV, 6.

³ *Non mihi contingat a Domino, si fecero hoc verbum domino meo christo Domini, inferre manum meam super eum; quia christus Domini est hic.*

I Reis, XXIV, 7.

*reino eterno sobre Israel, assim também agora o teu reino não subsistirá para ti e o Senhor procurará um homem segundo o seu coração e o Senhor encarregá-lo-á de comandar o seu povo; porque tu não guardaste as ordens que o Senhor te deu*⁴,

não deve ser entendido como se Deus tivesse destinado a Saul um reino eterno e não lho quisesse conservar depois de ele ter pecado (pois não ignorava que viria a pecar). Mas tinha preparado o seu reino para ser a figura de um reino eterno. E por isso é que acrescentou:

*Agora o teu reino não subsistirá para ti*⁵.

Subsiste, pois, e subsistirá o que significa nele; mas não subsistirá para ele (Saul), porque ele mesmo não devia reinar para sempre, nem a sua posteridade, para que nem sequer sucedendo-se uns aos outros os seus descendentes, parecesse que se cumpria o que foi dito *in aeternum* — *para sempre*.

Diz ainda:

*E o Senhor procurará um homem*⁶,

para designar quer David quer o próprio Mediador da Nova Aliança, figurado no óleo com que foram ungidos David e seus descendentes. Mas o Senhor não procura um homem, como se não soubesse onde ele está; falando por intermédio de um homem, fã-lo à maneira dos homens e, falando assim, é a nós que Ele procura. Efectivamente, já éramos conhecidos não só de Deus Pai mas também de seu Unigénito, que veio procurar «o que estava perdido», de tal

⁴ *Quoniam non servasti mandatum meum, quod mandavit tibi Dominus, quem ad modum nunc paraverat Dominus regnum tuum usque in aeternum super Israel: et nunc tuum non stabit tibi, et quaeret Dominus sibi hominem secundum cor suum, et mandavit ei Dominus esse in principem super populum suum; quia non custodisti quae mandavit tibi Dominus,*

I Reis, XIII, 13-14.

⁵ *Et nunc regnum tuum non stabit tibi.*

V. supra nota 4.

⁶ *Et quaeret Dominus sibi hominem.*

V. supra nota 4.

forma que já antes da criação do mundo estávamos n'Ele escolhidos. *Quaeret sibi* (*procurará*) significa, pois, «*terá para si*». Por isso, na língua latina, este verbo leva uma preposição para se tornar *adquirit* (*adquire*), cujo sentido é bastante claro. Todavia, mesmo sem preposição, *(ad)-quaerere* (*buscar*) pode significar *adquirere* (*adquirir*). Por isso é que aos ganhos (*lucra*) se chama também *quaestus* (*aquisições*).

CAPÍTULO VII

Sucessão do Reino Israelita, figura da perpétua divisão entre Israel espiritual e Israel carnal.

De novo pecou Saul por desobediência e de novo Samuel lhe diz em nome do Senhor:

*Porque desprezaste a palavra do Senhor, o Senhor te desprezará a ti, para que não sejas rei de Israel*¹.

E de novo lhe diz, pelo mesmo pecado, quando Saul, pedindo perdão, o confessava e implorava a Samuel que o acompanhasse para aplacar Deus:

— *Não voltarei contigo, porque tu desprezaste a palavra do Senhor, o Senhor te desprezará a ti, para que não sejas rei de Israel.*

Samuel voltou a cara e foi-se embora, e Saul agarrou-lhe a orla do manto e rasgou-o. Disse então Samuel:

— *O Senhor tirou hoje o reino de Israel das tuas mãos e irá dá-lo a um dos teus próximos, melhor do que tu, e Israel será dividido em dois; e não voltará nem se arrepende — porque ele não é como um homem que se arrepende: que ameça mas não persevera*².

¹ *Quia sprevisti verbum Domini, sprevit te Dominus, ut non sis rex super Israel.*

I Reis, XV, 23.

² *Non revertar tecum; quia sprevisti Verbum Domini, et spernet te Dominus, ne sis rex super Israel. Et convertit Samuel faciem suam, ut abiret; et tenuit Saul pinnulam diploidis ejus et disruptit eam. Et dixit ad eum Samuel: Disrupt Dominus regnum ab Israel de manu tua hodie et dabit proximo tuo bono super te, et dividetur Israel in duo; et non convertetur neque paenitebit eum; quoniam non est sicut homo, ut paeniteat eum; ipse minatur, et non permanet.*

I Reis, XV, 24-29.

Este, a quem ele diz:

*O Senhor te desprezará a ti, para que não sejas rei de Israel*³,

e:

*O Senhor te arrancou hoje das mãos o reino de Israel*⁴,

reinou quarenta anos⁵ em Israel, ou seja durante tanto tempo como o próprio David, e ouviu isto no princípio do seu reinado. Devemos, portanto, compreender que isto foi dito porque ninguém da sua estirpe havia de reinar e devemos olhar para a estirpe de David donde provém, segundo a carne, o Mediador entre Deus e os homens — o homem Jesus Cristo.

A Escritura não tem o que se lê na maior parte dos códices latinos:

*O Senhor arrancou o reino de Israel da tua mão*⁶,
mas, como por nós foi referido, encontra-se nos gregos:

*O Senhor arrancou o reino das tuas mãos e de Israel*⁷,
para dar a entender que «das tuas mãos» (*de manu tua*) é o mesmo que «de Israel» (*ab Israel*). Este homem era, portanto, a figura do povo de Israel, povo que virá a perder o seu reino quando Cristo Jesus, Senhor Nosso, vier reinar pela

³ *Spemet te Dominus, ne sis rex super Israel.*

I Reis, XV, 23.

⁴ *Disrupit Dominus regnum ab Israel de manu tua hodie.*

I Reis, XV, 27.

⁵ Nem os Livros dos Reis nem qualquer outro Velho Testamento se referem ao tempo durante o qual Saul teria reinado. Dos Livros bíblicos, apenas os *Actos dos Apóstolos* se referem aos quarenta anos do reinado de Saul (XIII, 21). Também Flávio Josefo refere que Saul reinou durante 40 anos (in *Ant. Jud.*, VI, 378), tal como Eusébio de Cesareia (in *Chronica ed. Helm*, p. 65). Todavia, os historiadores e exegetas contemporâneos mais prudentemente abstêm-se de fixar datas (Cf. G. Ricciotti, *Hist. d'Israel*, parágrafo 369, p. 352).

⁶ *Disrupit Dominus regnum Israel de manu tua,*

V. supra nota 4.

⁷ *Disrupit Dominus regnum ab Israel de manu tua;*

I Reis, XV, 28.

Nova Aliança, não segundo a carne mas segundo o espírito. Ao dizer deste:

*E irá dá-lo a um dos teus próximos*⁸,

designa-se o parentesco carnal, pois Cristo descende, como Saul, de Israel segundo a carne.

O que se segue *bono super te* pode muito bem significar «*melhor do que tu*» (*meliori te*) como, de facto, alguns traduziram. Mas é mais aceitável tomá-lo neste sentido «*porque é bom*», «*está acima de ti*», no mesmo sentido desta outra expressão profética:

*Até que ponha todos os teus inimigos sob os teus pés*⁹,

entre os quais se encontra também Israel, a quem Cristo, como a seu perseguidor, retirou o reino — embora lá também houvesse o Israel em quem não havia malícia, como que trigo no meio das palhas. Foi dele que saíram os Apóstolos, tantos mártires, o primeiro dos quais foi Estêvão, e tantas igrejas que o apóstolo Paulo menciona dando glória a Deus pela sua conversão.

Não tenho a menor dúvida de que se deve entender, como a isto se referindo, o que se segue:

*Israel será dividido em dois*¹⁰:

ou seja — o Israel inimigo de Cristo e o Israel aderindo a Cristo, o Israel pertencente à escrava e o Israel pertencente à mulher livre. Estas duas linhagens coexistiam a princípio, tal qual como Abraão ainda estava ligado à escrava até ao momento em que a mulher estéril, fecundada pela graça de Cristo, exclamou:

*Expulsa a escrava e seu filho*¹¹.

⁸ *Et dabit illud proximo tuo.*

V. supra nota 2.

⁹ *Donec ponam omnes inimicos tuos sub pedibus tuis.*

Salmo CIX (CX), 1.

¹⁰ *Et dividetur Israel in duo.*

V. supra nota 2.

¹¹ *Eice ancillam et filium ejus.*

Gén., XXI, 10.

Sabemos muito bem que foi por causa do pecado de Salomão que, quando reinava seu filho Roboão, foi Israel «dividido em dois» e que assim se manteve, cada uma das suas partes com os seus reis próprios, até todo este povo sofrer uma catástrofe e ser deportado pelos Caldeus. Mas que tem isto a ver com Saul, já que tal ameaça se devia antes fazer a David, cujo filho era Salomão? Finalmente agora, o povo hebreu já não está dividido em si mesmo, mas indistintamente disperso pelo mundo na sociedade do mesmo erro. Mas aquela divisão com que Deus ameaçou o reino e o povo na pessoa de Saul, que representava esse povo e esse reino, considerou-se como eterna e imutável devido ao que se acrescentou:

*Não voltará nem se arrependerá, — porque ele não é como o homem que se arrepende: que ameaça mas não persevera*¹²;

isto é, o homem ameaça e não persevera; mas não é assim Deus, que não se arrepende como um homem. Quando se lê que Ele se arrepende, quer-se com isso significar uma mudança nas coisas, mantendo-se imutável a presciência divina. Portanto, quando se diz que Ele se não arrepende, deve-se entender que ele não muda.

Nestas palavras, vemos que foi proferida por Deus uma sentença de todo irrevogável e perpétua acerca da divisão do povo de Israel. Na verdade, todos os que passaram, passam e hão-de passar para Cristo, não são dali segundo a presciência divina, mas são-no segundo a unidade e a identidade de natureza do género humano. Qualquer que, vindo de Israel, adira a Cristo e persevere nessa união, jamais fará parte dos Israelitas que persistirem na inimizade de Cristo até ao fim desta vida; mas nessa divisão, que aqui foi anunciada, se manterão perpetuamente. É que a Velha Aliança, a do Sinai, que gera para a servidão, para

¹² *Et non convertetur neque paenitebit eum; quoniam non est sicut homo, ut paeniteat eum; ipse minatur, et non permanet;*

V. supra nota 2.

mais não serve do que para prestar testemunho da Nova Aliança. De resto, enquanto se lê Moisés, um véu se estende sobre os seus corações; mas, desde que daí se passe para Cristo, o véu é retirado. O que muda é a intenção dos que passam da Velha para a Nova, não buscando já a felicidade da carne mas a do espírito. É por isso que o grande profeta Samuel, antes de ungir o rei Saul, ele próprio clamou ao Senhor por Israel e foi atendido; e, quando estava a oferecer um holocausto e os inimigos se aproximavam para combaterem o povo de Deus, o trovão do Senhor ribombou por cima deles e eles ficaram confundidos, chocaram contra Israel e foram vencidos. Foi então que (Samuel) pegou numa pedra, colocou-a entre a antiga Masefat e a nova, chamou-lhe Abenazer, que em latim significa «pedra do socorro» e disse:

*Até aqui nos ajudou o Senhor*¹³.

Masefat quer dizer «intenção». Aquela «pedra do socorro» é a mediação do Salvador, pela qual é preciso passar da antiga Masefat à nova, isto é, da intenção que esperava uma falsa beatitude carnal num reino carnal, à que, graças à Nova Aliança, espera a verdadeira beatitude espiritual no Reino dos Céus. E, como nada é melhor, é que, até alcançá-la, Deus nos ajuda.

¹³ *Usque hoc adjudavit nos Dominus.*
I Reis, VII, 12.

CAPÍTULO VIII

As promessas feitas a David acerca de seu filho de maneira nenhuma se realizaram em Salomão, mas sim, e plenamente, em Cristo.

Parece-me que já é a altura de mostrar o que Deus prometeu a David, sucessor de Saul no reino, em cuja mudança está figurada aquela outra mudança final por causa da qual foram providencialmente ditas e escritas todas as coisas que se relacionam com o assunto de que tratamos. Quando uma grande prosperidade atingiu o rei David, pensou ele em construir para Deus uma casa, isto é, esse magnífico e afamado templo que mais tarde foi levantado por seu filho o rei Salomão. Enquanto ele nisso pensava, a palavra do Senhor foi dirigida ao profeta Natã para ser transmitida ao rei. Disse Deus então que essa casa não seria construída pelo próprio David e que durante muito tempo a ninguém do seu povo ordenaria que Lhe construísse uma casa de cedro. E acrescentou:

E agora dirás estas coisas ao meu servo David: «Estas coisas diz o Senhor Omnipotente:

— Tirei-te do redil das ovelhas, para que sejas o chefe do meu povo de Israel. Eu estava contigo em tudo o que aprendias, e tirei da tua frente todos os teus inimigos e tornei-te famoso como os mais famosos que existem à face da Terra. Darei um lugar ao meu povo de Israel, implantá-lo-ei e ele habitará à parte e não terá mais preocupações. O filho da iniquidade não ousará humilhá-lo como no começo dos dias em que instituí Juízes à frente do meu povo de Israel. Conceder-te-ei a paz com todos os teus inimigos; e o Senhor

te dirá que lhe levantes uma casa. E acontecerá — quando forem cumpridos os teus dias e dormires com os teus antepassados, que farei aparecer depois de ti uma tua descendência, nascida das tuas entranhas, e consolidarei o seu reino. Será ele que Me levantará uma casa ao meu nome, e eu mantereí o seu trono até à eternidade. Eu é que serei para ele um pai e ele será para Mim um filho. Se se deixar arrastar para a iniquidade, castigá-lo-ei com as vergastas dos homens e com os golpes dos filhos dos homens. Mas não afastarei dele a minha misericórdia como afastei daquele de quem desviei a minha face. A sua casa será fiel e o seu reino eterno diante de mim e o seu trono manter-se-á de pé para sempre»¹.

Muito se engana quem pensar que essa tão grande promessa se cumpriu em Salomão. Ele atende, de facto, ao que foi dito:

*Ele é que me construirá uma casa*²,

¹ *Et nunc haec dices servo meo David: Haec dicit Dominus omnipotens: Accepi te de ovili ovium, ut esses in ducem super populum meum super Israel, et eram tecum in omnibus quibus ingrediebaris, et exterminavi omnes inimicos tuos a facie tua, et feci te nominatum secundum nomen magnorum, qui sunt super terram; et ponam locum populo meo Israel, et plantabo illum, et inhabitabit seorsum, et non sollicitus erit ultra; et non apponet filius iniquitatis humiliare eum, sicut ab initio a diebus, quibus constitui iudices super populum meum Israel; et requiem tibi dabo ab omnibus inimicis tuis, et nuntiabit tibi Dominus, quoniam domum aedificabis ipsi. Et erit, cum repleti fuerint dies tui, et dormies cum patribus tuis, et suscitabo semen tuum post te qui erit de ventre tuo, et praeparabo regnum ejus. Hic aedificabit mihi domum nomini meo, et dirigam thronum illis usque in aeternum. Ego ero illi in patrem, et ille erit mihi in filium. Et si venerit iniquitas ejus, redarguam illum in virga virorum et in tactibus filiorum hominum; misericordiam autem meam non amoveam ab eo, sicut amovi, a quibus amovi a facie mea; et fidelis erit domus ejus et regnum ejus usque in aeternum coram me, et thronus ejus erit erectus usque in aeternum.*

II Reis, VII, 8-16.

² *Hic aedificabit mihi domum.*

V. supra nota 1.

porque Salomão construiu esse nobilíssimo templo; mas não presta atenção às palavras:

*A sua casa será fiel e o seu reino eterno diante de mim*³.

Preste, pois, atenção e repare para a casa de Salomão, cheia de mulheres estrangeiras adorando os falsos deuses, e para o próprio rei, outrora tão sábio, seduzido e arrastado para a mesma idolatria! Mas não se atreva a pensar que Deus fez uma promessa mentirosa ou que Ele não previu semelhante comportamento de Salomão e da sua casa. Nós é que não deveremos duvidar destas coisas, mesmo que não as vejamos já cumpridas em Cristo nosso Senhor nascido da posteridade de David segundo a carne, para não termos de procurar um outro à maneira vã e inútil dos Judeus carnaís. Pois eles próprios reconhecem, quando lêem a passagem em que se promete um filho ao rei David, que não é Salomão esse filho; todavia, apesar de o prometido estar revelado tão claramente, afirmam, com espantosa cegueira, que esperam outro.

É verdade que em Salomão se verificou uma imagem do que viria a acontecer — ou seja na construção do templo na manutenção da paz, de acordo com o seu nome (Salomão em latim quer dizer *pacífico* (*pacificus*) e como foi maravilhosamente louvável no princípio do seu reinado. Mas na sua própria pessoa, como sombra do futuro, anunciava, mas não mostrava, a Cristo Senhor Nosso. Assim, certas coisas foram escritas a seu respeito como se elas fossem predições sobre ele mesmo, quando a Escritura, que mistura a profecia com os factos realizados, nos esboça nele, de certa maneira, a figura das coisas futuras. Com efeito, além dos livros da História Sagrada onde o seu reinado é contado, há um Salmo, o septuagésimo primeiro, inscrito em seu nome: nele muitas coisas se referem que de modo nenhum lhe respeitam mas se aplicam com toda a

³ *Fidelis erit domus ejus in regnum ejus usque in aeternum coram me.*

V. supra nota 1

clareza a Cristo Senhor: mostra-se à evidência que naquele se esboçou certa figura e n'Este se apresentou a própria realidade. De facto, sabe-se dentro de que fronteiras estava encerrado o reino de Salomão, e, todavia, nesse Salmo lê-se, além de outras coisas:

*Dominará desde o mar até ao mar e desde o rio até aos confins do orbe da Terra*⁴.

— o que vemos estar a cumprir-se em Cristo. Este domínio começou no rio onde, baptizado por João e por ele mostrado, começou a ser conhecido pelos seus discípulos, que não só lhe chamaram «Mestre» mas também «Senhor».

Salomão começou a reinar ainda em vida de seu pai David, o que não aconteceu com nenhum dos outros reis — para com isto claramente se mostrar que não é ele o esboçado na profecia dirigida a seu pai nestes termos:

*Ele acontecerá quando forem cumpridos os teus dias e dormires com os teus antepassados que farei aparecer depois de ti uma descendência tua, nascida das tuas entranhas, e consolidarei o seu reino*⁵.

Como é, pois, que, no que se segue:

*Será ele quem Me levantará uma casa*⁶,

se pode ver Salomão profetizado? E antes não ver, no que antecede:

*Quando forem cumpridos os teus dias e dormires com os teus antepassados, farei aparecer depois de ti uma descendência tua*⁷,

⁴ *Dominabitur a mari usque ad mare et a flumine usque ad terminos orbis terrae.*

Salmo LXXI (LXXII), 8.

⁵ *Et erit, cum repleti fuerint dies tui, et dormies cum patribus tuis, et suscitabo semen tuum post te, qui erit de ventre tuo et praeparabo regnum illius.*

V. supra nota 1.

⁶ *Hic aedificabit mihi domum.*

V. supra nota 1.

⁷ *Cum repleti fuerint dies tui et dormies cum patribus tuis suscitabo semen tuum post te,*

V. supra notas 1 e 5.

a promessa de um outro descendente pacífico que se elevará, conforme o vaticínio, não antes da morte de David, como este (Salomão), mas depois? Por muito extenso que seja o tempo até Jesus Cristo chegar, não há a menor dúvida de que teria de chegar depois da morte do rei David, a quem assim foi prometido aquele que construiria uma casa não com madeira e pedras mas com homens — aquela mesmo que nós nos alegamos de construir. É desta casa, isto é, dos fiéis de Cristo, que diz o Apóstolo:

*Pois é santo este templo de Deus que vós sois*⁸.

⁸ *Templum enim Dei sanctum est, quod estis vos.*
I Cor., III, 17.

CAPÍTULO IX

Quão semelhante é a profecia, sobre Cristo, do Salmo 88.º às promessas contidas nas profecias de Natã, nos livros dos Reis.

É por isso que no Salmo 88.º, com o título «Instrução ao israelita Etan», se mencionam as promessas feitas por Deus ao rei David e se dizem algumas coisas semelhantes às que se encontram no livro dos Reis, tais como:

*Jurei ao meu servo David: consolidarei para sempre a tua posteridade*¹

e ainda:

Então, falaste em visão aos teus filhos e disseste:

— *Prestei socorro ao poderoso, exaltei o que foi escolhido no meu povo. Encontrei o meu servo David e ungi-o com o meu óleo santo. Porque a minha mão o apoiará e o meu braço o fortalecerá. O inimigo não prevalecerá contra ele, e o filho da iniquidade não o molestará. Farei em pedaços os seus inimigos diante da sua face, e porei em fuga os que o odeiam. A minha verdade e a minha misericórdia serão com ele e em meu nome será exalçado o seu poder. Estenderei a sua mão sobre o mar e a sua direita sobre os rios. Ele Me invocará: Tu és o meu Pai, o meu Deus e o defensor da minha vida. Farei dele o meu primogénito e exalçá-lo-ei acima dos reis da Terra. Conservar-lhe-ei para*

¹ *Juravi David servo meo: usque in aeternum praeparabo semen tuum;*
Salmo LXXXVIII (LXXXIX), 4. Cf. supra notas 1 e 5 do Cap. VIII.

*sempre a minha misericórdia, e a minha aliança com ele será fiel. Guardarei a sua posteridade pelos séculos dos séculos e o seu trono como os dias do Céu*².

Quando bem entendidas, todas estas palavras se referem ao Senhor Jesus sob o nome de David, por causa da forma de escravo que este mediador tomou da descendência de David por intermédio da Virgem. Logo a seguir, diz-se dos pecados dos seus filhos algo de semelhante ao que se diz no Livro dos Reis e que facilmente seria aplicável a Salomão. Pois diz-se aí, isto é, no Livro dos Reis:

*E, se se deixar arrastar para a iniquidade, castigá-lo-ei com a vergasta dos homens e com os golpes dos filhos dos homens. Mas não desviarei dele a minha misericórdia*³,

significando pelos «golpes», as feridas da correcção. E daí o seguinte:

*Não toquem nos meus Ungidos (Christos)*⁴.

E que outra coisa quer isso dizer senão «não os molesteis»? Ora, no Salmo, como se se tratasse de David, lê-se algo de semelhante:

Se os seus filhos abandonarem a minha lei e não caminharem nos meus caminhos da justiça, se violarem os meus

² *Tunc locutus es in aspectu filiis tuis et dixisti: Posui adiutorium super potentem, exaltavi electum de populo meo. Inveni David servum meum, in oleo sancto meo unxi eum. Manus enim mea auxiliabitur ei et brachium meum confortabit eum. Non proficiet inimicus in eo et filius iniquitatis non nocebit eum. Et concidam inimicos ejus a facie ejus, et eos, qui oderunt eum, fugabo. Et veritas mea et misericórdia mea cum illo, et in nomine meo exaltabitur cornum ejus. Et ponam in mari manum ejus et in fluminibus dextram ejus. Ipse invocabit me: Pater meus es tu, Deus meus et susceptor salutis meae. Et ego primogenitum ponam eum, excelsum apud reges terrae. In aeternum servabo ei misericordiam meam et testamentum meum fidele ipsi. Et ponam in saeculum saeculi semen ejus et thronum ejus sicut dies caeli.*

Salmo LXXXVIII (LXXXIX), 20-30.

³ *Et si venerit iniquitas ejus, redarguam illum in virga virorum et in tactibus filiorum hominum; misericordiam autem meam non amoveam ab eo.*

II Reis, VII, 14-15.

⁴ *Ne tetigeritis christos meos.*

Salmo CIV (CV), 15.

*preceitos e não guardarem os meus mandamentos, castigarei com uma vergasta as suas iniquidades e com golpes os seus pecados. Mas não lhe retirarei a minha misericórdia*⁵.

Não disse «deles» (*ab eis*), embora fale dos seus filhos e não dele próprio. Disse «dele» (*ab eo*), o que, bem entendido, vale o mesmo. Porque não é no próprio Cristo, cabeça da Igreja, que se poderá encontrar o menor pecado que exija da parte de Deus correções humanas, salva sempre a misericórdia; mas encontram-se pecados no seu corpo e nos seus membros, isto é, no seu povo. Por isso no Livro dos Reis se fala da «sua iniquidade» e no Salmo se fala da de «seus filhos», para dar a entender que o que se diz do seu corpo é como se fosse dito d'Ele mesmo. É também por isso que, quando Saulo O perseguia no seu corpo, que são os seus fiéis, Ele mesmo do Céu lhe diz:

*Saulo, Saulo, porque me persegues?*⁶

E (nos versículos) seguintes do Salmo diz:

*Não o molestarei na minha verdade, não violarei a minha aliança; não revogarei as palavras saídas dos meus lábios. Jurei uma vez pelo meu Santo. Vou eu mentir a David?*⁷

⁵ *Si dereliquerint filii ejus legem meam et in judiciis meis non ambulaverint; si justificationes meas profanaverint et mandata mea non custodierint: visitabo in virga iniquitates eorum et in verberibus peccata eorum; misericordiam autem meam non dispergam ab eo.*

Salmo LXXXVIII, 31-34.

⁶ *Saule, Saule, quid me persequeris?*

Act. Apost., IX, 4.

⁷ *Neque nocebo in veritate mea, neque profanabo testamentum meum, et quae procedunt de labiis meis non reprobabo. Semel juravi in sancto meo, si David mentiar;*

Salmo LXXXVIII (LXXXIX), 35-36.

isto é, jamais mentirei a David, — (é assim que a Escritura costuma exprimir-se). E quem é que não mente di-lo em seguida:

*A sua posteridade ficará para sempre. O seu trono será como o sol na minha presença e como a lua que sempre permanece e é no Céu um testemunho fiel*⁸.

⁸ *Semen ejus in aeternum manet; et sedes ejus sicut sol in conspectu meo, et sicut luna perfecta in aeternum, et testis in caelo fidelis.*

Salmo LXXXVIII (LXXXIX), 37-38.

CAPÍTULO X

Quão diferente do que Deus tinha prometido foi o que se passou no reino da Jerusalém terrestre — para se compreender que a verdadeira promessa diz respeito à glória de um outro reino e de um outro rei.

Depois das validíssimas garantias de tão grande promessa, para que se não julgasse que ela se tinha cumprido em Salomão, o salmista diz, como se não estivesse cumprido o que se tinha esperado:

*Mas tu, Senhor, rejeitaste-o e reduziste-o a nada*¹.

Foi, de facto, o que aconteceu ao reino de Salomão, com os seus descendentes, até à ruína da própria Jerusalém terrestre, que foi a sede do seu império, e sobretudo até à destruição do templo construído por Salomão. Mas, para que se não julgasse que deste modo tinha Deus procedido contra as suas promessas, acrescenta logo a seguir:

*Retardaste o teu Ungido (Christo)*².

Se o «retardado» foi o Cristo do Senhor, então não se trata de Salomão, nem mesmo de David. É certo que chamavam «*cristos do Senhor*» a todos os reis consagrados por aquele místico crisma desde David em diante, e mesmo desde Saul, que foi o primeiro a ser ungido como rei para esse povo (o próprio David lhe chama «*o cristo do Senhor*»). Não

¹ *Tu vero reppulisti et ad nihilum deduxisti, Domine.*

Salmo LXXXVIII (LXXXIX), 39.

² *Distulisti christum tuum.*

Salmo LXXXVIII (LXXXIX), 39.

havia, porém, mais do que um único e verdadeiro Cristo, de que aqueles eram, pela unção profética, a figura. Este, segundo a opinião dos homens que pensavam que devíamos vê-lo em David ou em Salomão, era protelado para tempos distantes. Mas, segundo a disposição de Deus, estava preparado para vir a seu tempo. Em seguida, o Salmo conta o que aconteceu, enquanto este não chegava, no reino da Jerusalém terrestre onde se aguardava o seu reino, dizendo:

*Quebraste a aliança do teu servo,
profanaste na Terra a sua santidade;
destruíste todas as suas muralhas,
lançaste o terror nas suas fortificações;
todos os que passavam pelo caminho o saqueiam
e ele tornou-se um opróbrio para os seus vizinhos;
exaltaste a direita dos seus inimigos,
alegraste todos os seus inimigos;
desviaste, afastaste, tiraste o socorro da sua espada
e não o ajudaste na guerra;
despojaste-o do seu esplendor,
partiste contra a terra o seu trono;
abreviaste os dias do seu trono,
cobriste-o de ignomínia^{3(a)}.*

³ *Evertisti testamentum servi tui, profanasti in terra sanctitatem ejus; destruxisti omnes macerias ejus, posuisti munitiones ejus in formidinem; diripuerunt eum omnes transeuntes viam, factus est opprobrium vicinis suis; exaltasti dexteram inimicorum ejus, jucundasti omnes inimicos ejus; avertisti adjutorium gladii ejus et non es opitulatus ei in bello; dissolvisti eum ab emundatione, sedem ejus in terram conlisisisti; minuisti dies sedis eius, perfudisti eum confusione (*)*.

Salmo LXXXVIII (LXXXIX), 40-46.

(^a) Como ressalta da respectiva tradução do Cón. Dr. Mendes do Carmo (in *Bíblia Ilustrada*, vol. III, p. 451 e seguintes), o texto hebraico não se refere à ruína do templo mas à de Jerusalém e à humilhação de Jaconias, sucessor de David, cujo *diadema* («santidade» no texto utilizado por Santo Agostinho) foi lançado à terra.

Calcula-se, mas sem absoluta segurança, que este Salmo foi escrito entre os dois cercos postos por Nabucodonosor a Jerusalém.

Os mais categorizados exegetas actuais não duvidam do sentido histórico deste Salmo, embora possa ser também interpretado, como faz Santo Agostinho, em sentido messiânico.

Todas estas desgraças caíram sobre a Jerusalém escrava, na qual também reinaram alguns filhos da livre, governaram aquele reino em administração temporal mas era o reino da Jerusalém Celeste, de quem eram filhos, que eles possuíam na verdadeira fé, cheios de esperança no verdadeiro Cristo. Como surgiram estas coisas àquele reino, no-lo mostra a leitura da história que narra os acontecimentos.

CAPÍTULO XI

A «substância» do povo de Deus, realizada pela encarnação de Cristo, o único que teve o poder de arrancar sua alma dos infernos.

Depois destas profecias, o profeta volta-se para Deus para lhe orar, e a sua própria oração é uma profecia:

*Até quando, Senhor, desvias para sempre?*¹

— subentende-se «*faciam tuam*» (a tua face), como algures se diz:

*Até quando desvias de mim a tua face?*²

Certos códices não trazem «*desvias*» (avertis) mas »*desviarás*» (avertis), embora se possa entender «*desvias a tua misericórdia que prometeste a David*». E as palavras *in finem*, que significam senão «*até ao fim*»? E estes «fim» deve interpretar-se como o último tempo, em que até esse povo acreditará em Cristo Jesus, mas, antes de tal fim, terão de se realizar as calamidades que mais acima chorou. Por isso é que continua:

*A tua cólera arde como um fogo. Lembra-te qual é a minha substância*³.

Daqui nada se pode compreender de melhor que o próprio Jesus, substância deste povo, do qual ele tirou a sua natureza carnal. Porque, diz ele:

¹ *Usque quo, Domine, avertis in finem?*

Salmo LXXXVIII (LXXXIX), 47.

² *Quo usque avertis faciem tuam a me?*

Salmo XII (XIII), 1.

³ *Exardescit sicut ignis ira tua: memento quae est mea substancia.*

Salmo LXXXVIII (LXXXIX), 47-48.

*Não foi em vão que criaste todos os filhos dos homens*⁴.

Se não fosse a substância de Israel esse único filho de homem, pelo qual seriam libertados muitos filhos dos homens, — com certeza que teriam sido criados em vão todos os filhos dos homens. Agora, porém, toda a natureza humana, devido ao pecado do primeiro homem, caiu da verdade na vaidade; por isso é que um outro Salmo diz:

*O homem tornou-se semelhante à vaidade, os seus dias passam como a sombra*⁵;

mas não foi em vão que Deus criou os filhos dos homens, pois que a muitos livra da vacuidade pelo mediador Jesus — e quanto aos que sabia que se não haviam de salvar, não os criou em vão na belíssima e justíssima ordem da criação racional inteira: criou-os para utilidade dos que se haviam de salvar e para comparação, por contraste, das duas cidades.

Segue-de depois:

Qual é o homem que viverá e não verá a morte?

*Quem arrancará a sua alma das mãos do Inferno?*⁶

Qual será senão essa substância de Israel, da estirpe de David, Cristo Jesus? É d'Ele que diz o Apóstolo:

*Ressuscitado dos mortos, já não morrerá e a morte não mais o dominará*⁷.

Assim viverá e não voltará a ver a morte, mesmo que tenha morrido; mas «arrancou a sua alma das mãos do inferno», até onde tinha descido para quebrar as cadeias infernais de

⁴ *Non enim vane constituisti omnes filios hominum.*

Salmo LXXXVIII (LXXXIX), 48.

⁵ *Homo vanitati similis factus est, dies ejus velut umbra praetereunt.*

Salmo CLXIII (CLXIV), 4.

⁶ *Quis est homo qui vivet e non videbit mortem, eruet animam suam de manu inferni?*

Salmo LXXXVIII (LXXXIX), 49.

⁷ *surgens a mortuis jam non moritur, et mors ei ultra non dominabitur.*

Rom., VI, 9.

alguns. E arrancou-a por aquele poder de que fala o Evangelho:

*Tenho o poder de abandonar a minha alma, e tenho o poder de a retomar de novo*⁸.

⁸ *Potestatem habeo ponendi animam meam et potestatem habeo iterum sumendi eam.*

João, X, 18.

CAPÍTULO XII

Nas palavras do Salmo «Onde estão, Senhor, as tuas antigas misericórdias?» — e outras —, a que pessoa se deve entender que se refere a exigência das promessas?

Com razão se pode perguntar se as últimas palavras deste Salmo, que são deste teor:

*Onde estão, Senhor, as tuas antigas misericórdias que, na tua verdade, juraste a David? Lembra-Tê, Senhor, do opróbrio dos teus servos, que eu trago no meu seio com o de muitos povos. O que os teus inimigos me têm atirado à cara, Senhor, o que eles me têm atirado à cara é a mudança do teu Ungido (Cristo)*¹,

foram ditas a propósito da pessoa desses israelitas que esperavam a seu favor o cumprimento da promessa feita a David, ou antes a propósito da pessoa dos Cristãos, que são israelitas, não segundo a carne mas segundo o espírito? É que, na verdade, estas coisas foram ditas ou escritas no tempo de Etan, de quem este Salmo recebeu o título, tempo também do reinado de David. E por isso não se diria:

*Onde estão, Senhor, as tuas antigas misericórdias, que, na tua verdade, juraste a David?*²

¹ *Ubi sunt miserationes tuae antiquae, Domine, quas jurasti David in veritate tua? Memento, Domine, opprobrii servorum tuorum, quod continui in sinu meo multarum gentium; quod exprobraverunt inimici tui, Domine; quod exprobraverunt, commutationem Christi tui,*

Salmo LXXXVIII (LXXXIX), 50-56.

² *Ubi sunt miserationes tuae antiquae, Domine, quas jurasti David in veritate tua?*

V. supra nota 1.

se a profecia não tivesse sido transferida da pessoa daqueles que deviam viver muito mais tarde e para quem o tempo das promessas feitas a David era já antigo. Mas também se pode entender que muitos povos, quando perseguiram os Cristãos, lhes censuraram a paixão de Cristo, a que a Escritura chama «mudança» (*commutatio*) porque Cristo, ao morrer, tornou-se imortal. Pode-se entender ainda a «mudança» «de Cristo» como exprobrada aos Israelitas porque se passou para os gentios aquele que eles para si esperavam. E esta censura é agora atirada à cara por muitos povos que acreditaram em Cristo graças à Nova Aliança, ao passo que eles se mantêm nas suas velharias. Por isso se diz:

*Lembra-Tê, Senhor, do opróbrio dos teus servos*³, porque, longe de as esquecer, o Senhor deles se compadece, de maneira que também eles, depois deste opróbrio, crerão n'Ele. Mas parece-me mais apropriado o sentido que primeiro lhe dei, porque censurar aos inimigos de Cristo que Cristo os deixou para passar aos gentios, mal se harmoniza com esta expressão:

*Lembra-te, Senhor, do opróbrio dos teus servos*³; a tais Judeus não se pode chamar «Servos de Deus». Mas estas palavras convêm àqueles que, sofrendo em nome de Cristo humilhantes perseguições, se puderam lembrar de que um reino sublime foi prometido aos descendentes de David e, no desejo desse reino, puderam dizer, não desesperando, mas pedindo, procurando, batendo (à porta):

*Onde estão, Senhor, as tuas antigas misericórdias que, na tua verdade, juraste a David?*². *Lembra-te, Senhor, do opróbrio dos teus servos*³ — *que eu trago no meu seio com o de muitos povos*⁴

³ *Memento, Domine, opprobrii servorum tuorum,*
V. supra nota 1.

⁴ *quod continui in sinu multarum gentium.*
V. supra nota 1.

(isto é: que eu suporto com paciência no meu íntimo);

*o que os teus inimigos me têm atirado à cara, Senhor,
o que eles me têm atirado à cara é a mudança do teu Ungido
(Cristo)*⁵,

julgando-as, não como uma «mudança», mas como um aniquilamento. E que significa *Memento, Domine* (lembra-te, Senhor) senão: «Tem piedade de mim e, pela humilhação que pacientemente suportei, devolve-me a exaltação que juraste na tua verdade a David»?

Mas, se atribuírmos estas palavras aos Judeus, só poderiam dizer tais coisas aqueles servos de Deus que, depois da tomada da Jerusalém terrestre e antes do nascimento humano de Jesus Cristo, foram levados para o cativeiro: porque só esses compreenderiam a «mudança de Cristo», sabendo que não é a felicidade da Terra e da carne, como a que se pôde ver durante os poucos anos do rei Salomão, que é preciso esperar com confiança, mas a do Céu e do espírito. E, quando os povos infiéis, ignorando essa felicidade, rejubilavam e insultavam o povo de Deus por estar cativo, que mais faziam do que lhes exprobrarem, sem o saberem, àqueles que o sabiam, «a mudança de Cristo»?

Por isso é que o que se segue, esta conclusão do Salmo:

*Bendito seja o Senhor para sempre. Amen, amen*⁶,
se aplica bem a todo o povo de Deus pertencente à Jerusalém celeste — quer aos justos escondidos na Antiga Aliança antes da revelação da Nova, quer aos fiéis que, depois desta revelação, pertencem manifestamente a Cristo. Porque a bênção do Senhor sobre a estirpe de David não se manifestou num tempo limitado, como nos dias de Salomão, mas devemos esperá-la para a eternidade; e foi nessa

⁵ *quod exprobraverunt inimici tui, Domine; quod exprobraverunt commutationem Christi tui.*

Cf. supra nota 1.

⁶ *Benedictio Domini in aeternam: fiat, fiat,*
Salmo LXXXVIII (LXXXIX), 53

firmissima esperança que se disse «*Amen, amen*» (*Fiat, fiat*). A repetição desta palavra constitui a confirmação desta esperança.

Foi compreendendo isto que David disse no segundo Livro dos Reis, de que nos afastámos um pouco para explicarmos este Salmo:

*Falaste a favor da casa do teu servo, para um tempo longínquo*⁷,

acrescentando por isso, um pouco depois:

*Começa desde já e abençoa para sempre a casa do teu servo*⁸,

e o que se segue, — porque ia então gerar um filho cuja posteridade havia de chegar até Cristo, através de quem a sua casa havia de ser eterna e ao mesmo tempo casa de Deus: efectivamente, era casa de David por causa da estirpe de David, e ao mesmo tempo era casa de Deus por causa do templo de Deus feito homem e não de pedras, onde, para sempre, o povo habitaria com o seu Deus e no seu Deus, e Deus com o seu povo e no seu povo. Assim, Deus encherá o seu povo e o seu povo será cheio do seu Deus, quando Deus for tudo em todos: o prémio na paz, Ele que é a força na guerra.

Por isso é que as palavras de Natã:

*O Senhor te anunciará que lhe hás-de edificar uma casa*⁹

correspondem às palavras de David:

*Senhor Omnipotente, Deus de Israel, abriste os ouvidos do teu servo ao dizeres: construirei uma casa para ti*¹⁰.

⁷ *Et locutus es pro domo servi tui in longinquam,*
II Reis, VII, 19.

⁸ *Nunc incipe et benedic domum servi tui usque in aeternum.*
II Reis, VII, 29.

⁹ *Et anuntiabit tibi Dominus, quoniam domum aedificabis ipsi.*
II Reis, VII, 11.

¹⁰ *Quoniam tu Dominus omnipotens Deus Israel, relevasti aurem servi tui dicens: Domum aedificabo tibi.*
II Reis, VII, 27.

Nós é que construímos essa casa vivendo no bem, e Deus nos ajuda a que no bem vivamos; porque

*se o Senhor não construir a casa, em vão trabalharam os que a construíram*¹¹.

E, quando chegar a última dedicação desta casa, então se cumprirá o que Deus disse pela boca de Natã:

*Darei um lugar ao meu povo de Israel, implantá-lo-ei e ele habitará lá à parte e não terá mais preocupações, e o filho da iniquidade já se não atreverá a humilhá-lo como no começo desde os dias em que estabeleci Juízes à frente do meu povo de Israel*¹².

¹¹ *nisi Dominus aedificaverit domum, in vanum laborarunt aedificantes eam.*

Salmo CXXXVI (CXXVII), 1.

¹² *Et ponam locum populo meo Israel, et plautabo illum, et inhabitabit seorsum, et non sollicitus erit ultra, et non apponet filius iniquitatis humiliare eum, sicut ab initio a diebus, quibus constitui iudices super populum meum Israel.*

II Reis, VII, 10-11.

CAPÍTULO XIII

Se se pode atribuir aos tempos que correram sob Salomão a realidade da paz prometida por Deus.

Quem esperar tamanho bem neste século e nesta terra é louco de todo. Poderá alguém pensar que foi cumprido na paz do reinado de Salomão? Sem dúvida que a Escritura assinala com um elevado elogio essa paz, mas como a sombra do futuro. Ela própria se apressa a contradizer essa opinião, quando, depois de ter dito:

*O filho da iniquidade já se não atreverá a humilhá-lo*¹,
logo acrescenta:

*Como no começo, desde os dias em que estabeleci
Juizes à frente do meu povo de Israel*².

Foi antes dos Reis que os Juizes foram estabelecidos à frente desse povo, desde a sua instalação na Terra Prometida. E é fora de dúvida que o filho da iniquidade, isto é, o estrangeiro inimigo, o humilhou durante períodos em que, conforme lemos, a paz alternava com a guerra. Todavia, encontram-se períodos de paz mais longos que o de Salomão, que reinou durante quarenta anos. Assim, durante o governo do Juiz chamado Aod, houve oitenta anos de paz. Afaste-se, pois, a ideia de que foram os tempos de Salomão os anunciados nessa promessa e muito menos os de qualquer outro

¹ *Et non apponet filius iniquitatis humiliare eum,*

V. supra nota 12 do Cap. XII.

² *Sicut ab initio a diebus quibus constitui iudices super populum meum
Israel.*

V. supra nota 12 do Cap. XII.

rei, pois nenhum deles teve um reinado com tão longa paz nem também esse povo esteve tão livre do receio de cair sob o jugo do inimigo — porque a instabilidade das coisas humanas jamais concedeu a qualquer povo uma segurança que o pusesse ao abrigo de toda a invasão funesta para a sua vida. Por conseguinte, o lugar prometido de morada tão pacífica e segura é ele mesmo eterno e está reservado para os filhos eternos de Jerusalém, a mãe livre onde estará o verdadeiro povo de Israel: porque este nome significa «*o que vê a Deus*». É pelo desejo desta recompensa que vêm viver santamente pela fé, nesta peregrinação cheia de amarguras.

CAPÍTULO XIV

Cuidado de David quanto à disposição e ao simbolismo dos Salmos.

David reinou primeiramente na Jerusalém terrestre, sombra da futura, enquanto a Cidade de Deus se desenvolvia através dos tempos. Era um homem conhecedor da arte do canto, que amava a harmonia musical com sentimento religioso e não com vulgar prazer, e, com ela, místico simbolismo de uma grande realidade, servia ao seu Deus, que é o verdadeiro Deus. Com efeito, a combinação justa e mensurada dos diversos sons evoca, pela sua harmoniosa variedade, a unidade convencionada de uma cidade bem ordenada. Quase todas as suas profecias se encontram nos Salmos contidos, em número de cento e cinquenta, no Livro denominado «*Salmos*».

Deste número, segundo alguns, David só teria composto os que trazem o seu nome; julgam outros que só se lhe devem atribuir os que trazem a menção «*do próprio David*» (*ipsius David*); mas os que trazem «*ao próprio David*» (*ipsi David*) foram compostos por outros mas colocados em seu nome. Esta opinião é refutada pelo próprio Salvador no Evangelho, onde declara que David, em Espírito, disse que Cristo é o seu Senhor, pois o Salmo cento e nove começa assim:

*Senta-te à minha direita, até que Eu ponha os teus inimigos como escabelo dos teus pés*¹.

¹ *Dixit Dominus Domino meo: Sede a dextris meis, donec ponam inimicos tuos scabellum pedum tuorum.*

Salmo CIX (CX), 1.

O certo é que este Salmo não traz no título «do próprio David», mas, como muitos outros, «ao próprio David».

A mim, parece-me mais aceitável a opinião dos que atribuem à sua obra todos os cento e cinquenta Salmos, e que (David) intitidou alguns com o nome de outros personagens que no assunto tinham o valor de uma figura e aos demais achou por bem deixá-los nos títulos sem o nome de homem algum. Esta variedade seria devida a uma inspiração do Senhor, obscura embora, não despida de motivos. Não é objecção válida contra isto o facto de se encontrarem inscritos em alguns destes Salmos os nomes de certos profetas que viveram muito tempo depois do rei David, e, de o que aí se diz parecer que por eles foi dito. O espírito profético podia muito bem revelar ao rei-profeta David estes nomes de futuros profetas, para que ele contasse, de maneira profética o que convinha à pessoa deles. Assim, o rei Josias, que havia de nascer e reinar mais de trezentos anos depois, foi revelado por seu nome a um certo profeta que também predisse as suas acções futuras².

² Os antigos exegetas (S.^{to} Agostinho, Diodoro de Tarso e escola de Antioquia, Teodoreto, Filastro de Bréscia) atribuíam a David todos os Salmos do Saltério. Mas já então alguns admitiam que os Salmos tinham diversos autores, embora na maioria se devessem a David (principalmente S.^{to} Hilário).

Hoje, ninguém defende a opinião exposta neste capítulo por Santo Agostinho.

Sobre o assunto v. L. Marès, *Études préliminaires à l'édition de Diodore de Tarse sur les Psaumes*, Paris, 1933, pp. 62-63; H. Cazelles, *La question du «Lamed auctoris»* (in *Revue biblique*, 1949, pp. 93-101).

CAPÍTULO XV

Se no contexto desta obra se devem invocar todas as profecias que nos Salmos se referem a Cristo e à Igreja.

Parece-me que já se espera de mim que, nesta fase deste livro, explique que é que David profetizou nos Salmos acerca de Cristo Nosso Senhor e da sua Igreja. Vejo-me, porém, impedido de o fazer, como parece que a expectativa o exige (embora já o tenha feito com um salmo), mais pela abundância do que pela penúria. Para evitar a prolixidade, abstenho-me de tudo expor; mas, ao escolher alguns textos, receio omitir outros que, a muitos, deles conhecedores, pareçam mais necessários; depois (porque o testemunho que se extrai deve ter o apoio do contexto de todo o salmo, a tal ponto que nada haja que se lhe oponha se o não apoiar todo o conteúdo), receio também que possa parecer que, à maneira dos centões¹, andemos

¹ *Centão*, no plural centões, embora de uso muito restrito, é palavra portuguesa (v. Dr. Artur Bivar, in *Dicionário Geral e Analógico da Língua Portuguesa*, vol. I, p. 678). Provém do Latim *cento* e tem significações várias, tais como a de «manta de retalhos», «reposteiro». Aqui, o seu significado, que tanto o português como o francês ou o castelhano mantêm, é o de «poema totalmente novo e de assunto completamente diferente, formado de partes de versos ou versos inteiros de outros poemas». É muito conhecido o Centão de Proba, dos finais do século IV, em que se conta a história evangélica utilizando versos de Virgílio.

O acima citado Dr. Artur Bivar transcreve a pp. 728-745; 791-794; e 844-846 do seu «*Dominus Tecum*» o maravilhoso Centão de Pedro Ângelo Spera, escrito com versos de Virgílio sob o título de *Petri Angeli Sperae de passione Jesu Christi Vergilio Centonis*.

como que a separar, para o nosso intento, versículos de um grande poema que não trata do nosso assunto mas de outro muito diferente. Mas, para isto demonstrar em cada um dos Salmos, é preciso expor cada um todo inteiro. Quanto trabalho que isto representa, mostram-no de sobejo as minhas obras e as de outros em que disto tratámos. Leia-as quem quiser e puder; lá encontrará as numerosas e grandiosas profecias que David, rei e profeta, proferiu acerca de Cristo e da sua Igreja, ou seja do Rei e da Cidade por ele fundada.

CAPÍTULO XVI

Do que se diz claramente ou figuradamente de Cristo e da sua Igreja no Salmo 44.º

Por mais apropriadas e claras que sejam as expressões proféticas de um assunto, necessariamente que vêm, porém, misturadas com expressões metafóricas. Estas, sobretudo para os mais tardos de compreensão, exigem aos entendidos um árduo trabalho de exposição e comentário. Sem dúvida que algumas passagens só com a sua leitura nos mostram logo Cristo e a Igreja; todavia, ficam sempre expressões menos claras, que é preciso explicar espaçadamente, tal como esta, no citado livro dos Salmos:

Do meu coração brota uma bela palavra, eu é que digo ao rei a minha obra. A minha língua é como a pena dum escriba veloz a escrever.

És o mais belo dos filhos dos homens, a graça derramou-se nos teus lábios, é por isso que o Senhor te bendiz para sempre.

Cinge ao flanco a espada, ó poderosíssimo, com a tua esbelteza e a tua beleza — e levanta-te, avança com sucesso, reina na verdade, na mansidão e na justiça, e a tua direita te concederá maravilhosos feitos. As tuas setas são aceradas, ó poderosíssimo, (os povos caem debaixo de ti) para os corações dos inimigos do rei. O teu trono, ó Deus, permanece nos séculos dos séculos; ceptro de rectidão é o ceptro da tua realza.

Amaste a justiça e odiaste a iniquidade — por isso é que Deus, o teu Deus, te ungiu com o óleo do júbilo, de preferência aos teus companheiros. A mirra, o aloés e a cas-

*sita exalam dos teus vestidos, das tuas casas de marfim — por isso é que as filhas dos reis se regozijam na tua glória*¹.

Quem, por mais lento de raciocínio que seja, não reconhece aqui a Cristo, que nós pregamos e em quem acreditamos, quando ouve falar de «Deus, cujo trono permanece nos séculos dos séculos», daquele que foi «ungido» por Deus, de certo como Deus unge: com um crisma não visível mas espiritual e inteligível? Quem é tão ignorante desta religião ou tão surdo à sua fama, tão larga e profundamente espalhada, que ignora que Cristo recebeu o seu nome do crisma, isto é, da unção? Mas, uma vez reconhecido Cristo como rei, aquele que se submeteu ao Rei de verdade, de mansidão e de justiça, que averigue, conforme os seus vagares, tudo o que aqui se disse metaforicamente: como Ele é «o mais belo dos homens», duma formosura tanto mais digna de ser amada e admirada quanto menos corporal ela é; quão valiosa é a sua espada, quão valiosas as suas flechas; e tudo o mais que foi exposto, não no seu sentido próprio, mas no sentido figurado.

Em seguida, que contemple a sua Igreja, unida a um tal esposo por um casamento espiritual e um amor divino. Dela é que diz no que se segue:

De pé, à tua direita, está a rainha, com um vestido de fios de ouro e coberta de várias vestes. Escuta, filha, vê e inclina o teu ouvido; esquece o teu povo e a casa de teu pai, porque

¹ *Eructavit cor meum verbum bonum, dico ego opera mea regi. Lingua mea calamus scribae velociter scribentis. Speciosus forma prae filiis hominum; diffusa est gratia in labiis tuis, propterea benedixit te Deus in aeternum. Accingere gladio tuo circa femur, potentissime specie tua et pulchritudine tua, et intende, prospere procede et regna propter veritatem et mansuetudinem et justitiam, et deducet te mirabiliter dextera tua. Sagittae tuae acutae, potentissime (populi sub te cadent) in corda inimicorum regis. Sedes tua, Deus, in saecula saeculorum, virga directionis virga regni tui. Dilexisti justitiam et odio habuisti iniquitatem; propterea unxit te Deus, Deus tuus oleo exultationis prae participibus tuis. Myrrha et gutta et casia a vestimentis tuis, a domibus ebumeis; ex quibus te delectaverunt filiae regum in honore tuo.*

Salmo XLIV (XLV), 2-10.

o rei está cativo da tua beleza, porque ele é mesmo o teu Deus. As filhas de Tiro adoram-no com presentes; os ricos do povo procurarão os teus favores. Toda a glória da filha do rei está no interior com as franjas de ouro, com variadas vestes. Depois dela serão levadas ao rei as virgens, ser-te-ão levadas as suas companheiras. Serão levadas com alegria e exultação; serão levadas ao templo do rei. Em substituição dos teus pais, nascer-te-ão filhos. Colocá-los-ás na Terra como príncipes. Recordar-se-ão do teu nome de geração em geração. Por isso os povos te louvarão para sempre e nos séculos dos séculos².

Julgo que não haverá ninguém tão despido de senso que creia celebrar-se e descrever-se aqui uma qualquer mulherzinha, mas sim a esposa daquele a quem foi dito:

O teu trono, ó Deus, permanece nos séculos dos séculos;
Ceptro de rectidão é o ceptro da tua realeza.

Amaste a justiça e odiaste a iniquidade — por isso é que Deus, o teu Deus, te ungiu com o óleo do júbilo, de preferência aos teus companheiros³.

Aos olhos dos Cristãos, é de Cristo que se trata. São estes os seus companheiros, cuja unidade e concórdia em todas as nações constituem esta rainha a que noutro salmo se chama a cidade do grande rei³. Ela é que é a Sião espiritual,

² *Astitit regina a dextris tuis in vestitu deaurato, circumamicta varietate. Audi, filia, et vide et inclina aurem tuam, et obliviscere populum tuum et domum patris tui; quoniam concupivit rex speciem tuam, quia ipse est Deus, tuus. Et adorabunt eum filiae Tyri in muneribus; vultum tuum deprecabuntur divites plebis. Omnis gloria ejus filiae regis intrinsecus, in fimbriis aureis circumamicta varietate. Adferentur regi virgines post eam, proximae ejus adferentur tibi. Adferentur in laetitia et exultatione; adducentur in templum regis. Pro patribus tuis nati sunt tibi filii; constitues eos principes super omnem terram. Memores erunt nominis tui in omni generatione et generatione. Propterea populi confitebuntur tibi in aeternum et in saeculum saeculi.*

Salmo XLIV (XLV), 11-18.

³ *Sedes tua, Deus, in saecula saeculorum; virga directionis, virga regni tui. Dilexisti justitiam et odio habuisti iniquitatem; propterea unxit te Deus; Deus tuus oleo exultationis prae participibus tuis.*

Salmo XLIV (XLV), 8.

cujo nome significa, em latim, *contemplação* — *speculatio* — porque contempla o grande bem do século futuro, pois para ele se dirige a sua intenção. Ela é também a Jerusalém espiritual, da qual já tanto falámos. E a sua inimiga é a Cidade do Diabo, Babilónia, que significa *Confusão*. Desta Babilónia, porém, se livra esta rainha pela regeneração em todos os povos, e passa assim do pior para o melhor dos reis, isto é, do Diabo para Cristo. Por isso é que se lhe diz:

*Esquece o teu povo e a casa de teu pai*⁴.

Desta cidade ímpia fazem parte os Israelitas segundo a carne, não segundo a fé; eles são também os inimigos desse «grande rei» e dessa rainha. Tendo vindo até eles e por eles entregue à morte, Cristo tornou-se mais dos outros que não viu em carne. Por isso é que, num outro salmo, é o nosso próprio rei que diz esta profecia:

*Arrancar-me-ás das contradições do povo; pôr-me-ás à frente das nações. Serviu-me o povo que não conheci e obedeceu à minha voz*⁵.

Este é o povo dos gentios, — que Cristo não conheceu na sua presença corporal, mas que acreditou em Cristo que lhe foi anunciado, de maneira que dele bem se pode dizer:

*Obedeceu à minha voz*⁶,

porque *a fé vem do ouvido* — *fides ex auditu est*

— é este povo, repito, acrescido dos verdadeiros Israelitas, quer segundo a carne quer segundo a fé, que constitui a Cidade de Deus, a qual gerou o próprio Cristo segundo a carne quando apenas os Israelitas a constituíram. Foi, de facto, dela que nasceu a Virgem Maria, em quem, para ser,

⁴ *Obliviscere populum tuum et domum patris tui.*

Salmo XLIV (XLV), 11. V. supra nota 1.

⁵ *Erues me de contradictionibus populi, constitues me in caput gentium.*

Populus, quem non cognovi, servivit mihi; in obauditu auris obaudivit mihi.

Salmo XVII (XVIII), 44-45.

⁶ *In obauditu auris obaudivit mihi.*

Rom., X, 17. V. nota supra.

homem, Cristo tomou a carne. De tal Cidade diz um outro salmo:

*Mãe Sião, dirá o homem, e um homem nasceu nela e foi o próprio Altíssimo que a fundou*⁷.

Quem é este Altíssimo, senão Deus? Mas, nesse caso, foi o próprio Cristo quem, antes de se fazer homem por Maria nesta Cidade, a fundou nos Patriarcas e nos Profetas. A esta rainha, portanto, Cidade de Deus, se disse, tanto tempo antes que víssemos agora realizada a profecia:

*Em substituição dos teus pais, nascer-te-ão filhos; colocá-los-ás na Terra como príncipes*⁸,

(seus filhos têm fornecido por toda a Terra príncipes e pais, pois os povos, a ela acorrendo, a celebram com uma confissão de louvor eterno nos séculos dos séculos): por isso tudo o que aqui for dito sob o véu das expressões figuradas deve, sem dúvida, de qualquer modo que se entendam, estar de acordo com estes factos tão evidentes.

⁷ *Mater Sion, dicet homo, et homo natus est in ea et ipse fundavit eam Altissimus.*

Salmo LXXXVI (LXXXVII), 5.

⁸ *Pro patribus tuis nati sunt tibi filii, constitues eos principes super omnem terram.*

Salmo XLIV (XLV), 17.

CAPÍTULO XVII

Acerca do que se refere ao Sacerdócio de Cristo no Salmo 109.º e à sua paixão no Salmo 21.º

Tal como naquele salmo em que Cristo é anunciado claramente como sacerdote, assim aqui o é como rei:

Disse o Senhor ao meu senhor:

«Senta-Te à minha direita até que Eu ponha os teus inimigos como escabelo dos teus pés»¹

— acredita-se, mas não se vê, que Cristo está sentado à direita do Pai;

— que os seus inimigos estejam postos debaixo dos seus pés, ainda se não verifica; isso só no fim é que se verificará; também nisso se crê desde já, mas só mais tarde se verá. Mas o que se segue:

*O Senhor estenderá o ceptro do seu poder desde Sião:
domine no meio dos seus inimigos²*

é de tal forma claro que negá-lo seria não apenas uma falta de fé e uma infelicidade, mas uma falta de vergonha. Os nossos próprios inimigos o confessam: de Sião saiu a lei de Cristo, a que chamamos Evangelho: conhecemo-la como um ceptro do seu poder. Que Ele domina no meio dos seus inimigos, mesmo aqueles sobre os quais domina o

¹ *Dixit Dominus Domino meo: Sede a dextris meis, donec ponam inimicos tuos scabellum pedum tuorum.*

Salmo CIX (CX), 1.

² *Virgam virtutis tuae emittet Dominus ex Sion, et dominare in medio inimicorum tuorum.*

Salmo CIX (CX), 2.

atestam pelo seu ranger de dentes, a sua raiva e a sua impotência contra Ele. O que pouco depois acrescenta:

O Senhor jurou e não se arrepende³,
exprimindo com estas palavras que é imutável o que se segue:

*Tu és Sacerdote para a eternidade segundo a ordem de Melquisedec*⁴,

— quem duvidará de quem se trata, não havendo já o Sacerdócio e o sacrifício segundo o rito de Aarão, e oferecendo-se por toda a parte por Cristo-Sacerdote o que Melquisedec ofereceu quando abençoou Abraão? Convém referir a estas coisas, que são claras, o que o é um pouco menos neste salmo, para o bem o compreendermos, como já o fizemos nos nossos sermões ao povo.

E assim no salmo em que Cristo expõe a humilhação da sua paixão por uma profecia, dizendo:

*Furaram as minhas mãos e os meus pés, contaram todos os meus ossos, observaram-me e contemplaram-me*⁵

(por estas palavras se quis significar o corpo estendido na Cruz, com pés e mãos estendidos, pregados e atravessados por pregos, e desta maneira oferecido em espectáculo aos que o observam e contemplam)

e acrescentando ainda:

*Partilharam os meus vestidos e tiraram a minha túnica à sorte*⁶.

De que maneira se cumpriu esta profecia narra-o a história evangélica: então com certeza outras palavras aí expostas

³ *Juravit Dominus, et non paenitebit eum.*

Salmo CIX (CX), 3.

⁴ *Tu es sacerdos in aeternum secundum ordinem Melchisedech,*

Salmo CIX (CX), 4.

⁵ *Foderunt manus meas e pedes, dinumeraverunt omnia ossa mea; ipsi vero consideraverunt et conspexerunt me.*

Salmo XXI (XXII), 18.

⁶ *Diviserunt sibi vestimenta mea et super vestimentum meum miserunt sortem.*

Salmo XXI (XXII), 19.

com menos clareza encontrarão a sua explicação quando se conjugarem com as que são manifestamente mais claras — sobretudo porque outros factos (factos, não do passado, em que cremos, mas do presente, que vemos e de que lemos o anúncio feito muito antes nesse mesmo Salmo) se cumprem actualmente à face do mundo inteiro. Com efeito, diz-se um pouco depois:

*Os confins da Terra se lembrarão todos do Senhor, e para Ele se voltarão, e todas as famílias dos povos diante d'Ele se prostrarão em adoração; porque o reino é do Senhor e Ele é quem dominará os povos*⁷.

⁷ *Commemorabuntur et convertentur ad Dominum universi fines terrae et adorabunt in conspectu ejus universae patriae gentium; quoniam Domini est regnum, et ipse dominabitur gentium.*

Salmo XXI (XXII), 28-29.

CAPÍTULO XVIII

Dos Salmos 3.º, 40.º, 15.º e 67.º, em que a morte e a ressurreição do Senhor são profetizadas.

Os oráculos dos Salmos também não deixaram de fazer menção da ressurreição. Que outra coisa é o que se canta no Salmo terceiro acerca da sua Pessoa:

*Deitei-me e adormeci; levantei-me porque o Senhor me amparou?*¹

Haverá alguém tão despido de senso que julgue que o Profeta nos quis referir como alguma coisa de grande o ter adormecido e o ter-se levantado, se este sono não era a morte e o despertar a ressurreição, que convinha assim profetizar, de Cristo?

Muito mais claramente isto se mostra no salmo quadragésimo, onde, na forma costumada, na pessoa do mesmo Mediador, se conta como passado o que se profetiza como futuro, porque este futuro, devido à sua certeza, estava já como que realizado na predestinação da presciência de Deus. Diz ele:

Os meus inimigos disseram mal de mim: quando é que ele morrerá? Quando é que o seu nome desaparecerá? E se alguém entrava para ver, o seu coração proferia mentiras e juntava-lhe a iniquidade. Saía cá para fora e ao mesmo tempo contra o mesmo e único acusado ia falando. Contra mim cochichavam todos os meus inimigos, contra mim magi-

¹ *Ego dormivi et somnum cepi; exsurrexi, quoniam Dominus suscipiet me?*

Salmo III, 6.

*cavam o mal. Contra mim dispuseram dum iníquo projecto: será que o que dorme voltará a levantar-se?*²

Estas palavras são com certeza aqui empregadas para que se compreenda que outra coisa se não quis dizer senão: «Será que aquele que morre voltará a viver?» Efectivamente, o que acontece mostra os seus inimigos a pensarem na sua morte e a prepararem-na, e que este crime foi cometido por aquele que tinha entrado para ver e saiu para trair. A quem é que não ocorre pensar em Judas, que de discípulo se tornou em traidor? Porque tencionavam fazer o que maquinavam, isto é, que o haviam de matar, ele, para lhes mostrar que a sua malícia matará em vão aquele que há-de ressuscitar, acrescenta este versículo, como se dissesse: «que fazeis vós, ó insensatos? O que constitui o vosso crime é o meu sono»:

*Será que o que dorme voltará a levantar-se?*³

E, todavia, o grande crime que iam cometer não tinha que ficar impune, como o indicam os versículos seguintes:

*Efectivamente, o homem da minha paz, em quem esperei, que comia os meus pães, contra mim levantou o pé*⁴, isto é, espezinhou-me.

*Mas Tu, Senhor, tem piedade de mim, levanta-me e eu lhes retribuirei!*⁵

² *Inimici mei dixerunt mala mihi: Quando morietur et peribit nomen ejus? Et si ingrediebatur ut videret, vana locutum est cor ejus, congregavit iniquitatem ipsi. Egrediebatur foras et loquebatur simul in unum. Adversus me susurrabant omnes inimici mei, adversus me cogitabant mala mihi. Verbum iniquum disposerunt adversus me: Numquid qui dormit non adiciet ut resurgat?*

Salmo XL (XLI), 6-9.

³ *Numquid qui dormit non adiciet ut resurgat?*

Salmo XL (XLI), 9.

⁴ *Etenim homo pacis meae, in quem speravi, qui edebat panes meos, ampliavit super me calcaneum,*

Salmo XL (XLI), 10-11.

⁵ *Tu autem, Domine, miserere mei et resuscita me, et reddam illis.*

Salmo XL (XLI), 11.

Quem poderá negar isto ao ver os Judeus, depois da paixão e a ressurreição de Cristo, arrancados pela raiz das suas moradas, com os estragos e as destruições da guerra? Morto por eles, Cristo ressuscitou e desde agora inflige-lhes um castigo temporal, além do que reserva aos incorrigíveis quando julgar os vivos e os mortos. Pois o próprio Senhor Jesus, ao indicar aos apóstolos esse desgraçado, que o há-de trair, pelo pão que lhe estendia, mencionou este versículo do Salmo e di-lo em si realizado:

*Quem comia os meus pães, contra mim levantou o pé*⁶.

Mas o dito *in quem speravi* (*em quem esperei*) aplica-se, não à cabeça, mas ao corpo. Efectivamente, o próprio Salvador não desconhecia aquele de quem dissera já antes:

*Um de vós Me trairá*⁷,

e:

*Um de vós é um diabo*⁸.

Mas costuma referir a Si a pessoa de seus membros e a Si atribuir o que é próprio deles, porque a cabeça e o corpo não são mais que um só Cristo. Daí esta expressão do Evangelho:

*Tive fome e deste-me de comer*⁹,

que ele explica dizendo:

*Quando a um dos meus mais pequeninos o fizestes, a Mim o fizestes*¹⁰.

Desta forma disse que tinha esperado o que tinham esperado de Judas os seus discípulos quando foi agregado aos apóstolos.

Mas os Judeus esperam que o Cristo que esperam não há-de morrer. Por isso não crêem que o nosso é o anuncia-

⁶ *Qui edebat panes meos, ampliavit super me calcaneum.*
Salmo XL (XLI), 11.

⁷ *unus ex vobis me tradet.*
João XIII, 21.

⁸ *unus ex vobis diabolus est.*
João VI, 70.

⁹ *Esurivi et dedistis mihi manducare.*
Mat., XXV, 35.

¹⁰ *Quando uni ex minimis meis fecistis, mihi fecistis.*
Mat., XXV, 40.

do pela Lei e os Profetas, mas não sei que outro seu, que eles imaginam subtraído à prova da morte. Por isso é que, com surpreendente vacuidade e cegueira, pretendem que as palavras acima citadas não significam a morte e a ressurreição, mas o sono e o despertar. Mas o Salmo décimo quinto também lhes chama:

*É por isso que o meu coração rejubila e a minha língua exulta; para mais, a minha carne repousará na esperança; porque tu não abandonarás a minha alma no Inferno nem permitirás que o teu servo conheça a corrupção*¹¹.

Quem é que, a não ser aquele que ressuscitou ao terceiro dia, poderá dizer que a sua carne repousou nessa esperança, que a sua alma não será abandonada no Inferno, e que cedo voltará à carne, a revitalizará e a impedirá de se corromper, como costumam corromper-se os cadáveres? Com certeza que não podem falar assim a respeito do profeta e rei David.

Também o salmo sexagésimo sétimo clama:

*O nosso Deus é o Deus que salva, e ao Senhor pertencem as portas da morte*¹².

Que é que com maior clareza se pode dizer? Na verdade, o Deus que salva é o Senhor Jesus, cujo nome significa «Salvador» ou «salutar». A explicação deste nome foi dada quando se disse, antes do nascimento de uma virgem:

*Dará à luz um filho e chamar-lhe-á Jesus que é o seu nome. É que, de facto, será ele quem salvará o seu povo dos seus pecados*¹³.

¹¹ *Propter hoc jucundatum est cor meum exultavit lingua mea, insuper et caro mea requiescet in spe; quoniam non derelinques animam meam in inferno, nec dabis sanctum tuum videre corruptionem.*

Salmo XV, 9-10.

¹² *Deus noster Deus salvos faciendi, et Domini existus mortis.*

Salmo LXVII (LXVIII), 21.

¹³ *Pariet filium, et vocabis nomen ejus Jesum. Ipse enim salvum faciet populum suum a peccatis eorum.*

Mat., I, 21.

Para remissão desses pecados foi derramado o seu sangue, e foi preciso que não houvesse, além da morte, outra saída desta vida. Por isso, quando se disse:

*O nosso Deus é o Deus que salva*¹⁴

logo se acrescentou:

*Ao Senhor pertencem as portas da morte*¹⁵,

para mostrar que é pela morte que os há-de salvar; e a frase *Et Domini* (e o Senhor) é que foi proferida com admiração, como se se dissesse: «*Tal é a vida dos mortais, que nem o próprio Senhor pôde dela sair de outra forma que não fosse através da morte.*»

¹⁴ *Deus noster Deus salvos faciendi,*
Salmo LXVII (LXVIII), 21.

¹⁵ *Et Domini exitus mortis,*
Id. Ib.

CAPÍTULO XIX

O salmo 68.º expõe a obstinada infidelidade dos Judeus.

Mas, para que os Judeus obstinadamente continuem a não ceder a tão manifestos testemunhos desta profecia, mesmo depois do seu tão evidente e certo cumprimento, preciso é de certo que se cumpra neles o que está escrito no salmo seguinte. Referindo-se aí profeticamente à Pessoa de Cristo as coisas que respeitam à sua paixão, menciona-se o que o Evangelho narra com toda a clareza:

*Como comida deram-me fel e como bebida vinagre*¹.

E, como ao sair de tal banquete, depois de lhe terem oferecido tais alimentos, acrescenta logo:

*Que a sua mesa se torne para eles numa armadilha, numa punição, num escândalo; que se turbem os seus olhos para não verem, e que as suas costas fiquem curvadas para sempre*²,

palavras estas que não exprimem um desejo, mas profecias sob a aparência de desejo. Que admira, pois, que não vejam coisas manifestas aqueles cujos olhos se turbaram para não verem? Que admira que não olhem para o Céu aqueles que dobrados estão para a terra e cujas costas se mantêm

¹ *Dederunt in escam meam fel et in siti mea potum mihi dederunt acetum.*

Salmo LXVIII (LXIX), 22.

² *Fiat mensa eorum coram ipsis in muscipulam et in retributionem et in scandalum; obscurentur oculi eorum ne videant, et dorsum eorum semper incurva.*

Salmo LXVIII (LXIX), 23-24.

curvadas para sempre? Com estas palavras apropriadas ao corpo se compreendem os vícios da alma.

Já foi dito o bastante para se não ultrapassarem os limites acerca dos Salmos, isto é, acerca da profecia do rei David. Desculpem-me os que já conhecem tudo isto que estão a ler, e que se não queixem se notarem ou julgarem que talvez eu tenha omitido coisas mais importantes.

CAPÍTULO XX

Do reino e dos méritos de David e de seu filho Salomão, e das profecias que se referem a Cristo e se encontram, quer nos livros de que aquele mesmo é autor, quer nos que lhes foram acrescentados.

Reinou David, filho da Jerusalém Celeste, na Jerusalém terrestre, altamente elogiado pelo testemunho divino, porque mesmo os seus delitos foram superados por uma tão salutar penitência e humildade que, sem dúvida, se encontra entre aqueles de quem ele próprio disse:

*Bem-aventurados aqueles cujas iniquidades foram reunidas e cujos pecados foram tapados*¹.

Depois dele, reinou sobre todo o povo de Israel seu filho Salomão, que, como acima se disse, começou a reinar ainda em vida de seu pai. Este começou bem, mas acabou mal. Realmente, a prosperidade que pesa sobre a alma dos sábios², foi-lhe mais funesta do que a sua sabedoria lhe tinha sido proveitosa, mesmo agora e para o futuro digna de memória e já então honrada até à mais larga e profunda distância. Também ele profetizou nos seus livros, três dos quais foram reconhecidos como canônicos: os *Provérbios*, o

¹ *Beati quorum remissae sunt iniquitates et quorum tecta sunt peccata.*
Salmo XXXI (XXXII), 1.

² É interessante notar que o texto «*quippe secundae res, quae sapientium animos fatigant*» que traduzi por «*realmente, a prosperidade que pesa sobre a alma dos sábios*» é uma transcrição literal de Salústio (in *Catilina*, XI).

Eclesiastes e o *Cântico dos Cânticos*. Mas os outros dois — a *Sabedoria* e o *Eclesiástico* — costumam atribuí-los a Salomão devido a certa semelhança de estilo, mas os mais doutos não têm dúvidas de que eles não lhe pertencem. Todavia, a Igreja, principalmente no Ocidente, recebeu-os desde há muito tempo como canônicos³.

Num deles, chamado a *Sabedoria de Salomão*, está profetizada com toda a clareza a paixão de Cristo. Aí são apresentados os seus ímpios carrascos a dizerem:

Cerquemos o Justo, porque ele é-nos incómodo, é contrário às nossas obras, repreende-nos por violarmos a lei e envergonha-nos com as faltas da nossa educação. Pretende possuir a ciência de Deus e denomina-se Filho de Deus. Faz-se denunciador dos nossos pensamentos. Só vê-lo é para nós um pesadelo, porque a sua vida em nada se assemelha à dos outros e os seus caminhos são inalteráveis. Somos por ele considerados ineptos e afasta-se dos nossos caminhos como de imundícies. Prefere o fim dos justos e gaba-se de ter Deus por Pai. Vejamos, pois, se são verdadeiras as suas palavras, vejamos o que lhe há-de acontecer e ficaremos a saber qual será o seu fim. Se ele é o Justo, o filho de Deus, este o defenderá e o livrará das mãos dos seus inimigos. Com ultrajes e tormentos ponhamo-lo à prova, para conhecermos a sua piedade e verificarmos a sua paciência. Condenemo-lo à mais torpe das mortes, pois, segundo as suas palavras, haverá quem olhe por ele. Estes foram os seus pensamentos, mas erraram, pois a sua própria malícia os cegou⁴.

³ Santo Agostinho considera canônicos os livros que a Igreja recebeu como tais. A Igreja é, pois, para ele, o Supremo Critério da Verdade, sem dúvida graças ao chamado «*poder das chaves*» que Cristo lhe conferiu, e à sua infalibilidade: «o que ligardes na Terra será ligado no Céu, o que desligardes na Terra será desligado no Céu» e «as portas do Inferno não prevalecerão contra ela».

É este sentido de Igreja, tantas vezes manifestado por Santo Agostinho, que, mais do que qualquer outro, constitui a razão fundamental que separa os Católicos dos Cristãos reformados.

⁴ *Circumveniamus justum, quia insuavis est nobis et contrarius est operi-*

No *Eclesiástico*, porém, é a fé futura dos gentios que é predita nestes termos:

*Tem piedade de nós, Deus de todos dominador, e infunde o teu temor sobre todos os povos. Estende a tua mão sobre todos os povos estrangeiros, e que eles vejam o teu poder. Assim como manifestaste perante eles a tua santidade em nós, assim também perante nós revela a tua grandeza contra eles, e que eles te reconheçam como também nós te reconhecemos, porque outro Deus não há além de ti, Senhor*⁵.

Vemos que esta profecia com a forma de desejo e oração foi cumprida em Jesus Cristo. Mas ela não tem tanta força contra os nossos adversários, porque não está no Cânon e dos Judeus.

Seria necessária uma trabalhosa exposição, que nos arrastaria muito para além do que convém, se agora o tentássemos, para se mostrar que se refere a Cristo e à Igreja o que se encontra nos outros três livros que consta serem de Salomão e os Judeus têm por canónicos. Mas o que consta dos *Provérbios* terem os ímpios dito:

bus nostris et impropere nobis peccata legis et infamat in nos peccata disciplinae nostrae. Promittit scientiam Dei se habere et filium Dei se nominat. Factus est nobis in traductionem cogitationum nostrarum. Gravis est nobis etiam ad videndum, quoniam dissimilis est aliis vita illius et inmutatae viae et jus. Tamquam nugaces aestimati sumus ab illo, et abstinet se a viis nostris quasi ab immunditiis; praefert novissima justorum et gloriatur patrem Deum se habere. Videamus ergo si sermones illius veri sunt, et temptemus quae eventura sunt illi, et sciemus quae erunt novissima illius. Si enim est justus filius Dei, suscipiet illum et liberabit eum de manibus contrariorum. Contumelia et tormento interrogemus illum, ut sciamus reverentiam illius et probemus patientiam ejus. Morte turpissima condemnemus illum; erit enim ei respectus ex sermonibus illius. Haec cogitaverunt et erraverunt; excaecavit enim illos malitia ipsorum.

Sap. Salom., II 12-21.

⁵ *Miserere nostri, dominator Deus omnium, et inmitte timorem tuum super omnes gentes; extolle manum tuam super gentes alienas et videant potentiam tuam. Sicut coram illis sanctificatus es in nobis, ita coram nobis magnificeris in illis, et agnoscant te secundum quod et nos agnovimus te, quia non est Deus praeter te, Domine.*

Eclesiástico, XXXVI, 1-4.

*Escondamos injustamente o Justo na terra, engolamo-lo mesmo vivo como o inferno, apaguemos a sua memória da Terra, apossemo-nos das suas preciosas riquezas*⁶, não é tão obscuro que se não possa entender, sem laboriosa exposição, que se aplica a Cristo e à sua herança, que é a Igreja. O próprio Senhor Jesus, numa parábola evangélica, mostra que os maus vinhateiros disseram algo de semelhante:

*Este é que é o herdeiro, vinde. Matemo-lo e a herança será nossa*⁷.

Também no mesmo livro, a passagem, que já acima resumimos ao tratarmos da estéril que deu à luz sete vezes, foi interpretada, logo que foi proferida, como referida a Cristo e à Igreja, pelos que sabem que Cristo é a Sabedoria de Deus:

Para si construiu a Sabedoria uma casa e pôs-lhe sete colunas como suporte.

Imolou as suas vítimas, misturou o vinho na taça e preparou a sua mesa.

Mandou os seus servos convocarem para beber e publicarem a beleza da sua taça.

*Dizia Ele: quem é insensato? Venha até mim. E aos despidos de senso: vinde, comi dos meus pães, bebei o vinho que para vós misturei*⁸.

Reconhecemos aqui com certeza a Sabedoria de Deus, isto é:

— o Verbo coeterno ao Pai a construir para si, no

⁶ *Abscondamus in terra virum justum injuste, absorbeamus vero eum tamquam infernus viventem et auferamus ejus memoriam de terra, possessionem ejus pretiosam adprehendamus,*

Prov., I, 12-13.

⁷ *Hic est heres, venite, occidamus eum, et nostra erit hereditas.*

Mat., XXI, 38.

⁸ *Sapientia aedificavit sibi domum et suffulsit columnas septem; immolavit suas victimas, miscuit in cratere vinum suum et paravit mensam suam. Misit servos suos convocans cum excellenti praedicatione ad craterem dicens: Quis est insipiens? Divertat ad me. Et inopibus sensu dixit: Venite, manducate de meis panibus et bibite vinum quod miscui vobis.*

Prov., IX, 1-5.

seio de uma virgem, a casa de um corpo humano, ao qual legou a Igreja, como membros ao corpo,

— a imolar, como vítimas, os mártires,

— a preparar o pão e o vinho na mesa onde também se vê o sacerdócio segundo Melquisedec,

— a convidar os insensatos e os pobres de espírito porque, como diz o Apóstolo:

*Escolhei os débeis deste mundo para confundir os fortes*⁹.

Todavia, a esses débeis diz, logo a seguir:

*Deixai a loucura para que possais viver e procurai a prudência para que tenhais a vida*¹⁰.

Fazer-se participante desta mesa é começar a ter vida. efectivamente, num outro livro chamado *Eclesiastes*, onde se diz:

*A única coisa que o homem tem de bom é comer e beber*¹¹,

poderá crer-se que haja alguma coisa mais aceitável do que o que se refere à participação nesta mesa cujo sacerdote, que é o próprio Mediador da Nova Aliança, nos apresenta, segundo o rito de Melquisedec, abastecida do seu corpo e do seu sangue? É que este sacrificio do corpo e do sangue sucedeu a todos os sacrificios da Antiga Aliança que se imolavam como sombra do futuro; por isso é que também reconhecemos na profecia do Salmo trigésimo nono a voz deste Mediador:

*Não quiseste nem sacrificio nem oblação, mas afeiçoaste-me um corpo*¹²,

⁹ *infirmi hujus mundi elegit, ut confunderet fortia.*

I Cor., I, 27.

¹⁰ *Derelinquite insipientiam, ut vivatis, et quaerite prudentiam, ut habeatis vitam.*

Prov., IX, 6.

¹¹ *Non est bonum homini, nisi quod manducabit et bibet,*

Ecles., VIII, 15.

¹² *Sacrificium et oblationem noluisti, corpus autem perfecisti mihi;*

Salmo XXXIX (XL), 7.

porque, em vez de todos os sacrificios e de todas as oblações, é o seu corpo que ele oferece e serve aos participantes.

Este livro do *Eclesiastes*, nestas máximas, tantas vezes repetidas e tão recomendadas acerca do beber e do comer, não têm em vista os prazeres sensuais da mesa, como bem se vê quando diz:

*É melhor ir à casa das lágrimas do que ir à casa das bebidas*¹³,

e, pouco depois:

*O coração do sábio está na casa das lágrimas, o coração insensato está na casa das comesainas*¹⁴.

Mas é mais digno de ser neste livro mencionado, julgo eu, o que se refere às duas Cidades, a do Diabo e a de Cristo e aos seus reis, o Diabo e Cristo:

*Ai de ti, terra, cujo rei é um adolescente e cujos príncipes comem desde a manhã. Feliz és tu, terra, cujo rei é filho de pais livres e cujos príncipes comem a horas, na fortaleza e não na confusão*¹⁵.

Chama adolescente ao Diabo por causa da estultícia, da soberba, da temeridade, da petulância e outros vícios que costumam abundar nesta idade; mas a Cristo, a esse chama filho de pais livres, isto é, dos santos patriarcas, habitantes da Cidade livre, dos quais provém na carne. Os príncipes daquela Cidade comem desde a manhã, isto é, antes da hora conveniente, porque não esperam a felicidade conveniente, a do século futuro, que é a verdadeira, desejando saborear com toda a pressa os prazeres deste século; mas os príncipes

¹³ *Melius est ire in domum luctus quam ire in domum potus.*

Ecles., VII, 2.

¹⁴ *Cor sapientium in domo luctus et cor insipientium in domo epularum.*

Ecles., VII, 4.

¹⁵ *Vae tibi, terra, cujus rex adulescens, et principes tui mane comedunt. Beata tu, terra, cujus rex tuus filius ingenuorum, et principes tui in tempore comedunt, in fortitudine, et non in confusione.*

Ecles., X, 16-17.

da Cidade de Cristo esperam pacientemente os tempos da felicidade que não engana. É isto o que diz:

*Na fortaleza e não na confusão*¹⁶,

porque não engana aquela esperança da qual diz o Apóstolo:

*Mas a esperança não confunde*¹⁷

e diz o Salmo:

*Porque os que esperam não serão confundidos*¹⁸.

Quanto ao *Cântico dos Cânticos*, é uma espécie de volúpia espiritual das almas santas nas bodas do rei e da rainha desta Cidade que é Cristo e a Igreja. Mas esta volúpia está envolvida em véus alegóricos para ser desejada com mais ardor e despida com mais alegria e apareça o esposo a quem se diz nesse *Cântico*:

*Amou-te a justiça*¹⁹

e a esposa que ouve:

*O amor faz as tuas delícias*²⁰.

Passamos muitas coisas em silêncio com a preocupação de terminarmos esta obra.

¹⁶ *In fortitudine, et non in confusione.*

V. supra nota 15.

¹⁷ *Spes autem non confundit.*

Rom., V, 5.

¹⁸ *Etenim qui te expectant non confundentur.*

Salmo XXIV (XXV), 3.

¹⁹ *Aequitas dilexit te.*

Cânt. dos Cânt., I, 3.

²⁰ *Caritas in deliciis tuis.*

Cânt. dos Cânt., VII, 6.

CAPÍTULO XXI

Dos reis que, quer em Judá quer em Israel, sucederam a Salomão.

Nos outros reis dos Hebreus, posteriores a Salomão, difficilmente se encontram algumas palavras ou actos simbólicos que constituam uma profecia a respeito de Cristo ou da Igreja, em Judá e em Israel. Assim são chamadas as partes em que, como castigo de Deus, foi dividido aquele povo, pelo pecado de Salomão, no tempo de seu filho Roboão, que no reino succedeu a seu pai. As dez tribos que recebeu Jerobão, servidor de Salomão, estabelecido como rei na Samaria, chamaram-se propriamente Israel, embora fosse este o nome de todo aquele povo. Às outras duas tribos, Judá e Benjamim, por causa de David, para que a realza não fosse completamente retirada à sua família, foi dado o nome de Judá, porque era a tribo de David e ficaram submetidas à cidade de Jerusalém. A outra tribo, a de Benjamim, pertencia ao mesmo reino, como disse; dela saiu Saul, rei antes de David. Mas chamou-se a ambas Judá, como disse, distinguindo-se assim de Israel, nome das dez tribos que tinham o seu rei próprio. A tribo de Levi, porque era sacerdotal, dedicada ao serviço de Deus e não ao dos reis, tinha o número décimo terceiro. É que José, um dos doze filhos de Israel, deu origem não a uma, como os outros, mas a duas tribos, Efraim e Manassés. Todavia, a tribo de Levi pertencia mais ao reino de Jerusalém, onde estava o templo de Deus, a quem servia.

Depois da divisão do povo, Roboão, filho de Salomão, foi o primeiro que reinou em Jerusalém como rei de Judá; e Jeroboão, servidor de Salomão, na Samaria, como

rei de Israel. E, quando Roboão quis combater com a guerra essa espécie de tirania da parte separada, o povo foi proibido de lutar contra os seus irmãos, tendo Deus dito por intermédio do Profeta que tinha sido Ele quem tal determinara. Daqui se evidencia que nesta questão nenhum pecou, rei ou povo de Israel, mas apenas se cumpriu a vontade de Deus vingador. Assim, conhecida ela, manteve-se a paz entre as duas partes; consumou-se a divisão do reino, mas não a da religião.

CAPÍTULO XXII

Jeroboão levou ao culto ímpio da idolatria o povo que lhe estava sujeito, mas Deus não deixou de inspirar, nesse povo, profetas e a muitos livrou do crime de idolatria.

Mas Jeroboão, rei de Israel, devido à sua mente pervertida, não acreditou em Deus, cuja veracidade tinha comprovado ao dar-lhe o reino que lhe tinha prometido, e receou que — indo ao templo de Deus, que era em Jerusalém, onde todo aquele povo, conforme a lei divina, devia vir para sacrificar — seu povo se separasse dele e se voltasse para a estirpe de David, como descendência real que era; instituiu a idolatria no seu reino e enganou o povo de Deus, arrastando-o com a sua nefanda impiedade ao culto dos ídolos. Todavia, Deus não deixou de, por meio dos profetas, repreender de todos os modos aquele e seus sucessores, imitadores da sua impiedade, bem como ao próprio povo. De facto, foi lá que surgiram esses grandes e insignes profetas, Elias e seu discípulo Eliseu, que também fizeram numerosos milagres. Foi também lá que foi respondido a Elias, quando ele dizia:

Senhor, eles mataram os teus profetas, eles deitaram abaixo os teus altares, — e, quanto a mim, estou sozinho e eles procuram tirar-me a vida¹,

que havia lá sete milhares de homens que não dobraram o joelho diante de Baal.

¹ *Domine, prophetas tuos occiderunt, altaria tua suffoderunt, et ego relictus sum solus, et quaerunt animam meam,*
III Reis, XIX, 10.

CAPÍTULO XXIII

Vicissitudes dos dois reinos hebreus até que ambos os povos fossem levados, em épocas diferentes, para o cativeiro — tendo posteriormente voltado Judá ao seu reino, que, por fim, passou ao poder dos Romanos.

Do mesmo modo, no reino de Judá dependente de Jerusalém, não faltaram profetas nos tempos dos reis que se sucederam. Como Lhe aprouve, Deus mandou-os para anunciarem o que era preciso ou para corrigirem os seus pecados e recomendarem a justiça. Também lá, na verdade, embora menos do que em Israel, houve reis que pelas suas impiedades ofenderam gravemente a Deus e que foram, com o povo que se lhes assemelhava, atingidos com castigos embora moderados. Claro que também lá houve reis piedosos, de quem se louvam os méritos nada pequenos. Mas lemos que em Israel todos os reis, uns mais, outros menos, foram maus. As duas partes, portanto, conforme o ordenava ou o permitia a divina Providência, eram levantadas por diversos acontecimentos favoráveis, ou oprimidas por diversos acontecimentos adversos. E a tal ponto eram atingidos, não só com guerras exteriores mas também civis, que se evidenciava a misericórdia ou a cólera de Deus, conforme as causas que provocavam uma ou outra — até que, aumentando a sua indignação, todo aquele povo foi, não só arrancado das suas habitações pelos Caldeus mas também transferido na sua maior parte para as terras dos Assírios, onde viveu em cativeiro durante setenta anos: primeiro, aquela parte que se chamava Israel, constituída por

dez tribos, em seguida, Judá também, depois de terem sido destruídos Jerusalém e o seu nobilíssimo templo. Libertada depois desses anos, reconstruiu o templo que tinha sido destruído. Um grande número continuou a viver em terras de estrangeiros e não havia mais duas partes do reino nem dois reis diferentes, um para cada parte. Em Jerusalém, o seu chefe era apenas um, e ao templo de Deus que aí existia, em determinadas épocas acudiam todos, vindo donde quer que estivessem e pudessem. Mas nem então lhes faltaram inimigos vindos de outros povos, nem assaltantes. E foi assim que Cristo os veio encontrar já tributários dos Romanos.

CAPÍTULO XXIV

Dos últimos profetas que houve entre os Judeus, e dos que são referidos na história evangélica ao tempo do nascimento de Cristo.

Mas, durante todo este período, desde que regressaram de Babilónia, depois de Malaquias, Ageu e Zacarias, que então profetizaram, e Esdras, (os Judeus) não tiveram mais profetas até à vinda do Salvador, a não ser o outro Zacarias, pai de João e Isabel, sua esposa, já próximo do nascimento de Cristo; e, depois do seu nascimento, o velho Simeão e Ana, a viúva de idade já avançada, e o próprio João. Este, sendo jovem, não anunciou, como futuro, Cristo, também jovem, mas, graças a um conhecimento profético, ele mostrou-o quando ainda era desconhecido. Foi por isso que o próprio Senhor disse:

*A Lei e os Profetas até João*¹.

A profecia destes cinco é-nos dada a conhecer pelo Evangelho, onde se verifica que também a Virgem, mãe do Senhor, profetizou antes de João. Não admitem a profecia destes os Judeus reprovados; mas admitem-na o sem número daqueles deste povo que acreditaram no Evangelho. Então, na verdade, é que se dividiu Israel nas duas partes da divisão que foi anunciada como irrevogável ao rei Saul pelo profeta Samuel.

Mesmo os Judeus reprovados receberam, porém, Malaquias, Ageu, Zacarias e até Esdras, como sendo os últi-

¹ *Lex et prophetæ usque ad Johannem.*
Mateus, XI, 13.

mos, investidos de autoridade divina (canônicos). Efetivamente, há escritos seus que, como os de outros que em tão reduzido número de tão grande multidão de profetas escreveram as suas profecias, mereceram a autoridade do cânon. Das suas predições, referentes a Cristo e à Igreja, julgo que devo expor algumas nesta obra; mas isso em melhores condições será feito com a ajuda de Deus, no livro seguinte, para não sobrecarregarmos este já tão alongado.

LIVRO XVIII

Trata do progresso simultâneo da Cidade Terrestre e da Cidade Celeste, desde a época de Abraão até ao fim do mundo — e trata, sucintamente, dos oráculos acerca de Cristo, quer das Sibilas, quer principalmente dos profetas sagrados que escreveram desde o começo do reino romano: Oseias, Amós, Isaías, Miqueias e seguintes.

CAPÍTULO I

Das questões tratadas nos dezassete livros precedentes, que vão até à época do Salvador.

Prometi que havia de escrever acerca da origem, desenvolvimento e respectivos fins, das duas cidades — a de Deus e a deste século, na qual, na medida em que pertence ao género humano, aquela está inserida, mas como peregrina ainda, — embora antes tivesse que refutar (o que, com a ajuda de Deus, fiz nos dez primeiros livros) os inimigos da Cidade de Deus que antepõem os seus deuses a Cristo, dela fundador, e que, devorados por funesta inveja, olham com ódio feroz para os cristãos.

Acerca das três questões dessa minha promessa que acabo de mencionar, nos quatro livros que vêm depois do décimo, expôs-se a origem das duas Cidades; depois, num só livro, que é o décimo quinto desta obra, tratou-se do seu desenvolvimento desde o primeiro homem até ao Dilúvio; em seguida, desde então até Abraão, as duas Cidades, como no tempo, prosseguiram de novo juntas também nos nossos escritos. Mas, a partir do patriarca Abraão até à época dos reis israelitas, época em que terminámos o décimo sexto livro, e desde então até ao advento do próprio Salvador na sua carne, tempo até ao qual se estende o livro décimo sétimo — já parece, na minha maneira de dizer, que a Cidade de Deus prossegue sozinha. Mas, como, neste século, ela não tem prosseguido sozinha, mas ambas elas têm (e é assim desde o começo) diferenciado as épocas pelo seu desenvolvimento simultâneo. Mas procedi assim para que, antes do mais, desde que as promessas de Deus

começaram a ser mais claras até ao nascimento de uma virgem daquele em quem se deviam cumprir as promessas, desde o princípio, sem intervenção, por contraste, de outra Cidade, apareça mais clara no seu desenvolvimento esta Cidade, que é a de Deus — embora até à revelação da Nova Aliança tenha caminhado na sombra e não na claridade.

Mas agora, o que eu tinha interrompido, vejo que deve ser retomado, para que possa examinar, na medida que me parecer conveniente, como se desenvolveu ela desde os tempos de Abraão, para que possam ser entre si comparados pelo critério do leitor.

CAPÍTULO II

Dos reis e das épocas da Cidade Terrestre a que correspondem as épocas dos santos contadas a partir de Abraão.

A sociedade dos mortais, espalhada por toda a Terra até aos mais diversos lugares, está unida pela comunhão de uma só e mesma natureza. Ao buscar cada um a satisfação dos seus interesses e desejos, quando o que procura não basta a uma pessoa ou a todas, porque não é precisamente o que basta, esta sociedade cada vez se divide mais contra si própria e a parte que prevalece oprime a outra. A vencida sucumbe perante a vencedora, porque, ao poder e até à liberdade, prefere a paz, seja ela qual for, e a salvação. Por isso têm causado grande admiração os que preferiram a morte à servidão. De facto, em quase todos os povos ressoa, de certo modo como a voz da natureza, que é preferível, aos que acontece serem vencidos, submeterem-se aos vencedores, a sofrerem na guerra a devastação total. Daí resulta — não sem uma intervenção da providência de Deus, em cujo poder está que pela guerra se seja subjugado ou se subjugue — que uns sejam providos de reinos e outros sejam submetidos aos que reinam.

Mas, entre os múltiplos reinos da Terra, em que os interesses e as paixões dividiram a sociedade (a que nós damos o nome geral de *Cidade do Mundo*), distinguimos dois, cuja glória eclipsou os outros — primeiro o dos Assírios, e depois o dos Romanos —, diferentes mas não sem relações entre si, quer no tempo quer nos lugares. Efectivamente, tal como aquele surgiu primeiro e este depois, assim também um surgiu no Oriente e o outro no

Ocidente; logo a seguir ao fim de um, iniciou-se o outro. Os outros reinos e os outros reis — direi que são como que apêndices destes.

Era já Nino o segundo rei dos assírios ao suceder a Belo, seu pai, primeiro rei daquele reino, quando na terra dos caldeus nasceu Abraão. Existia também naquela época o diminuto reino dos siciónios, pelo qual começou o doutíssimo Marcos Varrão a sua história do Povo Romano (*De gente populi Romani*) como se se tratasse de época remota. Destes reis siciónios passa aos atenienses, destes aos latinos e dos latinos aos romanos. Mas, antes da fundação de Roma, estes factos constituem insignificantes pormenores, em comparação com os do reino dos assírios. O historiador romano Salústio reconhece, todavia, que os atenienses muito brilharam na Grécia, embora mais tenha sido a fama do que a realidade. Efectivamente, ao falar deles, diz:

*Os feitos dos atenienses foram, a meu ver, bastante grandiosos e magníficos, mas não tão excelentes como a sua fama os propalou. Mas, porque tiveram escritores de grande talento, os feitos dos atenienses passam por toda a Terra como sendo os mais célebres. E assim, a coragem dos que cumpriram é tida em tão grande monta quanto a puderam elevar os preclaros génios com as suas palavras*¹.

Acrescente-se ainda a esta cidade a não pequena glória proveniente das letras e da filosofia que aí floresceram tão pujantemente. Mas, no que se refere ao poder, nenhum império, nos primeiros tempos, foi maior do que o dos assírios, nem tão profunda e largamente estendido. Diz-se que o seu rei Nino, filho de Belo, subjugou, até aos confins da Líbia, a Ásia toda inteira, que, sendo uma das três partes

¹ *Atheniensium res gestae, sicuti ego existimo, satis amplae magnificaeque fuere; verum aliquando minores tamen, quam fama feruntur. Sed quia proventerere ibi scriptorum magna ingenia, per terrarum orbem Atheniensium facta pro maximis celebrantur. Ita eorum qui fecere virtus tanta habetur, quantum eam verbis potuere extollere praeclara ingenia.*

Salústio, *Catilina*, VIII.

do Mundo, vale em extensão metade dele. Na parte do Oriente, só os índios não foram dominados; mas, depois da morte de Nino, Semíramis, sua viúva, lançou contra essa parte os seus exércitos. Aconteceu assim que todos os povos ou reis que por essas terras existiam, foram submetidos ao império e à autoridade dos assírios e executaram tudo o que eles lhes ordenavam.

Abraão nasceu, pois, no tempo e sob o reinado de Nino, na Caldeia. Mas a história dos gregos é-nos mais conhecida do que a dos assírios e os que estudaram as mais recuadas origens do Povo Romano chegaram, seguindo a ordem dos tempos através dos gregos, até aos latinos e depois até aos romanos, que também são latinos. Por isso temos de citar, quando é preciso, os reis assírios, para que se veja como Babilónia, uma como que primeira Roma, se desenvolveu ao mesmo tempo que a Cidade de Deus, viajante peregrina neste Mundo. Quanto aos factos que convém inserir nesta obra para comparar as duas Cidades, a terrestre e a celeste, temos que os ir buscar principalmente aos gregos e aos latinos, nos quais a própria Roma aparece como que uma segunda Babilónia.

Quando, portanto, nasceu Abraão, Nino era o segundo rei dos assírios e Europs o segundo dos siciónios, pois o primeiro dos assírios tinha sido Belo e o primeiro dos siciónios tinha sido Egialeu. E quando, depois de ter saído de Babilónia, Deus prometeu a Abraão uma numerosa posteridade e a bênção de todos os povos na sua raça, os assírios tinham já o seu quarto rei e os siciónios o quinto; entre os primeiros reinava o filho de Nino, depois de sua mãe Semíramis, que, segundo se diz, teria sido morta por ele, por, apesar de ser sua mãe, ter pretendido com tal filho uma união incestuosa. Julgam alguns que foi ela quem fundou Babilónia, que talvez tenha antes restaurado. Quando e como é que ela foi fundada, já o dissemos no livro décimo sexto. Ao filho de Nino e de Semíramis que sucedeu a sua mãe no reino, chamam alguns também Nino, e outros Nínias, nome derivado do de seu pai. Mas quem então pos-

suía o reino dos siciónios era Telxion. Enquanto ele reinou, os tempos foram tão pacíficos e felizes que, depois de morto, o veneraram como um deus, oferendo-lhe sacrificios e celebrando jogos que, diz-se, foram então instituídos, pela primeira vez, em sua honra.

CAPÍTULO III

Quais eram os reis que reinavam entre os assírios e os siciónios quando, segundo a promessa, a Abraão, já centenário, nasceu Isaac, ou ao próprio Isaac, já sexagenário, nasceram, de Rebeca, os gémeos Esaú e Jacob.

Na época deste (rei) nasceu, conforme a promessa de Deus, Isaac, filho de Abraão, um pai já centenário, e de Sara, sua esposa, que, sendo estéril e idosa, tinha perdido a esperança de ter descendência. Arrius era então o quinto rei dos assírios. Ao mencionado Isaac, então sexagenário, nasceram os gémeos Esaú e Jacob, que Rebeca, sua esposa, deu à luz. Seu avô, Abraão, que ainda era vivo, tinha então cento e sessenta anos. Este morreu aos cento e setenta e cinco anos, quando reinavam, entre os assírios, Xerxes o Antigo, também denominado Baleus, e, entre os siciónios, Turiaco, que também se escreve Turinaco, um e outro sétimos reis (nos respectivos países). Mas o reino dos argivos, cujo primeiro rei foi Inaco, formou-se na época dos netos de Abraão. Conta Varrão — o que convém não deixar de assinalar — que os siciónios também tinham o costume de oferecer sacrifícios junto do túmulo de Turiaco, seu sétimo rei. Foi quando reinavam Armamitra, oitavo rei dos assírios, Leucipo, oitavo rei dos siciónios, e Inaco, primeiro rei dos argivos, que Deus, falando a Isaac, lhe confirmou a dupla promessa feita a seu pai — a da terra de Canaã para a sua posteridade e a da bênção de todos os povos na sua raça.

Estas promessas foram também feitas ao seu filho, neto de Abraão, que se chamou, primeiro, Jacob e depois

Israel, quando Beloco era já o nono rei da Assíria e Foroneu, filho de Inaco, era o segundo rei dos argivos, enquanto Leucipo continuava a reinar entre os siciónios. Nessa época, sob Foroneu, rei dos Argos, a Grécia tornou-se célebre pelo seu direito e instituições judiciárias. Depois da morte de Fégoo, irmão mais novo desse Foroneu, levantou-se um temporal junto do seu túmulo, onde ele era venerado como um deus e lhe eram imolados bois. Creio que o julgaram digno de tamanha honra porque na parte do seu reino (de facto o pai tinha distribuído as terras por ambos os filhos para reinarem quando ele ainda vivia), ele tinha instituído santuários para que neles se venerassem os deuses, e ensinado que se observassem os tempos por meses e anos e até a forma de os medirem e calcularem. Admirando estas novidades, os seus rudes súbditos julgaram ou quiseram que ele, depois da morte, se tinha tornado um deus. Também Io, mais tarde chamada Ísis, filha de Inaco, segundo se conta foi venerada no Egipto como uma grande deusa — embora outros escrevam que ela veio da Etiópia para o Egipto como rainha. E porque ela governou com justiça um vasto império, cultivou as letras e lhes proporcionou grandemente o bem-estar, também a ela, depois da morte, lhe prestaram honras divinas tais que, se alguém dissesse que ela tinha sido um simples ser humano, era tido como réu da pena capital.

CAPÍTULO IV

Época de Jacob e de seu filho José.

Quando reinavam Baleu, décimo rei dos assírios, e Messapo, que por alguns também é chamado Céfiso, nono rei dos siciónios (se é que houve um homem com dois nomes ou se antes os escritores que empregaram o segundo não terão identificado erradamente dois homens), e quando Ápis era o terceiro rei dos argivos, morreu Isaac, aos cento e oitenta anos, deixando dois gémeos de cento e vinte anos. O mais novo deles, Jacob, pertencia à Cidade de Deus, acerca da qual estamos a escrever, por ter sido reprovado o mais velho. Tinha ele doze filhos. Quando seu avô Isaac ainda era vivo, um deles, que se chamava José, foi vendido por seus irmãos a mercadores que se dirigiam para o Egipto. Quando se apresentou perante o Faraó, depois de exalçado da humilhação sofrida, tinha José trinta anos. Divinamente inspirado, interpretou os sonhos do rei e predisse sete anos de fertilidade cuja extraordinária abundância havia de ser consumida por outros sete anos seguintes de esterilidade. Por isso o rei o pôs à frente do Egipto, depois de o ter libertado do cárcere, para onde o tinha atirado a sua incorruptível castidade, que ele, na verdade, corajosamente conservou quando, fugindo à sua senhora, que o amava com um amor pecaminoso e havia de mentir ao seu crédulo marido, não consentiu em cometer adultério, e, quando ela pretendia retê-lo, fugiu das suas mãos, abandonando mesmo a sua veste. No segundo ano dos sete estéreis, veio Jacob para junto do seu filho no Egipto, com todos os seus, tendo então, como ele disse na resposta ao rei, cento e trinta anos. E José tinha trinta e nove, calculados juntando aos trinta que tinha quando foi honrado pelo rei, mais os sete de abundância e dois de fome.

CAPÍTULO V

Ápis, rei dos argivos, a quem os egípcios prestaram honras divinas sob o nome de Serápis.

Por essa época, Ápis, rei dos argivos, transportou-se em navios para o Egipto e, tendo lá morrido, tornou-se em Serápis, o maior dos deuses dos egípcios. Varrão, explicando porque é que, depois da sua morte, já se não chamou Ápis mas Serápis, dá-nos uma explicação muito simples deste nome. A arca onde um morto é colocado geralmente é chamada sarcófago (em grego chama-se σαρφός); foi no sarcófago que começaram a venerá-lo antes de lhe levantarem um templo, e chamaram-lhe primeiro Sorápis, como quem diz Soros e Ápis; depois, pela mudança de uma letra, o que muitas vezes acontece, chamou-se Serápis. Acerca dele determinou-se mesmo que sofresse a pena capital todo aquele que afirmasse ter ele sido um simples homem. E como, em quase todos os templos onde eram venerados Ísis e Serápis, havia uma estátua que, com o dedo posto sobre os lábios, parecia convidar a que se fizesse silêncio — julga o citado Varrão que isso queria indicar que se não falasse deles como tendo sido homens.

Mas ao boi que o Egipto, na sua espantosa ilusão, alimentava com esquisitos e abundantes manjares em sua honra, chamava-lhe Ápis e não Serápis, porque o veneravam como vivo, fora do sarcófago. Morto esse boi, ao procurarem e encontrarem um novilho da mesma cor, isto é, marcado com as mesmas manchas brancas, julgavam que tinham encontrado qualquer coisa de maravilhoso e divino. Não era difícil aos demónios, para os enganarem, mostra-

rem a uma vaca, quando da concepção e durante a pre-
nhez, a imagem de um touro semelhante que só ela veria,
com a qual o seu desejo maternal fazia aparecer no seu feto
essa imagem corporal; foi assim que Jacob, com as varas de
diferentes cores, obteve o nascimento de ovelhas e cabras
de várias cores. Ora o que os homens podem, por meio de
cores e de corpos verdadeiros, fazer ver aos animais que
concebem, podem-no também muito facilmente os demó-
nios com figuras imaginárias.

CAPÍTULO VI

À data da morte de Jacob no Egipto, quem é que reinava entre os argivos e entre os assírios.

Ápis, rei dos argivos e não dos egípcios, morreu, pois, no Egipto. Sucedeu-lhe no reino seu filho Argos, e do seu nome deriva o dos argos e deste o de argivos, pois, com os reis precedentes, nem a região nem o povo tinham ainda esse nome. Foi quando reinavam Argos entre os argivos, Érato entre os siciónios e Baleu entre os assírios, que Jacob morreu no Egipto, com cento e quarenta e sete anos, depois de ter abençoado, ao morrer, seus filhos e seus netos, filhos de José; e na bênção de Judá claramente profetizou acerca de Cristo, ao dizer:

Não faltará príncipe de Judá nem chefe da sua descendência até que se cumpra o que lhe foi prometido; será Ele a esperança das nações¹.

Durante o reinado de Argos, começou a Grécia a gozar dos frutos e a ter searas no cultivo da sua terra com a ajuda de sementes trazidas de outros lugares. Também Argos, depois da sua morte, começou a ser considerado como um deus e honrado com um templo e sacrificios. Durante o seu reinado, foi esta honra atribuída a um simples particular fulminado por um raio, um certo Homogiro, o primeiro que atrelou bois ao arado.

¹ *Non deficiet princeps ex Juda et dux de femoribus ejus, donec veniant quae reposita sunt ei; et ipse expectatio gentium.*

Gén., XLIX, 10.

CAPÍTULO VII

No tempo de que reis terá José morrido no Egipto.

Foi durante o reinado de Mamito, décimo segundo rei dos assírios, e de Plemeu, décimo primeiro rei dos siciónios, quando Argos se mantinha entre os argivos, que José morreu no Egipto, com cento e dez anos. Depois da sua morte, o povo de Deus cresceu maravilhosamente e permaneceu no Egipto durante cento e quarenta e cinco anos, a princípio tranquilamente, até à morte dos que conheceram José. Depois, invejados e mal vistos por causa do seu crescimento, sofreu, até ao momento em que foi libertado, as perseguições (no meio das quais, todavia, continuava a crescer com fecundidade divinamente multiplicada) e os trabalhos duma intolerável escravidão. Por essa época, mantinham-se os mesmos reis na Assíria e na Grécia.

CAPÍTULO VIII

**No tempo de que reis nasceu Moisés.
E, nesse tempo, a que deuses se
começou a prestar culto.**

Foi quando reinavam Safro, décimo quarto rei dos assírios, Ortópolis, décimo segundo rei dos siciónios, Críaso, quinto rei dos argivos, que no Egipto nasceu Moisés, por quem o povo de Deus foi libertado da servidão na qual tinha que sofrer para poder aspirar ao auxílio do seu criador. Alguns crêem que, quando governavam estes reis, vivia Prometeu, que, segundo se conta, por ter formado os homens de barro, é tido por o maior mestre da sabedoria. Não se diz, porém, quais foram os sábios dessa época. Seu irmão Atlante diz-se que foi um grande astrólogo, do que tirou a fábula motivo para o representar transportando o Céu. Existe, todavia, uma montanha com este nome, cuja altura pode ter sugerido ao vulgo a crença num suporte do Céu. Muitas outras fábulas se começaram então a formar na Grécia; mas até Cécrops, rei de Atenas, em cujo reinado esta cidade recebeu este nome e, também, sob cujo reinado, Deus, por intermédio de Moisés, tirou o seu povo do Egipto, alguns mortos foram postos no número dos deuses pela cega e vã tradição e superstição dos gregos. Entre eles, encontram-se Melantómice, esposa do rei Críaso, seu filho Forbas, que, depois da morte de seu pai, foi o sexto rei dos argivos, Jaso, filho do sétimo rei Triopas, e o nono rei Stenelau ou Steneleu ou Sténelo, pois o seu nome varia conforme os autores. Diz-se que nessa época viveu também Mercúrio, neto de Atlante por sua filha Maia, como consta dos escritos mais divulgados. Notabilizou-se pela sua habi-

lidade em muitas artes, que transmitiu aos homens, pelo que, após a morte, quiseram ou acreditaram mesmo que ele fosse deus. Diz-se que, depois dele, existiu Hércules, mas ele pertence à mesma época dos argivos. Embora alguns o coloquem, no tempo, antes de Mercúrio, eu julgo que estão enganados. Em qualquer época que tenham nascido, consta, entre os historiadores mais ponderados que consignaram por escrito estas velhas narrativas, que tanto um como o outro foram simples homens e mereceram deles as honras divinas por terem concedido muitos benefícios aos mortais para levarem esta vida com mais comodidade. Minerva, porém, é muito mais antiga do que eles. De facto, conta-se que ela apareceu na época de Ogigo, com a idade de uma donzela, perto do lago Tritão, donde lhe vem o nome de Tritónia. É considerada como autora de muitos inventos e é tida por deusa com tanta maior facilidade quanto mais desconhecida é a sua origem. Que ela nasceu da cabeça de Júpiter, como se canta, deve atribuir-se isso às fábulas dos poetas e não à verdade histórica. Não estão de acordo os historiadores acerca da época de Ogigo. Houve também um grande dilúvio no seu tempo, mas não aquele, o maior de todos, a que nenhum homem escapou à excepção dos que puderam estar na arca. Este não o conheceu a história dos gentios — nem a grega nem a latina. Mas foi maior do que o posterior da época de Deucalião¹. Foi por aí que Varrão começou o livro de que acima

¹ Dilúvio de Deucalião.

Segundo a lenda, os únicos justos poupados ao dilúvio decretado por Júpiter para castigo dos crimes humanos, foram Deucalião, filho de Prometeu e de Clímenes, e sua mulher Pirra. Este casal construiu para tal uma arca, onde se conservaram durante os nove dias e as nove noites do dilúvio. Findo que foi ele, desembarcaram na Tessália, dando aí origem a uma nova humanidade.

Desta lenda fez-se eco Eusébio de Cesareia (in *Chronica*, ed. Helm.).

Sobre este assunto poderá ver-se P. Grimal (in *Diction. de la mythologie Grecque et Romaine*, p. 123).

fiz menção² e não encontra ponto de partida mais antigo para chegar à história romana do que o dilúvio de Ogigo, isto é, o que aconteceu na época de Ogigo. Mas os nossos cronistas, primeiro Eusébio e depois Jerónimo, seguindo a opinião de alguns historiadores precedentes, mencionam o dilúvio de Ogigo como tendo acontecido mais de trezentos anos depois, no reinado do segundo rei dos argivos, Foroneu. Seja em que época for, já se venerava Minerva como deusa quando Cécrops reinava sobre os atenienses. Diz-se que também foi sob este rei que a cidade foi restaurada ou fundada.

² *De Civitate Dei*, Liv. XVIII, C. II, n. 2. Trata-se do *De gente populi romani*.

CAPÍTULO IX

Quando é que foi fundada a cidade dos atenienses e que explicação dá Varrão do seu nome.

É a seguinte a explicação que Varrão dá do nome de Atenas, nome que, com certeza, procede de Minerva, que, em grego, se chama Ἀθηνᾶ. Como subitamente surgiu ali uma oliveira e, num outro sítio, brotou água, estes prodígios impressionaram o rei. Mandou consultar Apolo de Delfos, para saber o que significava isto e que é que havia a fazer. Este respondeu que a oliveira significava Minerva e a água Neptuno, e que estava nas mãos dos cidadãos decidirem qual das duas divindades, cujos emblemas ali estavam, devia dar o seu nome à cidade. Tendo recebido este oráculo, Cécrops convocou todos os cidadãos de ambos os sexos (era então costume, naqueles sítios, intervirem também as mulheres nas consultas públicas). Consultada a multidão, os homens deram o voto a Neptuno e as mulheres a Minerva. E, porque havia uma mulher a mais, venceu Minerva. Então Neptuno, irritado, devastou com as suas alvoroçadas ondas do mar as terras dos atenienses. Efectivamente, não é difícil aos demónios desencadear as massas de água como lhes apeteça. Para que a ira dele se aplacasse, diz o mesmo autor que as mulheres foram punidas pelos atenienses com três penas: perdiam o direito de voto para o futuro, nenhum dos filhos que nascesse teria o nome materno e a elas ninguém daria o nome de *Ateneias*. E assim esta cidade, mãe e nutrice das doutrinas liberais, e de tantos e tão grandes filósofos, a mais brilhante e nobre glória que a Grécia jamais teve, recebeu o nome feminino de Atenas devido à

vitória das mulheres nessa farsa dos demónios sobre a discórdia dos seus deuses — um homem e outro mulher; e, maltratada pelo vencido, foi forçada a punir a própria vitória da vencedora, temendo mais as águas de Neptuno do que as armas de Minerva. Nestas mulheres, assim castigadas, quem foi vencida foi Minerva, que tinha sido vencedora, e não pôde obter para as suas eleitoras que, depois de terem perdido os direitos de sufrágio e de darem seu nome aos filhos, tivessem ao menos, o de se chamarem *Ateneias*, de usarem o nome da deusa que, graças aos seus sufrágios, tinha vencido o deus varão. O que se não poderia dizer a este respeito se não houvesse outros assuntos a pressionarem-nos!

CAPÍTULO X

Que é que Varrão nos conta acerca da denominação de Areópago e acerca do dilúvio de Deucalião.

Mas Marcos Varrão não quer acreditar nestas ficções fabulosas contra os deuses com receio de que se emitam opiniões contrárias à dignidade da sua majestade. Por isso também rejeita que o Areópago, onde o apóstolo Paulo discutiu com os atenienses, lugar do qual tiraram o seu nome de areopagitas os juizes dessa cidade, tenha recebido esse nome porque Marte, que em grego se chama Ἄρης, quando foi declarado réu do crime de homicídio, foi nesse lugar absolvido por seis votos, sendo doze os deuses (porque, quando era igual o número de votos, era costume preferir a absolvição à condenação). Mas contra esta, que de longe é a mais aceite, apoiado em obscuros documentos, esforça-se por encontrar outra explicação deste nome, para que se não creia que os atenienses formaram o nome de Areópago de Ἄρης e πάγος, como se fosse o *lugar de Marte*¹. Isto constituiria com certeza uma injúria aos deuses, que Varrão considera alheios aos processos e aos tribunais. E assevera que isto que se diz de Marte não é menos falso do que o se conta das três deusas Juno, Minerva e

¹ No texto utilizado, em vez de Ἄρης e Πάγος, vem, com caracteres latinos e no caso (acus.) exigido pela função, *Areon pagon*; em Migne, estas duas palavras vêm mesmo unidas formando *Areapagon*. Preferi, porém, transcrever estas palavras gregas na sua grafia própria, tanto mais que, poucas linhas acima, neste capítulo, se transcreve a primeira palavra com caracteres gregos — «Ἄρης».

Vénus quando disputaram perante o juiz Páris o prémio de beleza para obterem a maçã de ouro; assim como o são todos esses cânticos e danças que, entre os aplausos dos espectadores, se celebram nas representações para aplacarem os deuses que se comprazem nestes crimes verdadeiros ou falsos. Varrão não acredita nestas coisas, com receio de ter de acreditar em algo de inconveniente à natureza e aos costumes dos deuses. Admite, porém, nos seus escritos, para dar uma explicação histórica e não fabulosa do nome de Atenas, esse famoso litígio entre Neptuno e Minerva, de cujo nome aquela cidade recebeu o seu. Quando, com a ostentação de prodígios, estes deuses combatiam, nem Apolo, que fora consultado, ousou pronunciar-se entre eles, e para acabar com esta contenda de deuses, ele mesmo apresentou o conflito perante os homens, como Júpiter tinha apresentado perante Páris a discussão das três deusas. Venceu por votos Minerva e foi vencida no castigo das que nela votaram: a que pôde dar o nome à cidade de Atenas contra os homens seus adversários, não pôde conseguir que suas amigas, as mulheres, tivessem o de Atenas.

Nessa época, como Varrão escreve, quando Cranao, sucessor de Cécrops, reinava sobre os atenienses, ou, como referem os nossos Eusébio e Jerónimo, quando ainda vivia Cécrops, verificou-se o dilúvio que se chamou de Deucalião porque este reinava naquelas regiões onde ele atingiu o apogeu. Todavia, este dilúvio não chegou ao Egipto nem às regiões vizinhas.

CAPÍTULO XI

Em que época fez Moisés sair o povo de Deus do Egipto; e na época de que reis morreu Jesus Navé, que lhe sucedeu.

Moisés tirou o povo de Deus do Egipto nos últimos tempos de Cécrops, rei dos atenienses, quando entre os assírios reinava Ascatades, entre os siciónios Marato e Triopas entre os argivos. Depois do êxodo do povo, ao mesmo povo deu ele uma Lei divina, recebida no monte Sinai — à qual se chama Velha Aliança, porque contém as promessas terrestres e a qual, por Jesus Cristo, havia de se transformar na Nova Aliança em que se prometia o Reino dos Céus. Era preciso observar esta ordem, como, em cada um dos homens que caminha progredindo para Deus, não tem lugar primeiro o espiritual, como diz o Apóstolo, mas o animal e depois o espiritual — pois, como ele diz e é verdade,

*o primeiro homem, da Terra, é terrestre; o segundo homem é do Céu*¹.

Moisés governou o povo durante quarenta anos no deserto e morreu aos cento e vinte anos, depois de ter também anunciado Cristo por meio das figuras das observâncias carnis, no Tabernáculo, no Sacerdócio, nos sacrificios e em muitas outras prescrições místicas. A Moisés sucedeu Jesus Navé (Josué), que introduziu o povo na Terra da Promessa e aí o fixou depois de ter submetido pelas

¹ *primus homo de terra, terrenus; secundus homo de caelo.*
I Cor., XV, 46-47.

armas, com o poder divino, as populações que ocupavam o país. Governou-o, depois de Moisés, durante vinte e sete anos e também ele acabou por morrer quando reinavam Amintas, décimo oitavo rei dos assírios, Corace, décimo sexto rei dos siciónios, Danao, décimo rei dos argivos, e Ericónio, quarto rei dos atenienses.

CAPÍTULO XII

Ritos sagrados instituídos em honra dos falsos deuses pelos reis da Grécia, desde o êxodo de Israel do Egipto até à morte de Jesus Navé (Josué).

Por esses tempos, isto é, desde o êxodo de Israel do Egipto até à morte de Jesus Navé (Josué), por cujo intermédio esse povo recebeu a Terra da Promissão, pelos reis da Grécia foram instituídas em honra dos falsos deuses cerimónias sagradas que deviam, com solene pompa, celebrar a memória do dilúvio, a recordação da libertação de certos homens e a vida miserável que levavam os que emigravam, ora para as terras altas ora para as planas. Assim interpretam também a subida e a descida dos lupercos pela Via Sacra: representam eles os homens que, por causa da inundação das águas, se dirigiram para o cume dos montes. Voltaram as águas ao seu nível e regressaram eles à planície. Diz-se que, naqueles tempos, Dionísio, que também se chama Liber-Pater e foi tido por deus após a sua morte, ensinou, a quem lhe deu hospedagem, o cultivo da vinha na Ática.

Foram então instituídos jogos musicais em honra de Apolo de Delfos, para que a sua ira se acalmasse. Julgavam que ele tinha ferido de esterilidade as terras da Grécia, porque os gregos não impediram que o rei Dánao incendiasse o seu templo quando, em guerra, invadiu aquelas terras. Foram avisados por um seu oráculo para que instituíssem esses jogos. Na Ática, o rei Ericciónio foi o primeiro a instituir jogos em sua honra; não só em honra dele — também em honra de Minerva, dando ao vencedor, como prémio, azeite, porque julgavam Minerva a inventora deste fruto,

como Líber o foi do vinho. Diz-se que, por esses anos, por Xanto, rei dos cretenses (entre outros autores encontramos dele outro nome), foi raptada a Europa e deles nasceram Radamanto, Sarpedón e Minos, que se propalou serem antes filhos de Júpiter e da mesma mulher. Para os adoradores destes deuses, o que acabamos de referir do rei de Creta é uma verdade histórica; mas o que os poetas cantam acerca de Júpiter, os teatros aplaudem e os povos celebram, atribuem-no eles à fatuidade das fábulas — matéria de jogos cénicos para aplacar as divindades pondo em cena os seus imaginários crimes.

Nesses tempos, era famoso Hércules na Síria, mas, sem dúvida, era outro que não aquele de quem acima falámos. De facto, uma história mais exacta informa que houve vários *Liber-Pater* e vários Hércules. Contam nos seus escritos que este Hércules — cujos doze ingentes trabalhos citam, sem mencionarem a morte de Anteu o Africano, façanha que pertence a um outro Hércules — lançou o fogo a si mesmo no Monte Oeta por não poder suportar a doença de que padecia, apesar da coragem com que vencera tantos trabalhos.

Também nesses tempos o rei, ou antes o tirano, Busíris imolava os seus hóspedes aos seus deuses. Diz-se que era filho de Neptuno, sendo sua mãe Líbia, filha de Epafó. Para não se acusarem os deuses, não se deve acreditar que Neptuno tenha perpetrado este estupro: atribuam-se antes estas coisas aos poetas e aos histriões como recurso para aplacarem os deuses. Diz-se que Vulcano e Minerva foram os pais de Ericciónio, rei dos atenienses, no fim de cuja vida morreu Jesus Navé (Josué). Mas, como pretendem que Minerva era virgem, dizem que na discussão havida entre ambos, Vulcano, excitado, derramou sêmen sobre a terra e que, por tal motivo, ao homem que daí nasceu foi posto esse nome. Efectivamente, na língua grega Ericciónio é uma palavra composta destas duas ἔρις (contenda), e χθών (terra). Porém, convém confessá-lo, os mais doutos rejeitam tais factos, que afastam dos seus deuses, e

contam que esta opinião fabulosa teve a seguinte origem: no templo de Vulcano e de Minerva — que em Atenas era só um para ambos, — um menino que tinha sido exposto, foi encontrado envolvido por um dragão, o que significa que ele havia de ter um grande futuro; mas, porque o templo era comum e porque eram desconhecidos os seus pais, começou a dizer-se que era filho de Vulcano e de Minerva. Todavia, a fábula explica a origem deste nome melhor do que esta história. Mas que é que isto nos interessa? Sirva isto, nos livros verídicos, de instrução para os homens religiosos, e que aquilo sirva de deleite, em jogos enganadores, para os demónios impuros! Todavia, esses homens religiosos adoram-nos (aos demónios) como se fossem deuses. Mas, embora os declarem disso inocentes, não podem limpá-los de todo o crime, pois é a seu pedido que se oferecem os jogos onde se celebram torpemente cerimónias que negam a sua pretensa sabedoria e os deuses são aplacados com vergonhosas mentiras, onde a fábula canta os crimes, embora falsos, dos deuses, mas cometem um crime verdadeiro por se deleitarem com um crime falso.

CAPÍTULO XIII

No tempo em que os juizes começaram a governar os hebreus, quais foram as ficções fabulosas que então surgiram.

Depois da morte de Jesus Navé (Josué), o povo de Deus teve juizes, no tempo dos quais entre eles se alternavam a humilhação dos trabalhos pelos seus pecados e as prosperidades consoladoras devidas à misericórdia de Deus. Foi nesses tempos que se inventaram as fábulas:

— de Triptolemo, que, por ordem de Ceres, transportado por serpentes aladas, levou trigo às regiões necessitadas;

— do Minotauro, monstro encerrado num labirinto, donde os homens que entrassem nos seus intrincados meandros não podiam sair;

— dos Centauros, natureza conjunta de cavalos e de homens;

— do Cerbero, o cão dos infernos, com três cabeças;

— de Frixus e de Hele, sua irmã, que voavam montadas num carneiro;

— da Górgona, que tinha serpentes por cabeleira e convertia em pedra os que para ela olhavam;

— de Belerofonte, que cavalgava um corcel alado chamado Pégaso;

— de Ânfião, que com a suavidade da sua cítara abrandava e atraía as pedras;

— do engenhoso Dédalo e de seu filho Ícaro, que conseguiram voar com asas aos seus corpos adaptadas;

— de Édipo, que fez com que se atirasse para um precipício e morresse o monstro chamado Esfinge, quadrú-

pede com rosto humano, por ter resolvido o enigma que ela costumava apresentar como insolúvel;

— de Anteu, a quem Hércules matou: como aquele era filho da Terra, levantava-se mais forte cada vez que tocava o chão;

— e talvez tenham ficado outras que omiti.

Até à guerra de Tróia, com que Marcos Varrão termina o segundo livro acerca da origem do Povo Romano, estas fábulas foram criadas pelo engenho dos homens a partir de narrativas que contêm factos verdadeiros, e de tal modo que elas não redundavam em vergonha para os deuses. Mas alguns imaginaram o rapto de Ganimedes, o mais belo dos jovens, por Júpiter, para cometer um crime de deboche (*stuprum*), crime que o rei Tântalo cometeu mas a fábula atribui a Júpiter,

— ou a sua tentativa de realizar o coito com Dánae mediante a chuva de ouro, em que se compreende que o pudor duma mulher foi corrompido pelo ouro,

— todos estes factos, que se realizaram ou foram imaginados nesses tempos, ou cometidos por outros mas atribuídos a Júpiter, não se pode dizer que maldade supõem no coração dos homens ao julgarem-nos capazes de suportar semelhantes mentiras, que, todavia, acolheram com agrado. Com certeza, quanto maior fosse a devoção votada a Júpiter, tanto maior deveria ser a severidade com que deviam ser punidos os que ousassem dele dizer tais coisas. Mas, vejam agora: não só se não irritaram contra os que tais coisas imaginaram, mas antes, pelo contrário, receavam irritar os deuses se não levassem à cena tais representações.

Ainda nesses tempos, Latona deu à luz Apolo, não aquele cujos oráculos, como acima referimos, era costume consultar, mas aquele que, com Hércules, serviu Admeto. Este, porém, foi tido por deus, ao ponto de muitos, a maior parte mesmo, pensarem que foram só um e o mesmo Apolo.

Também, então, *Liber-Pater* fez a guerra na Índia e teve no seu exército muitas mulheres chamadas Bacantes, não tão célebres pelo seu valor como pelo seu furor. Dizem

alguns escritores que este Líber foi vencido e aprisionado, e outros dizem até que ele foi morto em combate por Perseu e nem escondem em que sítio foi sepultado. Todavia, sob este nome, como se um deus fosse, foram instituídas pelos imundos demónios as sagradas, ou melhor, as sacrílegas Bacanais, de cujas frenéticas torpezas de tal forma se envergonhou, passados muitos anos, o Senado, que as proibiu na cidade de Roma.

Foi por esses tempos que Perseu e sua esposa Andrómeda, crê-se, foram recebidos no Céu depois da sua morte, e ninguém tem vergonha, ninguém receia ver as suas imagens nas estrelas e a essas estrelas dar os seus nomes.

CAPÍTULO XIV

Os poetas teólogos

Pela mesma época, apareceram poetas, também conhecidos por teólogos porque compuseram poemas acerca dos deuses.

Mas esses deuses, embora tenham sido grandes homens, mais não eram do que homens,

ou elementos deste mundo criado pelo verdadeiro Deus

ou promovidos, por vontade do Criador e segundo os seus méritos, à categoria de Principados e Potestades. Mas esses poetas, inclusive os próprios Orfeu, Museu e Lino, se, entre muitas coisas vãs e falsas, alguma coisa cantaram acerca do único e verdadeiro Deus, nem por isso O serviram devidamente, visto que, com Ele, honraram outros que não são deuses e a estes prestaram o culto que só a Deus é devido e não conseguiram abster-se da fabulosa indignidade dos seus falsos deuses. Na verdade, estes teólogos prestaram culto aos deuses, mas não foram honrados como deuses. Todavia, não sei porquê, a cidade dos ímpios costuma pôr Orfeu à frente dos infernos sagrados, ou melhor, sacrílegos. Mas Ino, esposa do rei Atamante, e seu filho Melicertes, que voluntariamente se precipitaram e morreram no mar, foram elevados à categoria de deuses pela opinião dos homens, com outros homens daqueles tempos, Castor e Pólux. A esta mãe de Melicertes chamaram os gregos Leucoteia e os latinos Matuta, uns e outros a considerando como deusa.

CAPÍTULO XV

Queda do reino dos argivos na época em que, entre os laurentinos, Pico, filho de Saturno, foi o primeiro a receber o reino de seu pai.

Naquela época, acabou o reino dos argivos, transferido para Micenas, donde foi Agamémnon, e nasceu o reino dos laurentinos, de que Pico, filho de Saturno, foi o primeiro rei. Governava então entre os hebreus, como juiz, Débora, uma mulher — mas por ela actuava o Espírito de Deus, pois era profetisa também; todavia, a sua profecia não é tão clara que se possa demonstrar, sem uma extensa exposição, que se refere a Cristo.

Já, portanto, reinavam na Itália os laurentinos, dos quais, depois dos gregos, é manifesto, Roma tomou a sua origem. Todavia, o reino dos assírios ainda se mantinha e Lamparés era o seu vigésimo terceiro rei quando Pico se tornou o primeiro rei dos laurentinos. Acerca de Saturno, pai de Pico, vejam o que pensam os adoradores destes deuses, que negam que tenham sido homens. Alguns escreveram que ele tinha reinado em Itália antes de seu filho Pico, e Virgílio diz, nestes versos bem conhecidos:

Juntou esta indomável raça pelas altas montanhas dispersa,

Deu-lhe leis e preferiu chamar-lhe Lácio ().*

Porque seguro se escondeu () nas suas praias.*

Afirmam que foi sob o seu reinado que existiu o século de ouro.¹

¹ *Is genus indocile et dispersum montibus altis*

Pode ter-se tudo isto como uma ficção poética e asseverar-se que quem foi o pai de Pico foi Sterces, hábil agricultor que descobriu a maneira de fecundar os campos com o estrume dos animais, que, do seu nome, tomou o de *esterco* (*stercus*), chamando-lhe alguns *Stercutius*. Seja como for o motivo por que lhe chamaram Saturno, o certo é que fizeram de Sterces ou *Stercutius* o deus da agricultura. Também seu filho Pico, que, dizem, foi um áugure e guerreiro ilustre, foi recebido no número de tais deuses. Pico gerou Fauno, o segundo rei dos laurentinos; também este é ou foi um dos seus deuses. Foi antes da Guerra de Tróia que se concederam honras divinas a homens mortos.

*Composuit legesque dedit Latiumque vocari
Maluit, his quoniam latuisset tutus in oris.¹
Aurea quae perhibent illo sub rege fuere
Saecula* (*).

Virgílio, *Eneida*, VIII, 321-325.

(*) É patente, no texto latino, a correspondência sónica entre os dois termos — *Latium* (Lácio) e *latuisset* (de *lateo* = esconder-se, ocultar-se). Há que reconhecer, porém, que a etimologia sugerida por Virgílio carece de fundamento.

CAPÍTULO XVI

Diomedes, depois da destruição de Tróia, foi colocado entre os deuses, e os seus companheiros, segundo se conta, foram transformados em aves.

Depois da ruína de Tróia, — desastre por toda a parte cantado e bem conhecido até das crianças, que pela sua magnitude e as excelsas qualidades da língua dos seus narradores, se tornou altamente afamado e divulgado, verificado quando já reinava Latino, filho de Fauno (do nome do qual o reino começou a chamar-se dos latinos, deixando de chamar-se dos laurentinos) — os gregos vencedores, deixando Tróia destruída e voltando às suas terras, foram dilacerados e esmagados por diversos e horrendos desastres. E, todavia, até por esses desastres aumentaram ainda o número dos seus deuses. Efectivamente, fizeram de Diomedes um deus, de quem se diz que não voltou aos seus por causa de um castigo de origem divina: afirmam que os seus companheiros foram convertidos em aves, e têm isto, não como uma poética fábula mentirosa, mas história comprovada. Dizem deles que nem Diomedes, segundo eles tornado deus, pôde fazê-los voltar à sua natureza humana nem, ainda novato morador do Céu, o conseguiu de Júpiter, seu rei. Dizem mais: que ele tem o seu templo na ilha Diomedea, não longe do monte Gárgano, na Apúlia, e à volta deste templo voam e habitam essas aves com tão admirável veneração que enchem seus bicos de água e aspergem-no. E por isso se gregos ou descendentes de gregos vierem a este sítio, elas não só se mostram tranquilas mas até os acariciam; mas, se vierem estrangeiros, elas voam sobre as

cabeças e ferem-nos com tão duros golpes que chegam a matá-los. Dizem que, efectivamente, estão munidas de enormes e duros bicos, suficientemente armados para estes combates.

CAPÍTULO XVII

O que Varrão nos conta acerca das incríveis metamorfoses humanas.

Para confirmar estes relatos, Varrão recorda outros factos não menos incríveis:

— Circe, a mais famosa das mágicas, que transformou em animais os companheiros de Ulisses;

— Arcades, que, designados à sorte, atravessavam a nado um pântano e eram aí transformados em lobos e viviam com semelhantes feras pelos desertos daquela região. Se se abstivessem de carne humana, de novo, ao fim de nove anos, passavam o pântano a nado e voltavam a ser homens;

— por fim, cita também nomeadamente um certo Demeneto, que, tendo saboreado um menino que, segundo o costume, os Arcádios ofereceram ao seu deus Licaeu, foi transformado em lobo; dez anos depois, voltou à sua própria forma, exerceu o pugilato e foi vencedor nos Jogos Olímpicos. Pensa o mesmo historiador que não foi dado na Arcádia a Pã e a Júpiter o nome de Licaeu por outro motivo senão por causa desta transformação de homens em lobos — o que só podiam atribuir a um poder divino. É que, de facto, *lobo* (*Lupus*) em grego diz-se λύκος donde deriva o nome de *Licaeu* (*Lycaeus*). Diz ainda que os *lupercos* romanos têm a sua origem nestes mistérios¹.

¹ Os *lupercos* (*luperci*), nome, sem dúvida, relacionado com *lupus* (grego λύκος), constituíam uma corporação de sacerdotes que de há muito existiam em Roma. *Lupercos* começou por ser o nome de uma divindade; mais tarde, porém, esses sacerdotes a si próprios se apelidaram de *luperci* (*lupercos*). Ao antro sagrado dedicado ao deus chamavam

lupercal, e às festas, realizadas por esses sacerdotes neste local, em honra desse deus, deu-se o nome de *lupercalia* (lupercais).

V. Bréal et Bailly — *Leçons de mots*, p. 174. Cf. J. Carcopino — *La Louve du Capitole*, Pa. 1924; A. M. Franklin — *The Lupercalia*, New York, 1921.

CAPÍTULO XVIII

Que é que se deve crer acerca das transformações que, parece, acontecem aos homens por artes dos demónios.

Mas os que isto lerem talvez estejam à espera do que diremos acerca deste tamanho embuste dos demónios. E que direi, senão que temos que fugir do meio da Babilónia? Este aviso profético deve ser entendido num sentido espiritual: que fujamos da cidade deste século, que mais não é que a sociedade dos Anjos e dos homens ímpios, avançando para o Deus vivo pelas sendas da fé, que opera pela caridade. Realmente, quanto maior vemos ser o poder dos demónios nas coisas cá de baixo, com tanta maior tenacidade nos devemos unir ao Mediador pelo qual subimos dos abismos aos cumes.

Com efeito, se dissermos que se não deve acreditar nessas coisas, não faltarão, mesmo agora, os que asseveram tê-las ouvido, ou mesmo experimentado, como absolutamente certas, coisas semelhantes. Nós próprios, quando estávamos na Itália, ouvimos falar de casos deste género em certa região daquelas partes, em que mulheres de albergue, iniciadas nessas malas-artes, costumavam, dizia-se, dar aos viandantes, que elas escolhiam ou que a isso se prestavam, dentro do queijo, algo com que os mudavam logo ali em jumentos, em bestas de carga, para lhes transportarem o que era preciso — e, depois de realizados estes trabalhos, voltavam de novo a si. Não tomavam, porém, uma alma de animal, mas conservavam a sua alma humana racional. Como, no livro que escreveu com o título *O Asno de Ouro*,

diz Apuleio a si próprio ter acontecido — conta ele ou finge — que, tendo tomado certo veneno, se transformou em asno, mantendo embora o espírito humano.

Estes factos ou são falsos ou tão extraordinários que, com razão, neles se não acredita. O que se deve, porém, crer com toda a firmeza é que Deus Omnipotente pode fazer tudo o que quizer, quer para punir quer para ajudar — e que os demónios não operam segundo o poder da sua natureza (porque eles também são criaturas angélicas, embora malignas pelo seu próprio pecado) mas o que lhes permitir aquele cujos desígnios ocultos são muitos e nenhum injusto. Certamente que os demónios não são criadores de naturezas, se, ao que parece, realizam prodígios semelhantes aos que estamos a tratar; apenas modificam, quanto à aparência, as criaturas do verdadeiro Deus, para que pareçam ser o que não são. No que de forma nenhuma posso crer é que os demónios sejam capazes, por seu poder ou artificios, de transformar verdadeiramente, não digo a alma, mas o próprio corpo dum homem em membros e figuras de animais; mas creio que a imagem fantástica do homem — que se modifica na vigília ou no sono através de inúmeras representações de coisas e até, sem ser corpo, adopta com assombrosa rapidez formas semelhantes às dos corpos —, se pode apresentar, quando os sentidos corporais do homem estão adormecidos ou submetidos aos sentidos de outros homens, sob uma aparência corporal não sei de que maneira infável; de maneira que, jazendo os próprios corpos dos homens em qualquer parte, vivos com certeza, mas com os sentidos muito mais pesada e profundamente carregados do que no sono, *esta imagem fantástica aparece aos sentidos alheios como que convertida em corpo na figura de algum animal*, e o homem julga-se então como poderia ver-se em sonhos, e julga que pode transportar certas cargas; mas estas cargas, se são verdadeiros corpos, são transportadas por demónios para zombarem dos homens que veriam, então, em parte verdadeiros corpos de cargas e em parte falsos corpos de bestas.

De facto, contava um certo Prestâncio o que tinha acontecido a seu pai: tomou em sua casa esse veneno metido no queijo e ficou na cama como que adormecido, sem que pudessem por qualquer forma acordá-lo. Mas, passados alguns dias, dizia ele como que tinha acordado de um sono e que contava, como se fossem sonhos, aquilo por que tinha passado: tinha sido transformado num cavalo, que, com outras azêmolas, tinha levado víveres (*annonna*) para certos soldados, víveres a que chamam *rética* por serem levados para a *Récia*. Verificou-se que as coisas se tinham passado como ele tinha contado; mas a ele pareciam apenas sonhos seus.

Contou um outro que, durante a noite, tinha visto na sua casa, antes de se deitar, vir ao seu encontro um filósofo que muito bem conhecia, o qual lhe explicou algumas doutrinas platônicas que tempos antes não quis expor apesar de lho ter pedido. E quando perguntaram ao mesmo filósofo porque é que tinha feito em casa do primeiro aquilo a que se tinha negado na sua própria, apesar de isso lhe ter sido pedido, respondeu:

— Eu não o fiz; apenas sonhei tê-lo feito.

Desta forma, mediante uma imagem fantástica, mostrou-se ao que estava acordado o que o outro viu em sonhos.

Estas coisas chegaram até nós, não por meio de quaisquer pessoas nas quais poderíamos pensar que seria indigno acreditar, mas por testemunhas que, estamos convencidos, não nos mentiram. Por conseguinte, o que se diz e foi consignado por escrito: que os homens costumam ser transformados em lobos pelos deuses, ou melhor, pelos demónios da Arcádia, e que

*com os seus encantamentos, Circe transformou os
companheiros de Ulisses*¹,

caso tenha acontecido, parece-me que só da maneira exposta pode ter acontecido. Quanto às aves de Diomedes

¹ *Carminibus Circe socios mutavit Ulixi,*
Virgílio, *Églogas*, VIII, 70.

cuja espécie se afirma ainda perdurar por gerações sucessivas — julgo que não provém duma transformação de homens, mas de homens substituídos por elas — tal como aconteceu com a corça aparecida em vez de Ifigénia, filha do rei Agamémnon. Aos demónios, quando o juízo de Deus lho permitia, não podiam ser difíceis prodígios deste género; mas, como, posteriormente, aquela virgem foi encontrada viva, facilmente se reconhece que em vez dela quem appareceu foi uma corça. Quanto aos companheiros de Diomedes, como desapareceram subitamente e não voltaram depois a apparecer em qualquer parte, porque pereceram sob os golpes vingadores dos anjos maus — julgaram que eles tinham sido transformados nessas aves, trazidas occultamente de outros lugares, onde a mesma espécie de aves existe e postos de repente no lugar deles. Mas, a água que transportam no bico e com que aspergem o templo de Diomedes, as suas carícias às pessoas de origem grega e a perseguição que fazem aos estrangeiros, não é de admirar que tudo isso seja feito por instigação dos demónios: a estes interessa que se acredite na divinização de Diomedes, pois assim conseguem enganar os homens, levando-os à veneração desses deuses com ofensa para o verdadeiro Deus, e a servirem homens já mortos (que, enquanto viveram, nem sequer tinham uma vida verdadeira) com templos, altares e sacerdotes (o que tudo, quando bem ordenado, só ao único Deus verdadeiro se deve).

CAPÍTULO XIX

Eneas veio para a Itália na época em que Labdão governava os hebreus como juiz.

Nessa época, depois da conquista e destruição de Tróia, Eneas chegou à Itália com vinte navios em que era transportado o que restava dos troianos, quando ali reinava Latino e reinavam Menesteu entre os atenienses, Polípides entre os siciónios e Tântanes entre os assírios, e Labdão era juiz dos hebreus. Depois da morte de Latino, Eneas reinou durante três anos, continuando os já citados reis a governar nos referidos lugares, mas Pelasgo era já rei da Siciónia e Sansão juiz dos hebreus. Este, por ter uma prodigiosa força, foi tido por Hércules. Mas de Eneas fizeram os latinos um deus porque não o encontraram quando morreu. Também os sabinos colocaram o seu primeiro rei Sanco, ou, como alguns lhe chamam, Sancto, entre os deuses. Na mesma época, Codro, rei dos atenienses, apresentou-se disfarçado para ser morto pelos peloponésios, inimigos da sua cidade — o que aconteceu. Proclamam que desta maneira ele salvou a sua pátria. É que os peloponésios tinham recebido a resposta de que venceriam se não matassem o rei deles. Codro enganou-os, disfarçando-se com o vestuário de um pobre e provocando a sua morte com uma altercação. Daí o dito de Virgílio:

*As altercações de Codro*¹.

¹ *Et iurgia Codri.*
Virgílio, *Églogas*, V, 11.

Os atenienses veneraram-no como um deus e ofereceram-lhe sacrificios.

Quando o quarto rei dos latinos era Sílvio, filho de Eneias, que este teve, não de Creusa, mãe de Ascânio, seu terceiro rei, mas de Lavínia, filha de Latino, que se diz tê-lo dado à luz depois da morte de Eneias; quando Oneu era o vigésimo nono rei dos assírios e Melanto o décimo sexto rei dos atenienses; e o Sumo Sacerdote Heli era juiz dos hebreus — acabou o reino dos siciónios, que, segundo se conta, durou novecentos e cinquenta e nove anos.

CAPÍTULO XX

Sucessão das dinastias reais entre os israelitas depois da época dos juizes.

Dentro em breve, quando os reis dos lugares citados ainda eram os mesmos, tendo terminado a época dos juizes, começou com Saul o reino dos israelitas, ao tempo em que vivia o profeta Samuel. Foi também nessa época que apareceram os reis dos latinos chamados sílvios. De facto, a partir deste filho de Eneias, que foi o primeiro a chamar-se Sílvio, a todos os que se lhe seguiram puseram nomes próprios, mas sem nunca faltar este sobrenome, como, muito mais tarde, chamaram Césares aos sucessores de César Augusto. Depois da reprovação de Saul — o que arredou do trono todos os que fossem da sua estirpe — e morto ele, sucedeu-lhe David como rei, depois de quarenta anos de governo de Saul. Foi então que os atenienses, depois da morte de Codro, deixaram de ter reis e começaram a ter magistrados para a administração dos assuntos públicos. Depois de David, que também reinou durante quarenta anos, foi rei dos israelitas seu filho Salomão, que construiu o famosíssimo templo de Jerusalém. No tempo dele, foi fundada Alba entre os latinos, e daí em diante, mesmo no Lácio, os reis já se não chamaram dos latinos, mas dos albanos. A Salomão sucedeu seu filho Roboão, sob o qual o povo de Israel se dividiu em dois reinos e começou cada uma das suas partes a ter seu próprio rei.

CAPÍTULO XXI

Dos reis do Lácio, dos quais o primeiro, Eneias, e o décimo segundo, Aventino, foram declarados deuses.

Depois de Eneias, a quem fizeram deus, o Lácio teve onze reis, nenhum dos quais foi declarado deus. Mas Aventino, que se segue a Eneias em décimo segundo lugar, quando derrotado na guerra e sepultado no monte que ainda agora é designado pelo seu nome, foi acrescentado ao número desses deuses que eles criaram. O certo é que há outros que não permitiram que se escrevesse ter ele morrido mas proclamaram que ele tinha desaparecido, e que dele tomou o nome o monte que antes se chamou Aventino devido a uma arribação (*adventus*) de aves. Depois dele, nenhum mais foi declarado deus no Lácio, salvo Rómulo, o fundador de Roma. Entre um e outro, encontram-se dois reis, o primeiro dos quais, para citar um verso de Virgílio, é

*Esse Procas, glória do povo troiano*¹.

No seu tempo, quando Roma já estava por assim dizer para nascer, o maior de todos os reinos, o da Assíria, chegava ao termo de uma bem longa duração. Realmente, passou para os medos depois de quase mil trezentos e cinco anos, contando o tempo de Belo, pai de Nino, que lá foi o primeiro rei, satisfeito com um pequeno império.

Procas reinou antes de Amúlio. Da filha de seu irmão Númitor, chamada Rea ou também Ília, e que foi mãe de

¹ *Proximus ille Procas, Trojanae gloria gentis.*
Virgílio, *Eneida*, VI, 767.

Rómulo, fez Amúlio uma virgem vestal. Pretendem que esta concebeu de Marte dois gémeos, glorificando ou desculpendo desta forma a sua desonra e apresentando como argumento que uma loba tinha alimentado as duas crianças abandonadas. É que pensam que esta espécie de animais pertence a Marte e por isso se julga que a loba teria dado a mama aos pequeninos por os reconhecer como filhos de Marte, seu senhor, embora não falte quem diga que, jazendo no chão a chorar os abandonados, foram primeiro recolhidos não sei por que meretriz e as primeiras tetas que chuparam foram as dela (pois às meretrizes chamavam *lobas (lupae)* e é por isso que ainda presentemente se chamam *lupanares* aos lugares das suas torpezas), e, depois, chegaram às mãos do pastor Fáustulo e foram alimentados por Acca, sua mulher. Mas, se para confundir um homem, um rei, que tinha dado a ordem cruel de lançar à água estas crianças destinadas a fundarem uma grande cidade, Deus, depois de os ter salvo das águas, quis vir socorrê-los, fazendo-os amamentar por uma fera — que é que há nisso de extraordinário?

A Amúlio sucedeu no reino latino seu irmão Númitor, avô de Rómulo, em cujo primeiro ano (de Númitor) foi Roma fundada, e daí em diante reinou com Rómulo, seu neto.

CAPÍTULO XXII

Fundação de Roma na época em que findou o reino da Assíria e em que, em Judá, reinava Ezequias.

Para me não demorar com muitos pormenores, direi que Roma foi fundada como se fosse uma outra Babilónia, como se fosse uma filha da primeira Babilónia. Por intermédio dela aprouve a Deus submeter pela guerra o orbe da Terra e impor-lhe, depois de reunido numa só comunidade de governo e de leis, a paz levada até às mais longínquas paragens. Havia já povos valorosos e poderosos, nações exercitadas nas armas, que não cederiam facilmente e que seria preciso vencer à custa de ingentes perigos, à custa de não pequenas devastações de parte a parte, à custa de horrosos trabalhos. Quando o reino dos assírios subjugou quase toda a Ásia, embora o tenha feito pela guerra, pôde, porém, consegui-lo sem rudes e muito difíceis batalhas porque os povos não estavam ainda preparados para a resistência, não eram muitos nem poderosos. Realmente, depois do imenso e universal Dilúvio, quando apenas oito pessoas se salvaram na arca de Noé, não tinham passado muito mais de mil anos quando Nino subjugou toda a Ásia, exceptuada a Índia. Mas Roma não pôde domar com essa celeridade e facilidade tantas nações do Oriente e do Ocidente que vemos submetidas ao Império Romano, porque, à medida que se ia dilatando, foi encontrando, por toda a parte por onde procurava estender-se, nações robustas e belicosas.

Na época em que Roma foi fundada, ocupava o povo de Israel a Terra da Promissão havia já setecentos e dezoito anos. Desses, vinte e sete correspondem à época de Jesus

Navé (Josué) e os seguintes trezentos e vinte e nove ao período dos juizes. Tinham passado trezentos e sessenta e dois anos desde que começou a haver ali reis. Era então Acaz rei em Judá, ou, segundo outros calculam, Ezequias, que lhe tinha sucedido, rei este ótimo e piedosíssimo que, segundo consta, reinou na época de Rómulo. E na parte do povo hebreu chamada Israel, tinha Oseias começado a reinar.

CAPÍTULO XXIII

Da Sibila de Eritreia, conhecida entre as demais Sibilas pelos seus muitos e evidentes vaticínios acerca de Cristo.

Por esse tempo, contam alguns, proferiu os seus vaticínios a Sibila de Eritreia. Refere Varrão que não houve uma só, mas várias Sibilas. Esta Sibila de Eritreia escreveu acerca de Cristo alguns vaticínios evidentes: o que eu mesmo li em latim, em mau latim e versos coxos devidos à imperícia não sei de que tradutor, como depois vim a saber. Com efeito, o ilustríssimo Flaciano, que também foi procônsul, homem de verbo fácilimo e de muito saber, quando uma vez falávamos de Cristo, mostrou-me um códice grego, dizendo que eram os oráculos (*carmina*) da Sibila de Eritreia, onde me mostrou uma passagem em que a sequência das primeiras letras de cada verso permitia ler estas palavras:

Ἰησοῦς Χριστὸς Θεοῦ υἱὸς σωτήρ,
o que em latim é:

Jesus Christus Dei filius salvator

(Jesus Cristo Filho de Deus Salvador).

Estes versos, cujas primeiras letras nos dão o sentido que referimos, têm o seguinte conteúdo, conforme os traduziu alguém para versos latinos regulares:

I *Judicii signum tellus sudore madescet.*

II *E caelo rex adveniet per saecula futurus,*

M *Scilicet ut carmen praesens, ut judicet orbem.*

O *Unde Deum cernent incredulus atque fidelis*

X *Celsum cum sanctis aevi jam termino in ipso.*

M *Sic animae cum carne aderunt, quas judicat ipse,*

X Cum jacet incultus densis in vepribus orbis.
 P Reiciet simulacra viri, cunctam quoque gazam,
 E Exuret terras ignis pontumque polumque
 I Inquirens, taetri portas effringet Averno.
 N Sanctorum sed enim cunctae lux libera carni
 T Tradetur, sontes aeterna flamma cremabit.
 O Occultos actus retegens tunc quisque loquetur
 S Secreta, atque Deus reserabit pectora luci.
 Q Tunc erit et luctus, stridebunt dentibus omnes.
 E Eripitur solis jubar et chorus interit astris.
 O Volvetur caelum, lunaris splendor obibit;
 R Deiciet colles, valles extollet ab imo.
 Y Non erit in rebus hominum sublime vel altum.
 I Iam aequatur campis montes et caerula ponti
 O Omnia cessabunt, tellus contracta peribit:
 S Sic pariter fontes torrentur fluminaque igni.
 N Sed tuba tum sonitum tristem demittet ab alto
 Q Orbe, gemens facinus miserum variosque labores,
 T Tartareumque chaos monstrabit terra dehiscens.
 H Et coram hic Domino reges sistentur ad unum.
 P Reccidet e caelo ignisque et sulphuris amnis¹.

¹ Sinal do Juízo: a Terra humedecerá com suor.
 Do Céu virá o rei que reinará nos séculos futuros,
 Ou seja, estará presente em carne para julgar a Terra.
 Por isso é que o incrédulo e o fiel verão
 O Deus altíssimo com os santos, mesmo nos fins dos tempos.
 Assim lá estarão as almas com a carne, Ele mesmo as julga,
 Enquanto a Terra jaz inculta sob densas silvas.
 Os homens rejeitaram os seus ídolos e todas as suas riquezas.
 O fogo queimará as terras, os mares e os céus
 Ganhando. Forçará as portas do sombrio Averno.
 Mas a toda a carne dos santos uma luz liberta
 Será dada, e uma chama eterna queimará os culpados.
 Descobrimdo seus actos ocultos, cada um dirá então
 Os seus segredos, e Deus abrirá os peitos à luz.
 Também haverá então lamentos, todos rangerão com os dentes.
 Desaparecerá do Sol o brilho, o coro dos astros perecerá.

*O Céu se transformará, o esplendor da Lua extinguir-se-á;
Derrubará as colinas, desde baixo levantará os vales.
Nada nas coisas dos homens haverá de sublime ou de alto.
Já se igualam os montes aos campos e o azul do mar
Acabará de todo, e a Terra esfrangalhada morrerá.
De modo igual, os fogos secarão fontes e rios.
Mas então triste som a tuba emitirá do alto do Céu,
Lamentando o mísero espectáculo e os múltiplos trabalhos,
E a Terra, abrindo-se, mostrará o caos do Tártaro,
E aí se apresentarão os reis todos juntos, perante o Senhor;
Cairá do Céu uma torrente de fogo e enxofre».*

Oracula Sibylina, VIII, 217-243, ed. Geffeken, pp. 153-155. (*)

V. *Constantini Oratio ad Sanctorum Coetum*, 18 (P.L. VIII, 450-454).

(*) 1) O número de sibilas varia conforme os autores. Para Varrão, teriam sido dez (da Pérsia, da Líbia, de Delfos, da Trácia Cimeriana, da Eritreia, de Samos, de Cumas, do Helesponto, da Frígia e de Tíbur); Pausânias redu-las a quatro (a Herofileita de Marpossos, na Tóade, a Líbica, a Cumana e a Sabeia). A de Cumas (Cumana) foi de longe a mais célebre de todas, nomeadamente no Império Romano: foi esta a escolhida por Virgílio como seu guia nos Infernos. A Sabeia, também conhecida por Hebraica, era originária da Babilónia; os autores mais antigos (Heródoto, Eurípedes, Aristófanes e Platão) só referem uma.

2) Quanto à mais célebre (a Cumana), é bem conhecida a lenda que refere ter-se apresentado uma mulher que se dizia a Sibila de Cumas, a Tarquínio Prisco, a oferecer-lhe por alto preço os seus nove livros de oráculos. O rei recusou-os, dado o seu elevado custo. Imediatamente essa mulher queimou na presença do rei três desses livros e ofereceu-lhe os restantes seis pelo mesmo preço. Perante nova recusa do rei, a «Sibila» queimou mais três, oferecendo, pelo preço de todos, os únicos três poupados às chamas. Alarmado pelas reacções da mulher, Tarquínio apressou-se a comprar-lhe os três livros, que passaram a ser guardados religiosamente no Capitólio, onde eram frequentemente consultados (quando se tinham que tomar graves decisões na gestão do Estado) e aí se conservaram até ao ano 83 antes de Cristo, data em que um incêndio os destruiu. Não se perderam, porém, totalmente, pois dos fragmentos citados por diversos autores conseguiu-se formar uma colectânea razoável. Além destes oráculos pagãos, de que há apenas fragmentos, existe ainda, com o título de Oráculos Sibilinos, uma colectânea de

Nestes versos latinos, traduzidos de qualquer maneira do grego, não se pôde fazer corresponder o latim ao grego nos versos que principiaram em grego por Υ (υ), pois não se puderam encontrar as correspondentes palavras latinas que começassem por essa letra e se adaptassem ao sentido. Mas esses versos são apenas três: o quinto, o décimo oitavo e o décimo nono. Enfim, se juntarmos as letras por que principiam os versos, e não lermos as ditas três e as substituímos pela letra Υ (υ) como se ela estivesse nos seus luga-

poemas judaicos que Alexandre Polihistor já no ano 80 antes de Cristo citava. É, porém, difícil, devido ao facto de terem sido retocados por mãos cristãs, discernir neles a parte pagã e as partes cristã e judaica.

Sobre este ponto, pode ver-se: M. J. Lagrange, *Le Judaïsme avant Jésus-Christ*, Pa. 1931; A. Puech, *Histoire de la Littérature Grecque Chrétienne*, Pa. 1928; B. Altaner, *Patrologie*, 5.^a ed., 1958.

3) Os oráculos sibilinos foram largamente utilizados pelos primeiros autores cristãos para fins apologeticos (Hermas, *Visões*, II, 4; S. Justino, *I Aplo.*, XX e XLIV; S. Teófilo de Antioquia, *Ad Autolyc.*, II, IX e XXXVI; Atenágoras, *Legat.*, II, 9; Tertuliano, *Ad Nation.*, II, 12 e *Apol.*, XIX, 10 e *De Pallio*, II).

Outros Padres da Igreja houve que também se lhes referiram, embora mais ligeiramente (S. Clem. de Alexandria — *Protrept.*, VI, 71 e VIII, 77; Stromat, I, XXI, 108; V, XIV, 115; VI, V, 43).

Também o pagão Celso se lhes refere e alude a uma pretensa seita cristã de Sibilinos, o que lhe valeu ser contestado por Orígenes (*Contra Celsum*, V, LXI).

No século IV, ainda Lactâncio, que os considera como autênticas profecias da verdade cristã, se refere aos oráculos sibilinos com admiração e respeito.

4) O primeiro a ver, nas primeiras letras de cada verso do oráculo acima transcrito, o acróstico $\Upsilon\eta\sigma\upsilon\varsigma\ \chi\rho\epsilon\iota\sigma\tau\omicron\varsigma\ \theta\epsilon\omicron\upsilon\ \upsilon\iota\omicron\varsigma\ \sigma\omega\tau\eta\rho$, foi o autor da *Oratio ad Sanctorum Coetum* — Oração à assembleia dos Santos — atribuída ao Imperador Constantino. (Ver P. Courcelle — *Les Lettres Grecques*). Courcelle admite que a tradução apresentada por Santo Agostinho seja tirada da «Filosofia dos Oráculos» de Porfírio e não lhe repugna que tenha sido o próprio Santo Agostinho quem a traduziu para latim, conservando o acróstico do texto grego que Flaciano lhe apresentou. (Ver ainda do mesmo Courcelle, *Les exégèses chrétiennes de la quatrième Églogie in Revue des Études Anciennes*, LIX, 1957, p. 315). Todavia, a H.-I. Marrou repugna esta hipótese (*Saint Augustin et la fin de la culture antique*).

res, encontraremos expressa por cinco palavras, em grego que não em latim:

Jesus Cristo Filho de Deus Salvador.

Os versos são vinte e sete, número que é o cubo do número três: três vezes três são nove, e nove multiplicado por três, como que para levantar a figura do lado para o alto, dá vinte e sete. E se se unirem as primeiras letras das cinco palavras gregas

Ἰησοῦς Χριστὸς Θεοῦ υἱὸς σωτήρ,

que em latim é *Jesus Christus Dei Filius Salvator* (Jesus Cristo Filho de Deus Salvador), teremos ἰχθύς, isto é, peixe, nome por que simbolicamente se exprime Cristo — porque só ele pôde manter-se vivo, isto é, sem pecado, no abismo desta mortalidade, tão semelhante à profundidade das águas.

Esta Sibila de Eritreia, ou, como outros julgam, de Cumas, nada tem em todo o seu oráculo (*carmen*), de que resta só uma pequena parte, que se refira aos deuses falsos ou fabricados. Bem ao contrário — fala de tal modo contra eles e contra os seus adoradores, que até parece que se deve colocar no número dos que pertencem à Cidade de Deus.

Também Lactâncio inseriu numa das suas obras alguns oráculos (*vaticinia*) acerca de Cristo duma Sibila, embora não diga de qual. Julgo que devo reunir numa só, embora um tanto prolixa, as breves citações que ele nos deixou dispersas. Diz:

Depois cairá nas mãos dos infieis iníquos; estes, com as suas mãos impuras, darão bofetadas a Deus e da sua boca infecta lhe lançarão escarros envenenados. Ele, porém, simplesmente apresentará aos golpes suas costas santas².

² *In manus iniquas infidelium postea veniet; dabunt autem Deo alapas manibus incestis et impurato ore expuent venenatos sputus; dabit vero ad verbera simpliciter sanctum dorsum.*

Oracula Sibylina, VIII, 287-290, ed., cit., p. 160. Cf. Lactâncio, *Div. Inst.*, IV, XVIII, 15.

Manter-se-á calado ao receber bofetadas, para que ninguém reconheça que Ele é o Verbo e donde veio para falar aos mortos e ser coroado de espinhos³.

Para alimento deram-lhe fel e para a sede deram-lhe vinagre. Foi esta a mesa de inospitalidade que lhe ofereceram⁴.

Insensata, tu própria não reconheceste o teu Deus, que se apresenta disfarçado ao espírito dos mortais, mas coroaste-o de espinhos e preparaste-lhe uma horrível mistura de fel⁵.

Mas o véu do Templo rasgou-se e, a meio do dia, será noite de trevas durante três horas⁶.

Morrerá e, durante três dias, no sono da morte ficará envolvido; e então, regressando dos infernos, será o primeiro a voltar à luz, sendo uma demonstração do princípio da ressurreição para os chamados⁷.

Lactâncio apresentou sumária e desordenadamente estes testemunhos da Sibila, como lhe parecia que os devia apresentar para provar o que pretendia. Apresentando-os

³ *Et colaphos accipiens tacebit ne quis agnoscat, quod verbum vel unde venit ut inferis loquatur et corona spinea coronetur.*

Oracula Sibylina, VIII, 292-296, p. 160. Cf. Lactâncio, *ibid.*, 17.

⁴ *Ad cibum autem fel et ad sitim acetum dederunt; inhospitalitatis hanc monstrabunt mensam.*

Oracula Sibylina, VIII, 303-304, p. 161. Cf. Lactâncio, *ibid.*, 19.

⁵ *Ipsa enim insipiens tuum Deum non intellexisti, ludentem mortalium mentibus, sed et spinis coronasti et horridum fel miscuisti.*

Oracula Sibylina, VI, 22-24, p. 131. Cf. Lactâncio, *ibid.*, XVIII, 20.

⁶ *Templi vero velum scindetur; et medio die nox erit tenebrosa nimis in tribus horis.*

Oracula Sibylina, VIII, 305-306, p. 161. Cf. Lactâncio, *ibid.*, XIX, 5.

⁷ *Et morte morietur tribus diebus somno suscepto; et tunc ab inferis regressus ad lucem veniet primus resurrectionis principio revocatis ostenso.*

Oracula Sibylina, VIII, 312-314, p. 162. Cf. Lactâncio, *ibid.*, XIX, 10.

sem nada intercalar e ordenando-os num texto seguido, apenas procurei distingui-los pelas suas primeiras palavras. (Oxalá que, para o futuro, os copistas tenham o cuidado de os conservar). Alguns deixaram consignado por escrito que a Sibila Eritreia é do tempo da guerra de Tróia e não do tempo de Rómulo.

CAPÍTULO XXIV

Quando reinava Rómulo, brilharam os sete sábios. Nesse tempo, as doze tribos que constituíam Israel foram levadas para o cativeiro pelos caldeus e o dito Rómulo morreu e foi elevado às honras divinas.

Diz-se que, quando reinava o dito Rómulo, viveu Tales de Mileto, um dos sete sábios, que, tendo aparecido depois dos poetas teólogos, o mais célebre dos quais foi Orfeu, se chamaram Σοφοί (sábios), em latim: *sapientes*. Pela mesma época, as dez tribos que, com a divisão do povo, se chamaram Israel, foram vencidas pelos caldeus e levadas cativas para as terras deles, ao passo que as mencionadas duas tribos, que tinham o nome de Judá e Jerusalém como capital do reino, se mantinham na terra da Judeia. Morto Rómulo, como ele não aparecesse, os romanos colocaram-no entre os deuses — como toda a gente muito bem sabe. Já se não costuma fazer isto (nem voltou a fazer-se depois senão, por adulação e não por erro, no tempo dos Césares), de forma que Cícero chega a enumerar entre as grandes glórias de Rómulo o facto de ele ter merecido essa honra, não numa época rude e ignorante em que os homens eram facilmente ludibriados, mas já em época polida e douta, se bem que a subtil e acerada facúndia dos filósofos ainda não tenha entrado em efervescência nem se tenha propagado. Mas, embora os tempos posteriores não tenham feito deuses dos homens mortos, não deixaram, todavia, de honrar, nem como deuses deixaram de ter aqueles que como tais estavam consagrados pelos antigos; e até, aumentaram com imagens desconhecidas dos antigos o

atractivo da vã e ímpia superstição; e, com o engano de falazes oráculos, conseguiam os imundos demónios incutir em seus corações, que, mediante jogos em honra dessas mesmas falsas divindades, se celebrassem ainda, vergonhosamente, os crimes, mesmo imaginários, dos deuses, que num século mais polido já se não inventavam.

Depois de Rómulo, reinou Numa, que julgou conveniente defender a cidade com um grande número de divindades, sem dúvida falsas; mas ele, quando morreu, não mereceu entrar nessa turba-multa; julga-se que, tendo juntado no Céu tal multidão de deuses, não pôde ele encontrar lá lugar. Conta-se que, quando este reinava em Roma e entre os hebreus principiava o reino de Manassés, rei ímpio, por quem o profeta Isaías foi entregue à morte, vivia a Sibila de Samos.

CAPÍTULO XXV

Que filósofos brilharam em Roma no reinado de Tarquínio Prisco e, entre os hebreus, no de Sedecias, quando Jerusalém foi tomada e o Templo destruído.

Quando reinavam, entre os hebreus, Sedecias e, entre os romanos, Tarquínio Prisco¹, que tinha sucedido a Anco Márcio, foi o povo dos judeus levado cativo para Babilónia, depois de Jerusalém e o Templo construído por Salomão terem sido destruídos. Foi o que lhe tinham anunciado os Profetas ao verberarem as suas iniquidades e impiedades, principalmente Jeremias, que até precisou o número de anos. Consta que foi nesta época que existiu Pítaco de Mitilene, outro dos sete sábios. Os restantes cinco que se somam a Tales, já acima referido, e a Pítaco, para formarem sete, escreve Eusébio que viviam na época em que o Povo de Deus estava cativo em Babilónia. São eles: Sólon de Atenas, Quílon da Lacedemónia, Periandro de Corinto, Cleóbulo de Lindos e Bías de Priene. Todos estes sete floresceram depois dos poetas teólogos, e foram chamados sábios porque se avantajaram pelo louvável género de vida aos demais homens e reuniram, em breves sentenças, alguns preceitos de moral².

¹ Embora *Priscus* queira dizer «antigo», preferi manter o termo *Prisco* por ser este o cognome por que é conhecido o rei Tarquínio nos livros de História.

² Sob o nome dos sete sábios conserva-se uma grande colecção de máximas (γνώμαι) sobre assuntos morais, psicológicos e políticos, notáveis pela sua concisão e imaginação.

Ver: Bohren, *De septem sapientibus*, Bona, 1867.

Todavia, não deixaram, no que se refere às letras, nenhum monumento para a posteridade, a não ser Sólon, que se conta ter dado leis aos atenienses, e Tales, que deixou livros com os seus ensinamentos³. Na época do cativeiro dos judeus, floresceram também os físicos Anaximandro, Anaxímenes e Xenófanes. Também viveu então Pitágoras, a partir de quem os sábios começaram a chamar-se filósofos.

³ Os fragmentos de Tales (e outros filósofos da sua época) foram publicados por H. Diels e W. Kranz, *Die Fragmente der Vorsokratiker*, 1951. Ver ainda: Diogenes Laertii, *Vitae philosophorum*, O. 1964; H. Diels, *Doxographi Graeci*, B. 1965; C. J. De Vogel, *Greek philosophy*, Leide, 1959. (Desta obra há trad. port. editada pela Fundação Gulbenkian).

CAPÍTULO XXVI

Na época em que, decorridos setenta anos, acabou o cativoiro dos judeus, também os romanos foram libertados da dominação régia.

Pela mesma época, Ciro, rei dos persas, que também dominava os caldeus e os assírios, suavizando um pouco o cativoiro dos judeus, mandou regressar cinquenta mil homens para reconstruírem o Templo. Estes só começaram os fundamentos e reconstruíram o altar. Não puderam prosseguir na edificação, devido às incursões inimigas, e a obra foi protelada até Dario. Foi também por essa época que se verificaram os feitos relatados no livro de Judite, que, assegura-se, os judeus não receberam no cânon das Escrituras. Foi, pois, sob Dario, rei dos persas, que se cumpriram os setenta anos preditos pelo profeta Jeremias, que foi restituída a liberdade aos judeus e terminado o cativoiro, reinando então Tarquínio, sétimo rei dos romanos. Também estes, depois de aquele ter sido expulso, se libertaram da dominação dos seus reis. Até essa época, o povo de Israel teve profetas. Embora estes tenham sido muitos, apenas um pequeno número dos seus escritos são tidos como canónicos tanto pelos judeus como por nós. Quando encerrei o anterior, prometi falar deles neste livro: vejo que chegou o momento de o fazer.

CAPÍTULO XXVII

Época dos profetas cujos vaticínios ficaram consignados por escrito. Muitos vaticínios proferiram eles então acerca da vocação dos gentios, quando principiava o reino dos romanos e acabava o dos assírios.

Para conhecermos a sua época, voltemos um pouco às anteriores. No começo do livro de Oseias, o primeiro dos doze profetas, está escrito:

*Palavra do Senhor dirigida a Oseias nos dias de Ozias, de Joatam, de Acaz e de Ezequias, reis de Judá*¹.

Amós deixou escrito que também ele profetizou nos dias do rei Ozias; e acrescenta Jerobão, rei de Israel, que vivia pela mesma época; e ainda Isaías, filho de Amós, o profeta supracitado ou, mais provavelmente, de um outro Amós que não era profeta, inscreve, no começo do seu livro os mesmos reis que Oseias, datando dessa época as suas profecias. Também Miqueias indica para as suas profecias essa época, mas já depois de Ozias, cujos três sucessores, já indicados por Oseias, refere: Joatam, Acaz e Ezequias. Estes são os que, como consta dos seus escritos, profetizaram na mesma época. A estes juntam-se Jonas, quando reinava o rei Ozias, e Joel, quando já reinava Joatam, que sucedeu a Ozias. A época destes dois profetas podemos encontrá-la nas *Crônicas* e não nos seus livros, pois que eles acerca dela nada referem.

¹ *Verbum Domini, quod factum est ad Osee, in diebus Oziae et Joatham et Achaz et Ezechiae regum Juda.*

Oseias, I, 1.

Este período estende-se desde Procas, rei dos latinos, ou de Aventino, seu antecessor, até Rómulo, já rei romano, ou mesmo até aos primórdios de seu sucessor Numa Pompílio. (Até então, reinou Ezequias, rei de Judá). Foi, portanto, quando acabou o império assírio e principiou o romano que simultaneamente irromperam estas como que fontes da profecia; quer dizer: do mesmo modo que nos primitivos tempos do império dos assírios apareceu Abraão, a quem tinha sido feita claramente a promessa de que na sua posteridade seriam abençoados todos os povos da Terra — assim também, nos começos da Babilónia Ocidental, em cujo império havia de aparecer Cristo, em quem essas promessas se cumpriram, foram soltas as línguas dos Profetas para deste tão grande acontecimento futuro darem testemunho não só por palavras mas também por escrito. Quase nunca faltaram profetas ao povo de Israel desde que lá começou a haver reis; mas eles só atendiam ao seu interesse e não ao dos outros povos. Quando, porém, se criou a Escritura manifestamente profética que um dia seria útil aos outros povos, convinha que essa Escritura profética começasse quando fosse fundada essa cidade que havia de governar os povos.

CAPÍTULO XXVIII

Profecias de Oseias e de Amós que se referem ao Evangelho de Cristo.

O profeta Oseias tanto mais difficilmente se comprehende, quanto mais profundamente se exprime. Mas é preciso dele tomar algumas coisas e expô-las aqui, como prometemos. Diz ele:

*E acontecerá que, no lugar em que se lhes diz: vós não sois o meu povo, eles também serão chamados filhos de Deus vivo*¹.

Os próprios apóstolos interpretaram este testemunho profético como a vocação do povo dos gentios, que antes não pertencia a Deus. E, como esse mesmo povo dos gentios também está espiritualmente entre os filhos de Abraão, e por isso justicadamente se lhe chama Israel, o Profeta continua, dizendo:

*Os filhos de Judá e os filhos de Israel juntar-se-ão num só, escolherão um único chefe para si e surgirão da terra*².

Se quiséssemos explicar mais esta passagem, o sabor da linguagem profética ficaria embotado. Recorde-se, porém, aquela pedra angular e aqueles dois muros, um formado pelos judeus e o outro pelos gentios, e reconheçamos como sobem ambos da terra, sob um só e mesmo príncipe, para o mesmo

¹ *Et erit in loco quo dictum est eis: Non populus meus vos, vocabuntur et ipsi filii Dei vivi.*

Oseias, I, 10.

² *Et congregabuntur filii Juda et filii Israel in id ipsum, et ponent sibi principatum unum et ascendent a terra.*

Oseias, I, 11.

fim, apoiando-se aquele no nome dos filhos de Judá e este no dos filhos de Israel. Mas, destes israelitas carnaes que agora não crêem em Cristo mas virão mais tarde a crer, isto é, dos seus filhos (pois estes passarão a ocupar o lugar deles após a sua morte), dá testemunho o mesmo profeta dizendo:

*Os filhos de Israel ficarão durante muitos dias sem rei, sem governo, sem sacrificio, sem altar, sem sacerdotio, sem revelação*³.

Quem não verá que estão assim agora os judeus? Mas ouçamos o que se segue:

*Depois, os filhos de Israel voltarão a buscar o Senhor, seu Deus, e David, seu rei, e admirar-se-ão no Senhor e nos seus benefícios nos últimos dias*⁴.

Nada é mais claro que esta profecia, se se comprehender que, no nome do rei David está significado o de Cristo, porque, como diz o Apóstolo,

*segundo a carne, nasceu da estirpe de David*⁵.

Este profeta annunciou também a futura ressurreição de Cristo ao terceiro dia, e annunciou-o com a profundidade profética digna de tal facto quando disse:

*Curar-nos-á depois de dois dias e ressuscitaremos ao terceiro dia*⁶.

É neste sentido que o Apóstolo nos diz:

*Se ressuscitastes com Cristo, procurai as coisas do alto*⁷.

³ *Quoniam diebus multis sedebunt filii Israel sine rege, sine principe, sine sacrificio, sine altari, sine sacerdotio, sine manifestationibus.*

Oseias, III, 4

⁴ *Et postea revertentur filii Israel et inquirent Dominum Deum suum et David regem suum, et stupefcent in domino et in bonis ipsius in novissimis diebus.*

Oseias, III, 5.

⁵ *factus est ex semine David secundum carnem.*

Rom., I, 3.

⁶ *Sanabit nos post biduum, in die tertio resurgemus.*

Oseias, VI, 2.

⁷ *Si resurrexistis cum Christo, quae sursum sunt quaerite.*

Coloss., III, 1.

Acerca do mesmo assunto profetizou também Amós, assim dizendo:

*Prepara-te, Israel, para invocares o teu Deus; porque, eis que sou eu quem dá força ao trovão e cria os ventos e aos homens anuncia o seu Cristo*⁸.

E noutra passagem diz:

*Nesse dia, levantarei a tenda de David que tombou, levantarei o que caiu e repararei as suas ruínas e reedificá-la-ei como nos dias de outrora, de tal maneira que Me procurem o resto dos homens e todos os povos nos quais o meu nome é invocado, diz o Senhor, que tudo isto fez*⁹.

⁸ *Praepara te, ut invoces Deum tuum Israel; quia ecce ego firmans tonitrum et creans spiritum et adnuntians in hominibus Christum suum;*

Amós, IV, 12-13.

⁹ *In illa die resuscitabo tabernaculum David, quod cecidit, et reaedificabo, quae ceciderunt ejus, et destructa ejus resuscitabo et reaedificabo ea sicut dies saeculi; ita ut exquirant me residui hominum et omnes gentes, in quibus invocatum est nomen meum super eos, dicit Dominus faciens haec.*

Amós, IX, 11-12.

CAPÍTULO XXIX

O que Isaías anunciou acerca de Cristo e da Igreja.

O profeta Isaías não está no livro dos doze profetas chamados menores porque os escritos destes são breves em comparação com os dos chamados maiores, que, de facto, produziram longos volumes. Este Isaías faz parte destes mas eu junto-o aos dois precedentes porque ele profetizou na mesma época.

Isaías, entre as repreensões da iniquidade, as instruções sobre a justiça e as predições dos males que virão a cair sobre o povo pecador, tem muitas mais profecias que os demais acerca de Cristo e da Igreja, isto é, acerca do Rei e da Cidade que ele fundou — a tal ponto que por alguns foi antes chamado evangelista do que profeta. Mas, em atenção aos limites desta obra, apenas uma passagem de entre muitas citarei aqui. Diz ele pela boca de Deus pai:

Eis que o meu servo compreenderá e será exaltado e será grandemente glorificado.

A tua figura será privada da glória pelos homens e pelos homens será apagada a tua glória, e deste modo muitos ficarão espantados na tua presença e assim também muitos povos serão tomados de admiração e os reis fecharão a boca na tua presença, e aqueles que d'Ele não ouviram falar reconhecerão-lo.

— Senhor, quem deu crédito à nossa palavra e a quem foi revelado o braço do Senhor? Diante dele o anunciámos; ele é como uma criança, como uma raiz em terra a arder de sede: e nele não há figura nem glória.

— Vim-lo, e não tem figura nem beleza; o seu aspecto era sem honra, apagando-se perante todos os homens.

— Homem posto numa chaga e sabendo que é portador de enfermidades; porque o seu aspecto está alterado, foi desonrado e não é tido em grande conta.

— É Ele quem carrega com os nossos pecados e por nós suporta dores. Julgámos que Ele estava mergulhado na dor, em chaga, na aflição.

— Mas Ele é que, por causa das nossas iniquidades, foi ferido e, por causa dos nossos pecados, sofre.

— A nossa paz n'Ele a aprendemos. Pelas suas pisaduras fomos curados. Todos como ovelhas nos tresmalhámos, o homem perdeu-se do seu caminho.

— E o Senhor entregou-O pelos nossos pecados. E Ele próprio, por causa da sua aflição, nem abriu a boca.

— Foi a ovelha conduzida à imolação e, como o cordeiro perante quem o tosquia, ficou sem voz e não abriu a sua boca.

— Na sua humildade, o julgamento d'Ele foi arrejado. Quem contará a sua geração? Porque a sua vida será retirada da face da Terra. Foi conduzido à morte por causa das iniquidades do meu povo. Apresentar-lhe-ei os malvados como sepultura e os ricos como túmulo.

— Porque não cometeu iniquidades e na sua boca não há manha, o Senhor quer curá-lo das suas chagas.

— Se oferecerdes a vossa vida em expiação do pecado, vereis uma longa posteridade.

— O Senhor quer tirar a sua alma da dor, mostrar-lhe a luz, formar o seu intellecto, justificar o justo, que é o que a muitos serve bem, e Ele mesmo carregará com os pecados deles.

— É por isso que Ele herdará muitos (homens) partilhará o espólio dos fortes, porque a sua alma foi entregue à morte e foi colocado entre os malfeitores.

— Carregou com os pecados de muitos e foi entregue por causa dos seus pecados¹.

¹ *Ecce intelleget puer meus et exaltabitur et glorificabitur valde. Quem ad modum stupescunt super te multi, ita gloria privabitur ab hominibus species tua et gloria tua ab hominibus; ita mirabuntur gentes multae super eum et continebunt*

Isto acerca de Cristo.

Ouçamos agora o que se segue acerca da Igreja. Diz ele:

Regozija-te, ó estéril que não dás à luz; desabafa e exclama, tu que não dás à luz, porque à abandonada nasceram muito mais filhos do que à que tem marido. Alarga o espaço da tua tenda e dos teus panos de tenda; crava, não poupes, alonga o teu cordame, finca bem as tuas estacas e estende-a para o lado direito e para o lado esquerdo. A tua descendência receberá os povos em herança e tu povoarás as cidades desertas. Não tenhas medo por teres sido confundida, nem te envergonhes por teres sido censurada; porque esquecerás a eterna confusão e não te recordarás do opróbrio da tua viuvez.

reges os suum; quoniam quibus non est nuntiatum de illo, videbunt, et qui non audierunt, intellegent. Domine, quis credidit auditui nostro, et brachium Domini cui revelatum est? Adnuntiavimus coram illo, ut infans, ut radix in terra sitiienti: non est species illi neque gloria. Et vidimus eum, et non habebat speciem neque decorem; sed species ejus sine honore, deficiens prae omnibus hominibus. Homo in plaga positus et sciens ferre infirmitatem; quoniam aversa est facies ejus, inhonoratus est nec magni aestimatus est. Hic peccata nostra portat et pro nobis dolet; et nos existimavimus illum esse in dolore et in plaga et in adflictione. Ipse autem vulneratus est propter iniquitates nostras et infirmatus est propter peccata nostra. Eruditio pacis nostrae in eo; livore ejus nos sanati sumus. Omnes ut oves erravimus, homo a via sua erravit; et dominus tradidit illum pro peccatis nostris; et ipse, propter quod adflictus est, non aperuit os suum. Ut ovis ad immolandum ductus est et ut agnus ante eum, qui se tonderet, sine voce, sic non aperuit os suum. In humilitate judicium ejus sublatum est. Generationem ejus quis enarrabit? Quoniam tolletur de terra vita ejus. Ab iniquitatibus populi mei ductus est ad mortem. Et dabo malignos pro sepultura ejus et divites pro morte ejus. Quoniam iniquitatem non fecit nec dolum in ore suo; et Dominus vult purgare eum de plaga. Si dederitis pro peccato animam vestram, videbitis semen longae-vum; et Dominus vult auferre a dolore animam ejus, ostendere illi lucem et formare intellectum, justificare justum bene servientem pluribus; et peccata eorum ipse portabit. Propterea ipse hereditabit plures et fortium dividet spolia propter quod tradita est ad mortem anima ejus, et inter iniquos aestimatus est et ipse peccata multorum portavit, et propter peccata eorum traditus est.

Isaías, LII, 13-15; LIII, 1-12.

*Porque o Senhor é o teu Criador: Senhor Sabaot é o seu nome e aquele que te libertou, esse mesmo se chamará Deus de Israel de toda a Terra*²...

e continua. Mas isto basta. Algumas destas passagens deviam ser explicadas; julgo, porém, que bastam as que são tão claras que até os inimigos, mesmo a seu pesar, são obrigados a compreendê-las.

² *Laetare sterilis, quae non paris; erumpe et exclama, quae non parturis; quoniam multi filii desertae magis quam ejus quae habet virum. Dilata locum tabernaculi tui et aulaearum tuarum; fige, noli parcere, prolonga funiculos tuos et palos tuos conforta, adhuc in dextram et sinistram partem extende. Et semen tuum hereditabit gentes, et civitates desertas inhabitabis. Ne timeas, quoniam confusa es, neque reverearis, quia exprobrata es; quoniam confusionem aeternam oblivisceris et opprobrium viduitatis tuae non eris memor. Quoniam Dominus faciens te, Dominus Sabaoth nomen ei; et qui eruit te, ipse Deus Israel universae terrae vocabitur;*

Isaias, LIV, 1-5.

CAPÍTULO XXX

Profecias de Miqueias, Jonas e Joel, referentes ao Novo Testamento.

O profeta Miqueias, apresentando Cristo na figura de uma alta montanha, diz o seguinte:

Nos últimos dias, a montanha do Senhor ver-se-á bem, colocada no cume das montanhas, levantada acima das colinas. Para ela correrá apressado o povo, e também irão muitas nações, que dirão: «Vinde, subamos à montanha do Senhor e à casa de Deus de Jacob; Ele nos mostrará o seu caminho e nós seguiremos pelos seus atalhos. Porque de Sião sairá a Lei e de Jerusalém a Palavra do Senhor. Ele será o juiz de muitos povos e confundirá nações poderosas até aos mais longínquos confins.»¹

Este profeta predisse também o lugar onde Cristo nasceu, dizendo:-

E tu, Belém, casa de Efrata, tu és a mais pequena para poderes ser considerada entre as milhares de Judá. De ti nascerá o que há-de ser príncipe em Israel e a sua origem vem desde o princípio, desde os dias da eternidade. É por isso que Ele os abandonará até aos tempos daquela que há-de dar à luz. Ela dará à luz e o resto dos seus irmãos vol-

¹ *Erit in novissimis diebus manifestus mons Domini, paratus super vertices montium et exaltabitur super colles. Et festinabunt ad eum plebes, et ibunt gentes multae et dicent: Venite, ascendamus in montem Domini et in domum Dei Jacob, et ostendet nobis viam suam, et ibimus in semitis ejus; quia ex Sion procedet lex et verbum Domini ex Hierusalem. Et judicabit inter plebes multas, et redarguet gentes potentes usque in longinquum.*

Miqueias, IV, 1-3.

*tará para os filhos de Israel. Aguentar-se-á de pé e verá e apascentará o seu rebanho no poder do Senhor, e eles serão a honra do nome do Senhor seu Deus, porque doravante Ele será glorificado até aos confins da Terra*².

O profeta Jonas anunciou, porém, a Cristo, não tanto por palavras como por uma espécie de paixão sua, duma forma certamente mais clara do que se clamasse em alta voz a sua morte e ressurreição. Na verdade, para que foi ele acolhido no ventre do monstro e ao terceiro dia dele lançado fora, senão para simbolizar Cristo, que ao terceiro dia havia de regressar das profundezas do Inferno?

Tudo o que Joel profetizou nos obriga a uma exposição com muitos comentários para se esclarecerem os assuntos referentes a Cristo e à Igreja. Todavia, porei de lado um texto invocado pelos próprios apóstolos, quando o Espírito Santo desceu, como Cristo tinha prometido, sobre os fiéis reunidos. Diz assim:

*Depois disto, chegará Ele e Eu derramarei o meu espírito sobre toda a carne. Os vossos filhos e as vossas filhas profetizarão, os vossos velhos sonharão sonhos e os vossos jovens verão visões. E, na verdade, naqueles dias derramarei o meu espírito sobre os meus servos e as minhas servas*³.

² *Et tu, Bethleem, domus Ephrata, minima es, ut sis in milibus Juda; ex te mihi prodiet, ut sit in principem Israel; et egressus ejus ab initio et ex diebus aeternitatis. Propterea dabit eos usque ad tempus parturientis, pariet, et residui fratres ejus convertentur ad filios Israel. Et stabit et videbit et pascet gregem suum in virtute Domini, et in honore nominis Domini Dei sui erunt; quoniam nunc magnificabitur usque ad summum terrae.*

Miqueias, V, 1-4.

³ *Et erit post haec, et effundam de spiritu meo super omnem carnem; et prophetabunt filii vestri et filiae vestrae, et seniores vestri somnia somniabunt, et juvenes vestri visa videbunt; et quidem in servos et ancillas meas in illis diebus effundam de spiritu meo.*

Joel, III, 1-2.

CAPÍTULO XXXI

Dos vaticínios que se encontram em Nahum e Habacuc acerca da salvação em Cristo.

Nem os próprios três Profetas Menores, Abdias, Naum e Habacuc, nos dizem, nem se encontra nas Crônicas de Eusébio e Jerónimo, a época em que profetizaram. É certo que Abdias foi por eles colocado junto de Miqueias, mas não na passagem onde são referidos os tempos em que, segundo os seus escritos, ele profetizou — o que aconteceu, julgo eu, por erro dos que transcrevem sem cuidado trabalhos alheios. Não podemos encontrar os outros dois citados nos códices das Crônicas que possuímos. Mas, como eles se encontram no Cânon, não devemos passá-los em silêncio.

Abdias, quanto ao seu escrito o mais breve de todos os profetas, fala contra a Idumeia, ou seja, o povo de Esaú, o reprovado, o mais velho dos gémeos de Isaac e dos netos de Abraão. Ora, se por Idumeia entendemos as nações, conforme a figura que toma a parte pelo todo, poderemos aplicar a Cristo o que, entre outras coisas, ele diz:

*Na montanha de Sião estará a salvação — e será isso uma coisa santa*¹;

e, pouco depois, no fim da sua profecia:

*E os redimidos da montanha de Sião subirão para defender a montanha de Esaú e ela será para o Senhor um reino*².

¹ *In monte autem Sion erit salus et erit sanctum.*

Abdias, 17.

² *Et ascendent, resalvati ex monte Sion, ut defendant montem Esau, et erit domino regnum.*

Abdias, 21.

É claro que isto se cumpriu quando os redimidos da montanha de Sião, isto é, os da Judeia que creram em Cristo, em que se vêem em primeiro lugar os apóstolos, subiram para defender a montanha de Esaú. E como é que a defenderiam senão salvando pela pregação do Evangelho aqueles que acreditaram para serem libertados do poder das trevas e serem transferidos para o reino de Deus? É o que ele exprime ao acrescentar:

*E ela será para o Senhor um reino*³.

A montanha de Sião designa a Judeia, onde se devia encontrar a Salvação anunciada e «a Coisa Santa» que é Cristo Jesus. A montanha de Esaú é a Idumeia, pela qual se designa a assembleia (*ecclesia*) das nações que defenderam, como expus, os redimidos da montanha de Sião para que houvesse um reino para o Senhor. Esta profecia era obscura antes de se realizar; mas, uma vez realizada, qual o fiel que a não reconhece?

O profeta Naum, ou antes, Deus por seu intermédio diz:

*Destruirei os ídolos esculpidos ou fundidos e pô-los-ei na tua sepultura; pois, eis que sobre as montanhas (correm) velozes os pés do que evangeliza e anuncia a paz. Celebra os teus dias de festa, Judá, cumpre os teus votos, porque já não se aproximarão mais de ti para envelhecerem. Tudo se acabou, tudo se gastou e tudo se destruiu. Ele sobe, aquele que sopra no teu rosto, arrancando-te à tribulação*⁴.

Quem é que subiu dos infernos e soprou o Espírito Santo no rosto de Judá, isto é, dos judeus, discípulos de Cristo —

³ *Et erit Domino regnum.*

V. supra nota 2.

⁴ *Exterminabo sculptilia et conflabilia, ponam sepulturam tuam; quia veloces ecce super montes pedes evangelizantis et adnuntiantis pacem. Celebra, Juda, dies festos tuos, redde vota tua; quia jam non adicient ultra ut transeant in vetustatem. Consummatum est, consumptum est, ablatum est. Ascendit, qui insufflat in faciem tuam, eripiens te ex tribulatione.*

Nahum, I, 14-15.

reconheça-o quem recordar o Evangelho. Porque pertencem à Nova Aliança aqueles cujas festas são uma tal renovação espiritual que, doravante, não mais poderão cair em velhice.

De igual modo vemos que devido ao Evangelho é que foram exterminados os ídolos esculpidos e fundidos, isto é, as imagens dos falsos deuses, e como que sepultados no túmulo do olvido. Também nisto vemos que se cumpriu a profecia.

Quanto a Habacuc — de que outra vinda se compreende que está a falar senão da de Cristo que está para chegar:

*E o Senhor respondeu-me e disse: descreve claramente esta visão no buxo, para que seja acolhida por quem a lê; porque o cumprimento da visão ainda está longe; virá no fim e não será em vão. Mesmo que Ele tarde, espera-O porque, estando para vir, Ele vem com certeza e não demora?*⁵.

⁵ *Et respondit Dominus ad me et dixit:*

Scribe visum aperte in buxo, ut adsequatur qui legit ea; quia adhuc visio ad tempus, et orietur in fine et non in vacuum; si tardaverit, sustine eum, quia veniens veniet et non morabitur?

Habacuc, II, 2-3 (*)

(*) Santo Agostinho chama sempre Ambacum ao profeta Habacuc.

CAPÍTULO XXXII

Profecia contida na oração e no cântico de Habacuc.

Na oração que ele faz no seu cântico:

*Senhor, ouvi a tua voz e tive medo; Senhor, contemplei as tuas obras e fiquei espantado*¹,

a quem é que se dirige senão a Cristo Senhor? Que é isto senão a sua admiração inefável perante o anúncio, novo e inesperado, da salvação dos homens?

*No meio de dois animais serás reconhecido*²,
que mais é senão *no meio das duas Alianças*, ou *no meio dos dois ladrões* ou *no meio de Moisés e de Elias* quando eles falavam na montanha?

*À medida que os anos se aproximam, serás reconhecido; quando os tempos chegarem, manifestar-te-ás*³,
não precisa de explicação.

*Quando a minha alma estiver perturbada, na tua cólera recordar-te-ás da misericórdia*⁴,
que outra coisa é senão que ele (profeta) personificou os judeus, a cuja nação pertencia, os quais, perturbados por

¹ *Domine, audivi auditionem tuam, et timui; Domine, consideravi opera tua et expavi.*

Habacuc, III, 2.

² *In medio duorum animalium cognosceris.*

Id. Ib.

³ *Dum adpropinquant anni, nosceris; in adventu temporis ostenderis.*

Id. Ib.

⁴ *In eo cum turbata fuerit anima mea, in ira misericordia memor eris.*

Id. Ib.

uma grande cólera, crucificaram Cristo, que, lembrado da sua misericórdia, disse:

*Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem*⁵?

*Deus virá de Tëman, e o Santo, da montanha sombria e densa*⁶.

O que aqui se traduz *Virá de Tëman*, outros traduziram por *do Austro* (*ab Austro*) ou *do Ábrego* (*Áfrico*), com o que se quer significar o Sul (*miridies*), isto é, o fervor da caridade e o esplendor da verdade. *A montanha sombria e densa*, embora se possa tomar em vários sentidos, eu prefiro tomar o de *profundidade das Escrituras que profetizam Cristo*. Nela se encontram passagens *sombrias e densas* que exercitam a mente do investigador. Mas dessas (passagens) também procede o achado de quem as chega a entender.

*O seu poder cobre os Céus, e a Terra está cheia dos seus louvores*⁷;

não é também o que se diz no salmo:

*Eleva-te acima dos Céus, ó Deus, e que a tua glória esteja sobre a Terra! O seu esplendor será como a luz*⁸,
que mais não é que dizer *a sua fama iluminará os crentes?*

*Cornos estão nas suas mãos*⁹,
que mais é senão *o troféu da cruz?*

*Pôs a caridade como fundamento da sua força*¹⁰,
não precisa de explicação.

⁵ *Pater ignosce illis, quia nesciunt quod faciunt?*

Luc., XXIII, 34.

⁶ *Deus de Theman veniet et sanctus de monte umbroso et condenseo.*

Habacuc, III, 3.

⁷ *Operuit caelos virtus ejus, et laudis ejus plena est terra.*

Id. Ib.

⁸ *Exaltare super caelos, Deus, et super omnem terram gloria tua? Splendor ejus ut lumen erit.*

Salmo LVI (LVII), 6.

⁹ *Cornua in manibus ejus sunt.*

Habacuc, III, 4.

¹⁰ *Et posuit caritatem firmam fortitudinis suae.*

Id. ib.

À frente da sua face caminhará a palavra, ela avançará na planície seguindo os seus passos¹¹,
que mais é senão: foi anunciado antes de cá vir e proclamado depois de sair de cá?

Ele parou, e a Terra se comoveu¹²,
que mais é senão deteve-se para socorrer e a terra comoveu-se para crer?

Ele olhou, e os povos ficaram murchos¹³,
isto é: ele compadeceu-se e levou os povos ao arrependimento.

Os montes foram quebrados com violência¹⁴,
isto é: o orgulho dos grandes foi quebrado pela força dos milagres.

Escorregaram as colinas eternas¹⁵,
isto é: foram rebaixadas por algum tempo para se levantarem para sempre.

Vi as entradas eternas, preço de seus trabalhos¹⁶,
isto é: nunca vi o labor da caridade sem a recompensa da eternidade.

As tendas dos Etíopes ficaram espantadas, bem como as tendas da Terra de Madian¹⁷,
isto é: as nações subitamente aterradas com o anúncio das tuas maravilhas, mesmo as que estão submetidas aos romanos, entrarão no Povo Cristão.

¹¹ *Ante faciem ejus ibit verbum, et prodiet in campum post pedes ejus.*
Id., III, 5.

¹² *Stetit, et terra commota est.*
Id., III, 6.

¹³ *Respexit et tabuerunt gentes.*
Id. Ib.

¹⁴ *Contriti sunt montes violentia.*
Id. Ib.

¹⁵ *Defluxerunt colles aeternales,*
Id. Ib.

¹⁶ *Ingressus aeternos ejus pro laboribus vidi,*
Id., III, 7.

¹⁷ *Tabernacula Aethiopum expavescent et tabernacula terrae Madiam.*
Id. Ib.

*É contra os rios, Senhor, que te iraste, ou a tua fúria é
contra os rios cu a tua violência é contra o mar?*¹⁸

Diz-se isto porque Ele agora veio não para julgar o mundo
mas para que o mundo seja por Ele salvo.

*Porque montarás sobre os teus cavalos, e a tua caval-
gada será a Salvação*¹⁹,

isto é: *os teus evangelistas — esses que são por Ti dirigidos — é
que Te transportarão, e o teu evangelho será a salvação dos que em
Ti crêem.*

*Contra os ceptros voltarás o teu arco retesado, diz o
Senhor*²⁰,

isto é: *ameaçarás com o teu juízo mesmo os reis da Terra.*

*Os rios rasgarão a Terra*²¹,

isto é: *pelos influentes sermões dos que Te pregam, abri-
-se-ão para a crença os corações dos homens a quem foi dito:*

*Rasgai os vossos corações e não os vossos vestidos*²².

Que quer dizer:

*Os povos te verão e ficarão na dor*²³,

senão que eles procurarão a felicidade nas lágrimas?

Que quer dizer:

*Espalhando águas ao caminharem*²⁴?

¹⁸ *Numquid in fluminibus iratus es, Domine, aut in fluminibus furor
tuus aut in mari impetus tuus?*

Id., III, 8.

¹⁹ *Quia ascendes super equos tuos, et equitatio tua salus,*

Id. Ib.

²⁰ *Intendens intendes arcum tuum super scepra, dicit Dominus.*

Id. Ib.

²¹ *Fluminibus scindetur terra.*

Id., III, 9.

²² *Scindite corda vestra, et non vestimenta.*

Joel, II, 13.

²³ *Videbunt te et dolebunt populi.*

Habacuc, III, 10.

²⁴ *Dispergens aquas incessu.*

Id. Ib.

Não será: *andando entre os que Tê anunciam por toda a parte, espalharás para um lado e para o outro os caudais da tua doutrina?*

*O abismo fez ouvir a sua voz*²⁵,
não quererá dizer: *a profundidade do coração humano exprimiu o que lhe parecia?*

*A profundidade da sua fantasia*²⁶,
é como que a explicação do verso precedente, pois a profundidade é um abismo. Mas onde se diz:

*Da sua fantasia*²⁷,
deve subentender-se: *fez ouvir a voz (vocem dedit)*, isto é, como acima dissemos, *exprimiu o que lhe parecia*, porque a imaginação é a visão que ele não reteve, que ele não escondeu, mas exprimiu na sua confissão.

*O sol levantou-se e a Lua manteve-se na sua rota*²⁸,
isto é: *Cristo subiu ao Céu e a Igreja ficou constituída sob o seu rei.*

*As tuas flechas partirão para a luz*²⁹,
isto é: *as tuas palavras não serão lançadas às trevas, mas à luz.*

*Ao esplendor do brilho das tuas armas*³⁰,
subentende-se: *as tuas flechas partirão (jacula tua ibunt)*, pois
Ele disse aos seus:

*O que vos digo nas trevas, dizei vós em plena luz*³¹.
*Com as tuas ameaças encolherás a Terra*³²,

²⁵ *Dedit abyssus vocem suam.*

Id. Ib.

²⁶ *Altitudo phantasiae suae.*

Id. Ib.

²⁷ *Phantasiae suae.*

Id. Ib.

²⁸ *Elevatus est sol, et luna stetit in ordine suo,*

Id. Ib.

²⁹ *In lucem jacula tua ibunt,*

Id., III, 11.

³⁰ *In splendorem coruscationis armorum tuorum.*

Id. Ib.

³¹ *Quae dico vobis in tenebris, dicite in lumine.*

Mateus, X, 27.

³² *In comminatione minorabis terram,*

Habacuc, III, 12.

isto é: *ameaçando os homens, tu os humilharás.*

*Na tua fúria abaterás os povos*³³,

porque, com tua vingança, quebrarás os que se exaltam.

*Saíste para a salvação do teu povo, para salvares os teus unguídos (Christus), atiraste a morte à cabeça dos iníquos*³⁴.

Nada disto precisa de ser explicado.

*Carregaste-os de cadeias até ao pescoço*³⁵,

aqui podem-se entender as óptimas cadeias da sabedoria que prendem os pés nos seus grilhões e o pescoço na sua coleira.

*Quebraste-as, com espanto do espírito*³⁶,

subentendemos *cadeias (vincula)*, pois pô-las aos bons e quebrou-as aos maus, àqueles de quem se disse:

*Quebraste as minhas cadeias*³⁷,

e isto:

*Com espanto do espírito*³⁸,

isto é, duma forma maravilhosa.

*As cabeças dos poderosos baloiçarão nela*³⁹,

quer dizer: nessa admiração.

*Abrirão as suas bocas como o pobre que se esconde para comer*⁴⁰.

³³ *Et in furore deicies gentes,*
Id. Ib.

³⁴ *Existi in salutem populi tui, ut salvos facias christos tuos; misisti in capita iniquorum mortem,*

Id. Ib.

³⁵ *Excitasti vincula usque ad collum,*
Id. Ib.

³⁶ *Praecidisti in stupore mentis,*
Id., III, 14.

³⁷ *Disrupisti vincula mea.*
Salmo CXV (CXVI), 16.

³⁸ *in stupore mentis,*
V. supra nota 36.

³⁹ *Capita potentium movebuntur in ea.*
Habacuc III, 14.

⁴⁰ *Adaperient morsus suos, sicut edens pauper absconse.*
Id. Ib.

Alguns poderosos dos judeus vinham, de facto, até junto do Senhor, admirando os seus actos e as suas palavras e, esfaimados do pão da doutrina, comiam-no às escondidas, com medo dos judeus, como no-los mostra o Evangelho.

*Lançaste os teus cavalos ao mar, a turbarem as águas muitas*⁴¹,

que mais não são que numerosos povos, pois nem uns se converteriam com medo, nem outros perseguiriam com furor se não estivessem todos perturbados.

*Reparei, e o meu ventre estremeceu ao som da oração dos meus lábios; o tremor penetrou nos meus ossos e debaixo de mim todo o meu interior se perturbou*⁴²:

pára no que estava a dizer e ficou aterrado com a sua própria oração, que emitia profeticamente, vendo nela o que havia de acontecer: nos numerosos povos perturbados viu ele as iminentes tribulações da Igreja; reconhecendo-se imediatamente como um dos seus membros, diz:

*No dia da tribulação descansarei*⁴³,

contando-se entre aqueles que se mantêm contentes na esperança e pacientes nas tribulações.

Diz ele:

*Para subir até ao povo da minha peregrinação*⁴⁴,

afastando-se do povo mau, sua parentela carnal, que não viaja como estrangeiro nesta terra e não busca a pátria celeste. E acrescenta:

Porque a figueira não dará fruto e nas vinhas não haverá mais rebentos; o trabalho do olival será enganoso e os

⁴¹ *Et inmisisti in mare equos tuos turbantes aquas multas.*

Id., III, 15.

⁴² *Observavi, et expavit venter meus a voce orationis labiorum meorum; et introiit tremor in ossa mea, et subtus me turbata est habitudo mea.*

Id., III, 16.

⁴³ *Requiescam in die tribulationis.*

Id. Ib.

⁴⁴ *Ut ascendam in populum peregrinationis meae.*

Id. Ib.

*campos não darão alimentos. As ovelhas abandonaram a pastagem e já não restam bois no estábulo*⁴⁵.

Ele viu que este povo, que havia de entregar Cristo à morte, iria perder a abundância das suas riquezas espirituais, que ele profeticamente simbolizou na fecundidade terrena.

E, como aquele povo teve que suportar tal cólera de Deus, porque, ignorando a justiça de Deus, quis estabelecer a sua, diz (o profeta) logo a seguir:

*Mas eu exultarei no Senhor, regozijar-me-ei em Deus, minha salvação. O Senhor Deus é a minha força, tornará firmes até ao fim os meus pés; colocar-me-á nas alturas para que eu vença ao som do seu cântico*⁴⁶,

isto é, no cântico de que um salmo fala em termos semelhantes:

*Firmou os meus pés sobre a pedra e dirigiu os meus passos e pôs na minha boca um cântico novo, um hino ao nosso Deus*⁴⁷.

Ele próprio, portanto, triunfa no Cântico do Senhor, que se compraz no louvor d'Ele e não no seu, de modo que

*quem se gloria, que se glorie no Senhor*⁴⁸.

Mas parece-me melhor o que contêm alguns códices:

⁴⁵ *Quoniam ficus non adferet fructus, et non erunt natiuitates in vineis; mentietur opus oliuae, et campi non facient escam. Defecerunt ab esca oves, et non supersunt in praesepibus boves.*

Id., III, 17.

⁴⁶ *Ego autem in Domino exultabo, gaudebo in Deo salutari meo. Dominus Deus meus virtus mea, statuet pedes meos in consummationem; super excelsa inponet me, ut vincam in cantico ejus.*

Id., III, 18-19.

⁴⁷ *Statuit super petram pedes meos et direxit gressus meos, et inmisit in os meum canticum novum, hymnum Deo nostro.*

Salmo XXXIX (XL), 3-4.

⁴⁸ *qui gloriatur, in Domino gloriatur.*

I Cor., I, 31.

*Regozijar-me-ei em Deus, meu Jesus*⁴⁹

do que o que vem noutros que não contêm este nome, — para nós o mais amável e o mais doce de pronunciar, — ao traduzirem isto para latim.

⁴⁹ *Gaudebo in Deo Jesu meo.*

CAPÍTULO XXXIII

Cristo e a vocação dos gentios, anunciados com espírito profético por Jeremias e Sofonias.

Jeremias é, como Isaías, um dos Profetas Maiores e não dos Menores, de cujos escritos citei algumas passagens. Profetizou quando Josias reinava em Jerusalém e Anco Márcio entre os romanos, quando já se aproximava o cativo dos judeus. A sua vida profética estende-se até ao quinto mês desse cativo, como verificamos nos seus escritos. Juntam-lhe Sofonias, um dos Menores, que ele próprio diz ter profetizado desde os dias de Josias, embora não diga até quando. Jeremias profetizou, portanto, não só no tempo de Anco Márcio, mas também no de Tarquínio Prisco, quinto rei dos romanos, pois tinha este começado a reinar quando já se tinha iniciado o dito cativo.

Profetizando acerca de Cristo, diz Jeremias:

*Espírito da nossa boca. Cristo Senhor foi apanhado nos nossos pecados*¹,

mostrando assim, em breves palavras, que Cristo é nosso Senhor e que sofreu por nós. Da mesma forma diz, noutra passagem:

Este é o meu Deus e, frente a ele, nenhum se lhe comparará; encontrou todo o caminho da prudência e deu-a

¹ *Spiritus oris nostri Christus Dominus captus est in peccatis nostris, Jerem., Trensos, IV, 20.*

ao seu servo Jacob, ao seu predilecto Israel; foi visto depois disto na Terra e conversou com os homens².

Alguns atribuem este testemunho, não a Jeremias mas a um seu secretário chamado Baruch, embora mais correntemente seja tido como de Jeremias. Este profeta diz ainda acerca do mesmo (Cristo):

Eis que chegam os dias, diz o Senhor, e Eu darei a David um descendente justo. Ele, que é rei, reinará, e será prudente e fará julgamentos na Terra com justiça. Nesses dias, Judá se salvará e Israel habitará confiadamente. E este é o nome com que o invocarão: o Justo Nosso Senhor³.

Também falou assim acerca da vocação dos gentios, que era então futura e que nós vemos já cumprida:

Senhor, Deus meu e meu refúgio nos dias da desgraça, os povos virão a Ti desde os confins da Terra e dirão: Na verdade, os nossos pais adoraram ídolos mentirosos e que para nada serviam⁴.

Mas que os judeus não O viriam a reconhecer e que era preciso que por eles fosse morto — exprime-o este profeta desta maneira:

O coração está de todo sobrecarregado e Ele é homem e quem O reconhece?⁵

² *Hic Deus meus et non aestimabitur alter ad eum; qui invenit omnem viam prudentiae et dedi: eam Jacob puero suo et Israel dilecto suo; post haec in terra visus est et cum hominibus conversatus est.*

Baruch, III, 36-38.

³ *Ecce dies veniunt, ait Dominus, et suscitabo David germen justum, et regnabit rex et sapiens erit et faciet judicium et justitiam in terra. In diebus illis salvabitur Judas, et Israel habitabit confidenter; et hoc est nomen quod vocabunt eum: Dominus justus noster.*

Jerem., XXIII, 5-6.

⁴ *Domine Deus meus et refugium meum in die malorum, ad te gentes venient ab extremo terrae et dicent: Vere mendacia coluerunt patres nostri simulacra, et non est in illis utilitas.*

Jerem., XVI, 19.

⁵ *Grave cor per omnia, et homo est, et quis agnoscit eum?*

Jerem., XVII, 9.

Deste é também o que no livro décimo sétimo expus acerca da Nova Aliança, de que Cristo é o Mediador. É o próprio Jeremias que diz:

*Eis que chegaram os dias, diz o Senhor, e Eu concluirei uma nova aliança com a casa de Jacob*⁶,

e o mais que aí se lê.

Mas do profeta Sofonias, que profetizou com Jeremias, para já citarei esta profecia acerca de Cristo:

*Espera-me, diz o Senhor, no dia da minha ressurreição, para o futuro: porque a minha decisão é a de juntar os povos e reunir os reinos*⁷.

E diz ainda:

*O Senhor será terrível contra eles e exterminará todos os deuses da Terra, e o homem adorá-lo-á do lugar onde estiver — todas as ilhas das nações*⁸.

E um pouco depois acrescenta:

*Então transformarei a língua dos povos e das raças, para que todos invoquem o nome do Senhor e O sirvam sob um único jugo; dos confins dos rios da Etiópia eles Me trarão presentes. Nesse dia, não te envergonharás das invenções ímpias que contra Mim urdiste, porque não afastarei de ti a malícia da tua ofensa; e já não te empertigas para te envaideceres sobre a minha montanha santa. Eu deixarei em ti um povo manso e humilde e venerarão o nome do Senhor os que forem os restos de Israel*⁹.

⁶ *Ecce dies veniunt, dicit Dominus et consummabo super domum Jacob testamentum novum,*

Jerem., XXXI, 31.

⁷ *Expecta me, dicit Dominus, in die resurrectionis meae in futurum; quia judicium meum, ut congregem gentes et colligam regna.*

Sofon., III, 8:

⁸ *Horribilis Dominus super eos, et exterminabit omnes deos Terrae, et adorabit eum vir de loco suo, omnes insulae gentium.*

Sofon., II, 11.

⁹ *Tunc transvertam in populos linguam et progenies ejus, ut invocent omnes nomen Domini et serviant ei sub jugo uno; a finibus fluminum Aethiopiae adferent hostias mihi. In illo die non confunderis ex omnibus adin-*

São estes os restos, de que noutra parte se profetiza, que também o Apóstolo recorda:

*Mesmo que o número dos filhos de Israel seja como a areia do mar, só os restos se salvarão*¹⁰.

Na verdade, esses restos daquele povo acreditaram em Cristo.

ventionibus tuis, quas impie egisti in me; quia tunc auferam abs te pravitates injuriae tuae; et jam non adicies, ut magnificeris super montem sanctum meum, et sobrelinquam in te populum mansuetum et humilem; et verebuntur a nomine Domini, qui reliqui fuerint Israel.

Sofon., III, 9-13.

¹⁰ *Si fuerit numerus filiorum Israel sicut harena maris, reliquiae salvae fient.*

Rom., IX, 27.

CAPÍTULO XXXIV

Profecia de Daniel e de Ezequiel que se realiza em Cristo e na Igreja.

Foi durante o próprio cativeiro da Babilónia que Daniel e Ezequiel, outros dois dos Profetas Maiores, começaram a profetizar. Daniel precisou mesmo em número de anos a época em que Cristo havia de vir e padecer — o que seria longo mostrar pelo cálculo e isso já foi por outros muitas vezes feito antes de nós.

Acerca do seu poder e da Igreja, falou assim:

Eu via, durante a visão da noite, e eis que, sobre as nuvens do Céu vinha um filho de homem e se chegou até junto do Antigo-dos-dias, e se pôs na sua presença. A Ele é que foi dado o principado e a honra e o reino — e todos os povos, tribos e línguas O servirão. O seu poder é um poder perpétuo que não passará, e o seu reino não será destruído¹.

Também Ezequiel, designando Cristo de maneira profética, pelo nome de David, porque Ele tomou a carne da estirpe de David (por causa dessa forma de escravo em que se fez homem, o Filho de Deus chama-se também servo do Deus) — assim o anuncia, falando em nome de Deus Pai:

Elevarei sobre o meu rebanho, como um só pastor que o apascentará, o meu servo David. Este é que o apascentará,

¹ *Videbam in visu noctis, et ecce cum nubibus caeli ut filius hominis veniens erat, et usque ad vetustum dierum pervenit, et in conspectu ejus praelatus est; et ipsi datus est principatus et honor et regnum, et omnes populi, tribus, linguae ipsi servient. Potestas ejus potestas perpetua, quae non transibit, et regnum ejus non corrumpetur.*

Dan., VI, 13-14.

este é que será o seu pastor. Mas Eu, o Senhor, serei o seu Deus, e o meu servo David será, no meio dele, o chefe. Quem falou fui eu, o Senhor².

E noutra passagem diz:

Haverá um só rei, mandando sobre todos. Não voltará a haver dois povos, nem mais se dividirão em dois reinos. Não voltarão a contaminar-se com os seus ídolos, com as suas abominações, com todas as suas iniquidades. Libertá-los-ei de todos os lugares em que pecaram, purificá-los-ei — e serão para Mim o meu povo e Eu serei para eles o seu Deus, e acima deles será rei o meu servo David e será apenas um o pastor de todos eles³.

² *Et suscitabo, super pecora mea pastorem unum qui pascat ea, servum meum David; et ipse pascet ea et ipse erit his in pastorem. Ego autem Dominus ero eis in Deum, et servus meus David princeps in medio eorum; ego Dominus locutus sum.*

Ezequiel, XXXIV, 23-24.

³ *Et rex unus erit omnibus imperans; et non erunt ultra duae gentes, nec dividuntur amplius in duo regna; neque polluentur ultra in idolis suis et abominationibus et in cunctis iniquitatibus suis. Et salvos eos faciam de universis sedibus suis, in quibus peccaverunt, et mundabo eos; et erunt mihi populus, et ego ero eis Deus; et servus meus David rex super eos, et pastor unus erit omnium eorum.*

Ezequiel, XXXVII, 22-24.

CAPÍTULO XXXV

Vaticínios dos três profetas: Ageu, Zacarias e Malaquias.

Restam Ageu, Zacarias e Malaquias, os três profetas menores que profetizaram no fim do cativeiro.

Um deles, Ageu, fez acerca de Cristo e da Igreja esta breve mas clara profecia:

Isto diz o Senhor dos exércitos: daqui a pouco, Eu abalarei o Céu e a Terra, o mar e o continente, e moverei todos os povos e virá o Desejado de todos os povos¹.

Esta profecia vemo-la já em parte cumprida; esperamos que em parte há-de ser cumprida no fim. Efectivamente, Cristo abalou o Céu pelo testemunho das estrelas e dos Anjos quando encarnou; abalou a Terra com o grande milagre do seu próprio nascimento de uma virgem; abalou o mar e o continente, pois Cristo foi anunciado nas ilhas e em todo o universo; e assim vemos que todos os povos se movem para a fê. Mas o que se segue:

E virá o Desejado de todos os povos²,
espera-se o seu cumprimento com a sua última vinda. É que, para ser o desejado dos que O esperam, Ele tem que ser primeiro o amado dos que n'Ele crêem.

¹ *Haec dicit Dominus exercituum: Adhuc unum modicum est, et ego commovebo caelum et terram et mare et aridam, et movebo omnes gentes, et veniet desideratus cunctis gentibus*

Ageu, II, 7-8.

² *Et veniet desideratus cunctis gentibus,*
Id. Ib.

Acerca de Cristo e da Igreja, diz Zacarias:

*Pula de alegria, filha de Sião, rejubila, filha de Jerusalém; eis que até ti vem o teu rei, justo e salvador; Ele, como um pobre, montando um asno e a cria de uma jumenta; Ele, cujo poder vai do mar até ao mar e desde os rios até aos confins da Terra*³.

Quando é que aconteceu isto de Cristo Senhor se ter servido na sua caminhada de uma montada deste género, lê-se no Evangelho onde esta profecia é evocada na parte que parecia necessária naquele contexto. Noutra passagem, Zacarias dirige-se em espírito de profecia ao próprio Cristo, e diz, falando da remissão dos pecados por seu sangue:

*Tu também fizeste sair os teus cativos do lago sem água, pelo sangue da tua aliança*⁴.

Pode-se explicar de diversas maneiras, todas conformes com a verdadeira fê, o que é que ele pretendeu dizer com este «lago». Mas a mim parece-me que a melhor é a profundidade da miséria humana, de certo modo seca e estéril, donde não correm as águas da justiça mas a lama da iniquidade. É bem disto que se diz também num salmo:

*Tirou-me do lago da miséria e da lama do charco*⁵.

Profetizando acerca da Igreja, que vemos propagada por Cristo, diz Malaquias com toda a clareza, aos judeus, em nome de Deus:

O meu afecto já não vai para vós. Já não aceitarei ofertas das vossas mãos. É que, do nascer do sol ao seu ocaso, é grande o meu nome entre os povos e em toda a parte

³ *Exulta valde, filia Sion, jubila, filia Hierusalem; ecce rex tuus venit tibi justus et Salvator; ipse pauper et ascendens super asinum e super pullum filium asinae; et potestas ejus a mari usque ad mare et a fluminibus usque ad fines terrae.*

Zacarias, IX, 9-10.

⁴ *Tu quoque in sanguine testamenti tui emisisti vinctos tuos de lacu, in quo non est aqua.*

Zacarias, IX, 11.

⁵ *Et eduxit me de lacu miseriae et luto limi.*

Salmo XXXIX (XL), 3.

*sacrificam e oferecem ao meu nome uma oblação pura: porque é grande o meu nome entre os povos, diz o Senhor*⁶.

Vemos como em toda a parte, desde o Nascente ao Poente, se oferece já a Deus este sacrificio por intermédio do sacerdotio de Cristo segundo a ordem de Melquisedec — e, portanto, não podem negar que cessou o sacrificio dos judeus, a quem foi dito:

*O meu affecto já não vai para vós. Já não aceitarei ofertas das vossas mãos*⁷.

Então, porque esperam eles ainda um outro Cristo, quando o que lêem e foi profetizado e vêem que foi cumprido, só pelo mesmo poderá ser cumprido?

Um pouco depois diz o Profeta, em nome de Deus, acerca do mesmo (Cristo):

*A minha aliança com ele era de vida e de paz, e concedi-lhe que me temesse profundamente e em frente do meu nome mostrasse respeito. Na sua boca estava a lei da Verdade; dirigindo-se para a paz, caminhou comigo e afastou muitos da iniquidade; porque os lábios do sacerdote guardarão a ciência e da sua boca irão colher a lei: porque ele é o Anjo do Senhor Omnipotente*⁸.

Não deve causar admiração que Cristo Jesus seja chamado o «Anjo do Senhor Omnipotente». Assim como se Lhe chamou *servo* por causa da forma de escravo com que veio até junto dos homens, assim também se Lhe chama *anjo* por

⁶ *Non est mihi voluntas in vobis et munus non suscipiam de manu vestra. Ab ortu enim solis usque ad occasum magnum nomen meum in gentibus, et in omni loco sacrificabitur et offeretur nomini meo oblatio munda; quia magnum nomen meum in gentibus, dicit Dominus.*

Malaquias, I, 10.

⁷ *Non est mihi voluntas in vobis, nec accipiam munus de manibus vestris.*
V. supra nota 6.

⁸ *Testamentum meum erat cum eo vitae et pacis, et dedi ei, ut timore timeret me, et a facie nominis mei revereretur. Lex veritatis erat in ore ipsius, in pace dirigens ambulavit mecum et multos convertit ab iniquitate; quoniam labia sacerdotis custodient scientiam et legem inquirent ex ore ejus; quoniam angelus Domini omnipotentis est.*

Malaquias, II, 5-7.

causa do Evangelho que anunciou aos homens. Na verdade, se traduzirmos estas palavras gregas — evangelho significa *boa nova* e anjo, *mensageiro*. Continua a dizer acerca do mesmo:

*Eis que eu envio o meu Anjo. Ele verá o caminho a frente da minha cara. E de repente virá ao seu templo o Senhor que procurais e o Anjo da Aliança que desejais. Ei-lo que chega — diz o Senhor Omnipotente. Quem aguentará o dia da sua vinda? Ou quem resistirá na sua presença?*⁹

Nesta passagem anunciou a primeira e a segunda vinda de Cristo; a primeira, ao dizer:

*E de repente virá ao seu templo*¹⁰,

isto é, à sua carne acerca da qual disse no Evangelho:

*Destruí este templo e eu o reedificarei em três dias*¹¹;

e a segunda, ao dizer:

Ei-lo que chega — diz o Senhor Omnipotente.

*Quem aguentará o dia da sua vinda? Ou quem resistirá na sua presença?*¹²

Mas as palavras:

*O Senhor que procurais e o Anjo da Aliança que desejais*¹³,

não há dúvida de que significam que os judeus, segundo as Escrituras que eles lêem, também procuram e desejam Cristo. Mas muitos deles, cegos nos seus corações, devido aos seus anteriores pecados, não reconheceram que já tinha

⁹ *Ecce mittam angelum meum, et prospiciet viam ante faciem meam; et subito veniet in templum suum Dominus, quem vos quaeritis, et angelus testamenti, quem vos vultis. Ecce venit, dicit Dominus omnipotens; et quis sustinebit diem introitus ejus? aut quis resistet in aspectu ejus?*

Malaquias, III, 1-2.

¹⁰ *Et subito veniet in templum suum,*

V. supra nota 9.

¹¹ *Solvite templum hoc, et in triduo resuscitabo illud;*

João, II, 19.

¹² *Ecce venit, dicit Dominus omnipotens, et quis sustinebit diem introitus ejus? aut quis resistet in aspectu ejus?*

V. supra nota 9.

¹³ *Dominus, quem vos quaeritis, et angelus testamenti, quem vos vultis.*

V. supra nota 9.

chegado aquele que eles procuravam e desejavam. A aliança de que fala aqui, quer a acima referida quando diz:

*Minha aliança com ele*¹⁴,

quer a aqui referida, quando diz:

*O Anjo da Aliança*¹⁵,

temos que entender que é a Nova Aliança, cujas promessas são eternas, e não a Antiga, cujas promessas são temporais. Tendo em demasiada conta estas últimas, muitos, débeis de espírito, servem o verdadeiro Deus na mira de tais recompensas e sentem-se perturbados por verem que os ímpios nelas abundam. Por isso é que o mesmo profeta, para distinguir a eterna beatitude da Nova Aliança, que só aos bons é concedida, da felicidade terrena da Antiga Aliança, que é muitas vezes concedida mesmo aos maus, diz:

Vós tornastes pesadas contra Mim as vossas palavras, diz o Senhor, e dissestes:

«Em que é que dissemos mal de ti?»

E vós respondestes:

«Inútil é todo aquele que serve a Deus. Que mais nos adianta que guardemos os seus preceitos e que caminhemos, a suplicar, diante da face do Senhor Omnipotente? Os que agora proclamamos bem-aventurados são os estrangeiros e prosperam todos esses que praticam a iniquidade; afastaram-se de Deus e salvaram-se.»

Isto disseram, cada um ao seu próximo, os que temiam o Senhor.

*E o Senhor esteve atento e ouviu; e escreveu um livro de recordações na sua presença, para aqueles que temem o Senhor e reverenciam o seu nome*¹⁶.

¹⁴ *Testamentum meum erat cum eo,*
V. supra nota 8.

¹⁵ *angelum testamenti,*
V. supra nota 9.

¹⁶ *Ingravastis super me verba vestra, dicit Dominus, et dixistis: In quo detraximus de te? Dixistis: Vanus est omnis, qui servit Deo, et quid plus, quia custodivimus observationes eius, et quia ambulavimus supplicantes ante faciem Domini omnipotentis? Et nunc nos beatificamus alienos, et reaedificantur omnes,*

Por este livro, quis-se significar a Nova Aliança.

Ouçamos, por fim, o que se segue:

*Eles serão para mim, diz o Senhor Omnipotente, uma aquisição no dia que Eu preparo; e Eu os escolherei como um homem escolhe o filho seu que o há-de servir. Converter-vos-eis e distinguireis entre o justo e o injusto, e entre o que serve a Deus e o que O não serve. Porque, eis que chega o dia, ardente como uma fornalha, e queimá-los-á. Todos os que são estrangeiros e todos os que cometem iniquidades serão palha e o dia que vai chegar queimá-los-á, diz o Senhor Omnipotente — e deles não restará nem raiz nem sarmento. Mas para vós, que temeis o meu nome, levantar-se-á o sol da justiça e a salvação estará nos seus raios; e saireis e pulareis como vitelos soltos das cordas. Espezinhareis os iníquos, e eles serão cinza debaixo dos vossos pés no dia em que Eu agir, diz o Senhor Omnipotente.*¹⁷

Este é o que se chama dia do juízo. Dele falaremos mais desenvolvidamente, se Deus quiser, no seu lugar próprio.

qui faciunt iniqua; et adversati sunt Deo, et salvi facti sunt. Haec oblocuti sunt, qui timebant Dominum, unusquisque ad proximum suum; et animadvertit Dominus et audivit; et scripsit librum memoriae in conspectu suo eis, qui timent Dominum et reverentur nomen eius.

Malaquias, III, 13-17.

¹⁷ *Et erunt mihi, dicit Dominus omnipotens, in diem quam ego facio in acquisitionem, et eligam eos sicut eligit homo filium suum servientem sibi; et convertimini, et videbitis inter justum et injustum et inter servientem Deo et non servientem. Quoniam ecce dies venit ardens sicut clibanus et concremabit eos, et erunt omnes alienigenae et omnes facientes iniquitatem stipula, et incendet illos dies qui adveniet, dicit Dominus omnipotens; et non derelinquetur eorum radix neque sarmentum. Et orietur vobis timentibus nomen meum Sol justitiae, et sanitas in pinnis ejus; et exiibitis et exultabitis sicut vituli ex vinculis resoluti; et conculcabit iniquos, et erunt cinis sub pedibus vestris in die, in quo ego facio, dicit Dominus Omnipotens.*

Malaquias, III, 17-18; IV, 1-3.

CAPÍTULO XXXVI

Esdras e os livros dos Macabeus.

Depois destes três profetas, Ageu, Zacarias e Malaquias, durante a mesma época da libertação do povo da servidão de Babilónia, escreveu também Esdras, que é tido mais por um escritor de grandes gestas do que por um profeta (tal como é também o livro chamado *Ester*, cujos feitos em louvor de Deus não estão longe desses tempos) — a não ser, talvez, que se deva ver, em Esdras, uma profecia acerca de Cristo naquela passagem em que três jovens discutiam acerca do que mais valia na vida: um dizia que eram os reis; outro que era o vinho; e outro que eram as mulheres, que muitas vezes mandam sobre os reis; mas este terceiro demonstrou que a Verdade estava acima de todos como vencedora. Ora, se consultarmos o Evangelho, ficamos a saber que a Verdade é Cristo¹.

Desde essa época da restauração do Templo até Aristóbulo, nunca mais houve reis, mas príncipes entre os judeus. O cálculo do tempo deles não se encontra nas Sagradas Escrituras chamadas canónicas, mas em outros escritos, entre os quais estão os livros dos Macabeus. Os judeus não os têm por canónicos, mas tem-nos por tal a Igreja, devido aos cruéis e admiráveis sofrimentos de alguns mártires que, antes da vinda de Cristo na carne, combateram até à morte pela lei de Deus e sofreram os mais graves e horríveis males.

¹ Esta pequena história não figura nos livros canónicos (I e II) de Esdras. Todavia, Santo Agostinho, que considera canónicos todos os livros de Esdras (portanto, também o III) parece considerar esta anedota como canónica.

CAPÍTULO XXXVII

A autoridade dos Profetas é mais antiga do que a primeira filosofia dos gentios.

Na época dos nossos profetas, cujos escritos já tinham chegado ao conhecimento de quase todos os povos, e muito depois deles, apareceram os filósofos gentios, assim chamados desde Pitágoras de Samos, que foi o primeiro a usar de tal nome. Este começou a evidenciar-se e a ser conhecido na época em que acabou o cativo dos judeus. Por maioria de razão se conclui que os demais filósofos existiram depois dos Profetas. De facto, o próprio ateniense Sócrates, mestre de todos os que então mais brilharam e que tinha a primazia nessa parte que se chama moral ou prática, encontra-se nas *Crônicas*¹ depois de Esdras. Também não muito depois nasceu Platão, que de longe havia de ultrapassar os demais discípulos de Sócrates. Mesmo que a estes juntemos os mais antigos, que ainda se não chamavam filósofos, ou sejam os sete sábios e depois os físicos, que sucederam a Tales na investigação da natureza das coisas, Anaximandro, Anaxímenes, Anaxágoras e alguns outros anteriores a Pitágoras (o primeiro que fez profissão de filósofo) — nem eles precederam em antiguidade todos os nossos profetas. O próprio Tales, a quem os demais sucederam, diz-se que se distinguiu durante o reinado de Rómulo, quando das fontes de Israel jorrou a torrente de profecia naqueles livros que se espalharam por todo o mundo. Portanto, só os chamados poetas teólogos, Orfeu, Lino,

¹ Isto é, nas *Crônicas* de Eusébio.

Museu e algum outro que existira entre os gregos, se anteciparam no tempo aos profetas hebreus cujos escritos temos na conta de grande autoridade. Mas nem mesmo esses precedem no tempo o nosso verdadeiro teólogo Moisés, o verdadeiro pregador do único Deus verdadeiro, cujos escritos são agora os primeiros do Cânon da autoridade; por isso, no que se refere aos gregos, em cuja língua floresceu o melhor da literatura deste mundo, não têm qualquer motivo para se gabarem da sua sabedoria como se ela parecesse, se não superior, pelo menos mais antiga que a nossa religião onde está a verdadeira sabedoria.

Mas, há que confessá-lo, houve mesmo antes de Moisés, não entre os gregos mas entre os bárbaros, como no Egipto, doutrina que se pode classificar de sabedoria sua. Se assim não fosse, não estaria escrito nos livros santos que Moisés foi instruído em toda a sabedoria dos Egípcios quando ali nasceu e foi adoptado e criado pela filha do Faraó e recebeu mesmo uma educação liberal. Mas nem esta sabedoria dos Egípcios pôde anteceder a sabedoria dos nossos profetas, pois o próprio Abraão foi profeta.

Mas, antes de Ísis (a quem acharam por bem honrar, depois da sua morte, como uma grande deusa), lhes ensinar as letras, que sabedoria poderia existir no Egipto? É que se conta que Ísis era filha de Ínaco, que foi o primeiro rei dos argivos quando se verifica terem já nascido netos a Abraão.

CAPÍTULO XXXVIII

Alguns escritos de santos não foram, por causa da sua excessiva antiguidade, recebidos no cânon da Igreja, para que não dessem ocasião a se misturarem os falsos com os verdadeiros.

Se agora eu remontar a tempos muito mais recuados, mesmo antes do grande Dilúvio, existia o nosso patriarca Noé, a quem justificadamente também chamarei profeta — pois a própria arca que ele construiu, na qual se salvou com os seus, foi uma profecia do nosso tempo. E quanto a Enoc, sétimo descendente de Adão — não é ele citado na epístola canónica do apóstolo Judas como tendo profetizado?¹ Se os seus escritos nem entre os judeus nem entre nós gozam de autoridade, isso deve-se à sua excessiva antiguidade, que poderia torná-los suspeitos de se darem como verdadeiras coisas falsas. De facto, foram publicadas algumas coisas que se dizem deles, por quem, segundo o seu próprio juízo, crê indistintamente no que lhe apetece. Mas a pureza do cânon não as recebe — não porque seja rejeitada a autoridade desses homens, que foram agradáveis a Deus, mas porque se crê que não sejam obra sua esses escritos. Nem deve parecer surpreendente que se tenham como suspeitas coisas que se publicam em nome de uma tão grande antiguidade; na própria história dos reis de Judá e de Israel, que conta factos a que prestamos crédito em virtude da autoridade canónica, mencionam-se muitos outros que aí não são relatados, e se diz que se encontram noutros livros escritos por profetas dos quais,

¹ O Livro de Enoc é um apócrifo escrito no século II antes de Cristo. Todavia, a Igreja Etíope considera-o canónico.

por vezes, só se refere mesmo o nome; todavia, não se encontram no cânon recebido pelo povo de Deus. Confesso que me escapa a razão deste facto, mas penso que mesmo aqueles a quem o Espírito Santo certamente revelava o que devia figurar como autoridade em religião, puderam muito bem escrever umas coisas como homens, com cuidado histórico, e outras como profetas, por inspiração divina; e que estas coisas foram tão distintas, que aquelas se lhes atribuíram a eles mesmos, e as outras, como inspirados, se atribuíram ao próprio Deus como se fosse ele mesmo quem falava por seu intermédio — e assim, aquelas pertenciam à riqueza de conhecimentos e estas à autoridade da religião, em cuja autoridade se conserva o cânon, fora do qual até os escritos que se apresentam sob o nome dos antigos profetas não podem ter valor nem mesmo para o tesouro da ciência, pois é incerto que sejam de quem se diz que são. E por esta razão não se lhes dá crédito, principalmente àqueles em que se lêem afirmações opostas à fé dos livros canónicos — prova evidente de que de forma nenhuma provêm desses (profetas)².

² Neste final de capítulo, Santo Agostinho alude com certeza a alguns livros citados na Bíblia mas que se perderam, tais como:

— *Livro das Guerras de Iahvé* (Números XXI, 14);

— *Livro do Justo* (Josué, X, 13);

— *Livro dos Feitos de Salomão* (III Reis, XI, 41);

— *Anais dos Reis de Judá* (III Reis, XIV, 29); I Reis, VII, 23; XII, 20; XV, 6; XV, 36; XVI, 19; XX, 20; XXI, 17; XXI, 25; XXIII, 28; XXIV, 5);

— *Livro dos Anais dos Reis de Israel* (III Reis, XV, 31; XVI, 5; XVI, 14-16-20; XVI, 27; IV Reis, I, 17; X, 34; XIII, 8; XIII, 12; XIV, 15; XIV, 28; XV, 12; XV, 21; XV, 31);

— *Actas de Samuel, o Vidente* (Paralipómenos, XXIX, 29);

— *A Profecia de Ahias de Silo*;

— *As Visões do Vidente Addo acerca de Jeroboão, filho de Nabat* (II Paralipómenos, IX, 29);

— *Actas de Simeias, o Profeta* (II Paralipómenos, XII, 15);

— *Obra de Jasão de Cirene*, história em cinco livros, de Judas Macabeu e seus irmãos (II Macabeus, II, 19-32).

Sobre este assunto, v. A. Lods — *Histoire de la littérature hébraïque et juive*, Pa. 1950.

CAPÍTULO XXXIX

Livros hebraicos que nunca deixaram de existir na sua língua original.

Não se deve crer, portanto, como julgam alguns, que a língua hebraica só se conserva através de Héber (donde vem o nome dos hebreus), que depois chegou até Abraão, e que as letras hebraicas começaram com a lei que foi dada por intermédio de Moisés, — mas deve-se antes crer que essa famosa língua foi conservada com as suas letras pela mencionada sucessão dos Patriarcas. Por fim, Moisés estabeleceu entre o povo mestres para presidirem ao ensino das Letras muito antes de saberem as primeiras letras da lei divina. A Escritura chama-lhes γραμματοεισαγωγοί¹ — que em latim se podem chamar *litterarum inductores vel introductores* (*guias ou introdutores das letras*), porque, de certa maneira, as conduzem ou introduzem no coração dos que aprendem, ou melhor, introduzem nelas as que eles ensinam. Que nenhum povo, pois, se pavoneie de vaidade por causa da sua sabedoria como mais antiga do que a dos nossos patriarcas e profetas, em quem residia a divina sabedoria quando nem o Egipto, que falsamente e sem razão costuma gabar-se da antiguidade das suas doutrinas, se antecipou, no tempo, em qualquer tipo de sabedoria, à sabedoria dos nossos patriarcas. De facto, ninguém se atreverá a dizer que foram exímios conhecedores de admiráveis doutrinas antes de conhe-

¹ Em vez do nominativo-plural γραμματοεισαγωγοί da tradução, vem, no texto latino que utilizo, o acusativo-plural γραμματοεισαγωγούς, devido, evidentemente, à função, que lá exerce, de complemento directo.

cerem as Letras, isto é, antes de Ísis ter vindo ensiná-los. A própria notável doutrina que se chamou sabedoria, principalmente a astronomia ou qualquer outra disciplina análoga, servia mais para aguçar o engenho do que para iluminar os espíritos com a verdadeira sabedoria. No que se refere à filosofia, que faz profissão de ensinar aos homens o meio de se tornarem felizes, foi pela época de Mercúrio, a quem se chamou Trismegisto, que estes estudos floresceram naquelas terras, é certo que muito tempo antes dos sábios e dos filósofos da Grécia, todavia, depois de Abraão, Isaac e José, pois foi mesmo depois de Moisés. Conta-se, com efeito, que, na época em que nasceu Moisés é que viveu Atlas, o grande astrólogo, irmão de Prometeu e avô materno de Mercúrio, o Antigo, de quem Mercúrio Trismegisto foi neto.

CAPÍTULO XL

Pretensão totalmente falsa dos egípcios, que atribuem cem mil anos de antiguidade à sua ciência.

Alguns, dizendo que os egípcios conhecem a astrologia há mais de cem mil anos, gabam-se sem razão e com tola presunção. Em que livros colheram eles este número, eles que aprenderam as Letras na escola de Ísis, não há muito mais de dois mil anos? Varrão, que no-lo ensina, e a sua informação não está em contradição com a verdade dos livros divinos, não é historiador de somenos importância. Se, desde o primeiro homem, chamado Adão, ainda não decorreram seis mil anos, não serão mais dignos de riso que de refutação os que procuram persuadir-nos acerca da duração do tempo com opiniões tão divergentes e tão contrárias à verdade conhecida? A que narrador do passado podemos nós prestar mais crédito do que àquele que predisse mesmo os acontecimentos futuros que já vemos presentes? A própria discordância dos historiadores entre si força-nos a depositar maior confiança em quem não está em desacordo com a história divina que temos. Mesmo os cidadãos da Cidade ímpia espalhados por toda a Terra, quando lêem sábios autores, cuja autoridade não parece que se deva desprezar, mas que divergem acerca dos factos mais recuados que a nossa idade recorda, não sabem a qual deles devem prestar mais crédito. Mas nós, apoiados na autoridade divina relativamente à história da nossa religião, não duvidamos que é totalmente falso o que se lhe opõe, qualquer que seja a sua posição nas demais coisas que se referem à história profana, as quais, verdadeiras ou falsas, nenhuma vantagem nos trazem para uma vida justa e feliz.

CAPÍTULO XLI

Divergência das opiniões filosóficas e concordância, na Igreja, das Escrituras canônicas.

Mas, por ora, ponhamos de parte o conhecimento da história e voltemos aos próprios filósofos por quem começamos estas questões. Estes, que, nos seus estudos, parece que só trabalham para acharem a maneira de viver mais apropriada para se alcançar a felicidade — porque estão eles em desacordo, discípulos com mestres e discípulos entre si, senão porque têm procurado esse conhecimento apenas como homens, com sentimentos humanos? Embora possa haver a ânsia de glória pela qual cada um procura parecer mais sábio e mais arguto do que o outro e não de certo modo escravo da opinião alheia, mas criador da sua doutrina e da sua opinião (concedo que tenha havido alguns, mesmo muitos, a quem o amor da verdade afastou dos seus mestres ou dos seus condiscípulos, para tomarem a defesa do que julgavam a verdade, quer fosse realmente ela, quer não fosse), todavia, que fará a infelicidade humana, para onde e por onde irá para chegar à felicidade, se não for guiada pela autoridade divina? Mas, nos nossos autores, nos quais se fixa e se limita, não sem razão, o cânon das Letras Sagradas, longe de nós pensar que entre eles existe alguma discordância. Daí que, com justa razão, quando tais coisas escreveram, não foram uns tantos tagarelas os que nas escolas e nos ginásios, em discussões litigiosas, acreditaram que Deus lhes tinha falado ou por seu intermédio tinha falado, — mas foram muitos e muito importantes povos que, com os seus sábios e ignorantes, nos campos e nas cidades, acreditaram.

Com certeza que esses escritores tinham que ser poucos, para a multidão não aviltar o que, como religião, se devia conservar como coisa preciosa, — mas não tão poucos que a sua concordância não suscitasse admiração. Na multidão dos filósofos, que também, mercê do seu labor literário, nos deixaram monumentos das suas doutrinas, não será fácil encontrar alguns que em tudo estejam de acordo; mostrá-lo nesta obra seria muito longo.

Mas, nesta cidade adoradora dos demónios, que fundador há, de qualquer seita, tão aceite que sejam condenados todos os que sustentam opiniões diversas ou adversas? Não floresceram em Atenas os epicuristas, que sustentavam que as coisas humanas não interessavam aos deuses, e os estóicos, que, ao contrário, sustentavam que elas eram governadas e protegidas pelos deuses seus tutores e defensores? Admiro-me porque é que Anaxágoras foi considerado réu por ter dito que o sol era uma pedra ardente, negando, portanto, que fosse um deus, quando na mesma cidade brilhava em glória e vivia seguro Epicuro, que nem acreditava que o sol ou qualquer outro astro fosse um deus nem que Júpiter ou qualquer dos deuses habitasse no mundo, a quem pudessem chegar as orações suplicantes dos homens. Não era lá que Aristipo punha o bem supremo no prazer do corpo, ao passo que Antístenes afirmava que o homem encontrava a felicidade na virtude da alma? Foram dois filósofos célebres, ambos discípulos de Sócrates — e punham o ideal da vida em fins tão diversos e contraditórios: um ensinando mesmo que o sábio devia fugir da administração dos negócios públicos e exigindo o outro que a política fosse da incumbência do sábio — procurando cada um congregar discípulos para sua seita.

E era bem às claras, num pórtico célebre e bem visível, nos ginásios, nos jardins, nos lugares públicos e privados, que cada uma das facções lutava pela sua opinião:

afirmando uns haver um só mundo; outros, inumeráveis mundos;

uns, que este mundo único teve um começo; outros, que o não teve;

uns, que ele é conduzido pela inteligência divina;
outros, pelo acaso da fortuna;

uns, que a alma é imortal; outros, que ela é mortal;

e, entre os primeiros, uns, que ela voltava para os animais; outros, que de forma nenhuma;

e, entre os segundos, uns, que ela morria com o corpo; outros, que ela continuava a viver, por pouco ou muito tempo, mas não para sempre;

uns punham o bem supremo no corpo, outros na alma, alguns nos dois, outros acrescentando ao corpo e à alma os bens exteriores;

uns julgavam que se devia prestar crédito aos sentidos do corpo sempre; outros, que nem sempre; e ainda outros, que nunca.

Estas e outras quase inumeráveis dissensões dos filósofos, que povo, que senado, que poder ou dignidade pública da cidade ímpia teve o cuidado de as seleccionar para aprovar umas e adoptá-las, para reprovar outras e rejeitá-las? Ou não admitiu no seu seio, desordenadamente sem qualquer critério e indistintamente, tantas controvérsias de homens dissidentes, não acerca das casas e dos campos ou acerca de qualquer questão de dinheiro, mas acerca de coisas com que, ou se vive na desgraça ou se vive na felicidade? Embora lá se dissessem algumas verdades, diziam-se também, com a mesma liberdade, falsidades. Não foi em vão que tal cidade recebeu a denominação mística de Babilónia. Como nos lembramos de já o ter dito, Babilónia significa *confusão*. O Diabo, seu rei, não se importa em que erros tão contraditórios se debatem os que devido a múltiplice e variada impiedade, ele, todos igualmente, já possui.

Mas esta nação, este templo, esta cidade, esta república, estes israelitas a quem foram confiadas as palavras de Deus, jamais confundiram com igual tolerância, os falsos com os verdadeiros profetas, mas reconhecem e mantêm, como autores verídicos das Letras Sagradas, aqueles que entre si estão de acordo sem qualquer divergência. Para eles, estes é que eram os seus filósofos, isto é, *amantes da*

sabedoria, os seus teólogos, os seus profetas, os seus mestres de probidade e de piedade. Todo aquele que pensou e viveu em conformidade com eles, pensou e viveu, não em conformidade com os homens mas em conformidade com Deus, que por intermédio deles falou. Se lá o sacrilégio foi proibido, foi Deus quem o proibiu; se foi dito *honra teu pai e tua mãe*, foi Deus quem o ordenou; se está escrito *não cometerás adultério, não cometerás homicídio, não furtarás*, e outras coisas deste género, não foram lábios humanos, mas os oráculos divinos que as pronunciaram. Tudo o que certos filósofos puderam ver de verdadeiro entre o que é falso, e que se esforçaram por inculcar em laboriosos debates:

que Deus fez este mundo,

que ele próprio, providentíssimo, o governa,

tudo o que respeita à beleza da virtude, ao amor da pátria, à fidelidade aos amigos, às boas obras e aos bons costumes, embora sem saberem para que fim e de que maneira se devem referir todas estas coisas,

em palavras proféticas, isto é, divinas, embora por intermédio dos homens, todas estas verdades foram, nessa Cidade, recomendadas ao povo e não impostas em batalhas de argumentos, de tal modo que, quem as discutisse, teria a temer, não o engenho do homem, mas a palavra de Deus.

CAPÍTULO XLII

Por que disposições da Providência de Deus as Sagradas Escrituras da Velha Aliança foram traduzidas do hebraico para o grego para chegarem ao conhecimento dos gentios.

Um dos Ptolomeus, rei do Egipto, mostrou o desejo de conhecer e de possuir as Sagradas Escrituras. De facto, depois da morte de Alexandre de Macedónia, também denominado o Magno, que tinha submetido ao seu magnífico e pouco duradouro domínio toda a Ásia e quase todo o orbe, em parte pela força, em parte pelo terror (foi então que ele invadiu e conquistou também, além dos demais povos do Oriente, a Judeia) — por sua morte os seus generais, não podendo possuí-lo em paz, partilharam entre si esse imenso império, ou melhor, esfrangalharam-no, arruinando tudo pelas suas guerras, e o Egipto começou a ter os Ptolomeus como reis. O primeiro deles, filho de Lago, deportou muitos prisioneiros da Judeia para o Egipto. Mas um outro Ptolomeu, chamado Filadelfo, que àquele succedeu, permitiu que todos os que aquele tinha levado cativos regressassem em liberdade; além disso, enviou presentes régios para o templo de Deus e pediu a Eleázar, sumo sacerdote, que lhe desse as Escrituras que, devido à sua fama, tinha ouvido dizer que, com certeza, eram divinas, e por isso desejava tê-las na célebre biblioteca que fundara. Como o dito pontífice lhas enviou em hebraico, aquele, logo a seguir, pediu-lhe também tradutores. Foram-lhe dados setenta e dois, seis homens de cada uma das doze tribos, versadíssimos em ambas as línguas, ou sejam, a hebraica e a

grega. Prevaleceu depois o costume de à tradução se chamar dos Setenta¹.

Conta-se que houve, nas palavras que empregaram, uma concordância na verdade tão maravilhosa, tão assombrosa e plenamente divina, que, embora cada um se tivesse instalado para este trabalho separadamente dos outros (foi, de facto, assim que aprouve a Ptolomeu verificar a sua fidelidade), nenhum divergiu do outro nem sequer numa pala-

¹ Tradução grega dos *Setenta*.

Depois da conquista e destruição de Jerusalém no ano 70 por Tito e da revolta de 135, os cristãos não tinham, na sua maioria, acesso à Bíblia hebraica, porque eram de origem e língua grega, e por isso começaram a utilizar-se da tradução grega que vinha do tempo dos Ptolomeus desde o Séc. III antes de Cristo.

Julgava-se que essa tradução constituía um todo homogêneo, como se fosse o resultado do labor de um só tradutor. Daí a lenda, contada por Pseudo-Aristeu numa sua carta (editada por Thackeray em apêndice à ed. dos LXX por H. B. Swete) e por S. Justino (in *Apol.*, XXXI) e depois retocada pelo Pseudo-Justino (in *Cohort. ad. Graec.*, XIII), segundo a qual a tradução foi realizada por setenta e dois anciãos judeus ao serviço e a pedido de Ptolomeu Filadelfo, isolados uns dos outros, cada um na sua cela, enquanto durou o trabalho de tradução. (Este Pseudo-Justino afirma que no seu tempo ainda se viam em Faros as ruínas das suas celas). Findo o labor dos sábios intérpretes, verificou-se, segundo a lenda, que a tradução de cada um era totalmente igual à de cada um dos restantes.

Santo Agostinho não tem repugnância em aceitar a lenda, pelo menos nos seus pontos fundamentais, mas o seu contemporâneo S. Jerónimo rejeitou-a totalmente. De facto, a crítica bíblica revela que se trata de uma colectânea devida a vários tradutores, alguns dos quais nem sequer foram fiéis ao texto hebraico, fazendo, em vez de uma tradução, uma adaptação (nomeadamente quanto aos salmos) ao espírito dos leitores gregos. Aliás, certas partes, como por exemplo o Livro da Sabedoria, não são traduções) pois foram originariamente escritas em Grego.

Sobre o assunto, poderão ser consultados:

S. Jerónimo — *Prólogo. in Pentateuc.*

Santo Ireneu — *Adversus Haereses*, III, XXI, 2.

S. Clem. de Alex. — *Stromat.*, I, XXII, 148-149.

Santo Agostinho — *De Doctrina Christiana*, II, 15 e *De Civ. Dei*, XV, XI, XII. 1, XIV. 2, XXIII. 3-4.

vra do mesmo sentido e do mesmo valor, nem na ordem das palavras; mas, como se fosse um só tradutor, era uma só coisa o que tinham interpretado todos; porque, na verdade, um só Espírito havia em todos. E tão admirável dom de Deus receberam-no eles para que, também deste modo, fosse reforçada a autoridade destas Escrituras, não como humanas mas, como de facto eram, divinas, no interesse das nações que um dia viriam a crer nelas — o que vemos estar já cumprido.

CAPÍTULO XLIII

Autoridade dos setenta intérpretes, que se deve preferir a todos os tradutores, salvaguardando a honra devida ao texto hebraico.

Houve outros tradutores que verteram essas palavras sagradas da língua hebraica para a grega, tais como Áquila, Símaco, Teodocião; como há ainda aquela versão cujo autor se ignora e que, por tal razão, sem nome de tradutor, se chama *Quinta*. Mas a Igreja recebeu a dos Setenta como se fosse a única, e dela se servem os cristãos gregos, a maior parte dos quais ignora se há outra. Desta versão dos Setenta traduziu-se para latim o texto a que aderem as Igrejas latinas, embora nos nossos tempos o presbítero Jerónimo, homem doutíssimo e conhecedor de todas as três línguas, não tenha deixado de traduzir as mesmas Escrituras para latim, não do grego mas do hebraico. Os judeus, embora confessem que é verdadeiro o seu esforço literário, objectam, porém, que os Setenta cometeram muitos erros. Todavia, as Igrejas de Cristo entendem que nada se deve antepor à autoridade de tantos homens, então escolhidos pelo pontífice Eleázar, para tarefa de tal monta. E isto porque, mesmo que um só espírito, sem dúvida divino, neles se não tivesse manifestado, — e mesmo que os setenta sábios, segundo os hábitos dos homens, tivessem comparado entre si os termos da sua tradução para que dela ficasse apenas o que a todos agradasse, — mesmo então não se lhes devia preferir nenhum tradutor isolado. Mas, como entre eles se manifestou um tão notável sinal da divindade, com certeza que qualquer outro fiel tradutor das Escrituras do

hebraico para outra língua ou estará em concordância com os setenta intérpretes ou, se parecer que não chega a concordar, temos que crer que há nisso um profundo mistério profético. Efectivamente, o Espírito que estava nos Profetas, quando proferiram aquelas palavras, e o que estava nos setenta varões, quando as traduziram, era o mesmo: não há dúvida de que esse mesmo Espírito pôde muito bem, com autoridade divina, exprimir por essas palavras um sentido diferente, como se o Profeta tivesse ao mesmo tempo exprimido um e outro sentido; pois era o mesmo Espírito que exprimia um e outro; e pôde ainda dizer a mesma coisa de uma outra maneira, de modo que, onde as palavras não são idênticas, ao leitor atento apareça nitidamente o mesmo sentido; pôde também omitir ou juntar passagens para assim mostrar igualmente que, nesta obra de tradução não se verificava um servilismo humano que sujeitava o tradutor às palavras, mas antes um poder divino que enriquecia e regia a mente do tradutor. Alguns, porém, julgaram que os códices gregos da versão dos Setenta deviam ser corrigidos a partir dos códices hebraicos; não ousaram, todavia, suprimir o que os hebraicos não tinham e os Setenta acrescentaram — acrescentando apenas as passagens que se encontravam no hebraico e nos Setenta não estão e assinalaram-nos no cabeçalho dos mesmos versículos com certos sinais em forma de estrelas, que se chamam *asteriscos*. Mas o que os hebraicos não têm e têm os Setenta, da mesma forma anotaram no cabeçalho dos versículos com uns traços horizontais (*jacentibus virgulis*) tal como se escrevem as úncias (*unciae*)¹. Muitos códices, mesmo latinos, tendo estes sinais, se difundiram por toda a parte. O que não foi omitido nem acrescentado, mas dito de outra

¹ *Uncia e virgula jacens.*

Do que consta do texto não se fica a saber precisamente o que é que Santo Agostinho entendia por *uncia* e *virgula jacens*. Vulgarmente, *uncia* (donde a palavra portuguesa *onça*) é o mesmo que «polegada»: medida de comprimento do tamanho do dedo polegar. Às letras grandes

forma, quer difira o sentido sem ser incompatível com o primeiro, quer explique claramente o mesmo sentido duma outra maneira — é coisa que só cotejando os dois textos se poderá descobrir. Portanto, se, como convém, não vemos naquelas Escrituras senão o que disse o Espírito de Deus por intermédio dos homens, o que se encontra nos códices hebraicos e não nos Setenta intérpretes, vê-se que o Espírito de Deus não o quis dizer por intermédio destes mas por intermédio daqueles profetas. Porém, o que se encontra nos Setenta e falta nos códices hebraicos, quis o mesmo Espírito Santo dizê-lo antes por aqueles do que por estes, mostrando assim que uns e outros foram profetas. Da mesma maneira, disse, como lhe aprouve, umas coisas por Isaías, outras por Jeremias, umas por um profeta, outras por outro; ou então as mesmas de maneiras diferentes por este ou por aquele. Assim, o que se encontra nuns e noutros, o mesmo e único Espírito quis dizê-lo por uns e por outros; mas de maneira que uns precederam profetizando e os outros sucederam traduzindo-os profeticamente; porque, assim como naqueles que disseram as verdades concordantes, habitava um único Espírito de paz, assim também se manifestou o mesmo e único Espírito naqueles que, sem se concertarem, traduziram a mesma Escritura pelas mesmas palavras.

do tamanho de um polegar começou-se a chamar *unciais*, passando depois a dar-se este nome a qualquer letra avantajada.

Vulgarmente também, *virgula* era qualquer traço ou linha que, se fosse deitado (*jacens*), seria um traço horizontal. É de crer, portanto, que as *virgulae jacentes* a que se refere Santo Agostinho sejam *óbelos*, ou sejam os sinais gráficos constituídos por um traço horizontal que se põe nas passagens erradas ou adulteradas, para se emendarem na reprodução. Sobre *óbelo*, v. Dr. Artur Bivar in *Dic. Ger.*, I Vol., p. 551 e *Dic. Anal.*, p. 1153 e 1557.

CAPÍTULO XLIV

O que se deve compreender acerca da destruição dos Ninivitas, cuja ameaça se devia efectivar ao fim de quarenta dias, segundo o texto hebraico, e ao fim do curto espaço de três dias, segundo os Setenta.

Mas alguém dirá: Como poderei saber o que Jonas terá dito aos Ninivitas? Foi: *três dias e Nínive será destruída*, ou foi: *dentro de quarenta dias*? Quem não vê que, na verdade, as duas coisas não podiam ter então sido ditas pelo profeta que tinha sido enviado para amedrontar a cidade com a ameaça duma ruína iminente? Se a destruição lhe devia advir dentro de três dias, não era dentro de quarenta, e, se dentro de quarenta, não era dentro de três, com certeza.

Se me perguntarem, portanto, a mim que é que Jonas disse, eu direi: é antes o que traz o texto hebraico: *em quarenta dias Nínive será destruída*. Os Setenta, de facto, tendo aparecido muito mais tarde, puderam dizer outra coisa que se referia ao mesmo assunto e concorria para um só e mesmo sentido, embora com um outro significado: o que seria um aviso ao leitor, para que, sem desprezar nenhuma das duas autoridades, se elevasse da história à busca do que a própria história pretendia simbolizar. Os factos passaram-se, na realidade, na cidade de Nínive, mas significaram alguma coisa que ultrapassa os limites daquela cidade: como aconteceu que o mencionado profeta esteve durante três dias no ventre do cetáceo — e não deixa de ser a figura de um outro, do Senhor de todos os profetas, que havia de estar durante três dias no profundo do Inferno. Se, portan-

to, se vê, não sem razão, naquela cidade a figura profética da Igreja dos gentios, isto é, destruída pela falta de penitência a tal ponto de deixar de ser o que tinha sido antes, — como é a Cristo que a Igreja dos gentios, de que Nínive era o símbolo, deve uma tal transformação, é também do mesmo Cristo que são figura, quer os quarenta quer os três dias: — os quarenta, porque é o número de dias que passa com os seus discípulos depois da ressurreição até subir ao Céu; — os três, porque foi ao terceiro dia que ressuscitou. Tudo se passa como se os Setenta, que tanto são profetas como são tradutores, tivessem querido despertar do seu torpor o leitor apenas preocupado com a sequência dos factos realizados e, convidando-o a perscrutar a profundidade da profecia, de certo modo lhe dissessem: «Procura nos quarenta dias aquele mesmo que poderás encontrar nos três; encontrarás aqueles na ascensão e estes na ressurreição». Pelo que pode muito bem estar Cristo simbolizado num e noutro número, um expresso pelo profeta Jonas, o outro pela profecia dos setenta tradutores, e ambos inspirados pelo mesmo e único Espírito.

Não quero alongar-me em demonstrar com muitos exemplos em que os Setenta parecem afastar-se da verdade hebraica e, todavia, bem entendidos, se verifica estarem com ela de acordo. Por isso, também eu, seguindo, à minha modesta maneira, as passadas dos Apóstolos, pois que também eles tomaram os testemunhos dos Profetas do texto hebraico e dos Setenta, julguei que devia usar de uma e outra autoridade, uma vez que uma e outra são divinas e uma só e a mesma.

CAPÍTULO XLV

Depois da restauração do Templo, os judeus deixaram de ter profetas e, posteriormente, até ao nascimento de Cristo, foram atingidos de contínuas adversidades — para se demonstrar que era a construção de um outro templo que tinha sido prometida pelos oráculos proféticos.

Desde que o Povo judeu deixou de ter profetas, começou, sem a menor dúvida, a piorar, precisamente no tempo em que, reconstruído o Templo depois do cativeiro de Babilónia, esperava melhorar. Foi assim que este povo carnal entendeu o que foi vaticinado por intermédio do profeta Ageu, que disse:

*A glória desta nova casa será maior do que a da primeira*¹,

— o que, como um pouco acima demonstrámos, foi dito acerca da Nova Aliança, quando, anunciando abertamente a Cristo, disse:

*E eis que moverei todos os povos e virá o Desejado de todos os povos*².

¹ *Magna erit gloria domus istius novissimae plus quam primae,*
Ageu, II, 10.

² *Et ecce movebo omnes gentes, et veniet desideratus cunctis gentibus.*
Id., II, 8. Cf. notas 1 e 2 do Cap. XXXV.

A esta passagem deram os setenta intérpretes, com autoridade profética, um outro sentido, que mais convém ao corpo do que à cabeça, isto é, mais à Igreja do que a Cristo:

*As coisas que o Senhor escolheu virão de todos os povos*³,

isto é, homens acerca dos quais o próprio Jesus disse no Evangelho:

*Muitos os chamados, mas poucos os escolhidos*⁴.

Foi com estes eleitos das nações que, pela Nova Aliança, se construiu a Casa de Deus com pedras vivas, muito mais gloriosa do que esse templo construído pelo rei Salomão e reconstruído após o Cativoiro. É por isso que, desde essa época, aquele povo deixou de ter profetas e sofreu muitas adversidades da parte dos reis estrangeiros e dos próprios romanos para não ter por cumprida essa profecia de Ageu na restauração do Templo.

De facto, não muito depois, foi subjugado com a chegada de Alexandre e, embora não houvesse devastações, porque os judeus não ousaram resistir-lhe e com fácil submissão aplacaram o vencedor, a glória desta casa não foi tão grande quão tinha sido sob o livre comando dos seus reis. É certo que Alexandre imolou vítimas no templo de Deus, não para Lhe prestar culto, convertido à verdadeira piedade, mas pensando na sua ímpia fatuidade, que ele devia ser adorado conjuntamente com os falsos deuses. Depois da morte de Alexandre, Ptolomeu, filho de Lago, acima referido, levou cativos para o Egipto os judeus que o seu sucessor, Ptolomeu Filadelfo, com a maior benevolência, devolveu. Por intervenção deste, aconteceu o facto que há pouco narrei: o de termos as Escrituras dos setenta intérpretes.

Em seguida, foram esmagados pelas guerras descritas nos livros dos Macabeus; depois disto, foram reduzidos ao

³ *Venient quae electa sunt Domini de cunctis gentibus.*
Id., Ib.

⁴ *Multi vocati, pauci vero electi.*
Mateus, XXII, 14.

cativeiro por Ptolomeu, rei de Alexandria, cognominado Epifânio; e, finalmente, foram constrangidos, com muitos e pesadíssimos males, pelo rei Antíoco da Síria, a adorar os ídolos, e viram mesmo o seu templo invadido pelas sacrílegas superstições dos gentios; mas Judas, também chamado de Macabeu, seu valentíssimo chefe, purificou-o de toda a contaminação da idolatria depois de ter expulsado os generais de Antíoco.

Mas, não muito depois, um certo Alcimo foi nomeado, por ambição, pontífice, embora fosse estranho à família sacerdotal — o que não era lícito. Depois de quase cinquenta anos, durante os quais não houve paz, embora tenham levado a cabo algumas empresas com êxito, o primeiro deles, Aristóbulo, apoderou-se do diadema e tornou-se simultaneamente rei e pontífice. Na verdade, antes dele, mas depois de terem regressado do Cativeiro de Babilónia e de o Templo ter sido restaurado, não tiveram reis, mas chefes ou príncipes; embora o que é rei se possa chamar também «príncipe», pelo poder (*principatus*) de mandar, e chefe (*dux*) porque é comandante dos exércitos. Mas nem por isso todos os que são príncipes ou chefes se podem chamar reis, como aconteceu a Aristóbulo. A este sucedeu Alexandre, também ele rei e pontífice, que, conta-se, reinou com crueldade sobre os seus. Depois deste, foi rainha dos judeus sua esposa Alexandra, a partir de cuja época males cada vez mais graves os foram perseguindo. Realmente, os filhos desta Alexandra, Aristóbulo e Hircano, enquanto lutavam entre si pelo mando, provocaram contra o povo de Israel as forças romanas, pois Hircano pediu-lhes auxílio contra o irmão.

Então, já Roma tinha submetido a África, tinha subjugado a Grécia e, exercendo sobre outras partes do mundo um extenso poder e como que não podendo suportar-se a si própria, de certo modo quebrou ao peso da sua própria grandeza. Chegara, na verdade, a graves dissensões domésticas e daí às guerras sociais e em breve às civis — e foi-se enfraquecendo tanto e tanto se foi gastando, que se tornou

iminente mudar-se-lhe o regime de governo, para ser governada por reis. Então, Pompeio, o mais ilustre chefe do povo romano, invadindo a Judeia com um exército, toma a cidade, abre o Templo, não por devoção de quem ora, mas pelo direito do vencedor; não como adorador, mas para o profanar, penetra no Santo dos Santos, onde só ao Sumo Sacerdote era lícito entrar; e, depois de confirmado Hircano no pontificado e imposto à nação subjugada Antipáter como guardião, com o nome de procurador, como então se dizia, leva consigo Aristóbulo acorrentado. Também os judeus começaram a ser desde então tributários dos romanos. Posteriormente, Cássio chegou mesmo a expoliar o Templo. Seguidamente, poucos anos depois, mereceram mesmo ter um rei estrangeiro, Herodes, durante cujo reinado nasceu Cristo.

Tinha já chegado a plenitude dos tempos anunciada pelo espírito profético, pela boca do patriarca Jacob quando disse:

*Não faltará um príncipe de Judá, nem um chefe da sua descendência até que se cumpra o que lhe foi prometido; será Ele a esperança das nações*⁵.

De facto, aos Judeus nunca faltou um príncipe de origem judaica, até esse Herodes, o primeiro estrangeiro que tiveram como rei. Já era, pois, tempo que chegasse Aquele em quem estava a promessa da Nova Aliança, de modo que ele próprio seria a expectativa dos povos. Mas não era possível aos povos esperar que Ele viesse para julgar com o esplendor do seu poder, como verificamos agora que os povos O esperam, sem primeiro terem acreditado n'Ele quando veio, para ser submetido a um julgamento na humildade da paciência.

⁵ *Non deficiet princeps ex Juda, neque dux de femoribus ejus, donec veniat cui repositum est, et ipse expectatio gentium.*

Gén., XLIX, 10.

CAPÍTULO XLVI

Nascimento do nosso Salvador, pelo qual o Verbo se fez carne; e dispersão dos judeus por todas as Nações, como fora profetizado.

Quando, portanto, reinava Herodes na Judeia e, depois de alterado o regime de governo, César Augusto era imperador e, devido a ele, todo o orbe da Terra estava em paz — nasceu Cristo em Belém de Judá, conforme anterior profecia, homem visível nascido de uma virgem humana, Deus oculto procedendo de um Deus Pai. Com efeito, assim o tinha predito o Profeta:

*Eis que uma virgem conceberá no seu seio e dará à luz um filho e chamar-lhe-ão de seu nome Emanuel, o que quer dizer Deus connosco*¹.

Este, para mostrar o Deus que havia em si, fez muitos milagres, de que a Escritura evangélica refere alguns, tantos quantos pareceram suficientes para O darem a conhecer. O primeiro deles foi ter nascido de maneira tão maravilhosa — e o último o de ter subido ao Céu com o seu corpo ressuscitado dos mortos. Mas os judeus, que O entregaram à morte e não quiseram acreditar n'Ele, porque era preciso que Ele morresse e ressuscitasse, terrivelmente arruinados pelos romanos e profundamente desenraizados do seu reino, quando já sobre eles reinavam estrangeiros, e dispersos por todas as terras (na realidade, quando e onde é que

¹ *Ecce virgo accipiet in utero et pariet filium, et vocabunt nomen ejus Emmanuel, quod est interpretatum: Nobiscum Deus.*

Isaías, VII, 14. Cf. Mateus, I, 23.

eles faltam?), pelas suas Escrituras dão-nos testemunho de que não foram por nós inventadas as profecias acerca de Cristo. Um grande número deles, examinando-as, acreditou n'Ele, mesmo antes da sua paixão e principalmente depois da sua ressurreição. Destes foi anunciado:

*Se o número dos filhos de Israel for como a areia do mar, os restos serão salvos*².

Mas os demais cegaram e deles foi anunciado:

*Torna-se para eles a sua mesa numa armadilha, numa punição, num escândalo. Escureçam os seus olhos, para que não vejam. Dobrem-se para sempre as suas costas*³.

Por conseguinte, quando não crêem nas nossas Escrituras, cumprem-se neles as suas, que lêem como cegos. A não ser, talvez, que alguém diga que os cristãos inventaram as profecias relativas a Cristo que correm com o nome de uma Sibila ou de outros, se é que algum não pertence ao povo judeu. Bastam-nos as que provêm dos códices dos nossos inimigos, que sabemos, pelo testemunho que, sem quererem, nos oferecem, possuindo e conservando estes livros, terem-se dispersado por todos os países por onde quer que se tenha estendido a Igreja de Cristo. A este propósito há nos Salmos, que eles também lêem, uma profecia onde está escrito:

*O meu Deus me há-de prevenir pela sua misericórdia;
O meu Deus mostrar-mo-á nos meus inimigos;
Não os mates, para que não se esqueçam um dia da tua lei;*
*Dispersa-os com o teu poder*⁴.

² *Si fuerit numerus filiorum Israel sicut harena maris, reliquiae salvae fient.*
Isaías, X, 22.

³ *Fiat mensa eorum coram ipsis in laqueum et in retributionem et scandalum. Obscurentur oculi eorum, ne videant; et dorsum illorum semper incurva.*
Salmo XLVIII (XLIX), 23-24.

⁴ *Deus meus, misericórdia ejus praeveniet me;
Deus meus demonstravit mihi in inimicis meis,
ne occideris eos, ne quando obliviscantur legem tuam;
disperge eos in virtute tua.*
Salmo LVIII (LIX), 12

Mostrou Deus assim à sua Igreja a graça da sua misericórdia para com seus inimigos judeus, porque, como disse o Apóstolo:

*O seu crime é a salvação dos gentios*⁵.

Por isso não os matou, isto é, não lhes tirou o que tinham de judeus, apesar de vencidos e oprimidos pelos romanos, para que, esquecidos da Lei de Deus, se tornassem incapazes de dar o testemunho de que falamos. Por isso seria de pouca importância dizer:

*Não os mates, para que se não esqueçam um dia da tua lei*⁶,

se não se acrescentasse:

*Dispersa-os*⁷,

porque, se eles, com este testemunho das Escrituras, estivessem apenas na sua terra, e não estivessem em toda a parte, não poderia a Igreja, que em toda a parte está, tê-los como testemunhas, entre todos os povos, das profecias que se anunciaram acerca de Cristo.

⁵ *Delictum illorum salus gentibus;*
Rom., XI, 11.

⁶ *Ne occideris eos, ne quando obliviscantur legem tuam.*
V. supra nota 4.

⁷ *Disperge eos;*
V. supra nota 4.

CAPÍTULO XLVII

Antes dos tempos cristãos e fora da raça de Israel, terá havido homens que pertencessem à comunidade da Cidade Celeste?

É por isso que, se algum (escritor) estrangeiro, isto é, não nascido de Israel nem recebido por esse povo no cânon das Sagradas Letras, no qual se leia ter profetizado acerca de Cristo, chegou ou chegar ao nosso conhecimento, — podemos citá-lo por acréscimo. Não é porque nos seja necessário, pois poderia faltar, mas porque não há inconveniente em crer que tenha havido, entre os povos, homens a quem tenha sido revelado este mistério e foram compelidos a anunciá-lo também, quer tenham sido participantes da mesma graça, quer tenham sido dela privados mas o tenham conhecido por intermédio de anjos maus (de alguns sabemos que confessaram a Cristo presente, a quem os judeus não reconheciam).

Julgo que nem os próprios judeus se atrevem a pretender que ninguém além dos israelitas pertenceu a Deus desde quando começou a descendência de Israel com a reprovação de seu irmão mais velho. É verdade que nenhum outro povo se encontrou que fosse digno de se chamar propriamente o povo de Deus; mas que tenha havido, mesmo entre outros povos, homens que tenham pertencido, não por comunhão terrestre mas celeste, aos verdadeiros israelitas, cidadãos da pátria do Alto, não podem eles negá-lo; porque, se o negassem, facilmente seriam convencidos com o santo e admirável Job, que não foi indígena, nem prosélito, isto é, adventício do povo de

Israel, mas procedia do povo idumeu, onde nascera e onde veio a morrer; e, todavia, é de tal maneira louvado pela palavra divina que nenhum homem dos seus tempos se lhe pode igualar no que respeita a justiça e piedade. Embora nas *Crônicas* não encontremos qual foi a sua época, podemos, porém, deduzir do seu livro, — que, devido ao seu mérito, os isarelitas admitem no seu cânon — que ele pertencia à terceira geração posterior a Israel.

Não duvido de que a divina Providência quis, apenas por intermédio deste, que ficássemos a saber que puderam existir também entre os outros povos homens que viveram em conformidade com Deus, procuraram agradar-lhe e pertenceram à Jerusalém espiritual. Não se deve crer que isto tenha sido concedido senão àqueles a quem Deus revelou o único mediador entre Deus e os homens — o homem Jesus Cristo. Aos antigos santos foi anunciado que Ele havia de vir em carne, tal qual nós O anunciámos como já chegado, para que por Ele uma só e a mesma fé conduza a Deus todos os que estão predestinados a tornarem-se Cidade de Deus, Casa de Deus, Templo de Deus. É certo que as profecias de outros acerca da graça de Deus por Jesus Cristo podem ser encaradas como inventadas pelos cristãos. Por isso, se há quem discuta a este respeito, nada há de mais seguro para convencer os estranhos, quaisquer que eles sejam, e torná-los nossos (se procedem com rectidão) do que apresentarem-se-lhes as predições divinas acerca de Cristo que estão escritas nos códices dos judeus; uma vez arrancados estes às suas próprias moradas e dispersos eles por toda a Terra para prestarem este testemunho, é que a Igreja de Cristo se estendeu por toda a parte.

CAPÍTULO XLVIII

A profecia de Ageu — em que se diz que a glória futura da Casa de Deus seria maior do que tinha sido antes — não se cumpriu com a reedificação do Templo, mas na Igreja de Cristo.

Esta Casa de Deus é de glória maior do que fora a primeira construída de madeira, pedras e outros materiais e metais preciosos. Não foi, pois, na restauração do Templo que se cumpriu a profecia de Ageu. De facto, nunca se viu, desde a sua reconstrução, que ele tenha tido tão grande glória como no tempo de Salomão; antes ao contrário, está demonstrado, como o atesta o que anteriormente se disse, que a glória daquela casa ficou diminuída, primeiro pela cessação das profecias e depois pelos tremendos desastres que esse povo sofreu até à ruína completa causada pelos romanos. Mas esta Casa, pertencente à Nova Aliança, na verdade é de tanta maior glória quanto melhores são as pedras vivas, os crentes e os renovados com que é construída. Mas, se o restauro do Templo é dela a figura, é porque, em linguagem profética, a própria renovação desse edifício designa uma outra Aliança, que se chama Nova. No que, portanto, Deus disse por intermédio do citado profeta:

*Eu darei a paz neste lugar*¹,

deve entender-se pelo lugar significativo o que por ele é significado — porque por este lugar restaurado está simbo-

¹ *Et dabo pacem in loco isto,*
Ageu, II, 10.

lizada a Igreja que Cristo havia de construir, e o que se disse:

*Eu darei a paz neste lugar*¹,
nada mais significa do que *eu darei a paz no lugar que este lugar significa*. Porque todos os «significantes» parecem ocupar de certo modo o lugar daquelas realidades que elas representam; como foi dito pelo Apóstolo:

*A pedra era Cristo*²,
porque aquela pedra de que isto se dizia representava com certeza Cristo.

Portanto, a glória desta casa da Nova Aliança é maior do que a glória da primeira casa, da Velha Aliança — e maior aparecerá ainda quando for dedicada. É que então virá, como se lê no texto hebraico,

*virá o Desejado de todos os povos*³.
A sua primeira vinda não era ainda desejada por todos os povos. De facto, quem deviam desejar, ignoravam-no eles, porque ainda nele não tinham acreditado.

Também então, segundo os Setenta (pois que também este tem sentido profético),

*virá de todos os povos o que o Senhor escolheu*⁴.
De facto, então não virão senão os escolhidos de que fala o Apóstolo:

*Como Ele nos escolheu em si mesmo antes da criação do Mundo*⁵.

Realmente, o próprio architecto que disse:

*Muitos são os chamados, mas poucos os escolhidos*⁶,

² *Petra erat Christus,*
I Corínt., X, 4.

³ *Veniet desideratus cunctis gentibus.*
Ageu, II, 8.

⁴ *Veniet quae electa sunt Domini de cunctis gentibus.*
Id., Ib.

⁵ *Sicut elegit nos in ipso ante mundi constitutionem.*
Efês., I, 4.

⁶ *Multi vocati, pauci vero electi,*
Mateus, XXII, 14.

havia de mostrar que a Casa (que não correria o perigo de vir a cair em ruína) foi construída, não com aqueles que responderam ao convite mas seriam expulsos da sala do festim, mas com os eleitos. Mas agora, quando também enchem as igrejas aqueles que o vento na eira há-de separar, a glória desta Casa não aparece tão grande como há-de aparecer quando todo o que aí estiver aí estiver para sempre.

CAPÍTULO XLIX

Crescimento da Igreja, na qual, sem se distinguirem neste mundo, muitos réprobos se misturam com os eleitos.

Neste século maligno, nestes dias maus — em que a Igreja, através da humilhação presente, adquire a grandeza futura, e é adestrada pelo aguilhão do medo, os tormentos da dor, os incômodos dos trabalhos, os perigos das tentações, tendo na esperança seu único conforto, se é que nela tem um autêntico gozo, — muitos réprobos estão misturados com os justos e uns e outros se juntam como na grande rede do Evangelho; e neste mundo, como num mar, nas redes que a todos encerra, eles nadam à toa até ao momento em que, chegando à praia, os maus são separados dos bons, e nos bons, como em seu templo, *Deus será tudo em todos*. Assim sabemos que se cumpre a palavra daquele que, falando no salmo, assim dizia:

*Anunciei e disse: eles multiplicaram-se acima de todo o número*¹.

Isto se cumpre agora, desde que começou, primeiro pela boca de João, seu precursor, e depois, falando pela sua própria boca, (Cristo) anunciou, dizendo:

*Fazei penitência, porque o reino de Deus está próximo*².

Ele escolheu discípulos a quem também chamou apóstolos, homens de nascimento humilde, não considera-

¹ *Adnuntiavi et locutus sum, multiplicati sunt super numerum.*
Salmo XXXIX (XL), 6.

² *Agite paenitentiam, adpropinquavit enim regnum caelorum.*
Mateus, III, 2; IV, 17.

dos, iletrados, de modo que tudo o que fossem ou fizessem de grande, seria Ele próprio quem neles o seria ou faria. Houve entre eles um de quem utilizou bem o mal para executar o plano da sua paixão e para dar à sua Igreja o exemplo de como havia de tolerar os maus. Depois de semear, enquanto foi preciso com a sua presença corporal, a semente do santo Evangelho, padeceu, morreu e ressuscitou, mostrando com a sua paixão o que devemos suportar pela verdade, e com a sua ressurreição o que temos de esperar para a eternidade, além do profundo mistério do seu sangue, que foi derramado para remissão dos pecados. Passou com os seus discípulos quarenta dias na Terra e à vista deles subiu ao Céu e, dez dias depois, enviou-lhes o Espírito Santo prometido. O maior e o mais necessário sinal da sua vinda naqueles que n'Ele creram foi o de cada um deles ter falado na língua de todos os povos — significando desta maneira a unidade da Igreja Católica, que havia de se estender por todos os povos e falar todas as línguas.

CAPÍTULO L

Pregação do Evangelho, que os sofrimentos dos seus pregadores tornaram mais evidente e mais eficaz.

Depois, segundo a profecia:

*A lei sairá de Sião e a palavra do Senhor de Jerusalém*¹

e, segundo os vaticínios do próprio Senhor Jesus, quando, depois da ressurreição, perante o espanto dos seus discípulos,

*abriu-lhes o entendimento para que compreendessem as Escrituras e disse-lhes: «Assim está escrito: era preciso que Cristo sofresse deste modo, ressuscitasse dos mortos ao terceiro dia, que em seu nome se pregasse a penitência e a remissão dos pecados em todos os povos, a começar por Jerusalém»*²,

e, quando de novo lhes respondeu à pergunta acerca da sua última vinda, dizendo:

*Não vos pertence saber os tempos que o Pai fixou no seu poder, mas recebereis a força do Espírito Santo, que a vós virá, e vós sereis minhas testemunhas em Jerusalém, em toda a Judeia, na Samaria e até às extremidades da Terra*³,

¹ *Ex Sion lex prodiet et verbum Domini ex Hierusalem.*

Isaías, II, 3.

² *aperuit sensum, ut intellegerent scripturas et dixit eis, quoniam sic scriptum est, et sic oportebat Christum pati et resurgere a mortuis tertio die et praedicari in nomine ejus paenitentiam et remissionem peccatorum per omnes gentes incipientibus ab Hierusalem.*

Lucas, XXIV, 46-47.

³ *Non est vestrum scire tempora quae Pater posuit in sua potestate; sed*

foi em Jerusalém que primeiro se difundiu a Igreja e quando na Judeia e na Samaria muitos já tinham abraçado a fé, estendeu-se ela a outros povos, sendo difusores do Evangelho aqueles que Ele próprio, como luzeiros, tinha preparado pela palavra e tinha inflamado com o Espírito Santo. Efectivamente, tinha-lhes dito:

*Não temais os que matam o corpo mas não podem matar a alma*⁴.

Para não ficarem enregelados de medo, ardiam no fogo da caridade.

Enfim, não só por intermédio daqueles que O tinham visto e ouvido antes da sua paixão e depois da sua ressurreição, mas também, depois da morte destes, por intermédio dos seus sucessores, foi o Evangelho pregado por todo o mundo, entre horríveis perseguições, suplícios variados e mortes dos mártires, confirmando-o Deus com maravilhas e portentos, com diversos tipos de poderes e dons do Espírito Santo. Desta forma os povos gentios, crendo n'Aquele que, para sua redenção, tinha sido crucificado, começaram a venerar com um amor cristão o sangue dos mártires que eles derramaram com furor diabólico; e os próprios reis com cujas leis a Igreja foi assolada, curvaram-se salutarmente a esse seu nome que tentaram cruelmente retirar da face da Terra, e começaram a perseguir os falsos deuses por cuja causa tinham perseguido, antes, os adoradores do verdadeiro Deus.

accipietis virtutem Spiritus sancti supervenientem in vos, et eritis mihi testes in Hierusalem et in totam Judaeam et Samariam et usque in fines terrae,

Act. dos Ap., I, 7-8.

⁴ *Nolite timere eos, qui corpus occidunt, animam autem non possunt occidere.*

Mateus, X, 28.

CAPÍTULO LI

Até com as dissensões dos hereges se robustece a fé católica.

Mas o Diabo, vendo que eram abandonados os templos dos demónios, e que o género humano acudia ao nome do Mediador e Salvador, incitou os hereges a resistirem, sob o nome de cristãos, à doutrina cristã, como se, na Cidade de Deus, se pudessem albergar desordenadamente e sem correcção, da mesma maneira que a Cidade da confusão acolheu no seu seio indiferentemente filósofos que tinham opiniões diversas e contraditórias. Portanto, na Igreja de Cristo, os que defendem doutrinas mórbidas e perversas, se são advertidos a que regressem às sãs e justas ideias e resistem com contumácia e se negam a emendar os seus mortíferos e perniciosos princípios e persistem em defendê-los, — esses tornam-se hereges, saem da Igreja e colocam-se entre os inimigos que a põem à prova.

Mesmo assim, com o seu mal, a verdade é que estão a ser úteis aos verdadeiros católicos membros de Cristo, pois que Deus utiliza-se bem dos maus e,

*para os que O amam, tudo coopera para o bem*¹.

Efectivamente, todos os inimigos da Igreja, por qualquer erro que estejam cegos ou por qualquer malícia por que estejam corrompidos,

— se têm o poder de molestar corporalmente, exercitam a sua paciência;

¹ *diligentibus eum omnia cooperatur in bonum.*

Rom., VIII, 28.

— se apenas lhe são contrários com as suas más opiniões, exercitam a sua sabedoria;

— e, como têm de ser amados mesmo sendo inimigos, exercitam a sua benevolência ou mesmo a sua beneficência, quer ela proceda para com eles com a persuasão da doutrina quer com o temor da disciplina. E por isso o Diabo, príncipe da Cidade ímpia, mesmo dispondo dos seus meios contra a Cidade de Deus em peregrinação neste mundo, não está autorizado a prejudicá-la. A esta Cidade é indubitavelmente concedido, na prosperidade, conforto para não succumbir às adversidades, nas adversidades, resistência para se não corromper na prosperidade, e de tal forma cada uma destas coisas é temperada pela outra, que foi isso mesmo, reconhecemo-lo, que fez dizer ao salmista esta palavra:

*As tuas consolações encheram a minha alma de gozo, na mesma medida da multidão das minhas dores no meu coração*².

Daí também esta palavra do Apóstolo:

*Alegrai-vos na esperança, pacientes na tribulação*³.

Também o que o mesmo mestre (*doctor*) disse:

*Sofrerão perseguição todos aqueles que quiserem viver piedosamente em Cristo*⁴,

não se pode pensar que se não chegue a cumprir em tempo algum. De facto, pode parecer, e na realidade acontece, que exista tranquilidade da parte dos perseguidores de fora, e isto causa grande consolação, principalmente nos débeis; mas não faltam no interior — e muitos são — os que, pelos seus maus costumes, torturam os corações dos que vivem

² *Secundum multitudinem dolorum meorum in corde meo consolationes tuae jucundaverunt animam meam.*

Salmo XCIII (XCIV), 19.

³ *Spe gaudentes, in tribulatione patientes.*

Rom., XII, 12.

⁴ *Quicumque volunt in Christo pie vivere, persecutionem patiuntur,*
II Timót., III, 12.

piadosamente. Por causa deles é blasfemado o nome de cristão e de católico, que, quanto mais estimam os que querem viver piadosamente em Cristo, tanto mais se lamentam de que, devido à presença dos maus, este seja menos amado do que o deseja o coração de homens piadosos. Os próprios hereges, embora pensem que conservam o nome e os sacramentos cristãos, as suas Escrituras e a sua profissão de fé, causam uma grande dor nos corações dos homens religiosos — porque muitos que querem ser cristãos hesitam, perante as suas dissensões, são oprimidos por hesitações, e muitos maledicentes encontram neles matéria para blasfemarem do nome cristão, pois que também aqueles de toda a maneira se apelidam de cristãos. Os que querem viver piadosamente em Cristo, mesmo que por ninguém seja assaltado ou atormentado o seu corpo, têm de sofrer a perseguição dos homens por causa desses hereges e dos seus costumes e erros detestáveis. Na realidade, sofrem essa perseguição, não nos seus corpos, mas nos seus corações. Daí, esta palavra:

*Na mesma medida da multidão das minhas dores no meu coração*⁵.

Efectivamente, não diz *no meu corpo* (*in corpore meo*). Claro que, como se sabe, as promessas divinas são imutáveis e, como disse o Apóstolo,

*O Senhor conhece os seus*⁶;

(com efeito,

*os que Ele antecipadamente conheceu, Ele os predestinou a serem conformes à imagem do seu filho*⁷

⁵ *Secundum multitudinem dolorum meorum in corde meo.*

V. supra nota 2.

⁶ *Novit Dominus qui sunt ejus.*

II Timót., II, 19.

⁷ *quos praescivit et praedestinavit conformes imaginis filii sui.*

Rom., VIII, 29.

nenhum deles pode morrer). É por isso que se segue, no dito salmo:

*As tuas consolações encheram a minha alma de gozo*⁸.

Mas a própria dor formada no coração dos piedosos, perseguidos pelos costumes dos maus ou falsos cristãos, é proveitosa para os que a sofrem, porque provém da caridade que não quer que eles se percam nem que eles impeçam a salvação dos outros.

Enfim, da correcção deles provêm grandes consolações, que difundem nas almas piedosas alegria tão grande quão grandes dores sofreriam com a perdição deles. Assim, neste século, nestes maus tempos, desde a presença corporal de Cristo e dos seus apóstolos, mesmo desde Abel, o primeiro justo, a quem seu ímpio irmão matou, desde então até ao fim deste século, a Igreja avançará, peregrinando entre as perseguições do mundo e as consolações de Deus.

⁸ *Consolationes tuae jucundaverunt animam meam.*
V. supra nota 2.

CAPÍTULO LII

Dever-se-á crer, como julgam alguns, que, depois das passadas dez perseguições, só haverá uma décima primeira, que virá no tempo do Anticristo?

Julgo, portanto, que só temerariamente é que se poderá afirmar ou crer — como a alguns pareceu e parece ainda — que a Igreja não sofrerá, até ao tempo do Anticristo, outras mais perseguições, além das já suportadas, em número de dez, de maneira que a décima primeira e última será a do Anticristo. Contam-se, na verdade, as seguintes: a primeira foi a de Nero, a segunda de Domiciano, a terceira de Trajano, a quarta de Antonino, a quinta de Severo, a sexta de Maximino, a sétima de Décio, a oitava de Valeriano, a nona de Aureliano e a décima de Diocleciano e de Maximiniano. Pensam que as pragas infligidas ao Egipto antes de o povo de Deus começar a sair de lá, porque foram dez, devem ser entendidas neste sentido, de forma que a última, a do Anticristo, corresponderia à décima primeira praga, em que os egípcios, quando seguiam em perseguição dos hebreus, pereceram no Mar Vermelho, ao passo que o Povo de Deus o passava a pé enxuto. Mas, quanto a mim, julgo que não podem estar as perseguições simbolizadas profeticamente naqueles acontecimentos passados no Egipto. Por mais hábeis e engenhosas que pareçam, aos que isto julgam, as correspondências entre cada uma daquelas e cada uma destas, não provêm elas do Espírito profético, mas da conjectura da mente humana, que umas vezes chega à verdade e outras vezes se engana.

Na verdade, que é que dirão os que assim pensam da perseguição em que o próprio Senhor foi crucificado? Em que número a põem? Se querem exceptuar esta e que se contem apenas as que se referem ao corpo e não aquela em que foi atacada e morta a própria cabeça — que dirão daquela que, depois de Cristo ter subido ao Céu, surgiu em Jerusalém — em que foi lapidado o bem-aventurado Estêvão;

— em que foi morto pela espada Tiago, irmão de João;

— em que o apóstolo Pedro foi aprisionado para ser entregue à morte e libertado por um Anjo;

— em que os irmãos foram expulsos de Jerusalém e dispersos;

— em que Paulo, que posteriormente se tornou apóstolo, devastava a Igreja,

— e em que ele próprio sofreu o que antes fazia sofrer, quando já evangelizava a fé que antes perseguira, quer na Judeia, quer entre os gentios, por onde quer que, cheio de fervor, anunciava Cristo? Porque é que lhes parece que se deve principiar por Nero, quando a Igreja crescendo chegou aos tempos de Nero no meio das mais atrozes perseguições, que seria muito longo a todas referir? E se pensam que devem contar-se no número das perseguições as feitas pelos reis, o rei Herodes foi quem também, depois da ascensão do Senhor, desencadeou uma bem grave.

E, depois, que dizem eles acerca de Juliano, que não enumeram entre os dez? Não perseguiu também ele a Igreja, ele que proibiu que os cristãos ensinassem e aprendessem as artes liberais? Durante o seu governo, Valentiniano, o Maior, que foi o terceiro Imperador depois dele, fez-se notar como confessor da fé cristã e foi expulso do exército. E não refiro o que em Antioquia ele tinha começado a realizar (e teria levado a cabo) se não lhe tivesse causado medo e admiração a liberdade e alegria com que, no meio dos tormentos das unhas de ferro, cantava um jovem de grande piedade e constância, um dos muitos aprisiona-

dos para serem submetidos ao tormento e que foi o primeiro a suportá-lo durante o dia inteiro — o que o levou a reçar e sentir-se ainda mais envergonhado perante os demais.

Por fim, já no nosso tempo, o ariano Valente, irmão do mencionado Valentiniano, não desolou a Igreja Católica com uma grande perseguição nas províncias do Oriente? Como qualificar a posição de se não tomar em consideração o facto de a Igreja, que cresce e dá frutos no mundo inteiro, poder sofrer da parte dos reis perseguição em certas regiões e não as sofrer noutras? Será que talvez se não deva contar como perseguição quando o rei godo, na própria Gótia, perseguiu com espantosa crueldade os cristãos ao tempo em que aí só havia católicos? Muitos deles receberam a coroa do martírio, como ouvimos de alguns irmãos que eram então meninos e se recordam perfeitamente de lá terem presenciado estes factos. Que é que aconteceu há pouco na Pérsia? Não se assanhou a tal ponto a perseguição contra os cristãos (se é que terminou), que, fugindo de lá, muitos chegaram até às fortalezas romanas?

A mim, que penso nestas coisas e outras de igual tipo, não me parece que se deva limitar o número de perseguições com que a Igreja terá que ser experimentada. Mas não é temeridade menor afirmar que ela sofrerá outras por parte dos reis além da última de que nenhum cristão duvida. É por isso que nós deixamos a questão em suspenso sem tentarmos afirmar ou destruir nenhuma das duas partes, mas afastando apenas a presunção audaciosa de afirmar qualquer delas.

CAPÍTULO LIII

A nenhum homem foi revelada a época da última perseguição.

A última perseguição — a do Anticristo — será o próprio Jesus que a extinguirá com certeza pela sua presença. Efectivamente, está escrito que

*matá-lo-á com o sopro da sua boca e fá-lo-á desaparecer com o esplendor da sua presença*¹.

A este propósito, costumam perguntar: quando será isso? Pergunta totalmente deslocada. Se nos pudesse interessar sabê-lo, por quem podia ter sido dito melhor do que pelo próprio Deus, quando, como mestre, respondia aos discípulos que O interrogavam? Com efeito, eles não estavam calados junto d'Ele, mas, d'Ele presente, procuraram sabê-lo, perguntando:

*Senhor, será agora que Tu restabelecerás o reino de Israel?*²

Mas Ele disse-lhes:

*Não é a vós que compete conhecer a época que o Pai reservou em seu poder*³.

Na verdade, quando receberam esta resposta, não Lhe perguntaram nem a hora nem o dia nem o ano, mas apenas a

¹ *eum interficiet spiritu oris sui et evacuabit inluminatione praesentiae suae.*

II Tessal., II, 8.

² *Domine, si hoc tempore repraesentabis regnum Israel?*
Act. dos Apóst., I, 6.

³ *Non est vestrum scire tempora, quae Pater posuit in sua potestate.*
V. supra nota 2.

época. É, portanto, em vão que tentaremos calcular ou limitar os anos que restam a este século, quando ouvimos da boca da Verdade que não nos compete sabê-lo. Todavia, alguns afirmaram que podiam decorrer, desde a Ascensão do Senhor até à sua última vinda, quatrocentos, outros que quinhentos e outros mesmo, mil anos. Seria longo e até desnecessário expor o motivo em que cada um baseia a sua opinião. Apoiam-se em conjecturas humanas, sem que por eles seja alegado nada de certo com a garantia da Escritura canónica. Pelo contrário, cansam-se os dedos dos que sobre esta questão fazem os seus cálculos e ordena-lhes que estejam tranquilos aquele que diz:

*Não é a vós que compete conhecer a época que o Pai reservou em seu poder*³.

Mas, como é uma sentença evangélica, não é de admirar que ela não tenha impedido os adoradores dos muitos e falsos deuses de fingirem que oráculos dos demónios, que eles veneram como deuses, tenham assegurado quanto tempo iria durar a religião cristã. Realmente, ao verem que tão grandes perseguições a não tinham podido destruir, mas antes que com elas tinha adquirido um admirável incremento, imaginaram não sei que versos gregos, como dados por um oráculo divino a um certo consulente, em que certamente consideravam Cristo inocente desta espécie de crime sacrílego, mas acrescentavam que Pedro conseguiu com malefícios que o nome de Cristo seria venerado durante trezentos e sessenta e cinco anos e, esgotado este famoso número de anos, chegaria sem demora ao fim⁴.

⁴ Nos últimos anos da Antiguidade, circulavam várias recoltas de oráculos, umas organizadas por judeus ou mesmo cristãos, com fins apologeticos, outras organizadas pelos próprios pagãos, com o fim de favorecerem a passagem do paganismo decadente e inconsistente a um sincretismo religioso que travasse o avanço avassalador do cristianismo, originário dum judaísmo odiado.

Um destes era o oráculo, certamente recolhido por mão pagã, referido por Santo Agostinho, de que a religião cristã, após um vitorioso

Ó corações dos homens sapientes! Ó literatos de génio, capazes de acreditar nestas coisas acerca de Cristo mas que não quereis acreditar em Cristo! Pedro, seu discípulo, não teria aprendido d'Ele as artes mágicas, mas, sem Ele o saber, foi como que o seu feiticeiro e, com as suas artes mágicas, com os seus trabalhos e os seus perigos, enfim, com o derramamento do seu sangue, preferiu que fosse mais amado do que o seu o nome d'Ele. Se Pedro, o

esplendor, viria a morrer decorrido um «grande ano» de vida, ou sejam 365 anos, que o mesmo é que dizer um ano de anos.

Na opinião de Jean Hubeaux (in *Collect. Latomus*, t. II, Brux., pp. 140 e 158), este oráculo resultaria de certas posições montanistas e do sacrificio de uma criança — *puer anniculus* — de 365 em 365 anos e teria por autor um pagão das relações do Imperador Juliano ou, na opinião de L. Herrmann (in *Annuaire de l'Institut de philosophie et d'histoire Orientales et Slaves*, t. X, 1950, p. 329), de um pagão das relações do usurpador Eugénio. Herrmann chega mesmo a identificar esse pagão com o historiador Virius Nichomachus Flavianus.

Por mera curiosidade se acrescenta que Herrmann verificou que, se juntarmos os referidos 365 anos aos 29 depois de Cristo, (como fez Santo Agostinho) data do consulado dos dois Géminos, cairemos no ano de 394 e não no consulado de Flávio Mânlio Teodoro, que foi em 399. A não ser, continua Herrmann, que o cálculo seja feito a partir do consulado de Sulpício Galba e Cornélio Sulla Félix, no ano 33.º da nossa era — pois em tal caso cairíamos em 398.

Sobre este assunto, poderão ser consultadas, além das acima citadas, as obras de:

Jean Hubeaux — *Rome et Véies*, Pa. 1958;

— *La crise de la 365.^e année* (no t. XVII de *Antiquité classique*, Brux., 1948;

— *Bulletin de la classe de Lettres et des Sciences morales et politiques*, t. XL;

Pierre Courcelle — t. I de *Recherches augustiniennes*, Pa., 1958.

Interessa ainda a consulta às obras de Santo Agostinho:

— *Contra Faustum*, XII, 45 e XXVIII, 4;

— *De Consensu evangelistarum*, I, VIII, 13; IX, 15; X, 16; XXXII, 50 e XXXIV, 50 e seguintes;

— *Enar. in ps.*, 40 — I, 57;

— *Enar. in ps.*, 70;

— *Sermo 2* — IV, 30.

V. ainda a nota 4 do Cap. LIV deste Livro XVIII.

mago, fez com que o Mundo tanto amasse Cristo, — que fez o inocente Cristo para que assim O amasse Pedro? Respondam, pois, a si próprios, se forem capazes, e compreendam que foi pela graça do Alto que o Mundo, por causa da vida eterna, amou Cristo e que, para receber d'Ele a vida eterna e sofrer por Ele até à morte temporal, é que Pedro amou Cristo. Depois, que deuses são esses que podem pre-dizer, mas não podem evitar essas coisas, pois sucumbem a um só mago e a um só crime mágico pelo qual, como eles dizem, um menino de um ano teria sido morto, esquartejado e sepultado segundo um rito abominável, sucumbem, repito, ao ponto de permitir que uma seita sua inimiga se tenha podido fortificar durante um período tão longo, vencer, não lhes resistindo mas suportando-as, as horrendas crueldades de tantas e tão grandes perseguições, e chegar por fim a destruir os templos dos seus ídolos e dos seus oráculos sagrados? Finalmente, que deus é esse — deles que não nosso — que foi atraído ou compelido por tão grande crime a cometer essas coisas?

Porque não foi a um demónio mas a um deus, dizem os citados versos, que Pedro as impôs com a sua arte mágica. É a um tal deus que têm por deus os que não têm Cristo por Deus.

CAPÍTULO LIV

Insensatíssima mentira dos pagãos, segundo a qual, imaginaram eles, a religião cristã não ultrapassaria os trezentos e sessenta e cinco anos.

Poderia aceitar estas e muitas outras histórias do mesmo género se ainda não tivesse passado o ano que uma falsa adivinhação prometeu e em que uma iludida ingenuidade acreditou. Mas como, desde que o culto do nome de Cristo foi por Ele mesmo, presente na sua carne, e pelos seus apóstolos, instituído, já se contam mais de trezentos e sessenta e cinco anos, — que outro argumento havemos de procurar para refutar esta falsidade?

Embora não ponhamos o começo deste culto no nascimento de Cristo, porque enquanto criança e jovem não tinha discípulos, todavia, quando começou a tê-los, a doutrina e a religião cristãs manifestaram-se então pela sua presença corporal, isto é, depois de ter sido baptizado no rio Jordão pelo ministério de João. Por isso se tinha antecipado aquela profecia a seu respeito:

*Ele estenderá o seu domínio desde um mar até ao outro mar e desde o rio até aos confins do orbe da Terra*¹.

Mas, porque, antes da sua paixão e ressurreição de entre os mortos, a fé ainda não tinha sido anunciada a todos (na

¹ *Dominabitur a mari usque ad mare et a flumine usque ad terminos orbis terrae.*

Salmo LXXI (LXXII), 8.

verdade foi anunciada na ressurreição de Cristo, como o apóstolo Paulo anunciou aos atenienses ao dizer-lhes:

*(Deus) anuncia agora a todos os homens, em toda a parte, que façam penitência, porque fixou o dia em que, com justiça, há-de julgar o mundo por um Homem que determinou, oferecendo a todos um motivo de crédito com tê-lo ressuscitado dos mortos*²,

é melhor, para resolvermos esta questão, partirmos daí (da ressurreição) — principalmente porque foi então que o Espírito Santo nos foi dado, como convinha que fosse dado depois da ressurreição de Cristo na cidade onde teve de começar a segunda lei, isto é, a Nova Aliança. A primeira veio, com efeito, do Monte Sinai por intermédio de Moisés — e chama-se Antiga Aliança. Mas acerca da que devia ser-nos dada por intermédio de Cristo, foi assim anunciado:

*De Sião sairá a lei, de Jerusalém a palavra do Senhor*³.

Também Ele disse que era preciso pregar a penitência em seu nome a todos os povos, mas a começar por Jerusalém. Foi, portanto, aí que começou o culto do seu nome, ou seja, a crer-se em Jesus Cristo, que foi crucificado e ressuscitou. Foi aí que esta fé começou a brilhar com sinais tão vivos de fervor que muitos milhares de homens se converteram ao nome de Cristo com admirável prontidão, venderam os seus bens para os distribuírem pelos pobres, chegaram por um santo propósito e uma ardentíssima caridade à pobreza voluntária e, no meio de judeus frementes e sequiosos de sangue, prepararam-se para combater até à morte pela verdade, não pela força das armas mas com a

² *Jam nunc adnuntiat hominibus omnes ubique agere paenitentiam, eo quod statuit diem judicare orbem in aequitate in viro quo difinivit fidem omnibus resuscitans illum a mortuis).*

Act. dos Apóst., XVII, 30-31.

³ *Ex Sion lex prodiet et verbum Domini ex Hierusalem.*
Isaías, II, 3.

paciência, que é mais poderosa. Se isto se pôde fazer sem quaisquer artes mágicas, porque duvidam em acreditar que, com o mesmo poder divino com que foi feito, se possa isso fazer por todo o mundo? Mas, se foi o dito malefício de Pedro que fizera com que em Jerusalém, para prestar culto ao nome de Cristo, se acendeu tão grande multidão de homens que o tinha, depois de preso, cravado numa cruz e que d'Ele, preso na cruz, tinha zombado, — então deve-se investigar quando é que se cumpriram, a partir dessa data, os trezentos e sessenta e cinco anos.

Ora Cristo morreu ao oitavo dia antes das calendas de Abril, sob os consulados dos dois Géminos⁴. Ressuscitou ao

⁴ *Ano da morte de Cristo*

Santo Agostinho segue sem titubear uma velha tradição de que a morte de Cristo se teria verificado no ano 29 da nossa era. Efectivamente, segundo Santo Hipólito (in *Comment. in Daniel*), a morte de Cristo verificou-se ao dia 8 antes das calendas de Abril no consulado de Caio Fufo Gémino e Lúcio Rubélio Gémino, ou seja, de facto, segundo os cálculos dos peritos em assuntos de cronologia, em 25 de Março (sexta-feira) do ano 29.

Também segundo Tertuliano (*Adversus Judaeos* — 8), *passio perfecta est sub Tiberio Caesare, consulibus Rubellio Gemino et Fuffo Gemino, mense Martio, temporibus Paschae, die octavo Kal. aprilis, die prima azymorum* (^a), ou seja, em sexta-feira, 25 de Março do ano 29.

Também Lactâncio (in *Divin. Instit.*, IV, X, 18 — VI) refere que a morte de Cristo se verificou no consulado dos dois Géminos, no décimo quinto ano de Tibério, mas no *decimo Kalendas aprilis (sic)*, ou seja, no dia 23 e não no dia 25 de Março; a ressurreição é que se teria verificado no dia 25 de Março desse ano 29 da era cristã.

Já nos finais do séc. IV, Quinto Júlio Hilarinus afirma que a Paixão de Cristo se verificou no décimo quinto ano de Tibério (28/29), porque *eo quippe anno ut supputationis fides ostendit et ratio ipsa persuadet, passus est idem Dominus Christus, luna quarta decima, octavo Kalendas aprilis, feria sexta* (^b) (*Pat. Lat.*, XIII).

Santo Agostinho segue a opinião de Santo Hipólito porque *octavo enim Kalendas aprilis conceptus est creditur quo et passus* (^c) (*De Trinitate*, IV, 5, in P. L. XLII) e acrescenta *id est novem menses et sex dies, qui computantur ab octavo Kalendas aprilis, quo die conceptus Dominus creditur, quia eodem die etiam passus est usque ad octavum Kalendas Januariarum, quo die natus est* (^d).

Sobre o assunto, v. M. Richard — *Mélanges de Science religieuse*,

terceiro dia, como o verificaram os Apóstolos com os seus próprios sentidos. A seguir, subiu ao Céu quarenta dias depois; e dez dias depois, isto é, cinquenta depois da sua ressurreição, enviou o Espírito Santo. Foi então, perante a pregação dos Apóstolos, que três mil homens creram n'Ele. Foi também então que começou o culto do seu nome sob a acção do Espírito Santo, como nós acreditamos e é verdade — ou, como o imaginou ou acreditou a ímpia loucura, pelas artes mágicas de Pedro. Foi também pouco depois, ao acontecer aquele espantoso milagre, quando na verdade, à voz do mesmo Pedro, um certo mendigo, de tal forma coxo desde o ventre materno que tinha que ser por outros transportado e deixado à porta do Templo para pedir esmola, se levantou, curado, em nome de Jesus Cristo, — que cinco mil homens acreditaram; e, logo a seguir, com sucessivas adesões, a Igreja dos crentes foi aumentando. E por aqui se chega também ao conhecimento do dia em que começou esse primeiro ano, ou seja, em que foi enviado o Espírito Santo: os idos de Maio⁴. Portanto, calculados pela sucessão dos cônsules, os trezentos e sessenta e cinco anos encontram-se completos nos mesmos idos (15 de Maio), no consulado de Honório e de Eutiquiano.

VIII, pp. 20-22; Giuseppe Ricciotti — *Vida de Jesus Cristo*, trad. do ital. para Castelhano por Juan G. de Luaces, 5 ed. de Barcelona, 1951, pp. 603 e segs.

(^a) «A Paixão verificou-se sob o reinado de Tibério César, quando eram cônsules Rubélio Gémino e Fufô Gémino, no mês de Março, por alturas da Páscoa, no oitavo dia antes das calendas de Abril, no primeiro dia dos ázimos.»

(^b) «Realmente, nesse ano, como no-lo mostra o cômputo digno de confiança e a própria razão nos convence, o mesmo Cristo Senhor padeceu, numa sexta-feira, no dia oitavo antes das calendas de Abril, na décima quarta lua.»

(^c) «Foi no oitavo dia antes das calendas de Abril que Ele foi concebido e foi também em tal dia que padeceu.»

(^d) «isto é, nove meses e seis dias contados desde o oitavo dia antes das calendas de Abril — crê-se que o Senhor padeceu no mesmo dia da sua concepção — até ao dia em que nasceu, que foi no oitavo antes das calendas de Janeiro.»

Ora, não foi necessário averiguar o que porventura se passou nas outras partes da Terra no ano seguinte, quando era cônsul Málio Teodoro, quando já nada da religião cristã devia subsistir, segundo aquele oráculo dos demónios ou ficção dos homens; — o que por agora sabemos é que em Cartago, a mais conhecida e a mais eminente cidade de África, Gaudêncio e Jóvio, condes do imperador Honório, no dia décimo quarto antes das calendas de Abril, (19 de Março) destruíram os templos dos falsos deuses e quebraram os seus ídolos. Desde então até aos nossos dias, durante quase trinta anos, quem é que não vê quanto o culto do nome de Cristo aumentou, principalmente depois de se tornarem cristãos muitos daqueles que, desviados da fé pelo vaticínio que julgaram verdadeiro, viram, depois de completado o dito número de anos, que era ridículo e vão?

Mas nós, que somos e nos chamamos cristãos, não cremos em Pedro, mas naquele em quem Pedro acreditou; edificados pelos discursos de Pedro acerca de Cristo, não estamos envenenados por encantamentos; não somos enganados por malefícios seus, mas somos, sim, ajudados pelos seus benefícios. Esse Cristo que foi mestre de Pedro em doutrina que conduz à vida eterna, — esse é que é também o nosso mestre.

Mas, até que enfim, acabemos já com este livro em que expusemos e, tanto quanto parecia suficiente, demonstrámos qual é o desenrolar, nesta vida mortal, das duas Cidades, a Celeste e a Terrestre, misturadas desde o princípio até ao fim; uma delas, a Terrestre, foi ela mesma quem para si fabricou os falsos deuses que lhe apeteceu, tomando-os donde quer que seja, mesmo de entre os homens, para os honrar com sacrificios; mas a outra, — a Celeste, que na Terra vai peregrinando, não faz falsos deuses, mas ela própria é feita pelo verdadeiro Deus, de quem ela mesma é o verdadeiro sacrificio. Ambas, porém, ou gozam igualmente dos bens temporais, ou igualmente sofrem os males temporais, com diversa fé, diversa esperança, diverso amor, até que, no último Juízo, sejam separadas e obtenha cada uma o seu próprio fim que não tem fim.

Destes fins de ambas se tratará a seguir.

LIVRO XIX

Trata-se neste livro dos fins de ambas as Cidades — da Terrestre e da Celeste.

Acerca dos bens e males supremos, revêem-se as opiniões dos filósofos que têm pretendido, mas em vão, encontrar a felicidade nesta vida.

Ao mesmo tempo que, com certo trabalho, se refutam esses filósofos, mostra-se também que felicidade e que paz espera a Cidade Celeste, isto é, o Povo Cristão, assim como a que aqui pode esperar.

CAPÍTULO I

A propósito da questão ventilada na discussão filosófica acerca dos bens e males supremos, Varrão descobriu que se podem encontrar duzentas e oitenta e oito seitas (*secta*).

Já que me vejo na obrigação de tratar agora dos fins devidos às duas Cidades, isto é, à Celeste e à Terrestre, devo começar por expor, na medida em que o permitirem os limites impostos pelo plano desta obra, os fundamentos sobre os quais os mortais procuram constituir a sua felicidade na infelicidade desta vida. Desta maneira se tornará mais clara a diferença que separa a nossa esperança (aquela que Deus nos deu) dos seus bens sem conteúdo, mas também a diferença que separa o cumprimento dessa esperança (isto é, a verdadeira felicidade que Ele nos proporcionará) desses bens sem conteúdo. Apoiar-me-ei, não apenas na autoridade divina, mas também na razão — o que me permito por causa dos descrentes.

Acerca dos bens e males supremos (*de finibus bonorum et malorum*)¹, muitas coisas e de muitas maneiras discutiram entre si os filósofos. Pondo nesta questão a máxima aten-

¹ A expressão que vem no texto latino *bonorum et malorum fines* traduzi-a por *bens e males supremos*, porque, como claramente resulta do contexto, o termo *fines* não significa, neste passo, aquilo para que o bem ou o mal «tendem», não tem significado teleológico, mas sim o de *termo*, de *final*, do bem e do mal, para além do qual mais bem ou mal não há. Assim, o *termo*, o *final* do bem e do mal será o último bem ou o último mal, ou seja, o *bem supremo* ou o *mal supremo*.

ção, têm eles procurado encontrar o que poderá tornar o homem feliz. Ora o nosso último (supremo) bem é aquele por causa do qual os demais devem ser desejados, mas ele próprio deve ser desejado por causa de si próprio — e o último mal (mal supremo) é aquele por causa do qual todos os demais devem ser evitados, mas ele próprio deve ser evitado por causa dele próprio. Nós agora chamamos bem final, (= último bem, bem supremo, *finem boni*), não àquilo por que o bem se aniquila a ponto de não mais existir, mas àquilo por que é acabado para ter a sua plenitude; e chamamos mal final, (= último mal, mal supremo, *finem mali*), não àquilo por que ele deixa de ser, mas àquilo pelo qual consoma o seu dano. Estes fins, (limites, pontos extremos) são pois o sumo bem e o sumo mal.

Como acima disse, foi a descobri-lo, foi a procurar encontrar nesta vida o bem supremo e evitar o supremo mal, que muito têm labutado os que, na vaidade deste século, se têm dado ao estudo da sabedoria. Todavia, embora se tenham de diversas formas extraviado, os limites da sua natureza não permitiram que eles se afastassem do caminho da verdade ao ponto de não porem os bens supremos e os males supremos, uns na alma, outros no corpo, outros numa e noutra. A partir desta como que tripartida distribuição geral das seitas (*secta*), Marco Varão, no seu Livro acerca da Filosofia, consegue descobrir, depois de uma análise minuciosa e subtil, tão grande variedade de doutrinas, que chega com toda a facilidade a contar, mercê de certas distinções, duzentas e oitenta e oito escolas, não digo já existentes mas possíveis.

Para o mostrar resumidamente, convém que eu parta deste princípio que ele assinala no citado livro: — há quatro coisas que os homens buscam como que naturalmente, sem mestre, sem a ajuda de doutrinas, sem a perícia ou a arte de viver a que se chama virtude, mas que se aprendem sem titubear:

— o *prazer* com que deleitosamente se exercem os sentidos do corpo;

— a *tranquilidade*, pela qual se consegue que de nenhum mal-estar do corpo se padeça;

— uma e outra coisa, a que Epicuro dá porém um só nome — o de *volúpia*;

— os bens primários da natureza em geral, entre os quais estão os bens já citados e outros, tais como:

no corpo — a integridade dos membros, a saúde, a sua boa constituição,

e na alma — por exemplo, os dons, maiores ou menores, que se encontram no espírito dos homens.

Ora, estas quatro coisas — o prazer, a tranquilidade, ambos tomados como um todo, os bens primários da natureza — de tal forma estão em nós, que a virtude, inculcada mais tarde por diversas doutrinas, se há-de buscar por causa delas, ou então elas por causa da virtude, ou então uma e outras por causa de si próprias. Daqui se obtêm doze tendências, porque, por esta distinção, cada uma das quatro se multiplica por três. Vou mostrá-lo em relação a uma, e não será difícil vê-lo em relação às restantes.

Assim, quando o prazer do corpo é subordinado, preferido ou associado à virtude da alma, triplica-se a variedade das tendências. Ora, o prazer subordina-se à virtude quando o põem ao serviço da virtude. Realmente, entra no âmbito da virtude viver para a pátria e gerar filhos para a pátria; nem uma coisa nem outra se pode cumprir sem o prazer do corpo, pois sem ele nem se comeria nem se beberia para viver, nem se coabitaria para a descendência se propagar.

Quando, pelo contrário, preferimos o prazer à virtude, procuramo-lo por causa dele próprio e julgamos que devemos servir-nos da virtude por causa dele: a virtude nada mais faz do que procurar e conservar o prazer do corpo. Hedionda vida, na verdade, é esta, em que a virtude é escrava dum prazer dominador. (O certo é que já se lhe não pode chamar virtude). Mas até esta horrível torpeza teve os seus patronos e defensores entre os filósofos.

Finalmente, o prazer associa-se à virtude quando se não busca nem um nem outro por causa do outro ou outra mas, cada um por causa de si próprio. Subordinado, preferido, associado à virtude, o prazer dá azo a três tendências; da mesma maneira, a tranquilidade, o prazer e a tranquilidade juntos e os bens primários da natureza voltam a formar três tendências. Realmente, conforme a variedade das opiniões humanas, umas vezes subordinam-se, outras vezes preferem-se, outras vezes associam-se — e assim se chega ao número de doze tendências.

Mas este número duplica-se se lhe juntar um outro aspecto, ou seja o da vida social, porque qualquer que adira a uma destas doze tendências, com certeza que o faz ou apenas por sua causa ou também por causa de um associado para quem deve querer o que para si quer. É por isso que se contam doze tendências dos que julgam dever aderir cada um à sua por causa apenas do seu próprio interesse — e doze dos que julgam dever seguir tal ou tal filosofia não apenas por sua própria causa mas também por causa de outros cujo bem procuram como se seu fosse.

Estas vinte e quatro tendências desdobram-se por sua vez, para darem quarenta e oito, se lhes juntarmos uma distinção que vem dos Novos Académicos. Realmente, das vinte e quatro tendências — um pode seguir e defender a opinião, como certa, à maneira dos estóicos, que sustentam que o bem do homem, capaz de o tornar feliz, consiste apenas na virtude da alma; outro pode seguir e defender a opinião como incerta, à maneira dos Novos Académicos, a quem isto se apresenta, não como certo, mas pelo menos como verosímil. Há pois vinte e quatro, formadas pelos que as têm como certas e a elas aderem porque são verdadeiras — e outras vinte e quatro formadas pelos que, embora tendo-as por incertas, a elas aderem porque são verosímeis.

Mas, como cada um pode ainda abraçar cada uma destas quarenta e oito tendências seguindo o estilo de vida dos cínicos e o estilo de vida dos demais filósofos, com

esta distinção duplica-se o número das tendências, formando noventa e seis.

Por fim, os homens podem seguir e defender qualquer uma destas tendências: —

— quer porque gostam da vida despreocupada, como os que se não quiseram consagrar senão ao estudo das doutrinas e nisso foram bem sucedidos,

— quer porque gostam da vida de negócios, como os que, ocupando-se embora da filosofia, se entregaram totalmente à administração da República e à direcção dos negócios humanos,

— quer porque gostam da vida mista daqueles dois géneros, como os que alternadamente partilham o seu tempo entre os ócios do estudo e a necessidade dos negócios. De acordo com estas distinções, o número de tendências pode triplicar, chegando a duzentas e oitenta e oito.

Estas ideias fui colhê-las ao livro de Varrão e expul-las, tanto quanto me foi possível com brevidade e clareza, por palavras minhas.

Seria muito longo expor pormenorizadamente

— como é que ele rejeita todas as tendências para se apegar apenas a uma, que pretende seja a dos Antigos Académicos (ele quer fazer crer que desde Platão, seu fundador, até Pólemon, que, depois dele, foi o quarto chefe desta escola chamada Academia, eles professaram princípios certos, e por este motivo distingue-os dos Novos Académicos, para quem nada é certo — concepção filosófica que principiou com Arcesilau, sucessor de Pólemon),

— e como é que ele julga que esta tendência, isto é, a dos Antigos Académicos, está isenta de dúvida e de qualquer erro.

Antes do mais, portanto, ele arreda todas essas diferenças que multiplicaram o número de tendências, e julga que devem ser arredadas porque não está nelas o bem supremo. É de opinião de que se não deve chamar filosófica uma tendência que não se distinga das outras por uma concepção diferente dos bens e dos males supremos (*fines*

bonorum et malorum). Na verdade, para o homem, nenhuma outra razão para filosofar existe senão a de ser feliz. Mas o que o torna feliz é o bem último (*finis boni*). Não há, pois, outra razão para filosofar senão o bem último — e é por isso que se não pode denominar filosófica a tendência que nenhum bem supremo busca. Quando, portanto, se pergunta, a propósito da vida social,

se o sábio deve praticá-la para nela procurar e realizar o bem supremo (*summum bonum*) do seu amigo como seu próprio bem, bem pelo qual se torna feliz,

ou se, ao contrário, tudo o que fizer deve fazê-lo apenas por causa da sua felicidade própria,

— não é isto uma questão acerca do próprio bem supremo (*Summo bono*), mas de saber se se deve admitir ou não se deve admitir um companheiro na partilha deste bem, para que o goze, não como bem dele, mas como seu próprio bem.

Da mesma forma, quando se pergunta, no caso dos Novos Acadêmicos, para quem nada é certo, se devemos duvidar dos objectos de que trata a filosofia ou se devemos tê-los por certos, como pensam outros filósofos,

— não se trata de saber em que consiste o bem supremo a atingir, mas se se deve ou não pôr em dúvida a verdade que julgamos dever procurar; isto é, para me exprimir com mais clareza: se se deve buscar com a mesma disposição daquele que segue a tendência que afirma ser ele verdadeiro, ou com a disposição daquele que afirma que ele lhe parece verdadeiro, ainda que talvez seja falso, embora seja um só e mesmo bem o que ambos procuram.

Na diferença proposta pelas maneiras e costumes dos cínicos, não se pergunta também qual seja o bem supremo, mas sim se deve viver segundo essas maneiras e costumes aquele que busca o verdadeiro bem, qualquer que seja esse bem e qualquer que seja a ideia que se faça da sua verdade.

Também houve até os que, embora buscassem diferentes bens supremos — uns, a virtude e outros, o prazer —,

mantinham, todavia, as mesmas maneiras e os mesmos costumes, pelo que lhes chamaram cínicos também. Seja o que for que distingue, portanto, os cínicos dos outros filósofos — isso, de certo, nenhuma importância tinha para a escolha e a posse do bem que os tornaria felizes. Com efeito, se isso tivesse alguma relevância para o caso, então as mesmas maneiras obrigariam a tender para o mesmo fim, e maneiras diversas não permitiriam que se procurasse o mesmo fim.

CAPÍTULO II

Como Varrão, afastando todas as diferenças que não constituem seitas e mais não são que problemas, chega a três definições do bem supremo, mas das quais se tem que escolher apenas uma.

Também destes três géneros de vida — um, o do lazer não passado na indolência mas na contemplação ou na busca da verdade, o outro, ocupado em gerir os negócios humanos, e o terceiro, formado de um e outro género, bem proporcionados — não se levanta uma controvérsia acerca do bem supremo, mas antes o que se discute é qual destes três géneros oferece dificuldades ou facilidades para a conquista e conservação do bem supremo. De facto, logo que alguém o atinja, imediatamente o sumo bem o torna feliz. Mas, nem o lazer dos estudos, nem nos negócios públicos, nem quando se exercem alternadamente um e outro — ninguém se torna logo feliz. Muitos, na verdade, podem viver em qualquer destes géneros de vida e errar na busca do supremo bem que torna um homem feliz. Uma é, pois, a questão acerca dos bens e dos males definitivos, que caracteriza cada seita filosófica, e outras são essas questões acerca da vida social, acerca da dúvida dos Académicos, acerca da maneira de vestir e de viver dos cínicos, acerca dos três géneros de vida — contemplativo, activo e misto —. Deles, nenhum há em que se discuta acerca dos bens e dos males supremos.

É por isso que Marco Varrão, depois de ter chegado — baseado nas referidas quatro distinções, ou seja, nas tiradas da vida social, dos Novos Académicos, dos cínicos

e do tríplice género de vida — às duzentas e oitenta e oito escolas (e, pelo mesmo modo, podíamos juntar-lhes outras), arreda todas as que nenhuma questão acerca da busca do sumo bem põem, e não são, portanto, nem podem alcinhar-se de escolas,

e volta apenas às doze em que se pergunta qual é o bem do homem que, uma vez conseguido, o torna feliz, para mostrar que só uma delas é verdadeira e as outras falsas. De facto:

afastado o tríplice género de vida, suprimem-se duas partes desse número de escolas e ficam noventa e seis;

afastada a distinção proveniente dos cínicos, reduzem-se a metade e ficam quarenta e oito;

— afastemos ainda a distinção proveniente dos Novos Académicos, e só fica, de novo, metade, ou seja, vinte e quatro;

— afaste-se também a distinção baseada na vida social, e restam doze, das quais esta distinção tinha dobrado o número, para o elevar a vinte e quatro.

Acerca, porém, destas doze, não se pode dizer porque é que não se devem considerar como escolas. Realmente, nada mais nelas se investiga do que os bens e males supremos (*finis bonorum et malorum*). Encontrado o supremo bem, com certeza, por contraste, encontrado está o mal supremo. Mas, para se formarem estas doze escolas, multiplicam-se por três estes quatro conceitos — prazer, tranquilidade, a soma de ambos e os bens primários da natureza (*prima naturae*) a que Varrão chama bens primitivos. Mas, como, na verdade, cada um dos quatro pode, ora subordinar-se à virtude — e julga-se então que se devem procurar não por causa deles próprios mas para servirem a virtude,

ora ser preferido à virtude — e então considera-se a virtude necessária, não por causa de si própria, mas para adquirir e conservar esses bens,

ora associar-se um com o outro — e crê-se então que a virtude e estes bens são igualmente desejáveis,

o seu número de quatro multiplica-se por três, e chega-se às dóze escolas.

Mas, destes quatro conceitos, Varrão afasta três — o prazer, a tranquilidade e o conjunto de ambos —, não porque os reprove, mas porque os bens primários (*primigenia*) da natureza já contêm em si o prazer e a tranquilidade. Que necessidade há de desdobrar estas duas realidades em três — uma quando se busca o prazer, outra quando se busca a tranquilidade e uma terceira quando se buscam as duas juntas — se os bens primários da natureza já contêm em si estes bens e muito mais? Das três escolas, parece-lhe, portanto, que se deve averiguar, com cuidado, qual se deve escolher. De facto, a sã razão não permite ter por verdadeira mais que uma, quer ela esteja entre estas três ou noutra qualquer parte, o que mais tarde veremos. Entretanto, digamos, tão breve e claramente quanto nos for possível, como é que Varrão procede para escolher apenas uma das três. Estas três escolas, na verdade, formam-se assim:

quando se buscam os bens primários da natureza por causa da virtude,

ou quando se busca a virtude por causa dos bens primários da natureza,

ou quando se buscam uns e outra, isto é, os bens primários da natureza e a virtude por causa deles próprios.

CAPÍTULO III

Qual das três escolas que procuram o bem supremo do homem se decide Varrão a escolher, seguindo a doutrina da Antiga Academia de que Antíoco é o autor.

É por este método que Varrão tenta determinar qual destas três escolas é a verdadeira e se deve adoptar:

Primeiro que tudo, como o sumo bem, procurado em filosofia, não é o bem nem da planta nem do animal, nem de Deus, mas do homem, necessário se torna, julga ele, averiguar o que seja o homem.

Realmente, ele é de opinião de que na sua natureza há dois elementos: o corpo e a alma; e não tem a menor dúvida de que, destes dois, o melhor e o mais digno é a alma; mas pergunta:

— se só a alma é que é o homem — sendo o corpo, em relação a ela, o que o cavalo é para o cavaleiro (o cavaleiro não é o homem mais o cavalo, mas apenas o homem; todavia, chama-se cavaleiro porque tem certa relação com o cavalo),

— ou se só o corpo é que é o homem, comportando-se, em relação à alma, como o copo em relação à bebida (não se chama copo ao cálice mais à bebida que o cálice contém, mas apenas ao cálice, porque ele é feito para conter a bebida),

— ou ainda, se, nem a alma só, nem o corpo só, mas um e outro simultaneamente, é que são o homem, de que a alma e o corpo seriam cada um uma parte — e seria, portanto, constituído, ele todo, pelos dois, para ser homem (assim como nós chamamos uma biga a dois cavalos atre-

lados; deles, quer o da direita quer o da esquerda são parte da biga; de qualquer modo que estejam um para o outro, não chamamos biga a um só deles, mas a ambos ao mesmo tempo).

Destas três concepções, escolheu ele a terceira: considera que o homem não é nem apenas alma, nem apenas corpo, mas alma e corpo simultaneamente. Consequentemente, diz ele, o bem supremo do homem, pelo qual ele se torna feliz, resulta do bem de uma e de outro, ou seja, da alma e do corpo. E, devido a isto, julga que os bens primários da natureza merecem que se busquem por causa deles próprios, tal como a virtude que a educação inculca como uma arte de viver e que, de todos os bens da alma, é o mais excelente.

É por isso que a virtude, isto é, a arte de viver, quando recebeu os bens primários da natureza que existiam sem ela, e mesmo quando a educação ainda lhes faltava

esta virtude os buscava a todos por causa deles próprios, ao mesmo tempo que ela a si própria se buscava; ela serve-se de todos e de si própria, com o fim de em todos encontrar as suas delícias e a sua alegria;

regozija-se mais ou menos com todos, conforme cada um deles é maior ou menor, fazendo pouco caso dos menores, se a necessidade o exige, para adquirir e conservar os maiores. Contudo, de todos estes bens da alma e do corpo, nenhum há que a virtude ponha acima de si própria. Ela faz bom uso tanto de si própria como dos outros bens que tornam o homem feliz. Mas, onde ela não está, os outros bens, por muitos e bons que sejam, não concorrem para o bem de quem os possui — e por tal razão nem sequer se podem chamar seus bens, pois, para quem os usa mal, não podem ser úteis.

Diz-se, portanto, feliz esta vida humana que goza da virtude e dos outros bens da alma e do corpo, sem os quais a virtude não pode existir; e diz-se mais feliz ainda, se pode gozar desses bens, poucos ou muitos, sem os quais a virtude pode existir; mas, se goza de todos os bens, da

alma e do corpo, sem lhe faltar nenhum, então diz-se felicíssima. A vida não é, efectivamente, o mesmo que a virtude, porque não é virtude toda a vida, mas apenas a vida sábia. É verdade que qualquer vida pode existir sem qualquer virtude — mas a virtude é que não poderá existir sem vida. O mesmo poderei dizer da memória, da razão e de outras que tais faculdades do homem. Estas existem mesmo antes de todo o ensino. Sem elas, porém, nenhum ensino é possível — e, portanto, também não é possível a virtude, que também se aprende. Mas correr bem, ser belo de corpo, dispor de grandes forças físicas e de outras qualidades do mesmo jaez — são tais, que tanto a virtude pode existir sem elas como elas podem existir sem a virtude. Porém, são bens e, segundo os filósofos, a virtude por sua própria causa os ama e deles se serve e goza como à virtude convém.

Declaram que esta vida feliz é também a vida social em que se ama o bem dos amigos por si mesmo, como bem próprio seu e em que para eles se quer o que se quer para si — quer estes amigos vivam em casa, tais como os cônjuges e os filhos e todos os familiares; quer no lugar onde está a sua casa, tal como a cidade, onde estão aqueles a que chamamos cidadãos; quer na Terra inteira, como são os povos que a sociedade humana une a si; quer no próprio Mundo que se designa com o nome de Céu e Terra, tais como aqueles a que eles chamam deuses e pretendem que sejam os amigos do homem sábio e a que nós mais frequentemente chamamos anjos.

Mas, acerca dos bens supremos e, por opposição, dos males supremos (*de bonorum et malorum finibus*), afirmam que nenhuma dúvida deve existir; é precisamente neste ponto que, dizem eles, se afastam dos Novos Académicos. Mas já não lhes interessa que modo de vida e que vestuário se adapta, o dos cínicos ou o dos outros, para filosofar cada um acerca dos fins que tem por verdadeiros. Acerca dos três géneros de vida — contemplativo, activo, e misto de um e outro — afirmam que lhes agrada mais o terceiro.

Que são estas as opiniões e os ensinamentos dos Antigos Académicos é o que assevera Varrão em conformidade com Antíoco, mestre de Cícero e seu, embora pareça que Cícero, em muitos pontos, foi mais estóico do que velho académico. Mas, qual das duas coisas é que mais nos interessa: julgarmos as próprias realidades, ou ligarmos grande importância à opinião que cada um poderá ter acerca dos homens?

CAPÍTULO IV

O que pensam os Cristãos do bem supremo e do mal supremo, contrariamente aos filósofos que têm dito estarem eles próprios na posse do supremo bem.

Se de nós se procurar saber que é que a Cidade de Deus, interrogada acerca de cada uma destas questões, poderá responder, e, em primeiro lugar, qual a sua opinião acerca dos bens e males supremos (*de finibus bonorum malorumque*) ela responderá que o bem supremo (*summum bonum*) é a vida eterna e que a morte eterna é o mal supremo (*summum malum*) — e que, portanto, para conseguir aquela e evitar esta, devemos viver com rectidão. Por isso é que foi escrito:

*O justo vive da fé*¹,

pois nem vemos ainda o nosso bem — e por isso é preciso que o procuremos crendo; nem o próprio viver com rectidão nos vem de nós, mas antes, aos que crêem e oram, ajuda Aquele que dá a fé com que cremos que necessitamos de ser por ele ajudados.

Mas aqueles que julgaram que os bens e males últimos (*finis malorum et bonorum*) se encontram nesta vida, pondo o bem supremo (*summum bonum*) quer no corpo, quer na alma, quer simultaneamente num e noutra (para dizê-lo mais claramente: no prazer, na virtude ou num e noutra; na tranquilidade, na virtude, ou numa e noutra; no prazer e na tranquilidade simultaneamente, na virtude ou

¹ *justus ex fide vivit.*

Habacuc, II, 4. Cfr. Gál., III, 11.

nestas duas últimas; nos bens primários da natureza, na virtude, — esses quiseram, na sua espantosa insensatez, ser felizes cá e tornar-se felizes por si próprios. A verdade zombou deles por intermédio do profeta que disse:

*O Senhor conheceu os pensamentos dos homens*²,

ou, como o evidencia este testemunho do apóstolo Paulo:

*O Senhor conheceu os pensamentos dos Sábios e sabe que são vão!*³

Quem é, na verdade, capaz de descrever as misé-rias desta vida mesmo com rios de eloquência por maiores que eles sejam? Já Cícero, a propósito da morte da filha, se espraçou, no seu livro *De Consolatione*⁴, em lamentações acerca da vida da melhor maneira que lhe foi possível! Mas em que medida é que isso lhe foi possível? Realmente, os chamados bens primários da natureza — quando, onde e como é que eles se podem encontrar nesta vida sem estarem sujeitos à incerteza flutuante do acaso? Que dor contrária ao prazer, que inquietação contrária à tranquilidade não poderá cair sobre o corpo do sábio? Com certeza que a amputação ou a debilidade dos membros quebranta a integridade do homem, a disformidade a sua beleza, a doença a sua saúde, a fadiga as suas forças, o torpor ou lentidão a sua agilidade: haverá alguns destes males que não possa cravar-se na carne do sábio? O equilíbrio do corpo e dos seus movimentos, se forem elegantes e harmoniosos, contam-se entre os bens primários (*naturae prima*) da natureza; mas,

² *Dominus novit cogitationes hominum.*

Salmo XCIII, 11.

³ *Dominus novit cogitationes sapientium, quoniam vanae sunt.*

I Corínt., III, 20.

⁴ *De Consolatione*, «Acerca da Consolação», obra de Cícero, escrita quando da morte da sua filha Túlia, esposa de C. Dolabela. Conforme a tendência da época, nomeadamente dos estóicos (cfr. Sêneca, *Dialogorum libri duodecim*), Cícero procurou na reflexão filosófica lenitivo para a sua dor moral. Desta obra, que se perdeu, pode fazer-se uma ideia pelas *Tusculanae Disputationes*, que nela foram colher argumentos, e pela carta 60.^a de S. Jerónimo acerca da morte de Nepociano.

que acontecerá se alguma doença vier atingir os membros de tremor? Que acontecerá se as costas se dobrarem até as mãos chegarem ao chão, transformando o homem como que num quadrúpede? Não se destrói assim toda a beleza, toda a graça do porte e dos movimentos do corpo?

E que dizer dos chamados bens primordiais (*primigenia*) da alma, entre os quais se põem dois em primeiro lugar, em razão da percepção e da compreensão da verdade, os sentidos e a inteligência? Mas, de que qualidade e em que quantidade ficam os sentidos, se, sem falar no mais, o homem se tornar surdo e cego? E a razão, a inteligência, para onde se retira ela, onde é que pára adormecida se nos tornarmos loucos devido a qualquer doença? Quando os frenéticos dizem e fazem tantas coisas absurdas, a maior parte das vezes alheias e até contrárias aos seus propósitos e hábitos, quando isto pensamos, quando isto presenciamos e nisso reflectimos a valer, difficilmente podemos conter as lágrimas e talvez nem possamos contê-las. Que direi dos que sofrem os assaltos dos demónios? Onde é que têm escondida ou enterrada a sua inteligência, quando o espírito maligno se serve à vontade da alma e do corpo deles? E quem está seguro de que este mal não poderá acontecer, nesta vida, ao sábio? Depois, até que ponto é autêntica e total a percepção da verdade nesta carne, quando, como lemos no livro da Sabedoria, que não engana,

*o corpo corruptível pesa sobre a alma e esta morada de terra deprime a mente que muitas coisas pensa?*⁵.

Além disso, o impulso ou o desejo de agir, se é que assim se diz bem, em latim, aquilo a que os Gregos chamam ὁρμή, porque também a esta ὁρμή põem eles entre os

⁵ *Corpus corruptibile adgravat animam et deprimit terrena inhabitatio sensum multa cogitantem?*

Sabed. de Salom., IX, 15.

⁶ Evidentemente que, sendo, ὁρμή (ῆς) feminino, o demonstrativo «esta» teria de ser do mesmo género.

bens primários da natureza, — não está entre os loucos a origem de movimentos e de actos lastimáveis que nos horrorizam quando os sentidos se pervertem e a razão fica entorpecida?

A própria virtude, que se não encontra entre os bens primários da natureza pois é-lhes acrescentada posteriormente por meio da educação, embora reivindique para si o lugar mais elevado dos bens humanos, que faz ela cá, senão uma perpétua guerra aos vícios, não exteriores mas interiores, não alheios mas muito nossos e pessoais, —principalmente aquela virtude que se chama em grego σωφροσύνη, e em latim *temperantia* (*temperança*), pela qual são refreadas as paixões carnis, para que não levem o espírito a consentir em alguma torpeza? O vício existe efectivamente, pois, como diz o Apóstolo

*a carne tem desejos contra o espírito*⁷;

a este vício é contrária a virtude pois, como ele diz,

*o espírito tem desejos contra a carne*⁸.

Diz ele ainda:

*Efectivamente, elles lutam um contra o outro, de maneira que não fazeis o que quereis*⁹.

Mas, que queremos nós fazer, quando desejamos atingir a perfeição do bem supremo, senão que a carne não tenha desejos contra o espírito e que em nós não exista esse vício contra o qual o espírito tenha desejos? E, como nesta vida não somos capazes de o fazer, embora o queiramos, procuremos pelo menos, com a ajuda de Deus, não cedermos por desfalecimento do espírito à carne que deseja contra o espírito, e não nos deixarmos arrastar ao pecado livremente consentido. Longe de nós esteja, portanto, enquanto nesta guerra intestina, julgarmo-nos já na posse da beati-

⁷ *Caro concupiscit adversus spiritum.*

Gál., V, 17.

⁸ *Spiritus concupiscit adversus carnem.*

Id. Ib.

⁹ *Haec enim invicem adversantur, ut non ea quae vultis faciat.*

Id. Ib.

tução que queremos atingir pela vitória. E quem é tão sábio que já não tenha lutas com as paixões?

Que dizer daquela virtude chamada *prudência*? — Não consiste toda a sua vigilância em discernir o bem do mal, para que nenhum erro se insinue na busca daquele, na fuga a este, e não nos dá ela prova de que nós estamos no mal e o mal em nós? De facto, ela própria nos ensina que o mal está em consentirmos e o bem em não consentirmos no desejo de pecar. Mas esse mal — ao qual a prudência nos ensina a não aderirmos e que a temperança nos dá força para o não cometermos — nem a prudência nem a temperança o retiram desta vida.

Que dizer da *Justiça*, cuja função consiste em dar a cada um o que lhe é devido¹⁰ (e daí resulta que mesmo no homem se estabelece uma certa ordem justa da natureza, que submete a alma a Deus, a carne à alma e, por conseguinte, a alma e a carne a Deus), não mostra ela que ainda está a penar neste trabalho, em vez de estar a descansar por o ter terminado? Realmente, a alma está tanto menos submetida a Deus quanto menos concebe Deus nos seus próprios pensamentos; e a carne está tanto menos submetida à alma, quanto mais tem desejos contrários ao espírito. Enquanto, portanto, durar em nós esta enfermidade, esta peste, este langor, como é que ousaremos dizer que já estamos salvos, e, se ainda não estamos salvos, como ousaremos dizer que já repousamos felizes na beatitude final?

¹⁰ As Instituições de Justiniano abrem com esta definição de justiça: *perpetua et constans voluntas sua cuique tribuere* — «perpétua e constante vontade de a cada um dar o que lhe pertence». Acerca deste conceito é interessante ver as notas das págs. 7 e 8 das mesmas Instituições, publicadas em 1772 em Lisboa sob o título de *Flavii Justiniani imperatoris Institutionum libri quatuor seu legitima Scientiae prima elementa Justus Henningius Boehmer Juris Consultus recensvit ex Theophili paraphrasin subjunxit cum duplici indice*, Vol. I (Quatro livros das Instituições do imperador Flávio Justiniano ou primeiros elementos da ciência do Direito revistos e corrigidos pelo jurisconsulto Justus Henning Boehmer de um Códice e acrescentados da paráfrase de Teófilo com dois índices).

Até aquella virtude chamada *fortaleza*, mesmo na mais elevada sabedoria é ella o mais evidente testemunho dos males humanos que é obrigada a suportar com paciência. Estes males, admiro-me com que cara os filósofos estóicos affirmam que não são males; mas confessam que, se elles forem de tal forma grandes que o sábio não possa ou não tenha o dever de os suportar, o forcem a infligir a si próprio a morte e a sair desta vida. Mas, nestes homens que julgam encontrar cá o sumo bem (*finem boni*) e conseguir por si mesmos a felicidade — a loucura da sua soberba tornou-se tão grande que o seu sábio, isto é, o sábio tal como na sua espantosa vaidade o descrevem, mesmo que fique cego, mesmo que se torne surdo, mesmo que se torne surdo e mudo, mesmo que se debilite nos seus membros e seja torturado de dores e que, se se pudesse ainda enumerar ou imaginar qualquer outro semelhante mal que sobre elle recaísse e o obrigasse a infligir a morte a si mesmo, — esse sábio não tem vergonha de chamar feliz a uma vida destas mergulhada nestes males! Ó vida feliz que procura o auxilio da morte para lhe pôr fim! Se ella é feliz, fique-se nella! Como é que não são males estes males, que vencem o bem da fortaleza, que constroem esta mesma fortaleza, não só a ceder-lhes, mas também a livrar-se deles ao ponto de chamar feliz essa mesma vida que convence a que se lhe fuja? Quem é tão cego que não veja que, se ella era feliz, não se devia della fugir? Mas, pela voz tão franca do sofrimento, tem de confessar que é preciso fugir-lhe. Qual é, pois, a causa por que não confessam também, dobrada a cerviz da sua soberba, que ella é miserável? Pergunto eu: esse Catão suicidou-se por paciência ou por impaciência?¹¹ Efectivamente, não o faria se suportasse a vitória de César com paciência. Onde está então a sua fortaleza? O que é

¹¹ *Patientia* e *impatientia* derivam, como se sabe, do verbo *Patior* (Sofrer). A melhor tradução seria, portanto — e é isso que está no pensamento do autor —: «Esse Catão suicidou-se por capacidade (por ser capaz) de sofrer ou por incapacidade (por ser incapaz) de sofrer?»

certo é que cedeu, o que é certo é que sucumbiu, o certo é que foi vencido ao ponto de abandonar, de desertar, de fugir a uma vida feliz! Ou será que ela não era feliz? Então, era infeliz. Como é que não eram maus então os males que tornavam a sua vida infeliz e o obrigavam a fugir dela?

Por isso é que — mesmo os que confessam que estes não deixam de ser maus, como os peripatéticos, como os Velhos Académicos, cujas tendências Varrão defende — têm uma linguagem mais tolerável; mas nem por isso é menos de espantar o seu erro, pois pretendem que, no meio destes maus, mesmo que sejam tão graves que se devam evitar com a morte infligida por quem os está padecendo, a vida é feliz. «São maus, diz ele, os tormentos e torturas do corpo. E tanto piores quanto maiores possam ser. Para deles te livrares, o melhor é fugir desta vida». De que vida, pergunto eu? «Desta, responde ele, que é esmagada por tão grandes maus». Então, será ela mesmo feliz, no meio de todos estes maus por causa dos quais, dizes, há que fugir? Será que lhe chamas feliz porque te é permitido fugires destes maus pela morte? Que dirias então se, por decisão divina, continuasses a subsistir sem nunca te ser permitido nem morrer nem deixá-los? Pelo menos então, terias realmente que confessar que uma vida dessas é uma vida desgraçada. Ela não deixa, portanto, de ser desgraçada lá porque prontamente pode ser abandonada. Até tu mesmo a julgarias desgraçada se ela fosse realmente sempiterna. Nenhuma desgraça nos pode parecer nula por ser breve, nem, o que seria ainda mais absurdo, lá porque é breve, vamos chamar felicidade à desgraça.

Grande força é a que está nesses maus, que, segundo eles, obrigam o homem, mesmo que seja um sábio, a privar-se daquilo que o faz homem — pois dizem, e dizem a verdade, que, de certo modo, o primeiro e o maior grito da natureza do homem é este: «olhar por si mesmo e fugir

instintivamente da morte, estimar-se a si mesmo de tal forma que deseje e queira com toda a veemência continuar a ser um ente vivo e viver na união do seu corpo e da sua alma»;

— grande força é a que está nesses males que vencem este sentimento natural que nos leva a evitar a morte por todos os meios, com todas as nossas forças, com todos os nossos esforços, e vencem este sentimento de tal modo que se busca e deseja a morte que antes se procurava evitar e, se ela não puder vir doutra parte, é o próprio homem que a si mesmo a inflige;

— grande força é a que está nesses males que tornam a fortaleza homicida — se é que ainda se pode chamar fortaleza a uma virtude que se deixa vencer pelos males até se tornar, não só incapaz de conservar o homem que ela, como virtude, tem o dever de guiar e defender, mas até ela própria se sente constrangida a matá-lo. É certo que o sábio deve suportar pacientemente a própria morte — mas a morte que lhe vem de fora. Se, portanto, segundo estes filósofos, alguém é constrangido a infligir a morte a si mesmo, então têm que confessar que são males, que são mesmo males insuportáveis, que o constroem ao suicídio. Mas uma vida, esmagada pela carga de tão grandes e tão pesados males ou sujeita à sua eventualidade, de maneira nenhuma se poderá chamar feliz se os homens, que disto falam, em vez de cederem à adversidade quando, vencidos por males acumulados, a si próprios infligem a morte, não preferirem ceder à verdade, deixando-se vencer por razões certas, quando procurarem a vida feliz e se não julgarem que podem gozar do bem supremo (*fine summi boni*) nesta vida mortal, que as próprias virtudes (que são sem dúvida o tesouro mais precioso e útil do homem) são da sua infelicidade o testemunho, tanto mais fiel quanto mais eficaz protecção constituem as mesmas virtudes contra os perigos, os trabalhos e as dores.

Se se trata de virtudes efectivamente verdadeiras, que só podem existir naqueles onde se encontra a verda-

deira piedade — elas não se gabam de poder fazer com que os homens que as possuem não tenham de sofrer alguma desgraça (nem, na verdade, as verdadeiras virtudes são mentirosas para assim se gabarem), mas procuram que a vida humana, arrastada à desgraça por tantos e tão grandes males deste século, pela esperança do século futuro seja feliz como já salva é. De facto, como pode ser feliz (bem-aventurada), se ainda não está salva? É por isso que o apóstolo Paulo, ao referir-se, não a homens impudentes, impacientes, imoderados, iníquos, mas aos que vivem em conformidade com a verdadeira piedade e de quem as virtudes, que porventura tenham, verdadeiras virtudes são, diz:

*Somos salvos na esperança. Mas ver o que se espera não é esperança; porque o que se vê, para que esperá-lo? Mas, se não vemos o que esperamos, aguardamo-lo mercê da paciência*¹².

Portanto, assim como somos salvos na esperança, assim também na esperança somos bem-aventurados; e, tal como a beatitude, assim também a salvação não a possuímos como presente, mas aguardamo-la como futura, e isto graças à paciência; porque estamos no meio de males que devemos suportar com paciência até alcançarmos aqueles bens onde tudo haverá para nos deleitarmos de uma forma inefável e onde já nada haverá que sejamos obrigados ainda a suportar. Uma tal salvação, que existirá no século futuro, esta é que será a beatitude final. Esta beatitude, nela não querem crer esses filósofos porque a não vêem; procuram fabricar cá uma, absolutamente falsa, com uma virtude tanto mais mentirosa quanto mais orgulhosa.

¹² *Spe enim salvi facti sumus. Spes autem quae videtur non est spes. Quod enim videt quis, quid et sperat? Si autem quod non videmus speramus per patientiam expectamus.*

Rom., VIII, 24-25.

CAPÍTULO V

**A vida social, embora altamente desejável,
é muitas vezes perturbada por numerosas
dificuldades.**

Querem que a vida do sábio seja uma vida social. Isso aprovamo-lo nós muito mais que eles. Efectivamente, donde surgiria esta Cidade de Deus, da qual trata esta obra e cujo livro décimo nono temos em mãos, ou avançaria no seu desenvolvimento ou atingiria os fins que lhe são devidos, se a vida dos santos não fosse uma vida social? Mas quem será capaz de enumerar quantos e quão grandes são os males da sociedade humana mergulhada nas desditas desta vida mortal? Quem poderá avaliá-los convenientemente? Ouçam um dos seus cómicos, que, com a aprovação de todos, exprime o sentir dos homens:

Casei-me com uma mulher: que miséria que eu lá vi!

*Nasceram os filhos: mais cuidados!*¹

E que dizer daqueles desvios que o mesmo Terêncio comemora no amor:

*Injúrias, ciúmes, inimizades, guerra e de novo a paz*²: por toda a parte não estão as situações humanas cheias destes desvios? Não se encontram eles, a maior parte das vezes, mesmo nas mais honestas amizades dos amigos? Não estão, por toda a parte, deles cheias as situações humanas onde sentimos as injúrias, os ciúmes, as inimizades

¹ *Duxi uxorem; quam ibi miseriam vidi! Nati filii,
Alia cura!*

Terêncio, Adelphoi, V, IV, 13-14.

² *injuriae suspiciones, inimicitiae bellum, pax rursum.*
Terêncio, Eunuchus, I, I, 14-18.

e a guerra como males certos e a paz como um bem incerto porque desconhecemos o coração daqueles com quem queremos mantê-la, e, se hoje podemos conhecê-los, não saberemos o que serão amanhã?

Quais são os que costumam ou devem ser entre si mais amigos do que os que habitam na mesma casa? E, todavia, quem é que lá se encontra seguro, quando, muitas vezes, devido às suas ocultas insídias, surgem males tamanhos, tanto mais amargos quão doce tinha sido a paz, que se tinha julgado sincera, mas que com toda a astúcia se simulava. Por isso é que penetra no peito de todos, até os fazer gemer, o que Cícero disse:

*Não há insídias mais ocultas do que as que se escondem sob a aparência do dever ou sob outro nome de obrigação. Na verdade, o que é abertamente teu adversário, facilmente podes evitá-lo desde que tomes as devidas precauções. Mas esse mal escondido, interno, doméstico, não se limita a existir: antes de poderes dar por ele e investigá-lo, te ataca ele.*³

Por isso é que também aquela divina voz:

*Os inimigos do homem são os que vivem na sua casa*⁴ se ouve com grande dor no coração, porque um homem — mesmo que seja tão forte que possa suportar com igual disposição o que contra ele trama uma fingida amizade, ou mesmo que esteja tão precavido que seja capaz de se lhe esquivar com previdentes decisões — é impossível, se ele próprio é bom, que não sofra gravemente pela maldade desses homens pérfidos, quando verifica quão maus eles são, quer tenham sido sempre maus fingindo-se bons, quer se tenham mudado da bondade para a maldade. Se o

³ *Nullae sunt occultiores insidiae quam hae quae latent in simulatione officii aut in aliquo necessitudinis nomine. Nam eum, qui palam est adversarius, facile cavendo vitare possis; hoc vero occultum intestinum ac domesticum malum non solum existit, verum etiam opprimit, antequam prospicere atque explorare potueris.*

Cícero, *In Verrem Actio*, II, 1, 15.

⁴ *Et inimici hominis domestici ejus.*

Mat., X, 36.

próprio lar, refúgio comum para os males do género humano, não é lugar seguro — que dizer do Estado (*civitas*) que, quanto maior é, tanto mais os seus tribunais regorgitam de questões cíveis e criminaes, embora às vezes cessem as insurreições e as guerras civis tão turbulentas e, por vezes, o que é ainda mais frequente, tão cruentas? Destas calamidades podem os estados estar livres às vezes, mas nunca da ameaça dessas calamidades!

CAPÍTULO VI

Erro dos juizes humanos quando a verdade se esconde.

Que dizer dos próprios julgamentos proferidos por homens contra homens, inevitáveis, mesmo em cidades que vivem em paz? Que ideia fazemos deles? Como são tristes, como são deploráveis! Julgam aqueles que não podem ver a consciência dos que julgam. Por isso são muitas vezes obrigados a sujeitar à tortura testemunhas inocentes, para descobrirem a verdade de uma causa que se lhes oculta. Que dizer quando alguém é torturado na sua própria causa e, quando se investiga se é inocente, é o inocente que se tortura, é o inocente que, por um crime incerto, sofre as penas mais certas, e isto, não porque se descobre que ele o cometeu, mas porque se ignora se o cometeu? E desta forma a ignorância do juiz é muitas vezes a desgraça do inocente. E o que ainda é mais intolerável, que mais se deve lastimar, que é digno de se regar, se possível fosse, com rios de lágrimas — é que o juiz submete à tortura um acusado, com medo de matar, por ignorância, um inocente, e acaba, com esta desgraçada ignorância, por matar o inocente torturado, que entregara à tortura para não matar o inocente. Se, conforme a sabedoria deles, ele prefere fugir desta vida a suportar por mais tempo semelhantes tormentos, confessa ter cometido o crime que não cometeu. Uma vez condenado e executado, o juiz continua a não saber se matou um inocente ou um culpado, ao submetê-lo à tortura para evitar a morte de um inocente por ignorância. E desta forma torturou um inocente para saber se o era, e, sem saber se o era, o matou.

Nestas trevas da vida social, ousará ou não um juiz sábio ocupar a sua cadeira? Claro que ocupará. A esse cargo o constrange e o conduz a sociedade humana, que ele julga ilícito abandonar. Mas não considera ilícito que sejam submetidas à tortura testemunhas inocentes em causas alheias,

nem considera ilícito que os arguidos, muitas vezes esgotados pela violência da dor e levados a falsas confissões a seu próprio respeito, sejam castigados embora inocentes, depois de, inocentes, terem já sido torturados,

nem considera ilícito que, embora não sejam condenados à morte, morram a maior parte das vezes, quer nas torturas, quer em consequência das torturas,

nem considera ilícito que — por vezes, mesmo os que acusam, desejando talvez prestar um serviço à sociedade humana, para que não haja crimes que fiquem impunes, mas não podendo, apesar de relatarem a verdade, provar as suas acusações contra as testemunhas que mentem e contra o próprio réu culpado que suporta desumanamente as torturas sem confessar — sejam eles condenados por um juiz que desconhece a verdade! Estes males, tantos e tão grandes, não os considera ele como pecados. Efectivamente, um juiz sábio não os comete por vontade de prejudicar, mas pela pressão da ignorância e apesar dela, porque a sociedade humana o força e é obrigado a julgar. É a isto, pois, que chamamos a miséria do homem, certamente, mas nunca a malícia do sábio. A ele, que por inevitável ignorância e por obrigação de julgar, submete inocentes à tortura e pune inocentes — parecer-lhe-á pouco não se sentir réu, se é que não chega até a sentir-se feliz? Quanto mais sensato e digno de um homem, posto em tal necessidade, não será reconhecer a sua própria miséria, odiá-la em si mesma, e clamar a Deus se ainda lhe resta algum sentimento de piedade:

*Livra-me das minhas necessidades!*¹

¹ *De necessitatibus meis erue me!*
Salmo XXIV, 17

CAPÍTULO VII

A diversidade das línguas divide a sociedade dos homens. Desgraça das guerras, mesmo das chamadas justas.

Depois da cidade¹ ou da urbe, vem o orbe da Terra. Neste é que põem o terceiro grau da sociedade humana. Começam pelo lar familiar, passam à urbe e acabam no orbe. Este, como o acervo das águas, quanto maior é, tanto mais cheio de perigos está. É principalmente neste que a diversidade das línguas torna o homem um estranho para o homem. De facto, se dois homens, nenhum dos quais conhece a língua do outro, caminharem ao encontro um do outro mas, por qualquer razão, em vez de se cruzarem têm de ficar no mesmo lugar — é mais fácil que dois animais mudos, mesmo de género diferente, convivam em sociedade, do que aqueles dois, apesar de ambos serem homens. Efectivamente, quando não podem comunicar um ao outro o que sentem apenas por causa da diversidade da língua, de nada serve para levar os homens ao convívio

¹ Actualmente, cidade e urbe são sinónimos, diferenciando-se uma da outra apenas pelo tamanho e grandiosidade, mais ou menos como, entre os povos de língua inglesa, que distinguem por este critério a *City* e a *Town*.

Santo Agostinho não mantém aqui, como aliás em muitos outros passos desta obra, a velha diferença entre a cidade (*civitas*) que era um verdadeiro Estado (foi o caso da Roma antiga e das cidades gregas) e a urbe (*urbs*), grande aglomerado populacional. A Roma se chama apenas Urbe, ou seja a cidade por excelência.

Sobre o assunto, ver principalmente Fustel de Coulanges, *La Cité Antique*.

social a sua tão grande semelhança de natureza — e tanto é assim, que o homem tem mais prazer em estar com o seu cão do que com um estrangeiro.

Mas acontece que a cidade dominadora impõe aos povos dominados, não só o seu jugo mas também, por um pacto social, a sua língua, e assim não faltam, mas antes abundam, intérpretes². É verdade. Mas, à custa de quantas e tamanhas guerras, à custa de que tamanhos massacres de homens, de que tamanha efusão de sangue humano isso foi comprado. E, depois de tudo isto passado, não findaram ainda assim as lástimas desses males. Embora não tenham faltado nem faltem nações estrangeiras inimigas contra as quais sempre se fez e continua a fazer-se a guerra — todavia, a própria extensão do Império gerará guerras do pior género, ou sejam as guerras sociais e civis, com as quais o género humano é calamitosamente sacudido, quer quando se combate para que elas acabem de vez, quer quando se receia que elas surjam mais uma vez. Se eu quisesse contar, como elas merecem, as numerosas e

² Normalmente, o vencedor impõe ao vencido a sua cultura e, consequentemente, a sua língua, se o seu nível cultural for superior. Se assim não for pode dar-se o inverso: o vencedor adoptará a língua e cultura do vencido. Roma impôs a sua língua, a língua do Lácio, a todos os povos que foi submetendo. As suas línguas pátrias desapareceram, e eles começaram a falar, como ainda hoje falam, a língua latina, cada um à maneira por que no local foi ela evoluindo. Todavia, jamais Roma conseguiu impor a sua língua à Grécia e, bem ao contrário, era de bom tom que todo o bom Romano soubesse o Grego sem, em contrapartida os Gregos aprenderem latim (a). A própria Igreja de Roma adoptou como língua sua, na sua liturgia, o Grego — perdurando, até aos nossos dias, até ao Concílio Vaticano II, resquícios disso na liturgia eucarística. Estou a lembrar a doxologia, que ainda temos no ouvido, *Kyrie eleison, Christe eleison*.

(a) Como escreve Horácio (*Epistola* II, I, vv. 156-157):

*Graecia capta ferum victorem cepit et artes
Intulit agresti Latio...*

(A Grécia vencida ao feroz vencedor venceu
E as suas artes ao agreste Lácio levou...)

variadas calamidades, as duras e cruéis consequências fatais desses males, se bem que eu não o possa fazer como o caso o exige, — qual seria o final desta longa exposição?

Mas o sábio, dirão, só empreenderá guerras justas. Como se tivesse de deplorar, caso se recorde que é homem, muito mais o facto de ter que reconhecer a existência da guerra mesmo justa — porque, se não fossem justas, ele não teria de as empreender e, desta forma, para o sábio, jamais guerra alguma haveria. É, na verdade, a iniquidade da parte adversa que impõe ao sábio que empreenda a guerra justa. Mas essa iniquidade, porque é dos homens, ao homem tem que ser dolorosa, mesmo que dela nenhuma necessidade de empreender a guerra nasça. Portanto, estes males tamanhos, tão horrendos, tão cruéis, todo aquele que com dor neles reflecte tem que confessar que são uma desgraça; mas todo aquele que os suporta ou neles pensa sem dor na alma e continua a julgar-se feliz, esse caiu numa desgraça muito mais profunda, porque perdeu o próprio sentimento humano.

CAPÍTULO VIII

A amizade dos bons não é segura enquanto eles tiverem que recear os perigos desta vida.

Se não nos surgir uma certa ignorância bem parecida com a demência, que, todavia, na miserável condição desta vida, muitas vezes surge para que se julgue que é amigo o que inimigo é, ou inimigo o que é amigo, — que é que nos consola nesta humana sociedade a abarrotar de erros e de tribulações senão a confiança não fingida e o mútuo affecto dos verdadeiros e bons amigos? Quantos mais nós tivermos e em quantos mais lugares estiverem tanto mais cresce e se aprofunda o nosso receio de que algum mal lhes aconteça dos muitos que neste mundo se amontoam. Não ficamos apenas receosos de que sejam atormentados pela fome, pela guerra, pelas doenças, pelo cativo e de que, nesta escravidão, eles possam sofrer coisas tais que nem sequer as podemos imaginar; mas ainda, e aqui o nosso temor é bem mais amargo, ficamos receosos de que caiam na infidelidade, na malícia, na perversão. E quando estas coisas acontecem (e na realidade são tanto mais numerosas quanto mais numerosos são eles) e são trazidas ao nosso conhecimento — quem pode avaliar em que fogo é abrasado o nosso coração, a não ser quem as está sentindo? Realmente, preferimos ouvir dizer que estão mortos, embora tal não possamos ouvir sem dor. Porque se a sua vida nos deleitava com as alegrias da amizade, como poderia acontecer que a sua morte nenhuma amargura nos trouxesse? Aquele que proibir esta amargura, proíba também, se é capaz, as conversas amigas, proíba ou destrua o sentimento da amizade, quebre com acre insensibilidade os laços espirituais de todas as afeições

humanas, ou então ordene que sejam utilizadas de tal forma que nenhuma doçura lhes inunde a alma. Se de nenhum modo isto pode acontecer, como é que não nos há-de ser amarga a morte daquele cuja vida nos é doce? Daqui resulta esse lamento, essa como que ferida ou úlcera do coração humano que, para curar, necessita de obsequiosas consolações. Lá porque quanto melhor é o ânimo tanto mais depressa e mais facilmente nele se cura essa ferida, nem por isso se conclui que nada há para curar.

Portanto, mesmo quando a vida dos mortais é afligida, ora mais branda ora mais asperamente, com a morte dos que lhe são mais queridos, principalmente daqueles cujos serviços são indispensáveis à sociedade humana — nós preferimos, todavia, saber ou ouvir dizer que estão mortos aqueles que amamos a saber ou ouvir dizer que caíram na infidelidade ou nos maus costumes, isto é, que estão mortos na própria alma. É desta ingente massa de males que a terra está cheia; por isso é que foi escrito:

*Não é uma tentação a vida humana sobre a Terra?*¹

E foi por isso que o próprio Senhor disse:

*Ai do Mundo por causa dos escândalos*²,

e ainda:

*Porque abundou a iniquidade, de muitos arrefeceu a caridade*³.

Dáí resulta que nos regozijemos com a morte dos nossos bons amigos e que, mesmo quando a sua morte nos entristece, ela é, com certeza, para nós uma consolação, porque escaparam aos males que nesta vida esmagam mesmo os homens bons, ou os pervertem, ou, pelo menos, os expõem a um e outro destes perigos.

¹ *Numquid non temptatio est vita humana super terram?*

Job., VII, 1.

² *Vae mundo ab scandalis.*

Mat., XVIII, 7.

³ *Quoniam abundavit iniquitas, refrigescet caritas multorum.*

Mat., XXIV, 12.

CAPÍTULO IX

Da amizade dos santos anjos, que neste mundo se não pode claramente manifestar ao homem por causa dos embustes dos demónios, de que são vítimas aqueles que julgam dever adorar uma multidão de deuses.

Na sociedade dos santos anjos (sociedade que aqueles filósofos, que pretendem que há deuses amigos nossos, puseram em quarto lugar, como se, passando do orbe da Terra ao Mundo, assim englobassem, de certo modo, o próprio Céu), — nessa sociedade é que, na verdade, não temos que temer que tais amigos nos entristeçam com a sua morte ou com a sua depravação.

Porque eles se não misturam connosco com a mesma familiaridade dos homens (o que, também isto, pertence às amarguras desta vida),

— e porque, por vezes, Satanás se disfarça, segundo lemos, como que de anjo de luz para tentar os que precisam de ser assim instruídos ou é justo que assim sejam enganados,

é por tudo isso que é necessária a grande misericórdia de Deus para que ninguém, quando julga ter por amigos anjos bons, tenha antes, como falsos amigos, os demónios, e tenha de suportar esses inimigos tanto mais nocivos quanto mais astutos e enganadores. E a quem é necessária esta grande misericórdia de Deus senão à grande miséria humana, que é oprimida por uma ignorância tão grande que facilmente sucumbirá aos seus disfarces? E, realmente, é absolutamente certo que, na Cidade ímpia, aqueles filósofos que confessaram terem os deuses por amigos, caíram

nas mãos dos demónios malignos a quem toda esta Cidade está submetida e com eles virá a sofrer do eterno suplício. Realmente, dos ritos sagrados, ou melhor, sacrílegos, com que os veneram, e dos imundíssimos espectáculos em que os seus crimes são celebrados e com os quais julgam dever aplacá-los, sendo os próprios deuses quem inventou ou reclamou tantas e tão grandes indecências, se evidencia suficientemente que deuses são esses que eles veneram.

CAPÍTULO X

Que recompensa está assegurada aos santos por terem vencido as tentações desta vida.

Mas nem sequer os santos e fiéis adoradores do único e verdadeiro Deus soberano estão livres dos seus enganos e das suas multiformes tentações. É que, neste lugar de enfermidades e nestes dias malignos, mesmo esta inquietação não é inútil para a busca, com um desejo mais ardente, daquela segurança onde a paz atinge toda a sua plenitude e é absolutamente certa. Aí se encontrarão, realmente, os danos naturais, isto é, os que o Criador de todas as naturezas concede à nossa natureza, dons não só excelentes mas também sempiternos, tanto na alma que se cura por meio da sabedoria, como no corpo que será renovado na ressurreição; aí estarão as virtudes, não em luta com qualquer espécie de vício ou de mal, mas possuindo já o prémio da vitória, que é a eterna paz que nenhum inimigo perturbará. Esta é que é, de verdade, a beatitude final; este é que é o limite da perfeição que jamais conhecerá limite que a consuma. Cá, consideramo-nos realmente felizes quando estamos de posse daquela paz, por mais pequenina que seja, que possa ser possuída numa vida honesta. Mas esta felicidade, comparada àquela beatitude que chamamos final, verifica-se antes que é infelicidade. Quando, portanto, nós homens mortais, encontramos nas coisas perecíveis aquela paz, tal qual ela cá pode existir, a virtude, se vivermos com rectidão, utiliza-se convenientemente dos seus benefícios; mas, quando a não encontramos, ainda assim a virtude sabe utilizar-se bem mesmo dos

males que o homem tem que padecer. Mas então é que a virtude será verdadeira, quando, com todos os bens de que ela faz bom uso e com tudo o que ela faz no bom uso dos bens e dos males, ela própria se referir àquele fim onde teremos uma paz tal e tão grande que melhor e maior não pode haver.

CAPÍTULO XI

Da felicidade da paz eterna, na qual os santos encontram o seu fim, isto é, a verdadeira perfeição.

Por isso é que podemos dizer da paz, como dissemos da vida eterna, que os nossos bens supremos (*fines bonorum nostrorum*) são a paz, principalmente porque é à Cidade de Deus; objecto desta nossa tão trabalhosa exposição, que se dirige um dos salmos sagrados:

*Louva, ó Jerusalém, o Senhor; Sião, louva o teu Deus; porque ele consolidou os ferrolhos das tuas portas, em ti abençoou os teus filhos, aquele que te deu a paz por fronteiras*¹.

Efectivamente, quando os ferrolhos das suas portas estiverem consolidados já ninguém mais nela entrará e ninguém dela sairá. Por fronteiras (*fines*) devemos entender aqui essa paz suprema (*pacem finalem*) que pretendemos explicar. É que o nome misterioso da própria Cidade, isto é, Jerusalém, significa, como já anteriormente dissemos, *visão de paz*. Mas, porque a palavra *paz* se emprega tão frequentemente nas nossas questões perecíveis em que, com certeza, não há vida eterna, preferimos empregar a expressão *vida eterna* em vez de *paz*, para designarmos o fim em que essa Cidade encontrará o bem supremo (*summum bonum*). É deste fim que fala o Apóstolo:

¹ *Lauda Hierusalem Dominum, conlauda Deum tuum Sion; quoniam confirmavit seras portarum tuarum, benedixit filios tuos in te, qui posuit fines tuos pacem.*

Salmo CXLVII, 12.

*Mas agora, libertados do peccado e feitos servidores de Deus, tendes como fruto a santificação e como fim a vida eterna*².

Mas como, por outro lado, os que não estão familiarizados com as Santas Escrituras podem entender a expressão *vida eterna* como aplicada mesmo aos maus

quer no sentido de alguns filósofos, que defendem a immortalidade da alma,

quer mesmo, como o dita a nossa fé, que se refere às penas intermináveis dos ímpios (de facto, não poderão sofrer castigos eternos se não viverem eternamente)

— ao fim desta Cidade, na qual ela encontrará o bem supremo (*summum bonum*), teremos que chamar *a paz da vida eterna* ou então *a vida eterna em paz*, para que assim todos possam mais facilmente compreender de que se trata. É, de facto, tão grande o bem da paz que, mesmo nos assuntos terrenos e percíveis, nada se pode ouvir com mais agrado, nada se pode procurar com maior anseio, finalmente nada melhor se pode encontrar. Se disto formos falar mais demoradamente, não seremos, pelo menos assim o penso eu, enfadonhos para os leitores, dado que tanto o fim desta Cidade, assunto de que estamos a tratar, como a doçura da paz são questões a todos muito queridas.

² *Nunc vero liberati a peccato, servi autem facti Deo, habetis fructum vestrum in sanctificationem, finem vero vitam aeternam.*

Rom., VI, 22.

CAPÍTULO XII

Mesmo a crueldade dos guerreiros e todas as preocupações humanas têm por fim chegar à paz: não há ser que por natureza a não deseje.

Quem quer que observe um pouco as questões humanas e a nossa comum natureza reconhecerá comigo que, assim como não há quem não procure a alegria, também não há quem não queira possuir a paz. Realmente, mesmo quando alguém faz a guerra, mais não quer que vencer; portanto, é a uma paz gloriosa que pretende chegar, lutando. Na verdade, que mais é a vitória senão a sujeição dos que resistem? Logo que isto se tenha conseguido, será a paz. As próprias guerras, portanto, são conduzidas tendo em vista a paz, mesmo por aqueles que se dedicam ao exercício da guerra, quer comandando quer combatendo. Donde se evidencia que a paz é o fim desejado da guerra. Efectivamente, todo o homem procura a paz, mesmo fazendo a guerra; mas ninguém procura a guerra ao fazer a paz. Mesmo aqueles que pretendem perturbar a paz em que estão, não odeiam a paz, mas antes desejam mudá-la a seu gosto. Não querem que não haja paz, mas que ela seja a que eles querem. Finalmente —mesmo que dos outros se afastem por meio de uma sedição, não podem realizar o seu desígnio se não mantiverem uma certa aparência de paz com os seus partidários ou conjurados.

Os próprios ladrões, para mais fácil e seguramente violarem a paz dos outros, procuram mantê-la com os seus companheiros. E, caso haja um tão avantajado em forças e de tal forma receoso de seus companheiros que em

nenhum confie e, sozinho, arme ciladas, derrube quantos puder e, uma vez atacadas ou assassinadas, despoje as suas vítimas — esse, todavia, mantém, com certeza, pelo menos uma sombra de paz com os que não pode matar e de quem quer esconder o que fez. Mesmo na sua casa, procura com certeza viver em paz com sua mulher e filhos e com os que lá tiver. Com certeza que ficará contente se, a um gesto seu, eles se submeterem. Mas, se tal não acontecer, indigna-se, reprime, castiga e, se for necessário, mesmo pelo terror restabelece em sua casa a paz — paz esta que não pode existir, ele bem o sente, se não estiverem submetidos a uma certa chefia, que em casa é ele mesmo, todos os que vivem na mesma sociedade doméstica. Se lhe oferecerem a autoridade sobre muitos, sobre a cidade ou a nação, de forma a que todos lhe obedeçam do mesmo modo que quereria ser servido em sua casa — ele já se não esconderá nas cavernas como um ladrão, mas aos olhos de todos se exaltará como um rei, embora nele se mantenham a mesma lucidez e a mesma maldade. O facto é que todos desejam viver em paz com os seus, contanto que todos queiram viver conforme o seu arbítrio. Mesmo daqueles a quem se faz a guerra querem eles, caso possam, fazer seus súbditos e impor-lhes as leis da sua própria paz.

Mas imaginemos, tal qual o canta a fictícia narrativa poética¹, alguém que pela sua insociável fereza os poetas preferiram talvez chamar semi-homem em vez de homem. O seu reino era a solidão duma sinistra caverna selvagem, e a sua maldade era tão singular que dela tiraram o seu nome (efectivamente, em grego, *mau* diz-se *κακός* e é assim que lhe chamam),

não tinha esposa para com ela travar agradáveis conversas; nem filhos pequeninos com quem partilhar as brincadeiras ou adolescentes a quem pudesse dar ordens,

¹ A narrativa poética a que Santo Agostinho se refere é a de Virgílio a respeito de Caco, na Eneida (Canto VIII, vv. 190 e segs.).

não podia gozar de nenhuma conversa de amigo, nem mesmo com Vulcano, seu pai, a quem ele, neste ponto, em muito ultrapassou em felicidade, pois não gerou, como ele, outro monstro semelhante a si,

nunca dava nada a ninguém, mas a quem podia tirava tudo o que podia

— todavia, na sua caverna solitária, cujo chão, segundo no-lo descrevem, estava sempre quente dalguma recente matança, nada mais desejava do que a paz em que ninguém lhe fosse molesto nem força nenhuma, ou terror nenhum, viesse perturbar a sua quietude. Enfim: desejava estar em paz com o seu corpo, e, quanto mais o estava, tanto melhor se sentia.

Realmente:

quando ordenava aos seus membros que lhe obedecessem

e quando, para aplacar com quanta presteza pudesse, a sua natureza mortal, que contra si, devido à indigência, se revoltava, provocando a rebelião da fome, para separar e banir a alma do corpo, ele pilhava, matava e devorava

— mesmo assim desumano e feroz, procurava, à sua maneira desumana e feroz, cuidar da paz da sua vida e saúde.

Por isso é que, se ele quisesse manter com os outros a paz que tanto se preocupava em manter na sua caverna e em si próprio, não se lhe teria chamado *mau* nem monstro nem semi-homem. Se eram o aspecto do seu corpo e os vômitos de horrendas chamas que dele afastavam a sociedade dos homens aterrada, então talvez fosse, não a paixão de prejudicar, mas a necessidade de viver que lhe fazia cometer estas crueldades. A verdade é que este homem não deve ter existido, ou antes, o que é mais de crer, não deve ter sido como é descrito pela fantasia poética. Com efeito, se Caco não tivesse sido tão acusado, pouco louvado teria sido Hércules.

Como disse, o melhor é não se acreditar que tenha existido tal homem ou semi-homem, tal qual como o des-

crevem muitas fantasias dos poetas. É que as feras mais cruéis, donde ele tirou a sua parte de ferocidade (de facto, também se chamou semi-fera), conservam a própria espécie numa espécie de paz no acasalamento, no parto, na protecção e alimentação das crias, embora muitas sejam insociáveis e solitárias — não, com certeza, como as ovelhas, os veados, as pombas, os estorninhos, as abelhas, mas como os leões, os lobos, as raposas, as águias, as corujas. Que tigre, de facto, não rosna para as suas crias com ternura e não abranda a sua ferocidade para as acariciar? Qual é o milhafre, por mais solitário que sobrevoe a sua presa, que não fecunda a sua companheira, não constrói o ninho, não choca os ovos, não alimenta as crias e não conserva com a sua como que mãe de família a sociedade doméstica na maior paz possível?

Quanto mais não é o homem como que impellido pelas leis da sua natureza a entrar numa sociedade com os homens e, tanto quanto na sua mão estiver, a com todos viver em paz? Não fazem os próprios maus a guerra por causa da paz dos seus? E não pretendem eles a todos submeter, se possível for, para que tudo e todos estejam ao serviço de um só? Por que razão, senão para que estejam de acordo com a sua paz, quer seja por amor quer seja por temor? É assim que o soberbo perversamente imita a Deus. Detesta, com efeito, a igualdade com os companheiros a Deus submetidos, mas quer impor o seu domínio aos companheiros, no lugar de Deus. Mas o que ele de forma nenhuma pode é deixar de amar a paz, qualquer que ela seja. Realmente, em ninguém há um vício tão contrário à natureza que consiga apagar os últimos vestígios da natureza.

Por isso, quem sabe pôr o que é recto acima do incorrecto e o ordenado acima do desordenado, logo vê que, em comparação da paz dos justos, nem sequer se pode chamar paz à paz dos iníquos. Mas o que é desordenado, mesmo isso tem necessidade de estar em paz em alguma parte das coisas, por alguma parte das coisas e

com alguma parte das coisas em que se encontra ou de que consta. A não ser assim, deixaria totalmente de existir.

Se, por exemplo, alguém é dependurado de cabeça para baixo, a posição do corpo e a ordem dos membros é, realmente, invertida, porque o que a natureza exige que esteja do lado de cima está do lado de baixo e o que ela quer que seja o lado de baixo torna-se o lado de cima; esta inversão perturba a paz da carne e por isso é penosa. Todavia, a alma está em paz com o seu corpo e inquieta-se com a sua saúde e por isso é que há quem sofra. Mas se, acossada pelos sofrimentos, ela abandona o corpo, não deixa de reinar uma certa paz no corpo, que se mantém enquanto dura a união dos membros — e por isso é que fica ainda alguém em suspenso². E este corpo de terra, que tende para a terra e resiste ao laço de que está suspenso, tende para a ordem da sua paz e, pela voz do seu peso, como que reclama o lugar do seu repouso e, mesmo já inanimado e sem sensibilidade de qualquer espécie, não se afasta, porém, da paz natural da sua ordem, quer porque já a detém, quer porque para ela tende. Se, de facto, se applicarem drogas e tratamentos que impeçam que se corrompa e dissolva a forma do cadáver, uma certa paz manterá ainda umas partes unidas às outras partes e permitirá colocar o corpo inteiro num lugar da terra apropriado e, consequentemente, pacífico. Mas, se não se prestar qualquer cuidado de conservação e se abandonar ao curso da natureza, verifica-se como que uma revolta de exalações hostis, desagradáveis aos nossos sentidos (é isto o que no fodor se sente), até se juntar aos elementos do mundo e, partícula a partícula, pouco a pouco se perder na paz dessas partículas. Nada há, porém, que possa

² Para Santo Agostinho, um cadáver continua a ser, aliás como geralmente se diz, um corpo *humano* — ao invés do que viriam a precisar os filósofos medievais, para quem o cadáver deixaria de ser um corpo *humano*, pois, após a morte, já não se pode falar de *homem*.

subtrair-se às leis do supremo Criador e Ordenador que regula a paz do Universo; porque, mesmo que do cadáver dum animal corpulento nasçam diminutos animais, todos estes corpúsculos obedecem ainda, em virtude da mesma lei do Criador, aos seus próprios e minúsculos princípios vitais, à paz da sua salvação; e mesmo que as carnes dos mortos sejam devoradas por outros animais, continuam essas carnes sujeitas às mesmas leis difundidas por toda a parte com o fim de harmonizarem na paz os elementos convenientes para a salvação de cada espécie, seja qual for o lugar aonde venham a parar ou os elementos a que cheguem a unir-se, ou as substâncias em que se mudem ou transformem.

CAPÍTULO XIII

Da paz universal que, mesmo no meio não importa de que perturbações, não pode escapar à lei da natureza. De facto, sob o justo Juiz cada um consegue, por força da ordem natural, o que por decisão da sua vontade merece.

A paz do corpo é a composição ordenada das suas partes;

a paz da alma irracional é a tranquilidade ordenada dos seus apetites;

a paz da alma racional é o consenso ordenado da cognição e da acção;

a paz do corpo e da alma é a vida e a saúde ordenadas do ser animado;

a paz do homem mortal com Deus é a obediência ordenada na fé sob a eterna lei;

a paz dos homens é a concórdia ordenada;

a paz da casa é a ordenada concórdia dos seus habitantes no mando e na obediência;

a paz da cidade é a concórdia ordenada dos cidadãos no mando e na obediência;

a paz da Cidade Celeste é a comunidade absolutamente ordenada e absolutamente harmoniosa no gozo de Deus, no gozo mútuo em Deus;

a paz de todas as coisas é a tranquilidade da ordem. A ordem é a disposição dos seres iguais e desiguais que distribui a cada um os seus lugares.

Os desgraçados, portanto, na medida em que são desgraçados, realmente não estão em paz, carecem, na verdade, da tranquilidade da ordem onde nenhuma pertur-

bação existe; todavia, porque é merecida e justamente que eles são desgraçados, não podem, mesmo na desgraça, que é a sua, estar fora da ordem; efectivamente, não estão reunidos aos bem-aventurados, mas é a lei da ordem que os separa. Estes, enquanto estão sem perturbações, adaptam-se à situação em que estão com uma certa conformidade; e desta forma há neles alguma tranquilidade da ordem e, portanto, há neles alguma paz. Mas, de facto, eles são desgraçados, porque, embora não sofram na medida em que gozam de alguma segurança, não estão, todavia, lá onde deviam estar, seguros e sem dor; são mais desgraçados ainda se não estão em paz com a própria lei por que é regulada a ordem natural. Mas, quando sofrem, há uma perturbação da paz na parte pela qual sofrem; mas a paz existe ainda na parte em que nem a dor nem a própria compleição orgânica se dissolve. Assim como, portanto, pode haver uma vida sem dor mas não pode haver dor sem alguma vida — assim também pode haver uma certa paz sem guerra, mas não pode haver guerra sem uma certa paz; não pelo facto de a guerra ser guerra, pelo facto de ser feita por ou contra seres que de modo nenhum existiriam se não se mantivessem numa certa paz.

Há, por conseguinte, uma natureza na qual mal nenhum existe, na qual nem mesmo mal algum pode existir; mas não pode haver uma natureza na qual não haja bem algum. Portanto, a natureza do próprio Diabo, como natureza, não é um mal. A perversidade é que a torna má. De facto,

*não se manteve na verdade*¹,

mas não escapou ao juízo da verdade; não se manteve na tranquilidade da ordem, mas não pôde fugir ao poder do Ordenador. O bem de Deus, que ele possui na sua natureza, não o subtrai à justiça de Deus, que, no castigo, o

¹ *In veritate non stetit.*

João, VIII, 44.

submete à ordem; e Deus não persegue nele o bem que criou, mas o mal que ele (Diabo) cometeu. Nem, de facto, tira tudo o que deu à natureza, mas priva-a de alguma coisa e deixa-lhe alguma coisa para que haja alguém que sofra pelo que lhe foi tirado. Essa própria dor é testemunho do bem tirado e do bem deixado. De facto, se bem nenhum fosse deixado, não se poderia sofrer do bem tirado. Porque quem peca, é tanto pior, se se alegra com o dano causado à equidade; o que sofre uma tortura sem que daí nada consiga de bom, dói-se do dano causado à sua saúde (*salus*). E, como a equidade e a saúde (*salus*) são, uma e outra, bens, e com a perda de um nos devemos doer em vez de nos alegrarmos (a não ser que haja uma compensação melhor; por exemplo, é melhor a equidade do espírito do que a saúde — *sanitas* — do corpo) — é, consequentemente, muito mais conveniente que o injusto sofra no suplício do que se regozije no crime. Portanto, assim como no pecado a alegria de ter perdido um bem é o testemunho duma vontade má, assim também a dor de ter perdido um bem é testemunho duma natureza boa. O que sofre a paz perdida da sua natureza sofre em virtude de uns restos de paz com os quais a natureza se torna sua amiga. Mas no supremo castigo acontece justamente que os iníquos e os ímpios lamentam, nos seus tormentos, os danos ocasionados aos bens da sua natureza, conscientes de que as suas privações vêm de Deus com a maior justiça por ter sido desprezado na sua amabilíssima generosidade.

Deus, o sapientíssimo e justíssimo Criador e Ordenador de todas as naturezas, que instituiu o mortal género humano como o mais belo ornamento da Terra, deu aos homens determinados bens apropriados a esta vida, ou sejam: a paz temporal à medida da vida mortal na sua própria saúde e segurança, assim como na vida social com os seus semelhantes, e, além disso, tudo aquilo que é necessário para a protecção ou recuperação desta paz (como é tudo o que de maneira adequada e conveniente

está ao alcance dos nossos sentidos: a luz, o som, os ares respiráveis, as águas potáveis e tudo o que serve para alimentar, vestir, cuidar ou enfeitar o corpo; mas isto com uma condição justíssima: o mortal que fizer correcto uso de tais bens, de acordo com a paz dos mortais, receberá bens mais abundantes e melhores, a saber: a própria paz da immortalidade, e a glória e a honra correspondentes a essa paz na vida eterna, para gozar de Deus e do próximo em Deus; mas o que abusar desses bens não receberá aqueles e perderá estes.

CAPÍTULO XIV

**Da lei da ordem, quer terrestre quer celeste:
mesmo os que se impõem, através dela,
à sociedade humana, são-lhe úteis — e,
sendo-lhe úteis, estão ao seu serviço.**

Por conseguinte, todo o uso dos bens temporais tem em vista o gozo da paz terrestre na Cidade Terrestre e o gozo da paz eterna na Cidade Celeste. Por isso, se fôssemos animais irracionais, nada mais apeteceríamos além da ordenada harmonia das partes do corpo e da satisfação dos apetites, nada mais, além da quietude da carne e a abundância dos prazeres de forma a que a paz do corpo favoreça a da alma. De facto, se faltar a paz do corpo, impede-se também a paz da alma irracional porque se não pode conseguir satisfação dos apetites. Uma e outra simultaneamente favorecem a paz que o corpo e a alma mantêm entre si, isto é, a paz duma vida em ordem e de boa saúde. Assim como os animais mostram o seu amor pela paz do corpo, quando fogem à dor, e pela paz da alma, quando procuram o prazer dos seus apetites para satisfazerem as suas carências — da mesma forma, quando fogem da morte, mostram quanto eles amam a paz que mantêm unidos o corpo e a alma.

Mas, como no homem existe uma alma racional, ele submete à paz da alma racional tudo o que tem de comum com os animais e, desta maneira, primeiro percebe algo no seu espírito e depois age em conformidade com isso, de maneira a realizar esse acordo bem ordenado do pensa-

mento e da acção a que nós chamamos a paz da alma racional. Para isso ele deve desejar nem ser molestado pela dor nem perturbado pelo desejo, nem dissolvido pela morte, para obter um conhecimento útil e para regular a sua vida e os seus costumes em conformidade com esse conhecimento.

Mas ele tem necessidade do ensino divino a que obedece para ficar em certeza — e do auxílio divino para se lhe submeter como homem livre — não aconteça que pelo próprio desejo de conhecer incorra na peste de algum erro devido à debilidade do espírito humano. Mas, porque caminha em peregrinação longe do Senhor enquanto se mantiver neste corpo mortal, quem o guia é a fé e não a visão — e por isso ele refere toda a paz do corpo, ou da alma ou ao mesmo tempo a do corpo e a da alma, a essa paz que une o homem mortal a Deus imortal, para assim ter a obediência bem ordenada na fé sob a lei eterna.

Deus, nosso mestre, ensinou-nos dois mandamentos principais: o amor de Deus e o amor do próximo. Neles encontrou o homem três objectos para amar — Deus, ele próprio e o próximo. Não se engana ao amar-se a si próprio aquele que ama a Deus. Por conseguinte, deve ajudar o seu próximo a amar a Deus, esse próximo a quem, segundo o mandamento, deve amar como a si próprio (a esposa, os filhos, os familiares, todos os homens que puder). E também deve desejar que o próximo o ajude se tiver necessidade. Assim, tanto quanto está na sua mão, ele estará com todo o homem na paz, que é a concórdia bem ordenada dos homens. E a ordem nesta paz consiste: primeiro, em a ninguém prejudicar; e depois em tornar-se útil a quem se puder.

Pertence-lhe, pois, em primeiro lugar o cuidado dos seus. Efectivamente ele tem ocasião mais oportuna e mais fácil de os ajudar em virtude da ordem da natureza ou da própria sociedade humana. A este respeito diz o Apóstolo:

*Quem não olha pelos seus, sobretudo pelos de casa, renega a fé e é pior que um infiel*¹:

Daí nasce também a paz do lar, isto é, a concórdia harmoniosa em mandar e obedecer dos que coabitam. Os que cuidam dos outros é que mandam: como o marido na mulher, os pais nos filhos, os senhores nos servidores. Aqueles de quem se cuida é que obedecem; como as mulheres aos maridos, os filhos aos pais, os servidores aos senhores. Mas, na casa do justo que vive da fé e que ainda peregrina afastado dessa Cidade Celeste, os que mandam estão ao serviço daqueles sobre os quais parece que mandam. É que não mandam pela paixão de dominar, mas pelo dever de deles cuidarem, nem pelo orgulho, de se sobrepor, mas pela bondade de cuidarem de todos.

¹ *Quisquis autem suis et maxime domesticis non providet, fidem denegat et est infideli deterior.*

I Timót., V, 8.

CAPÍTULO XV

Da liberdade, que é natural, e da servidão que tem como primeira causa o pecado — porque o homem de vontade má, mesmo que não seja propriedade de outro homem, é escravo das suas próprias paixões.

O que a ordem natural prescreve é isto, pois foi assim que Deus criou o homem:

*Domine sobre os peixes do mar, as aves do céu e todos os répteis que rastejam sobre a terra*¹.

Não quis que ele, ser racional feito à sua imagem, dominasse senão sobre os irracionais — e não que o homem sobre o homem, mas o homem sobre o animal. Por isso é que os primeiros justos foram instituídos mais como pastores de gado do que como reis de homens. Era mesmo desta forma que Deus sugeria o que a ordem das criaturas reclamava e o que a sanção do pecado exige. Realmente, a condição de servidão, compreende-se, foi justamente imposta ao pecador. Por isso em parte nenhuma das Escrituras se lê a palavra servo antes de o justo Noé castigar com este nome o pecado de seu filho. Foi, pois, a culpa e não a natureza que mereceu este nome. A origem da palavra latina *servus* crê-se que provém do facto de aqueles que, pelo direito da guerra, podiam ser entregues à morte, quando eram conservados tornavam-se servos (*servi*), eram assim chamados da palavra conservar (*servare*); e até

¹ *Dominetur piscium maris et volatilium caeli et omnium reptantium quae repunt super terram.*

Gén., I. 26.

mesmo isto se não verifica sem a culpa do pecado. De facto, mesmo quando se conduz uma guerra justa, o adversário combate pelo pecado — e a vitória, mesmo quando ganha pelos maus, humilha os vencidos por um juízo divino, quer corrigindo quer punindo os seus pecados. Testemunha disto é aquele homem de Deus, Daniel, quando, no seu estado de cativo, confessa a Deus os seus pecados e os do seu povo e reconhece com piedosa dor que eram eles a causa desse cativo.

O pecado é, portanto, a primeira causa da servidão: é assim que o homem se submete ao homem pelo vínculo da sua condição; isto não acontece sem um desígnio de Deus, em quem não há injustiça e que sabe distribuir as penas diferentes conforme as culpas dos pecadores. Mas, como diz o Senhor soberano:

*Todo aquele que comete o pecado é escravo do pecado*², e por isso é que, na verdade, muitos religiosos são escravos de senhores injustos e, portanto, não livres,

*pois, se alguém se deixa vencer por outro, fica sendo seu escravo*³.

E, realmente, serve-se com mais prazer um homem do que uma paixão, pois a paixão de dominar, para mais não dizer, arruína o coração dos mortais com a mais atroz tirania. Porém, nessa ordem de paz, em que uns estão submetidos aos outros, a humildade aproveita tanto mais aos que servem quanto mais a soberba prejudica os que dominam. Mas na natureza, em que primitivamente Deus criou o homem, ninguém é servo de outro homem ou do pecado. A verdade é que mesmo essa escravidão, que é fruto do pecado, encontra o seu lugar na ordem por essa lei que ordena se conserve a lei natural e proíbe que a perturbem — porque, se nada se tivesse feito contra essa

² *Omnis, qui facit peccatum, servus est peccati.*
João, VIII, 34.

³ *A quo enim quis devictus est, huic et servus addictus est.*
II Pedro, II, 19.

lei, nada teria havido a castigar com a pena da servidão. Por isso é que o Apóstolo recomenda mesmo aos escravos que se submetam aos seus senhores e que de bom coração e com boa vontade os sirvam. Desta forma, se não podem libertar-se dos seus senhores, poderão de certo modo tornar livre a sua servidão, obedecendo com afectuosa fidelidade e não com temor hipócrita, até que a injustiça passe e se aniquile toda a soberania e todo o poderio humano e

Deus seja tudo em todos ⁴.

⁴ *Sit Deus omnia in omnibus.*
I Corínt., XV, 28.

CAPÍTULO XVI

O justo direito do domínio.

Por isso os nossos santos patriarcas, embora tivessem servos, administravam a paz doméstica de forma a distinguirem, quanto aos bens temporais, a sorte dos seus filhos, da condição dos servos; mas, para o culto a prestar a Deus, em quem assenta a esperança dos bens eternos, prestavam a todos os membros da sua casa todo o cuidado com igual amor. Isto está tanto de acordo com a ordem natural, que o nome de *paterfamilias* (*pai de família*) surgiu daí e vulgarizou-se tanto que até os Senhores iníquos gostavam que lhes dessem esse nome. Mas os verdadeiros *pais de família* cuidam de todos os membros da sua casa como dos filhos, no sentido de todos adorarem e serem dignos de Deus, vivamente desejosos (*desiderantes atque optantes*) de chegarem à Casa celestial onde o dever de mandar sobre os mortais já não é necessário porque necessário não será já o dever de cuidar dos que vivem já felizes na imortalidade. Até que lá cheguem, os pais devem ter mais paciência em mandar do que os servos em servir.

Mas, se alguém em casa se opuser por desobediência à paz doméstica, é ele corrigido por palavras ou por açoites ou por qualquer outro género justo e lícito de castigo, conforme o permite a sociedade humana, para o reconduzir, no seu próprio interesse, à paz de que se tinha separado. Na verdade, assim como não há benefício em colaborar na perda de um bem maior, assim também não está isento de culpa quem por omissão deixa cair outro num mal mais grave. É, portanto, dever do que não faz mal (*innocens*) não só não causar mal a ninguém, mas também

afastar do pecado ou punir o pecado, quer para corrigir pelo castigo o que é punido, quer para atemorizar os outros com o exemplo.

Como a família deve ser o princípio ou a célula da sociedade e como todo o princípio se refere a algum fim no seu género e como toda a célula se refere à integridade do todo de que é parte — claramente se conclui que a paz da cidade se refere a da família, isto é, que a concórdia bem ordenada dos que juntos convivem no mando e na obediência se refere à concórdia bem ordenada dos cidadãos no mando e na obediência. É assim que o pai de família deve tomar das leis da cidade aqueles preceitos com que governe a sua casa de harmonia com a paz da cidade.

CAPÍTULO XVII

Origem da paz e da discórdia entre a Cidade Celeste e a Cidade Terrestre.

A família dos homens que não vivem da fé procura a paz terrena nos bens e comodidades desta vida temporal; mas a família dos homens que vivem da fé espera os bens eternos prometidos para a vida futura e utiliza-se, como peregrina, dos bens terrenos e temporais, não para se deixar prender por eles nem se desviar do que para Deus tende, mas para sobre eles se apoiar e tornar mais suportável, e nunca para aumentar o peso do corpo corruptível que agrava a alma. Por este motivo é que o uso das coisas indispensáveis a esta vida mortal é comum a estes dois grupos de homens e de famílias, mas o fim com que cada um o usa é próprio de cada um e muito diferente em cada um. Assim, a Cidade Terrena, que não vive em conformidade com a fé, mesmo ela aspira à paz terrena e a harmonia bem ordenada do mando e da obediência de seus cidadãos fá-la assentar num certo equilíbrio das vontades humanas a respeito das questões relacionadas com a vida mortal.

Mas também a Cidade Celeste, ou antes esta parte que peregrina nesta vida mortal, e vive da fé, tem necessidade desta paz e usa-a até passar a vida mortal a que essa paz é necessária; e por tal razão, enquanto decorre, no meio da Cidade Terrena, a sua como que cativa vida de peregrinação, mas já com a promessa de redenção e com o dom espiritual como que em garantia, ela não hesita em obedecer às leis da Cidade Terrestre promulgadas para a boa administração — de maneira que, visto a vida mortal

lhes ser comum, para tudo o que lhes respeita, a concórdia das duas Cidades se mantenha.

Mas a Cidade Terrestre tem tido os seus próprios sábios reprovados pelo ensino divino, os quais, conforme as suas teorias ou enganados pelos demónios, têm julgado que se deve ganhar o interesse da multidão dos deuses para realidades humanas. A cada um deles caberia como que uma função distinta conforme as distintas realidades: a um, o corpo, a outro, a alma; no próprio corpo, a um, a cabeça, a outro, a nuca; e por aí fora cada uma a cada um; e da mesma forma na alma: a um, a inteligência, a outro, a ciência; a um, a cólera, a outro, a concupiscência; e nas próprias realidades concernentes à vida, a um, o gado, a outro, o trigo; a um, o vinho, a outro, o azeite; as florestas a este, àquele o dinheiro; a navegação a um, a outro as guerras e as vitórias; a este, o casamento, àquele, o parto e a fecundidade; e o resto para os outros. Mas a Cidade Celeste, essa sabe que um só Deus deve ser adorado, e crê, na sua piedade cheia de fé, que só a ele deve ser prestado o culto, a que os gregos chamam λατρεία, devido apenas a Deus. O facto é que não pode ter com a Cidade Terrestre leis de religião comuns. Daí ter que dela discordar necessariamente: tornou-se um peso para os que pensavam de outra forma e teve que suportar as suas iras, os seus ódios, a violência das suas perseguições, salvo quando às vezes conseguia conter os ânimos dos adversários pelo temor que a multidão dos seus inspirava, e sempre graças ao auxílio divino.

Esta Cidade Celeste, enquanto peregrina na Terra, recruta cidadãos de todos os povos e constitui uma sociedade peregrina de todas as línguas, sem se preocupar com o que haja de diferente nos costumes, leis e instituições com que se conquista ou se conserva a paz eterna; nada lhes suprime, nada lhes destrói; mas antes conserva e favorece tudo o que de diverso nos diversos países tende para o mesmo e único fim — a paz terrena — contanto que tudo

isso não impeça a religião que nos ensina a adorar o único e supremo Deus verdadeiro.

Nesta sua peregrinação, a Cidade Celeste também se serve, portanto, da paz terrena,

protege e deseja a composição das vontades humanas em tudo o que respeita à natureza mortal dos homens — até onde lho permita a piedade e a religião —

refere essa paz terrena à paz celeste, que, essa sim, é a verdadeira paz que, pelo menos para o ser racional, deve ser reconhecida e chamada com o nome de paz, ou seja: a comunidade que em perfeita ordem e harmonia goza de Deus e da mútua companhia em Deus. Quando lá chegar, a vida já não será mortal, mas plena e certamente vital; nem o seu corpo será mais um corpo animal que se corrompe e oprime a alma, mas um corpo espiritual, sem qualquer necessidade e todo submetido à verdade. Enquanto peregrina na fé, tem já essa paz, e, mercê dessa fé, vive já na justiça, referindo à aquisição desta paz todas as boas acções que ela cumpre para com Deus e para com o próximo, pois a vida de uma cidade é realmente social.

CAPÍTULO XVIII

Quão diferente é da firmeza da fé cristã a dúvida da Nova Academia.

Pelo que respeita à conhecida diferença atribuída por Varrão aos Novos Académicos, para quem tudo é incerto, a Cidade de Deus repele totalmente semelhante dúvida como uma loucura. Ela tem das verdades que capta com a mente e a razão um conhecimento certíssimo, embora reduzido por causa do corpo corruptível que pesa sobre a alma (porque, como diz o Apóstolo,

*conhecemos em parte*¹);

— tem confiança nos sentidos, de que o espírito se serve através do corpo, para toda a realidade que lhes aparece com evidência, porque mais miseravelmente se engana ainda quem julga que nenhum crédito lhes devemos prestar;

— acredita ainda nas Sagradas Escrituras, Antigas e Novas, a que chamamos canónicas, a elas indo beber a própria concepção da fé de que vive o justo, mercê de cuja fé caminhamos sem dúvidas enquanto peregrinamos longe do Senhor.

Desde que fique a salvo e sem incertezas esta fé, podemos manter a dúvida, sem nos sentirmos culpados, acerca de várias realidades que não chegaram ao nosso conhecimento pelos sentidos nem pela razão as captámos, nem delas a Escritura canónica nos fornece qualquer esclarecimento, nem testemunho algum digno de fé delas nos dá a garantia.

¹ *ex parte scimus.*

I Corínt., XIII, 9.

CAPÍTULO XIX

Maneiras de ser e de agir do Povo Cristão.

Claro que não têm importância para esta Cidade, desde que se professe a fé que conduz a Deus, os hábitos ou costumes de cada um, contanto que não sejam contrários aos preceitos divinos. Aos próprios filósofos não impõe ela, quando eles se tornam cristãos, que mudem as maneiras de se comportarem e de viverem se elas não forem contrárias à religião, mas apenas lhes impõe que renunciem às falsas doutrinas. Não se preocupa absolutamente nada com aquelas singularidades que Varrão atribui aos Cínicos se nisso nada houver de torpe ou destemperado.

Dos três géneros de vida — contemplativo, activo e misto —, salvaguardada que seja a fé, cada um pode escolher para a sua vida qualquer deles, para assim chegar às recompensas eternas; mas convém que não perca de vista o que o amor da verdade nos obriga a manter e o que a urgência da caridade nos obriga a sacrificar. Mas ninguém deve estar tão desocupado que não pense, na sua despreocupação, em ser útil ao próximo, nem tão ocupado que não procure a contemplação de Deus. Na vida contemplativa, não é a vazia inacção que se deve amar, mas sim a busca ou a descoberta da verdade, para que nela cada um progrida e não recuse partilhar com outros o que tiver encontrado. Mas, na acção, não é às honras desta vida nem ao poderio que se deve amar, porque

*tudo é vaidade debaixo do Sol*¹,

¹ *Omnia vana sub sole.*
Eccles., I, 14.

mas é ao próprio trabalho, cumprido no exercício dessas honras e desse poderio, se realizado com rectidão e utilidade, isto é, capaz de contribuir, segundo os planos de Deus, para a salvação dos que nos estão submetidos. (Disto já tratámos acima). É por isso que o Apóstolo diz:

*O que deseja o Episcopado deseja uma boa obra*².

Quis assim explicar o que é o episcopado: que este nome designa um cargo e não uma honraria. Efectivamente, é um nome grego que deriva do facto de aquele que é colocado à frente de outros exercer sobre eles vigilância, isto é, cuidar deles; porque σκοπός quer dizer *cuidado* (*intentio*); se quisermos, podemos traduzir ἑπισκοπεῖν pela palavra latina *superintendere* (*vigiar sobre, superintender*) — para que se compreenda que não é bispo aquele que gosta de mandar em vez de servir³.

² *Qui episcopatum desiderat, bonum opus desiderat.*

I Timót., III, 1.

³ Este período é a tradução do seguinte texto da edição crítica de B. Dombard e A. Kalb, de que nos servimos:

«*Graecum est enim atque inde ductum vocabulum, quod ille qui praeficitur eis quibus praeficitur superintendit, curam scilicet eorum gerens; σκοπός quippe intentio est; ergo ἑπισκοπεῖν, si velimus, Latine superintendere possumus dicere; ut intellegat non se esse episcopum, qui praeesse dilexerit, non prodesse.*»

Em Migne, esta passagem tem algumas diferenças que convém referir:

«*Graecum est enim atque inde ductum vocabulum, quod ille qui praeficitur eis quibus praeficitur superintendit, curam eorum scilicet gerens; ἐπί quippe, super; σκοπός, vero, intentio est; ergo ἑπισκοπεῖν si velimus, latine super intendere possumus dicere; ut intellegat non se esse episcopum, qui praeesse dilexerit, non prodesse.*»

A este texto podemos dar a seguinte tradução:

«Efectivamente, é um nome grego que deriva do facto de aquele que é colocado à frente de outros exercer sobre eles vigilância, isto é, cuidar deles. Realmente, ἐπί quer dizer *super* (*sobre*) e σκοπός quer dizer *intentio* (*intenção, cuidado*). Portanto, se quisermos, podemos traduzir ἑπισκοπεῖν, pela palavra latina *superintendere* (*vigiar sobre, superintender*) para que se compreenda que não é bispo aquele que gosta de mandar em vez de servir.

Assim, ninguém está proibido de desejar conhecer a verdade que faz parte dum louvável lazer, mas uma alta função, sem a qual o povo não pode ser governado, mesmo que ela seja mantida e exercida como convém, não convém que se deseje. O amor à verdade, portanto, é que busca o santo lazer e a urgência da caridade aceita a devida ocupação. Se ninguém nos impuser este fardo, convém que nos apliquemos à contemplação da verdade. Se no-lo impuserem, convém que o aceitemos como o exige o dever de caridade. Mas, mesmo então, não convém renunciar inteiramente às alegrias da verdade, não aconteça que, privados desta suavidade, aquele dever nos oprima.

CAPÍTULO XX

Os concidadãos dos santos durante esta vida temporal são bem-aventurados em esperança.

Sendo, pois, o bem supremo da Cidade de Deus a paz eterna e perfeita — não essa paz pela qual passam os mortais desde que nascem até que morrem, mas aquela em que permanecerão imortais, absolutamente nada de adverso suportando — quem poderá negar que uma tal vida é absolutamente bem-aventurada e que, em comparação, a que cá se passa, por muito cheia que esteja de todos os bens espirituais, corporais e materiais, é de todo miserável? Todavia, aquele que possui esta vida de modo a referir o seu uso Àquele que ele ama com um amor maior e pela qual ele espera com uma esperança mais firme — não é sem razão que desde já se pode chamar feliz, mas mais por aquela esperança do que por esta realidade. É que esta realidade sem aquela esperança é uma falsa beatitude e uma grande miséria: não oferece à alma verdadeiros bens, pois não é a verdadeira sabedoria aquela que nos bens de cá — que ela escolhe com prudência, realiza com fortaleza, emprega com temperança e distribui com justiça — não dirige a sua intenção para o bem supremo em que Deus será tudo para todos numa eternidade certa e numa paz perfeita.

CAPÍTULO XXI

Será que, segundo as definições de Cipião, que se encontram no diálogo de Cícero, alguma vez existiu a República Romana?

Chegou agora a ocasião de eu expor, tão breve e claramente quanto me for possível, o que prometi aclarar no livro segundo desta obra, e de provar que, segundo as definições usadas por Cipião nos livros de Cícero acerca *Da República*, nunca existiu a República (Estado) Romana.

Define ele com concisão Estado (*res publica*) como *empresa do povo*. Se esta definição é verdadeira, nunca existiu o Estado Romano (*Romana res publica*) porque nunca houve empresa (*res*) do povo (*publica*), definição que ele quis que fosse a de Estado (*res publica*). Efectivamente, ele define *povo* como uma multidão reunida em sociedade pela adopção, em comum acordo, de um direito, e pela comunhão de interesses. E no diálogo explica o que entende por adopção de um direito, mostrando que a República não pode ser governada sem a justiça. Portanto, onde não houver verdadeira justiça, não pode haver direito. O que se faz conforme o direito faz-se com justiça; o que se faz injustamente não se pode fazer conforme o direito. Não podemos chamar direito nem considerar como tal as iníquas instituições dos homens, pois eles próprios sustentam que o direito dimana da fonte de justiça e desmentem, como falsa, a afirmação que alguns, que não pensam correctamente, costumam repetir: a de que é direito o que é útil ao que mais pode. Por conseguinte, onde não há ver-

dadeira justiça, não pode haver uma multidão de homens reunida em sociedade pela aceitação de um direito, nem povo, segundo a referida definição de Cipião ou de Cícero. Mas, se não há povo, também não há *empresa* de povo, mas empresa duma qualquer multidão que não é digna do nome de povo. Ora, se o Estado (*res publica*) é a *empresa* do povo, mas não há povo que não esteja associado na aceitação de um direito, nem há direito onde não exista justiça, o que, sem a menor dúvida, se conclui é que: onde não há justiça, não há Estado (*res publica*).

Mas a justiça é a virtude que dá a cada um o que lhe pertence. Qual é então a justiça do homem que tira o próprio homem ao verdadeiro Deus e o submete aos demónios imundos? Será isto dar a cada um o que lhe pertence? Será injusto o que tira uma propriedade a quem a comprou e a entrega a quem a ela nenhum direito tem; e será justo o que se subtrai ele próprio à autoridade de Deus, por quem foi criado, e se submete a espíritos malignos?

É certo que, nesses mesmos livros acerca *Da República*, se discute acérrima e fortemente contra a injustiça, a favor da justiça. Mas começa-se por tomar partido pela injustiça contra a justiça, afirmando-se que não se pode manter nem fazer progredir a República (Estado) senão pela injustiça. Punha-se como princípio absolutamente válido que é injusto que haja homens submetidos ao domínio de outros homens. Mas, se uma cidade dominadora, à qual pertence uma grande República, não se seguir essa injustiça, não poderá exercer o seu domínio sobre as províncias.

Respondem a isto os partidários da justiça: mesmo assim, é justo, porque a servidão é útil a tais homens. É a favor deles que isso acontece, quando acontece com rectidão, isto é, quando aos maus se tira a liberdade de praticarem o mal. Comportam-se melhor dominados — porque libertos comportar-se-iam pior. Para reforçar este argumento, acrescenta-se um exemplo notável como que tirado da natureza e diz-se: «Porque é que Deus domina o homem?

Porque é que a alma domina o corpo? Porque é que a razão domina a paixão e as outras partes viciosas da alma? Com este exemplo se mostra bem que a servidão é útil a alguns — e que servir a Deus é útil a todos. A alma que se submete a Deus domina correctamente o corpo — e, nesta alma, a razão, submissa a Deus como Senhor, domina correctamente a paixão e demais vícios. Por isso, quando o homem não serve a Deus, que aparência de justiça haverá nele, se de maneira nenhuma a alma, que na realidade não serve a Deus, não pode correctamente comandar o corpo, nem a razão comandar os vícios? Se em semelhante homem nenhuma justiça pode haver, é fora de dúvida que também não haverá justiça num aglomerado formado de semelhantes homens. Não se encontra aqui, portanto, aquela submissão ao direito que duma multidão de homens faz um povo, a cuja *empresa (res)* se chama Estado (*res publica*).

E que dizer dos interesses por cuja comunhão se associa este aglomerado de homens para se chamar povo, segundo a definição formulada? Bem vistas as coisas, nem mesmo existem interesses para os que vivem na impiedade, como são todos os que não servem a Deus mas aos demónios, tanto mais ímpios quanto mais pretendem — pois não passam de espíritos imundos — que se lhes ofereçam sacrificios como a deuses. Todavia, o que dissemos acerca da aceitação do direito basta, parece-me, para mostrar que, em virtude desta definição, não pode haver povo cuja empresa (*res*) se possa chamar pública, se não houver justiça. Mas, se eles disserem que na sua república os Romanos serviram, não a espíritos imundos mas a deuses bons e santos — será preciso repetir tantas vezes as mesmas coisas que tantas e tantas vezes já dissemos? Quem é que, tendo, desde os livros anteriores, chegado a este ponto, poderá duvidar, a não ser que seja um estúpido ou um teimoso sem sombra de vergonha, de que os romanos serviram a maus e impuros demónios? Mas não digo mais de que qua-

lidade terão sido aqueles a quem honravam com sacrificios; está escrito na lei do verdadeiro Deus:

*Será exterminado o que sacrifica aos deuses em vez de apenas ao Senhor*¹.

Quem isto preceitua com uma tão grande cominação, não quer, portanto, que se sacrifique nem aos deuses bons nem aos deuses maus.

¹ *Sacrificans diis eradicabitur nisi Domino tantum.*
Exodo, XXII, 20.

CAPÍTULO XXII

Será o Deus, a quem os cristãos servem, o único verdadeiro e digno de sacrifícios?

Poderão contestar: «Que Deus é esse e como é que se prova que é o único a quem os Romanos devem obedecer de tal forma que, além dele, a mais nenhum dos deuses honrem com sacrifícios?» Que grande cegueira perguntar ainda que Deus é esse. Este é o Deus cujos profetas predisseram o que estamos a ver. Este é o Deus de quem Abraão recebeu a resposta:

*Na tua descendência todas as nações serão abençoadas*¹.

É o que se realizou em Cristo, que, segundo a carne, provém daquela descendência, como bem sabem, quer queiram quer não queiram, mesmo aqueles que se têm mantido inimigos deste nome. Este é o Deus cujo Espírito divino falou por intermédio daqueles cujos vaticínios, realizados na Igreja, que vemos difundida por todo o universo, já citámos nos livros precedentes. Este é o Deus que Varrão, o mais douto dos Romanos, embora sem saber o que diz, confunde com Júpiter. Julguei que devia rememorar a sua opinião, porque um homem de tamanha ciência não pôde aceitar que esse Deus não existisse nem que ele fosse tão desprezível. Acreditou que tal Deus existe e considerou-O como o Deus supremo. Este é o Deus, finalmente, que Porfírio, o mais sábio dos filósofos, embora encarnizado inimigo dos Cristãos, proclama como o grande Deus, seguindo precisamente os oráculos dos que ele crê que sejam deuses.

¹ *In semine tuo benedicentur omnes gentes.*

Gén., XXII, 18. Cfr. Gál., III, 16.

CAPÍTULO XXIII

Respostas que, segundo Porfírio, deram os oráculos dos deuses acerca de Cristo.

Nos livros a que deu o nome de *ἔκ λογίων φιλοσοφίας*¹, (*Filosofia dos Oráculos*) — em que recolheu e transcreveu as chamadas *respostas divinas* relativas a questões filosóficas, diz Porfírio (eu cito precisamente as suas próprias palavras, que vão traduzidas do grego para o latim): «A um que lhe perguntava que deus devia aplacar para retirar a esposa do Cristianismo, Apolo respondeu isto em verso». Seguidamente, vêm estas supostas palavras de Apolo: «Poderás talvez mais facilmente escrever com letras impressas na água, ou então, como uma ave, estender as tuas leves asas e voar pelos ares, do que chamares à razão a tua mulher manchada pela impiedade. Deixa que ela se mantenha como quer nas suas falazes loucuras e que cante com suas enganosas lamentações um Deus morto que foi condenado por juizes equitativos e a quem a pior das mortes, a ligada a cravos de ferro, ceifou na flor da idade». Seguidamente, depois destes versos de Apolo, que foram traduzidos para latim sem ligar à métrica, acrescentou: «Nestes versos deixou bem claro que é realmente irremediável a crença deles, declarando que os Judeus aceitam melhor a Deus do que eles». Eis como, declarando que os Judeus aceitam Deus, ele rebaixa Cristo e põe os Judeus

¹ *Filosofia dos Oráculos* — Perdeu-se este livro de Porfírio. Dele só restam fragmentos. A este respeito ver Wolff, *Porphyrii de Philosophia ex oraculis haurienda librorum reliquiae*, Berlim, 1856; John J. O. Meara, *Porphyry's Philosophy from Oracles in Augustine* (in *Études Augustiniennes*).

acima dos Cristãos. É esta a interpretação que ele faz dos versos de Apolo, onde se diz que Cristo foi entregue à morte por juízes equitativos, o que equivale a dizer: o julgamento foi justo; portanto, o castigo foi merecido. O que terá dito o mentiroso adivinho de Apolo acerca de Cristo, e o que terá Porfírio julgado, ou então o que talvez terá ele próprio feito dizer ao adivinho sem este o ter dito — eles lá verão. Logo veremos até que ponto está seguro e até que ponto os oráculos concordam entre si. De momento, ele pretende que os Judeus, como abertos ao culto de Deus, julgaram Cristo correctamente ao julgarem-no digno da pior das mortes. O Deus dos Judeus, de quem ele dá testemunho, devia ter sido atendido ao dizer:

*Será exterminado o que sacrifica aos deuses em vez de apenas ao Senhor*².

Mas vamos a afirmações mais claras e ouçamo-lo dizer quão grande é o Deus dos Judeus. Interrogado de novo Apolo acerca do que era melhor — se a palavra, a razão ou a lei — «Respondeu isto, diz ele, exprimindo-se em verso». E logo a seguir cita os versos de Apolo, entre os quais, para não referir senão os que interessam, estão os seguintes: «Mas, na presença de um Deus genitor e rei antes de todas as coisas, diante do qual tremem o Céu e a Terra, o mar e os arcanos dos infernos e até as próprias divindades estremecem de medo. A lei deles é o Pai, a quem muito veneram os santos hebreus». Baseado neste oráculo de Apolo, seu deus, Porfírio proclama o Deus dos Hebreus tão grande que faz estremecer de medo os próprios deuses. Tendo, portanto, este Deus dito:

Será exterminado o que sacrifica aos deuses^{2a},
admiro-me de que o próprio Porfírio não estremeça de medo nem receie ser exterminado ao sacrificar aos deuses.

² *Sacrificans diis eradicabitur nisi Domino tantum.*

Êxodo, XXII, 20.

^{2a} *Sacrificans diis eradicabitur.*

Ib.

Este filósofo também diz bem de Cristo, como que esquecido daquelas suas injúrias, ou como se os seus deuses tivessem dito mal de Cristo em sonhos, mas, uma vez acordados, reconhecessem que Ele era bom e O louvassem condignamente. Enfim, como quem vai proferir algo de maravilhoso e de incrível, diz: «Com certeza que o que vou dizer parecerá a alguns contra toda a expectativa. Os deuses proclamaram que Cristo foi um homem piedosíssimo que se tornou imortal, e dele fazem menção com grandes louvores. Mas, diz ele, declaram que os Cristãos estão manchados, corrompidos e implicados no erro e contra estes proferem eles ainda muitos insultos deste teor». Depois, cita alguns pretensos oráculos insultuosos para os Cristãos e continua: «aos que, acerca de Cristo, perguntam se ele é Deus, responde Hécate: «Tu já sabes para onde caminha a alma imortal depois de sair do corpo mas, afastada da sabedoria, está sempre errante. A alma de que falamos é a de um homem eminentíssimo pela sua piedade. A esta alma prestam eles culto longe da verdade». Em seguida, ele próprio, enquadrando as suas palavras na daquele pretense oráculo, diz: «Chama-lhe ela, portanto, um homem piedosíssimo e é a sua alma, dignificada, como a de outros homens piedosos, com a imortalidade, que os Cristãos veneram por ignorância». E acrescenta: «Aos que perguntam»: «Então porque é que ele foi condenado?», respondeu a deusa com este oráculo: «O corpo está sempre exposto aos tormentos que o debilitam, mas a alma dos homens piedosos reside na morada celeste. Mas esta alma, por fatalidade, tem sido ocasião para que caíam no erro outras almas não escolhidas pelo destino para participarem nos favores divinos nem para chegarem ao conhecimento do imortal Júpiter. São por isso detestados pelos deuses, porque, aos não chamados pelo destino a conhecerem a Deus, nem a participarem nos favores dos deuses, foi este Cristo para eles fatal ocasião de caírem no erro. Ele próprio, porém, é um homem piedoso e, como todos os piedosos, tem no Céu a sua morada. Contra ele, portanto,

não blasfemarás tu, mas compadece-te da demência dos homens para os quais ele é um fácil precipício e um perigo».

Quem será tão tolo que não compreenda que estes oráculos foram inventados por um homem matreiro e acérrimo inimigo dos Cristãos, ou que estas respostas foram dadas por impuros demónios com a mesma intenção, ou seja: a de que, louvando Cristo, sejam tidos como verazes ao vituperarem os Cristãos e, desta forma, se puderem, fechem o caminho da salvação eterna pelo qual cada um se faz cristão? Sabem muito bem que não será contrário às suas nocivas e milhentas artimanhas, o facto de aceitarem os seus louvores a Cristo, desde que neles se acredite também quando vituperam os cristãos. Assim, a quem acreditar numa e noutra coisa, convertê-lo-ão num tal panegirista de Cristo que não quer ser cristão, e assim Cristo, embora por ele louvado, não o poderá libertar do domínio daqueles demónios. Principalmente porque O louvam de tal forma que aquele que acreditasse num Cristo tal qual ele o apresenta, não seria um verdadeiro cristão mas um herético fotiniano³ que reconhece Cristo apenas como um homem e não como um Deus também, e por isso não poderia por ele ser salvo nem evitar ou quebrar os laços destes demónios mentirosos.

Mas nós, nem Apolo, que insulta Cristo, nem Hécate, que O louva, podemos aprovar. Aquele pretende, na realidade, apresentar um Cristo delinquente, que foi entregue à morte por juízes equitativos e esta apresenta-o como um homem piedosíssimo, mas apenas como um homem. Mas a intenção de um e outra é só uma: que os homens não

³ Fótino de Sírmio foi um hereje do séc. IV, condenado em vários concílios da época por afirmar que Cristo era apenas homem. Antes da sua conversão e depois da leitura dos platónicos, foi esta a opinião também de Agostinho, como ele próprio o declara nas *Confissões* (Livro VII, 19, p. 221 da tradução portuguesa de J. Oliveira Santos e A. Ambrósio de Pina, revista por Lúcio Craveiro da Silva. Porto 1941.

queiram ser Cristãos porque, se não forem cristãos, não poderão fugir à sua tirania. Este filósofo, portanto, ou antes os que acreditam em tais pretensos oráculos contra os Cristãos, façam primeiro, se puderem, com que Hécate e Apolo se ponham de acordo em relação a Cristo e que, ou ambos O condenem, ou ambos O elogiem. Mesmo que o pudessem fazer, nem por isso nós deixaríamos de repudiar estes falaciosos demónios, quer sejam detractores quer sejam panegiristas de Cristo. Mas, como o deus e a deusa deles não estão de acordo entre si em relação a Cristo, ele vituperando-o e ela elogiando-o, com certeza que os homens, se pensam correctamente, não podem acreditar em quem assim calunia os cristãos.

Claro que, quando Porfírio ou Hécate, ao louvar Cristo, diz que Ele próprio foi para os Cristãos uma fatal ocasião para estes caírem no erro, expõe já também as causas desse erro, como ele as julga. Mas, antes de as expor pelas suas próprias palavras, pergunta primeiro, caso Cristo tenha dado ocasião aos cristãos de caírem em erro — foi voluntária ou involuntariamente? Se foi voluntariamente, como é que Ele é justo? Se foi involuntariamente, como é que Ele é bem-aventurado?

Mas, para já, ouçamos as causas desse erro. Diz ele: «Em certo lugar há uns insignificantes espíritos terrestres submetidos ao poder dos maus demónios. Deles os sábios dos Hebreus (um dos quais foi esse Jesus, como já ouviste aos oráculos de Apolo que acima foram citados) — deles, desses perversos demónios e desses espíritos insignificantes, desviavam os Hebreus os homens religiosos, proibindo-os de se ocuparem deles, pois deviam antes venerar os deuses celestes e mais ainda a Deus Pai. Mas isto, prossegue ele, também os deuses ordenavam e já acima mostrámos como eles nos aconselham a voltar a nossa alma para Deus e nos ordenam que O adoremos em toda a parte. Mas os ignorantes e os ímpios, a quem, na verdade, o destino não permitiu que alcançassem os favores dos deuses nem o conhecimento de Júpter imortal, nem aos deuses nem aos

homens divinos atenderam, e repudiaram todos os deuses; porém, aos demónios proibidos, a esses não odiaram mas até veneraram. Todavia, fingindo que adoravam a Deus, uma só coisa, pela qual Deus é adorado, essa é que não faziam. Na realidade, Deus, como Pai que é de todos, de ninguém precisa. Mas para nós é um bem adorá-lo na justiça, na castidade e outras virtudes, fazendo assim da nossa vida uma oração a ele dirigida por meio da procura e imitação. Porque, diz ele, a procura purifica e a imitação, operando uma afeição para com ele, deifica».

Realmente, falou bem de Deus Pai e também disse com que virtudes deve Ele ser adorado. Os livros dos Hebreus, ao mostrarem-nos ou ao louvarem a vida dos santos, estão cheios destes preceitos. Mas acerca dos cristãos erra ou calunia tanto quanto os demónios, que ele toma por deuses, o querem. Como se fosse difícil recordar que torpezas, que ignomínias se realizavam nos teatros e nos templos em honra desses deuses — e reparar para o que se lê, o que se diz, para o que se ouve nas igrejas ou para o que aí se oferece ao verdadeiro Deus, e daí concluir onde é que está a edificação ou a ruína dos costumes. Quem, pois, senão o espírito diabólico lhe disse ou inspirou tão vã e tão evidente mentira — a de que a estes demónios, cujo culto era proibido pelos Hebreus, os Cristãos, em vez de odiarem, veneravam? Mas é esse Deus, que os sábios dos Hebreus adoraram, quem proíbe que se ofereçam sacrifícios mesmo aos santos anjos do Céu e às Virtudes de Deus que nós veneramos e amamos, nesta nossa peregrinação mortal, como cidadãos bem-aventurados — declarando com voz poderosa e graves ameaças na sua lei, que Ele deu ao seu Povo Hebreu:

Será exterminado o que sacrifica aos deuses ^{2a}.

E, para que ninguém julgue que é aos demónios malignos e aos espíritos terrestres, a que ele chama mínimos ou menores, que este preceito proíbe que se ofereçam sacrifícios (porque também eles são nas Sagradas Escritu-

ras, apelidados de deuses, deuses não dos Hebreus mas dos pagãos — o que os Setenta dizem com clareza ao traduzirem o salmo

*todos os deuses dos gentios são demónios*⁴,

para que ninguém julgue, portanto, que a estes demónios é proibido mas que aos espíritos celestes, a todos ou a alguns, é permitido oferecer sacrifícios, logo acrescenta

*nisi domino soli*⁵,

isto é, *nisi domino tantum* «a não ser ao Senhor apenas». Ninguém vá pensar, por acaso, que ao ouvir *Domino soli*, se trata do deus Sol — e julgue que a este deve oferecer sacrifícios; no texto grego das Escrituras facilmente se constata que é assim que se deve entender⁶.

Por conseguinte, o Deus dos Hebreus, ao qual mesmo este eminente filósofo presta testemunho, deu ao Povo Hebreu, ao seu povo, escrita na língua hebraica, não uma lei obscura e desconhecida mas já divulgada entre todos os povos, lei em que está escrito:

*Será exterminado o que sacrifica aos deuses em vez de apenas ao Senhor*².

Que necessidade há de procurar muitos testemunhos, acerca deste ponto, na lei de Deus e seus profetas? Na realidade, não haverá necessidade de os procurar, pois não são raros nem obscuros; só tenho que recolhê-los claros e abundantes para os pôr nesta minha discussão; neles se apresenta, mais claro do que a luz, que a ninguém senão a Ele, verdadeiro Deus soberano, quer que se sacrifique. Eis

⁴ *Quoniam omnes dii gentium daemonia.*

Salmo XCV, 5.

⁵ *nisi domino soli.*

Êxodo, XXII, 20.

⁶ *Soli* tanto pode ser o dativo do adjectivo *solus* (só, sozinho), como o dativo de *Sol* (o Sol). Daí o receio de Santo Agostinho de que, mesmo para os ouvidos latinos, a frase soasse como querendo significar *ao Senhor Sol* em vez de *apenas (só) ao Senhor*, pensamento este que também se pode exprimir assim: *nisi Domino tantum*, em que *tantum* (*apenas*) substitui *soli* (*só*), com a vantagem de evitar o equívoco.

esta frase dita com brevidade, mas com que grandeza; ameaçadoramente, mas com toda a verdade, por aquele Deus que os seus mais doutos tão excelentemente exaltaram; ouçam-na, temam-na, observem-na, não aconteça que o extermínio vá no encalço dos desobedientes:

Será exterminado o que sacrifica aos deuses em vez de apenas ao Senhor².

Não é que Ele tenha necessidade de coisa alguma — mas porque a nós é que interessa que sejamos coisa sua. É a Ele, na verdade, que se canta nas Sagradas Escrituras dos Hebreus:

Eu disse ao Senhor: Tu és o meu Deus, porque não tens necessidade dos meus bens⁷.

O seu mais nobre e melhor sacrificio somos nós próprios, isto é, a sua Cidade; e desta realidade celebramos nós o mistério por nossas oblações que já são conhecidas dos fiéis, como expusemos nos livros precedentes. É que tinham que acabar as vítimas que os Judeus imolaram como figura do sacrificio futuro; do nascer do Sol ao seu ocaso, os povos iriam oferecer o único sacrificio, como vemos que já se faz: foi isto o que, por intermédio dos profetas hebreus, proclamaram os oráculos divinos. Deles citámos quantos nos pareceram bastantes e com eles temos salpicado esta obra.

Portanto, — quando falta essa justiça em virtude da qual o único e supremo Deus ordena à Cidade que lhe obedeça segundo a lei de sua graça,

que a mais ninguém senão a Ele ofereça sacrificios e, conseqüentemente, que em todos os homens, membros desta Cidade e obedientes a Deus, a alma domine fielmente o corpo e a razão domine os vícios em conformidade com uma ordem legítima,

e que, tal como um justo sozinho vive da fé, assim também uma comunidade inteira e um povo de justos

⁷ *Dixi Domino: Deus meus es tu, quoniam bonorum meorum non eges.*
Salmo XV, 2.

vivam da fé que se pratica por amor — por um amor pelo qual o homem ama a Deus como deve ser amado e ao próximo como a si mesmo,

— quando falta essa justiça, com certeza que não há uma comunidade de homens unidos pela adopção de comum acordo de um direito e de uma comunhão de interesses,

— quando isto falta, se é verdadeira essa definição de povo, o que é certo é que não há povo, nem, portanto, Estado (*res publica*), pois não há empresa do povo (*res populi*) onde nem sequer povo há.

CAPÍTULO XXIV

Segundo que definição se torna claro que não só os Romanos, mas também outros reinos, podem legitimamente reclamar a denominação de povo e de república.

Mas, se *povo* se definir, não desta, mas de outra maneira, por exemplo: *Povo é a união duma multidão de seres racionais associados pela participação concorde nos bens que amam*, então com certeza que, para se saber o que é cada povo, necessário se torna tomar em consideração o objecto do seu amor. Seja o que for que ame, se é uma união de uma multidão, não de animais mas de criaturas racionais, pela participação concorde nos bens que amam, não é desrazoável que se lhe chame povo — povo tanto melhor quanto mais está de acordo nas coisas melhores e tanto pior quanto mais o seu acordo está nas coisas piores. De acordo com esta definição, que é nossa, o *povo romano* é povo e a sua empresa é, sem dúvida, uma empresa pública, uma república (*res publica*). Mas o que foi que, nos primeiros tempos ou nos que se lhes seguiram, esse povo terá amado e devido a que costumes terá ele chegado às mais cruentas sedições e daí às guerras civis e sociais e a romper assim e corromper essa concórdia que, de certo modo, é a saúde dum povo — é a história que no-lo conta. Dela já citámos muitos acontecimentos nos livros precedentes. Por isso não direi nem que este não é *povo* nem que a sua empresa não é pública, uma *república* (*estado*) enquanto perdurar a união duma multidão de seres racionais associados pela participação concorde dos bens que

amam. O que disse acerca deste povo e desta República (estado) entenda-se que o disse e o pensei dos Atenienses e dos demais estados gregos, dos Egípcios, da antiga Babilónia, dos Assíricos, quando o seu estado governava outros grandes ou pequenos impérios, e de qualquer outra república de qualquer outro povo. Todavia, geralmente a cidade dos ímpios carece de verdadeira justiça, porque não obedece a Deus que lhe ordena que não ofereça sacrificios senão a Ele, que, conseqüentemente, nela, a alma se imponha recta e fielmente ao corpo, e a razão recta e fielmente se imponha aos vícios.

CAPÍTULO XXV

Virtudes verdadeiras não pode haver onde verdadeira religião não há.

Por mais louvável que pareça o domínio da alma sobre o corpo e o domínio da razão sobre os vícios, se tanto a alma como a razão não estão submetidas a Deus como Ele ordena que devem estar, de modo nenhum é correcto o domínio sobre o corpo e os vícios. Na verdade, de que corpo ou de que vícios pode a alma ser senhora se desconhece o verdadeiro Deus e não se submete ao seu domínio, mas se prostitui aos mais viciosos e corruptores demónios? Mas até as virtudes que ela julga ter e pelas quais domina o corpo e os vícios, seja qual for o bem que ela se propõe adquirir ou conservar, se as não referir a Deus, até essas virtudes são mais vícios do que virtudes. E, mesmo que por alguns sejam tidas como verdadeiras e nobres virtudes, consideradas em si mesmas e não exercidas com qualquer outra finalidade, mesmo então devem ser consideradas, inchadas e orgulhosas como estão, não como virtudes, mas como vícios. Pois, assim como o que faz viver a carne não procede da carne mas é à carne superior, assim também o que faz o homem viver feliz não provém do homem mas ao homem é superior — e não só ao homem mas também a qualquer Potestade ou Virtude celeste.

CAPÍTULO XXVI

O povo de Deus, enquanto é peregrino neste mundo, utiliza-se, para a religião, da paz do povo afastado de Deus.

Assim como a alma é a vida da carne, assim também Deus é a vida bem-aventurada do homem, conforme dizem as Sagradas Escrituras dos Hebreus:

*Feliz o povo cujo Deus é o próprio Senhor*¹.

Portanto, desgaçado povo o que desse Deus está afastado. Todavia, também ele ama a paz, uma certa paz que lhe é própria, mas de que, no fim, não disfrutará porque a não utilizou devidamente antes desse fim. Mas também a nós interessa a paz de que entretanto ele goza nesta vida, porque, enquanto as duas Cidades estiverem misturadas, também nós nos serviremos da paz de Babilónia. Desta Babilónia se libertará o povo de Deus pela fé, mas entretanto é nela peregrino. É por isso que o Apóstolo recomenda à Igreja que ore pelos reis e altas autoridades de Babilónia, acrescentando:

*Para que possamos levar uma vida sossegada e tranquila, com toda a piedade e caridade*²;

e o profeta Jeremias, quando anunciou ao antigo povo de Deus o seu cativo e lhe transmitiu a ordem divina de

¹ *Beatus populus, cujus est Dominus Deus ipsius.*

Salmo CXLIII, 15.

² *Ut quietam et tranquillam vitam agamus cum omni pietate et caritate.*

I Timót., II, 2.

obedientemente ir para Babilónia, servindo assim a Deus com este sofrimento, o aconselhou também a que orasse por ela dizendo:

*Porque é na paz dele que está a vossa paz*³,
uma paz temporal, com certeza, mas que é comum a bons e maus.

³ *Quia in ejus est pace pax vestra.*
Jerem., XXIX, 7.

CAPÍTULO XXVII

**Da paz dos que servem a Deus, a qual,
nesta vida temporal, não pode ser obtida
com perfeita tranquilidade.**

A paz que nos é própria, porém, temo-la cá com Deus por meio da fé, e na eternidade com ele a teremos por meio da visão. Mas cá, a que a todos é comum, como a que nos é própria, é uma paz tal que é mais alívio para a miséria do que alegria na felicidade. A nossa própria também, embora seja autêntica em virtude do verdadeiro bem supremo (*verum boni finem*) a que se refere, é tão pequena nesta vida, que mais consiste em remissão dos pecados do que em perfeição das virtudes. Disto testemunho é a oração de toda a Cidade de Deus que peregrina na Terra, pois por todos os seus membros clama a Deus:

*Perdoai-nos as nossas dívidas como nós perdoamos aos
nossos devedores*¹.

Esta oração não é eficaz para aqueles cuja fé é morta porque é fé sem obras, mas é-o para aqueles cuja fé se põe em prática pelo amor. Porque, na verdade, mesmo submetida a Deus, a razão não pode, nesta condição mortal, neste *corpo corruptível, que é um peso para a alma*², dominar perfeitamente os vícios. Por isso a necessidade para os justos de tal oração. É que, embora a razão se imponha, nunca se impõe aos vícios sem conflito. E, na

¹ *Dimitte nobis debita nostra, sicut et nos dimittimus debitoribus nostris.*
Mat., VI, 12.

² *corpore corruptibili, quod adgravat animam.*
Sabed. de Salom., IX, 15.

verdade, neste lugar de enfermidades, mesmo ao que denodadamente luta, mesmo ao que domina os seus inimigos depois de os ter vencido e submetido, algum pecado se infiltra, se não por obras vultuosas pelo menos por uma palavra que escapa, por um pensamento que voa. Por isso é que, enquanto se dominam os vícios, não há paz plena, pois os vícios que resistem têm que ser combatidos em perigosos combates, e os que são vencidos, deles se não triunfa numa segura tranquilidade, mas é preciso mantê-los sob vigilante domínio. No meio, portanto, de todas estas tentações de que se fala concisamente na Palavra Divina:

*Não será uma tentação a vida humana sobre a Terra?*³

quem terá a presunção de viver sem ter necessidade de dizer a Deus:

*Perdoai-nos as nossas dívidas*⁴,

senão o homem enfatuado? — Na verdade, ele não é grande, mas é o inchado, o intumescido, ao qual, na sua justiça, resiste Aquele que dispensa a sua graça aos humildes. Por isto é que foi escrito:

*Deus resiste aos soberbos, mas aos humildes concede a sua graça*⁵.

Aqui na Terra, portanto, a justiça para cada um é o império de Deus sobre o homem que obedece, da alma sobre o corpo, da razão sobre os vícios mesmo que estes se rebellem, quer submetendo-os quer resistindo-lhes; é ainda pedir a Deus a graça para ter méritos, o perdão dos pecados e dar graças pelos benefícios recebidos.

Mas, nessa paz final — para a qual deve tender esta justiça da Terra pela qual aquela se deve conseguir — a nossa natureza, curada pelo imortalidade e a incorruptibi-

³ *Numquid non temptatio est vita humana super terram?*
Job., VII, 1.

⁴ *Dimitte nobis debita nostra.*
Mat., VI, 12.

⁵ *Deus superbis resistit, humilibus autem dat gratiam.*
Tiago, VI, 6; I Pedro, V, 5; Prov., III, 14.

lidade, já não terá vícios, nem ninguém suportará mais resistências, nem em si, nem da parte dos outros: já não será preciso que a razão domine os vícios, porque vícios não haverá mais. Mas Deus exercerá o seu domínio sobre o homem e a alma sobre o corpo, e será então tão grande a suavidade e a facilidade em obedecer, quão grande será a felicidade de viver e de reinar. E tudo isto eterno em todos e em cada um, e será certo que isto é eterno e por isso é que a paz desta beatitude ou a beatitude desta paz será o bem supremo.

CAPÍTULO XXVIII

Destino final dos ímpios após a morte.

Daqueles que não pertencem a esta cidade, será, pelo contrário, a desgraça eterna, também chamada segunda morte porque aí não se pode dizer nem que a alma vive, separada como está da vida de Deus, nem que o corpo vive, submetido como está a dores eternas; por isso esta segunda morte será mais cruel, porque não poderá acabar com a morte. Mas, assim como a desgraça se opõe à beatitude e a morte à vida, assim também a guerra parece ser o contrário da paz; se, pois, se exaltou e celebrou a paz como sendo o bem supremo, é justo que se pergunte que espécie de guerra se pode conceber no caso oposto — o do mal supremo. Quem faz esta pergunta repare no que há de nocivo e pernicioso na guerra — e verá que nela nada mais há do que adversidades e conflito de realidades entre si. Que guerra mais pesada e mais amarga se poderá imaginar do que aquela onde a vontade é de tal forma adversa à paixão e a paixão à vontade, que, com a vitória de nenhuma delas poderão acabar tais inimizades — e onde a violência da dor de tal forma luta contra a própria natureza do corpo, que nenhuma das duas poderá ceder à outra? Quando cá surge um conflito destes, é a dor que triunfa e a morte apaga todo o sofrimento, ou então é a natureza que vence e a saúde expulsa a dor. Mas lá, a dor persiste para atormentar e a natureza perdura para sofrer — porque nem uma nem outra acabarão para que não acabe o castigo.

Mas, para se chegar a este supremo bem ou a este supremo mal, um de desejar e o outro de recear, como tanto os bons como os maus têm que passar pelo julgamento — é desse julgamento que, se Deus mo permitir, tratarei no livro seguinte.

LIVRO XX

Do juízo final e dos testemunhos do Antigo e do Novo Testamento que nos anunciam a sua realização futura.

CAPÍTULO I

Embora Deus julgue em todo o tempo, é propriamente do seu último juízo que deve tratar este livro.

Como havemos de tratar do dia do último juízo que o próprio Deus proferirá, e de o sustentar contra os ímpios e os incrédulos, devemos primeiramente apresentar, como alicerces do edifício, os testemunhos divinos. Os que se recusam a crer neles, tentam opor-se-lhes com frágeis argumentos humanos, falsos e enganadores. Pretendem até dar ao testemunho tirado das Sagradas Escrituras um significado diverso ou negar mesmo que ele tenha sido divinamente proferido. Porque estou convencido de que não há mortal algum — se compreender estes testemunhos como foram proferidos e crer que foram proferidos pelo verdadeiro Deus Soberano por intermédio de almas santas — que os não admita e a eles não adira, quer chegue a confessá-lo de boca, quer se envergonhe ou receie confessá-lo devido a algum vício, quer mesmo ele faça, por teimosia muito semelhante à loucura, os mais obstinados esforços por defender o que ele sabe ou crê que é falso (contra o que ele sabe ou crê que é verdadeiro).

O que, pois, toda a Igreja do verdadeiro Deus afirma na sua confissão e profissão pública de fé¹ é que Cristo

¹ O autor refere-se à profissão de fé, também chamada, conforme a sua formulação, Símbolo dos Apóstolos ou Símbolo de Santo Atanásio, mas a que vulgarmente se chama *Credo* por ser por esta palavra que essa profissão de fé principia. Nela, de facto, como se vê no Missal Romano anterior ao Concílio Vaticano II, se diz:

Et iterum venturus est cum gloria judicare vivos et mortuos (E de novo há-de vir com glória julgar os vivos e os mortos). Cfr. II Timót., IV, 1.

há-de vir dos Céus para julgar os vivos e os mortos: a isto é que chamamos o último dia do juízo divino, isto é, o tempo final. Por quantos dias se estenderá este juízo, não se sabe — mas ninguém, nem mesmo aquele que as lê descuidadamente, ignora que é costume das Sagradas Escrituras usar dia por tempo. Por isso é que, quando dizemos o dia do juízo de Deus, acrescentamos o *último* (*ultimum*) ou *derradeiro* (*novissimum*: o mais novo ou o mais recente de todos) porque, mesmo agora, Ele julga e desde o começo do género humano, julgou quando expulsou do Paraíso e afastou da árvore da vida os primeiros homens, culpados de um grande pecado; e mais ainda, quando não poupou os anjos que pecaram, cujo príncipe, depois de a si próprio se ter arruinado, por inveja arruinou os homens, sem dúvida que também então julgou; nem é sem o seu profundo e justo juízo que, quer nos espaços do Céu quer na Terra, a vida dos demónios e dos homens é tão desgraçada e tão cheia de erros e amarguras. Mas, mesmo que ninguém tivesse pecado, não seria sem um julgamento cheio de bondade e de justiça que Deus manteria toda a criatura racional unida a si, seu Senhor, com a maior perseverança na eterna beatitude. Também julga, e não de maneira unicamente universal, quando decide sobre a culpa dos primeiros pecados da raça dos demónios e dos homens para sua desgraça — julga também as próprias obras que cada um pratica por arbítrio da vontade. Com efeito, os próprios demónios lhe pedem que não sejam mais atormentados, mas na realidade não é injustamente que são poupados ou atormentados conforme a perversidade de cada um. E os homens, abertamente muitas vezes e ocultamente sempre, sofrem os castigos divinos, conforme os seus actos, quer nesta vida quer após a morte: aliás, nenhum homem age correctamente se não for ajudado pelo auxílio divino, — e nenhum demónio ou homem age iniquamente se isso lhe não for permitido pelo mesmo justíssimo juízo divino. De facto, é como diz o Apóstolo:

*Em Deus não há injustiças*²,
e como também diz noutra passagem:

*Os seus juízos são insondáveis e os seus caminhos impenetráveis*³.

Neste livro não vou tratar daqueles primeiros nem destes seguintes juízos de Deus, mas, conforme ele me ajudar, do último de todos, quando Cristo vier do Céu para julgar os vivos e os mortos. Realmente, este é que se chama propriamente o *Dia do Juízo* porque nele não haverá lugar a queixas de incautos — porque é que este injusto tem sorte, porque é que este justo não tem sorte. Então é que se verá claramente que a verdadeira e plena felicidade não será senão a de todos os bons e a suprema infelicidade não será senão a de todos os maus.

² *Non est iniquitas apud Deum.*
Rom., IX, 14.

³ *inscrutabilia sunt judicia ejus et investigabiles viae ejus.*
Rom., XI, 33.

CAPÍTULO II

Diversos casos humanos a que não se pode dizer que falta o juízo de Deus, embora não seja possível descobri-lo.

Presentemente, porém, aprendemos a suportar com a mesma disposição tanto os males que os bons sofrem, como a não dar importância aos bens que os maus possuem. Por isso, até nos casos em que a justiça divina não parece clara, nos é salutar o ensinamento divino. Efectivamente, ignoramos devido a que juízo de Deus:

aquele que é bom é pobre, e aquele outro que é mau é rico;

goza este, que nos parece que devia ser atormentado por desgostos devido aos seus depravados costumes, e está possuído de tristeza aquele que devia estar alegre devido à sua louvável vida;

um, inocente, sai do julgamento sem ser vingado, mas até condenado, oprimido pela iniquidade do juiz ou esmagado por falsos testemunhos, e, ao contrário, o seu criminoso adversário não é punido mas até é vingado e exulta de alegria;

o ímpio tem saúde e o piedoso se consome na doença;
os jovens entregam-se à pilhagem pujantes de saúde e crianças que a ninguém podem ofender, nem sequer com palavras, são atormentadas com a mais atroz diversidade de doenças;

o que é útil à humanidade é arrebatado por uma morte prematura e o que parece que nem devia nascer, vive, e até por muito tempo;

o que está cheio de crimes é alçado às honrarias, mas, ao homem sem mácula, escondem-no as trevas da sua obscura condição;

e outros casos deste género. Quem os vai coleccionar? Quem os vai enumerar?

E se estes casos, na sua aparente absurdidade, se mantivessem constantes, de maneira que, nesta vida, em que, segundo a palavra do salmo sagrado:

*O homem tornou-se semelhante à vaidade e os seus dias passaram como a sombra*¹,

somente os maus lograssem os bens transitórios da terra e, pelo contrário, somente os bons sofressem semelhantes males — poderia atribuir-se isto a um justo desígnio de Deus ou, pelo menos, a um desígnio misericordioso, a saber:

os que não chegarão a atingir os bens eternos que tornam os homens bem-aventurados seriam por meio dos bens temporais enganados por causa da sua malícia, ou consolados por causa da misericórdia de Deus;

e os que não hão-de sofrer os eternos tormentos seriam por meio dos males temporais afligidos por causa dos seus pecados, quaisquer que eles sejam e por insignificantes que sejam, ou experimentados para tornarem perfeitas as suas virtudes. Mas agora que não somente os bons estão no mal e os maus no bem (o que parece injusto) mas também, e muitas vezes, os males acontecem aos maus e os bens cabem em sorte aos bons — mais insondáveis se tornam os juízos de Deus e mais impenetráveis os seus caminhos. Embora ignoremos por que desígnio Deus realiza, ou deixa que isso se realize, — Ele em quem está a força suprema, a suprema sabedoria e a suprema justiça, Ele em quem nenhuma fraqueza há, nenhuma precipita-

¹ *homo vanitati similis factus est et dies ejus velut umbra praetereunt.*
Salmo CXLIII, 4.

ção, nenhuma injustiça — aprendemos, todavia, uma salutar lição:

a não dar demasiada importância quer aos bens quer aos males que verificamos serem comuns aos bons e aos maus,

a procurar os bens que são próprios dos bons e acima de tudo evitar aqueles males que são próprios dos maus. Mas quando chegarmos a esse juízo de Deus (cujo momento desde já se chama propriamente o *Dia do Juízo* e por vezes o *Dia do Senhor*) mostrar-se-nos-ão absolutamente justos tanto os juízos então proferidos, como os que foram proferidos desde o começo e ainda os que hão-de sê-lo até esse momento. Também então se tornará claro com que justo desígnio de Deus sucede que tantos, quase todos, os justos juízos de Deus continuem ocultos aos sentidos e à inteligência dos mortais, embora, neste campo, não fique oculto à fé dos crentes que é justo o que fica oculto.

CAPÍTULO III

O que Salomão expõe no livro de *Eclesiastes* acerca do que é comum a bons e maus.

Já Salomão, o mais sábio rei de Israel que reinou em Jerusalém, começou assim o livro chamado *Eclesiastes*, admitido também pelos Judeus como Sagrado no Cânon das Escrituras:

*Vaidade dos vaidosos, diz o Eclesiastes; vaidade dos vaidosos — tudo é vaidade. Que abundância virá ao homem no seu trabalho, que labora debaixo do sol?*¹

Ligando tudo o mais a esta sentença, rememora as tribulações e desvarios desta vida e ao mesmo tempo o esvaimento do tempo em que nada de sólido, nada de estável se mantém,

e, nesta vacuidade das coisas sob o Sol, deplorando também, de certo modo, que (embora a sabedoria supere a insensatez como a luz supera as trevas e embora os olhos

¹ *Vanitas vanitantium, dixit ecclesiastes; vanitas vanitantium, omnia vanitas.*

Quae abundantia homini in omni labore suo, quo laborat sub sole? (a)
Eccles., 1, 2, 3.

(a) Geralmente neste texto não se encontra escrito *Vanitas vanitantium* (vaidade dos vaidosos) mas *vanitas vanitatum* (vaidade das vaidades). O próprio Santo Agostinho o reconhece nas Revisões (Retract. 1, 7, 3) ao confessar: «Citei (no *De moribus ecclesiae catholicae* — *Costumes da Igreja Católica*) uma passagem do livro de Salomão «vaidade dos vaidosos, diz o *Eclesiastes*» por o ter lido em numerosos códices; mas no grego vem «vaidade das vaidades» como verifiquei mais tarde. Parecem-me mais correctos os códices latinos onde vem *das vaidades*, e não «dos vaidosos».

do sábio estejam na sua cabeça e o estulto caminhe nas trevas) para todos não haja senão uma saída nesta vida em todos os casos passados debaixo do Sol — põe com isto a claro os males que, como bem observamos, são comuns aos bons e aos maus. E diz ainda isto — que os próprios bons suportam males, como se fossem maus, e os maus, como se fossem bons, conseguem bens, falando assim:

*Há uma vaidade que se produz sobre a Terra: há justos sobre os quais recaem coisas devidas a ímpios, e ímpios sobre os quais recaem coisas devidas aos justos. Acho que isto também é vaidade*².

Nesta vaidade, a que tão sábio varão dedica todo este livro com a intenção de, na medida que bastar, dela nos convencer (não com outra finalidade, evidentemente, que não seja a de inculcar em nós o desejo da vida que não tem a vaidade debaixo do Sol, mas a verdade debaixo do autor deste Sol) — nesta vaidade acaso se esvairá o homem tornado semelhante a esta vaidade sem um justo e recto desígnio de Deus?

Mas nos dias da sua vaidade o que mais interessa é se resiste ou se se submete à verdade, e se se alheia ou se participa na verdadeira piedade — não para conseguir os bens desta vida ou evitar os males que passam e se desvanecem, mas por causa do futuro juízo pelo qual serão alcançados para sempre os bens para os bons e os males para os maus. Por fim este sábio termina o seu livro dizendo:

*Teme a Deus e guarda os seus preceitos, porque isto é que é ser um homem todo; porque Deus trará a juízo todas as suas obras, boas e más, mesmo as do homem desprezado*³.

² *Est vanitas quae facta est super terram, quia sunt justi, super quos venit sicut fatum impiorum, et sunt impii, super quos venit sicut factum justorum. Dixi quoniam hoc quoque vanitas.*

Eccles., XII, 14.

³ *Deum time et mandata ejus custodi, quia hoc est omnis homo; quia omne hoc opus Deus adducet in judicium in omni despecto, sive bonum sive malum.*

Ib. XII, 13-14.

Que é que se pode dizer de mais conciso, mais verdadeiro e mais salutar? Diz:

*Teme a Deus e guarda os seus preceitos porque isto é que é ser um homem todo*⁴.

Na verdade, todo aquele que existe é isto: — cumpridor dos mandamentos de Deus; porque, aquele que isto não é, nada é; esse, realmente, não se reforma à imagem da verdade, permanecendo à imagem da vacuidade (*vanitatis*).

Porque todas as suas obras,^{4a}

isto é, tudo o que o homem faz nesta vida,

boas e más, Deus trará a juízo, mesmo as do homem desprezado,^{4b}

isto é, mesmo em todo o homem que cá parece desprezível, e por isso nem sequer é visto; porque, a esse, Deus o vê e não o despreza nem o põe de lado quando o julga.

⁴ *Deum time mandata ejus custodi, quia hoc est omnis homo.*

Id. Ib.

^{4a} *Quia omne hoc opus.*

Id. Ib.

^{4b} *sive bonum, sive malum, Deus adducet in judicium in omni despecto.*

Id. Ib.

CAPÍTULO IV

Para tratar do último juízo de Deus convém carrear os testemunhos — primeiro do Novo e depois do Antigo Testamento.

Os testemunhos deste último juízo de Deus que resolvi tomar das Santas Escrituras, devo tirá-los primeiro dos livros do Novo Testamento e depois do Antigo¹. Embora os do Antigo sejam os primeiros no tempo, todavia os do Novo devem antepor-se-lhes devido à sua dignidade, uma vez que os do Antigo são um anúncio dos do Novo. Serão, portanto, primeiramente apresentados os do Novo e, para os deixarmos mais firmemente provados, juntar-lhes-emos os do Antigo. Entre os do Antigo temos

¹ Pela primeira vez se utiliza a palavra *instrumentum* para designar Testamento: *De libris instrumenti novi, postea veteris* (Dos livros do Novo Testamento e depois dos do Velho) — é esta a expressão do texto que é própria da época a que H. I. Marrou, por exemplo, chamaria de *Antiguidade tardia* (V. seu livro *Décadence romaine ou antiquité tardive?* de que há trad. port. do Dr. H. Barrilaro Ruas com o título *Decadência Romana ou Antiguidade tardia?*, edição Aster, Lx. 1979). Por ela eram então chamados os dois testamentos. O termo *instrumentum* tinha o sentido jurídico de escritura ou documento para prova apenas (*ad probationem tantum*) ou também para a constituição (*ad substantiam*) duma nova relação social tutelada pelo direito (relação jurídica). A título de exemplo lembramos o *instrumentum emptiois do Digesto* — a escritura de constituição e prova do contrato de compra e venda. Até mesmo no calão jurídico português não é invulgar a certos escritos notariais chamar-se-lhes *instrumentos notariais*. Quis-se assim significar que os Livros Sagrados eram o «instrumento» ou a «escritura» do pacto entre Deus e os homens.

a Lei e os Profetas e entre os do Novo o Evangelho e as Cartas Apostólicas. Diz o Apóstolo:

*De facto, pela lei vem o conhecimento do pecado. Mas agora, sem a lei, a justiça de Deus manifestou-se, atestada pela lei e os profetas; mas a justiça de Deus vem pela fé de Jesus Cristo em todos os que crêem*².

Esta justiça de Deus pertence ao Novo Testamento e tem a seu favor o testemunho dos livros do Antigo, isto é, a Lei e os Profetas. Deve-se, portanto, começar por expor o objecto desta questão e depois produzir os testemunhos. Foi esta a ordem que o próprio Cristo Jesus nos ensinou a observar quando disse:

*O escriba instruído acerca do reino de Deus é semelhante ao varão pai de família que tira do seu tesouro coisas novas e coisas velhas*³.

Não disse *coisas antigas e novas (vetera et nova)*, o que com certeza teria feito se não tivesse preferido observar a ordem dos méritos à ordem dos tempos.

² *Per legem enim cognitio peccati. Nunc autem sine lege justitia Dei manifestata est, testificata per legem et prophetas; justitia autem Dei per fidem Jesu Christi in omnes qui credunt.*

Rom., III, 20-22.

³ *Scriba erudictus in regno Dei similis est viro patri familias proferenti de thesauro suo nova et vetera.*

Mat., XIII, 52.

CAPÍTULO V

Por que expressões do Senhor Nosso Salvador se declara que, no fim dos séculos, haverá o juízo divino.

O próprio Salvador, ao repreender as cidades nas quais tinha feito grandes prodígios, mas não creram, pondo acima delas as cidades estrangeiras, diz:

*Pois eu vo-lo digo: Tiro e Sídon serão no dia do juízo tratadas menos rigorosamente do que vós*¹; e pouco depois diz referindo-se a outra cidade:

*Na verdade vos digo que, no dia do juízo, a terra de Sodoma será tratada menos rigorosamente do que tu*² (aqui anuncia com toda a clareza que há-de vir o dia do juízo); e noutra passagem diz:

*Os Ninivitas levantar-se-ão no dia do juízo com esta geração e condená-la-ão: porque eles fizeram penitência com a pregação de Jonas — e está aqui quem é mais que Jonas. A rainha do Sul levantar-se-á no dia do Juízo com esta geração e condená-la-á; porque ela veio dos extremos da Terra para ouvir Salomão — e está aqui quem é mais que Salomão*³.

¹ *Verum tamen dico vobis, Tyro et Sidoni remissius erit in die iudicii quam vobis.*

Mat., XI, 22.

² *Amen dico vobis, quia terrae Sodomorum remissius erit in die iudicii quam tibi.*

Mat., XI, 24.

³ *Viri Ninivitae surgent in iudicio cum generatione ista et condemnabunt eam; quia paenitentiam egerunt in praedicatione Jonae, et ecce plus quam Jona hic. Regina Austri surget in iudicio cum generatione ista et condemnabit eam; quia venit a finibus terrae audire sapientiam Salomonis, et ecce plus quam Salomon hic.*

Mat., XII, 41-42.

Nesta passagem aprendemos duas coisas: que o dia de juízo há-de vir e que ele há-de vir com a ressurreição dos mortos. Efectivamente, não há a menor dúvida de que, quando isto dizia a respeito dos Ninivitas e da rainha do Sul, era de mortos que falava e, todavia, predisse que seriam eles que haviam de ressuscitar no dia do juízo. Mas não disse *condenarão* como se eles próprios julgassem, mas porque, do confronto com eles, estas cidades sairão justamente condenadas.

De novo, numa outra passagem, quando falava da mistura actual dos homens bons e dos maus, da sua posterior separação que com certeza se há-de verificar no dia do juízo, apresenta a comparação do trigo semeado e do joio semeado por cima e, expondo-a aos seus discípulos, diz:

O que semeia a boa semente é o filho do homem; o campo é o Mundo, a boa semente são os filhos do reino; o joio são os filhos do mau; o inimigo que o semeou é o diabo; a ceifa é o fim dos séculos e os ceifeiros são os anjos. Assim como o joio se junta e se queima no fogo, assim será também no fim dos séculos. O Filho do homem enviará os seus anjos que juntarão todos os escândalos do reino do Diabo e todos os que praticam a iniquidade e os lançarão na fomalha de fogo; aí haverá choro e ranger de dentes. Então os justos brilharão como o Sol no reino de seu Pai. Quem tem ouvidos, ouça⁴.

Realmente, não nomeou aqui o juízo ou o dia do juízo, mas designou-o muito mais claramente pelos próprios factos e predisse que ele virá a acontecer no fim dos séculos.

⁴ *Qui seminat bonum semen, est filius hominis; ager autem est mundus; bonum vero semen hi sunt filii regni; zizania autem filii sunt nequam; inimicus autem, qui seminavit ea, est diabolus; messis vero consummatio saeculi est, messores autem angeli sunt. Sicut ergo colliguntur zizania et igni comburuntur: sic erit in consummatione saeculi. Mittet filius hominis angelos suos, et colligunt de regno ejus omnia scandala et eos, qui faciunt iniquitatem, et mittunt eos in caminum ignis; ibi erit fletus et stridor dentium. Tunc justii fulgebunt sicut sol in regno patris eorum. Qui habet aures, audiat.*

Mat., XIII, 37-43.

Da mesma forma disse aos seus discípulos:

*Na verdade vos digo que vós, que me tendes seguido na regeneração, quando o Filho do homem se sentar no trono da sua glória, também vós vos sentareis em doze tronos para julgardes as doze tribos de Israel*⁵.

Por aqui ficamos a saber que Jesus julgará com os seus discípulos. E daí ele dizer noutra passagem aos judeus:

*Se é por Belzebu que eu expulso os demónios, os vossos filhos por quem os expulsarão? Por isso eles é que serão os vossos juízes*⁶.

Lá porque ele disse que eles se haviam de sentar em doze tronos, nem por isso devemos pensar que esses doze homens é que hão-de julgar sozinhos com Ele. É que na verdade o número doze designa uma certa universalidade, a multidão dos que julgam, por causa das duas partes do número sete que muitas vezes significa a universalidade; estas duas partes, isto é, três e quatro, multiplicadas uma pela outra, perfazem doze, pois três vezes quatro ou quatro vezes três são doze, sem falar de qualquer outra explicação deste número doze que tenha para o caso o mesmo valor. A não ser assim, pois que Matias foi consagrado, como lemos, apóstolo em lugar do traidor Judas, o apóstolo Paulo que trabalhou mais do que todos os outros, não terá onde se sentar para julgar — ele que, sem duvidar, declara pertencer, com os outros santos, ao número dos juízes quando diz:

*Não sabeis que havemos de julgar os anjos?*⁷

⁵ *Amen dico vobis, quod vos, qui secuti estis me, in regeneratione, cum sederit filius hominis in sede majestatis suae, sedebitis et vos super sedes duodecim judicantes duodecim tribus Israel.*

Mat., XIX, 28.

⁶ *Si ego Beelzebud eicio daemonia, filii vestri in quo eiciunt? Ideo ipsi judices erunt vestri.*

Mat., XII, 27.

⁷ *Nescitis quia angelos judicabimus?*

I Corínt., VI, 3.

Também no número doze se encontra uma explicação semelhante a respeito dos que serão julgados. Lá porque está dito:

*Para julgardes as doze tribos de Israel*⁸, não deixará de ser por eles julgada a tribo de Levi, que é a décima terceira, ou que eles julgarão apenas esse povo de Israel e não também as outras nações. Mas, ao dizer *in regeneratione* (na regeneração), não há dúvida de que Cristo com a palavra «regeneração» quis que se entendesse a *resurreição dos mortos*. A nossa carne será efectivamente regenerada pela incorruptibilidade, tal qual como a nossa alma foi regenerada pela fé.

Ponho de parte muitos testemunhos que parecem referir-se ao juízo final, mas que, examinados com atenção, nos parecem ambíguos ou se aplicam antes, por exemplo,

quer à vinda do Salvador que ele está realizando ao longo de todo este tempo na sua Igreja, isto é, nos seus membros, individual e paulatinamente, porque ela toda é o Seu corpo,

quer ainda à ruína de Jerusalém terrestre, porque, quando disso fala, a maior parte das vezes fá-lo como se se tratasse do fim do século e desse último e grande dia do Juízo. Desta forma é totalmente impossível fazer a distinção, a não ser que se comparem entre si todos os dados que são igualmente apresentados a este respeito pelos três evangelistas Mateus, Marcos e Lucas. Efectivamente, um expõe as coisas de maneira mais obscura, outro de maneira mais clara sobre o mesmo assunto, de modo que assim se descobre melhor a razão de algumas afirmações. Foi o que procurei de certo modo fazer numa carta que dirigi a Hesíquio, varão de santa memória, bispo de Salona, carta essa cujo título é: *De fine saeculi (O fim do Mundo)*⁹.

⁸ *Judicantes duodecim tribus Israel.*

Mat., XIX, 28.

⁹ Carta a Hesíquio (Hesychius):

Por agora referir-me-ei ao que se lê no Evangelho segundo Mateus acerca da separação dos bons e dos maus no juízo último e decisivo de Cristo. Diz ele:

Pois quando vier o Filho do Homem na sua majestade, e todos os seus anjos com ele, sentar-se-á então no trono da sua majestade, e todas as nações se juntarão diante dele e ele separá-los-á uns dos outros, como o pastor separa as ovelhas dos bodes e porá as ovelhas à sua direita e os bodes à sua esquerda.

Então o rei dirá aos que estão à sua direita:

— Vinde Benditos de meu Pai, possuí o reino que para vós está preparado desde a criação do mundo. Pois tive fome e destes-me de comer; tive sede destes-me de beber; era estrangeiro e acolhestes-me; estava nu e vestistes-me; doente e visitastes-me; no cárcere e viestes visitar-me.

Então os justos lhe perguntarão:

— Quando é que nós te vimos com fome e te demos de comer; com sede e te demos de beber? Quando é que te vimos estrangeiro e te acolhemos; ou nu e te vestimos? Ou quando é que te vimos doente ou no cárcere e te fomos visitar?

Sobre o fim do mundo há duas cartas de Santo Agostinho a Hesíquio, bispo de Salona:

a) a carta CXCVII, com as seguintes pequenas variantes no seu endereço, conforme os códices:

Beati augustini ad episcopum esicum de fine saeculi (do bem-aventurado Agostinho ao bispo Hesíquio acerca do fim do Mundo — nos cod. Parisinus 12193, 12226 e 1958 e no Cod. Sangallensis 174);

beati augustini ad episcopum Salonitanum de adventu domini in fine saeculi (do bem-aventurado Agostinho a Hesíquio, bispo de Salona, acerca da vinda do Senhor no fim do Mundo — no Cod. Palatinus 209); e

augustini ad esichium de fine saeculi (de Agostinho a Hesíquio acerca do fim do Mundo — no Cod. Parisinus 14 480);

b) e a carta, esta muito mais longa, editada por Migne sob o n.º CXCIX, que é, na opinião unânime dos críticos, a agora referida por Santo Agostinho, e tem o seguinte endereço:

De fine saeculi. Domino beatissimo et venerabiliter suscipiendo fratri et coepiscopo Hesychio, Augustinus in Domino Salutem (Acerca do fim do Mundo. Agostinho ao beatíssimo Senhor Esíquio, irmão e colega no episcopado, amado com veneração, saudações no Senhor).

Mas o rei, em resposta, lhes dirá:

— Na verdade vos digo, cada vez que o fizestes a um destes meus irmãos o mais pequenino, a mim o fizestes.

Então dirá aos que estiverem à esquerda:

— Afastai-vos de mim, malditos, para o fogo eterno que já está preparado pelo Diabo e pelos seus anjos¹⁰.

Depois também a estes enumera o que deixaram de fazer e lhes recorda o que fizeram os da direita. E aos que, de igual modo, lhes perguntam quando é que o viram colocado em tais carências, responderá não terem a Si feito o que não fizeram aos seus mais pequeninos, e, concluindo o seu discurso, dirá:

*E estes irão para o suplicio eterno, mas os justos para a vida eterna*¹¹.

Mas João Evangelista refere com toda a clareza que Cristo predisse que haverá um juízo quando da ressurreição dos mortos. Efectivamente, depois de ter dito:

¹⁰ *Cum autem venerit filius hominis in magestate sua, et omnes angeli cum eo, tunc sedebit super sedem majestatis suae, et congregabuntur ante eum omnes gentes, et separabit eos ab invicem, sicut pastor segregat oves ab haedis, et statuet oves quidem a dextris suis, haedos autem a sinistris.*

Tunc dicet rex his, qui a dextris ejus erunt:

— *Venite, benedicti patris mei, possidete paratum vobis regnum a constitutione mundi. Esurivi enim, et dedistis mihi manducare; sitiivi, et dedistis mihi bibere; hospes eram, et collegistis me; nudus, et operuistis me; infirmus, et visitastis me; in carcere eram, et venistis ad me.*

Tunc respondebunt ei justi dicentes:

— *Domine, quando te vidimus esurientem, et pavimus; sitientem, et dedimus potum? Quando autem te vidimus hospitem, et collegimus te; aut nudum, et cooperuimus te? Aut quando te vidimus infirmum aut in carcere, et venimus ad te?*

Et respondens rex dicet illis:

— *Amen dico vobis, quandiu fecistis uni de his fratribus meis minimis, mihi fecistis.*

Tunc dicet et his qui a sinistris erunt:

— *Discedite a me, maledicti, in ignem aeternum, qui paratus est Zabulo et angelis ejus.*

Mat., XXV, 31-41.

¹¹ *Et ibunt hi in supplicium aeternum, justi autem in vitam aeternam.*

Mat., XXV, 46.

*Porque o Pai a ninguém julga, mas entregou todo o poder de julgar ao Filho, para que todos honrem o Filho como honram o Pai; o que não honra o Filho não honra o Pai que o enviou*¹²;

logo acrescenta:

*Na verdade, na verdade vos digo: aquele que ouve a minha palavra e crê naquele que me enviou possui a vida eterna e não vem a juízo, mas passará da morte para a vida*¹³.

Vede que aqui diz que os seus fiéis não comparecerão em juízo. Como é que então eles serão separados, por um juízo, dos maus e serão postos à sua direita, senão porque o juízo é tomado, nesta passagem, no sentido de *condenação*? Com certeza que é a este juízo que não comparecerão os que escutam a sua palavra e crêem n'Aquele que O enviou.

¹² *Neque enim Pater judicat quemquam, sed iudicium omne dedit Filio, ut omnes honorificent Filium, sicut honorificant Patrem; qui non honorificat Filium, non honorificat Patrem, qui misit illum.*

João, V, 22-23.

¹³ *Amen, amen dico vobis, quia, qui verbum meum audit et credit ei qui misit me, habet vitam aeternam, et in iudicium non venit, sed transiit a morte in vitam.*

João, V, 24-25.

CAPÍTULO VI

Que é que será quer a primeira quer a segunda ressurreição?

Continua dizendo:

*Na verdade, na verdade vos digo: chegou a hora e é agora que os mortos ouvirão a voz do Filho de Deus e os que a tiverem ouvido viverão. Realmente, assim como o Pai tem a vida em si próprio, assim concedeu também ao Filho que tivesse a vida em si próprio*¹.

Não fala ainda da segunda ressurreição, ou seja a dos corpos, que terá lugar no fim, mas da primeira que tem lugar já. Foi para distinguir esta da outra que ele na verdade disse:

*Chegou a hora e é agora*².

Esta ressurreição não é a dos corpos mas a das almas. É que as almas também têm a sua morte na impiedade e nos pecados. Desta morte estão mortos aqueles de quem o mesmo Senhor disse:

*Deixa que os mortos enterrem os seus mortos*³,
quer dizer: os que estão mortos na alma que enterrem os

¹ *Amen, amen dico vobis, quia venit hora et nunc est, quando mortui audient vocem filii Dei, et qui audierint vivent. Sicut enim, Pater habet vitam in semet ipso, sic dedit et Filio habere vitam in semet ipso.*

João, V, 25.

² *Venit hora et nunc est.*

Id. Ib.

³ *Sine mortui mortuos suos sepeliant.*

Mat., VIII, 22. Cfr. Luc., XX, 60.

que estão mortos no corpo. Foi por causa destes mortos na alma pela impiedade e pela iniquidade que ele disse:

*Chegou a hora e é agora que os mortos ouvirão a voz do Filho de Deus e os que a tiverem ouvido, viverão*⁴.

Os que a tiverem ouvido (*Qui audierint*) — quer dizer: os que tiverem obedecido, os que tiverem acreditado e perseverado até ao fim. Aqui não estabelece nenhuma diferença entre os bons e maus, pois para todos é bom que ouçam a sua voz e vivam passando da morte da impiedade à vida de piedade. É desta morte que o Apóstolo Paulo diz:

*Pois todos morreram e Ele morreu por todos para que os que vivem já não vivam para si próprios, mas para Aquele que morreu e ressuscitou por eles*⁵.

Todos, portanto, sem qualquer excepção, morreram no pecado, quer no pecado original, quer nos que voluntariamente foram acumulando, quer ignorando o que é justo, quer conhecendo-o, mas sem o cumprirmos. Por todos estes mortos é que um só vivo, isto é, um que não tem nenhum pecado, morreu para que os que vivem pela remissão dos pecados, já não vivam para si mas para Aquele que por todos morreu por causa dos nossos pecados e que ressuscitou por causa da nossa justificação. Desta forma, crendo n'Aquele que justifica o ímpio, arrancados à impiedade, como que devolvidos da morte à vida, poderemos participar da primeira ressurreição que tem lugar agora. A esta primeira, com efeito, não pertencem senão os que serão felizes para a eternidade; mas à segunda, da qual dentro em breve falará, diz-nos o Senhor que pertencem tanto os bem-aventurados como os desgraçados.

⁴ *Venit hora, et nunc est, quando mortui audient vocem filii Dei; et qui audierint vivent.*

João, V, 25.

⁵ *Ergo omnes mortui sunt, et pro omnibus mortuus est, ut qui vivunt jam non sibi vivant, sed ei, qui pro ipsis mortuus est et resurrexit.*

II Corint., V, 14-15.

Aquela é devida à misericórdia, esta à justiça. É por isso que está escrito no salmo:

*Por ti, Senhor, cantarei a misericórdia e a justiça*⁶.

Acerca deste juízo acrescentou em seguida estas palavras:

*E deu-lhe o poder de fazer o julgamento, porque ele é Filho do homem*⁷.

Mostra Ele aqui que há-de vir para julgar nesta carne, na qual tinha vindo para ser julgado. Por isso é que Ele diz:

*Porque é Filho de homem*⁸.

Depois, ligando ao assunto de que estamos a tratar; diz:

*Não vos admireis com isso, porque chegará a hora em que todos os que estão nos túmulos ouvirão a sua voz e avançarão os que tiverem feito o bem, para uma ressurreição de vida; os que tiverem feito o mal, para uma ressurreição de juízo*⁹.

Este é aquele juízo que Ele tinha tomado, um pouco antes, como agora, no sentido de condenação, ao dizer:

*O que ouve a minha voz e acredita naquele que me enviou, terá a vida eterna e não comparecerá em juízo, mas passará da morte para a vida*¹⁰,

isto é, tomando parte na primeira ressurreição pela qual se

⁶ *Misericordiam et iudicium cantabo tibi, Domine.*

Salmo C, 1.

⁷ *Et potestatem dedit ei iudicium facere, quia filius hominis est.*

João, V, 27.

⁸ *quoniam filius hominis est.*

Id. Ib.

⁹ *Nolite mirari hoc, quia veniet hora, in qua omnes, qui in monumentis sunt, audient vocem ejus et procedent, qui bona fecerunt, in resurrectionem vitae; qui vero mala egerunt, in resurrectionem iudicii.*

João, V, 28-29.

¹⁰ *Qui verbum meum audit et credit ei qui misit me, habet vitam aeternam et in iudicium non venit, sed transit a morte in vitam.*

João, V, 24.

transita agora da morte para a vida, não incorrerá na condenação que Cristo designou pela palavra *juízo*, como naquela passagem em que também diz:

*Os que tiverem feito o mal, para uma ressurreição de juízo*¹¹,
isto é, para a condenação.

Ressuscite, pois, na primeira quem não quiser ser condenado na segunda ressurreição. Porque

chegou a hora e é agora que os mortos ouvirão a voz de Deus e os que a tiverem ouvido viverão,
isto é, não incorrerão na condenação que se chama segunda morte; nesta morte serão precipitados, depois da segunda ressurreição, que será a dos corpos, aqueles que não ressuscitam na primeira, a das almas.

Chegará a hora (veniet hora)
e aqui não diz

e é agora (et nunc est)
porque será no fim dos séculos, isto é, na hora do grande e último juízo de Deus quando

*todos os que estão nos túmulos ouvirão a sua voz e avançarão*¹².

Já não diz, como a propósito da primeira ressurreição:

*E os que tiverem ouvido viverão*¹³.

É que nem todos viverão — desta vida, claro está — porque, sendo ela bem-aventurada, só ela merece que lhe chamem vida. Realmente, sem qualquer tipo de vida, não poderiam ouvir nem avançar ao levantar-se a carne dos túmulos. Mas porque é que nem todos viverão, no que se segue, Cristo no-lo ensina:

¹¹ *Qui mala egenunt, in resurrectionem iudicii.*

Id. Ib., 29.

¹² *Omnes, qui monumentis sunt, audient vocem ejus et procedent.*

Id. Ib., 28.

¹³ *Et qui audierint, vivent.*

Id. Ib., V, 25.

*Os que tiverem feito o bem avançarão para uma ressurreição de vida*¹⁴;

— estes são os que viverão;

*os que tiverem feito o mal avançarão para uma ressurreição de juízo*¹⁵,

— estes são os que não viverão porque morrerão da segunda morte. Realmente, fizeram o mal porque viveram mal — e viveram mal porque na primeira ressurreição das almas que agora se opera, não reviveram ou então não perseveraram até ao fim na nova vida. Portanto, assim como há duas regenerações, das quais já acima falámos — uma, segundo a fé, que agora se realiza pelo baptismo, e a outra, segundo a carne, que se realizará na incorruptibilidade e na imortalidade pelo grande e último juízo — assim também haverá duas ressurreições — uma, a primeira, que tem lugar agora e é a das almas, a qual não permite que caiamos na segunda morte, e a outra, a segunda, que não é de agora, mas acontecerá no fim dos séculos; não é a das almas mas a dos corpos e, pelo último juízo, remete uns para a segunda morte e outros para a vida que não terá morte.

¹⁴ *qui bona fecerunt, in resurrectionem vitae.*

Id. Ib.

¹⁵ *qui vero mala egerunt, in resurrectionem judicii.*

Id. Ib.

CAPÍTULO VII

O que está escrito no Apocalipse de João acerca das duas ressurreições e dos mil anos. Que é que razoavelmente se pode pensar destas coisas.

Destas duas ressurreições, o mesmo João Evangelista, no livro que se chama *Apocalipse*, falou de tal maneira que a primeira das duas não foi compreendida por alguns dos nossos e ainda por cima foi transformada em fábulas ridículas. Realmente, diz o apóstolo João no citado livro:

E viu a descer do Céu um anjo que tinha a chave do abismo e uma cadeia na sua mão. E segurava o dragão, essa antiga serpente chamada Diabo ou Satanás e amarrou-o por mil anos e lançou-o no abismo; e encerrou-o (a) e pôs-lhe um selo em cima para já não poder extraviar as nações até se acabarem os mil anos; e depois disso ele deve ser solto por pouco tempo. E eu vi tronos e pessoas sentadas neles e foi proferido o juízo. E as almas dos que foram mortos por terem dado testemunho de Jesus e da Palavra de Deus e todos os que não adoraram a besta nem a sua imagem e não receberam nem na sua frente nem na sua mão a sua marca, reinaram com Jesus durante mil anos; mas os outros não voltaram a viver enquanto não acabaram os mil anos. Esta é a primeira ressurreição. Bem-aventurado e santo é o que tem quinhão nesta primeira ressurreição. Sobre estes não tem poder a segunda morte; mas serão sacerdotes de Deus e de Cristo e com este reinarão durante mil anos¹.

¹ *Et vidi angelum descendentem de caelo, habentem clavem abyssi et cate-
nam in manu sua. Et tenuit draconem illum serpentem antiquum, qui cognomina-
tus est diabolus et satanas, et alligavit illum mille annis et misit illum in abyssum;*

Os que, por causa destas palavras do livro suspeitaram que a primeira ressurreição seria corporal, foram altamente impressionados, além de outras razões, pelo número de mil anos, como se devesse haver para os santos uma espécie de descanso sabático de tamanha duração, ou seja, um santo repouso depois dos trabalhos dos seis mil anos decorridos desde o dia em que o homem foi criado e, devido ao seu grande pecado, foi tirado da felicidade do Paraíso para as tribulações desta vida mortal: de maneira que, pois está escrito:

*Um dia para o Senhor é como mil anos e mil anos como um dia*²,

passados seis mil anos como se fossem seis dias, seguir-se-á, nos últimos mil anos, um sétimo dia, como Sábado, e é para o celebrar que os santos ressuscitarão.

Esta opinião seria até certo ponto tolerável se ela admitisse que os santos durante esse sábado disfrutam, pela

et clusit (a) et signavit super eum, ut non seduceret jam gentes, donec finiuntur mille anni; post haec oportet eum solvi brevi tempore. Et vidi sedes et sedentes super eas, et iudicium datum est. Et animae occisorum propter testimonium Jesu et propter Verbum Dei, et si qui non adoraverunt bestiam nec imaginem ejus neque acceperunt inscriptionem in fronte aut in manu sua, et regnaverunt cum Jesu mille annis; reliqui eorum non vixerunt donec finiantur mille anni. Haec resurrectio prima est. Beatus et sanctus est, qui habet in hac prima resurrectione partem. In istis secunda mors non habet potestatem; sed erunt sacerdotes Dei et Christi et regnabunt cum eo mille annis. (b)

Apoc., XX, 1-6.

(a) Foi por *encerrou* que traduzi o termo *clusit* do texto. Todavia, Migne traz *clausit* — o que é mais correcto — em vez de *clusit*, como, de resto, vem a seguir em todo este capítulo VII sempre que se volta à citação do texto do Apocalipse

(b) Sobre o milenarismo e sua evolução desde o profetismo judaico até ao seu apogeu, já dentro do Cristianismo, no séc. II e sua decadência posterior, há uma abundante literatura. Por todos veja-se L. Gry, *Le millénarisme dans ses origines et son développement*. Pa., 1934 e G. Bardy, act. «*Millénarisme*», in *Dict. de Théol. Cathol.*, T.X., C. 1760 a 1763.

² *Unus dies apud Dominum sicut mille anni, et mille anni sicuti dies unus.*
II Pedro, III, 8.

presença do Senhor, dumas certas delícias espirituais. Também nós partilhámos outrora desta opinião. Mas, desde que afirmam que os santos, que então hão-de ressuscitar, se entregarão aos mais imoderados festins carnaís, nos quais a comida e a bebida é tanta que, não só não conservam uma certa compostura mas até ultrapassarão as marcas do admissível — tal opinião só pode ser admitida por indivíduos carnaís. Mas os que são espirituais chamam aos que nisso crêem, usando uma palavra grega, χιλιαστὰς, a que nós podemos chamar, traduzindo à letra *milénaristas*. Seria muito longo refutá-los ponto por ponto. O que agora devemos mostrar é antes de que modo deve ser a escritura entendida neste ponto.

O próprio Senhor Jesus Cristo diz:

*Ninguém pode entrar em casa dum forte e subtrair-lhe as alfaías (vasa) se primeiro não amarrar o forte*³,

querendo designar por *forte (fortem)* o Diabo, pois este foi capaz de manter cativo o género humano; pelas *alfaías (vasa)* que havia de subtrair, entende os seus futuros fiéis que o Diabo mantinha em toda a casta de pecados e impiedades. Para amarrar este *forte* é que este apóstolo viu no seu Apocalipse

*a descer do Céu um anjo que tinha a chave do abismo e uma cadeia na mão e segurava o dragão, essa antiga serpente chamada Diabo ou Satanás, e amarrou-o por mil anos*⁴, isto é, impediu e refreou o poder que ele tinha de seduzir e de possuir os que haviam de ser libertados.

Mas os mil anos podem ser entendidos, a meu ver, de duas maneiras:

³ *Nemo potest introire in domum fortis et vasa ejus eripere, nisi prius alligaverit fortem.*

Marcos, III, 27.

⁴ *angelum descendentem de caelo, habentem clavem abyssi et catenam in manu sua: Et tenuit draconem illum serpentem antiquam, qui cognominatus est diabolus et satanas, et alligavit illum mille annis.*

Apoc., XX, 1-2.

ou tudo isto terá lugar nos últimos mil anos, isto é, no sexto milénio tomado como um sexto dia cujos últimos tempos decorrem já — a que se seguirá um sábado, que não terá tarde, ou seja o descanso dos santos, que não terá fim — de forma que, segundo aquela maneira de falar que toma a parte pelo todo, João teria chamado mil anos à última parte desta espécie de dia de mil anos que faltava percorrer até ao fim dos séculos;

ou, com certeza, empregou mil anos em vez do conjunto dos anos deste século para marcar, com um número perfeito, a plenitude do próprio tempo. Realmente, o número mil faz do quadrado do número dez um cubo (*solidum*). Na verdade, dez, tomado dez vezes, faz cem — o que é uma figura quadrada mas plana; mas para que ela se eleve na altura e se torne cúbica (*solida*) multiplicam-se de novo cem por dez e ficam mil. Ora se, às vezes, cem se toma pela totalidade (tal é o sentido do que o Senhor prometeu ao que todos os seus bens abandona e o segue ao dizer:

*Receberá neste século o cêntuplo*⁵, —

o que o Apóstolo de certo modo explica ao dizer:

*Como que nada tendo e tudo possuindo*⁶,

porque já antes tinha sido dito:

*Ao homem fiel pertence todo um mundo de riquezas*⁷, muitas mais vezes pode o número mil ser tomado pela totalidade, já que nele a dezena elevada ao quadrado se realiza no cubo. Daí que não se entenderão melhor do que em tal sentido as palavras do salmo:

⁵ *Accipiet in hoc saeculo centuplum.*

Mat., XIX, 29; Marcos, X, 30.

⁶ *Quasi nihil habentes, et omnia possidentes.*

II Corínt., VI, 10.

⁷ *Fidelis hominis totus mundus divitiarum est.* (a)

(a) Este versículo não se encontra no original hebreu nem, consequentemente, na Vulgata de Jerónimo, mas sim na *Vetus latina* e, consequentemente, nos *Setenta*.

*Recordou-se para sempre da palavra da sua aliança que
ele prescreveu por mil gerações*⁸,
isto é, para todas
*e lançou-o ao abismo*⁹,

diz ele; foi ao Diabo, evidentemente, que ele mandou para o abismo, palavra com que se quis significar a inumerável multidão dos ímpios cujos corações são muito profundos nas maldades contra a Igreja de Deus. Se se diz que ele foi para lá lançado, foi porque, ao ser repellido pelos crentes, começou mais intensamente a apoderar-se dos ímpios. Efectivamente, cada vez é mais possuído pelo Diabo o que não só se alheia de Deus mas também gratuitamente odeia os servidores de Deus. Diz ele:

*E encerrou-o e pôs-lhe um selo em cima, para já não poder extraviar os povos, até se acabarem os mil anos*¹⁰.

A expressão

*encerrou-o*¹¹

quer dizer *proibiu-o de sair*, isto é, foi *impedido de passar*. E a palavra

*e pôs-lhe um selo*¹²

que ele acrescenta, parece-me significar que Deus quis que se mantivesse oculto quais os que pertenciam ao partido do Diabo e quais os que lhe não pertenciam. Realmente isto mantém-se neste século absolutamente oculto porque não se sabe se o que parece aguentar-se de pé não

⁸ *Memor fuit in saeculum testamenti sui verbi, quod mandavit in mille generationes,*

Salmo CIV, 8.

⁹ *Et misit illum in abyssum.*

V. nota 1.

¹⁰ *Et clusit, et signavit super eum, ut non seduceret jam gentes, donec finiantur mille anni.*

Id. Ib.

¹¹ *clusit super eum.*

Id. Ib.

¹² *signavit.*

Id. Ib.

cairá, e se o que parece caído se não levantará. Com a cadeia e o ferrolho desta proibição fica o Diabo proibido e impedido de seduzir ou oprimir os povos que ele anteriormente seduziu ou retinha quando eles pertenciam a Cristo. Com efeito, a estes povos decidiu Deus, antes da constituição do Mundo, subtrair ao poder das trevas e transferi-los para o reino do filho do seu amor, como diz o Apóstolo. É certo que ainda hoje ele seduz e arrasta consigo para as penas eternas os povos — mas que fiel ignora que ele já não arrasta os povos predestinados para a vida eterna? Não nos impressione que muitas vezes o Diabo seduza mesmo aqueles que, já regenerados em Cristo, entram nos caminhos de Deus.

*O Senhor conhece os que são dele*¹³

e a nenhum destes consegue o Diabo arrastar para a eterna condenação. Porque o Senhor conhece-os como os conhece Deus para quem nada, mesmo do futuro, fica oculto — não como o homem que vê o homem só no presente (se é que o vê pois não lhe vê o íntimo (*cor*) mas, como seja no futuro, nem a si próprio se vê.

O Diabo foi amarrado e encerrado no abismo precisamente por isso — para já não extraviar os povos que constituem a Igreja e que ele mantinha extraviados antes de constituírem a Igreja. Não se diz *para que não extraviasse* a Igreja mas diz-se

*para já não poder extraviar os povos*¹⁴,

querendo sem dúvida por povos (*gentes*) designar a Igreja; e acrescenta-se:

*Até se acabarem os mil anos*¹⁵,

ou seja: quer o que resta do sexto dia que compreende mil

¹³ *Novit Dominus qui sunt ejus;*
II Timót., II, 19.

¹⁴ *Ut non seduceret jam gentes.*
V. nota 1.

¹⁵ *donec firiantur mille anni.*
Id. Ib.

anos, quer os anos todos que este século tem, desde já, que cumprir. Isto que ele diz:

*Para não extraviar os povos até se acabarem os mil anos*¹⁶, não deve ser compreendido como se, depois, ele tenha de se pôr a extraviar apenas os povos que constituem a Igreja predestinada, aquela que ele estava impedido de extraviar por estar amarrado pelas cadeias e o ferrolho. Mas

— ou isto deve ser compreendido como naquelas expressões, tantas vezes encontradas nas Escrituras, tal como, por exemplo, neste salmo:

*Assim os nossos olhos (estão voltados) para o Senhor nosso Deus até que ele tenha misericórdia de nós*¹⁷;

pois, mesmo quando ele tiver piedade de nós, os olhos dos seus servidores não deixarão de estar voltados para o Senhor seu Deus;

— ou então a ordem das palavras será, com certeza, a seguinte: *Et clausit et signavit super eum, donec finiantur mille anni* (ele fechou-o à chave e marcou-o com um selo até se acabarem, os mil anos). Esta frase que se interpõe para o impedir de extraviar os povos (*Ut non seduceret jam gentes*), é de tal natureza que se pode separar do contexto, e entender-se à parte como se fosse posteriormente acrescentada — de forma que a frase toda apresentar-se-ia assim: e fechou-o (à chave) e marcou-o com um selo, até se acabarem os mil anos para já não extraviar os povos (*Et clausit et signavit super eum, donec finiantur mille anni, ut non seduceret jam gentes*).

E fechou-o (à chave) e marcou-o com um selo, até se acabarem os mil anos para já não extraviar os povos quer dizer: se ele foi fechado até se acabarem os mil anos, foi para o impedir de continuar a extraviar os povos.

¹⁶ *Ut non seduceret gentes, donec finiantur mille anni.*

Id. Ib.

¹⁷ *Sic oculi nostri ad Dominum Deum nostrum, donec misereatur nostri;*
Salmo CXXII, 2.

CAPÍTULO VIII

Prisão e libertação do Diabo.

*Depois disto é que tem que ser solto por um breve período*¹,

continua o Apocalipse. Se, para o Diabo, *ser amarrado e encerrado* equivale a dizer que *não pode extraviar a Igreja*, quererá dizer então a sua libertação que já pode extraviá-la? Longe disso, pois jamais poderá por ele ser extraviada a Igreja predestinada e eleita antes da fundação do Mundo, da qual foi dito:

*O Senhor conhece os que são dele*².

E, todavia, ela existirá cá, mesmo no tempo em que o Diabo deve ser solto, tal qual como, desde que foi instituída existiu cá, e cá existirá durante todo o tempo nos seus, ou seja nos que, nascendo, sucedem aos que morrem. De facto, pouco depois, acrescenta que o Diabo, uma vez solto, arrastará, de todo o orbe da Terra, os povos extraviados, para a guerra contra ela cujos inimigos serão, em número, como a areia do mar. Diz o Apocalipse:

*Subiram até à terra plana, cercaram o acampamento dos santos e a cidade predilecta e desceu do Céu um fogo de Deus, que os devorou: e o Diabo que os extraviava foi lançado no lago de fogo e de enxofre, onde já estavam a besta e o falso profeta: e lá serão atormentados durante a noite e durante o dia pelos séculos dos séculos*³.

¹ *Post haec oportet eum solvi brevi tempore.*
Apoc., XX, 3.

² *Novit Dominus qui sunt ejus.*
II Timót., 11, 19.

³ *Et ascenderunt supra terrae latitudinem, et cinxerunt castra sanctorum et dialectam civitatem, et descendit ignis de caelo a Deo et comedit eos; et diabolus,*

Mas este texto refere-se já ao último juízo; julguei que o devia citar desde já para que ninguém vá pensar que, durante esse breve espaço de tempo em que o Diabo ficar solto, não mais haverá Igreja nesta Terra, quer porque já não a irá encontrar quando for solto, quer porque a aniquilará depois de a ter de todas as maneiras perseguido. Assim, pois, durante todo o tempo que esse livro abarca, ou seja desde o primeiro advento de Cristo até ao fim do século, que será o do seu segundo advento, o Diabo está aprisionado, no sentido de que este aprisionamento consiste em não extraviar a Igreja durante esse intervalo que ele designa pelo número de mil anos pois que, sem dúvida, mesmo desenhencilhado, ele não conseguirá extraviá-la. Porque, na realidade, se estár aprisionado para ele consiste em não poder ou não lhe ser permitido que extravie — em que consistirá *estar desenhencilhado* senão em poder extraviar ou ter a permissão para extraviar? Oxalá que tal não aconteça! Mas o aprisionamento do Diabo consiste em não lhe ser permitido que exerça todo o poder de tentar de que é capaz para arrastar pela força ou pela manha os homens para o seu partido, quer coagindo-os violentamente, quer enganando-os manhosamente. Se isto lhe fosse permitido durante tão longo decurso de tempo, e sendo tão grande a fraqueza de muitos, faria sucumbir os já crentes ou impediria que outros chagassem à fé em número que Deus não está disposto a consentir; para que isso não fizesse é que ele foi aprisionado.

Quando chegar aquele curto prazo, então ele será desamarrado (lê-se que durante três anos e seis meses ele cevará a sua raiva com todas as suas forças e as de todos os seus), mas aqueles com os quais terá que combater, serão de tal qualidade que nem com tamanhos ataques

quí seducebat eos, missus est in stagnum ignis et sulphuris, ubi et bestia et pseudo-propheta; et cruciabuntur die et nocte in saecula saeculorum.

Apoc., XX, 9-10.

nem com as suas manhas poderão ser vencidos. Se nunca fosse desamarrado, o seu poder maligno seria menos evidente, menos manifesta seria a firmíssima paciência da Cidade Santa, e, finalmente, com menos clareza se veria como de tão grande mal dele se utilizou tão bem o Omnipotente que nunca lhe retirou por completo o poder de tentar os santos; de resto, expulsou-o do íntimo dos homens, lá onde se crê em Deus, para que os seus ataques de fora concorressem para o progresso deles; amarrou-o também no interior daqueles que são do seu partido, para que não lhe fosse possível espalhar e desenvolver toda a malícia de que é capaz sobre os numerosos débeis que devem crescer e encher a Igreja, impedindo-o de a uns — os que haviam de crer — os afastar da fé religiosa, e aos outros — os já crentes — os vencer; e no final desamarrá-lo para que a Cidade de Deus veja quão forte adversário venceu com imensa glória do seu Redentor, do seu Defensor, do seu Libertador. Realmente, que somos nós em comparação com os santos e com os fiéis que então existirão, quando, para os provar, for desamarrado tão grande inimigo, com o qual amarrado nós lutamos no meio de tão grandes perigos? Todavia, mesmo neste intervalo de tempo, alguns soldados de Cristo tem havido e continuará a haver tão prudentes e tão valentes que, sem dúvida, mesmo que então vivessem nesta condição mortal, evitariam todas as suas insídias e ataques e aguentar-se-iam com toda a habilidade e com grande paciência.

Este aprisionamento do Diabo não se realizou apenas desde quando a Igreja se começou a estender para além da terra da Judeia em tantos outros povos, mas ainda agora se realiza e se realizará até ao fim do século, em que o Diabo deve ser solto; porque, também agora, os homens se convertem da incredulidade, em que ele os mantinha, à fé e continuarão a converter-se, sem a menor dúvida, até esse fim; e na verdade este *forte* é então amarrado a favor de cada um quando cada um é arrancado das suas garras como alfaia sua; o abismo, onde ele está encerrado, não

fôï destruído quando morreram os que existiam quando principiou o seu aprisionamento; até que acabe este século, têm nascido outros que lhes têm sucedido e continuam a suceder, que odeiam os cristãos, nas profundezas de cujos corações cegos todos os dias o Diabo é enclausurado como num abismo.

Mas se, mesmo durante aqueles últimos três anos e seis meses, em que ele, solto, cevará a sua raiva, com todas as suas forças, chegará alguém à fé que não tinha — é uma questão não destituída de importância. Como se manteria de pé o que foi dito:

*Quem entra em casa do forte para lhe tirar as alfaias (vasa) sem primeiro amarrar o forte*⁴,

se eles lhe são arrancados mesmo quando está solto? Por isso esta passagem parece obrigar-nos a crer que, durante esse tempo, embora exíguo, ninguém se juntará ao povo cristão, mas o Diabo lutará com os que já são reconhecidos como cristãos; embora alguns destes, vencidos, o venham a seguir, é porque esses não pertencem ao número predestinado dos filhos de Deus. Não é em vão que o mesmo apóstolo João, que não escreveu somente o Apocalipse, diz na sua epístola acerca de alguns:

*Eles deixaram-nos, mas eles não eram dos nossos; porque se fossem dos nossos, com certeza que teriam ficado conosco*⁵.

Mas que é que acontecerá às crianças? É muito improvável que esse período não surpreenda alguma criança nascida de pais cristãos, mas ainda não baptizada;

ou que precisamente nesses dias lhes não nasçam crianças;

⁴ *Quis intrabit in domum fortis, ut vasa ejus eripiat, nisi prius alligaverit fortem?*

Mat., XII, 29.

⁵ *Ex nobis exierunt, sed non erant ex nobis; nam si fuissent ex nobis, mansissent utique nobiscum.*

I João, 11, 19.

ou, se as houver, que os seus pais as não levem, de qualquer maneira, ao banho da regeneração. Se isto acontecer, como é que ao Diabo, já solto, serão tiradas essas alfaias (*vasa*) se ninguém entra em sua casa para lhe tirar as alfaias (*vasa*), senão depois de o amarrar? É pois muito mais de crer que nesse tempo não faltarão os que abandonarão a Igreja, nem os que a ela aderirão. Mas, com certeza, serão tão corajosos, não só os pais para baptizarem os seus filhos, como aqueles que pela primeira vez abraçam então a fé, que vencerão aquele *forte* mesmo já desamarrado, isto é: ainda que contra eles empregue, como nunca o tinha feito, todas as suas artimanhas e toda a força dos seus ataques, eles saberão combatê-lo com vigilância e suportá-lo animosamente. E desta forma, dele se desenvencilharão apesar de estar solto. E nem por isso será falsa esta afirmação evangélica:

Quem entra em casa do forte para lhe tirar as alfaias (vasa) sem primeiro amarrar a forte?

Efectivamente, é esta a ordem observada segundo a verdade desta afirmação:

— primeiramente amarrar-se-ia o *forte*,

— a seguir subtraem-se-lhes as alfaias (*vasa*),

— depois começará a Igreja a multiplicar-se por toda a parte, entre todos os povos, com elementos fortes e débeis de tal modo que a própria fé fortemente robustecida com os factos preditos e cumpridos, será capaz de lhe arrebatrar as alfaias (*vasa*) mesmo com o Diabo solto. De facto,

assim como temos de reconhecer

que a caridade de muitos arrefecerá quando abundar a iniquidade, e que muitos dos inscritos no Livro da Vida cederão devido às inauditas e violentíssimas perseguições e às falácias do Diabo já desamarrado,

assim também temos de pensar

que este tempo não encontrará apenas bons fiéis mas também que alguns, ainda então de fora, apoiados pelo

auxílio de Deus por intermédio do estudo das Escrituras, onde se encontra anunciado, entre outras coisas, este fim que sentem já próximo, se tornarão mais firmes para cre-rem no que não criam e mais corajosos para vencerem o Diabo, mesmo solto.

Se isto é assim, tem de se dizer que primeiro se apri-
sionou o Diabo para que, tanto amarrado como solto,
pudesse ser despojado; porque foi a este respeito que foi
dito:

*Quem entrará na casa do forte para lhe tirar as alfaias
(vasa) sem primeiro amarrar o forte? ⁴*

CAPÍTULO IX

O que é o reino dos santos com Cristo durante mil anos, e em que se distingue ele do reino eterno.

Durante o período de mil anos em que o Diabo está amarrado, os santos reinam com Cristo também durante mil anos, devendo estes ser entendidos, sem dúvida, da mesma maneira, ou seja, desde o período do seu primeiro advento. Realmente, posto de parte aquele reinado de que Ele falará a final:

*Vinde benditos de meu Pai. Possui o reino que vos está preparado*¹,

se os santos de quem se disse:

*Eis que eu estarei convosco até à consumação do século*², não reinassem desde já, com Ele, de uma maneira bem diferente e em grau muito inferior, nunca se chamaria, desde já, à Igreja o seu reino, ou o *reino dos Céus*. Realmente, será neste tempo

que se instrui no reino de Deus aquele escriba que tira do seu tesouro coisas novas e velhas, de que acima já falámos,

e que os ceifeiros arrancarão da Igreja o joio que Ele deixou crescer juntamente com o trigo até à ceifa, como Ele disse ao expor:

A ceifa é o fim do século; os ceifeiros são os anjos. Assim como o joio se arranca e é consumido pelo fogo, assim

¹ *Venite, benedicti patris mei, possidete paratum vobis regnum*
Mat., XII, 29.

² *Ecce ego vobiscum sum usque in consummationem saeculi*
Mat., XXVIII, 20.

será na consumação do século; o Filho do homem enviará os seus anjos e eles arrancarão do seu reino todos os escândalos³. De que reino se trata onde não há escândalos? Será, pois, deste seu reino, que na Terra é a Igreja, que serão arrancados. Da mesma forma diz:

*Aquele que violar um destes mais pequenos mandamentos e assim ensinar os homens, será chamado mínimo no Reino dos Céus; e o que os observar e os ensinar a cumprir, será chamado grande no Reino dos Céus*⁴.

Diz que um e outro estão no reino dos Céus — tanto o que não cumpre os mandamentos que ensina (infringir — *solvere* — consiste realmente em não observar, em não cumprir), como o que cumpre e ensina; mas àquele chama-lhe o menor e a este grande. E logo a seguir continua:

*Pois na verdade vos digo: se a vossa justiça não estiver acima da dos escribas e fariseus*⁵,

isto é, a daqueles que passam por cima do que ensinam (a propósito dos escribas e fariseus, diz noutra passagem:

*Porque eles dizem e não fazem*⁶)

— se, pois, a vossa justiça os não ultrapassar, isto é, se não acontecer que não transgridais, mas antes cumprais o que ensinais

*não entrareis no Reino dos Céus*⁷,

³ *Messis est finis saeculi, messorum autem angeli sunt. Sicut ergo colliguntur zizania et igni comburuntur, sic erit in consummatione saeculi; mittet filius hominis angelos suos, et colligent de regno ejus omnia scandala.*

Mat., XIII, 39-41.

⁴ *Qui solverit unum de mandatis istis minimis et docuerit sic homines, minimus vocabitur in regno Caelorum.*

Mat., V, 19.

⁵ *Dico enim vobis quia, nisi abundaverit justitia vestra super scribarum et pharisaeorum.*

Mat., XXIII, 3.

⁶ *Quoniam dicunt, et non faciunt.*

Id. Ib.

⁷ *non intrabitis in regnum caelorum.*

Mat., V, 20.

acrescenta Ele. É preciso, portanto, distinguir dois tipos de reino dos Céus

— o primeiro é aquele onde se encontram estas duas classes — a dos que não cumprem o que ensinam e a dos que o praticam: aos que não cumprem chama-se os *menores* e aos que cumprem chama-se *grandes*;

— o segundo, porém, é aquele para o qual só entram os que cumprem.

Pelo que fica dito, onde existem as duas categorias, aí está a Igreja tal qual ela é agora; mas a outra, onde existe uma só categoria, é a Igreja tal qual será quando nela já não estiver o mau. Portanto, agora, a Igreja tanto é o reino de Cristo como o reino dos Céus. De facto, reinam com Ele desde já os seus santos, mas de maneira realmente diferente da que quando então reinarem; todavia, não reina o joio, embora este cresça na Igreja ao mesmo tempo que o trigo. Efectivamente, reinam com Ele os que cumprem o que diz o Apóstolo:

*Se ressuscitastes com Cristo, saboreai o que é do Alto, onde Cristo está à direita de Deus. Buscai as coisas do Alto e não as que estão sobre a Terra*⁸;

destes homens diz mesmo que toda a sua maneira de viver está nos Céus. Finalmente — reinam com Ele os que vivem no seu reino de maneira a serem, também eles próprios, o seu reino. Mas — como é que são reino de Cristo os que, para não dizer outra coisa, embora façam parte dele até que, no fim do século, todos os escândalos sejam arrancados do seu reino, todavia, procuram por cá os seus interesses e não os de Jesus Cristo?

É pois do reino em estado de guerra, no qual ainda se combate com o inimigo, no qual ora se resiste aos assaltos dos vícios, ora se domina sobre eles quando eles

⁸ *Si resurrexistis, cum Christo, quae sursum sunt sapite, ubi Christus est in dextera Dei sedens; quae sursum sunt quaerite, non quae super terram.*

Coloss., III, 1-2.

cedem, até se chegar àquele reino de paz onde se reine sem inimigo,

e é da primeira ressurreição que agora tem lugar — é disto que fala o livro do *Apocalipse*. Depois de ter anunciado que o Diabo será amarrado durante mil anos e depois solto por pouco tempo, recapitulando então o que fará a Igreja durante esses mil anos ou o que se fará nela, diz:

*E vi tronos e homens neles sentados — e foi proferido o juízo*⁹.

Não se deve pensar que se fala do último juízo; mas dever-se-á entender que se trata dos tronos das autoridades ou das próprias autoridades que agora governam a Igreja. Quanto ao juízo proferido parece que nada melhor podemos entender do que aquilo que foi dito:

*O que ligardes na Terra, será ligado no Céu; o que desligardes na Terra, será desligado também no Céu*¹⁰.

Daí o que o Apóstolo diz:

*Pertence-me julgar os de fora? Não é aos de dentro que vós julgais?*¹¹

*E as almas dos que foram mortos por terem dado testemunho de Jesus e proclamado a palavra de Deus*¹², subentende o que a seguir virá a ser dito:

*Reinaram com Jesus durante mil anos*¹³;

⁹ *Et vidi sedes et sedentes super eas, et iudicium datum est*

Apoc., XX, 4.

¹⁰ *Quae ligaveritis in terra, ligata erunt et in Caelo; et quae solveritis in terra, soluta erunt et in caelo.*

Mat., XVIII, 18.

¹¹ *Quid enim mihi est de his qui foris sunt, iudicare? Nonne de is qui intus sunt vos iudicatis?*

I Corint., V, 12.

¹² *Et animae occisorum propter testimonium Jesu et propter verbum Dei.*
Apoc., XX, 4.

¹³ *regnaverunt cum Jesu mille annis*
Id. Ib.

quer dizer — as almas dos mártires aos quais não foram ainda restituídos os seus corpos. Porque as almas dos justos defuntos não ficam separadas da Igreja que, agora, é até o reino de Cristo. Se assim não fosse, não se comemoraria a sua memória na comunhão do Corpo de Cristo e de nada serviria, no perigo, correr em busca do seu baptismo, com medo que a vida se acabe sem ele — nem recorrer à *reconciliação*, se, talvez, por uma penitência ou por má consciência¹⁴, se está separado desse mesmo corpo. Porque é que de facto se cumprem todas estas coisas senão porque os fiéis, mesmo defuntos, são membros dela? Embora não seja ainda com os seus corpos, as almas reinam já com Ele enquanto decorrem esses mil anos. Por isso noutra passagem desse mesmo livro se lê:

*Bem-aventurados os mortos que morrem no Senhor. Sim, desde já, diz o Espírito, eles repousam dos seus trabalhos porque as suas obras os seguem*¹⁵.

De facto a Igreja reina agora na companhia de Cristo, em primeiro lugar, nas pessoas dos vivos e dos mortos. Com efeito, como diz o Apóstolo.

*Foi por isso que Cristo morreu: para ser o Senhor dos vivos e dos mortos*¹⁶.

¹⁴ Na primitiva Igreja e ainda no tempo de Santo Agostinho, como elemento essencial do sacramento da penitência, ao lado da chamada «confissão diante de Deus» (a mais generalizada) que era a confissão auricular, em particular, ao ouvido do confessor, havia a confissão pública e solene, reservada a certos pecados de maior gravidade. O penitente, reconhecido como pecador público, submetia-se à penitência pública. Enquanto esta não fosse cumprida, ficava ele separado da comunhão da Igreja e só à comunhão da Igreja regressava depois de cumprida a penitência e ser absolvido.

¹⁵ *Beati mortui, qui in Domino moriuntur. A modo etiam dicit spiritus, ut requiescant a laboribus suis; nam opera eorum sequuntur eos.*

Apoc., XIV, 13.

¹⁶ *propterea mortuus est Christus ut et vivorum et mortuorum dominetur.*
Rom., XIV, 9.

Mas só mencionou as almas dos mártires porque quem principalmente reina são os mortos que, até à morte, lutaram pela verdade. Mas, indo da parte para o todo, entendemos que também os outros mortos pertencem à Igreja que é o reino de Cristo.

O que se segue:

*E os que não adoraram a besta nem a sua imagem e não receberam o seu sinal na frente ou na mão*¹⁷,

devemos tomá-lo como dito acerca dos vivos e dos mortos. Mas que *besta* será esta, embora seja questão que deve ser atentamente examinada, todavia não repugna à rectidão da fé ver aí a própria cidade ímpia e o povo dos infiéis, inimigo do povo fiel e da cidade de Deus. A *sua imagem* me parece ser o seu disfarce, isto é, o que há nesses homens que parecem professar a fé mas vivem como infiéis. Fingem realmente ser o que não são e chamam-se cristãos sem terem deles a verdadeira cara mas uma falsa imagem. A esta *besta* pertencem também os inimigos declarados do nome de Cristo e da sua gloriosa Cidade, e ainda o joio que deve ser arrancado do seu reino, que é a Igreja, no fim do mundo. E quem são aqueles que *não adoram a besta nem a sua imagem*, senão os que cumprem o que diz o Apóstolo:

*Não vos junteis ao mesmo jugo com os infiéis?*¹⁸

Não adoram, isto é, com eles não concordam nem a eles se submetem; não recebem o seu sinal, isto é, a marca do crime, nem na frente, por causa da fé que professam, nem na mão por causa das suas obras. É por isso que, alheios a estes males, quer vivam ainda nesta carne mortal, quer sejam já defuntos, eles reinam desde já com Cristo de

¹⁷ *Et si qui non adoraverunt bestiam nec imaginem ejus, neque acceperunt inscriptionem in fronte aut in manu sua.*

Apoc., XX, 4.

¹⁸ *Ne sitis jugum ducentes cum infidelibus?*

II Corínt., VI, 14.

maneira adequada ao tempo actual, durante todo o período designado pelo número de mil anos.

*Os outros não viveram*¹⁹,
diz ele. De facto,

*chegou a hora em que os mortos ouvem a voz do Filho de Deus e os que a tiverem ouvido viverão*²⁰;
portanto, os outros não viverão. O que ele, porém, acrescenta:

*Até que acabem os mil anos*²¹,
deve ser assim entendido: durante esse período não viveram a vida que deviam ter vivido, isto é, passando da morte à vida. E, portanto, quando chegar o dia em que terá lugar a ressurreição dos corpos, sairão dos seus túmulos, não para a vida mas para o juízo, isto é, para a condenação que se chama segunda morte. Até que acabem os mil anos, todo aquele que não tiver vivido, isto é, todo aquele que, durante todo esse período em que se verifica a primeira ressurreição, não tiver ouvido a voz do Filho de Deus, não passará da morte à vida na segunda ressurreição que é a da carne, e passará com certeza, com a própria carne, para a segunda morte. Continua, de facto, dizendo:

*Esta ressurreição é a primeira. Bem-aventurado e santo o que toma parte nesta primeira ressurreição*²²,
isto é, quem dela é participante. Mas é dela participante não só quem ressuscita da morte que existe no pecado, mas também o que persevera neste seu estado de ressurreição. Diz ele:

¹⁹ *Reliqui eorum non vixerunt.*
Apoc., XX, 5.

²⁰ *Hora nunc est, cum mortui audiunt vocem filii Dei, et qui audierint vivent.*

João, V, 25.

²¹ *Donec finiantur mille anni*
Apoc., XX, 5.

²² *Haec resurrectio prima est. Beatus et sanctus qui habet in hac prima resurrectione partem.*
Id. Ib., 5-6.

*A segunda morte não terá poder sobre estes*²³.

Mas tem-na sobre os outros dos quais mais acima se diz:

*Os outros não viverão até que acabem os mil anos*²⁴;

Porque durante todo esse lapso de tempo a que ele chama mil anos, por muito que tenha cada um vivido no seu corpo, nenhum ressuscitou da morte em que a sua impiedade o retinha, para tomar parte na primeira ressurreição retomando a vida desta maneira, e para sobre ele a segunda morte não ter poder.

²³ *In istis secunda mors non habet potestatem.*

Id. Ib., 6.

²⁴ *Reliqui eorum non vixerunt, donec finiantur mille anni*
Apoc., XX, 5. Cfr. notas 19 e 21.

CAPÍTULO X

Resposta a dar aos que julgam que a ressurreição diz respeito apenas aos corpos e não às almas também.

Há os que pensam que não se pode falar senão da ressurreição dos corpos e por isso entendem que também esta primeira ressurreição se há-de verificar nos corpos. Efectivamente, dizem eles, levantar-se (*resurgere*) é próprio de quem cai. E os corpos, quando se morre, é que caem. É até do facto de cáírem que tomam o nome de *cadáver*¹. Não pode, portanto, haver ressurreição das almas, dizem eles, mas dos corpos. Mas que responderão ao Apóstolo que a isto chama ressurreição? Efectivamente, foi segundo o homem interior e não segundo o homem exterior que ressuscitaram na verdade aqueles de quem disse:

*Se ressuscitastes em Cristo, saboreai as coisas do Alto*².
Este mesmo sentido o expressa ele noutra passagem por outras palavras:

*Assim como Cristo ressuscitou dos mortos pela glória do Pai, assim também nós caminhamos numa vida nova*³.
Daí ainda isto:

¹ Embora etimologistas como Bréal e Bailly se limitem a referir o termo *cadaver* sem o filiarem no étimo *cado* — cair — (V. Michel Bréal et Anatole Bailly — *Leçons de Mots, Dict. Etym. latin*, 11.^a ed., p. 28) é opinião geral que a etimologia de «*cadaver*» apontada por Santo Agostinho é correcta (V. Ernout-Meillet, *Dict. Etym. de la langue lat.*, p. 145). É fantasista a etimologia de *cadaver* como proveniente de *caro data vermibus* — carne dada aos vermes.

² *Si resurrexistis cum Christo, quae sursum sunt sapite.*
Coloss., III, 1.

³ *Ut quem ad modum Christus resurrexit a mortuis per gloriam Patris, sic et nos in novitate vitae ambulemus.*
Rom., VI, 14.

*Levanta-te tu que dormes e sai do meio dos mortos e
Cristo te iluminará*⁴.

Os que dizem que só se podem levantar os que caem e por isso julgam que a ressurreição pertence aos corpos e não às almas porque cair é próprio dos corpos, — porque não prestam eles atenção ao seguinte:

*Não vos afasteis dele, para que não caiais*⁵;

e a isto:

*Que se mantenha de pé ou que caia, isso é com o
Senhor*⁶;

e ainda a isto:

*O que julga que se aguenta de pé tenha cuidado não
caia?*⁷

Penso que estas quedas devem ser evitadas na alma e não no corpo. Se, portanto, a ressurreição é própria dos que caem, e as almas também caem, então temos que reconhecer que também as almas ressuscitam.

E depois de ter dito:

*Sobre eles não tem a morte poder*⁸,

diz em acrescentamento:

*Mas serão sacerdotes de Deus e de Cristo e com eles
reinarão durante mil anos*⁹,

com certeza que isto não foi dito apenas dos bispos e dos presbíteros, que são propriamente os que se chamam na

⁴ *Surge qui dormis et exurge a mortuis, et inluminabit te Christus.*

Efés., V, 14.

⁵ *Non recedatis ab illo, ne cadatis.*

Ecles., II, 7.

⁶ *Suo Domino stat aut cadit.*

Rom., XIV, 4.

⁷ *Qui se putat stare, caveat ne cadat.*

I Corínt., X, 12.

⁸ *In istis secunda mors non habet potestatem*

Apoc., XX, 6.

⁹ *Sed erunt sacerdotes Dei et Christi et regnabunt com eo mille annis.*

Apoc., XX, 5.

Igreja sacerdotes; mas, assim como nós chamamos a todos Cristos por causa do crisma místico, assim também a todos chamamos sacerdotes porque são membros de um sacerdote único: é destes que diz o apóstolo Pedro:

*Povo santo, sacerdócio real*¹⁰.

É certo que, embora brevemente e de passagem o *Apocalipse* insinue que Cristo é Deus ao dizer:

*Sacerdotes de Deus e de Cristo*¹¹,

isto é, do Pai e do Filho, não obstante a sua aparência de escravo, como um filho de homem, Cristo foi instituído sacerdote para a eternidade, segundo a ordem de Melquisedec. Já mais de uma vez falámos deste assunto nesta obra.

¹⁰ *Plebs sancta, regale sacerdotium.*
I Pedro, 11, 9.

¹¹ *Sacerdotes Dei et Christi.*
Apoc., XX, 6.

CAPÍTULO XI

Acerca de Gog e Magog que, no fim do Mundo, o Diabo solto incitará a perseguirem a Igreja.

*E quando acabarem os mil anos, Satanás será libertado da sua prisão, e sairá para extraviar as nações que existem nos quatro cantos da Terra, Gog e Magog; ele os arrastará para a guerra e o número deles é como a areia do mar*¹, diz o *Apocalipse*. É, portanto, para as arrastar à guerra que ele desencaminhará as nações. De facto, já antes ele as desencaminhava de todas as maneiras que podia com muitos e variados males.

Sairá (*exibit*), diz-se, dos *covis do ódio e lançar-se-á em aberta perseguição*. Esta será, de facto, estando iminente o juízo final, a última perseguição que, à face de todo o orbe da Terra, a Santa Igreja sofrerá, quero dizer, a Cidade inteira de Deus da parte da Cidade inteira do Diabo, por muito grandes que sejam uma e outra à superfície da Terra. Estas nações a que ele chama Gog e Magog², con-

¹ *Et cum finiti fuerint mille anni, solvetur satanas de custodia sua, et exhibit ad seducendas nationes, quae sunt in quattuor angulis terrae, Gog et Magog, et trahet eos in bellum, quorum numerus est ut harena maris.*

Apoc., XX, 7-8.

² Gog e Magog.

S. João, no *Apocalipse*, não considera, como Ezequiel (XXXVIII, 1-5), Gog e Magog nomes de um rei e de um povo, mas como nomes de povos. A legenda de Gog e Magog vem de longe: já o *Génesis* (X, 2) e o *Livro I das Crônicas* (1, 5) se refere a Magog como um dos povos, descendentes de Jafet, que habitava para as bandas do Mar Gáspio (Gog seria uma forma sincopada de Magog).

Também uma das cartas de Tell-el-Amarna se refere a *Gaga* e uma inscrição assíria menciona *Gagi* como príncipe dos Saki os Citas

vém não as tomarmos por alguns bárbaros estabelecidos em alguma parte da Terra, que alguns suspeitam, por causa das primeiras letras dos seus nomes, que sejam os Getas e os Messagetas, ou que sejam alguns dos outros povos estrangeiros e subtraídos à jurisdição romana.

Está a face de todo o orbe da Terra significado nestas palavras:

*Nações que existem nos quatro cantos da Terra*³, e a essas nações identifica-as ele com Gog e Magog. A significação que encontrámos destes nomes é esta: Gog *tecto*, Magog *do tecto*, coisa assim como *casa* e *o que sai de casa*. São, portanto, povos nos quais, como acima demos a entender, o Diabo está encerrado, como que num precipício, e o próprio Diabo que deles de certo modo sai e avança; assim aqueles são o *tecto* e este *do tecto*. Mas se referirmos os dois nomes a povos e não um deles a nações e o outro ao Diabo — esses povos tanto serão «o tecto»,

asiáticos. Haverá ligação alguma entre Gog e este Gaga ou Gagi? O que se sabe, e já disso Heródoto se fez eco (I, 104-106), é quão terrível foi a fama de crueldade deixada pelos Citas. Esta fama de crueldade deu origem a várias lendas todas elas com sentido escatológico.

A lenda de Gog e Magog, agora transformados em povos, passou para o Judaísmo (Lev. XXVI, 44; Salmo CXVIII, 10-17; Cron. XXIX, II; Reis, IV, 18).

O Livro de Eldad e Modad, segundo o Targum do pseudo-Jonatam (cfr. Números, XI, 26 e seg.) concede ao rei de Magog o mesmo papel que Ezequiel e o Apocalipse).

Sobre o assunto ver:

I. Bonsirven, *Le Judaïsme palestinien au temps de Jesus-Crist*. La théologie, t. 1., p. 461-462;

E. B. Allo, *L'Apocalypse*, p. 315;

B. Rigaux, *L'Antichrit et l'opposition au royaume messianique dans L'Ancient et le Nouveau Testament*. — p. 203 e seg.

S. Jerónimo toma a sua costumada posição crítica de homem avesso a lendas, quer na sua epístola 126.2 quer no seu comentário in Ezechielem (cfr. P.L. XXV, 356).

³ *nationes quae sunt in quattor angulis terrae*.

Apoc., XX, 7-8.

porque neles está ele agora encerrado e de certo modo está escondido o velho inimigo, como serão também *do tecto* quando o seu ódio escondido romper em ódio às claras.

Mas o que ele diz:

*Subiram até à terra plana, cercaram o acampamento (castra) dos santos e a cidade predilecta*⁴,

não significa, com certeza, que eles venham ou virão para um só lugar, como se o acampamento dos santos e a Cidade predilecta devessem encontrar-se em algum lugar único, pois esta Cidade não é senão a Igreja de Cristo difundida por toda a redondeza da Terra. Por isso estará, então, por toda a parte, ela estará em todos os povos, o que é indicado pela expressão

*até à terra plana*⁵;

aí estarão os acampamentos (*castra*) dos santos, aí estará a Cidade predilecta de Deus; aí, na ferocidade dessa perseguição, ela será cercada por todos os seus inimigos que estarão, também eles, com ela em todos os povos — isto é, será cercada, será oprimida, será apertada na angústia das tribulações, mas não abandonará o seu combate aquela que recebeu o nome de fortaleza.

⁴ *Et ascenderunt supra terrae latitudinem et cinxerunt castra sanctorum et dilectam civitatem.*

Apoc., XX, 9-10.

⁵ *Supra terrae latitudinem.*

Id. Ib.

CAPÍTULO XII

Pergunta-se se o facto de serem consumidos por um fogo que descerá dos Céus é que constituirá o último suplício dos ímpios.

Quanto às palavras:

*E do céu desceu um fogo que os devorou*¹,
convém que se não julgue que isto é o último suplício que se verificará quando for dito:

*Afastai-vos de mim malditos para o fogo eterno*².

Realmente, os malditos é que serão, então, lançados no fogo, não será o fogo do céu que cairá sobre eles. Por este fogo do céu pode muito bem entender-se a própria firmeza dos santos, graças à qual eles não cederão aos que contra eles se assanham para que façam a sua vontade. O firmamento é o céu e a sua firmeza fará que se sintam atormentados por uma raiva ardente, porque não puderam atrair os santos de Cristo para o partido do Anticristo. Esta raiva é que será o fogo que os devorará — e ela vem de Deus pois que é por dádiva de Deus que os santos se tornarão invencíveis, e daí resulta também que os seus inimigos se sintam atormentados. De facto, assim como se disse em bom sentido:

*O zelo da tua casa devorou-me*³,

¹ *Et descendit ignis de caelo et comedit eos*
Apoc., XX, 9.

² *Discedite a me, maledicti, in ignem aeternum.*
Mat., XXV, 41.

³ *Zelus domus tuae comedit me*
Salmo LXVIII, 10.

também em sentido contrário se disse:

*A raiva apoderou-se da plebe ignara e agora é o fogo que devora os inimigos*⁴.

E agora, (et nunc), para excluir, claro está, o fogo do último juízo.

Se à praga com que devem ser atingidos os perseguidores da Igreja que Cristo, ao voltar, encontrar vivos na Terra, quando, com o sopro da sua boca, matar o Anticristo — se a essa praga chamou *fogo que desceu dos céus e os devorou*, não será este, mas sim o que eles sofrerão, uma vez cumprida a ressurreição dos corpos, que será o último suplício dos ímpios.

⁴ *Zelus occupavit plebem ineruditam, et nunc ignis contrarios comedet.*
Isaías, XXVI, 11.

CAPÍTULO XIII

Se aos mil anos se deve acrescentar o tempo da perseguição do Anticristo.

Essa última perseguição que será obra do Anticristo, (como já acima dissemos, pois foi isso referido já acima neste livro e no profeta Daniel), durará três anos e seis meses. Há razões para se duvidar se esse tempo, embora exíguo, pertence aos mil anos, durante os quais, segundo diz o Apóstolo, o Diabo está amarrado e os santos reinam com Cristo — ou se esse pequeno decurso de tempo se acrescenta a esses anos e é contado à parte; porque se dissermos que pertence aos mesmos anos, verifica-se que o reino dos santos com Cristo não terá uma duração igual mas superior à prisão do Diabo. De facto, os santos reinarão com certeza com o seu rei, principalmente durante a própria perseguição, e triunfarão de tão grandes males, quando o Diabo já não estiver amarrado para poder persegui-los com todas as suas forças. Como é que então a Escritura assinala, nesta passagem, o mesmo número de mil anos a ambos, ou seja, à prisão do Diabo e ao reinado dos santos, se a prisão do Diabo cessa durante um período de três anos e meio antes do reino de mil anos dos santos com Cristo?

Mas se dissermos que este pequeno espaço dessa perseguição não deve ser computada nos mil anos mas antes se deve acrescentar àqueles completos, de modo que se

possa entender no seu sentido próprio o que, depois de ter dito:

*Os sacerdotes de Deus e de Cristo reinarão com ele durante mil anos*¹,

acrescenta:

*E quando acabarem os mil anos, Satanás será solto da sua prisão*²

— isto indica que o reinado dos santos e a prisão do Diabo acabarão ao mesmo tempo; de maneira que se poderia crer que o tempo dessa perseguição subsequente não pertenceria nem ao reinado dos santos nem à prisão de Satanás que duram, um e outra, mil anos, mas ser-lhe-ia acrescentado e teria que se contar à parte; e então seríamos obrigados a confessar que nessa perseguição, os santos não reinarão com Cristo. Mas quem ousará excluir do reinado de Cristo os membros deste, quando lhe estão ligados mais estreita e fortemente, precisamente nesse tempo em que quanto mais ardente for o choque da guerra, tanto maior será a glória de resistir e mais florida a coroa do martírio? Ou, se, por causa das tribulações que hão-de suportar, não se deve afirmar que eles hão-de reinar — então teremos que afirmar também que todos os Santos, que eram atingidos por tribulações durante esses mil anos, não estavam a reinar com Cristo precisamente nesses dias; e por isso os que foram mortos por causa do testemunho a Jesus e por causa da palavra de Deus, dos quais o autor do Livro do *Apocalipse* escreve ter visto as almas, esses não reinavam com Cristo quando sofriam perseguição nem eles próprios constituíam o reino de Cristo, eles a quem Cristo possuía de forma mais elevada! Nada mais absurdo e que deve ser totalmente afastado. Mas as

¹ *Sacerdotes Dei et Christi regnabunt cum eo mille annis.*

Apoc., XX, 6.

² *Et cum finiti fuerint mille anni, solvetur Satanás de custodia sua.*

Apoc., XX, 7.

almas vitoriosas dos gloriosíssimos mártires, uma vez superadas e findas todas as suas dores e trabalhos, depois de terem deposto seus membros mortais, reinarão com certeza e continuarão a reinar com Cristo até acabarem os mil anos. Reinarão ainda, quando recuperarem os seus corpos, agora imortais. Assim, pois, durante os três anos e meio, as almas dos mortos pelo seu martírio, as que antes abandonaram os corpos e também as que sairão dos seus corpos quando da última perseguição — com ele reinarão até que finde este século mortal e tenham passado para esse reino onde não haverá mais morte. Portanto, os anos durante os quais os santos reinarão com Cristo serão mais numerosos do que aqueles durante os quais o Diabo estará preso e enclausurado, pois os santos reinarão ainda com o Filho de Deus, seu Rei, durante os três anos e meio em que o Diabo estará amarrado.

Quando, portanto, isto lemos:

*Os sacerdotes de Deus e de Cristo reinarão com ele durante mil anos e, quando acabarem os mil anos, Satanás será solto da sua prisão*³,

só nos resta compreender

ou que não são os mil anos desse reino dos santos que acabaram, mas sim os da prisão e clausura do Diabo. (Desta maneira os mil anos, isto é «todos» os seus anos, cada parte deve levá-los a seu termo em percursos diferentes e próprios de cada um: mais longo o reino dos santos, mais breve a prisão do Diabo);

ou então tem que se entender (visto o espaço de três anos e seis meses ser muito breve), que se não o quis tomar em consideração, quer porque a prisão do Diabo

³ *Sacerdotes Dei et Christi regnabunt cum eo mille annis, et cum finiti fuerint mille anni, solvetur satanas de custodia sua.*

Apoc., XX, 6-7.

parece mais curta, quer porque o reino dos santos parece mais dilatado, como eu já expus no livro décimo sexto desta obra a propósito dos quatrocentos anos. (De facto, eram um tanto mais e, todavia, foram designados por quatrocentos. Se estivermos atentos encontraremos mais vezes nas Sagradas Escrituras casos semelhantes).

CAPÍTULO XIV

Acerca da condenação do Diabo com os seus e, à laia de recapitulação, acerca da ressurreição corporal de todos os mortos e acerca das sanções do julgamento final.

Depois da menção da última perseguição, o Apocalipse resume brevemente tudo o que o Diabo e a Cidade inimiga com o seu príncipe sofrerão no último juízo. De facto, diz:

*E o Diabo que os seduzia, foi atirado para um lago de fogo e de enxofre onde já estavam a besta e o falso profeta; e serão torturados durante o dia e durante a noite pelos séculos dos séculos*¹.

Já acima dissemos que por *besta* se pode bem entender a própria cidade ímpia. O seu falso profeta é o Anticristo ou a imagem, isto é, o falso semblante de que aí falámos. Depois disto, voltando ao próprio último juízo que se verificará na segunda ressurreição dos mortos, que é a dos corpos, conta-nos como lhe foi revelado, dizendo:

*E vi um grande trono branco e nele sentado alguém de cuja face fogem o Céu e a Terra, e deles não foram encontrados vestígios*².

Não diz: «Vi um grande trono branco e alguém nele sentado, e o Céu e a Terra fugiram da sua face», porque não

¹ *Et diabolus qui seducebat eos, missus est in stagnum ignis et sulphuris, quo est bestia et pseudopropheta; et cruciabuntur die et nocte in saecula saeculorum.*
Apoc., XX, 10.

² *Et vidi thronum magnum et candidum et sedentem super eum, cujus a facie fugit caelum et terra, et locus eorum inventus non est.*
Apoc., XX, 11.

foi então que isto aconteceu, isto é, antes de serem julgados os vivos e os mortos, — mas diz ter visto sentado no trono Aquele diante de cuja face fugiram o Céu e a Terra, mas depois. Concluído que seja o julgamento, então é que esta Terra e este Céu desaparecerão, quando começarem a existir um novo Céu e uma nova Terra. Realmente, é pela transformação das coisas e nunca pelo seu aniquilamento que este mundo passará. Daí ter dito o Apóstolo:

*Pois que a aparência deste mundo passa, eu quero que estejais sem preocupações*³.

Ê, portanto, a aparência que passa e não a natureza.

João, depois de ter dito que viu sentado num trono Aquele diante de quem, mais tarde, fugiriam o Céu e a Terra, acrescenta:

*E eu vi mortos grandes e pequenos e os livros foram abertos; e foi aberto um outro livro que é o da vida de cada um; e os mortos foram julgados, conforme as suas obras, pelo que nos seus próprios livros está escrito*⁴.

Disse haver livros abertos e um outro livro; mas não escondeu de que género seria esse livro. Diz ele

*que é o da vida de cada um*⁵.

Os livros que ele pôs em primeiro lugar, deve entender-se que são os livros santos, antigos e novos, nos quais se mostrariam os mandamentos que Deus tinha ordenado se cumprissem; e no outro livro, que é o da vida de cada um, mostrar-se-ia o que cada um fez ou não fez. Se esse livro fosse visto com olhos carnis — quem poderia avaliar o

³ *Praeterit enim figura hujus mundi, volo vos sine sollicitudine esse*
I Corínt., VII, 31-32.

⁴ *Et vidi mortuos magnos et pusillos, et aperti sunt libri; et alius liber apertus est qui est vitae uniuscujusque; et judicati sunt mortui ex ipsis scripturis librorum secundum facta sunt.*

Apoc., XX, 12.

⁵ *Qui est vitae uniuscujusque.*
Id. Ib.

seu volume e tamanho? Ou em quanto tempo poderia ser lido um livro no qual estão escritas as vidas todas de todos? E o número dos anjos lá presentes será tão grande como o dos homens, e cada um ouvirá do anjo que lhe é atribuído a narração da sua vida? Não será, portanto, um só — o livro de todos —, mas haverá um para cada um. Todavia, a Escritura quer dar a entender que há só um, pois, diz:

*E foi aberto outro livro*⁶.

Deve-se, pois, entender que há uma certa força divina que faça recordar a cada um todas as suas obras, tanto boas como más, e todas elas são trazidas à memória e percebidas rapidamente por um só olhar de espírito — para que este conhecimento acuse ou escuse a consciência e, desta forma, serão julgados todos e cada um ao mesmo tempo. Foi, evidentemente, esta força divina que recebeu o nome de *livro*. Nela se lê, realmente, de certo modo tudo o que se recorda sob a sua função.

Para mostrar que mortos, pequenos e grandes, devem ser julgados, diz ele, voltando atrás como se retomasse os assuntos omitidos ou mesmo diferidos:

*E o mar mostrou os mortos que dentro dele estavam e a morte e o Inferno restituíram os mortos que consigo retinham*⁷.

Sem dúvida alguma que isto aconteceu antes de os mortos serem julgados — e, todavia, aquele juízo foi citado em primeiro lugar. Como eu disse, é, pois, voltando atrás que retoma o que tinha omitido. Mas agora observa uma certa ordem e para que essa ordem seja explicada, repete no seu lugar e de forma mais apropriada o que já tinha dito acerca do julgamento dos mortos. De facto, depois de ter dito:

*E o mar mostrou os mortos que dentro dele estavam e a morte e o Inferno restituíram os mortos que consigo retinham*⁷,

⁶ *Et alius liber apertus est.*

Id. Ib.

⁷ *Et exhibuit mortuos mare, qui in eo erant, et mors et infernus reddiderunt mortuos, quos in se habebant.*

Apoc., XX, 13.

imediatamente acrescenta o que já um pouco antes tinha dito:

E cada um foi julgado conforme as suas obras ⁸.

O que, de facto, tinha dito mais acima fora isto:

E os mortos foram julgados conforme as suas obras ⁹.

⁸ *Et judicati sunt singuli secundum facta sua.*
Id. Ib.

⁹ *Et judicati sunt mortui secundum facta sua.*
Apoc., XX, 12.

CAPÍTULO XV

Quais são os mortos que o mar apresentou a juízo e os que a morte e o inferno restituíram.

Mas quem são esses mortos que o mar restituiu e que nele estavam? Realmente, não são os que morrem no mar nem aqueles cujos corpos o mar retém, que não estão no inferno, ou, o que ainda é mais absurdo, não é o mar que guarda os bons e o inferno os maus, de entre os mortos. Quem pensa numa coisa destas? Alguns, acertadamente, têm entendido que, nesta passagem, *mar* está empregado por *este século*. Aos que Cristo, quando vier para julgar, cá encontrar na sua condição corporal, tal qual como os que hão-de ressuscitar, chama Paulo *mortos*, tanto aos bons, dos quais disse:

*Pois vós estais mortos e a vossa vida está escondida com Cristo em Deus*¹,

como aos maus dos quais disse Cristo:

*Deixai que os mortos enterrem os seus mortos*².

Podem ainda chamar-se *mortos* porque são portadores de corpos mortais; por isso é que o Apóstolo diz:

*Realmente o corpo está morto por causa do pecado, mas o espírito é vida por causa da justiça*³,

¹ *Mortui enim estis, et vita vestra abscondita est cum Christo in Deo.*
Coloss., III, 3.

² *Sine mortuos sepelire mortuos suos.*
Mat., VIII, 22.

³ *Corpus quidem mortuum est propter peccatum; spiritus autem vita est propter justitiam.*
Rom., VIII, 10.

mostrando assim que, em todo o homem vivo e constituído neste corpo, se encontram simultaneamente o corpo que é *morte* e o espírito que é *vida*. Todavia não lhe chama *corpo mortal* mas *morte*, embora, pouco depois, lhes chame *corpos mortais*, maneira mais usual de serem chamados.

O *mar* apresentou, portanto, os mortos que nele estavam, isto é, este século entregou os homens, todos quantos nele estavam porque ainda não tinham morrido. Diz o *Apocalipse*:

*E a morte e o Inferno restituíram o que tinham dentro de si*⁴.

O *mar* apresentou-os porque compareceram tal qual como foram encontrados, mas a morte e o inferno entregaram-nos porque voltaram à vida que tinham abandonado.

Não foi sem motivo que não bastou falar da morte e do inferno, mas antes de um e outro se falou: da morte, por causa dos bons que puderam suportar a morte apenas, e não o inferno, e do inferno, por causa dos maus que sofrem também castigos no inferno. Se, com efeito, não parece que seja absurdo acreditar que mesmo os santos dos tempos antigos, que conservaram a fé na vida futura de Cristo, estiveram em lugares muito afastados daqueles em que os ímpios são atormentados, mas mesmo assim nos infernos, até que o sangue de Cristo e a sua descida a esses lugares de lá os vá arrancar, — é certo que, doravante, os bons cristãos já resgatados pelo preço do sangue derramado, desconheceram absolutamente os infernos até que, finalmente, recuperados os seus corpos, recebam os bens que merecem.

Depois de ter dito:

*E serão julgados cada um conforme as suas obras*⁵,

⁴ *Et mors et infernus reddiderunt mortuos, quos in se habebant.*
Apoc., XX, 13.

⁵ *Et judicati sunt singuli secundum facta sua.*
Id. Ib.

acrescenta, sucintamente, de que maneira serão julgados, dizendo:

*A morte e o Inferno foram lançados no lago de fogo*⁶, designando por estas palavras o Diabo que é o autor da morte e das penas do inferno e ao mesmo tempo toda a sociedade dos demónios. Foi isto, de facto, o que ele já acima dissera por antecipação e com mais clareza:

*O Diabo que os seduzia foi lançado num lago de fogo e de enxofre*⁷.

E o que tinha acrescentado em termos mais obscuros, ao dizer:

*Onde também estavam a besta e o falso profeta*⁸, di-lo agora em termos mais claros:

*E os que não foram encontrados inscritos no livro da vida foram lançados no lago de fogo*⁹.

Não é que este livro desperte a memória de Deus para que, devido a esquecimento, se não engane; mas significa a predestinação daqueles a quem será dada a vida eterna. Efectivamente, nem Deus os ignora nem lê nesse livro para os conhecer — mas antes a presciência que Ele deles tem e que não pode enganar-se é que é o livro da vida em que estão inscritos, isto é, conhecidos antecipadamente.

⁶ *Et mors et infernus missi sunt in stagnum ignis.*
Apoc., XX, 14.

⁷ *Et diabolus, qui seducebat eos, missus est in stagnum ignis et sulphuris.*
Apoc., XX, 9.

⁸ *Quo et bestia et pseudopropheta.*
Apoc., XX, 10.

⁹ *Et qui non sunt inventi in libro vitae scripti, missi sunt in stagnum ignis.*
Apoc., XX, 15.

CAPÍTULO XVI

Do novo Céu e da nova Terra.

Acabado o juízo com que João anunciou que deviam ser julgados os maus, falta tratar também dos bons. Já, de facto, explicou o que pelo Senhor foi dito em poucas palavras:

*Assim irão estes para o suplício eterno*¹;

falta explicar o que também aí lhe está ligado:

*Mas os justos irão para a vida eterna*².

*Eu vi um novo Céu e uma nova Terra. Pois o primeiro Céu e a Terra retiraram-se e o mar já não existe*³;

Por esta ordem acontecerá o que, por antecipação, ele já disse mais acima: ele viu sentado no trono Aquele de cuja face fogem o Céu e a Terra. Realmente, depois de julgados os que não estão inscritos no livro da vida e lançados para o fogo eterno (de que género é este fogo e em que parte do mundo ou dos seres se virá ele a encontrar, julgo que nenhum homem o sabe, a não ser talvez que o espírito divino lho mostre), então o aspecto deste mundo passará por uma conflagração dos fogos dos mundos como aconteceu com o dilúvio com uma inundaçãõ das águas do mundo. Nessa conflagração mundial, como já disse, fica-

¹ *Sicut ibunt isti in supplicium aeternum.*
Mat., XXV, 46.

² *Justi autem in vitam aeternam.*
Id. Ib.

³ *Et vidi caelum novum et terram novam. Nam primum caelum et terra recesserunt, et mare jam non est.*
Apoc., XXI, 1.

rão totalmente aniquiladas pela combustão as qualidades dos elementos corruptíveis que eram apropriadas aos nossos corpos corruptíveis, e a sua própria substância terá, devido a uma maravilhosa transformação, aquelas qualidades que convirão aos corpos imortais; quer dizer, o mundo, já renovado para melhor, adaptar-se-á perfeitamente aos homens renovados para melhor na própria carne.

Mas quanto ao que ele diz:

*E o mar já não existe*⁴

não me será fácil dizer se ele secará devido a esse imenso calor ou se ele mudará para melhor. Realmente, lemos que haverá um novo Céu, e uma nova Terra, mas não me recordo de ter lido nada a propósito de um mar novo, a não ser o que se encontra nesse livro do *Apocalipse*:

*Como um mar de vidro, semelhante a cristal*⁵.

Mas então não falava do fim deste século, nem me parece que tenha falado propriamente do mar pois disse *como um mar (tamquam mare)*. Todavia aqui — pois as expressões proféticas gostam de misturar os termos próprios com os figurados, deixando assim o que se diz como que coberto com um véu — bem pôde dizer desse mar:

*E o mar já não existe*⁴

do mesmo mar de que ele tinha dito mais acima:

*E o mar apresentou os mortos que nele estavam*⁶.

A partir de então já este mundo (*hoc saeculum*), turbulento e proceloso, de que, sob o nome de *mar*, nos deu uma imagem, não será a vida dos mortais.

⁴ *Et mare jam non est.*

Id. Ib.

⁵ *Tanquam mare vitreum simile crystallo.*

Apoc., IV, 6 e XV, 2.

⁶ *Et exhibuit mortuos mare, qui in eo erant.*

Apoc., XX, 13.

CAPÍTULO XVII

Glorificação sem fim da Igreja depois do fim.

Continua o *Apocalipse*:

E vi a nova grande cidade de Jerusalém a descer do Céu de Deus, ataviada como uma noiva que se enfeita para o seu noivo. E ouvi uma poderosa voz vinda do trono a dizer:

— Eis a morada de Deus com os homens. Ele habitará com eles e eles é que serão o seu povo e o próprio Deus estará com eles. E enxugará todas as lágrimas dos seus olhos; e já não haverá morte, nem choro, nem gritos, nem mesmo qualquer dor; porque as coisas antigas foram-se embora.

E o que estava sentado no seu trono, disse:

— Eis que faço tudo de novo¹.

Diz-se que essa cidade desce do Céu porque celeste é a graça com que Deus a fez. É também por isso que Ele lhe diz por intermédio de Isaías:

Eu é que sou o Senhor que te está a fazer².

E é realmente do Céu que ela desce desde as suas origens — e desde então e durante o tempo deste século (deste mundo), os seus cidadãos vão crescendo, pela graça de

¹ *Et civitatem magnam Hierusalem novam vidi descendentem de caelo a Deo, aptatam, quasi novam nuptam ornatam marito suo. Et audivi vocem magnam de throno dicentem: Ecce tabernaculum Dei cum hominibus, et habitabit cum eis, et erunt ipsi populus ejus, et ipse Deus erit cum eis. Et absterget omnem lacrimam ab oculis eorum; et mors jam non erit neque luctus neque clamor, sed nec dolor ullus, quia priora abierunt. Et dixit sedens in throno: Ecce nova facio omnia.*

Apoc., XXI, 2-5.

² *Ego sum Dominus faciens te.*

Isaías, XLV, 8.

Deus que vem de cima, do Espírito Santo enviado do Céu, através do banho da regeneração. Mas por intermédio do juízo de Deus, que será o último, e por intermédio de Jesus Cristo seu Filho, a claridade desta cidade aparecerá tão grande e tão renovada por dom de Deus, que da sua velhice não ficará o menor vestígio — sobretudo quando os próprios corpos passarem da antiga corrupção e da mortalidade para uma incorruptibilidade e uma imortalidade novas. Realmente, interpretar esta passagem como referida ao tempo em que ela reinará com o seu rei durante os mil anos, parece-me de um atrevimento extremo, pois o Apóstolo diz com toda a clareza:

*E enxugará todas as lágrimas dos seus olhos; e já não haverá morte, nem choro, nem gritos, nem mesmo qualquer dor*³.

Quem será tão falho de razão, tão delirante na sua obstinadíssima discussão, que ouse afirmar que, nas amarguras desta vida mortal, mais lágrimas não terá nem dores, já não digo o povo santo, mas cada um dos seus santos que viva ou tenha de viver esta vida? Não será que, quanto mais santo se é, mais cheio de sede de santidade, tanto mais abundante será, quando se ora, a fonte das suas lágrimas? Não será dum cidadão da Jerusalém celeste esta voz:

*As lágrimas tornaram-se o meu pão durante o dia e durante a noite*⁴,

e:

*Todas as noites lavarei o meu leito e regarei com as minhas lágrimas a minha cama*⁵,

³ *Absterget omnem lacrimam ab oculis eorum; et mors jam non erit neque luctus neque clamor, sed nec dolor ullus.*

Apoc., XXI, 2-5.

⁴ *Factae sunt mihi lacrimae meae panis die ac nocte.*

Salmo XLI, 4.

⁵ *Lavabo per singulas noctes lectum meum, in lacrimis meis stratum meum rigabo.*

Salmo VI, 7.

e ainda:

*Os meus gemidos não se escondem de ti*⁶,
e finalmente:

*Renovou-se a minha dor?*⁷

Ou não serão filhos seus os que gemem acabrunhados porque não querem despir-se mas revestir-se para que o que é mortal seja absorvido pela vida? Não são precisamente eles que, possuindo as primícias do Espírito, gemem no seu íntimo, à espera da adopção e do resgate do seu corpo? Será que o próprio Apóstolo Paulo não era um cidadão da Jerusalém do Alto ou não o era muito mais quando era possuído de grande tristeza e contínua dor no coração pelos Israelitas seus irmãos segundo a carne? Quando será que a morte já não estará nessa cidade, senão quando se disser:

*Onde está a tua luta, ó morte? Onde está, ó morte, o teu agulhão? Mas o agulhão da morte é o pecado*⁸.

Certamente já nada disto haverá quando se disser:

*Onde está?*⁹

Mas agora não é qualquer fraco cidadão dessa cidade mas é o próprio João quem numa sua epístola clama:

*Se dissermos que não temos pecado, a nós próprios nos enganamos e em nós não está a verdade*¹⁰.

É verdade que nesse livro chamado *Apocalipse*, muitas coisas são ditas de maneira obscura para exercitarem o espí-

⁶ *Gemitus meus non est absconditus a te.*

Salmo XXXV, 10.

⁷ *Dolor meus renovatus est.*

Salmo XXXVIII, 3.

⁸ *Ubi est, mors, contentio tua? ubi est, mors, aculeus tuus? Aculeus autem mortis est peccatum.*

I Corínt., 15, 55 e 56.

⁹ *Ubi est?*

Ib. Id.

¹⁰ *Si dixerimus, quia peccatum non habemus, nos ipsos seducimus et veritas in nobis non est.*

I João, 1, 8.

rito dos leitores, e nele também há algumas que dão como que uma pista para esclarecer, ainda que com esforço, as restantes — sobretudo porque repete as mesmas coisas de tão diversas formas que parece afirmar coisas distintas, quando se descobre que fala das mesmas coisas ora de uma forma ora de outra. Mas na verdade nestas palavras em que diz:

*E enxugará todas as lágrimas dos seus olhos; e já não haverá morte, nem choro, nem gritos nem mesmo qualquer dor*¹¹,

fala-se com tal clareza do século futuro, da imortalidade e da eternidade dos santos (de facto, só então e só ali deixarão de estar misérias tais) que já não deveremos procurar ou ler nas Sagradas Escrituras outras expressões claras se consideramos estas obscuras.

¹¹ *Absterget omnem lacrimam ab oculis eorum, et mors jam non erit neque luctus neque clamor, sed nec dolor ullus.*

Apoc., XX, 2-5.

CAPÍTULO XVIII

O que ensinou o apóstolo Pedro acerca do último juízo de Deus.

Vejam agora o que acerca deste juízo escreveu também o apóstolo Pedro. Diz ele:

No último dos dias virão zombeteiros cheios de zombaria, caminhando ao sabor das suas próprias paixões e dizendo: — Onde é que está a promessa da sua vinda?

Realmente, tudo se conserva na mesma, como no princípio da criação, desde que os pais caíram no sono (da morte). Estes pretendem ignorar que outrora houve Céus e uma Terra tirada da água e entre as águas estabelecida por meio da palavra de Deus. Por isso o mundo de então pareceu inundado pela água. Mas a mesma palavra reserva para o fogo tanto o Céu como a Terra de agora, guardando-os para o dia do juízo e a perdição dos homens ímpios. Mas, caríssimos, que não fique escondido de vós que, para o Senhor, um dia é como mil anos e mil anos como um dia. O Senhor não atrasa o que prometeu, embora alguns o julguem atrasado; é que ele tem paciência para convosco porque não quer que ninguém se perca mas que todos se convertam com paciência. Mas o dia do Senhor chegará como um ladrão e então os Céus acabarão com um grande estampido, os elementos se desintegrarão ardendo, e a Terra desaparecerá com as suas obras. Perdidas, pois, todas estas coisas, que pessoas deveis ser na conduta santa enquanto esperais e ides ao encontro da presença do dia

do Senhor — dia que queimará os Céus até que se desintegram, e abrasará os elementos até que se fundam? Conforme a sua própria promessa, esperamos novos Céus e uma nova Terra nos quais a justiça habitará¹.

Nada disse aqui acerca da ressurreição dos mortos mas estende-se bastante acerca da destruição deste mundo. Ao recordar o antigo acontecimento do Dilúvio, parece querer convidar-nos de algum modo a crer até que ponto será este mundo destruído no fim deste século. Relata como é que naquele tempo pereceu o mundo que então existia — não apenas o globo terrestre mas também os céus, pelo menos aqueles que compreendemos como os céus aéreos, aqueles de que a água, elevando-se, ultrapassou o lugar e o espaço. Portanto, todo ou quase todo esse ar onde sopram os ventos (a que ele chama céu, ou antes, céus, mas os de cá de baixo e não os do alto onde foram fixados o Sol, a Lua e os astros) tinha sido transformado num elemento líquido e desse modo tinha perecido com a Terra — essa Terra de que o Dilúvio tinha destruído a face primitiva. E continua:

¹ *Veniet in novissimo dierum inlusione inludentes, secundum proprias concupiscentias suas euntes et dicentes: Ubi est promissum praesentiae ipsius? Ex quo enim patres dormierunt, sic omnia perseverant ab initio creaturae. Latet enim illos hoc volentes, quia caeli erant olim et terra de aqua, et per aquam constituta Dei verbo, per quae, qui tunc erat mundus, aqua inundatus deperit. Qui autem nunc caeli et terra, eodem verbo repositi sunt, igni reservandi in diem judicii et perditionis hominum impiorum. Hoc unum vero non lateat vos, carissimi, quia unus dies apud Dominum sicut mille anni et mille anni sicut dies unus. Non tardat Dominus promissum, sicut quidam tarditatem existimant; sed patienter fert propter vos, nolens aliquem perire, sed omnes in paenitentiam converti. Veniet autem dies Domini ut fur, in quo caeli magno impetu transcurrent, elementa autem ardentia resolverentur et terra et quae in ipsa sunt opera excurrentur. His ergo omnibus pereuntibus quales oportet esse vos in sanctis conversationibus expectantes et properantes ad praesentiam diei Domini, per quam caeli ardentis solventur et elementa ignis ardore decoquantur? Novos vero caelos et terram novam secundum promissa ipsius expectamus, in quibus iustitia inhabitat.*

II Pedro, III, 3-13.

*Mas os Céus e a Terra que agora existem, foram postos de parte pela mesma palavra. Estão reservados para o dia do juízo e da perdição dos homens ímpios*².

Portanto, estes céus e esta Terra, isto é, este Mundo que foi posto em lugar daquele Mundo que pereceu no Dilúvio e feito ressurgir da mesma água, está reservado ele próprio para aquele fogo derradeiro no dia do juízo e da perdição dos homens ímpios. Realmente, não tem dúvidas em falar numa perdição futura dos homens por causa de uma certa grande transformação, embora a sua natureza deva, todavia, continuar a subsistir nas penas eternas. Talvez alguém pergunte, se, depois de proferido o juízo, este Mundo arder antes de serem postos em seu lugar o novo Céu e a nova Terra, onde estarão os santos no preciso momento da sua deflagração — pois que, tendo um corpo, têm necessariamente de estar em algum lugar corporal. Podemos responder que estarão nas regiões superiores, até onde não subirão as chamas desse incêndio, como aconteceu às águas do Dilúvio. Realmente, os corpos em que se transportam são tais que poderão estar onde quiserem estar. E não têm que temer o fogo da referida conflagração, uma vez tornados imortais e incorruptíveis, pois puderam viver sãos e salvos na fornalha ardente os corpos corruptíveis e mortais dos três heróis.

² *Qui autem nunc sunt caeli et terra, eodem verbo repositi sunt, igni reservandi in diem judicii et perditionis hominum impiorum.*

II Pedro, III, 7.

CAPÍTULO XIX

O que o apóstolo Paulo escreveu aos Tessalonicenses acerca da manifestação do Anticristo, cuja época será seguida pelo dia do Senhor.

Vejo que tenho de omitir muitas asserções evangélicas e apostólicas acerca do referido último juízo divino para que este livro não atinja demasiado volume. Mas de modo nenhum se deve omitir o que diz o apóstolo Paulo ao escrever aos Tessalonicenses:

*Rogamo-vos, irmãos, a propósito da vinda de Jesus Cristo Nosso Senhor e da nossa união a Ele,
que não vos deixeis facilmente ficar perturbados de espírito nem vos alarmeis, nem por uma inspiração, nem por uma palavra, nem por uma carta apresentada como vinda de nós, como se afirmássemos que o dia do Senhor está iminente;
que de modo algum ninguém se extravie; porque, primeiro, terá que vir o **fugitivo** e revelar-se o homem do pecado, **filho do morto**, que se oporá e levantará contra tudo o que se chama Deus ou recebe culto, chegando ao ponto de se sentar no templo de Deus, apresentando-se como se fosse Deus.*

Não retendes na memória que, quando eu estava junto de vós, já vos dizia estas coisas? Sabeis o que agora o retém para que se revele a seu tempo. É que o mistério da iniquidade já está em acção. Apenas o que se mantém, que se mantenha até que ele seja afastado: e então se revelará o iníquo que o Senhor Jesus matará com um sopro da sua boca e aniquilará, com o esplendor da sua presença, aquele cuja presença é obra de Satanás com ostentação de poder, com sinais e

prodígios de mentira e com toda a sedução que a iniquidade exerce sobre aqueles que se perdem por não terem acolhido o amor da verdade que os teria salvo.

Por isso é que Deus lhes envia um poder de extravio tal que chegarão a acreditar na mentira e serão condenados todos os que não tiverem acreditado na verdade mas, adiram à iniquidade¹.

Não há a menor dúvida de que é a respeito do Anticristo que ele diz estas coisas, e de que o dia do juízo (a que ele chama dia do Senhor) não se verificará senão depois de ter vindo primeiro aquele a quem ele chama *fugitivo (rebelde)* — fugitivo ao Senhor Deus, claro está. Se isto justificadamente se puder dizer de todos os ímpios, quanto mais daquele! Mas em que templo de Deus se irá ele sentar é que se não sabe: se sobre as ruínas do templo construído pelo rei Salomão ou sobre a Igreja. Ao templo dum ídolo ou de um demónio é que o Apóstolo não chamaria templo de Deus. Por isso é que nesta passagem alguns querem ver no Anticristo não o seu próprio príncipe, mas de certo modo todo o seu corpo, isto é, a multidão dos homens que lhe pertencem juntamente com o seu

¹ *Rogamos vos, fratres, per adventum Domini nostri Jesu Christi et nostrae congregationis in ipsum, ut non cito moveamini mente neque terreamini neque per spiritum neque per verbum neque per epistolam tamquam per nos, quasi instet dies Domini, ne quis vos seducat ullo modo; quoniam nisi venerit refuga primum et revelatus fuerit homo peccati, filius interitus, qui adversatur et super extollitur supra omne, quod dicitur Deus aut quod colitur, ita ut in templo Dei sedeat, ostentans se tamquam sit Deus. Non retinetis in memoria, quod adhuc cum essem apud vos haec dicebantur vobis? Et nunc quid detineat scitis, ut revelatur in suo tempore. Jam enim mysterium iniquitatis operatur. Tantum qui modo tenet teneat, donec de medio fiat; et tunc revelabitur iniquus, quem Dominus Jesus interficiet spiritu oris sui, et evacuabit inluminacione praesentiae suae eum, cujus est praesentia secundum operationem Satanae, in omni virtute et signis et prodigijs mendacii et in omni seductione iniquitatis his, qui pereunt, pro eo, quod dilectionem veritatis non receperunt, ut salvi fierent. Et ideo mittet illis Deus operationem erroris, ut credant mendacio et judicentur omnes, qui non crediderunt veritati, sed consenserunt iniquitati.*

II Tessal., II, 1-11.

próprio príncipe; julgam também que se deve antes dizer em latim, como se diz no grego, — não *in templo Dei sedeat* (*se sente no templo de Deus*), mas antes *in templum dei sedeat* (*se assente como templo de Deus*), como se ele próprio fosse o templo de Deus que é a Igreja; é assim que dizemos *senta-se como amigo* (*sedet in amicum*), isto é, é como amigo que ele se senta, ou outras locuções deste género. Mas o dito:

*E agora sabeis o que o retém*²,

quer dizer: *sabeis o que o retarda, qual a causa deste retardamento* para que se revele no seu tempo; ao dizer que eles o sabem não o quis ele dizer abertamente. Por isso nós que não sabemos o que eles sabiam, com esforço desejamos chegar àquilo que o Apóstolo pensou, mas não o conseguimos — principalmente porque aquilo que ele acrescentou tornou-lhe o sentido ainda mais obscuro. Efectivamente, que é isto:

*É que o mistério da iniquidade já está em acção. Apenas o que se mantém, que se mantenha até que ele seja afastado; e então se revelará o iníquo?*³

Confesso que ignoro totalmente o que ele pretende dizer. Mas nem por isso deixarei de expor as conjecturas dos homens que pude ouvir ou ler.

Julgam alguns que isto foi dito a propósito do Império Romano e que o apóstolo Paulo não o quis escrever abertamente para não incorrer na acusação de calúnia por desejar um mal ao Império Romano pois esperava-se que fosse eterno. Assim, aquilo que ele disse:

*É que o mistério da iniquidade já está em acção*⁴ referir-se-á a Nero, cujas obras pareciam as do Anticristo.

² *Et nunc quid detineat scitis.*

Id. Ib.

³ *Jam enim mysterium iniquitatis operatur. Tantum qui modo tenet teneat, donec de medio fiat: et tunc revelabitur iniquus?*

Id. Ib.

⁴ *Jam enim mysterium iniquitatis operatur.*

Id. Ib.

Daí muitos suspeitarem de que ele próprio há-de ressuscitar e aparecer como o Anticristo. Alguns julgam mesmo que ele não foi morto, mas sequestrado para que se julgasse morto, que vive escondido no vigor da idade que tinha quando se julgou que tinha morrido, até que a seu tempo aparecerá e será restabelecido no poder. Mas tamanha pretensão dos que assim pensam me parece a mim muito de pasmar. Todavia, o que o Apóstolo diz:

*Apenas o que se mantém que se mantenha até que ele seja afastado*⁵

pode-se crer como dito na verdade acerca do Império Romano, como se tivesse sido dito «o que apenas impera pois que impere até que seja afastado do meio», isto é, «até que seja suprimido do meio». A expressão:

*E então se revelará o iníquo*⁶,

ninguém dúvida de que se refere ao Anticristo. Mas outros julgam que, tanto o que foi dito:

*Sabeis o que agora o retém*⁷,

como:

*É que o mistério da iniquidade já se encontra em acção*⁸

se referem apenas aos maus e aos hipócritas que estão na Igreja até chegarem a um tão grande número que formem um grande povo do Anticristo. É o mistério da iniquidade porque parece estar oculto. Mas o Apóstolo exorta os crentes a que perseverem com tenacidade na fé que possuem, dizendo:

*Apenas o que se mantém que se mantenha até que ele seja afastado*⁵,

⁵ *Tantum qui modo tenet teneat, donec de medio fiat.*

Id. Ib.

⁶ *Et tunc revelabitur iniquus.*

Id. Ib.

⁷ *Quid detineat scitis.*

Id. Ib.

⁸ *Et mysterium operari iniquitatis.*

Id. Ib.

istó é, até que do meio da Igreja saia o mistério da iniquidade que agora está oculto. Julgam que diz respeito a esse mistério oculto o que o Evangelista João diz numa sua epístola:

*Filhos, é a última hora; como ouvistes, o Anticristo está para chegar. Pois já muitos se tornaram Anticristos. Daí concluímos que esta é a última hora. Eles saíram de entre nós, mas não eram nossos. Se fossem dos nossos teriam certamente ficado connosco*⁹.

Assim, pois, antes do fim, nesta hora, dizem eles, a que João chama a última saíram do meio da Igreja muitos herejes, a muitos dos quais chama Anticristos. Da mesma forma dela sairão agora os que hão-de pertencer não a Cristo mas a esse último Anticristo, e então é que este se revelará.

Portanto, cada um à sua maneira pretende interpretar as palavras obscuras do Apóstolo. Mas não há dúvida nenhuma de que ele disse: Cristo não virá para julgar os vivos e os mortos senão depois de o Anticristo, seu adversário, ter vindo para extraviar os que se encontram mortos na alma. Mas o próprio facto de serem por ele seduzidos já pertence a um oculto desígnio de Deus. Realmente, como se disse,

*a presença do iníquo é obra de Satanás, com ostentação de poder, com sinais e prodígios de mentira e com toda a sedução que a iniquidade exerce sobre aqueles que se perdem*¹⁰.

Então Satanás será solto e, por intermédio do mencionado Anticristo, agirá com todo o seu poder, maravilhosamente

⁹ *Pueri, novissima hora est; et sicut audistis, quod Antichristus sit venturus nunc autem Antichristi multi facti sunt; unde cognoscimus quod novissima sit hora. Ex nobis exierunt; sed non erant ex nobis. Quod si fuissent ex nobis, permansissent utique nobiscum.*

I João II, 18-19.

¹⁰ *Praesentia ejus erit, secundum operationem satanae in omni virtute et signis et prodigiis mendacii et in omni seductione iniquitatis his, qui pereunt.*

II Tessal., II, 1-11.

é certo, mas com mentira. Costuma-se perguntar porque é que se lhes chama «sinais e prodígios de mentira»: se é porque os sentidos dos mortais virão a ser enganados por meio de alucinações de maneira que arrastarão à mentira os que crêem que não poderiam ser realizados senão pelo poder divino, ignorando o poder do Diabo, principalmente quando ele tiver recebido um poder tão grande como nunca teve. Quando o fogo caiu do Céu e, de um só acto consumiu uma tão grande família como a do Santo Job, com tão grandes rebanhos de gado, e quando um turbilhão caiu sobre a casa, a destruiu e lhe matou os filhos — isto de certo não eram alucinações mas foram obras de Satanás a quem Deus tinha dado esse poder. Por qual destas duas razões são estes sinais e prodígios classificados de mentira, a seu tempo se verá. Mas qualquer que seja a razão, serão extraviados por estes sinais e prodígios os que merecerem ser extraviados porque, diz ele:

*Por não terem acolhido o amor da Verdade que os teria salvo*¹¹.

E o Apóstolo não teve dúvidas em acrescentar e dizer:

*Por isso é que Deus lhes envia um poder de extravio tal que chegarão a acreditar na mentira*¹².

Deus, de facto, a mandará, pois Deus permitirá ao Diabo que realize tudo isso por um justo juízo, embora este o faça por um iníquo e perverso desígnio.

E prossegue:

*E serão condenados todos os que não tiverem acreditado na verdade mas aderiram à iniquidade*¹³.

¹¹ *Pro eo quod dilectionem veritatis non receperunt ut salvi fierent.*
Id. Ib.

¹² *Ideo mittet illis Deus operationem erroris ut credant mendacio.*
Id. Ib.

¹³ *Ut judicentur omnes qui non crediderunt veritati, sed consenserunt iniquitati.*

Id. Ib.

Portanto, os julgados serão extraviados e os extraviados serão chamados a juízo. Mas serão extraviados os que foram julgados em virtude desses juízos misteriosamente justos e justamente misteriosos pelos quais Deus, desde os começos do pecado da criatura racional jamais deixou de julgar; e os que foram extraviados serão julgados em juízo final e público por intermédio de Cristo Jesus que, injustissimamente julgado, julgará com toda a justiça.

CAPÍTULO XX

O que o mesmo Apóstolo nos ensina na primeira epístola aos mesmos Tessalonicenses acerca da ressurreição dos mortos.

Nesta passagem o Apóstolo abstém-se de falar da ressurreição dos mortos. Mas na primeira carta que escreveu aos mesmos Tessalonicenses diz:

Não queremos, irmãos, que ignoreis o que acontecerá aos adormecidos, para que não fiquéis tristes como os outros que não têm esperança. Se realmente acreditamos que Jesus morreu e ressuscitou — pois também os que adormeceram, Deus, por intermédio de Jesus, com ele os levará. O que, de facto, sob palavra do Senhor, temos a dizer-vos, é que nós os que ficámos vivos para quando vier o Senhor, não levamos vantagem sobre os que já antes adormeceram, porque o próprio Senhor, a uma ordem e à voz do arcanjo e ao som da trombeta de Deus, descerá do Céu e os mortos que estão em Cristo serão os primeiros a ressuscitar; depois seremos nós, os que ficámos vivos; juntos com eles seremos arrebatados até às nuvens ao encontro de Cristo nos ares e assim estaremos sempre com o Senhor¹.

¹ *Nolumus ignorare vos, fratres, de dormientibus, ut non contristemini, sicut et ceteri, qui spem non habent. Nam si credimus, quod Jesus motuus est et resurrexit: ita et Deus eos, qui dormierunt per Jesum, adducet cum illo. Hoc enim vobis dicimus in verbo Domini, quia nos viventes, qui reliqui sumus in adventum Domini, non praeveniemus eos, qui ante dormierunt; quoniam ipse Dominus in jussu et in voce archangeli et in tuba Dei descendet de caelo, et mortui in Christo resurgent primo; deinde nos viventes, qui reliqui sumus, simul cum illis rapiemur in nubibus in obviam Christo in aerea, et ita semper cum Domino erimus.*

I Tessal., IV, 13-17.

Estas palavras do Apóstolo mostram-nos com toda a clareza que a ressurreição dos mortos terá lugar quando Cristo voltar certamente para julgar os vivos e os mortos.

Mas costumam perguntar se os que Cristo vier a encontrar cá ainda vivos, e que o Apóstolo personificava em si e nos que então com ele viviam, nunca chegarão a morrer — ou se, no preciso momento em que serão transportados às nuvens com os ressuscitados ao encontro de Cristo nos ares, passarão para a imortalidade por uma morte com assombrosa rapidez. Efectivamente, não se pode dizer que, enquanto são transportados para o alto pelos ares, é impossível que morram e voltem à vida. Realmente, o que se diz:

*E assim estaremos sempre com o Senhor*²,

não convém entendê-lo como se se tivesse dito que ficaremos sempre com o Senhor nos ares, pois nem Ele lá permanecerá com certeza, porque Ele, quando vier, será de passagem: ir-se-á, na verdade, ao encontro de quem vem e não de quem fica. Mas

*assim estaremos com o Senhor*²,

quer dizer que teremos corpos que não morrerão, em qualquer parte que com Ele estivermos. O próprio Apóstolo parece levar-nos a esta interpretação — segundo a qual julgamos que aqueles mesmos que o Senhor cá encontrar vivos sofrerão a morte e receberão a imortalidade nesse pequeno espaço — ao dizer:

*Em Cristo seremos todos vivificados*³,

quando, ao falar, noutra passagem, da ressurreição dos corpos, diz:

*O que semeias não adquire a vida se não morrer*⁴.

Como é então que os que Cristo cá encontrar vivos serão

² *Et ita semper cum Domino erimus*

Id. Ib.

³ *In Christo omnes vivificabuntur.*

I Corínt., XV, 22.

⁴ *Tu quod seminas, non vivificatur, nisi moriatur.*

I Corínt., XV, 36.

nele vivificados pela imortalidade, mesmo sem morrerem, quando vemos o que, a este propósito, foi dito:

*O que semeias não adquire a vida se não morrer*⁴.

Ou, se não podemos exactamente dizer que são semeados senão aqueles corpos humanos que só morrendo é que de certo modo voltam à terra (tal é o alcance da sentença divina proferida contra o transgressor pai do género humano):

*Ês terra e para a terra irás*⁵,

temos que reconhecer que os que Cristo encontrar, quando da sua vinda, ainda sem terem saído dos seus corpos, não são atingidos nem por estas palavras do Apóstolo nem pelas do Génesis, pois que, arrebatados até às nuvens, não são realmente semeados porque nem vão para a terra nem dela voltam, quer porque não experimentam absolutamente nenhuma morte, quer porque morrem momentaneamente nos ares.

Mas ocorre algo de novo que o mesmo Apóstolo referiu quando falava aos Coríntios acerca da ressurreição dos corpos:

*Todos ressuscitaremos*⁶,

ou, como vem noutros códices,

*Todos dormiremos*⁷.

Como não pode, portanto, haver ressurreição sem que a morte a preceda, nem podemos entender por morte o adormecimento referido naquela passagem, — como é que dormirão ou ressuscitarão todos, se tantos que Cristo há-de vir encontrar no seu corpo nem dormirão nem ressuscitarão? Se, portanto, acreditamos que os santos que forem

⁵ *Terra es et in terram ibis.*

Gén., III, 19.

⁶ *Omnes resurgemus.*

I Corínt., XV, 51.

⁷ *Omnes dormiemus.*

Id. Ib.

encontrados vivos por Cristo na sua vinda e forem levados ao seu encontro hão-de sair dos seus corpos mortais nesse arrebatamento, para voltarem aos mesmos corpos doravante imortais, nenhum embaraço experimentaremos com as palavras do Apóstolo, quer quando diz:

*O que semeias não adquire a vida se não morrer*⁴,
quer quando diz:

*Todos ressuscitaremos*⁶

ou:

*Todos dormiremos*⁷,

— porque estes santos não serão vivificados pela immortalidade a não ser que morram previamente, nem que seja por um instante, e desta forma não serão estranhos à ressurreição que será precedida de um sono, embora muito breve, todavia real. Mas porque é que nos há-de parecer incrível que uma multidão de corpos sejam como que semeados nos ares para cá reviverem, logo a seguir, já imortais e incorruptíveis, se acreditamos, e o mesmo Apóstolo é o próprio a dizê-lo com toda a clareza, que a ressurreição se fará num abrir e fechar de olhos (*in ictu oculi*) e que mesmo o pó dos mais antigos cadáveres voltará aos membros, que hão-de viver sem fim, com a maior facilidade e com uma velocidade incalculável?

Não julguemos imunes da sentença proferida contra o homem:

*És terra e para a terra irás*⁵,

os referidos santos porque os seus corpos, ao morrerem, não caem na terra mas, assim como morrerão no seu arrebatamento, assim também ressuscitarão enquanto são transportados nos ares. Realmente, *virás para a terra* (*in terram ibis*), quer dizer: *tu irás, depois de teres perdido a vida para o que eras antes de assumir a vida*, isto é, *inanimado serás o que eras antes de seres animado* (na realidade, foi sobre uma face de terra que Deus insuflou um hálito de vida quando o homem foi criado como uma alma viva); como se tivesse dito: *tu és terra animada, o que tu não eras, e tu serás terra inanimada, como tu eras*; que é o que são, antes de caírem na

podridão, todos os corpos dos mortos — que é o que serão também os que chegam a morrer, onde quer que morram, quando forem privados da vida que recuperarão logo a seguir. Voltarão à terra porque os homens vivos se transformarão em terra, tal como o que se transforma em cinza vai para a cinza, o que se torna velho vai para a velhice, vai para caco o que de barro se transforma em caco; e inúmeras expressões deste teor poderíamos empregar. Mas, como se cumprirá o que agora de qualquer maneira conjecturamos com as forças da nossa limitada razão, só então é que o poderemos saber. O que é preciso crer, se quisermos ser Cristãos, é que haverá ressurreição dos mortos na carne quando Cristo vier para julgar os vivos e os mortos; mas se não formos capazes de compreender perfeitamente como é que tudo isso acontecerá, nem por isso será vã a nossa fé a este respeito.

E já agora temos de mostrar, como acima prometemos, tanto quanto parecer necessário, o que os velhos livros proféticos também anunciaram acerca do último juízo de Deus. Julgo que não será necessário que isso seja tratado e discutido com grande demora, se o leitor tiver o cuidado de se valer do que anteriormente expusemos.

CAPÍTULO XXI

O que diz o profeta Isaías acerca da ressurreição dos mortos e das sanções do juízo.

Diz o profeta Isaías:

*Os mortos ressuscitarão; ressuscitarão os que estavam nos túmulos e todos os que estão na terra rejubilarão porque o orvalho que de ti emana é saúde para eles, mas a terra dos ímpios cairá*¹.

Toda a primeira parte desta frase se refere à ressurreição dos bem-aventurados; mas as palavras:

*A terra dos ímpios cairá*²

têm esta significação: *dos corpos dos ímpios se apoderará o desastre da condenação*. Mas se quisermos examinar com mais cuidado e precisão o que se diz acerca da ressurreição dos bons, temos de referir à primeira ressurreição o que nestas palavras se diz:

*Os mortos ressuscitarão*³;

mas à segunda temos que referir o que se segue:

*Ressuscitarão os que estavam nos túmulos*⁴.

¹ *Resurgent mortui et resurgent qui erant in sepulcris, et laetabuntur omnes qui sunt in terra: ros enim, qui abs te est, sanitas illis est; terra vero impiorum cadet.*

Isaías, XXVI, 19.

² *Terra vero impiorum cadet.*

Id. Ib.

³ *Resurgent mortui.*

Id. Ib.

⁴ *Et resurgent qui erant in sepulcris.*

Id. Ib.

Se agora nos referirmos aos santos que o Senhor há-de cá encontrar vivos, aplica-se-lhes a propósito o que se acrescenta:

*Todos os que estão na terra rejubilarão porque o orvalho que de ti emana é saúde para eles, mas a terra dos ímpios cairá*⁵.

Nesta passagem, tomamos a palavra *saúde* (*sanitas*) como tendo acertadamente o significado de imortalidade: porque é total a saúde que se não refaz com alimentos, como se fossem medicamentos quotidianos.

Da mesma forma, dando primeiramente esperança aos bons acerca do dia do juízo, e em seguida atemorizando os maus, o mesmo profeta é assim que fala:

É isto o que diz o Senhor:

— Eis que eu desvio para eles um rio de paz, uma torrente que submerge a glória dos povos.

Os seus filhos serão transportados aos ombros e acarinhados sobre os joelhos.

*À maneira de uma mãe que acaricia (o filho), assim vos acariciarei eu. Sereis acarinhados em Jerusalém e, ao vê-lo, se alegrará o vosso coração e os vossos ossos crescerão como a erva. E a mão do Senhor será conhecida dos que o veneram e ameaçará os recalcitrantes. Eis, pois, que o Senhor virá como um fogo e os seus carros como um vendaval para, na sua cólera, trazer a vingança e, nas chamas do fogo, a destruição. Pois toda a Terra será julgada no fogo do Senhor e toda a carne pelo seu gládio; muitos serão feridos pelo Senhor*⁶.

⁵ *Et laetabuntur omnes qui sunt in terra; ros enim qui abs te est, sanitas illis est.*

Id. Ib.

⁶ *Haec dicit Dominus:*

Ecce ego declino in eos ut flumen pacis et ut torrens inundans gloriam gentium. Filii eorum super umeros portabuntur et super genua consolabuntur. Quem ad modum si quem mater consoletur, ita ego vos consolabor; et in Hierusalem consolabimini, et videbitis, et gaudebit cor vestrum et ossa vestra ut herba exorientur. Et cognoscetur manus Domini colentibus eum, et comminabitur contumacibus. Ecce enim Dominus ut ignis veniet, et ut tempestas currus ejus, reddere

Na promessa aos bons, o *rio da paz* devemos certamente tomá-lo como a abundância daquela paz, maior que a qual nenhuma pode haver. Seremos realmente inundados no fim dessa abundância de que já falámos demoradamente no livro anterior. Declara Ele que esse rio o fará derivar para aqueles a quem é prometida uma felicidade tão grande que entendemos que na região dessa felicidade, que está nos céus, tudo é saciado por esse rio; mas porque, daí, a paz da incorruptibilidade e da imortalidade penetrará até nos corpos terrenos, Ele diz que este rio se desvia para se espalhar de certo modo das altas regiões até às mais baixas e tornar os homens iguais aos anjos. Também por Jerusalém não temos de entender a submetida à escravidão com os seus filhos, mas a livre, nossa mãe, segundo o Apóstolo a Jerusalém eterna dos céus. Aí, depois das penosas amarguras e cuidados de mortais, seremos consolados como pequeninos seus levados aos ombros e postos sobre os joelhos. Essa felicidade, para nós insólita, envolver-nos-á com as mais ternas protecções, a nós toscos e inexperientes. Lá, o que veremos alegrará o nosso coração. O que veremos não no-lo diz ele; mas que será senão Deus? — para que se cumpra em nós a promessa evangélica:

*Bem-aventurados os limpos do coração porque esses verão a Deus*⁷,

e tudo o que agora não vemos mas, acreditando, concebemos, conforme a pequena medida da nossa capacidade humana, de uma maneira muito inferior e completamente diferente do que realmente são.

*Vereis e o vosso coração alegrar-se-á*⁸,

in indignatione vindictam et vastationem in flamma ignis. In igne enim Domini judicabitur omnis terra et in gladio ejus omnis caro: multi vulnerati erunt a Domino.

Isaías, XXVI, 12-16.

⁷ *Beati mundicordes, quoniam ipsi Deum videbunt.*

Mat., V, 8.

⁸ *Et videbitis et gaudebit cor vestrum.*

Isaías, XXVI, 14.

diz Ele: Cá acreditais, lá vereis.

Mas porque disse:

*E o vosso coração alegrar-se-á*⁹,

para que não julgássemos que aqueles bens de Jerusalém apenas ao nosso espírito interessam, acrescenta:

*Os vossos ossos crescerão como a erva*¹⁰,

com que alude à ressurreição dos corpos, como que a explicar alguma coisa que não chegara a dizer. Não acontecerá ela quando a ouvirmos mas vê-la-emos quando acontecer. De facto, o profeta já, mais acima, tinha falado dum novo Céu e duma nova Terra, ao tratar, por diversas vezes de diferentes formas, de tudo o que foi prometido aos santos no fim dos tempos, dizendo:

*Haverá um novo Céu e uma nova Terra, não mais se recordarão do passado nem recordação alguma subirá ao coração deles mas nela encontrarão a alegria e a exultação. Eis que eu farei de Jerusalém uma exultação e do meu povo uma alegria; exultarei em Jerusalém e alegrar-me-ei no meio do meu povo; e já se não ouvirá nela a voz dos prantos*¹¹,

e o mais que se segue, que alguns tentam referir aos ditos mil anos no sentido carnal. Com efeito, à maneira profética misturam-se expressões figuradas com termos próprios para que uma investigação sóbria possa descobrir o sentido espiritual depois de um certo esforço útil e salutar; mas a preguiça carnal, ou a lentidão da mente inculta e não exercitada, satisfeita com o sentido superficial da letra, julga que já nada mais há, no fundo, a procurar.

⁹ *Et gaudebit cor vestrum.*

Id. Ib.

¹⁰ *Et ossa vestra ut herba exorientur.*

Id. Ib.

¹¹ *Erit caelum novum et terra nova, et non erunt memores priorum, nec ascendet in cor ipsorum, sed laetitiam et exultationem invenient in ea. Ecce ego faciam Hierusalem exultationem et populum meum laetitiam; et exultabo in Hierusalem et laetabor in populo meo; et ultra non audietur in illa vox fletus.*

Isaías, LXV, 17-19.

Creio que já disse o bastante acerca das palavras proféticas escritas antes desta passagem. No ponto de que nos afastámos para expor estas coisas, depois de ter dito:

*e os vossos ossos crescerão como a erva*¹⁰

para mostrar que vai evocar a ressurreição da carne, pelo menos a dos justos, acrescenta:

*E a mão do Senhor será conhecida dos que a veneram*¹².

Que mão é esta senão a d'Aquele que separa os que o adoram dos que o desprezam? Acerca deles acrescenta o seguinte:

*E ameaçará os recalcitrantes*¹³,

ou, como diz outro tradutor: «os *incrédulos*» (*incredulis*). Então já não ameaçará, mas o que se diz agora em tom de ameaça cumprir-se-á então com eficácia. Diz ele:

*Eis pois que o Senhor virá como um fogo e os seus carros como um vendaval para, na sua cólera, trazer a vingança e, nas chamas do fogo, a destruição. Pois toda a Terra será julgada no fogo do Senhor e toda a carne pelo gládio; muitos serão feridos pelo Senhor*¹⁴.

Com as palavras *fogo*, *vendaval*, *gládio*, quis-se significar a pena do juízo; quando na verdade ele diz que o Senhor há-de vir como um fogo, com certeza que se refere àqueles para quem a sua vinda será uma pena. Mas *os seus carros* (pois estão referidos no plural) podemos interpretá-los, sem inconveniente, como os ministérios angélicos. Quanto às palavras «toda a Terra e toda a carne será julgada no fogo e pelo gládio» — entendemos que se não referem aos espirituais e aos santos mas aos terrestres e carnis acerca dos quais foi dito:

¹² *Et cognoscetur manus Domini colentibus eum.*

Isaías, XXVI, 12-16.

¹³ *Et comminabitur contumacibus.*

Id. Ib.

¹⁴ *Ecce enim Dominus ut ignis veniet et ut tempestas currus ejus, reddere in indignatione vindictam et vastationem in flama ignis. In igne enim Domini judicabitur omnis terra et in gladio ejus omnis caro; multi vulnerati erunt a Domino.*

Id. Ib.

*Os que saboreiam as coisas terrenas*¹⁵

e:

*Saborear segundo a carne e a morte*¹⁶;

estes é que são chamados **carne** pelo Senhor quando diz:

*O meu espírito não permanecerá nestes homens porque são carne*¹⁷.

Mas o que aqui se afirma:

*Muitos serão feridos pelo Senhor*¹⁸,

acontecerá com a ferida da segunda morte. Pode, realmente, ser tomado em bom sentido tanto *fogo* como *gládio* e *ferida* (*vulnus*). De facto, o Senhor disse que queria trazer o *fogo* ao mundo e viram-se separadas línguas como que de *fogo* sobre os discípulos quando desceu o Espírito Santo, e diz ainda o Senhor:

*Não vim trazer a paz à Terra mas a espada*¹⁹,

e a Escritura chama à palavra de Deus uma *espada* de dois gumes por causa da lâmina dupla dos dois Testamentos; e, no *Cântico dos Cânticos*, a Santa Igreja diz-se *ferida* (*vulnerata*) pela caridade, como que farpeada pelo embate do amor. Mas aqui, quando lemos ou ouvimos dizer que o Senhor virá como vingador, está bem claro em que sentido devemos entender estas palavras.

Seguidamente, — depois de ligeiramente mencionados aqueles que serão por este juízo consumidos sob a figura de alimentos proibidos na antiga Lei, de que se não abstiveram, querendo significar assim os pecadores e os ímpios — o profeta Isaías faz um resumo desde o princípio

¹⁵ *Qui terrena sapiunt.*

Filip., III, 19.

¹⁶ *Sapere secundum carnem mors est.*

Rom., VIII, 6.

¹⁷ *Non permanebit spiritus meus in hominibus istis, quoniam caro sunt.*

Gén., VI, 3.

¹⁸ *Multi vulnerati erunt a Domino.*

Isaías, XXVI, 12-16.

¹⁹ *Non veni pacem mittere in terram, sed gladium.*

Mat., X, 34.

da graça do Novo Testamento, desde a primeira vinda do Salvador, até ao juízo final de que estamos a tratar; desta forma continua e termina o seu discurso.

O Senhor diz que há-de vir, conta ele, para congregar todos os povos, e que estes virão e verão a sua glória (Isaías, LXVI, 17-18). Como diz o Apóstolo:

*Com efeito, todos pecaram e têm necessidade da glória de Deus*²⁰.

Não só o Senhor diz

— que deixará no meio deles sinais para que, ao admirarem esses sinais, creiam n'Ele,

— mas também que, dentre eles, enviará alguns dos que se tenham salvo às diversas nações e às ilhas remotas que nunca ouviram o seu nome nem viram a sua glória

— e ainda que eles publicarão a sua glória entre os povos e a levarão aos irmãos daqueles a quem o Senhor falava, isto é, aos que na mesma fé e sob o mesmo Deus Pai são irmãos dos Israelitas escolhidos: eles os levarão de todas as nações, como oferta ao Senhor, em cima de azémo-las e de veículos (compreenda-se bem que estas azémo-las e veículos representam os meios de que Deus se serve através das várias classes de ministérios divinos, quer angélicos quer humanos) à cidade Santa de Jerusalém que agora se encontra espalhada sobre a Terra na pessoa dos santos fiéis. Porque, quando são divinamente ajudados, logo crêem, e em nada mais vêm a crer. Comparou-os o Senhor, como que por imagens, aos filhos de Israel a oferecerem-lhe as suas vítimas com salmos na sua casa — o que a Igreja agora faz em toda a parte; e Ele prometeu escolher para si, de entre eles, sacerdotes e levitas — o que nós vemos cumprir-se ainda agora. Porque já não é duma descendência da carne e do sangue, como era o primeiro sacerdócio segundo a ordem de Aarão, mas,

²⁰ *Omnes enim peccaverunt et egent gloria Dei.*

Rom., III, 23.

como convinha no Novo Testamento, em que Cristo é o Sumo Sacerdote segundo a ordem de Melquisedec é, segundo os méritos que a cada um a graça divina haja conferido, que se elegem dentre eles, como hoje vemos, sacerdotes e levitas. Estes devem ser apreciados não pelo seu título, que muitas vezes é indignamente obtido, mas segundo a santidade que não é comum aos bons e aos maus.

Depois de ter falado da comiserção de Deus, para nós, tão clara e evidente, que agora se está dispensando à Igreja, prometeu também os fins a que se chega pelo último juízo depois de realizada a separação dos bons e dos maus, dizendo o Senhor pelo profeta, ou dizendo o próprio profeta da parte do Senhor:

*Do mesmo modo que o novo Céu e a nova Terra permanecerão na minha presença, diz o Senhor, assim também se manterá a vossa raça e o vosso nome e isto de mês a mês, de sábado a sábado. Toda a carne virá à minha presença adorar em Jerusalém, diz o Senhor; e sairão e verão os membros dos homens que pecaram contra mim. O seu verme não morrerá, o seu fogo não se extinguirá e serão um espectáculo para toda a carne*²¹.

Este profeta terminou o livro no ponto em que terminará o século.

Alguns não traduziram por *membros dos homens* (*membra hominum*) mas sim por *cadáveres dos homens* (*cadavera virorum*), chamando cadáver à pena visível corporal. Embora se não

²¹ *Quo modo enim caelum novum et terra nova manebit coram me, dicit Dominus, sic stabit semen vestrum et nomen vestrum, et erit mensis ex mense et sabbatum ex sabbato. Venit omnis caro in conspectu meo adorare in Hierusalem, dixit Dominus; et egredientur et videbunt membra hominum (a), qui praevaricati sunt in me. Vermis eorum non morietur, et ignis eorum non extinguetur, et erunt visui omni carni.*

Isaías, LXVI, 22-24.

(a) Logo a seguir Santo Agostinho, de certo pensando em S. Jerónimo que assim traduziu directamente do Hebreu, diz que «alguns» não traduziram por *membros dos homens* mas por *cadáveres*.

costume chamar cadáver senão a um corpo exânime, todavia os corpos de que aqui se fala são animados, (pois, a não ser assim, não poderiam sentir tormento algum) a não ser, talvez, que se trate de corpos de mortos, isto é, dos que caíram na segunda morte, pois serão realmente cadáveres. Daí aquilo que foi dito pelo mesmo profeta e já acima citei:

*A terra dos ímpios cairá*²².

Ora, quem não ve que é de *cair* (*cadere*) que vem *cadáver* (*cadaver*)? É manifesto que esses tradutores empregaram *dos varões* (*Virorum* = homens = Sexo masc.) por *dos homens* (*hominum*, dos homens = género humano). Realmente, ninguém irá dizer que as mulheres pecadoras hão-de escapar ao dito suplício; mas é pelo sexo principal, de que a mulher foi feita, que um e outro sexo são designados. Mas o que mais interessa à questão é o que se diz dos justos:

*Toda a carne virá*²²,

porque esse povo será formado de toda a casta de homens (realmente, nem todos os homens lá estarão pois muitos estarão nos tormentos) — mas, como eu tinha começado a dizer, ele chama *carne* (*caro*) aos bons e *membros* ou *cadáveres* (*membra vel cadavera*) aos maus. É com certeza depois da ressurreição da carne — objecto de fé totalmente confirmada por estes termos concretos — que virá o juízo, declara o profeta, que separará os bons dos maus, dando a cada um o seu desenlace final.

²² *Veniet omnis caro.*

Id. Ib.

CAPÍTULO XXII

Qual será a saída dos santos para verem as penas dos maus.

Mas como é que os bons sairão para verem as penas dos maus? Será porventura por um movimento do corpo que eles deixarão as suas bem-aventuradas moradas e se dirigirão para os lugares das penas para contemplarem com a sua presença corporal os tormentos dos malditos? Longe disso! Mas sairão através do conhecimento. Realmente, o que esta palavra (sair) quer dizer é que os que hão-de ser atormentados estarão *fora*. É por isso que o Senhor chama a esses lugares *trevas exteriores*. A elas se opõe aquela entrada de que se fala ao bom servo:

*Entra no gozo do teu Senhor*¹.

Não se julgue que os maus entrarão ali para serem conhecidos; mas são antes os bons que, por assim dizer, saem até eles através do conhecimento que deles terão, pois conhecerão o que está *fora* deles. De facto, os que estão em tormentos, esse ignorarão o que se passa *dentro*, no gozo do Senhor; mas os que estiverem nesse gozo, esses saberão o que se passa *fora*, nas *trevas exteriores*. Por isso é que está dito *sairão* (*egredientur*), porque, na verdade, mesmo as coisas que lhes forem exteriores não lhes ficarão ocultas. Se, na verdade, os profetas puderam conhecer tudo isto antes de suceder, pela presença de Deus (por muito ligeira que fosse) nas suas mentes de mortais, como é que os santos

¹ *Intra in gaudium Domini tui.*
Mat., XXV, 21.

imortais poderiam ignorá-lo, já realizado, quando Deus faz *tudo em todos*? Subsistirão, pois, nessa beatitude eterna, a estripe e o nome dos santos:

— a *estirpe* (*semen*) de que fala João:

*E nele permanecerá a sua estirpe*²;

— o *nome*, de que isto se diz por intermédio de Isaías:

*Dar-lhes-ei um nome eterno. E sê-lo-á de mês a mês,
de sábado a sábado*³,

como se dissesse de lua em lua e de repouso em repouso. Eles próprios serão uma coisa e outra quando passarem destas velhas e fugazes sombras para as novas e sempiternas luzes.

Entre as penas dos malditos, tanto o fogo inextinguível como o verme que sempre viverá são apresentados de maneiras diversas pelos diversos autores. Realmente, uns referem um e outro ao corpo; outros referem um e outro à alma; outros ainda referem propriamente o fogo ao corpo e o verme, figurativamente, à alma — o que parece ser mais verosímil. Mas não é agora a altura de discutir estas divergências — pois é do juízo final, pelo qual se fará a separação dos bons e dos maus, que nós decidimos tratar neste livro; acerca das próprias recompensas e das penas convém que se trate noutro lugar mais detidamente.

² *Et semen ejus in ipso manet.*
João, III, 9.

³ *Nomen aeternum dabo eis. Erit eis mensis ex mense et sabbatum ex sabbato.*

Isaías, LXVI, 23.

CAPÍTULO XXIII

O que Daniel profetizou acerca da perseguição do Anticristo, do juízo de Deus e do reino dos santos.

Acerca do último juízo, Daniel profetiza da seguinte maneira: anuncia que, primeiro, há-de vir o Anticristo; depois prossegue a sua narrativa até ao reinado eterno dos santos. Viu numa visão profética quatro feras significando quatro reinos. O quarto foi conquistado por um rei que se reconhece ser o Anticristo. Depois disto apareceu o reino eterno de um filho de homem que se percebe ser Cristo. Diz ele:

Eu Daniel, o meu espírito horrorizou-se no mais íntimo do meu ser, e as visões da minha cabeça perturbaram-me. Aproximei-me de um dos que estavam de pé e pedi-lhe que me dissesse a verdade acerca de tudo aquilo e ele disse-me a verdade¹.

Depois, o que ouvira daquele de quem indagara todas estas coisas, diz como que expondo-as para si:

Estas quatro grandes feras são os quatro reinos que sobressairão na Terra e serão destruídos; mas os santos do Altíssimo receberão o reino e possuí-lo-ão para sempre pelos séculos dos séculos. Eu tive o cuidado de procurar saber o que significava a quarta fera, que era diferente de toda a fera, muito mais terrível — os seus dentes eram de ferro e as garras

¹ *Hornit spiritus meus, ego Daniel, in habitudine mea, et visus capitis mei conturbabant me. Et accessi ad unum de stantibus, et veritatem quaerebam ab eo de omnibus his, et dixit mihi veritatem.*

Daniel, VII, 15-16.

de bronze, devorando, triturando e espezinhando com os seus pés as sobras —, e o que significavam os dez cornos da sua cabeça e o outro corno que se salientava e fazia cair os três primeiros. Nesse corno havia olhos e uma boca que dizia grandes coisas e o seu tamanho era maior do que os outros. Eu olhava e aquele corno fazia a guerra aos santos e prevalecia sobre eles até que chegou o Antigo-dos-dias e entregou o reino aos santos do Altíssimo. E chegou o tempo e os santos entraram na posse do reino².

Daniel disse ter pedido explicação de tudo isto. Em seguida, acrescentando logo o que ouvira, declara ele, (isto é, aquele que ele tinha interrogado respondeu e disse-lhe):

A quarta fera será um quarto reino sobre a Terra o qual prevalecerá sobre todos os reinos; ela devorará toda a Terra e espezinhá-la-á e triturá-la-á. E os dez cornos são os seus reis que se erguerão; e depois dele se erguerá um outro que ultrapassará em maldade todos os que antes dele existiram: ele humilhará três reis e proferirá palavras contra o Altíssimo, oprimirá os santos do Altíssimo e pensará em mudar os tempos e a lei; ser-lhe-á entregue em mão o poder por um período e por períodos e por meio período; constituir-se-á um Tribunal e retirar-lhe-ão o poder para o exterminarem e destruírem até ao fim; e o reino e o poder e a grandeza dos reis que há sob os Céus foram dados aos santos do Altíssimo. E o seu reino é sempiterno e todas as potências o servirão e lhe obedecerão.

² *Hae bestiae magnae quattuor quattuor regna surgent in terra, quae auferentur, et accipient regnum sancti Altissimi et obtinebunt illud usque in saeculum et usque in saeculum saeculorum. Et quaerebam diligenter de bestia quarta, quae erat differens prae omni bestia, terribilis amplius — dentes ejus ferrei et ungues ejus aerei, manducans et comminuens et reliqua pedibus suis conculcans —, et de cornibus ejus decem, quae erant in capite ejus, et de altero, quod ascendit et excussit de prioribus tria; cornu illud in quo erant oculi et os loquens magna et visus ejus major ceteris. Videbam, et cornu illud faciebat bellum cum sanctis, et praevalebat ad ipsos, donec venit vetustus dierum, et regnum dedit sanctis Altissimi; et tempus pervenit, et regnum obtinuerunt sancti.*

Id. Ib.

*Aqui termina a narrativa. Sou eu, Daniel: muito me perturbaram os meus pensamentos, alterou-se-me o aspecto, mas conservei estas palavras no meu coração*³.

Alguns interpretaram aqueles quatro reinos como sendo o dos Assírios, o dos Persas, o dos Macedónios e o dos Romanos. Os que desejarem saber com quanto acerto emitiram esta opinião, leiam o livro do presbítero Jerónimo sobre Daniel escrito com bastante erudição e cuidado⁴.

Que a Igreja tenha que suportar um tão cruel reino do Anticristo, embora por exíguo espaço de tempo, até que os santos recebam, no último juízo de Deus, o reino sempiterno, nem mesmo aos que isto lêem a dormir é permitido duvidar. Realmente, *um tempo* (*tempus = período*), *os tempos* e *metade de um tempo* (*dimidium tempus = meio período*), representam um ano, dois anos e meio ano — o que perfaz três anos e meio; isto deduz-se do número de dias, que mais abaixo menciona, e do número de meses que por vezes se citam na Escritura. Em latim *os tempos* parece significar tempos em geral; mas estão expressos no dual, número que os latinos não têm. Mas, tal como os gregos, diz-se que os hebreus têm este número. Empregou-se, portanto, aqui *os tempos* como se se dissesse *dois tempos*.

³ *Bestia quarta, quarum regnum erit in terra, quod praevaleret omnibus regnis; et manducabit omnem terram, et conculcabit eam et concidet. Et decem cornua ejus decem reges surgent; et post eos surget alius, qui superabit malis omnes, qui ante eum fuerunt; et tres reges humiliabit et verba adversus Altissimum loquetur et sanctos Altissimi conteret et suspicabitur mutare tempora et legem; et dabitur in manu ejus usque ad tempus et tempora et dimidium tempus. Et judicium sedebit, et principatum removebunt ad exterminandum et perdendum usque in finem; et regnum et potestas et magnitudo regum, qui sub omni caelo sunt, data est sanctis Altissimi. Et regnum ejus regnum sempiternum; et omnes principatus ipsi servient e obaudient. Hoc usque finis sermonis. Ego Daniel; multum cogitationes meae conturbabant me, et forma mea inmutata est super me, et verbum in corde meo conservavi.*

Id. Ib.

⁴ Refere-se Santo Agostinho ao Comentário de S. Jerónimo sobre Daniel, nomeadamente aos caps. VIII, I e seguintes (V. Migne, P. L. XXV, 527-530).

Confesso que tenho muito receio de que ao tomar os dez reis como outras tantas pessoas, entre os quais se encontrará o Anticristo, se vá a gente talvez enganar e, que este último chegue imprevistamente sem que haja esse número de reis no Orbe Romano. Quem sabe se, na verdade, neste número dez não está representada a totalidade dos reis após os quais aquele há-de vir — tal qual como nos números mil, cem e sete está representada muitas vezes a totalidade, da mesma maneira que em muitos outros números que não é necessário indicar agora?

— O mesmo Daniel, numa outra passagem, diz:

*Virá um tal período de tribulação como ainda não houve outro desde que apareceu o homem à superfície da Terra até esse período. E nesse período será salvo todo o teu povo que se encontrar inscrito no livro. E muitos dos que dormem debaixo do montão de terra ressuscitarão, uns para a vida eterna outros para o opróbrio e a confusão eterna. Os sábios brilharão como a claridade do firmamento e muitos de entre os justos como as estrelas pelos séculos além*⁵.

Esta passagem é muito semelhante a uma expressão evangélica, pelo menos no que respeita à ressurreição dos corpos dos mortos. Efectivamente, aí, na expressão evangélica, mencionam-se os que estão nos sepulcros (*in monumentis*), e aqui os que dormem sob um montão de terra (*dormientes in terrae aggere*) ou, como outros traduzem, no pó da terra (*in terrae pulvere*): aqui, diz-se eles sairão (*procedent*), e lá, ressuscitarão (*exurgent*); lá, diz-se:

*Os que fizeram o bem, para a ressurreição da vida; os que praticaram o mal, para a ressurreição do juízo*⁶,

⁵ *Et erit tempus tribulationis, qualis non fuit ex quo nata est gens super terram usque ad tempus illud. Et in tempore illo salvabitur populus tuus omnis, qui inventus fuerit scriptus in libro. Et multi dormientium in terrae aggere exurgent: hi in vitam aeternam et hi in opprobrium et in confusionem aeternam. Et intelligentes fulgebunt sicut claritas firmamenti, et ex justis multi sicut stellae in saecula et adhuc.*

Dan., XII, 1-3.

⁶ *qui bona fecerunt in resurrectionem vitae; qui mala autem egerunt, in resurrectionem iudicii.*

João, V, 28.

e nesta passagem diz-se:

*Uns para a vida eterna e outros para o opróbrio e a confusão eterna*⁷.

Não se julgue que há divergência só porque lá está escrito *todos os que estão nos túmulos (omnes qui sunt in monumentis)* e o profeta não diz *todos* mas *muitos dos que dormem sob um montão de terra (multi dormientium in terrae aggere)*. Realmente, a Escritura emprega por vezes *muitos* por *todos*. Por isso é que se disse a Abraão:

*Constituí-te pai de muitos povos*⁸,
ao passo que noutra passagem se diz:

*Na tua descendência serão benditos todos os povos*⁹.

É acerca da ressurreição que, um pouco depois, se diz também ao próprio profeta Daniel:

*E tu vem e descansa; faltam, de facto, uns dias até ao termo da consumação; mas tu repousarás e ressurgirás no final dos dias no teu destino*¹⁰.

⁷ *Hi in vitam aeternam et hi in opprobrium et in confusionem aeternam.*
Dan., XII, 1-3.

⁸ *Patrem multarum gentium posui te.*
Gén., XVII, 5.

⁹ *In semine tuo benedicentur omnes gentes.*
Gén., XXII, 18.

¹⁰ *Et tu veni et requiesce; adhuc enim dies in completionem consummationis, et requiesces et resurges in sorte tua in fine dierum.*
Dan., XII, 13.

CAPÍTULO XXIV

Que é que se profetiza, nos salmos de David, acerca do fim deste século e juízo final de Deus.

Muitas coisas são referidas nos salmos a propósito do juízo final, mas a maior parte delas fugidia e sucintamente. Todavia, o que de modo nenhum deixarei passar em silêncio é o que eles referem com toda a clareza acerca do fim deste século:

*No princípio tu fundaste a Terra, Senhor, e os Céus são obra das tuas mãos. Mesmo estes perecerão, ao passo que tu te manterás; todos envelhecerão como o vestuário e tu os mudarás como à roupa e eles se mudarão; mas tu é que és sempre o mesmo e os teus anos não se acabarão*¹.

Como é que Porfirio, ao louvar a piedade com que os Hebreus adoram o grande e verdadeiro Deus, terrível às próprias divindades, baseado nos oráculos dos seus deuses, acusa os cristãos da maior loucura por declararem que este mundo há-de perecer? Mas eis que nos escritos piedosos dos Hebreus se diz ao Deus que faz tremer de espanto, como tão grande filósofo é o primeiro a confessar, as próprias divindades:

*Os Céus são obra das tuas mãos. Mesmo estes perecerão*².

¹ *Principio terram tu fundasti, Domine, et opera manuum tuarum sunt Caeli. Ipsi peribunt, tu autem permanes; et omnes sicut vestimentum veterescent, et sicut opertorium mutabis eos, et mutabuntur; tu autem idem ipse es, et anni tui non deficient.*

Salmo CI (CII), 26-28.

² *Opera manuum tuarum sunt caeli, ipsi peribunt.*
Id. Ib.

Acaso, quando os céus perecerem, não perecerá o Mundo de que os mesmos céus são a parte mais alta e mais segura? Se esta doutrina desagrade a Júpiter, por cujo oráculo, de tão pesada autoridade, como escreve aquele filósofo, se acusa a credulidade dos cristãos — porque é que, da mesma forma, se não acusa de loucuras a sabedoria dos Hebreus em cujos livros, os mais sagrados, esta doutrina se encontra? Mas, se na dita sabedoria, que a Porfírio agrada tanto que ele até a faz proclamar pela boca dos seus deuses, se lê que os céus hão-de perecer — porque é tão enganosa essa impostura que chega a detestar na fé dos cristãos, entre outras coisas e antes do mais, a sua crença na destruição do mundo, pois que, se ele não perece, não podem perecer os céus? O certo é que nas Sagradas Escrituras que são propriamente nossas e não comuns a nós e aos Hebreus, isto é, nos livros dos evangelistas e dos apóstolos, lê-se:

*Mudará o aspecto do mundo*³,

e também se lê:

*O mundo passa*⁴,

e ainda:

*Passarão o Céu e a Terra*⁵.

Julgo que *mudará* (*praeterit*), *passa* (*transit*) e *passarão* (*transibunt*) são expressões um tanto mais suaves que *perecerão* (*peribunt*).

Também na epístola do apóstolo Pedro, em que se diz que o mundo de então pereceu submerso nas águas, é bastante claro, não só qual a parte do Mundo designada pelo todo e até que ponto ela pereceu, mas também quais são os céus que foram postos de reserva para o fogo do dia

³ *Praeterit figura hujus mundi.*
I Corínt., VII, 31.

⁴ *Mundus transit.*
I João, II, 17.

⁵ *Caelum et terra transibunt.*
Mat., XXIV, 35.

do juízo e da perda dos homens ímpios; e naquela passagem em que, pouco depois, diz:

*Chegará o dia do Senhor como um ladrão, e então os Céus passarão com grande impetuosidade e os elementos em combustão se desintegrarão, e a Terra e as obras que nela há, serão queimadas*⁶:

e, a seguir, acrescenta:

*Perecendo todas estas coisas, que categoria de pessoas deveis ser vós?*⁷

Nestas palavras, céus que *hão-de perecer*, podem entender-se que são os que disse que *foram postos de parte, em reserva* e os *elementos que se hão-de queimar* podem tomar-se como sendo os que existem na parte inferior do mundo, cheia de ventos e tormentas, na qual diz ele serem os céus *postos de parte*; mas os céus superiores serão salvos e manter-se-ão na sua integridade, a cujo firmamento estão fixados os astros. Porque o que está escrito — que as estrelas *hão-de cair do Céu* (ressalvado o facto de poder haver outra explicação possível) indica-nos sobretudo que os céus permanecerão céus, se é que as estrelas *hão-de cair*; ou então é metafórica esta linguagem, o que é mais verosímil; ou ainda que tudo virá a acontecer no céu inferior e então causará, com certeza, mais admiração do que agora. A este propósito se refere aquela Vergiliana estrela

*que um facho levando com muita luz, correu*⁸,

e foi-se perder na floresta de Ida.

Mas quanto à citada passagem do salmo, não parece deixar nenhuma parte do céu como destinada a perecer. Efectivamente, diz-se aí:

⁶ *Veniet dies Domini ut fur, in quo caeli magno impetu transcurrent, elementa autem ardentia resolventur, et terra et quae in ipsa sunt opera exurentur.*

II Pedro, III, 10-11.

⁷ *His omnibus pereuntibus quales oportet esse vos?*

Id. Ib.

⁸ *facem ducens multa cum luce cucurrit (a)*

Virgílio, Eneida, Liv. II, 694.

Os céus são obra das tuas mãos. Mesmo estes perecerão²; não há nenhum deles *que não seja* obra de Deus — portanto, nenhum deles está excluído da perdição. Eles é que, de facto, se não dignarão invocar uma frase do apóstolo Pedro, a quem veementemente odeiam, para defenderem a piedade dos Hebreus, elogiada pelos oráculos dos deuses! Para que se não creia que todo o Mundo há-de perecer, eles não tomam a parte pelo todo na frase em que se diz:

*Mesmo estes perecerão*⁹

quando só os céus inferiores haverão de perecer. Seria, como na referida epístola, a parte tomada pelo todo — pois diz-se que o Mundo pereceu no Dilúvio, embora tenha perecido com os céus apenas a região inferior do Mundo. Mas, como eu disse, para não aprovarem o pensamento do apóstolo Pedro, nem concederem à conflagração final uma importância igual à que concedemos ao Dilúvio, não se dignarão eles fazer tal interpretação, eles que afirmam não ser possível que todo o género humano pereça pela água ou pelas chamas. Só lhes resta dizerem que os seus deuses

(a) A frase completa é do seguinte teor:

*Vix ea fatus erat senior subitoque fragore
Intonuít laevum, et de caelo lapsa per umbras
Stella facem ducens multa cum luce cucurrit.
Illam, summa super labentem culmina tecti,
Cernimus Idaea claram se condere silva,
Signantemque vias; tum longo limite sulcus
Dat lucem et late circum loca sulfure fumant.
(Eneida, II, 692-698).*

Tradução:

*Mal estas (palavras) dissera o velho, não só com fragor súbito
Trovejou à esquerda, mas também, do Céu caída através das sombras,
Uma estrela, um facho levando com muita luz, correu.
A ela, sobre os altos cimos do tecto caindo
Nós vemos, e esconder-se brilhante na selva do (monte) Ida,
E (vimo-la) traçando os caminhos; então na sua longa esteira, um sulco
Dá luz, e, ao longe, em volta, os lugares de enxofre fumegam.*

⁹ *Ipsi peribunt.*

Salmo CI (CII), 28.

louvaram a sabedoria dos Hebreus porque não leram este salmo.

No salmo quadragésimo nono entende-se também como dito a propósito do juízo final de Deus:

*Deus virá ostensivamente, ele que é o nosso Deus, não ficará calado; diante dele arderá um fogo, e à sua volta (levantar-se-á) uma violenta tempestade. Do Alto chamará o Céu e a Terra para distinguir o seu povo. Juntai a ele os seus justos que põem a aliança com ele acima dos sacrifícios*¹⁰.

Entendemos que isto se refere a Jesus Cristo Senhor que, esperamos, há-de vir dos céus para julgar os vivos e os mortos. E virá ostensivamente para julgar justos e injustos com justiça, Ele que, primeiro, veio ocultamente para injustamente ser julgado pelos injustos. Ele próprio, repito, virá ostensivamente e não se calará, isto é, aparecerá diante de todos, tomando a palavra de juiz, Ele que, primeiro, ocultamente se calou perante o juiz quando foi conduzido para ser imolado como uma ovelha, e ficou sem voz como um cordeiro perante o tosquiador, conforme o que, a seu propósito, lemos no profeta Isaías e vemos cumprido no Evangelho.

A propósito do fogo e da tempestade, já dissemos como devia isto ser entendido, ao tratarmos dum passo análogo na profecia de Isaías. Estas palavras:

*Do Alto chamará o Céu*¹¹,

uma vez que os santos e os justos são apelidados, com justiça, de *céu*, têm elas, com certeza, o mesmo sentido que as do Apóstolo:

¹⁰ *Deus manifestus veniet, Deus noster, et non silebit. Ignis in conspectu ejus ardebit, et in circuitu ejus tempestas valida. Advocabit caelum sursum et terram discernere populum suum. Congregate illi justos ejus, qui disponunt testamentum ejus super sacrificia.*

Salmo XLIX (L), 3-5.

¹¹ *Advocabit caelum sursum.*

Id. Ib.

*Juntamente com eles seremos transportados nas nuvens para os ares, ao encontro de Cristo*¹².

De facto, segundo o sentido superficial da letra, como é que ao céu se poderá chamar *do Alto* como se pudesse haver outro a não ser o *do Alto*? Mas o que se acrescenta:

*E a Terra para distinguir o seu povo*¹³,

se apenas se subentender *convocará* (*advocabit*), ou seja, *convocará a terra*, sem se subentender *sursum* (do Alto) — isto poderá ter um sentido conforme a recta fé; o *céu* designaria os que com Ele estão para julgarem, e a *Terra* os que devem ser julgados. Desta maneira a expressão:

*Do Alto chamará o Céu*¹¹

não a entenderíamos assim *arreatá-los-á pelos ares*, mas sim *elevá-los-á sobre tronos do Tribunal*. A frase:

*Do Alto chamará o Céu*¹¹

pode também assim ser entendida: *chamará os anjos aos mais elevados e excelsos lugares para descer com eles a realizar o júizo, e Ele chamará também a Terra*, isto é, os homens que estão sobre a Terra, evidentemente para os julgar. Mas se, ao dizer *a Terra*, se deve subentender um e outro, isto é, *chamará e do Alto*, de maneira a que o sentido fique sendo este: *chamará o céu do Alto e a Terra também a chamará do Alto*, — neste caso nenhuma interpretação me parece melhor do que esta: *todos serão arrebatados para irem ao encontro de Cristo nos ares*; mas o Céu designará as almas e a Terra os corpos. Além disso, que significa

*distinguir o seu povo*¹³

senão separar por um julgamento os bons dos maus, como as ovelhas dos cabritos?

Depois dá uma volta ao discurso dirigindo-se aos anjos:

¹² *Simul cum illis rapiemur in nubibus in obviam Christo in aerea.*
I Tessal., IV, 17.

¹³ *Et terram discernere populum suum.*
Salmo XLIX (L), 3-5.

*Juntai a ele os seus justos*¹⁴.

De facto, será certamente pelo ministério dos anjos que tão grande obra se cumprirá. Se perguntarmos que justos para Ele juntarão os anjos, dirá:

*Os que põem a aliança com ele acima dos sacrificios*¹⁵.

Toda a vida dos justos é esta: pôr a aliança de Deus acima dos sacrificios. Com efeito — ou as suas obras de misericórdia estão *acima dos sacrificios*, porque devemos preferi-las aos sacrificios, conforme o preceito de Deus:

*Antes quero a misericórdia que o sacrificio*¹⁶,

— ou então *acima dos sacrificios* quer dizer *nos sacrificios* como se diz que é feito *sobre (super) a Terra* o que na realidade se faz *na (in) Terra* — e neste caso as próprias obras de misericórdia são os sacrificios pelos quais agradamos a Deus, como expliquei, recordo-me, no livro décimo desta obra. E nestas obras põem os justos a aliança de Deus porque é por causa das promessas, que se contêm na sua Nova Aliança, que eles as fazem. Por isso é que Cristo, depois de ter congregado os seus justos e de os ter colocado à sua direita precisamente no último juízo, dirá:

*Vinde, benditos de meu Pai, possuir o reino que vos foi preparado desde a criação do Mundo — porque tive fome e destes-me de comer*¹⁷,

e o mais que aí se diz acerca das boas obras dos bons e das suas eternas recompensas ditadas pela sua suprema sentença do juiz.

¹⁴ *Congregate illi justos ejus.*

Id. Ib.

¹⁵ *Qui disponunt testamentum ejus super sacrificia.*

Id. Ib.

¹⁶ *Misericordiam volo quam sacrificium.*

Oseias, VI, 6.

¹⁷ *Venite, benedicti patris mei, possidete paratum vobis regnum a constitutione mundi. Esurivi enim, et dedistis mihi manducare.*

Mat., XXV, 34.

CAPÍTULO XXV

Profecia de Malaquias na qual se anuncia o último juízo de Deus e se fala de purificação a realizar por meio de penas purificadoras.

O profeta Malaquias¹ ou Malaqui também chamado Anjo, que alguns crêem ainda que é o sacerdote Esdras cujos escritos foram recebidos no Cânon (de facto, Jerónimo diz que é esta a opinião dos Hebreus a seu respeito), profetiza o juízo final ao dizer:

*Eis que ele vem, diz o Senhor Omnipotente;
e quem suportará o dia da sua entrada, ou quem poderá
aguentar o seu olhar?*

*Porque ele penetra como o fogo fundidor e como a erva
das lavadeiras;*

*e sentar-se-á para fundir e purificar como se faz à prata
e ao ouro, e purificará os filhos de Levi e fundi-los-á como ao
ouro e à prata;*

*e eles oferecerão ao Senhor vítimas na justiça
e o sacrificio de Judá e de Jerusalém será agradável
ao Senhor como nos antigos dias e nos anos remotos.*

*E, no juízo, aproximar-me-ei de vós e serei testemunha
pronta contra os mágicos e os adúlteros, contra os que falsa-
mente juram em meu nome, contra os que cortam o salário do
operário, contra os que pelo seu poder oprimem as viúvas e
agredem os órfãos, denegam justiça ao estrangeiro e não me*

¹ «O texto que utilizamos traz *Malachiel*. Migne, porém, traz *Malachias* e é por Malaquias que traduzimos por ser este o nome por que é conhecido o profeta.

temem — diz o Senhor Omnipotente; porque eu é que sou o Senhor vosso Deus e não mudo².

Do que fica dito parece resultar à evidência que neste juízo haverá para alguns penas purificadoras. De facto, onde se diz:

Quem suportará o dia da sua entrada, ou quem poderá aguentar o seu olhar?

Porque ele penetra como o fogo fundidor e como a erva das lavadeiras e sentar-se-á para fundir e purificar como se faz à prata e ao ouro;

e purificará os filhos de Levi e fundi-los-á como ao ouro e à prata³;

que outra coisa se poderá entender? Também Isaías diz algo análogo:

O Senhor lavará as imundícies dos filhos e das filhas de Sião e, por um espírito de justiça e por espírito de fogo, limpará o sangue que há no meio deles⁴.

² *Ecce venit, dicit Dominus omnipotens; et quis sustinebit diem introitus ejus, aut quis ferre poterit ut aspiciat eum? Quia ipse ingreditur quasi ignis conflatorii et quasi herba lavantium; et sedebit conflans et mundans sicut argentum et sicut aurum, et mundabit filios Levi et fundet eos sicut aurum et argentum; et erunt Domino offerentes hostias in justitia, et placebit Domino sacrificium Judae et Hierusalem, sicut diebus pristinis et sicut annis prioribus. Et accedam ad vos in judicio, et ero testis velox super maleficos et super adulteros et super eos, qui jurant in nomine meo mendaciter et qui fraudant mercedem mercenarios et opprimunt per potentiam viduas et percutiunt pupillos et pervertunt judicium advenae et qui non timent me, dicit Dominus omnipotens; quoniam ego Dominus Deus vester, et non mutator.*

Malaquias, III, 1-6.

³ *Quis sustinebit diem introitus ejus, aut quis ferre poterit, ut aspiciat eum? Quia ipse ingreditur quasi ignis conflatorii et quasi herba lavantium; et sedebit conflans et mundans sicut argentum et sicut aurum et mundabit filios Levi et fundet eos sicut aurum et argentum.*

Id. Ib.

⁴ *Lavabit Dominus sordes filiorum et filiarum Sion, et sanguinem emundabit de medio eorum spiritu judicii et spiritu combustionis.*

Isaías, IV, 4.

A não ser, talvez, que se deva dizer que eles ficam limpos das suas imundícies e como que acrisolados, quando os maus forem separados deles por um julgamento penal, de maneira que a separação e condenação de uns seja a purificação dos outros, pois que doravante viverão sem estarem com eles misturados. Mas ao dizer:

*Purificará os filhos de Levi e fundi-los-á, como ao ouro e à prata; e eles oferecerão ao Senhor vítimas na justiça, e o sacrificio de Judá e de Jerusalém será agradável ao Senhor*⁵, mostra claramente que mesmo os que forem totalmente purificados agradarão para o futuro ao Senhor nos seus sacrificios de justiça — por isso serão eles próprios os purificados da injustiça em que desagradavam ao Senhor. Doravante eles é que serão as hóstias com plena e perfeita justiça oferecidas, quando tiverem sido purificados. Com efeito, que coisa mais aceitável podem oferecer a Deus do que eles próprios? Mas esta questão acerca das penas purificadoras deve ser diferida para outra ocasião para ser tratada mais a fundo.

Por filhos de Levi, por Judá e por Jerusalém devemos tomar a própria Igreja de Deus, constituída não apenas por Hebreus, mas também por outros povos — não a Igreja tal qual ela é agora, onde

*se dissermos que não temos pecados, enganamo-nos a nós próprios e não há verdade em nós*⁶,

mas a Igreja tal como ela será então, limpa por meio do último juízo como a eira por meio da forquilha de escarumar: uma vez limpos pelo fogo aqueles para quem tal

⁵ *Et emundabit filios Levi et fundet eos sicut aurum et argentum; et erunt Domino offerentes hostias in justitia et placebit Domino sacrificium Judae et Hierusalem.*

Malaquias, III, 1-6.

⁶ *Si dixerimus, quia peccatum non habemus, nos ipsos seducimus, et veritas in nobis non est.*

I João, 1, 8.

limpeza era necessária , já mais ninguém haverá para oferecer sacrificios pelos seus pecados. Porque todos os que fazem alguma destas ofertas, estão, sem dúvida, em pecado, e é para serem perdoados que as oferecem — para que, quando oferecerem os seus sacrificios e Deus os aceitar, sejam então perdoados.

CAPÍTULO XXVI

Os santos hão-de oferecer a Deus sacrificios que lhe serão tão agradáveis como nos antigos dias e nos anos remotos.

Querendo mostrar que a sua Cidade já não estará então nesta condição presente, Deus disse que os filhos de Levi oferecerão vítimas em justiça — já não será pois em pecado nem, por conseguinte, pelo (*pro*) pecado. Por isso pode concluir-se do que seguidamente se acrescenta e se diz:

*E o sacrificio de Judá e de Jerusalém será agradável ao
Senhor como nos antigos dias e nos anos remotos*¹,

que é em vão que os Judeus se prometem a restauração dos seus antigos sacrificios, conforme a lei do Antigo Testamento. Não era então na justiça mas no pecado que eles ofereciam vítimas pois que era pelos (*pro*) pecados que primeiro e principalmente as ofereciam, de tal maneira que até o próprio sacerdote a quem, com certeza, devemos ter por mais justo que os demais, costumava, seguindo o mandamento de Deus, oferecê-las primeiro pelos seus próprios pecados e depois pelos do povo.

É por isso que nos convém expor como é que devem ser entendidas estas palavras:

*Como nos antigos dias e nos anos remotos*².

¹ *Et placebit Domino sacrificium Judae et Hierusalem, sicut diebus pristinis et sicut annis prioribus.*

Malaq., III, 4.

² *Sicut diebus pristinis et sicut annis prioribus.*

Id. Ib.

Talvez elas evoquem aquele tempo em que os primeiros homens estiveram no Paraíso. Realmente, eles próprios se ofereciam então como vítimas puríssimas — puros, limpos, íntegros de toda a mácula e do ferrete do pecado; mas depois de terem sido expulsos do Paraíso por causa da infracção cometida, e de neles ter sido condenada a natureza humana — à excepção do único Mediador e, depois do banho da regeneração, de alguns ainda muito pequeninos, conforme está escrito:

*Ninguém está isento de mancha, nem mesmo a criança cuja vida sobre a Terra não é senão de um dia*³.

Se me responderem que podem muito bem oferecer vítimas na justiça os que as oferecem com fé (pois que o *justo vive da fé*, embora se possa enganar a si próprio se disser que não tem pecado, mas não o dirá pois que *vive da fé*) — haverá alguém que sustente que o actual tempo da fé é comparável àquele período final quando forem purificados pelo fogo do juízo final os que oferecerem vítimas em justiça? Há que acreditar que, após tal purificação, os justos nenhum pecado ficarão a ter com certeza; por isso aquele tempo, no que se refere à ausência de pecado, não se pode comparar com nenhum outro, a não ser quando os primeiros homens, no Paraíso, antes da queda, viviam numa felicidade totalmente inocente. Parece, pois, correcta a interpretação dada a estas palavras:

*Como nos antigos dias e nos anos remotos*².

Também Isaías, depois da promessa dum Céu novo e duma nova Terra, entre outras coisas que ali propõe, acerca da beatitude dos santos, por meio de alegorias e de expressões enigmáticas, das quais a preocupação de evitar grandes delongas nos proíbe uma conveniente exposição, diz:

*Os dias do meu povo serão como os dias da árvore da vida*⁴.

³ *Nemo mundus a sorde, nec infans, cujus est unius diei vita super terram.*
Job., XIV, 4.

⁴ *Secundum dies ligni vitae erunt dies populi mei.*
Isaías, LXV, 2.

Mas quem é que, tendo tido um ligeiro contacto com as Sagradas Escrituras, sabe onde plantou Deus a árvore da vida de cujo fruto foram apartados aqueles homens quando a sua iniquidade os expulsou do Paraíso, ficando a árvore rodeada por uma terrível guarda de fogo?

Se alguém pretende

que os dias da árvore da vida que o profeta Isaiás menciona, são os mesmos dias que a Igreja vive actualmente,

e que o próprio Cristo se chamou profeticamente a árvore da vida pois que Ele próprio é a Sabedoria de Deus de que Salomão diz:

*É árvore da vida para os que se lhe afeiçoam*⁵;

se alguém pretende também

que os primeiros homens não viveram vários anos no Paraíso, mas de lá foram expulsos tão depressa que não chegaram a gerar lá filhos;

e que, portanto, não se pode entender como sendo dessa época as seguintes palavras:

*Como nos antigos dias e nos anos remotos*²,

— é uma questão que ponho de parte, se não ver-me-ia obrigado a explicar todos os aspectos, para confirmar alguns, depois de deles ter separado a verdade, o que se tornaria muito longo.

Aliás, eu vejo um outro sentido para não termos de crer que os *dias antigos* e os *anos remotos*, em que se ofereciam sacrifícios carnis, nos foram prometidos pelo profeta como uma grande dádiva. Realmente, as vítimas da antiga Lei, que constavam de toda a casta de animais, deviam ser oferecidas imaculadas e sem qualquer defeito, e significavam os homens santos, dos quais só Cristo se achava totalmente sem pecado. Por conseguinte, depois do juízo, quando já estiverem purificados pelo fogo os

⁵ *Lignum vitae est omnibus amplectentibus eam.*

Prov., III, 18.

homens julgados dignos duma purificação deste teor, já em nenhum santo se encontrará pecado algum; e assim eles próprios se ofertarão em justiça, como vítimas sem qualquer mácula ou defeito; serão, sem dúvida, *como nos antigos dias e nos anos remotos*, quando eram oferecidas vítimas puríssimas *como sombra* da futura realidade. É que então haverá na carne imortal e no espírito dos santos a pureza que estava figurada nos corpos dessas vítimas.

De seguida, por causa dos que são dignos, não de purificação mas de condenação, diz Malaquias:

*E no juízo aproximar-me-ei de vós e serei testemunha pronta contra os mágicos e os adúlteros*⁶,

etc, e depois de enumerar estes crimes dignos de condenação, acrescenta:

*Porque eu é que sou o Senhor vosso Deus e não mudo*⁷, como se dissesse: *Mesmo que a vossa culpa tenha mudado para pior e a minha graça para melhor, eu é que não mudo*. Afirmo que há-de fazer de testemunha porque, no seu julgamento, não tem necessidade de testemunhas e que será uma testemunha pronta (*velox*)

quer porque virá repentinamente e o seu juízo será mais rápido precisamente pelo inopinado da sua vinda, quando parecia que tardava demais,

quer porque convencerá as consciências sem longos discursos. Como está escrito:

*O interrogatório do ímpio versará efectivamente sobre os seus pensamentos*⁸;

⁶ *Et accedam ad vos in iudicium, et ero testis velox super maleficos et super adulteros.*

Malaq., III, 5.

⁷ *Quoniam ego Dominus Deus vester, et non mutator.*

Id. Ib.

⁸ *In cogitationibus enim impij interrogatio erit.*

Sabed. de Salom., 1, 9.

e o Apóstolo diz:

*Com os seus pensamentos que os acusam ou, também, os escusam, no dia em que Deus julgar os segredos dos homens, segundo o meu Evangelho por Jesus Cristo*⁹.

Deve-se, pois, entender que será neste sentido que o Senhor virá como testemunha pronta: trará sem tardança à memória com que convencer e castigar a consciência.

⁹ *Cogitationibus accusantibus vel etiam excusantibus in die, qua judicabit Deus occulta hominum, secundum evangelium meum per Jesum Christum.*

Rom., II, 15-16.

CAPÍTULO XXVII

Separação dos bons e dos maus pela qual será declarada a discriminação do juízo final.

Também se refere ao juízo final a passagem do mesmo profeta que, ao tratar de outro assunto, citei no livro décimo oitavo. Diz-se lá:

Diz o Senhor Omnipotente: possuí-los-ei no dia que eu preparar para a sua aquisição; escolhê-los-ei como um pai escolhe o seu filho que o serve. Voltar-me-ei e vereis a diferença que há entre um justo e um injusto, entre o que serve a Deus e o que o não serve. Porque eis que chegou o dia que arde como um forno e os consumirá; todos os estrangeiros e todos os que praticam a iniquidade serão como a palha e o dia que chega queimá-los-á, diz o Senhor Omnipotente, e neles não será deixada nem raiz nem ramo. E, para vós que temeis o meu nome, levantar-se-á um Sol de justiça, e a saúde estará nas suas asas, e saíreis e saltareis como novilhos desamarrados das suas peias; e espezinhareis os iníquos que serão como cinza debaixo dos vossos pés, diz o Senhor Omnipotente¹.

Esta diferença entre prémios e castigos que separa os justos dos injustos, que, na vaidade desta vida, se não vê sob o sol — quando ela brilhar sob o sol da justiça na revelação da vida futura, então haverá com certeza um julgamento como outro nunca houve.

¹ *Erunt mihi, dicit Dominus omnipotens, in die qua ego facio in acquisitionem, et eligam eos sicut eligit homo filium suum qui servit ei; et converterat et videbitis quid sit inter justum et iniquum, et inter servientem Deo et eum qui non servit. Quia ecce dies venit ardens sicut clibanus et comburet eos, et erunt omnes alienigenae et universi, qui faciunt iniquitatem, stipula, et succendet eos dies veniens, dicit Dominus omnipotens, et non relinquetur in eis radix neque ramus. Et orietur vobis, qui timetis nomen meum, sol justitiae, et sanitas in pinnis ejus, et egrediemini et salietis sicut vituli de vinculis relaxati; et conculcabit iniquos et erunt crinis sub pedibus vestris, dicit Dominus Omnipotens.*

Malaq., III, 17 e IV, 3.

CAPÍTULO XXVIII

A lei de Moisés deve ser interpretada em sentido espiritual para que não sejamos arrastados pelo sentido carnal a murmurações condenáveis.

Ao acrescentar:

*Lembrai-vos da lei de Moisés, meu servo, que eu lhe confiei em Horeb para todo o Israel*¹,

o mesmo profeta recorda oportunamente os preceitos e os juízos, depois de ter declarado a enorme diferença entre observadores da Lei e seus transgressores, para que ao mesmo tempo aprendam a compreender a Lei num sentido espiritual e nela encontrem Cristo, por intermédio de quem, como juiz, se deverá fazer a separação dos bons e dos maus. Não é, de facto, em vão que o mesmo Senhor diz aos Judeus:

*Se acreditardes em Moisés, também acreditareis em mim, pois ele escreveu a meu respeito*².

Por tomarem a Lei num sentido carnal, ignorando que as suas promessas terrestres eram a figura das coisas celestes, caíram nas ditas murmurações até se atreverem a dizer:

Quem serve a Deus é tolo. Que mais lucrarmos em guardarmos os seus mandamentos e andarmos suplicantes

¹ *Memento legis Moysi servi mei, quam mandavi ei in Choreb ad omnem Israel.*

Malaq., IV, 4.

² *Si crederetis Moysi, crederetis et mihi; de me enim ille scripsit.*
João, V, 46.

*diante da face do Senhor Omnipotente? E agora chamamos felizes aos estrangeiros e prosperam todos os que praticam a iniquidade*³.

Por estas palavras deles foi o profeta de certo modo coagido a anunciar o último juízo em que os maus nem sequer aparentemente serão felizes, mas apresentar-se-ão nitidamente como os mais desgraçados, e os bons não sofrerão qualquer desgraça, nem sequer temporal, mas gozarão duma luminosa e eterna beatitude. Mais acima já tinha referido palavras do mesmo teor das que diziam:

*Bom aos olhos de Deus é todo aquele que pratica o mal. Tais (como este) é que lhe agradam*⁴.

Pois eu digo que, por terem interpretado em sentido carnal a Lei de Moisés, é que eles chegaram a estas murmurações contra Deus. Daí também que, aquele que diz, no salmo septuagésimo segundo, que os seus pés tremeram, que seus passos escorregaram até cair, porque invejava os pecadores ao ver a paz dos pecadores, de maneira a vir a dizer, entre outras coisas:

*Como é que Deus sabe? Haverá lá ciência no Altíssimo?*⁵

diga também:

*Terá sido em vão que eu me tornei justo do coração e lavei as minhas mãos entre os inocentes?*⁶

Mas para resolver a difícilíssima questão que se põe quando se vêem os bons serem infelizes e felizes os maus, diz:

³ *Vanus est qui servit Deo, et quid amplius, quia custodivimus mandata ejus et quia ambulavimus supplices ante faciem Domini omnipotentis? Et nunc nos beatos dicimus alienos, et aedificantur omnes qui faciunt iniquitatem.*

Malaq., III, 14-15.

⁴ *Omnis, qui facit malum, bonus est in conspectu Domini, et tales ei placent.*

Malaq., II, 17.

⁵ *Quo modo scivit Deus, et si est scientia in Altissimo?*

Salmo LXXII (LXXIII), 1.

⁶ *Numquid vano justificavi cor meum et lavi inter innocentes manus meas?*

Salmo LXXII (LXXIII), 13.

À minha frente está uma árdua tarefa até que penetre no santuário de Deus e compreenda os últimos acontecimentos⁷.
Realmente, não será assim no juízo final; mas na manifesta desgraça dos iníquos e na manifesta felicidade dos justos, algo se verá muito diferente do que é agora.

⁷ *Hoc labor est ante me donec introeam in sanctuarium Dei et intellegam in novissima.*

Salmo LXXII (LXXIII), 16-17.

CAPÍTULO XXIX

Vinda de Elias antes do dia de juízo. A sua pregação, desvendando os segredos das Escrituras, converterá os Judeus a Cristo.

Depois de os ter advertido de que se lembrassem da Lei de Moisés (porque previa que eles durante muito tempo a não interpretariam num sentido espiritual como convinha), logo a seguir acrescenta:

*Eis que eu vos enviarei Elias, o Tesbita, antes que chegue, grande e deslumbrante, o dia do Senhor. Ele voltará o coração do pai para o filho e o coração do homem para o seu próximo, não aconteça que eu venha e extermine completamente a Terra*¹.

É assunto muito frequente das conversas dos fiéis e está bem dentro dos seus corações que, por intermédio do grande e maravilhoso profeta Elias, depois de explicada por ele a Lei nos últimos tempos anteriores ao juízo, os Judeus virão a crer no verdadeiro Cristo que é o nosso Cristo. É com fundamento que se espera realmente a sua vinda antes da vinda do Salvador como juiz e é também com fundamento que se crê que ele ainda está vivo. A Sagrada Escritura dá, com toda a clareza, testemunho de que foi arrebatado do meio das coisas humanas num carro de fogo². Portanto, quando ele vier para explicar,

¹ *Et ego mittam vobis Helian Thesbiten, antequam veniat dies Domini magnus et illustris qui convertet cor patris ad filium et cor hominis ad proximum suum, ne forte veniens percutiam terram penitus.*

Malaq., IV, 5-6 (segundo os Setenta).

² Embora não constitua um dogma, pois a Igreja nunca disso fez objecto de um ensino formal, o certo é que a crença na sobrevivência de Elias tem atrás de si uma longa e sólida tradição que já vem dos

num sentido espiritual, a Lei que os Judeus presentemente entendem num sentido carnal,

*Voltará o coração do pai para o filho*³,

isto é, o coração dos pais para com os filhos, pois os Setenta puseram o singular em vez² do plural. E o sentido é este: os filhos, isto é, os Judeus, compreenderão, também eles, a Lei como a compreenderam os seus pais, isto é, os profetas e, entre eles, o próprio Moisés. Efectivamente, deste modo, o coração dos pais voltar-se-á para os filhos, quando a maneira de compreender dos pais se conjugar com a maneira de compreender dos filhos — e

*o coração dos filhos para os seus pais*⁴,

quando estiverem os filhos de acordo com o pensamento dos pais. É o que os Setenta querem significar ao dizerem:

*E o coração do homem para o seu próximo*⁵.

Realmente, os pais e os filhos estão muito próximos uns dos outros. Todavia, nestas palavras dos Setenta, que estes traduziram de maneira profética, pode ser encontrado um outro sentido e esse mesmo mais escolhido, de forma a entender-se: Elias virá para que o coração de Deus Pai se volte para o Filho — não, certamente, levando o Pai a amar o Filho, mas ensinando que o Pai ama o Filho para levar os Judeus a amarem eles também o mesmo Cristo, que é o nosso, que antes odiaram. Com efeito, segundo os

Judeus (Malaq., IV 5-6; Ecl., XLVIII, 10-11) e continuou nos Cristãos (Justino, Dial. contra Tryphon, VIII e XLIX; Irineu, Adv. Haereses, V, v; Tertuliano, Adv. Marcion., V, 12).

Sobre o assunto poderá ver-se: S. Tomás de Aq., *Sum. Theol.*, III, XLIX, 5 e, nos nossos tempos M. J. Lagrange, *Le Messianisme chez les Juifs*, Pa., 1909, p. 210-213 e J. Bonsirven, *Le Judaïsme palestinien*, I, Pa., 1935, p. 357-359.

³ *Convertet cor patris ad filium.*

Malaq., IV, 5-6.

⁴ *Cor filionum ad patres eorum.*

Id. Ib.

⁵ *Et cor hominis ad proximum suum.*

Id. Ib.

Judeus, Deus tem agora no seu coração aversão ao nosso Cristo (é o que eles julgam). Segundo ele, portanto, o coração de Deus voltar-se-á para o Filho e, uma vez voltado o próprio coração deles, eles próprios aprenderão o amor do Pai para com o Filho.

O que se segue:

*E o coração do homem para o seu próximo*⁵

isto é, *Elias voltará também o coração do homem para o seu próximo* que melhor sentido terá do que *voltar o coração do homem para o homem Cristo*? Efectivamente, apesar da sua condição divina, o nosso Deus, ao tomar a forma de escravo, dignou-se ser também nosso próximo. Será, pois, isto o que Elias fará. Diz ele:

*Não aconteça que eu venha e extermine totalmente a Terra*⁶.

São, de facto, *terra* os que saboreiam as coisas terrenas, como até agora são os Judeus carnaís. Desta depravação é que vieram as murmurações contra Deus:

*Porque os maus é que lhe agradam*⁷,

e também:

*O que serve a Deus é tolo*⁸.

⁶ *Ne forte veniam et percutiam terram penitus.*

Id. Ib.

⁷ *Quia mali ei placent.*

Malaq., II, 17.

⁸ *Vanus est qui servit Deo.*

Malaq., III, 14.

CAPÍTULO XXX

Nos livros do Antigo Testamento, em que se vê que Deus nos há-de julgar, a pessoa de Cristo não é mostrada com clareza; mas, segundo alguns testemunhos, onde fala o Senhor Deus, não há dúvida de que se trata de Cristo.

Há muitos outros testemunhos das Sagradas Escrituras acerca do juízo final. Se eu os coligisse a todos, tornar-me-ia demasiado extenso. Baste-nos, pois, o que provamos ter sido predito pelas Sagradas Letras do Novo e do Antigo Testamento. Mas no Antigo Testamento não está tão claramente expresso como no Novo que o julgamento será efectuado por intermédio de Cristo, isto é, que Cristo é que há-de vir do Céu como juiz. Por isso é que, quando o Senhor Deus aí diz que há-de vir, ou se diz que o Senhor Deus há-de vir, não se pode concluir que se trata mesmo de Cristo. Realmente, o Senhor Deus tanto é o Pai, como o Filho, como o Espírito Santo. Não devemos, porém, deixar por provar este ponto. Devemos, portanto, começar por demonstrar de que maneira fala Jesus Cristo enquanto Senhor Deus nos livros proféticos e, todavia, se manifesta claramente como Jesus Cristo, de maneira que, quando não aparece como tal e, todavia, se anuncia que o Senhor virá para o juízo final, se possa ainda entender que se trata de Jesus Cristo.

Há no profeta Isaías uma passagem que mostra claramente o que digo. Diz, de facto, aí Deus por intermédio do profeta:

Ouve-me Jacob e Israel, sou eu quem vos chama.

Eu sou o primeiro e sou também para a eternidade.

A minha mão fundou a Terra e a minha direita consolidou o Céu.

Chamá-los-ei e eles comparecerão juntos, juntar-se-ão todos e escutarão. Quem lhe anunciou tudo isto? Eu, que te amo, fiz a tua vontade contra Babilónia para exterminar a raça dos Caldeus.

Eu é que falei, eu é que chamei. Trouxe-o e tornei próspero o seu caminho. Aproximai-vos de mim e ouvi isto. Desde o princípio que não vos falei às escondidas; quando as coisas aconteciam, estava eu lá. E agora me enviou o Senhor Deus bem como o Seu Espírito¹.

Era, pois, ele que falava como Senhor Deus; todavia, n'Ele não veríamos Jesus Cristo se não acrescentasse:

E agora me enviou o Senhor Deus bem como o Seu Espírito².

É que Ele disse isto segundo a forma de escravo, utilizando-se para um acontecimento futuro dum verbo no tempo pretérito, como se lê no mesmo profeta:

Foi conduzido à imolação como uma ovelha³.

Efectivamente, não diz *será conduzido (ducetur)*, mas, para

¹ *Audi me Jacob et Israel quem ego voco. Ego sum primus et ego in sempiternum, et manus mea fundavit terram et dextera mea firmavit caelum. Vocabo eos, et stabunt simul, et congregabuntur omnes et audient. Quis ei nuntiavit haec? Diligens te feci voluntatem tuam super Babylonem, ut auferrem semen chaldaeorum. Et locutus sum et ego vocavi; adduxi eum et prosperam feci viam eius. Accedite ad me et audite haec. Non a principio in abscondito locutus sum; quando fiebant, ibi eram. Et nunc Dominus Deus misit me et Spiritus ejus.*

Isaías, XLVIII, 12-16.

² *Et nunc Dominus Deus misit me et Spiritus ejus.*

Id. Ib.

³ *Sicut ovis ad immolandum ductus est.*

Isaías, LIII, 7.

um facto futuro, põe o verbo no tempo pretérito. É assim que a profecia constantemente se exprime ⁴.

Há em Zacarias uma outra passagem que mostra claramente o Omnipotente a enviar o Omnipotente. Quem envia a quem senão Deus Pai a Deus Filho? Está, de facto, escrito assim:

São estas as coisas que o Senhor Omnipotente anuncia:

*Depois da glória, enviou-me para os povos que vos espoliaram. Porque quem vos tocar, como que toca a pupila do seu olho. Mas eis que eu levantarei contra eles a minha mão, e eles é que servirão de despojos para aqueles que lhes estiveram submetidos. E sabereis que quem me enviou foi o Senhor Omnipotente*⁵.

Aqui está, pois, o Senhor Omnipotente a dizer que foi enviado pelo Senhor Omnipotente. Quem se atreveria aqui a entender que era outro que não Cristo que fala, dirigindo-se certamente às ovelhas perdidas da casa de Israel? Diz, efectivamente, no Evangelho:

*Não fui enviado senão às ovelhas perdidas da casa de Israel*⁶.

É a estas que ele compara a pupila do olho de Deus, levado pelo seu intensíssimo sentimento de amor. E do género destas ovelhas foram também os próprios apóstolos. Mas foi depois da glória da ressurreição, da sua, claro está, (antes de ela ter lugar, diz o Apóstolo:

⁴ S. Jerónimo, tradutor a quem se deve a Vulgata, profundo conhecedor das línguas bíblicas (Hebreu e Arameu), não subscreveria esta interpretação de Santo Agostinho pois, ao contrário deste, bem sabia que no Hebreu só havia dois tempos e que tanto o futuro como o pretérito se exprimiam pelo imperfeito.

⁵ *Haec dicit Dominus Omnipotens: Post gloriam misit me super gentes, quae spoliaverunt vos; quia qui tetigerit vos, quasi tangat pupillam oculi ejus. Ecce ego inferam manum meam super eos, et erunt spolia his, qui servierant eis; et cognoscetis quia Dominus Omnipotens misit me.*

Zacarias, II, 8-9.

⁶ *Non sum missus nisi ad oves quae perierunt domus Israel.*

Mat., XV, 24.

*Jesus ainda não tinha sido glorificado*⁷),
que, na pessoa dos seus apóstolos, Ele foi enviado às
nações, cumprindo-se assim o que no salmo se lê:

*Livrar-me-ás das contradições do povo e pôr-me-ás à
frente das nações*⁸.

Deste modo os que tinham espoliado os Israelitas e a quem
os Israelitas tinham servido quando estiveram submetidos
às nações, não seriam por sua vez espoliados mas eles pró-
prios é que se tornariam em despojos dos Israelitas (fora
precisamente isto que Jesus prometera aos apóstolos ao
dizer:

*Farei de vós pescadores de homens*⁹,
e a um deles:

*Desde agora serás pescador de homens*¹⁰.

Tornaram-se, pois, *despojos*, mas no bom sentido, à
maneira das alfaías (*vasa*) subtraídas ao *forte*, mas ao forte
amarrado mais fortemente ainda.

Diz o Senhor falando ainda por intermédio do mesmo
profeta:

*Será naquele dia que eu procurarei destruir todos os
povos que avançam contra Jerusalém,
e sobre a casa de David e sobre os habitantes de Jerusa-
lém infundirei um espírito de graça e de misericórdia,
e olharão para mim porque me insultaram e sobre ele
lançarão os seus lamentos como que sobre alguém muito que-
rido, e chorarão de dor como quem chora sobre um filho
único*¹¹.

⁷ *Jesus nondum erat glorificatus.*

João, VII, 39.

⁸ *Eruer me de contradictionibus populi, constitues me in caput gentium.*

Salmo XVII (XVIII), 44.

⁹ *Faciam vos piscatores hominum.*

Mat., IV, 19.

¹⁰ *Ex hoc jam homines eris capiens.*

Lucas, V, 10.

¹¹ *Et erit in die illa quaeram auferre omnes gentes quae veniunt contra
Hierusalem, et effundam super domum David et super habitatores Hierusalem,*

A quem senão a Deus pertence eliminar *todos os povos*, inimigos da cidade Santa de Jerusalém, que *vêm contra* ela, isto é, que lhe são contrários; ou, como outros traduziram, *vêm sobre* ela, isto é, querem subjugar-la? Ou a quem pertence infundir sobre a casa de David e sobre as beatitudes da mesma cidade um espírito de graça e de Misericórdia? Isso pertence a Deus, na verdade — e é em nome de Deus que isto é anunciado por intermédio do profeta. E, todavia, Cristo mostra que é esse Deus que faz tamanhas e tão divinas obras ao acrescentar estas palavras:

*E olharão para mim porque me insultaram, e sobre ele lançarão os seus lamentos como que sobre alguém muito querido e chorarão de dor como quem chora sobre um filho único*¹².

Realmente, naquele dia, os Judeus, mesmo os que tiverem recebido o *espírito de graça e de misericórdia*, se arrependirão de terem insultado Cristo na sua paixão, quando o virem vir na sua majestade e reconhecerem que ele é aquele humilde de quem outrora fizeram troça na pessoa de seus pais. Aliás, também os seus próprios pais, autores de tamanho sacrilégio, o verão ao ressuscitarem, mas para seu castigo e já não para sua correcção. Não é, portanto, deles que se trata quando diz:

*e sobre a casa de David, e sobre os habitantes de Jerusalém infundirei um espírito de graça e de misericórdia; e olharão para mim porque me insultaram*¹³;

mas trata-se dos que, provenientes da sua raça, vierem a

spiritum gratiae et misericordiae; et aspicient ad me pro eo quod insultaverunt, et plangent super eo planctum quasi super carissimum, et dolebunt dolore quasi super unigenitum.

Zacarias, XII, 9-10.

¹² *Et aspicient ad me pro eo quod insultaverunt, et plangent super eo planctum quasi super carissimum (sive dilectum) et dolebunt dolore quasi super unigenitum.*

Id. Ib.

¹³ *Et effundam super domum David et super habitatores Hierusalem spiritum gratiae et misericordiae; et aspicient ad me pro eo quod insultaverunt.*

Id. Ib.

acreditar nessa altura, mercê da intervenção de Elias. Mas, assim como nós dizemos aos Judeus: *Vós matastes Cristo*, embora tenham sido os seus antepassados que o fizeram, assim também se lamentarão de terem feito, de certo modo, o que fizeram aqueles de cuja estirpe descendem. E embora, uma vez recebido o *espírito de graça e de misericórdia*, já crentes, não tenham que ser condenados com seus ímpios antepassados, lamentarão, todavia, como se tivessem sido eles próprios a fazê-lo, o que pelos seus antepassados foi feito. Não se lamentarão, portanto, pelo remorso de um crime mas por um sentimento de piedade. Sem dúvida onde os Setenta disseram:

*e olharão para mim porque me insultaram*¹⁴,
diz a versão do Hebreu:

*Olharam para mim a quem trespassaram*¹⁵;
e, realmente, com esta palavra, surge com maior evidência Cristo crucificado. Mas aqueles insultos que os Setenta preferiram expressar, não faltaram a toda a paixão de Cristo. De facto, quando eles O detiveram, O amarraram, O conduziram a tribunal vestido com um manto ultrajante e ignominioso, O coroaram de espinhos, lhe bateram na cabeça com uma cana, em troça O adoraram de joelhos dobrados, quando Ele levava a cruz e sobretudo quando estava pendente da cruz — pois certamente que O insultaram. Se por isso não seguirmos apenas uma tradução mas juntarmos as duas, lendo ao mesmo tempo *et insultaverunt et confixerunt* (insultaram e trespassaram), reconhecemos mais plenamente a verdade da paixão do Senhor.

Quando, portanto, se lê nas Escrituras proféticas que Deus há-de vir para fazer o último julgamento, embora se

¹⁴ *Et aspicient ad me pro eo quod insultaverunt.*

Id. Ib.

¹⁵ *Et aspicient ad me, quem confixerunt.*

Id. Ib. loc. cit. na versão da Vulgata de S. Jerónimo (a).

(a) Por aqui se vê que já então a tradução de S. Jerónimo (Vulgata) tinha chegado ao conhecimento de Santo Agostinho.

não forneça qualquer precisão, deve, todavia, compreender-se, em razão do próprio juízo, que se trata de Cristo porque, embora o Pai tenha de julgar, julgará, porém, servindo-se da vinda do Filho do homem. De facto, Ele próprio, pela manifestação da sua presença,

*a ninguém julgará mas deu ao Filho todo o poder de julgar*¹⁶

que se manifestará como homem para julgar, do mesmo modo que foi como homem que Ele foi julgado. De resto, quem poderá ser o outro, de que Deus fala por intermédio de Isaías, sob o nome de Jacob e de Israel de cuja estirpe recebeu Ele o corpo? Pois está assim escrito:

*Jacob, meu servo, eu o receberei; Israel, meu eleito, a minha alma o tomou. Sobre ele pus o meu Espírito e ele revelará o julgamento das nações. Não gritará nem se calará, nem sua voz se ouvirá cá fora. Não quebrará a cana partida nem apagará a mecha fumegante; mas proferirá um juízo na verdade. Resplandecerá e não será quebrado até revelar na Terra o juízo; e no seu nome porão os povos a sua esperança*¹⁷.

No Hebreu não se lê nem Jacob nem Israel; mas porque aí se lê *o meu servo*, os Setenta tradutores quiseram certamente mostrar-nos até que ponto esta interpretação pode ser acolhida, ou seja porque é que se disse *por causa da forma de servo* na qual se apresentou o Altíssimo tão humilde que, para o designarem, lhe puseram o nome de homem, de cujo género foi tomada essa forma de servo.

Sobre ele desceu o Espírito Santo, facto que se manifestou sob a forma de uma pomba, conforme o Evangelho

¹⁶ *Non judicat quemquam, sed omne judicium dedit Filio.*
João, V, 22.

¹⁷ *Jacob puer meus, suscipiam illum; Israel electus meus, adsumpsit eum anima mea. Dedi Spiritum meum in illum, judicium gentibus proferet. Non clamabit neque cessabit neque audietur foris vox ejus. Calamum quassatum non conteret et linum fumans non extinguet; sed in veritate proferet judicium. Refulgebit et non confringetur, donec ponat in terra judicium; et in nomine ejus gentes sperabunt.*

Isaías, XLII, 4.

o testemunha. Revelou às nações o julgamento porque anunciou que havia de acontecer o que estava oculto aos povos. Na sua mansidão não gritou, mas não deixou de proclamar a verdade. A sua voz não se ouviu fora nem se ouve, pois, na realidade, não lhe obedecem aqueles que, separados do seu corpo, estão fora. Aos próprios Judeus seus perseguidores, comparados a uma cana partida, por terem perdido o vigor, e à mecha que fumeja, por terem perdido a luz, não os parte nem apaga, mas poupa-os, pois ainda não chegou para os julgar mas para por eles ser julgado. Não há dúvida de que Ele na verdade proferiu um juízo ao predizer-lhes quando seriam punidos caso persistam na sua malícia. Na montanha resplandeceu a sua face e a sua fama no Universo. Não foi quebrado nem esmagado porque nem n'Ele nem na sua Igreja se rendeu aos seus perseguidores ao ponto de deixar de existir. Também não se realizou nem se realizará o que os seus inimigos disseram ou dizem:

*Quando é que ele morrerá e desaparecerá o seu nome?*¹⁸
— *Até revelar na Terra o juízo*¹⁹ —

eis posto a descoberto o sentido escondido que procurámos. Trata-se, de facto, do último juízo que Ele revelará na Terra, quando do Céu vier Ele próprio, acerca de quem, como vemos, já se cumpriram as últimas palavras:

*E os povos esperarão o Seu nome*²⁰.

Pelo mesmo motivo por que se não pode negar, creia-se naquilo que impudentemente se nega. Quem esperaria, de facto, que até aqueles que não querem ainda crer em Cristo, estão a ver o que nós vemos mas, porque o não podem negar, rangem os dentes e se desfazem em raiva?

¹⁸ *Quando morietur et peribit nomen ejus?*
Salmo XL (XLI), 6.

¹⁹ *Donec ponat in terra judicium.*
Isaías, XLII, 4.

²⁰ *Et in nomine ejus gentes sperabunt.*
Id. Ib.

Quem, pergunto eu, esperaria que os povos haviam de pôr as suas esperanças no nome de Cristo, quando Ele era detido, amarrado, flagelado, escarnecido, crucificado, quando até os seus discípulos perderam a esperança que n'Ele começavam a depositar? O que então apenas um ladrão esperava na cruz, isso esperam agora nações espalhadas por toda a parte, e, para não morrerem para sempre, marcam-se com o sinal daquela cruz sobre a qual Ele morreu.

Já ninguém nega nem põe em dúvida que o juízo final, tal qual como foi preanunciado pelas ditas Sagradas Escrituras, virá a realizar-se por intermédio de Jesus Cristo, a não ser aquele que, não sei por que incrível animosidade ou cegueira, não acredita nessas Escrituras que já demonstraram a sua veracidade ao mundo inteiro. Sabemos que nesse mesmo juízo ou por alturas desse juízo se verificarão estes acontecimentos: a vinda de Elias, o Tesbita, a fé dos Judeus, o Anticristo para perseguir, Cristo para julgar, a ressurreição dos mortos, a separação dos bons e dos maus, a conflagração do mundo e a sua renovação. Deve-se crer que na verdade todas estas coisas hão-de acontecer; mas por que formas e por que ordem surgirão, a experiência da realidade no-lo ensinará então melhor do que agora o pode descobrir com exactidão a inteligência dos homens. Julgo, porém, que surgirão pela ordem por que as mencionei.

Faltam-nos ainda dois livros respeitantes a esta obra, para darmos, com a ajuda de Deus, por cumprido o prometido: um será acerca do suplício dos maus e o outro acerca da felicidade dos justos; neles serão principalmente refutados, conforme Deus no-lo permitir, os argumentos humanos que os desgraçados que se julgam sábios, ao mordiscarem nas predições e nas promessas divinas, desprezam, como falsos e ridículos, os alimentos da fé que salva. Mas os que são apreciadores, em conformidade com Deus, de tudo o que aos homens parece incrível e, toda-

via, está contido nas Sagradas Escrituras cuja verdade está já de tantas maneiras confirmada —esses receberão a suprema garantia da veracidade de Deus omnipotente. Têm como certo que este de modo nenhum lhes pode mentir e tem o poder de fazer o que, aos olhos do descrente, é impossível.

LIVRO XXI

Acerca do merecido fim da Cidade do Diabo, ou seja do suplicio eterno dos condenados, e acerca dos argumentos humanos dos incrédulos contra isto.

CAPÍTULO I

Ordem da exposição: antes de tratarmos da eterna felicidade dos santos, devemos tratar do suplício perpétuo dos condenados com o Diabo.

Quando, por Jesus Cristo Nosso Senhor, juiz dos vivos e dos mortos, atingirem os merecidos fins ambas as Cidades, das quais uma é a de Deus e a outra é a do Diabo, de que género virá a ser o suplício do Diabo e de todos os que lhe pertencem, é assunto que deve ser por nós examinado com o maior cuidado de que, com a ajuda divina, formos capazes. Mas se preferi observar esta ordem — a de só em segundo lugar tratar da felicidade dos santos — a razão está em que quer o estado de felicidade dos santos quer o de suplício dos condenados existirá com os corpos, e parece ser mais difícil de conceber a permanência dos corpos no meio de tormentos eternos do que conceber a permanência de corpos com ausência de dor durante toda a beatitude sem fim; e, por conseguinte, quando eu tiver demonstrado que não deve ser considerada incrível a pena eterna, isto muito me ajudará a que se creia muito mais facilmente na futura immortalidade do corpo dos santos, isenta de todo o sofrimento. Nem esta ordem é diferente da dos oráculos divinos, onde por vezes, aliás, a felicidade dos bons é referida em primeiro lugar, como por exemplo:

*Os que tiverem praticado o bem, irão para a ressurreição da vida, mas os que tiverem feito o mal, esses irão para a ressurreição do juízo*¹.

¹ *Qui bona fecerunt, in resurrectionem vitae; qui autem mala egerunt, in resurrectionem iudicii;*

João, V, 29.

Mas, por vezes, também é referida em segundo lugar, como por exemplo:

*O Filho do homem enviará os seus Anjos e eles juntarão todos os escândalos do seu reino e atirá-los-ão para dentro da ardente fornalha de fogo; aí haverá choros e ranger de dentes; e então os justos resplandecerão como o sol no reino de seu Pai*²;

e esta passagem:

*E assim aqueles irão para o suplício eterno, mas os justos irão para a vida eterna*³.

E nos profetas (seria longo citá-los) encontra-se, se nisso se reparar, ora uma ora outra das ordens. Mas eu escolhi esta ordem pela razão que já expus.

² *Mittet filius hominis angelos suos, et colligent de regno ejus omnia scandala et mittent in caminum ignis ardentem; illic erit fletus et stridor dentium; tunc justi fulgebunt sicut sol in regno Patris sui.*

Mat., XIII, 41-43.

³ *Sicut ibunt isti in supplicium aeternum, justi autem in vitam aeternam;*

Mat., XXV, 46.

CAPÍTULO II

Se os corpos sujeitos à acção do fogo se poderão manter perpetuamente.

Que é que eu poderei apresentar para convencer os incrédulos de que os corpos humanos animados e vivos não só podem nunca ser destruídos pela morte mas podem até manter-se nos tormentos de um fogo eterno? É que eles não aceitam que atribuamos tal coisa ao poder do Omnipotente; bem ao contrário exigem que sejam convencidos com um exemplo. Se lhes respondermos

que há animais, sem dúvida corruptíveis, pois são mortais, que vivem todavia no meio das chamas,

que em fontes de água quente, cuja temperatura ninguém pode impunemente suportar, se encontram também certos vermes que não só vivem lá sem qualquer lesão mas nem sequer poderiam viver fora, eles

— ou recusam-se a acreditar nisso se não formos capazes de lho mostrar,

ou então, se nos for possível pôr os próprios factos debaixo dos seus olhos ou persuadi-los por testemunhos autorizados, afirmam, com a mesma incredulidade, que isso não basta como exemplo para explicar a questão de que se trata, porque

esses animais não vivem sempre e vivem nessa temperatura sem dor,

e, nesses elementos, adaptados à sua natureza, longe de sofrerem, encontram o seu desenvolvimento: como se não fosse mais incrível ser vivificado do que ser atormentado por tais elementos! É certamente assombroso sofrer no meio do fogo e lá viver, mas mais assombroso é viver no fogo sem sofrer. Mas se se acredita nisto porque é que não se acredita naquilo?

CAPÍTULO III

Se é lógico afirmar que a dor do corpo leva à destruição da carne.

Mas, dizem eles, não há corpo que possa sentir a dor sem poder morrer. Que é que nós sabemos disto? Na realidade quem é que está certo de que é nos corpos dos demónios que eles sofrem quando confessam que são atormentados por grandes sofrimentos? Se se responder isto — que não há corpo terrestre, ou seja, corpo sólido e visível, ou numa só palavra, que não há carne que possa sentir a dor sem poder morrer —, que mais se está a afirmar senão o que os homens colheram dos sentidos e da experiência do corpo? De facto não conhecem carne alguma que não seja mortal; e é esta toda a sua razão para julgarem que de modo nenhum pode existir o que não experimentaram. Será próprio da razão fazer da dor uma prova da morte quando ela é antes um indício de vida? Embora ponhamos em questão se se poderá viver sempre — o que é certo, porém, é que vive todo o que sente a dor e que toda a dor não pode existir senão num ser vivo. É, portanto, necessário que viva o que sente a dor, mas não é necessário que a dor mate. Realmente, nem toda a dor causa a morte a estes corpos mortais que, todavia, terão um dia que morrer; e se alguma dor pode causar a morte, a causa é esta:

porque a alma está unida ao corpo de tal modo que tem que ceder às dores e retirar-se,

e ainda porque a união dos membros e das forças é de tal forma débil que não pode suportar uma violência que torna grande ou mesmo extrema a dor. Mas então, a

alma estará unida a um corpo tal e de tal maneira, que nenhuma duração de tempo poderá desatar nem dor alguma poderá quebrar esse vínculo. Além disso, embora no tempo presente nenhuma carne haja capaz de suportar a dor dos sentidos sem morrer — não será, porém, então como agora, como também haverá então uma morte como agora não há. Com efeito, não haverá uma morte que desaparece (*nulla*) mas sim uma morte que sempre durará (*sempiterna*) quando a alma deixar de viver por estar privada de Deus e não puder escapar às dores do corpo morrendo. A primeira morte expulsa a alma, contra sua vontade, do corpo; a segunda morte mantém a alma, contra sua vontade, no corpo. Numa e noutra morte tem-se isto de comum: a alma suporta da parte do corpo o que lhe repugna.

Observam, porém, esses contraditores que, actualmente, não há carne capaz de suportar a dor sem suportar a morte. Não reparam, porém, que algo há que é superior ao corpo. Realmente, a própria alma cuja presença vivifica e rege o corpo, pode suportar a dor e não pode morrer. Eis que se encontrou um ser que tendo embora a sensação da dor, é imortal. Sucederá, portanto, então, nos corpos dos condenados, o que sabemos acontecer agora na alma de todos. Mas se para isto olharmos com mais atenção, a dor que se diz do corpo, pertence antes à alma. Com efeito, sentir a dor é próprio da alma e não do corpo, mesmo quando a causa de sentir a dor venha do corpo, e ainda que a alma a sinta no sítio onde o corpo está ferido. Mas assim como dizemos corpos sensíveis e corpos vivos, embora seja da alma que vem ao corpo a sensibilidade e a vida, assim também dizemos corpos doloridos, embora a dor não possa vir ao corpo senão da alma. Assim, a alma sente a dor com o corpo no sítio do corpo onde se produziu uma causa de dor. Só ela é que sente a dor, embora esteja no corpo, quando, por uma causa mesmo invisível, ela própria está triste, mantendo-se o corpo incólume. Também sente a dor a alma só, mesmo

quando está sem o corpo — pois, realmente, sentia a dor, nos infernos, aquele rico quando dizia:

*Sou torturado nestas chamas*¹.

Mas o corpo inanimado não sente a dor nem, animado, a sente sem a alma. Se, portanto, da dor se pudesse tirar um argumento válido a favor da morte, de maneira a poder dizer-se que a morte surge precisamente porque surge a seguir à dor, seria mais próprio da alma morrer porque seria mais próprio dela sentir a dor. Como, porém, é antes ela que pode sentir a dor sem poder morrer, que interessa que acreditemos que os corpos hão-de morrer porque hão-de estar na dor?

Disseram realmente os Platónicos que dos corpos da terra e dos membros destinados a morrer é que vem para a alma tanto o temer e o desejar como o sofrer e o gozar. Daí o que diz Virgílio: «Daí vem» (*hinc*) (isto é, dos membros de um corpo de terra destinados à morte), repito:

*Daí vem que elas temam e desejem, sintam a dor e rejubilem*².

¹ *Crucior in hac flamma.*
Luc., XVI, 24.

² *Hinc metuunt cupiuntque, dolent gaudentque.*
Eneida, VI, 733(a).

(a) O texto completo é do teor seguinte:

*Ígneus est ollis vigor, et coelestis origo
Seminibus: (b) quantum non noxia corpora tardant,
Terrenique hebetant artus, moribuntaque membra.
Hinc metuunt cupiuntque, dolent gaudentque; nec auras
Respiciunt, clausae tenebris et carcere caeco.*
(Eneida, VI, 730-734).

Tradução:

*Ígneo têm vigor e origem celeste
Essas almas (b), enquanto os males os corpos não agravam
E os músculos de terra não embotam o corpo, nem os membros
destinados à morte.
Daí vem que elas temam e desejem, sintam a dor e rejubilem;
mas os céus
Não olham, fechadas nas terras e em cárcere sem vista.*

Mas no livro décimo segundo desta obra demonstrámos-lhes que, segundo eles próprios, as almas, mesmo purificadas das manchas do corpo, têm uma sinistra ansiedade que as faz conceber o desejo de voltarem aos corpos³. Mas onde pode estar o desejo com certeza que também pode estar a dor. Realmente, o desejo frustrado, quer porque não atingiu o que procurava, quer porque perdeu o que atingira, transforma-se em dor. Por isso é que — se a alma, embora seja a única ou a principal a sofrer a dor, mantém, todavia, uma imortalidade que, à sua maneira, lhe pertence — não se segue que esses corpos possam morrer pelo facto de virem a sentir a dor. Enfim, se os corpos fazem com que as almas sintam a dor, porque é que lhes podem causar a dor e não lhes podem causar a morte, senão porque não é lógico concluir que provoca a morte o que provoca a dor? Porque não será então de crer que as chamas possam levar a dor mas não a morte a esses corpos, tal como os próprios corpos fazem com que as almas sintam a dor, mas nem por isso as constroem a morrer? A dor não é, portanto, uma prova necessária da morte futura.

(b) Na frase *vigor et origo est ollis seminibus* — «essas almas têm vigor e origem» — (em que, segundo as regras da sintaxe latina, o verbo *sum* com dativo se traduz por *ter*) traduzi *semen* por alma por ser este o sentido que o poeta lhe quis dar, como resulta do contexto, aliás conforme com as doutrinas da migração das almas (metempsicose) professadas por Platão e pelos Platónicos, tais como Porfírio, Plotino e Apuleio.

³ Foi no livro XIV que Santo Agostinho levantou a questão e não no livro XII como agora afirma por lapso de memória ou, o que é mais de crer, por erro de copista. A propósito da metempsicose platónica podem citar-se ainda os seguintes versos de Virgílio (Eneida VI, 719-721):

— *O Pater, anne aliquas ad coelum hinc ire putandum est
Sublime animas, itenumque ad tarda reverti
Corpora? Quae lucis miseris tam dira cupido?*

Tradução:

*Ó Pai, será que temos de admitir que daqui para os Céus terão que ir
algumas
Almas sublimes e de novo terão que voltar aos pesados
Corpos? Que desejo tão louco têm os míseros de voltar à vida?*

CAPÍTULO IV

Exemplos tirados da natureza, cuja observação nos ensina que os corpos podem manter-se vivos no meio dos sofrimentos.

Se, portanto, como escreveram os que estudaram com mais cuidado a natureza dos animais, a salamandra vive no fogo e certas montanhas muito conhecidas da Sicília ardem em chamas desde há tão longa duração, desde há tão recuados tempos até agora e pelo futuro dentro e mantêm a sua integridade¹, temos testemunhos categorizados de que nem tudo o que arde se consome, e a alma também nos revela que nem tudo o que é capaz de sentir a dor pode morrer — porque é que nos pedem mais exemplos concretos que nos mostrem que não é incrível que os corpos dos homens punidos com o suplício eterno não perdem a alma por efeito do fogo e não só ardem sem se alterar como também sentem a dor sem morrer? De facto, a substância da carne terá então esta propriedade recebida d'Aquele que tão maravilhosas e variadas qualidades infundiu nas coisas que vemos, mas que, por serem muitas, não admiramos.

Quem, pois, senão Deus, criador de todas as coisas, deu à carne morta de pavão a propriedade de não apodre-

¹ É de crer que Santo Agostinho tenha ido buscar tanto o exemplo da salamandra como o da montanha em chamas (o Etna, com certeza) a Plínio (*Hist. Nat.*, X, 36 e II, 110).

Acerca da curiosidade e espírito de observação em Santo Agostinho pode ver-se H. I. Marrou, *Saint Augustin et la fin de la culture antique*, p. 139.

cer? Isto pareceu-me incrível quando o ouvi. Mas um dia aconteceu darem-nos carne cozinhada desta ave em Cartago. Ordenámos que guardassem um pedaço bastante grande do peito. Após um número de dias bastante longo para toda a outra carne cozinhada apodrecer, o pedaço que trouxeram e nos ofereceram não incomodou mesmo nada o nosso olfacto. Mais ainda: conservado durante mais de trinta dias, achou-se no mesmo estado, o mesmo acontecendo decorrido um ano; apenas a massa se tornou um pouco mais seca e contraída. E quem é que deu à palha a propriedade de ser tão fresca que conserva a neve que ela cobre e tão morna que amadurece os frutos verdes?

Quem será capaz de explicar as maravilhas do fogo que, sendo ele mesmo brilhante, enegrece o que queima e, sendo tão belo de cor, descora quase tudo o que envolve e toca e transforma em negro carvão a cintilante brasa? Mas isto não acontece sempre e de maneira fixa; pois, pelo contrário, as pedras aquecidas num fogo incandescente tornam-se brancas e, quanto mais o fogo se torna rubro, mais brancas se tornam elas, todavia a luz relaciona-se com o branco e o negro com as trevas. Deste modo, quando arde na madeira para cozer as pedras, o fogo produz efeitos contrários em coisas não contrárias. De facto, embora as pedras e a madeira sejam diferentes, não são, porém, contrárias como o são o branco e o negro. Todavia, o fogo causa o branco nas pedras e o negro na madeira. Brilhante, torna brilhantes aquelas e escurece esta — além de que se extinguiria naquelas se não fosse nestas vivificado.

E no carvão, não se deve admirar a sua fragilidade, tão grande que se quebra ao mais leve golpe e se pulveriza à mais fraca pressão, e a sua resistência, tão grande que não há humidade que o altere nem duração que o desintegre, a ponto de, os que fixam as extremas, terem o costume de enterrar pedaços dele para convencerem o litigante que se venha a apresentar, não importa quanto tempo depois, a pretender que a pedra enterrada na terra não constitui a

estrema? Quem é que faz durar por tanto tempo, sem se corromperem, estes carvões enterrados na terra húmida onde a madeira apodreceria, se o fogo, esse decomponente de todas as coisas, assim as não tivesse alterado?

Reparemos também para a maravilha da cal. Além do que já desenvolvidamente dissemos — que ao fogo, com que as outras coisas se tornam escuras, embranquece ela — também da mais obscura maneira — gera fogo do próprio fogo e, embora os seus torrões ao tacto sejam frios, conserva-o tão oculto que dele os nossos sentidos nada chegam a descobrir; mas descoberto pela experiência, embora nada aparente, sabe-se que ele está adormecido no interior. Por isso é que lhe chamamos cal viva, como se o próprio fogo latente fosse a alma invisível do corpo visível. Mas que maravilha é ainda isto — precisamente quando se extingue é que acende. Para a privar do seu fogo oculto deita-se-lhe água ou mergulha-se em água e, de fria que estava antes, passa a quente por efeito do que refresca tudo o que antes está quente. Esses torrões de cal, como se expirassem, deixam fugir o fogo escondido que agora vem à superfície e, como morta, fica de tal modo fria que a água que se lhe deita deixa de aquecer e, a essa cal que chamávamos viva, chamamos agora cal morta. Que é que há que possa ultrapassar este prodígio? E, todavia, ele foi ultrapassado. De facto, se não lhe applicares água mas azeite, que é o que mais alimenta o fogo, não ferverá nem aspergindo-a nem mergulhando-a. Se lêssemos ou ouvíssemos contar esta maravilha acerca de uma pedra da Índia e não pudesse cair sob a nossa experiência, com certeza que a consideraríamos uma mentira ou então ficaríamos grandemente maravilhados. Mas os exemplos destes factos que temos todos os dias diante dos olhos tornam-se vulgares, não por serem menos dignos de admiração, mas por causa da sua frequência — e tanto assim é que dos próprios prodígios da Índia, que é uma região do Mundo afastada de nós, deixamos de admirar os que puderam trazer até nós para os admirarmos.

Muitos de nós possuem a pedra de diamante, principalmente os ourives e os joalheiros. Diz-se que esta pedra não pode ser domada nem pelo ferro nem pelo fogo nem por qualquer outra força, salvo pelo sangue do bode. Acaso os que a possuem e a conhecem se admiram tanto como aqueles a quem pela primeira vez se mostram as suas propriedades? Talvez não acreditem aqueles a quem não é mostrada; ou se acreditam, admiram-se perante o desconhecido; se chegam a ter conhecimento por experiência, admiram-se ainda perante um facto insólito; mas a continuidade do conhecimento por experiência a pouco e pouco vai retirando o acicate da admiração.

Sabemos que a pedra de Magnésia (*magnes lapis = íman*) atrai admiravelmente o ferro. Quando o vi pela primeira vez fiquei deveras estupefacto. Realmente eu via um anel de ferro atraído pela pedra e ficar suspenso; depois, como se tivesse transmitido e comunicasse a sua força ao ferro que tinha atraído, esse anel, aproximado do outro, suspende este e, assim como aquele primeiro se unia à pedra, assim este segundo se unia ao primeiro anel; juntou-se da mesma maneira um terceiro; depois juntou-se-lhe um quarto; e já estava formada uma como que cadeia de anéis não estreitados por dentro mas encostados por fora. Quem é que não ficará pasmado perante esta força da pedra que não só lhe era intrínseca mas também passava por tantos anéis suspensos e os unia por laços invisíveis? Ora muito mais maravilhoso ainda foi o que aprendi, acerca desta pedra, do meu irmão e colega no episcopado Severo de Milevi. Contou-me ter ele próprio visto de que modo Batanário, outrora conde de África, quando o bispo tomava a sua refeição na casa dele, pegara nessa pedra e a pusera debaixo de um prato de prata. Em cima do prato pôs ferro. Depois, conforme deslocava a mão que, por debaixo, segurava a pedra, assim também se deslocava o ferro que estava por cima; mas o prato, que estava no meio, não experimentava qualquer efeito e, enquanto por debaixo da pedra, nos seus rápidos avanços e recuos era

movida pelo homem, o ferro, em cima, era arrastado pela pedra.

Contei o que eu próprio vi; contei o que ouvi daquele em quem acredito como se eu próprio tivesse visto. Vou agora contar o que também li acerca desta pedra de Magnésia. Quando perto dela se põe um diamante, já ela não atrai o ferro e, se o tiver atraído, deixa-o cair logo que se lhe aproxima o diamante. É a Índia que nos envia estas pedras; mas se nós nos deixamos de admirar por já as conhecermos, quanto mais não hão-de deixar de se admirar aqueles de quem elas nos vêm, pois as adquirem com toda a facilidade; talvez as tenham com a mesma facilidade com que nós temos a cal, da qual já não nos impressiona o maravilhoso modo de ferver com a água com que se costuma apagar o fogo e de não ferver com o azeite com que o fogo se costuma activar — porque está à nossa disposição.

CAPÍTULO V

**São muitas as coisas de que a razão
não pode dar explicação, e, todavia,
não pode ser posta em dúvida a sua realidade.**

Quando lhes anunciamos os milagres divinos passados ou futuros que não podemos apresentar-lhes como factos da experiência, os homens infieis exigem-nos uma explicação racional desses factos e, como não a podemos dar (pois excedem as forças do espírito humano), têm por falso o que nós afirmamos. Nesse caso deveriam eles próprios dar-nos a explicação racional de tantos factos maravilhosos que podemos ver ou vemos mesmo. Se reconhecem que isto não pode ser feito pelo homem, pois então devem confessar que se não pode concluir que um caso não aconteceu ou não poderá acontecer pelo simples facto de não se lhe poder dar uma explicação racional: realmente há factos dos quais igualmente a razão não pode apresentar uma explicação.

Não vou recorrer a tudo o que nos livros se refere. Ponho de parte os factos já passados e realizados. Limito-me aos que se mantêm em certos lugares. Assim, quem desejar e puder ir lá, poderá comprovar se são ou não verdadeiros. Vou citar uns poucos.

Em Agrigento, na Sicília, falam de um sal que, quando é aproximado do fogo, se funde como na água; mas, quando o aproximam da água, crepita como no fogo^{1a}. No país dos Garamantas há uma fonte tão fria

¹ Todos estes «prodígios» são contados por Plínio:

a) O caso do sal de Agrigento vem referido na *Hist. Nat.*, XXXI, 41.

durante o dia que dela se não pode beber e tão quente durante a noite que nem se lhe pode tocar ^{1b}. No Epiro há uma outra fonte na qual, como nas outras, as tochas acesas se apagam, mas, ao contrário das outras, se acendem as apagadas ^{1c}. Na Arcádia existe uma pedra que se chama *asbesto* porque, uma vez acesa, já não pode ser apagada ^{1d}. Há uma madeira dum certo figueira do Egipto que não flutua nas águas como as outras madeiras mas se afunda e, o que é mais de maravilhar, depois de estar durante algum tempo no fundo, emerge novamente à superfície da água, quando, encharcada, devia afundar-se com o peso da água ^{1e}. Na terra de Sodoma produzem-se uns frutos que chegam a ter o aspecto de maduros, mas, se forem trincados ou espremidos, a sua casca quebra-se e desfazem-se

b) «Para lá desta montanha», refere Plínio «estão os desertos, Matelga, cidade dos Caramantes*, e Débris, perto de uma fonte, cujas águas, quentes do meio dia à meia noite se tornam geladas da meia noite ao meio dia, e Garanca, célebre capital dos Caramantas».

O.c., V, 5.

* Povo antigo da Líbia.

c) «A fonte de Júpiter em Dodona é fria, quase gelada. Se nela se mergulhar um archote aceso ele apaga-se, mas se se aproximar um archote apagado ele aviva-se».

O.c., II, 106.

d) «O asbesto* encontra-se nas montanhas da Arcádia e apresenta a cor do fogo», continua Plínio a informar-nos.

O.c., XXXVIII, 54.

* Não nos esqueçamos de que asbesto (em grego ἄσβεστος do verbo ἀ-σβέννυμι) significa precisamente inextinguível.

e) Referindo-se à madeira desta figueira, continua Plínio:

«A madeira de uma determinada espécie é utilíssima. Logo que a cortam mergulham-na na água. É aí que ela seca. A princípio vai ao fundo mas depois flutua. A água que, nas outras madeiras, penetra, a esta, pelo contrário, tira-lhe a humidade. Quando começa a vir à tona de água é sinal de que está boa para pôr em obra».

O.c., XIII, 14.

em fumo e em cinza ^{1f}. A pedra pirite da Pérsia queima a mão de quem a segura se a apertar com força; por isso é que recebeu o nome de *fogo* ^{1g}. É ainda na Pérsia que se encontra a pedra *selenita* cuja brancura interior cresce e decresce com a lua ¹ⁱ. Também na Capadócia o vento fecunda as éguas e as suas crias não duram mais que três anos ^{1k}. A ilha de Tilos, na Índia, leva a dianteira às outras

f) São muitos e concordes os autores que se referem a estes frutos de Sodoma: o livro da Sabedoria (X, 6-9) faz referência a plantas da antiga Pentápole que dão frutos fora da estação própria; Flávio Josefo (*Bellum Judaicum*, L. IV, C., VIII, 4) conta que numa terra de cinzas até a cinza se reproduz nos frutos que tendo a cor dos frutos comestíveis, se desfazem em fumo e em cinzas nas mãos dos que os colhem; nos nossos dias, o conhecido arqueólogo F. M. Abel, num artigo intitulado *Une croisière sur la mer Morte* (a p. 600-601 da *Revue Biblique*, 1909) faz do fruto de Sodoma a seguinte descrição: «La fausse pomme de Sodoma, le Solanum Sodonum Sodomaem, arbuste à fleurs violacées, produisant une baie jaune de la grosseur d'une prune et remplie de graines très menues, grisâtres comme la cendre. Brûlé par un champignon, l'intérieur de ce fruit se réduit en une poussière noire».

g) Diz Plínio: «Há quem chame pirite à pedra da mó porque ela tem muito fogo*: mas há uma outra pirite que tem o aspecto do cobre. Encontra-se, segundo se conta, em Chipre e nas minas vizinhas de Acamanto, uma espécie com a cor da prata e uma outra com a cor do ouro. Para as cozerem empregam-se vários processos».

O.c., XXXVI, 30.

* Certamente devido à convicção de que a pirite tinha fogo é que lhe deram este nome, do grego πῦρ(ός) — fogo.

i) A este propósito continua Plínio: «A selenita é branca, diáfana, o seu reflexo tem cambiantes de mel. Apresenta várias figuras da Lua*, alternadamente no crescente e no minguante, conforme as fases em que realmente ela está. É da Arábia que ela nos vem».

O.c., XXXVII, 67.

* Mais uma vez o nome da coisa tem a ver com a convicção de que esta pedra está relacionada com a Lua, cujo nome em grego é, como se sabe, Σελήνη.

k) Plínio localiza o fenómeno na «Lusitânia, nos arredores de Lisboa e do Tejo»: «As éguas, diz ele, voltando-se para o Zéfiro, são fecundadas pelo seu sopro e os cavalos que dele resultam são duma velocidade extrema mas apenas vivem durante três anos».

O.c., VIII, 67.

terras pois toda a árvore que lá se cria nunca é despida da sua cobertura de folhas ¹¹.

Destas e de outras inúmeras maravilhas que a história regista, e não de factos passados, mas de factos permanentes e localizados, (uma vez que trato de assunto diferente seria para mim demasiado longo enumerá-los), dêem, se puderem, uma explicação racional, esses infiéis que se recusam a acreditar nas Sagradas Escrituras. Para negarem a sua origem divina não têm outra razão senão a de que contêm factos incríveis — precisamente como esses factos de que temos estado a falar agora. Nenhuma inteligência pode admitir, dizem eles, que uma carne arda sem se consumir e sinta a dor sem morrer. Grandes racionadores, não há dúvida, que são capazes de dar uma explicação racional de todos os factos maravilhosos constatados. Apresentem então a explicação dos poucos factos que apresentámos. Não há a menor dúvida de que, se eles ignorassem a existência desses factos e se nós lhes anunciássemos a sua futura realização, eles acreditariam neles muito menos do que acreditam agora naqueles de que lhes demos conhecimento e nos quais não querem acreditar. Qual deles acreditaria em nós se, da mesma forma que lhes dizemos que haverá corpos vivos de homens que arderão sempre, sofrerão e, todavia, jamais chegarão a morrer, lhes dissermos que no século futuro haverá:

um sal que o fogo fará derreter como se estivesse na água e que a água fará crepitar como se estivesse no fogo;

uma fonte cuja água será tão quente no frio da noite que ninguém lhe poderá tocar, e tão fria no calor do dia que ninguém a poderá beber;

uma pedra que, com o seu fogo, queimará a mão de quem a apertar;

1) «A ilha de Tilos, situada no mesmo Golfo (Pérsico) está coberta de florestas do Oriente... Aí nenhuma árvore perde as folhas».

O.c., XII, 21.

uma outra que, uma vez acesa, seja de que maneira for, já se não poderá de forma nenhuma apagar;

e outros casos que julguei dever por agora relatar deixando de parte inúmeros outros? Se lhes dissermos que tudo isto acontecerá no século futuro, os incrédulos nos responderão: «Se quereis que acreditemos nessas coisas, dai-nos acerca de cada uma delas a explicação racional» — e nós teremos de confessar que não podemos porque o nosso débil raciocínio de mortais é vencido por estas e outras semelhantes obras maravilhosas de Deus. Todavia, temos connosco uma explicação bem firme: o Omnipotente não faz sem razão aquilo de que o débil espírito humano não pode dar explicação razoável. Realmente, em muitos casos, é para nós incerto o que Ele quer, mas não é menos certo que nada do que Ele quer lhe é impossível e que acreditamos nas suas previsões pois não podemos crer que Ele seja impotente ou mentiroso.

Que irão, todavia, estes detractores da fé, estes exactores da razão, responder nesses casos acerca dos quais não pode ser dada explicação racional pelo homem — e que, todavia, são bem reais embora pareçam à própria razão contrários à natureza? Se os annunciássemos como futuros, por estes infieis ser-nos-ia pedida igualmente uma explicação racional de factos futuros como nós os anunciamos. Por isso, assim como, quando perante tais obras actuais de Deus não bastam a razão e a palavra humanas e, nem por isso, deixam essas obras de existir, assim também não deixarão as futuras de existir pelo facto de a razão do homem ser impotente para explicar umas e outras.

CAPÍTULO VI

**Nem todos os factos maravilhosos
são naturais: muitos conseguem-se pelo
engenho humano e muitos outros
pelos artificios do Diabo.**

É talvez a ocasião de me responderem: «Com certeza que isso não existe; em nada disso podemos acreditar; a esse respeito muitas coisas falsas se têm dito e escrito». E dizem mais estes raciocinadores: «se tais coisas são de acreditar, então acreditai vós também no que está relatado nessas obras: que existiu ou existe um templo de Vénus com um candelabro que tem uma lâmpada ao ar livre ardendo de tal forma que nenhuma tempestade, nenhuma chuva é capaz de a apagar, vindo-lhe daí o nome, como à referida pedra, de λύχνος ἄσβεστος, isto é, lâmpada inextinguível». É isto que poderão replicar para nos causarem dificuldades em responder — porque, se dissermos que não se deve crer nisso, retiramos todo o valor às narrativas de milagres; mas se concedermos que se deve crer nisso, confirmamos a divindade dos deuses dos pagãos. Ora, como já referi no livro décimo oitavo desta obra, não temos necessidade de crer em tudo o que a história dos povos contém, pois os próprios historiadores, como refere Varrão, discordam entre si em muitas questões, a bem dizer de caso pensado (*data opera*) e como que intencionalmente. Mas, se quisermos, podemos aceitar o que não é contrário aos livros em que temos de crer sem a menor dúvida. Mas a propósito desses lugares de prodígios com que queremos persuadir os incrédulos dos acontecimentos futuros, bastem-nos aqueles factos que podemos

constatar nós também e de que não é difícil encontrar testemunhos autorizados.

A propósito do dito templo de Vénus e da lâmpada inextinguível — isso não nos acarreta qualquer embaraço, mas até nos abre um largo horizonte. À lâmpada inextinguível podemos, de facto, acrescentar os múltiplos prodígios das artes humanas e mágicas, isto é, das artes demoníacas agindo por intermédio dos homens e as dos próprios demónios agindo directamente. Se pretendêssemos negá-las, opor-nos-íamos à verdade das Escrituras Sagradas em que acreditamos. Nessa lâmpada, portanto,

ou a arte humana montou algum mecanismo com a ajuda da pedra *asbesto*,

ou é o resultado de uma arte mágica com o fim de atrair a admiração dos homens para esse templo,

ou então algum demónio com o nome de Vénus se apresentou naquele lugar com poder para lá fazer aparecer e manter, durante muito tempo, perante os homens, esse prodígio.

Os demónios são aliciados a viverem entre as criaturas, criadas não por eles mas por Deus, com engodos diversos, adaptados à diversidade de cada um: não com comida, como os animais, mas, como espíritos, com sinais que se adaptam às preferências de cada um — tais como diferentes espécies de pedras, de ervas, de madeira, de animais, de encantamentos, de ritos.

Para serem aliciados pelos homens, primeiro os seduzem eles próprios com a mais astuta das habilidades, quer derramando no seu coração um veneno secreto, quer mostrando-se até com falsas aparências de amizade — e assim de alguns poucos deles fazem discípulos, tornados mestres de muitos. Nunca se poderia saber o que cada um deles prefere, o que cada um detesta, com que palavra é convidado, com que palavra é coagido, se eles próprios não comessem por ensiná-lo: daí terem surgido as artes mágicas e os seus artífices. Mas o que eles sobretudo possuem é o coração dos mortais, do que eles mais se gloriam

é dessa posse quando se transfiguram em anjos de luz. São, pois, muitos os factos deles, que com tanto maior cuidado devemos evitar quanto mais tivermos de os reconhecer como maravilhosos; mas mesmo estes factos nos serão úteis para o assunto de que estamos agora a tratar. Se, realmente, esses demónios imundos podem realizar estas coisas, quanto mais poderosos não serão os santos anjos, quanto mais poderoso que todos eles não será Deus, que fez os próprios anjos autores de tamanhos prodígios!

Se assim tantas e tamanhas maravilhas, a que chamam *μηχανήματα*, são produzidas, utilizando os homens as forças criadas (*creatura*) por Deus, de tal modo que os que as desconhecem as tomam por obras divinas (aconteceu, por exemplo, que em certo templo, por meio de pedras magnéticas dispostas no solo e na abóbada, na proporção do tamanho do templo, uma estátua de ferro se aguenta suspensa no meio deste espaço entre duas pedras e, para os que ignoram o que está por cima e por baixo, ela parece manter-se suspensa como que por um poder da divindade; já dissemos que algo de semelhante pode da mesma forma ter sido realizado, em relação à lâmpada de Vénus, por um artífice servindo-se duma pedra asbesto);

se os demónios puderam exaltar as obras dos magos a quem as nossas Escrituras chamam bruxos e encantadores, ao ponto de um grande poeta ter julgado que interpretava convenientemente os sentimentos comuns dos homens ao dizer de certa mulher tida em grande conta nessa arte:

*Ela com encantamentos promete soltar os espíritos
Que quer, mas aos outros promete enviar-lhes pesados cuidados,
Deter as águas dos rios e fazer voltar os astros para trás;
E os nocturnos manes invoca: gemer verás
Sob os seus pés a Terra e descerem dos montes os freixos¹:*

¹ *Haec se carminibus permittit solvere mentes
Quas velit, ast aliis duras inmittere curas,
Sistere aquam fluvii et vertere sidera retro;
Nocturnosque ciet manes: mugire videbis
Sub pedibus terram et descendere montibus ornos:*

Virgílio, *Eneida*, IV, 487-491.

— quanto mais poderoso não será Deus para realizar o que para os infieis é incrível, mas fácil para a sua onnipotência quando criou, na realidade, a força das pedras e de outras coisas e o engenho dos homens que delas se utilizam de admirável modo e as naturezas angélicas mais poderosas que todos os seres animados da terra — ultrapassando pelo seu maravilhoso poder e pela sua sabedoria que age, ordena, e permite, sendo tão admirável quando se serve de todas as coisas como admirável foi quando as criou!

CAPÍTULO VII

A suprema razão para crer nas coisas extraordinárias é a onnipotência do Criador.

Então porque é que Deus não há-de poder fazer com que os corpos dos mortos ressuscitem e os dos condenados sejam atormentados num fogo eterno, Ele que fez o Mundo, com um Céu e uma Terra, cheio de maravilhas sem número nos ares e nas águas — Mundo que é, sem dúvida alguma, a maior e a mais bela de todas as maravilhas de que está cheio? Mas aqueles com os quais ou contra os quais estamos a discutir, também crêem que há um Deus por quem o Mundo foi feito, por quem também foram feitos os deuses por intermédio dos quais o Mundo é por Ele governado — e não negam, mas até proclamam, que há potências do Mundo que operam prodígios quer espontâneos quer obtidos por meio de algum culto ou de algum rito ou mesmo por algum encantamento mágico; mas quando nós lhes referimos a força maravilhosa dessas outras coisas que não são nem animais racionais nem espíritos dotados de razão, como aqueles que acabámos de mencionar um pequeno número, costumam responder:

— «São forças da natureza; a sua natureza é serem assim; são efeitos das suas naturezas específicas». Portanto, está aí toda a razão porque a chama faz fundir o sal de Agrigento e a água o faz crepitar: é que esta é a sua natureza. Mas isso parece antes ser contra a natureza que deu, não ao fogo mas à água, a propriedade de dissolver o sal e ao fogo, e não à água, a de queimar. Mas, replicam eles, precisamente a propriedade deste sal está em experimentar efeitos contrários aos outros sais.

É esta também a explicação que dão acerca da mencionada fonte dos Caramantas, cujo veio de água é frio durante o dia, quente durante a noite, propriedade esta sempre incômoda para quem lhe toca;

e também dessa outra fonte, fria ao tacto, que, como todas as outras fontes, apaga uma tocha acesa mas que, mantendo-se ela a mesma, ao contrário das outras, reacende maravilhosamente uma tocha apagada;

e ainda dessa pedra de asbesto que, embora nenhum fogo próprio tenha, uma vez acesa por um fogo alheio, arde de tal maneira que já se não pode apagar;

e muitos outros casos que não me atrevo a relatar. Com certeza que em todos estes casos uma força insólita contra a natureza parece existir; todavia, a seu respeito, não se apresenta outra explicação senão a de se dizer «é esta a sua natureza». Confesso que é uma explicação realmente breve e uma resposta suficiente!

Mas, uma vez que Deus é o autor de todas as naturezas — porque é que eles

não querem que demos uma explicação mais segura, quando não querem aceitar um facto sob pretexto de que é impossível,

nem querem que aos que solicitam uma explicação respondamos ser essa a vontade de Deus Omnipotente? Não é Ele chamado omnipotente porque pode fazer tudo o que quer? Não foi Ele que pôde criar tantas maravilhas que seriam consideradas com certeza impossíveis se não nos estivessem patentes ou não fossem relatadas por testemunhas ainda hoje dignas de fé e que aqui apresentei, quer se trate de coisas absolutamente ignoradas entre nós quer de coisas conhecidíssimas? Mas, entre nós, aqueles casos que não têm outro testemunho além dos autores cujas obras a este respeito lemos e que foram escritas por homens que não foram devidamente ensinados e quiçá se puderam, como homens, enganar — a cada um é licito neles não crer sem incorrer em justificada repreensão.

Nem eu quero que se creia à toa em tudo o que apresentei, pois nem eu mesmo acredito a tal ponto que no meu pensamento não fique alguma dúvida, a não ser quanto aos factos que eu mesmo verifiquei ou que a qual-quer é fácil experimentar, tais como acerca

da cal que ferve na água e fica fria em azeite;

da pedra de Magnésia que, não sei por que invisível absorção, não mexe uma palha e atrai o ferro;

da carne de pavão que não apodrece, quando até a de Platão apodreceu;

da palha tão refrescante que não permite que a neve se derreta e tão quente que força os frutos a amadurecerem;

do fúlgido fogo que, conforme o seu fulgor, ao cozer as pedras as embranquece e, contra esse mesmo fulgor, enegrece a maior parte dos objectos que queima. Casos parecidos são também os seguintes:

manchas escuras resultam do azeite luzidio;

e, com a prata branca imprimem-se linhas negras;

e também com os carvões: pois o que é aquecido pelo fogo de tal modo se converte no contrário, que das mais belas madeiras resultam negros carvões, de duras madeiras resultam frágeis carvões, de madeiras putrescíveis resultam carvões impurescíveis. Com muita gente conheci eu próprio alguns destes factos, alguns os conheci com toda a gente e conheci muitos outros que seria longo inserir neste livro.

Quanto aos factos que referi sem os ter observado mas apenas lido — salvo os casos da fonte em que as tochas acesas se apagam e as extintas se avivam e dos frutos da terra de Sodoma, que por fora parecem maduros mas por dentro são cheios de fumo — não encontrei testemunhos fidedignos dos quais tivesse ouvido que eram verdadeiros. Realmente, ninguém encontrei que me dissesse ter visto essa fonte no Epiro; mas alguns conhecem uma semelhante na Gália, não longe da cidade de Graciano

(*Gratianopolis* = Grenoble)¹. (Acerca dos frutos das árvores dos Sodomitas, referem-se-lhes não só os escritos dignos de fé, mas são tantos os que deles falam por experiência que deles não posso duvidar. Porém, os restantes casos tenho-os em tal conta que nem me resolvi a negá-los nem a afirmá-los; também os citei por os ter lido nas obras deles tidas como históricas e contrárias ao que defendemos — para mostrar quão numerosos são os factos deste género e quão numerosos são os nossos adversários que neles acreditam tal qual como os lêem, sem justificação alguma, nos livros dos seus autores, mas não se dignam crer em nós, mesmo depois de lhes darmos uma explicação, quando afirmamos que o Omnipotente cumprirá o que ultrapassa a sua experiência e os seus sentidos. De facto, que explicação melhor e mais válida se pode oferecer de semelhantes casos do que esta: quando mostramos o Omnipotente como capaz de os realizar, afirmamos que Ele realizará o que se lê como anunciado na Escritura na qual estão vaticinadas muitas outras coisas que — como está demonstrado — Ele cumpriu? Na verdade, Ele próprio as realizará, porque predisse que as havia de realizar, o que foi considerado impossível — Ele que prometeu e fez com que os povos incrédulos acreditassem em coisas incríveis.

¹ H. J. Marrou refere-se a esta fonte que ainda existe. Trata-se da Fonte ardente (Fontaine-Ardente) em Saint Barthélemy du Guâ (Isère), notável pelas emanações de gás natural que alimenta uma chama quase imperceptível (V. Saint Augustin et la fin de la culture antique, p. 145 n.º 4).

Acerca desta fonte escreveu S. Hilário de Arles uma poesia de que restam apenas quatro versos publicados na *Anthologia Latina* (ed. Rièse-Leipzig, I, 906, n.º 487).

Acerca da *Anthologia Latina* ver nota 1 do Cap. XXII do Livro XV.

CAPÍTULO VIII

Não é contra a natureza que, num ser cuja natureza nos é conhecida, comece a ser qualquer coisa diferente do que era conhecido.

Se eles nos responderem que não acreditam no que afirmamos acerca dos corpos humanos, isto é, que estarão sempre a arder mas nunca hão-de morrer —

porque sabemos que a natureza dos corpos humanos é constituída de modo muito diferente,

e porque é impossível, portanto, dar a este respeito a mesma explicação que se dava das maravilhas naturais de forma a poder dizer-se: «É uma força natural, é esta a natureza desta coisa», pois sabemos não ser esta a natureza da carne humana

— achamos nas Sagradas Escrituras com que lhes responder: Precisamente esta carne humana tinha, antes do pecado, uma constituição muito diferente, isto é, nunca poderia suportar a morte; e, depois do pecado, uma outra bem diferente em que ela, nas tribulações desta vida mortal, se revelou incapaz de conservar a vida para sempre. Será, portanto, constituída, na ressurreição dos mortos, de forma diferente da que agora nos é conhecida. Mas, já que não crêem nas Escrituras onde se lê que tipo de homem vivia no Paraíso e quão afastado se encontrava da necessidade da morte (realmente, se eles nisto acreditassem não teríamos tanto trabalho com eles a propósito do futuro castigo dos condenados), será preciso colher dos escritos dos que entre eles foram os mais doutos algo com que se demonstre a possibilidade de um qualquer ente se compor-

tar de maneira diferente daquela por que antes se dava a conhecer segundo as leis da sua natureza.

Nos livros de Marco Varrão com o título de *De gente populi Romani* (A Nação do Povo Romano) está esta frase que vou citar nos precisos termos que lá se vêem. Diz ele:

No céu apareceu um maravilhoso portento: na famosíssima estrela de Vénus, a que Plauto chama Verperúgine (Vesperugo — inis) e Homero Hésperos, dizendo que ela é a mais bela, escreve Castor que nela se verificou este enorme prodígio: mudava de cor, de tamanho, de aspecto e de curso. Tal facto nem antes nem depois se voltou a verificar. Adrasto de Cízico e Díon de Nápoles, célebres astrónomos, afirmam que isto aconteceu sendo rei Ogigo¹.

Com certeza que um tão insigne autor como Varrão não chamaria a isto um portento se não lhe parecesse que ele era contra a natureza. Realmente, dizemos que todos os portentos são contra a natureza; mas não são. Efectivamente, como é que é contra a natureza o que se produz por vontade de Deus, quando é mesmo a vontade de um tão grande criador que constitui a natureza de toda a coisa criada? Um prodígio não sucede, portanto, contra a natureza, mas contra o que conhecemos da natureza. E quem poderá enumerar a multidão dos prodígios que a história dos povos contém? Mas por agora prestemos atenção apenas a um que respeita ao assunto de que estamos a tratar. Que há de tão bem ordenado pelo autor da natureza do Céu e da Terra como o curso ordenadíssimo dos astros? Há alguma coisa tão assegurada por leis definidas e imutáveis? Todavia, quando o quis Aquele que governa a obra

¹ *In caelo mirabile extitit portentum; nam in stella Veneris nobilissima, quam Plautus Vesperuginem, Homerus Hesperon appellat, pulcherrimam dicens, Castor scribit tantum portentum extitisse, ut mutaret colorem, magnitudinem, figuram, cursum; quod factum ita neque antea nec postea sit. Hoc factum Ogygo rege dicebant Adrastos Cyzicenos et Dion Neapolites, mathematici nobilles (a).*

(a) Desta obra de Varrão, que se perdeu, fala Santo Agostinho (in *De civ. Dei*, L. XVIII, c. II). Acerca deste prodígio cfr. Plauto (*Amphytrion*, I, 119).

da sua criação com soberana autoridade e poder — essa estrela, de todas a mais notável pelo seu tamanho e grandeza, mudou de cor, de tamanho, de aspecto e (o que ainda é mais maravilhoso) mudou a ordem e a lei do seu curso. Com certeza que ela perturbou então as tabelas dos astrónomos, se é que elas já existiam, em que eles consignam por escrito os movimentos passados e futuros dos astros com um cálculo quase infalível, e foi seguindo essas tabelas que se atreveram a dizer «isto que aconteceu a Lúcifer² não aconteceu antes nem voltou a acontecer depois».

Mas nós lemos também nos livros divinos que o próprio Sol parou, quando isto pediu ao Senhor Deus o santo varão Jesus Navé (Josué) até que a batalha encetada terminasse, e voltou para trás para que, por este prodígio, junto à promessa de Deus, sejam figurados os quinze anos acrescentados à vida do rei Ezequias. Mas também estes milagres, que são concedidos aos méritos dos santos, quando os infieis admitem que aconteceram, atribuem-nos a artes mágicas. Daí o que Vergílio diz e eu acima citei:

*Deter as águas dos rios e fazer voltar os astros para trás*³.

De facto, — que um rio, deixando correr as águas inferiores, tenha detido o seu curso superior, quando o povo de Deus, sob o comando do acima mencionado Jesus Navé (Josué) dele fazia o seu caminho;

— que o mesmo facto se tenha repetido quando da passagem do profeta Elias e em seguida de seu discípulo Eliseu — é o que lemos nas Sagradas Escrituras;

e, que o maior dos astros voltou para trás quando reinava Ezequias, acabamos de o lembrar. Quanto ao que

² Lúcifer (de *lux* e *fero*), «portador de luz», é a tradução latina de *φωσφόρος*, nome que os gregos davam ao planeta Vénus por, sendo a «estrela da manhã», anunciar a luz do dia.

³ *Sistere aquam fluvii et vertere sidera retro.*

Virgílio, *Eneida*, IV, 489.

Varrão escreve acerca de Lúcifer, não diz o seu livro que isso tenha sido concedido a pedido de um homem.

Não façam, portanto, os incrédulos do conhecimento das naturezas uma fumaceira, como se, pelo poder divino, num ser nada mais se pudesse produzir do que o que eles sabem, por sua experiência humana, existir na sua natureza; aliás, as próprias coisas que, na natureza, são conhecidas de todos, não são menos surpreendentes, e por todos os que as observam deveriam ser consideradas estupendas se os homens se não tivessem habituado a considerar admiráveis apenas as coisas raras. Quem é que, na verdade, tendo consultado a razão, não vê, na inumerável multidão dos homens e na sua tão grande semelhança de natureza, que cada um, tão surpreendentemente possui a sua própria fisionomia, de maneira que, se não fossem entre si semelhantes, as suas espécies não se distinguiriam dos restantes animais, e se, pelo contrário, não fossem entre si dissemelhantes, cada um dos homens não se distinguiria dos demais? Aos que, portanto, declaramos semelhantes, a esses mesmos achamos diferentes. Mas a verificação da dissemelhança ainda é mais de espantar porque a natureza comum parece mais justificadamente exigir a semelhança. E, todavia, porque são as coisas raras que nos causam admiração, maravilharmo-nos muito mais quando encontramos dois de tal forma semelhantes que sempre ou frequentemente erramos ao pretendermos distinguir um do outro.

Mas talvez não creiam ter acontecido o que eu disse ter sido escrito por Varrão, embora ele próprio seja um dos seus historiadores e até o mais douto, ou então talvez se não tenham alarmado com este exemplo, porque a nova rota do referido astro não se manteve durante muito tempo, mas voltou ao normal. Têm, porém, um outro exemplo que poderá ser mostrado agora mesmo e que, julgo eu, deve bastar para os advertir de que, depois de terem observado a constituição de uma natureza e de

terem dela um perfeito conhecimento, devem ter o cuidado de não a oporem a Deus como se Ele não pudesse mudá-la ou convertê-la em qualquer coisa totalmente diferente da conhecida por eles. A terra de Sodoma não foi realmente como agora é; em toda a sua extensão apresentava-se com o mesmo aspecto que as demais e até as ultrapassava em fertilidade; de facto, nos divinos oráculos ela é comparada ao Paraíso de Deus. Mas, depois que foi tocada pelo Céu, como também a história deles no-lo atesta e agora é constatado pelos que chegam a esses lugares, tornou-se objecto de horror no seu monstruoso negrume de fuligem e, sob o aspecto enganador de amadurecimento, os seus frutos ocultam cinza no seu interior. Aí está: não era assim, mas é assim agora. Aí está como pelo criador das naturezas a natureza dessa terra foi transformada, por uma espantosa mudança, nesta fealdade tão diferente — e o que há tão longo tempo aconteceu, por tão longo tempo se mantém.

Portanto, assim como não foi impossível a Deus criar as naturezas que quis, assim também não Lhe é impossível mudar as que criou em tudo o que quiser. Daí surgir como uma floresta essa multidão de milagres chamados monstros (*monstra*), ostensores ou maravilhas (*ostenta*), portentos (*portenta*), prodígios (*prodigia*); se eu quisesse receptá-los e mencioná-los a todos, qual seria o fim desta obra? Os monstros (*monstra*), justificadamente assim chamados, derivam de mostrar (*monstrare*) porque mostram algo, significando-o; os ostensores (*ostenta*) de ostentar (*ostendere*), os portentos (*portenta*) de *portendere*, isto é, *prae-ostendere* (ostentar ou mostrar antecipadamente) e prodígios (*prodigia*) de *porro dicere*, dizer para o futuro porque dizem para o futuro, isto é, predizem o futuro⁴. Mas reparem os intér-

⁴ A etimologia de *prodigium* apresentada por Santo Agostinho é muito discutível. M. Bréal e A. Bailly fazem derivar esta palavra do verbo *ago* (V. *Dict. Etym. Lat.*, 2.^a ed., Pa., p. 5-6). Também é desta opinião Ernout-Millet (V. *Dict. Etym.*, p. 813), autor que se pode ainda consultar acerca das citadas quatro formas de prodígios (*O.c.*, ps. 792 e 629).

prêtes destes fenómenos como são muitas vezes enganados quer por esses fenómenos quer por inspiração dos espíritos que têm a seu cuidado prender nas redes de uma malsã curiosidade os espíritos dos homens merecedores de semelhante castigo; chegam mesmo a anunciar coisas verdadeiras ou então, dizendo tanta coisa, por vezes acertam em alguma verdade.

Quanto a nós, porém, a estes factos que se produzem como que contra a natureza ou se diz que se produzem contra a natureza (o Apóstolo falou desta maneira humana ao dizer que é contra a natureza que o zambujeiro enxertado em oliveira se torna participante da «oleosidade» da oliveira) chamamos-lhes *monstros, ostensores, portentos, prodígios*, porque estes factos devem significar, mostrar, predir e anunciar antecipadamente que Deus realizará tudo o que predisse fazer para o futuro a respeito dos corpos dos homens, sem que se interponha dificuldade alguma, sem que lei alguma da natureza se lhe oponha. Creio que no livro precedente expus com suficiente clareza como é que Ele o predisse, extraindo das Sagradas Escrituras, Novas e Antigas, não tudo, com certeza, o que se relaciona com este assunto, mas o que julguei bastar a esta obra.

CAPÍTULO IX

A Geena e a natureza das penas eternas.

O que Deus disse, por intermédio do seu profeta, acerca do suplicio eterno dos condenados, há-de cumprir-se inteiramente:

*O seu verme não morrerá e o seu fogo não se extinguirá*¹.

Foi para reforçar esta afirmação que até o Senhor Jesus (quando pôs, em vez dos homens, os membros que escandalizam os homens, que cada um ama como aos seus membros do lado direito) diz, ordenando-nos que os amputemos:

*Vale-te mais entrares na vida maneta, do que, tendo as duas mãos, ires para a geena, para o fogo inextinguível, onde o verme não morre nem o fogo se extingue*².

E, a propósito do pé, diz de modo semelhante:

*Vale-te mais entrares na vida eterna coxo, do que, tendo os dois pés, seres lançado na geena do fogo inextinguível, onde o verme não morre e o fogo se não extingue*³.

¹ *Vermis eorum non morietur et ignis eorum non extinguetur.*

Isaías, LXVI, 24.

² *Bonum est tibi debilem introire in vitam quam duas manus habentem ire in gehennam, in ignem inextinguibilem, ubi vermis eorum non moritur et ignis non extinguitur.*

Marcos, IX, 43-44.

³ *Bonum est tibi claudum introire in vitam aeternam quam duos pedes habentem mitti in gehennam ignis inextinguibilis, ubi vermis eorum non moritur et ignis non extinguitur.*

Id. Ib., IX, 45-46.

A propósito do olho não fala de maneira diferente:

*Vale-te mais entrares zarolho no reino de Deus, do que, tendo os dois olhos, seres lançado na geena do fogo, onde o verme não morre e o fogo se não extingue*⁴.

Não lhe repugnou proferir por três vezes as mesmas palavras numa só passagem. Quem não treme perante esta repetição, esta tão veemente proclamação de tal castigo pela boca divina?

Os que pretendem referir um e outro dos suplicios (ou seja, o do fogo e o do verme) ao castigo da alma e não ao do corpo chegam a dizer que os que vierem a ser afastados do reino de Deus serão queimados por uma dor de alma, arrependendo-se tardia e infrutuosamente e, por isso, pretendem que se pode falar, sem inconveniente, de fogo em vez de dor ardente; daí esta frase do Apóstolo:

*Quem é que se scandaliza sem que eu me abraze?*⁵

Julgam que também o verme deve ser entendido da mesma maneira. Efectivamente, dizem eles, está escrito:

*Assim como a traça rói a roupa e o caruncho a madeira, assim a tristeza rói o coração do homem*⁶.

Mas os que não duvidam de que, nesse suplicio, os castigos serão tanto da alma como do corpo, afirmam que o corpo arderá no fogo e a alma será como que roída pelo verme da tristeza. Embora o mais provável seja o que se acaba de dizer, porque, realmente, é absurdo que falte a dor, tanto do corpo como da alma, direi, todavia, que é mais fácil atribuir ao corpo tanto o fogo como o verme do que nem um nem outro lhe atribuir; e assim, naquelas palavras da Sagrada Escritura não se fala da dor da alma porque se

⁴ *Borum est tibi luscum introire in regnum Dei quam duos oculos habentem mitti in gehennam ignis, ubi vermis eorum non moritur et ignis non extinguitur.*

Id. Ib., IX, 47-48.

⁵ *Quis scandalizatur, et non ego uror?*

II Corínt., XI, 29.

⁶ *Sicut tinea vestimentum et vermis lignum, sic maeror excruciat cor viri.*

Prov., XXV, 20.

compreende, mesmo que se não diga, que é uma consequência lógica que a alma, perante o corpo que sofre, seja ela também torturada por um estéril arrependimento. Realmente, lê-se nas Antigas Escrituras:

*A punição da carne do ímpio é o fogo e o verme*⁷. Poder-se-ia dizer mais concisamente: *Punição do ímpio*. Porque é então que se disse *a carne do ímpio* senão porque um e outro, isto é, o fogo e o verme, serão o castigo da carne? Ou, se se quis dizer *punição da carne*, porque no homem será punido o facto de ter vivido segundo a carne (de facto, é por isso que ele incorrerá na segunda morte que o Apóstolo designa ao dizer:

*Mas se viverdes em conformidade com a carne, então morrereis*⁸),

escolha cada um a opinião que lhe aprouver: ou referir o fogo ao corpo e o verme à alma — um no sentido próprio, outro no sentido figurado, ou referir os dois ao corpo, no sentido próprio. Realmente, já mais acima suficientemente deixei provado que até há animais que podem viver no fogo sem se consumirem e sofrer sem morrerem, por um milagre do omnipotentíssimo Criador. Quem nega que isto lhe é possível ignora de quem seja tudo o que em todas as naturezas se admira. Foi, de facto, o próprio Deus quem fez neste Mundo todas as maravilhas, grandes e pequenas, que mencionámos e incomparavelmente mais, que não mencionámos, e as colocou neste Mundo, maravilha única e a maior de todas. Cada um escolha, portanto, das duas opiniões a que lhe aprouver: que o verme se refere propriamente ao corpo ou, em sentido figurado, à alma, transpondo-se este termo das coisas corporais para as coisas incorpóreas. Mas qual das duas opiniões é a verdadeira, a

⁷ *Vindicta carnis impii ignis et vermis.*

Ecles., VII, 19.

⁸ *Si enim secundum carnem vixeritis, moriemini.*

Rom., VIII, 13.

própria realidade no-lo ensinará claramente quando a ciência dos santos for tão grande que já lhes não seja necessária a experiência para conhecerem estes castigos e lhes bastar a sua sabedoria, que será então plena e perfeita, para isto conhecer (porque agora nós conhecemos em parte até que chegue o que é perfeito); pelo menos não queiramos de modo algum acreditar que os corpos hão-de ser tais que não possam ser affectados de dor alguma pelo fogo.

CAPÍTULO X

Se o fogo da Geena é corporal poderá ele, por seu contacto, queimar os espíritos malignos, isto é, os demónios incorpóreos?

Aqui ocorre-nos perguntar: se o fogo não for incorpóreo, como o é a dor da alma, mas corpóreo, molesto ao contacto, de modo a poder torturar os corpos — como é que nele se verificará o castigo dos espíritos malignos? Realmente, conforme disse Cristo, o mesmo fogo será destinado ao suplício tanto dos homens como dos demónios:

*Afastai-vos de mim, malditos, para o fogo eterno que já está preparado para o Diabo e os seus anjos*¹.

A não ser que os demónios tenham também um certo tipo de corpos, como julgam alguns homens doutos, corpos esses constituídos por esse ar espesso e húmido de que sentimos o movimento quando o vento sopra. Este género de elemento, se nada pudesse sofrer no fogo, posto em ebulição nos banhos não queimaria. De facto, para queimar deve antes ser queimado e actua ao mesmo tempo que é afectado. Mas se se pretende que os demónios não têm corpos, não há que trabalhar mais numa afanosa pesquisa nem que trabalhar em teimosas discussões. Porque é que, realmente, não dizemos que os espíritos incorpóreos podem ser atormentados com a pena de um fogo corpóreo, de forma real, embora maravilhosa, se os espíritos dos

¹ *Discedite a me, maledicti, in ignem aeternum, qui paratus est diabolo et angelis ejus.*

Mat., XXV, 41.

homens, sem dúvida incorpóreos eles também, puderam ser agora encerrados em membros corpóreos e poderão depois ficar ligados aos seus próprios corpos por vínculos indissolúveis? Se não têm corpos, aderirão, estes espíritos dos demónios, ou melhor, estes espíritos-demónios incorpóreos, a fogos-corpóreos para por estes serem torturados: não é que estes fogos, a que eles se hão-de ligar, nesta união recebam um sopro de vida (*inspirentur*) e se tornem em seres animados, compostos de espírito e de corpo, mas, como já disse, nesta forma maravilhosa e inexprimível de união, receberão do fogo o seu castigo sem ao fogo darem vida; porque também este outro modo, em conformidade com o qual os espíritos se unem aos corpos e os tornam vivos, é a tal ponto maravilhoso que nem pelo próprio homem pode ser compreendido — e, no entanto, isso é o próprio homem.

O que eu diria é que esses espíritos sem qualquer espécie de corpo arderão, como ardia nos infernos aquele rico quando dizia:

*Sou atormentado nesta chama*²,

se eu não notasse que me poderiam propositadamente responder que tal chama era da mesma natureza que os olhos que ele levantou e lhe fizeram ver Lázaro, da mesma natureza que a língua para a qual desejou que lhe derramassem um pouco de líquido, da mesma natureza que o dedo de Lázaro ao qual pediu que isto lhe fosse feito — e, todavia, as almas estavam lá sem corpo. Se, portanto, é incorpórea esta chama que queima e esta gotinha que ele suplica, são então como as visões dos que dormem ou dos que, em êxtase, vêem coisas incorpóreas apresentando, porém, as aparências dos corpos. É que o próprio homem, quando está em tais visões em espírito e não com o corpo, vê-se então tão semelhante ao seu corpo que não é capaz

² *Crucior in hac flamma.*

Lucas, XV, 24.

de dele se distinguir. Mas essa geena que também se chama *lago de fogo e de enxofre* (*stagnum ignis et sulphuris*) será um fogo corpóreo e atormentará os corpos dos condenados, quer dos homens quer dos demónios — sólidos os dos homens, aéreos os dos demónios — ou apenas os corpos dos homens com os seus espíritos e os dos demónios-espíritos sem corpos, unindo-se ao fogo corpóreo para dele absorverem a pena sem com ele partilharem a vida. Um só, realmente, será o fogo para uns e outros, como o afirmou a Verdade.

CAPÍTULO XI

Haverá uma razão de justiça para que a duração das penas não seja mais extensa do que a dos pecados?

Alguns daqueles, contra os quais defendemos a Cidade de Deus, consideram injusto que, pelos pecados, por muito graves que sejam, cometidos, sem dúvida, num curto espaço de tempo, alguém seja condenado a uma pena eterna — como se a justiça legal vez alguma tomasse isso em consideração, para impor a cada um uma pena proporcional ao tempo que o delito levou a cometer. Escreve Cícero que nas leis há oito géneros de penas: a multa (*damnum*), a prisão (*vincula*), os açoites (*verbera*), o talião, a ignomínia, o exílio, a morte, a servidão. A não ser a de talião, qual destas é a que restringe a sua duração à brevidade própria de cada delito, de maneira a ser este punido durante um tempo estritamente igual àquele de que se usou para o cometer? Realmente, o talião exige que cada um pague o que fez. Daí a expressão da lei:

*Olho por olho, dente por dente*¹.

Pode-se, de facto, fazer com que alguém perca um olho, devido a severa punição, em tão breve tempo quanto ele próprio demorou em arrancá-lo a outrem por criminosa perversidade. Pelo contrário, se é razoável castigar com o azorrague o beijo dado à mulher de outrem — não é verdade que aquele que o fez num instante seja açoutado durante horas, tempo incomparavelmente mais longo, e que a doçura duma breve volúpia seja castigada por um

¹ *Oculum pro oculo, dentem pro dente.*
Êxodo, XX, 24.

longo sofrimento? Quê! algum juiz decidirá que deve estar aprisionado durante tanto tempo quanto o que demorou ao fazer o que lhe valeu as cadeias? Nesse caso não expia com toda a justiça durante longos anos um escravo, aferrolhado em grilhões por ter ferido ou atingido seu senhor, de palavras ou com um golpe, no mais célere instante? Na verdade, a multa, a ignomínia, o exílio, a servidão, que, a maior parte das vezes são impostas sem nenhuma indulgência a amenizá-las, não são, parece, em relação à extensão desta vida, semelhantes às penas eternas? Claro está que não podem ser eternas porque nem a própria vida que por estas penas é castigada se prolonga pela eternidade. Todavia, os pecados que são punidos com penas de muita longa duração, são cometidos num brevíssimo espaço de tempo e jamais houve quem pensasse que os tormentos dos que cometem o mal devem terminar num espaço de tempo tão rápido como aquele em que foi cometido o homicídio, o adultério, o sacrilégio ou qualquer outro crime a avaliar, não pela duração do tempo utilizado, mas pela magnitude da iniquidade ou da impiedade. O que é condenado à morte por um crime grave, será que as leis avaliam o seu suplício pelo tempo, que é brevíssimo, em que é executado e não porque o tiram para sempre da sociedade dos vivos? Tirar os homens desta sociedade mortal pelo suplício da primeira morte corresponde a tirar os homens da cidade imortal pelo suplício da segunda morte. Efectivamente, assim como as leis da cidade mortal não fazem com que à vida volte um homem executado, assim também as leis da cidade imortal não fazem com que volte à vida eterna um condenado à segunda morte. Como é então verdade, replicam eles, o que diz o vosso Cristo:

*Pela medida com que medirdes, por essa medida sereis medidos*²,

² *In qua mensura mensi fueritis, in ea remetietur vobis.*

Lucas, VI, 38.

se um pecado temporal é punido com um suplício eterno? Não reparam que se disse que esta medida é a mesma, não devido a um igual espaço de tempo mas devido a uma igual troca de mal, isto é, quem tiver feito o mal pagará com o mal. Aliás, isto poderia ter sido tomado no sentido próprio na questão de que o Senhor falava quando isso dizia, isto é, quando falava acerca de julgamentos e condenações. Consequentemente, quem julga e condena injustamente, se for julgado e condenado justamente, recebe na mesma medida, embora não receba o que deu. Fê-lo, realmente, por um julgamento e, por um julgamento, sofre — embora tenha feito, por condenação, o que é iníquo e por condenação sofrerá o que é justo.

CAPÍTULO XII

Magnitude do primeiro pecado. Por causa dele a todos os que estiverem fora da graça do Salvador é devida a pena eterna.

Uma pena eterna parece dura e injusta para a sensibilidade humana porque, nesta fraqueza das nossas faculdades destinadas à morte, falta aquele sentido da altíssima e puríssima sabedoria com que se possa conceber quão grande foi o crime cometido na primeira queda. Efectivamente, quanto mais o homem gozava de Deus com tanto maior impiedade o homem abandonou a Deus e se tornou digno dum mal eterno aquele que em si destruiu um bem que poderia ser eterno. Daí resulta que se tenha tornado em *massa condenada* (*massa damnata*) todo o género humano — porque o primeiro que esse crime cometeu, foi punido com a sua estirpe, que nele estava radicada, de maneira que ninguém é libertado deste justo e merecido castigo a não ser por uma graça misericordiosa e imerecida; e assim se distribui o género humano: nuns patenteia-se o que pode a graça misericordiosa, e noutros a justa vindicta. Não poderia mostrar-se uma coisa e outra — graça e vindicta — em todos porque, se todos ficassem nas penas duma justa condenação, em nenhum se patentearia a graça misericordiosa e, ao invés, se todos fossem transferidos das trevas para a luz, em nenhum se patentearia a verdade da punição. Neste caso estão muitos mais homens do que naquele para que, assim, se mostre o que a todos era devido. E, se a todos fosse dado esse devido, ninguém teria a reprovar justificadamente a justiça do vingador; porque, porém, são em tão grande número os libertados, é caso para que sejam dadas as maiores graças pelo dom gratuito do libertador.

CAPÍTULO XIII

Contra a opinião dos que julgam que para serem purificados é que aos criminosos são aplicados castigos após a morte.

Os Platónicos, embora desejem que nenhum pecado fique sem castigo, são, porém, de opinião que todas as penas são aplicadas para correcção, quer elas sejam applicadas por leis divinas ou humanas, quer o sejam nesta vida ou depois da morte, quer o seu castigo haja sido perdoado cá ou tenha cá ficado sem correcção. Daí vem este pensamento de Vergílio Marão em que, depois de ter falado dos corpos terrestres e dos membros votados à morte, isto diz da alma:

Daí vem que elas temam e desejem, sintam dor e rejubilem, mas os céus

*Não olham, fechadas nas trevas e em cárcere sem vista*¹,

e, prossequindo, acrescenta estas palavras:

*Nem mesmo quando a claridade suprema da vida os abandona*²

(isto é, quando, no último dia, esta vida os abandonar)

*Porém nem todo o mal às míseras, nem inteiramente todas
As manchas corporais as deixam, inteiramente necessário é*

¹ *Hinc metuunt cupiuntque, dolent gaudentque, nec auras
Suspiciunt, clausae tenebris et carcere caeco.*

Virgílio, *Eneida*, VI, 733-734.

² *Quin et supremo cum lumine vita reliquit,
Id. Ib., VI, 735.*

*Que durante muito tempo muitos vícios condensados de
espantosos modos se desenvolvam.*

São, pois, atormentadas com penas e dos crimes passados

Pesam os suplícios; umas balanceiam-se inertes

Aos ventos suspensas, a outras no vasto abismo

*O infesto crime é lavado ou no fogo queimado*³.

Os que são desta opinião não admitem depois da morte
senão penas purificadoras — e porque a água, o ar e o fogo
são os elementos superiores da terra, é por meio de algum
destes que será purificado, através de penas expiatórias, o
que se manchou com o contágio terrestre. Realmente, o ar
está referido nestas palavras:

*Aos ventos suspensas*⁴;

a água nestas:

*No vasto abismo*⁵;

mas o fogo é designado pelo seu nome, ao dizer-se:

*Ou no fogo é queimado*⁶.

Nós, porém, confessamos que realmente também nesta
vida mortal há penas purgativas. Tais penas não são apli-
cadas àqueles cujas vidas não melhoram nem pioram, mas
são purgativas para aqueles que, castigados com elas, se
corrigem. Todas as outras penas, quer temporárias quer
eternas, conforme cada um deve ser tratado pela divina

³ *Non tamen omne malum miseris, nec funditus omnes*

Corporeae excedunt pestes, penitusque necesse est

Multa diu concreta modis inolescere miris.

Ergo exercentur poenis veterumque malorum

Supplicia expendunt; aliae panduntur inanes

Suspensae ad ventos, aliis sub gurgite vasto

Infectum eluitor scelus aut exurit igni.

Id. Ib., VI, 736-742.

⁴ *Suspensae ad ventos*

Id. Ib., VI, 741.

⁵ *Sub gurgite vasto*

Id. Ib., VI, 741.

⁶ *Aut exurit igni.*

Id. Ib., VI, 742.

Providência, applicam-se aos pecados passados ou actuais em que vive ainda aquele a quem são applicados, quer para o exercitar quer para pôr as virtudes em evidência por meio de homens ou de anjos bons e maus. De facto, se alguém, por maldade ou erro de outrem, sofrer algum mal, realmente peca o homem que por ignorância ou por injustiça faz a outrem algo de mal; mas quem não peca é Deus que permite que tal aconteça por um justo, embora occulto, desígnio. Mas uns sofrem as penas temporais apenas nesta vida, outros depois da morte, outros tanto agora como então — todavia, sempre antes desse juízo, o último e o mais severo, é que as sofrerão. Porém, nem todos aqueles que, depois da morte, sofrerem penas temporais, cairão nas penas eternas que virão após esse juízo — porque a alguns o que não foi remido neste século, remido será no século futuro, isto é, não serão punidos, como já acima declarámos, com o suplicio eterno do século futuro.

CAPÍTULO XIV

Penas temporais desta vida às quais a condição humana está sujeita.

Raríssimos são os que nenhumas penas sofrem nesta vida mas apenas depois dela. Todavia, nós próprios conhecemos e ouvimos falar que tem havido alguns que nunca sentiram nem sequer a mais leve ponta de febre e levaram uma vida tranquila até à decrepita velhice. Contudo, a própria vida dos mortais é toda ela uma pena, porque toda ela é tentação, como o proclamam as Sagradas Escrituras onde está escrito:

*Não é certo que a vida do homem sobre a Terra é uma tentação?*¹

Efectivamente, não é pequena pena a própria ignorância ou inexperiência que com razão se procura evitar ao ponto de se obrigarem as crianças, com castigos pães de dor, a aprenderem as artes e as letras — e o próprio facto de aprenderem, a que são obrigados com castigos, é-lhes de tal forma penoso que por vezes preferem suportar esses castigos com que os obrigam a aprender, a terem que aprender. Quem é que não fica horrorizado e prefere morrer se lhe for proposto ou a morte ou repetir de novo a infância? O próprio facto de esta começar a tecer a teia da vida, não com risos mas com choros, anuncia de certo modo, sem saber, os males em que acaba de entrar. Ao que se diz, só Zoroastro é que se riu ao nascer, mas esse

¹ *Numquid non temptatio est vita humana super terram?*
Job., VII, I.

prodigioso riso nada de bom lhe augurou. Efectivamente, conta-se que ele foi inventor das artes mágicas, mas estas, na verdade, nem para a vã felicidade da vida presente lhe puderam ser úteis contra os seus inimigos, pois foi vencido na guerra quando era rei dos Vactrianos, por Nino, rei dos Assírios. Na verdade, o que está escrito:

Um pesado jugo se põe por cima dos filhos de Adão desde o dia em que saíram do ventre de sua mãe até ao dia da sepultura na mãe de todos²,

é absolutamente necessário que se cumpra, e até ao ponto de as próprias criancinhas, livres já, pelo banho da regeneração do pecado original, único vínculo que as mantinha escravizadas, algumas padecerem inúmeras calamidades e por vezes suportarem até os assaltos dos espíritos malignos. Oxalá que este sofrimento não lhes seja, na verdade, prejudicial se em tal idade acabarem a vida por esse sofrimento se agravar e expulsar a alma do corpo!

² *Grave jugum super filios Adam a die exitus de ventre matris eorum usque in diem sepulturae in matrem omnium.*

Eclesiastes, XL, I.

CAPÍTULO XV

Toda a obra da graça de Deus, ao retirar-nos das profundezas do antigo mal, se orienta para a renovação do século futuro.

Na verdade, o assombroso mal que se acha no pesado jugo que foi colocado em cima dos filhos de Adão, desde o dia da saída do ventre de sua mãe até ao dia da sepultura na mãe de todos, serve para que sejamos sóbrios e compreendamos que esta vida se tornou para nós penosa desde aquele abominável pecado cometido no Paraíso; — e tudo o que nos é proposto pelo Novo Testamento não pertence senão à nova herança do novo século de modo que, tendo recebido cá o penhor, receberemos, a seu tempo, aquilo de que é penhor; mas por agora caminhemos na esperança, avançando de dia para dia, e mortifiquemos pelo espírito as obras da carne. Efectivamente,

*o Senhor conhece os que são dele e todos os que são conduzidos pelo Espírito de Deus, esses são filhos de Deus*¹, mas pela graça, que não pela natureza. Realmente, o único Filho de Deus pela natureza, fez-se, por nossa causa, por misericórdia, filho do homem, para que nós, filhos de homem por natureza, por Ele nos tornemos filhos de Deus pela graça. Mantendo-se Ele próprio na verdade imutável, aquela nossa natureza, em que nos tomou, tomou-a Ele de nós: e, firme na sua divindade, tornou-se participante da

¹ *Novit Dominus qui sunt ejus; et quotquot spiritu Dei aguntur, hi filii sunt Dei.*

Rom., VIII, 14.

nossa fraqueza, para que nós, mudados para melhor, perdêssemos o que somos — mortais e pecadores — , tornando-nos participantes do que Ele é — justo e imortal — e que guardemos, cheios do soberano bem, na bondade da sua natureza, o que Ele de bom fez na nossa natureza. Com efeito, assim como, por um só homem que pecou, caímos nesse tão grave mal, assim também, por um só homem, sendo este o próprio Deus, que justifica, chegamos a esse tão sublime bem. Mas ninguém deve pensar que passou de um ao outro estado, senão quando estiver lá onde nenhuma tentação haverá, senão quando possuir a paz que procura pelos numerosos e vários combates desta guerra na qual a carne desejou contra o espírito e o espírito contra a carne. Ora esta guerra jamais teria existido, se a natureza humana tivesse persistido pelo seu livre arbítrio na rectidão em que foi criada. Mas agora, ela que, feliz, não quis ter a paz com Deus — infeliz, está em guerra consigo própria e, embora seja este um mal calamitoso, este mal é, todavia, melhor do que os primórdios desta vida. Realmente, é melhor combater contra os vícios do que por eles ser dominado sem combate. É melhor, digo eu, a guerra com a esperança duma paz eterna do que o cativo sem pensamento algum de libertação. É certo que desejamos ver-nos livres desta guerra e ardemos no fogo do divino amor para desfrutarmos essa paz onde tudo está em ordem, onde as coisas inferiores estão submetidas às superiores na mais firme estabilidade. Mas se (oxalá que não) nenhuma esperança houvesse de um tão grande bem, devíamos mesmo assim preferir mantermo-nos nas dificuldades desse conflito a admitirmos em nós o império dos vícios, não lhes resistindo.

CAPÍTULO XVI

Leis da graça que regem todas as idades dos regenerados.

Na verdade, a misericórdia de Deus é tão grande para com os *vasos* da misericórdia que Ele preparou para a sua glória

que, mesmo a primeira idade do homem, isto é, a infância, que está sujeita à carne sem resistência alguma,

depois a segunda idade, que se chama puerícia, em que a razão não empreendeu ainda a luta e jaz submetida a todos os deleites viciosos, — porque, embora já seja capaz de falar e por isso pareça ter ultrapassado a infância¹, nela ainda a fraqueza do espírito não é capaz de comandos,

— se as crianças dessas idades tiverem recebido os sacramentos do mediador e nessas idades acabarem a vida, transferidas seguramente do poder das trevas para o Reino de Cristo,

não só não estarão destinadas aos suplícios eternos

mas também não sofrerão, na verdade, tormento algum purificador depois da morte. A simples regeneração espiritual basta, de facto, para evitar que, depois da morte, lhe cause um prejuízo o que a geração carnal contraiu juntamente com a morte. Quando se tiver, porém, chegado à idade em que, já se compreende o preceito e se pode já sujeitar ao império da lei, é preciso declarar

¹ Santo Agostinho relaciona a «infância» com a capacidade de falar (*fari*). De facto, infante é o que ainda não fala (*infans*). — V. Ernout-Meillet, *Dict. Etym. de la langue latine*, p. 436.

guerra aos vícios e conduzi-la vigorosamente para que se não seja arrastado a pecados merecedores de condenação. Porque, se os vícios ainda não estão realmente arraigados pelo hábito da vitória são mais facilmente vencidos e desaparecem; mas, se os vícios se acostumaram a vencer e a comandar, só serão dominados à custa dum difficil trabalho. Mas isto não se faz duma maneira verdadeira e sincera senão pelo amor da verdadeira justiça; e esta está na fé de Cristo. De facto, se a lei que ordena está presente, mas está ausente o espírito que ajuda, a própria proibição faz crescer o desejo do pecado, que acaba por triunfar, acrescentando a culpabilidade à prevaricação. É certo que, por vezes, vícios bem patentes são dominados por outros vícios ocultos que são tomados por virtudes, entre os quais reina a soberba e uma certa ruínosa preocupação de a si mesmo agradar. Por isso devem considerar-se dominados os vícios apenas quando são dominados pelo amor de Deus, amor que só o próprio Deus concede e por mais ninguém senão pelo Mediador entre Deus e os homens, o homem Jesus Cristo, que se tornou participante da nossa mortalidade para nos fazer a nós participantes da sua divindade. São, porém, muito poucos os participantes da enorme felicidade de não cometerem desde o início da adolescência nenhuns pecados merecedores da condenação, tais como acções escandalosas, factos criminosos, erros de qualquer abominável impiedade, mas com grande largueza de espírito reprimem tudo o que neles se possa tornar dominante em deleite carnal. A maior parte, depois de ter conhecido a obrigação da lei, foi primeiro vencida pelos vícios agora dominantes, e tornaram-se transgressores da lei, mas depois refugiaram-se na graça adjuvante, pela qual, depois de fazerem a mais amarga penitência e de travarem o mais veemente combate, se tornam vencedores, submetendo primeiro o espírito a Deus e conseguindo depois o domínio sobre a carne. Quem, portanto, desejar evitar as penas eternas, não só se deve baptizar mas também justificar-se em Cristo — e desta maneira

passará do Diabo para Cristo². Não se julgue, porém, que haverá penas purgativas a não ser antes do último e tremendo juízo. O que de modo nenhum se pode negar é que o fogo eterno será mais doloroso para uns e mais leve para outros, conforme a diferença de méritos, embora maus, de cada um, quer porque a violência e o ardor variam conforme a pena devida a cada um, quer porque queima da mesma forma mas não é sentido com igual sofrimento.

² Santo Agostinho considera o baptismo, em qualquer caso, necessário para a salvação. Hoje, todavia, os teólogos são mais indulgentes e compreensivos a este respeito. — V. L. Caperan, *Le problème du salut des infidèles*, 2.^a ed., Toulouse, 1934.

CAPÍTULO XVII

Dos que julgam que para ninguém haverá penas de duração eterna.

E agora reparo que devo ocupar-me dos nossos *miseri- cordiosos* e pacatamente discutir com aqueles que não que- rem crer que venha a haver uma pena eterna nem para todos os homens que o mais justo dos juizes julgar mere- credores do suplício da Geena nem mesmo, para alguns deles. Julgam que, decorridos certos períodos de tempo, mais longos ou mais breves, conforme a importância do pecado de cada um, serão todos libertados. Nesta questão o mais *miseri cordioso* foi com certeza Orígenes, que acredita- tou que o próprio Diabo e os seus anjos, após suplícios mais graves e mais prolongados, conforme as suas culpas, devem ser tirados dos seus tormentos e associados aos san- tos anjos. Mas, não sem razão, a Igreja condenou-o por causa disso e por causa de outros casos, principalmente por causa daqueles períodos de felicidade e de desgraça, que se alternam sem cessar, e daquele vaivém sem fim, desta para aquela e daquela para esta, em períodos fixos de séculos. De resto, ele perdeu aquilo que no fazia pare- cer misericordioso, criando para os santos verdadeiros misérias pelas quais eles sofreriam penas e falsas beatitudes nas quais já não teriam o gozo do bem sempiterno, verda- deiro e seguro, isto é, certo e sem receios. Mas quão diversamente, devido ao sentimento humano, se desenca- minha a misericórdia dos que consideram temporais os sofrimentos dos homens condenados por tal juízo, mas eterna a felicidade de todos os que, mais cedo ou mais

tarde, forem libertados! Se esta opinião é boa e verdadeira porque é misericordiosa, será tanto melhor e mais verdadeira quanto mais misericordiosa for. Alargue-se, portanto, e torne-se mais funda a fonte dessa misericórdia até aos anjos condenados e que sejam libertados das suas penas, pelo menos depois de muitos e larguíssimos séculos, tantos quantos quisermos! Porque é que ela se derrama por toda a natureza humana e, quando chegar à natureza angélica, logo se estanca? Não ousam, porém, estender a sua compaixão até chegarem à libertação do próprio Diabo. Na verdade, se alguém o ousasse, venceria, sem dúvida, os outros. Todavia, cairia num erro tanto mais exagerado e contrário ao recto sentido da palavra de Deus, quanto maior sentimento de clemência julga ter.

CAPÍTULO XVIII

Dos que julgam que no juízo final, graças à intercessão dos santos, nenhum homem será condenado.

Há também aqueles, com os quais eu próprio contactei em conversas, que, parecendo embora que veneram as Sagradas Escrituras, nos seus costumes são censuráveis e, defendendo a sua própria causa, atribuem a Deus, para com o género humano, uma misericórdia muito maior que os precedentes. Efectivamente, reconhecem que o que foi predito da parte de Deus acerca dos maus e dos infiéis é realmente verdadeiro, porque o merecem; mas, quando se chegar ao julgamento, a misericórdia prevalecerá, pois Deus misericordioso lhes perdoará em atenção às orações e intercessões dos seus santos. Se, de facto, estes oravam por eles quando os suportavam como inimigos, quanto mais quando os virem prostrados humildes e suplicantes! Nem, na verdade, se pode crer, dizem eles, que os santos venham a perder então as *entranhas de misericórdia*, quando forem duma santidade pleníssima e perfectíssima. Eles que então oravam pelos seus inimigos quando eles próprios não eram sem pecado, não hão-de orar agora por quem lhes supplica, quando começarem a não ter mais pecados? Ou será que, na verdade, Deus não atenderá tantos e tais filhos seus quando já não encontrar na sua grande santidade nenhum impedimento à eficácia das suas orações?

Os que admitem que os homens infiéis e ímpios só serão atormentados durante um longo período mas depois serão arrancados de todos os seus males, e mais ainda,

aqueles de que falo, afirmam que a seu favor têm o testemunho do salmo em que se lê:

*Será que Deus se esquecerá de ter compaixão ou que fechará a sua compaixão na sua ira?*¹

A sua cólera, dizem eles, está em, sendo Ele próprio o juiz, todos os indignos da felicidade eterna serem punidos com o eterno suplício. Mas se Ele permite que haja um suplício, longo ou não, necessariamente, para que isso possa acontecer, Ele terá de encerrar a sua compaixão na sua cólera; mas o Salmo diz que não há-de acontecer assim, pois ele não diz:

Será que Ele fechará por muito tempo na sua cólera a sua compaixão?

mas diz claramente que sem dúvida a não fechará.

Assim, pois, pretendem eles, a ameaça do juízo de Deus não é mentirosa, embora a ninguém venha a condenar, do mesmo modo que não podemos dizer que é mentirosa a sua ameaça de destruir Nínive. E, todavia, dizem eles, não aconteceu o que tinha predito sem qualquer condição. Com efeito, Ele não disse *Nínive será destruída se não fizerem penitência e se não se corrigirem*, mas, sem acrescentar esta condição, anunciou que se havia de verificar a destruição dessa cidade. Por isso eles julgam que esta ameaça é verdadeira porque Deus predisse aquilo de que eram na verdade merecedores de sofrer, embora ele próprio não venha a executá-lo. Embora tenha perdoado, de facto, aos que fizeram penitência, dizem eles, o certo é que não ignorava que eles haviam de a fazer — e, todavia, Ele predisse duma forma absoluta e definitiva que a sua destruição se havia de verificar. Esta verdade estava, portanto, na realidade da sua severidade, porque a mereciam; mas não estava na intenção da compaixão que Ele não

¹ *Numquid obliviscetur misereri Deus aut continebit in ira sua miserationes suas?*

Salmo LXXXI (LXXXII), 10.

encerrou na sua ira — de maneira que Ele os poupou, a eles suplicantes, dessa pena com que os tinha ameaçado na sua rebelião. Se então os poupou, continuam eles, quando, ao poupá-los, viria a entristecer o seu santo profeta — quanto mais não os poupará a eles, que suplicam da maneira mais comovedora, quando todos os seus santos lhe suplicarem que perdoe?

Mas o que suspeitam nos seus corações, julgam eles que as Sagradas Escrituras o calaram para que muitos se corrijam com medo de castigos muito longos ou eternos, e haja quem com medo de castigos muito longos possa orar por aqueles que se não tenham corrigido; mas julgam que os divinos oráculos o não calaram de todo. Realmente, a que diz respeito, dizem eles, o que está escrito:

*Quão grande, Senhor, é a superabundância da tua
doçura, que escondeste dos que te temem*²,

senão a que compreendamos que a doçura tão abundante e secreta da misericórdia divina se escondeu por causa do temor? Acrescentam ainda que foi pela mesma razão que o Apóstolo disse:

*Deus, de facto, fechou-os a todos na infidelidade para
de todos ter compaixão*³,

com o que quis significar que por Ele ninguém será condenado. Todavia, nem os que isto pensam, estendem a sua opinião até à libertação e à condenação do Diabo e dos seus anjos. Realmente, sentem-se comovidos por uma compaixão humana para com os homens apenas, e defendem principalmente a sua própria causa, prometendo aos seus depravados costumes uma falsa impunidade, graças à como que universal clemência de Deus para com o género humano: mas nisso ultrapassá-los-ão, ao exaltarem a misericórdia de Deus os que até ao príncipe dos demónios e aos seus satélites prometem esta impunidade.

² *Quam multa multitudo dulcedinis tuae, Domine, quam abscondisti timentibus te*

Salmo XXX (XXXI), 20.

³ *Conclusit enim Deus omnes in infidelitate, ut omnium misereatur.*

Rom., XI, 32.

CAPÍTULO XIX

**Dos que prometem, mesmo aos herejes,
a impunidade de todos os seus pecados,
devido à sua participação no Corpo de Cristo.**

Há ainda outros que prometem a libertação do suplício eterno, se não a todos os homens, pelo menos àqueles que foram lavados pelo baptismo de Cristo e se tornaram participantes do seu corpo, de qualquer maneira que tenham vivido, seja qual for a heresia ou a impiedade em que tenham estado, devido a estas palavras ditas por Jesus:

*Este é o pão que desceu do Céu. Se alguém dele comer, não morrerá. Eu sou o pão vivo que desci do Céu. Se alguém comer deste pão, viverá eternamente*¹.

Necessário é, portanto, — dizem eles — que os que são arrancados à morte eterna, cheguem um dia à vida eterna.

¹ *Hic est panis qui de caelo descendit, si quis ex ipso manducaverit, non moriatur. Ego sum panis vivus, qui de caelo descendi. Si quis manducaverit ex hoc pane, vivet in aeternum.*

João, VI, 50-51.

CAPÍTULO XX

Dos que prometem o perdão, não a todos, mas apenas aos batizados na Igreja Católica, mesmo que, mais tarde, se precipitem em muitos erros e crimes.

Há ainda os que isto prometem, não a todos os que têm o sacramento do batismo de Cristo e do seu corpo, mas apenas aos católicos, mesmo que tenham vivido mal, porque eles comeram o corpo de Cristo não como simples sacramento mas como a própria realidade, ficando enxertados no seu próprio corpo, acerca do qual diz o Apóstolo:

*Somos um só pão, somos um só corpo, nós que somos muitos*¹;

assim, mesmo que depois caiam em alguma heresia ou até na idolatria dos gentios, pela simples razão de que no corpo de Cristo, isto é, na Igreja Católica, receberam o batismo de Cristo e comeram o corpo de Cristo, não morrerão para sempre mas conseguirão um dia a vida eterna — e toda a sua impiedade, por maior que tenha sido, não contribuirá para a eternidade das suas penas para a sua duração e intensidade.

¹ *Unus panis, unum corpus multi sumus.*
I Corínt., X, 17.

CAPÍTULO XXI

Daqueles que concluem que, devido ao fundamento da sua fé, se hão-de salvar os que permanecerem na fé Católica, mesmo que vivam muito mal e por isso mereçam a pena do fogo.

Há, porém, os que, devido ao que está escrito:

*Aquele que perseverar até ao fim, esse será salvo*¹, prometem, mas apenas aos que perseverarem na Igreja Católica, mesmo que vivam mal, o seguinte: através do fogo serão salvos pelo mérito do fundamento de que fala o Apóstolo:

*Com efeito, um fundamento diferente, além daquele que já foi posto — e que é Jesus Cristo —, ninguém pode pôr. Mas se alguém edificar sobre esse fundamento com ouro, com prata, com pedras preciosas, com madeira, com feno, com palha, a obra de cada um se mostrará como é; efectivamente, o dia porá a claro a obra de cada um porque é pelo fogo que ela se mostrará. E será o fogo que provará de que qualidade era a obra de cada um: Se a obra daquele que a construiu resistir, receberá ele a recompensa; mas se a sua obra arder sofrerá ele o prejuízo. Ele próprio será salvo, todavia, como quem passa pelo fogo*².

¹ Qui perseveraverit usque in finem, hic salvus erit.

Mat., XXIV, 13.

² *Fundamentum enim aliud nemo potest ponere praeter id, quod positum est, quod est Christus Jesus. Si quis autem aedificat super fundamentum aurum, argentum, lapides pretiosos, ligna, fenum, stipulam; uniuscujusque opus manifestabitur; dies enim declarabit, quoniam in igne revelabitur, et uniuscujusque opus quale sit ignis probabit. Si cujus opus permanserit quod supraaedificavit, mercedem accipiet. Si cujus autem opus arserit, damnum patietur; ipse autem salvus erit, sic tamen quasi per ignem.*

I Corínt., III, 11-15.

Dizem eles, portanto, que um cristão católico tem Cristo como fundamento da sua vida qualquer que ela seja, e este fundamento nenhuma heresia o possui, separada como está deste corpo; e precisamente por causa deste fundamento, mesmo que o cristão católico seja de má vida — como quem tiver edificado com madeira, com feno, com palha —, pensam eles que será salvo pelo fogo, isto é, que será libertado depois das penas desse fogo com que serão punidos os maus no juízo final.

CAPÍTULO XXII

Dos que julgam que não serão chamados a juízo de condenação aqueles crimes que foram cometidos ao mesmo tempo que se praticavam esmolas.

Sei que há também os que julgam que só arderão na eternidade do dito suplício os que negligenciaram em dar proporcionadas esmolas pelos seus pecados, conforme o dito do apóstolo Tiago:

*Mas haverá um juízo sem misericórdia para aquele que não usou de misericórdia*¹.

Aquele, portanto, que as fez, dizem eles, mesmo que não tenha mudado para melhor os seus costumes, mas, enquanto deu esmolas, tenha vivido escandalosa e depravadamente, o juízo há-de ser-lhe feito com misericórdia e assim ou não lhe será aplicada condenação alguma, ou, depois de algum tempo, curto ou longo, será liberto da condenação. Julgam eles que foi por isso que o próprio juiz dos vivos e dos mortos não quis evocar nenhuma outra coisa mais que as esmolas dadas ou omitidas, nas palavras que virá a dirigir quer aos da direita, aos quais há-de conceder a vida eterna, quer aos da esquerda, os quais há-de condenar ao suplício eterno. Dizem eles que é isto que tem por fim o pedido quotidiano na oração dominical:

¹ *Judicium autem sine misericordia illi, qui non fecit misericordiam.*
Tiago, II, 13.

*Perdoa-nos as nossas dívidas como nós perdoamos aos nossos devedores*².

Com efeito, todo aquele que esquece e perdoa um pecado a outrem que o ofendeu, não há dúvida de que está fazendo uma esmola. Foi mesmo isto o que o Senhor nos recomendou ao dizer:

*Se realmente perdoardes aos homens os seus pecados, também o vosso Pai vos perdoará os vossos pecados; mas se não os perdoardes aos homens, também o vosso Pai que está nos Céus vos não perdoará*³.

Portanto, também faz parte deste género de esmolos o que disse o apóstolo Tiago: que há-de ser sem misericórdia o juízo proferido contra aquele que não praticou a misericórdia. Nem o Senhor, dizem eles, falou dos grandes ou dos pequenos pecados mas apenas:

*Vosso Pai vos perdoará os vossos pecados se também vós os perdoardes aos homens*⁴.

Por isso pensam eles que, mesmo àqueles que tenham vivido dissipadamente até fecharem o último dia da sua vida, por esta oração todos os pecados, de qualquer natureza e gravidade que sejam, lhes serão perdoados quotidianamente, tal qual como se recita todos os dias nesta oração, se se lembrarem de observar isto: que perdoem do coração, quando lhes pedirem perdão aqueles que os ofenderam.

Quando tiver respondido, com a ajuda de Deus, a todas estas questões, então é que este livro deve ser dado por findo.

² *Dimitte nobis debita nostra, sicut et nos dimittimus debitoribus nostris.*
Mat., VI, 12.

³ *Si enim dimiseritis peccata hominibus, dimittet vobis et pater vester peccata vestra; si autem non dimiseritis hominibus, neque pater vester, qui in caelis est, dimittet vobis.*

Mat., VI, 14-15.

⁴ *Dimittet vobis pater vester peccata vestra, si et vos dimiseritis hominibus.*

Id. Ib.

CAPÍTULO XXIII

Contra a opinião dos que afirmam que não serão perpétuos os suplícios quer do Diabo quer dos homens maus.

Convém, antes de tudo, investigar e saber porque é que a Igreja não pôde admitir a opinião dos homens que anunciam a purificação e o perdão, mesmo ao Diabo, depois das maiores e mais prolongadas penas.

Não é que tantos santos e tantos homens instruídos nas Sagradas Escrituras, Antigas e Novas, vejam com maus olhos a purificação e a felicidade do Reino dos Céus, após suplícios seja de que natureza e de que intensidade forem, aos anjos qualquer que seja o seu género e dignidade, mas viram antes que não podia ser anulada nem enfraquecida a decisão divina que o Senhor anunciou que virá a proferir e a estabelecer no julgamento:

*Afastai-vos de mim, malditos, para o fogo eterno que está preparado para o Diabo e seus anjos*¹,

(realmente, mostra-se por esta forma que um fogo eterno queimará o Diabo e os seus anjos), nem podia ser anulado o que também está escrito no Apocalipse:

*O Diabo que os seduzia foi lançado num lago de fogo e de enxofre com a besta e o falso profeta e aí serão torturados dia e noite pelos séculos dos séculos*².

¹ *Discedite a me, maledicti, in ignem aeternum, qui paratus est diabolo et angelis ejus.*

Mat., XXV, 41.

² *Diabolus, qui seducebat eos, missus est in stagnum ignis et sulphuris, quo et bestia et pseudopropheta; et cruciabuntur die et nocte in saecula saeculorum.*

Apoc., XX, 9-10.

O que acolá está escrito é «eterno» (*aeternum*) e o que aqui está escrito é «pelos séculos dos séculos» (*in saecula saeculorum*) — palavras com que a Sagrada Escritura nada mais costuma significar senão o que não tem fim no tempo. Por consequência, a mais autêntica fé deve manter como firme e imutável que não haverá regresso algum do Diabo e dos seus anjos ao estado de justificação e à vida dos santos; nem outro motivo mais justo e mais manifesto disto se pode encontrar a não ser este: a Escritura, que a ninguém engana, assegura que Deus não lhes perdoou, estando, portanto, sob uma primeira condenação, encerrados entretanto nas negras masmorras do Inferno, reservadas para o castigo do juízo final, quando forem lançados ao fogo eterno, onde serão atormentados pelos séculos dos séculos.

Se isto é assim, como é que os homens, todos ou alguns, serão subtraídos à eternidade desta pena, depois de um certo tempo, por mais prolongado que se queira, sem imediatamente se desvirtuar a fé pela qual cremos que o suplício dos demónios será eterno? Com efeito, se, daqueles de quem se diz:

*Afastai-vos de mim, malditos, para o fogo eterno que está preparado para o Diabo e seus anjos*¹,

todos ou alguns deles não estarão lá sempre, que razões há para se crer que hão-de lá estar para sempre o Diabo e os seus anjos? Será por acaso que a decisão de Deus, proferida contra os maus, sejam eles anjos ou homens, será verdadeira para com os anjos e falsa para com os homens? Assim será com certeza se valer mais, não o que disse Deus mas o que os homens conjecturam. Porque isso não pode acontecer, não devem discutir contra Deus, mas antes, enquanto é tempo, obedecer ao preceito divino aqueles que desejam escapar ao suplício eterno. Depois, que vem a ser isso de considerar como eterno um suplício num fogo de longa duração, e a vida eterna crê-la sem fim — quando Cristo disse, na mesma passagem e numa única frase, unindo uma e outra:

*Assim estes irão para o suplício eterno, mas os justos para a vida eterna?*³

Se um e outro são eternos, certamente que um e outro são de longa duração, com um fim, ou um e outro são perpétuos, sem fim. De facto, são referidos par a par: dum lado o suplício eterno, do outro lado a vida eterna. Mas dizer numa só e mesma expressão: «A vida eterna será sem fim, o suplício eterno terá um fim» é por demais absurdo. Portanto: já que a vida eterna dos santos será sem fim, também o suplício eterno, dos que o merecerem, com certeza não terá fim.

³ *Sic ibunt isti in supplicium aeternum, justi autem in vitam aeternam?*
Mat., XXV, 46.

CAPÍTULO XXIV

Contra a opinião dos que julgam que, no juízo de Deus, serão poupados todos os réus, devido às orações dos Santos.

Isto vale também contra os que, defendendo as suas próprias causas, tentam, sob o pretexto de uma maior misericórdia, ir contra as palavras de Deus. Para eles seriam estas, realmente, verdadeiras porque os homens merecem sofrer o que Deus disse que hão-de sofrer, mas não porque o hajam de sofrer.

Efectivamente, perdoar-lhes-á, dizem eles, devido às preces dos seus santos, que rezarão então pelos seus inimigos tanto mais quanto mais santos são na verdade, e a sua oração será mais eficaz e mais digna de ser por Deus escutada pois nenhum pecado terão. Então porque é que eles nessa perfectíssima santidade não hão-de rogar, com puríssimas preces cheias de misericórdia, capazes de tudo obterem, a favor mesmo dos anjos para os quais está preparado o fogo eterno, para que Deus mitigue a sua sentença, se volte para mais brandura e os desvie desse fogo? Por acaso haverá alguém que tenha a presunção de dizer que isso há-de acontecer, afirmando que até os próprios santos anjos, juntamente com os homens santos que então serão iguais aos anjos de Deus, hão-de orar por aqueles que devem ser condenados, anjos ou homens, para que, por misericórdia, não tenham de sofrer o que mereciam sofrer por justiça? Isto é que ninguém de autêntica fé disse, isto é que ninguém dirá. Pelo contrário, nenhuma razão há para que, nem ainda agora, ore pelo Diabo e seus anjos a Igreja à qual Deus, seu Mestre, ordenou que orasse pelos seus

inimigos. A causa devido à qual acontece que a Igreja não ora agora pelos maus anjos, que sabe serem seus inimigos, é a mesma causa devido à qual acontecerá que então, no referido juízo, embora seja perfeita a sua santidade, não orará também pelos homens condenados ao fogo eterno. Realmente, por agora, roga pelos que ela tem por inimigos porque é o tempo da frutuosa penitência. De facto, que é que ela sobretudo implora senão, como diz o Apóstolo, que

*Deus lhes conceda o arrependimento e abram os olhos para as armadilhas do Diabo que os mantém cativos de acordo com a própria vontade dele?*¹

Enfim — se ela acerca de alguns estivesse tão segura que conhecesse quais são os que, embora ainda estabelecidos nesta vida, estão predestinados a ir com o Diabo para o fogo eterno, não oraria por eles tal como por este não ora. Mas, porque não está segura acerca de nenhum, ora por todos os homens, mesmo inimigos, vivendo neste corpo — todavia não é ouvida em relação a todos. De facto, só é ouvida em relação aos que, embora se oponham à Igreja, são, no entanto, predestinados, de maneira que a Igreja é ouvida a seu favor e chegam a tornar-se filhos da Igreja. Mas se alguns conservarem até à morte um coração impenitente e de inimigos se não converterem em filhos — será que a Igreja ora por eles, isto é, por almas de tais defuntos? Porque é assim, senão porque já se conta no partido do Diabo aquele que não se passou para Cristo quando ainda vivia no corpo?

A razão por que se não rogará então pelos homens que devem ser punidos com o fogo eterno é a mesma razão pela qual nem agora nem então se não ora pelos maus anjos e é ainda pela mesma razão por que desde já se não ora pelos infieis e pelos ímpios defuntos, embora se

¹ *Det illis Deus paenitentiam et respiscant de diaboli laqueis, a quo captivi tenentur secundum ipsius voluntatem.*

II Timót., II, 25-26.

ore pelos homens. Realmente, a oração da própria Igreja ou de outras pessoas piedosas por alguns defuntos é ouvida; mas é ouvida a favor dos regenerados em Cristo, cuja vida corporal não foi tão desordenada que se considerem indignos duma tal misericórdia, nem tão ordenada que da mesma misericórdia não tenham necessidade. Assim também, ressuscitados que sejam os mortos, não faltarão alguns a quem, depois das penas que sofrem as almas dos defuntos, se fará misericórdia, para que não sejam enviados para o fogo eterno. Com efeito, não se diria com verdade acerca de alguns que não se lhes perdoará nem neste século nem no futuro se não houvesse outros a quem se lhes perdoará no futuro, embora se lhes não perdoe neste. Mas quando o juiz dos vivos e dos mortos disser:

*Vinde, benditos de meu Pai, possuí o reino que vos está preparado desde a constituição do Mundo*²,

e aos outros, ao contrário:

*Afastai-vos de mim, malditos, para o fogo eterno que está preparado para o Diabo e seus anjos*³,

e forem

*estes para o suplício eterno, mas os justos para a vida eterna*⁴,

é duma excessiva presunção afirmar que o suplício eterno não existirá para nenhum daqueles aos quais Deus disse que hão-de ir para o suplício eterno, e fazer, graças à persuasão dessa presunção, que se desespere da própria vida ou que se duvide da vida eterna.

² *Venite, benedicti patris mei, possidete paratum vobis regnum a constitutione mundi.*

Mat., XII, 32.

³ *Discedite a me, maledicti, in ignem aeternum, qui paratus est diabolo et angelis eius*

Mat., XXV, 34 (41, 46).

⁴ *isti in supplicium aeternum, justi autem in vitam aeternam.*

Mat., XXV, 46.

Ninguém, portanto, entenda o salmo que canta:

*Será que Deus se esquecerá de ter compaixão e encerrará a sua misericórdia na sua ira?*⁵

de maneira a que se pense que a sentença de Deus será verdadeira para os homens bons e falsa para os maus — ou verdadeira para os homens bons e os anjos maus e falsa para os homens maus. Com efeito, o que o salmo diz, refere-se aos vasos de misericórdia e aos filhos da promessa, um dos quais era o próprio profeta que, depois de ter dito:

*Será que Deus se esquecerá de ter compaixão e encerrará a sua misericórdia na sua ira?*⁵,

logo acrescenta:

*E eu disse: comecei agora: esta é a mudança da direita do Altíssimo*⁶.

Explicou, sem dúvida, o que disse:

*Será que encerrará a sua misericórdia na sua ira?*⁷

De facto, a cólera de Deus é também esta vida mortal em que o homem se torna semelhante à vaidade: os seus dias passam como a sombra. Mas, nesta cólera, Deus não se esquece de ter compaixão, fazendo nascer o sol sobre os bons e sobre os maus e fazendo chover sobre os justos e sobre os injustos — e é assim que Ele não retém a sua misericórdia na sua cólera; principalmente no que exprime este salmo ao dizer:

*Comecei agora; esta é a mudança da direita do Altíssimo*⁸,

porque nesta vida atribuladíssima, que é cólera de Deus, Ele muda para melhor os vasos de misericórdia, embora a

⁵ *Numquid obliviscetur misereri Deus aut continebit in ira sua miserationes suas?*

Salmo LXXVI (LXXVII), 10.

⁶ *Et dixi: Nunc coepi, haec est immutatio dexteræ Excelsi.*

Salmo LXXVI (LXXVII), 11.

⁷ *Numquid continebit in ira sua miserationes suas?*

II Timóteo., II, 25-26.

⁸ *Nunc coepi, haec est immutatio dexteræ Excelsi.*

Salmo LXXVI (LXXVII), 11.

sua cólera subsista ainda na miséria desta corrupção — porque, mesmo na sua ira, Ele não retém as suas misericórdias. Se, portanto, a verdade deste canto divino se cumpre desta maneira, não é necessário compreendê-la como referindo-se ao lugar onde são punidos com um suplício eterno os que não pertencem à Cidade de Deus. Mas aqueles a quem agrada estender esta sentença até aos tormentos dos ímpios, entendam-na pelo menos de maneira que, mesmo permanecendo neles a cólera de Deus, que foi predita para o eterno suplício, Deus não retém na sua cólera as suas misericórdias e faz com que eles não sejam torturados com penas tão atrozes quanto mereciam — mas não a entendam que eles jamais sofreriam essas penas ou estas acabariam um dia, mas sim que sofrerão penas mais suaves e mais leves do que as que merecem. Desta forma não só a cólera de Deus se manterá, como também não conterà, na própria cólera, as suas misericórdias. Não apresento mais provas porque ainda não acabei.

De resto àqueles que julgam ter sido dito, mais como ameaça do que como realidade:

*Afastai-vos de mim, malditos, para o fogo eterno*⁹,

e:

*Esses irão para o suplício eterno*¹⁰,

e ainda:

*Serão torturados pelos séculos dos séculos*¹¹

e:

*O seu verme não morrerá e o fogo não se extinguirá*¹²

e o mais deste género — não sou tanto eu como a própria Sagrada Escritura que os refuta e os confunde da forma

⁹ *Discedite a me, maledicti, in ignem aeternum.*

V. supra nota 3.

¹⁰ *Ibunt isti in supplicium aeternum.*

Mat., XXV, 46.

¹¹ *Cruciabuntur in saecula saeculorum*

Apoc., XX, 10.

¹² *Vermis eorum non morietur et ignis non extinguetur*

Isaías, LXVI, 24; Marcos, IX, 44.

mais clara e mais completa. Realmente, os nivivitas fizeram penitência nesta vida, e por isso frutuosa, como quem semeia num campo em que Deus quer que se semeie com lágrimas e se colha na alegria; quem negará, porém, que neles não foi cumprido o que o Senhor predisse, a não ser quem pouco repare na maneira como Deus abate os pecadores, não só quando está irado, mas também quando está compadecido? De facto, os pecadores são abatidos de dois modos — ou como os Sodomitas, e são os próprios homens que são punidos pelos seus pecados; ou como os Ninivitas, e são os próprios pecados dos homens que são destruídos pela penitência. O que Deus predisse aconteceu portanto: Nínive, a que era má, foi destruída, e a boa Nínive, que não existia, foi edificada. Mantêm-se de pé as suas muralhas e as suas casas, foi arrasada a cidade nos seus perdidos costumes. E assim, embora o profeta ficasse contristado porque não aconteceu o que aqueles homens receberam que, segundo a sua profecia, acontecesse, aconteceu, porém, o que fora predito por Deus presciente, pois aquele que predisse sabia de que maneira, para melhor, se cumpriria isso.

Mas esses, de misericórdia pervertida, para que conheçam o alcance do que está escrito:

*Quão grande é, Senhor, a superabundância da tua doçura que tu escondeste dos que te temem!*¹³

leiam o que se segue:

*Completaste para os que em ti esperam*¹⁴.

Que significa:

*Escondeste dos que te temem e completaste-a para os que em ti esperam*¹⁵,

¹³ *Quam multa multitudo dulcedinis tuae, Domine, quam abscondisti timentibus te!*

Salmo XXX (XXX), 20.

¹⁴ *Perfecisti autem sperantibus in te.*

Id. Ib.

¹⁵ *Abscondisti timentibus, perfecisti sperantibus*

Id. Ib.

senão que a justiça de Deus não é bondosa para os que, por medo das penas, querem edificar a sua própria justificação fundada na lei, pois desconhecem a de Deus? Com efeito, não a saborearam. Porque esperam em si próprios e não n'Ele, e por isso lhes é escondida a abundância da doçura de Deus; porque na verdade temem Deus, mas com aquele temor servil que não está na caridade pois a caridade lança fora o temor. Por isso, para aqueles que n'Ele esperam, aperfeiçoa a sua doçura, neles insuflando o seu amor, para que, deste casto temor, não do que a caridade deita fora, mas daquele que permanece no século dos séculos, quando eles se gloriem, que se gloriem no Senhor. Na verdade, a justiça de Deus é Cristo que, como diz o Apóstolo,

*Deus tornou para nosso benefício, em sabedoria, justiça, santificação e redenção, para que, como está escrito, quem se gloria, glorie-se no Senhor*¹⁶.

Esta justiça de Deus que concede a graça sem méritos, não a conhecem aqueles que pretendem edificar a sua própria justiça e por isso não se submetem à justiça de Deus que é Cristo. Nesta justiça é que está aquela superabundância da doçura de Deus a propósito da qual se diz no Salmo:

*Saboreai e vêde como o Senhor é doce*¹⁷.

E nós, na verdade, saboreamo-la nesta peregrinação sem a tomarmos até à saciedade, mas antes dela temos fome e sede, para que ela nos sacie mais tarde, quando o virmos como Ele é e se cumprir o que está escrito:

*Ficarei saciado quando se manifestar a tua glória*¹⁸.

Assim Cristo cumula com a superabundância da sua doçura

¹⁶ *Factus est nobis sapientia a Deo et justitia et sanctificatio, et redemptio, ut, quem ad modum scriptum est, qui gloriatur, in Domino gloriatur.*

I Corínt., I, 30-31.

¹⁷ *Gustate et videte quam dulcis est Dominus.*

Salmo XXXIII (XXXIV), 9.

¹⁸ *Saturabor, cum manifestabitur gloria tua.*

Salmo XVI (XVII), 15.

os que n'Ele esperam. Mas, se esta doçura, que Deus esconde aos que O temem, é a que eles julgam — aquela pela qual ele não condenará os ímpios, para que, tal ignorando e receando serem condenados, eles vivam rectamente e se possa assim orar por aqueles que vivem mal — como é então que Ele pode completá-la para aqueles que n'Ele esperam quando, realmente, como sonham, graças a esta doçura Ele não condenará os que n'Ele não esperam? Procuremos, pois, essa sua doçura com que cumula os que n'Ele esperam e não aquela com que se julga que cumulará os que O desprezam e contra Ele blasfemam. É em vão que o homem procura, depois de deixar este corpo, o que não procurou adquirir por si próprio quando estava neste corpo.

Também estas palavras do Apóstolo:

*Com efeito, Deus fechou-os a todos na infidelidade para a todos fazer misericórdia*¹⁹

nem por isso querem dizer que Ele a ninguém virá a condenar, mas mais acima ficou patente em que sentido foram ditas. Com efeito, quando, acerca dos Judeus que no futuro viriam a crer, o Apóstolo falava aos gentios, escrevia as suas epístolas aos que já eram crentes, dizendo:

*Com efeito, assim como outrora não acreditastes em Deus, mas agora obtivestes misericórdia devido à incredulidade deles, também eles agora não acreditaram na misericórdia para convosco, para que também eles obtenham misericórdia*²⁰.

A seguir, acrescentando estas palavras em que erradamente se comprazem, diz:

*Com efeito, Deus fechou-os a todos na infidelidade para a todos fazer misericórdia*¹⁹.

¹⁹ *Conclusit enim Deus omnes in infidelitate ut omnium misereatur.*

Rom., XI, 32.

²⁰ *Sicut enim vos aliquando non credidistis Deo, nunc autem misericordiam consecuti estis illorum in credulitate; sic et hi nunc non crediderunt in vestram misericordiam, ut et ipsi misericordiam consequantur.*

Rom., XI, 30-31.

Quem são esses *todos* senão aqueles de quem estava a falar, como se dissesse *tanto vós, como eles*? Deus, portanto, encerrou-os a todos na infidelidade, tanto aos gentios como aos Judeus que ele conheceu antecipadamente e predestinou a serem conformes à imagem de seu Filho, para que, confusos e arrependidos da amargura da sua infidelidade, se voltassem pela fé para a bondade da misericórdia divina e pudessem cantar com o salmo:

*Quão grande é, ó Senhor, a superabundância da tua doçura, que tu escondeste dos que te temem, mas tornaste completa para os que esperam, não em si mas em ti!*²¹

Ele tem, portanto, compaixão de todos os *vasos* de misericórdia. A quem se refere este *todos*? Não, evidentemente, a todos os homens, mas àqueles, tanto gentios como Judeus, que Ele predestinou, chamou, justificou e glorificou, entre os quais nenhum condenado haverá.

²¹ *Quam multa multitudo dulcedinis tuae, Domine, quam abscondisti timentibus te, perfecisti autem sperantibus, non in se, sed in te!*

Salmo XXX, 20.

CAPÍTULO XXV

Se poderão esperar, devido ao favor dos sacramentos, a remissão do suplicio eterno — os que foram baptizados no seio da heresia e depois ainda se tornaram piores por levarem má vida;
— os que, renascidos na Igreja Católica, se passaram para o cisma ou a heresia,
— ou os que, renascidos na Igreja Católica, dela se não afastaram mas vivem criminosamente.

Mas, para já, respondamos também aos que, como estes últimos, não prometem a libertação do fogo eterno nem ao Diabo nem aos seus anjos nem mesmo a todos os homens, mas apenas aos que foram purificados com o baptismo de Cristo e tornados participantes do seu corpo e sangue, de qualquer maneira que tenham vivido, em qualquer heresia ou impiedade em que tenham caído. Mas o Apóstolo contradi-los aos dizer:

*São manifestas as obras da carne, que são: fornicação, impureza, luxúria, serviço dos ídolos, magia, inimizades, discórdias, rivalidades, animosidades, dissensões, heresias, invejas, embriaguês, orgias e outras a estas semelhantes; previno-vos, como já vos preveni, de que os que cometem tais acções não possuirão o reino de Deus*¹.

¹ *Manifesta autem sunt opera carnis, quae sunt fornicatio, immunditia, luxuria, idolorum servitus, veneficia, inimicitiae, contentiones, aemulationes, animositates, dissensiones, haereses, invidiae, ebrietates, comisationes et his similia; quae praedico vobis, sicut praedixi, quoniam qui talia agunt, regnum Dei non possidebunt.*

Gál., V, 19-21.

Esta sentença do Apóstolo é com certeza falsa se homens destes possuírem o reino de Deus, libertados que sejam depois de quanto tempo se quiser. Mas porque ela não é falsa, com certeza que eles não possuirão o reino de Deus. E se nunca estiverem na posse do reino de Deus, estarão detidos no suplício eterno, pois não há um lugar intermédio onde não esteja em suplício quem não for colocado naquele reino.

Por isso o que o Senhor Jesus diz:

*Este é o pão que desceu do Céu, para que, se alguém dele comer, não morra. Eu sou o pão vivo que descí do Céu; se alguém comer deste pão, viverá para sempre*²,

é caso para se perguntar como se deve entender. Na verdade, aqueles a quem agora respondemos ficam refutados por aqueles que havemos de refutar a seguir: são estes os que prometem tal libertação não a todos os que têm o sacramento do baptismo e do corpo de Cristo, mas apenas aos católicos, por pior que tenham vivido, porque, dizem eles, comeram o corpo de Cristo não só em sacramento mas na sua própria realidade, estando, bem entendido, incorporados no seu próprio corpo do qual diz o Apóstolo:

*Somos um só pão, somos um só corpo — nós que somos muitos*³.

Aquele que está na unidade do seu corpo, isto é, no organismo de que os Cristãos são os membros, — e é o sacramento deste corpo que os fiéis que comungam têm o costume de receber no altar — esse mesmo é que deve dizer que come o corpo de Cristo e bebe o sangue de Cristo. E por isso os hereges e os cismáticos, separados da unidade do corpo d'Ele, podem receber o mesmo sacramento, mas este não

² *Hic est panis qui de caelo descendit, ut, si quis ex ipso manducaverit, non moriatur. Ego sum panis vivus qui de caelo descendit; si quis manducaverit ex hoc pane, vivet in aeternum.*

João, VI, 50-52.

³ *Unus panis, unum corpus multi sumus.*

I Corínt., X, 17.

lhes é útil, antes, pelo contrário, é-lhes mesmo prejudicial esse sacramento pelo qual serão rigorosamente julgados em vez de serem, mesmo tardiamente, libertados. Na verdade, não estão naquele vínculo da paz que se exprime por tal sacramento.

Por outro lado, mesmo os que compreendem correctamente que se não deve dizer que comem o corpo de Cristo os que não estão no corpo de Cristo, prometem indevidamente aos que saíram da unidade do referido corpo para a heresia ou mesmo para a superstição dos gentios, a libertação, algum dia, do fogo do eterno suplício. Devem considerar

— em primeiro lugar, quão insustentável e totalmente afastado da sã doutrina seria, que muitos, quase todos, que fundaram heresias ímpias, saindo da Igreja Católica, e se tornaram heresiarcas, gozariam de melhores condições do que aqueles que nunca foram católicos e caíram nas suas redes: é o que seria, se o motivo que livra esses heresiarcas do suplício eterno fosse o facto de terem sido baptizados na Igreja Católica e terem recebido o sacramento do corpo de Cristo quando ainda estavam no verdadeiro corpo de Cristo; na verdade, o que é desertor da fé e de desertor se transforma em perseguidor, é pior do que aquele que não desertou daquilo que nunca tinha professado;

— em segundo lugar, porque também contra eles aparece o Apóstolo a proferir as mesmas palavras, depois de ter enumerado as obras da carne, declarando com a mesma verdade:

*Porque os que cometem tais acções não possuirão o reino de Deus*⁴.

Não devem, portanto, estar muito seguros nos seus perdidos e condenáveis costumes os que se mantiverem

⁴ *Quoniam qui talia agunt, regnum Dei non possidebunt.*
Gál., V, 19-21.

realmente até ao fim na comunhão da Igreja Católica, fixando-se no que está dito:

*Aquele que perseverar até ao fim, esse será salvo*⁵, e que, pela iniquidade da sua vida, abandonam o que Cristo é para eles — justiça de vida — quer fornicando, quer cometendo no seu corpo outras imundas torpezas que o Apóstolo nem quis nomear, quer deixando-se levar na torpeza da luxúria, quer cometendo alguma outra dessas acções das quais ele diz:

Porque os que cometem tais acções não possuirão o reino de Deus

e por isso todos aqueles que praticam tais acções, não estarão senão no suplício eterno, porque no reino de Deus é que não poderão estar. Na verdade, não se pode dizer daqueles que perseverarem nas suas faltas até ao fim desta vida que eles perseveraram em Cristo até ao fim, porque perseverar em Cristo é perseverar na sua fé, fé esta que, como a definiu o Apóstolo,

*opera por amor*⁶,

mas o amor (*dilectio*), como ele próprio diz noutra parte, *não pratica o mal*⁷.

Nem, portanto, esses podem dizer que comem o corpo de Cristo, porque nem sequer se podem contar entre os membros de Cristo. Para não dizer mais nada — eles não podem ser ao mesmo tempo membros de Cristo e membros da meretriz. Finalmente é o próprio Cristo que diz:

*Aquele que come a minha carne e bebe o meu sangue permanece em mim e eu nele*⁸.

⁵ *Qui perseveraverit usque in finem, hic salvus erit.*

Mat., X, 22.

⁶ *Per dilectionem operatur.*

Gál., V, 6.

⁷ *Malum non operatur.*

I Corínt., XIII, 4; Rom., XIII, 40.

⁸ *Qui manducat carnem meam et bibit sanguinem meum, in me manet, et ego in eo.*

João, VI, 57.

Isto mostra o que é comer o corpo de Cristo e beber o seu sangue não apenas no sacramento mas na verdadeira realidade; é, de facto, permanecer em Cristo, para que Cristo permaneça também em nós. Efectivamente, o que disse é como se dissesse: *O que não permanece em mim e em quem eu não permaneço, não deve dizer ou pensar que come o meu corpo e bebe o meu sangue.* Não permanecem, portanto, em Cristo os que não são membros d'Ele. Mas não são membros de Cristo os que se tornam membros da meretriz — a não ser que deixem de o ser fazendo penitência por esse mal, e voltem para este bem pela reconciliação.

CAPÍTULO XXVI

Que significa ter Cristo por fundamento? E a quem é feita a promessa de que será salvo como que passando pelo fogo?

Os cristãos católicos, dizem eles, têm Cristo por fundamento, de cuja unidade se não separaram, mesmo que, sobre este fundamento, tenham edificado a pior das vidas, como se fosse com madeira, ferro, palha; é por isso que a sua recta fé, graças à qual Cristo é fundamento, embora com dano porque o que sobre ele foi edificado arderá, poderá, todavia, salvá-los um dia da eternidade desse fogo.

Responda-lhes o Apóstolo Tiago em poucas palavras:

*Se alguém disser que tem fé, mas não tiver obras, poderá a fé salvá-lo?*¹

Mas então, replicam eles, quem é aquele de que fala o apóstolo Paulo:

*Mesmo esse será salvo, mas como que pelo fogo?*²

Procuremos do conjunto saber quem é este: se um diz *mesmo que alguém tiver más obras, a fé salvá-lo-á pelo fogo* e o outro diz *se não tiver obras, poderá a fé salvá-lo?* — é mais do que certo, para não pormos em contradição o ditos dos dois apóstolos, que se não trata da mesma pessoa.

Teremos, portanto, encontrado quem pode ser salvo pelo fogo se antes tivermos achado o que é ter Cristo por

¹ *Si quis dicat se fidem habere, opera autem non habeat, numquid poterit fides salvare eum?*

Tiago, II, 14.

² *Ipse autem salvus erit, sic tamen quasi per ignem?*

I Corínt., III, 15.

fundamento. Servindo-nos da mesma imagem, ponhamos desde já isto a claro: num edificio nada se põe antes dos fundamentos; por isso é que, se alguém tem Cristo no coração de tal modo que não põe antes d'Ele nem as coisas terrenas e temporais, nem mesmo as que são lícitas e permitidas — esse tem Cristo por fundamento, mas se as põe antes de Cristo, mesmo quando lhe pareça que em Cristo tem fé, Cristo nele não é o fundamento; muito mais deixará de ter Cristo por fundamento se, desprezando salutaes preceitos, comete actos ilícitos, e é manifesto não que o antepõe, mas sim que propõe Cristo, colocando-o em segundo lugar quer quando Ele ordena quer quando permite, quando, contra as suas ordens ou permissões, opta por cevar a sua paixão com torpezas. Se, portanto, um Cristão ama uma meretriz e, unindo-se a ela, se torna num só corpo, já não tem Cristo por fundamento. Todavia, se alguém amar a sua esposa, se a amar segundo Cristo, quem é que irá duvidar de que Cristo não lhe serve de fundamento? Mas se ele a amar segundo este século, carnalmente, na morbidez da concupiscência, como fazem os gentios que ignoram a Deus, até isso o Apóstolo tolera por condescendência, e, por palavras do Apóstolo, Cristo. Portanto, até este pode ter Cristo por fundamento. Realmente, se nada de semelhante a esta afeição e volúpia lhe antepõe, embora edifique com madeira, com feno, com palha, Cristo continua a ser o fundamento e por isso será salvo pelo fogo. Na verdade, o fogo das tribulações queimará as delicias desse género e os amores terrenos não condenáveis em razão da união conjugal; a esse fogo pertencem as perdas dos familiares e as desgraças de qualquer espécie que suprimem tais delicias. Por isso, para esse que edificou, a sua construção ser-lhe-á prejudicial porque não ficará com o que construiu e será atormentado com a perda do que constituia seu gozo disfrutá-lo; mas graças a esse fogo será salvo em atenção ao fundamento; porque, ainda que lhe fosse proposto por um perseguidor escolher entre Cristo e esses prazeres, não anteporia estes a Cristo.

Vede nas palavras do Apóstolo o homem que edifica sobre o fundamento com ouro, prata, pedras preciosas:

*Aquele que não tem esposa, pensa nas coisas de Deus e na maneira de agradar a Deus*³.

Vede o outro que edifica com madeira, feno, palha:

*Mas o que está ligado pelo casamento, pensa nas coisas que são do mundo e na maneira de agradar à esposa. A obra de cada um tornar-se-á manifesta, o dia a fará conhecer*⁴

(trata-se, claro está, do dia da tribulação),
*porque esse dia se revelará no fogo*⁵.

(A esta tribulação chama ele fogo, como se lê neste outro lugar:

O forno prova os vasos do oleiro, como na prova da tribulação se provam os homens justos)⁶.

*A obra de cada um — o fogo provará qual é o seu valor. Se a obra de cada um resistir*⁷

(permanece, com efeito, o que cada um pensa que são coisas de Deus e de que modo poderá agradar a Deus),

*porque aquele que construir por cima, receberá uma recompensa*⁸

(isto é, receberá aquilo em que pensou),

*mas aquele cuja obra for consumida, sofrerá um prejuízo*⁹

(porque já não terá aquilo que tinha amado),

³ *Qui sine uxore est, cogitat quae sunt Dei, quo modo placeat Deo.*
I Corint., VIII, 32.

⁴ *Qui autem matrimonio junctus est, cogitat quae sunt mundi, quo modo placeat uxori. Uniuscujusque opus manifestabitur; dies enim declarabit.*
I Corint., VII, 33.

⁵ *Quoniam in igne revelabitur.*
I Corint., III, 13.

⁶ *Vasa figuli probat fornax et homines justos temptatio tribulationis.*
Ecl., XXVII, 6.

⁷ *Et uniuscujusque opus quale sit, ignis probabit. Si cujus opus permanerit.*
V. infra 8.

⁸ *quod superaedificavit mercedem accipiet.*
V. infra 9.

⁹ *si cujus autem opus arserit, damnum patietur.*
V. infra 10.

*mas ele próprio será salvo*¹⁰

(porque nenhuma atribuição o separou da estabilidade do dito fundamento);

*mas como que graças ao fogo*¹¹

(de facto, o que não teve sem um amor sedutor, não perde sem uma dor ardente). Eis que se achou, parece-me, o fogo que a nenhum deles causará dano, mas enriquecerá um, causará prejuízos ao outro e porá à prova os dois.

Mas se quisermos ver nesta passagem o fogo de que o Senhor há-de falar aos da sua esquerda:

*Afastai-vos de mim, malditos, para o fogo eterno*¹²,

de maneira a que se creia que entre eles também se encontram os que construíram sobre o fundamento com madeira, com feno, com palha e que o Senhor os libertou desse fogo após certo tempo conforme os seus deméritos, graças ao mérito do bom fundamento — quem pensaremos pôr à direita e a quem dirá Ele:

*Vinde, benditos de meu Pai, possuí o reino que vos está preparado*¹³,

senão aqueles que tiverem construído sobre o fundamento com ouro, com prata, com pedras preciosas? Mas neste fogo de que se diz:

*Mas como que graças ao fogo*¹¹,

se se deve entender o do primeiro género, uns e outros devem ser para lá atirados, quero dizer, os da direita e os da esquerda. Realmente, uns e outros devem ser provados por esse fogo de que se disse?

¹⁰ *ipse autem salvus erit.*

V. infra 11.

¹¹ *sic tamen quasi per ignem.*

I Corínt. III, 13-15.

¹² *Discedite a me, maledicti, in ignem aeternum.*

Mat., XXV, 41.

¹³ *Venite, benedicti patris mei, possidete paratum vobis regnum.*

Mat., XXV, 34.

*Com efeito, o dia fá-lo-á conhecer, porque ele deve revelar-se no fogo e o que é a obra de cada um o fogo porá à prova*¹⁴.

Se, portanto, o fogo puser à prova uns e outros, de maneira que não seja consumida por ele a obra do que edificou por cima do fundamento, este receberá uma recompensa; mas se arder a obra do que edificou por cima do fundamento, este sofrerá um prejuízo. Quer dizer que, de certeza, esse fogo não é eterno. É que para o fogo eterno serão lançados, pela definitiva e eterna condenação, apenas os da esquerda — e o fogo põe à prova os da direita.

Mas a prova consiste nisto: a uns o fogo não queima nem consome o edificio levantado sobre Cristo como fundamento; mas a outros, pelo contrário, o edificio construído sobre esse fundamento arderá e daí sofrerem estes um prejuízo: salvando-se, porém, eles próprios porque, com uma caridade preferente, conservaram com firmeza Cristo como fundamento. Mas, se se salvam, sem dúvida que estarão à direita e ouvirão como os demais:

*Vinde, Benditos de meu Pai, possuí o reino que vos está preparado*¹³,

e não à esquerda onde estarão aqueles que não forem salvos e por isso ouvirão:

*Afastai-vos de mim, malditos, para o fogo eterno*¹².

Ninguém será, com certeza, salvo deste fogo, porque todos irão para o suplício eterno, onde o verme não morre e o fogo se não extingue, onde serão torturados dia e noite pelos séculos dos séculos.

Depois da morte deste corpo até chegar aquele dia final da condenação e da remuneração que se verificará depois da ressurreição dos corpos, há quem diga que durante esse intervalo as almas dos defuntos sofrem desse

¹⁴ *Dies enim declarabit, quoniam in igne revelabitur et uniuscujusque opus quale sit, ignis pobabit.*

I Corínt., III, 13.

gênero de fogo eterno não sofrido pelos que tiveram durante a vida deste corpo hábitos e preferências tais que a sua madeira, feno ou palha tenha que se queimar; quanto aos outros, porém, não há dúvida de que o não suportarão embora tenham levado consigo edificações dessa matéria, mas veniais, não merecedoras de condenação: talvez venham a sofrer apenas então (*ubi*), ou talvez agora (*hic*) e então ou só agora, sem terem que sofrer então: será um fogo, abrasador embora, mas de sofrimento passageiro. Não quero pôr de parte esta opinião que até é verdadeira. A esse sofrimento pode pertencer a própria morte da carne, filha da queda no primeiro pecado — de maneira que por cada um serão sentidas em si próprio, durante o tempo que se seguir à morte, as consequências da sua própria edificação, de forma que o tempo que se segue à morte por cada um será sentido conforme a sua edificação.

Também as perseguições com que os mártires são coroados e as que todos os cristãos sofrem, põem à prova os dois gêneros de edificação, como se fogo fossem: desses sofrimentos, uns consomem as edificações com os seus construtores — se elas não encontram Cristo como seu fundamento; outros sofrimentos consomem as edificações sem os seus construtores — se essas edificações encontram Cristo como seu fundamento, porque estes serão salvos, mas com dano; mas os sofrimentos não consumirão outras edificações porque esses sofrimentos encontrarão estas edificações de tal qualidade que podem subsistir para sempre.

No fim do século haverá ainda, no tempo do Anticristo, uma tribulação como antes outra nunca houvera. Quantas edificações haverá então, umas de ouro outras de feno, alçadas sobre o melhor dos fundamentos, que é Cristo Jesus, para que aquele fogo ponha à prova umas e outras e a umas cause alegria e a outras dano! Mas esse fogo não perderá nem uns nem outros dos que encontrar nessas edificações, graças ao seu estável fundamento. Todavia, todo aquele que antepuser a Cristo, não digo a esposa de que se utiliza pela união recíproca da carne para

a volúpia carnal, mas os seres objecto do affecto natural familiar, alheios a este género de prazeres, e os ama carnalmente, esse não tem a Cristo como fundamento e por isso não será salvo pelo fogo; não se salvará mesmo porque não poderá estar com o Salvador que, ao falar claramente deste assunto, disse:

*Aquele que amar seu pai ou sua mãe mais do que a mim não é digno de mim e o que ama seu filho ou sua filha acima de mim não é digno de mim*¹⁵.

Mas aquele que ama os seus parentes de maneira carnal sem, todavia, o antepor a Cristo Senhor, e preferir ser deles privado a sê-lo de Cristo, se for levado a este extremo de prova, será salvo pelo fogo porque é necessário que, pela perda desses parentes, a dor o queime tanto quanto o amor os tinha unido. Mas o que amar seu pai e sua mãe, seus filhos e suas filhas, segundo Cristo, de tal maneira se ocupe deles que os leve a procurarem obter o seu reino e a Ele se unirem, ou amar neles o facto de serem membros de Cristo — longe de nós está pensarmos que um tal affecto se encontra entre a madeira, o feno ou a palha que devem ser consumidos, mas antes deve ser considerado, com toda a certeza, como uma construção de ouro, de prata, de pedras preciosas. Como é que os pode amar mais do que a Cristo aquele que na verdade os ama por causa de Cristo?

¹⁵ *Qui amat patrem aut matrem plus quam me, non est me dignus; et qui amat filium aut filiam super me, non est me dignus.*

Mat., X, 37.

CAPÍTULO XXVII

Resposta àqueles que estão persuadidos de que, enquanto derem esmolas, não lhes serão prejudiciais os pecados em que persistirem.

Resta responder àqueles que dizem que só arderão no fogo eterno os que deixaram de dar esmolas na proporção dos seus pecados, dado o que diz o apóstolo Tiago:

*Porém o julgamento será sem misericórdia para aquele que não fez misericórdia*¹.

Portanto, quem fez misericórdia, dizem eles, mesmo que não tenha corrigido os seus perdidos costumes e tenha vivido ímpia e desregradamente enquanto dá esmolas, o seu julgamento será feito com misericórdia, de tal maneira que ou de forma nenhuma será condenado ou, após algum tempo, será libertado da suprema condenação. Nem, por outra razão, que não seja apenas o cuidado ou a negligência nas esmolas, pensam eles, Cristo fará a separação entre os da direita e os da esquerda, mandando uns para o seu reino e outros para o suplício eterno. Mas, para se convencerem de que os seus pecados diários, seja qual for a sua natureza e gravidade e que não cessam de cometer, podem ser remidos pela esmola, procuram invocar a seu favor, como testemunha e intercessora, a oração que o próprio Senhor ensinou. De facto, dizem eles, assim como não há um dia em que essa oração não seja dita pelos cristãos, assim também não há em cada dia pecado algum,

¹ *Judicium autem sine misericordia illi, qui non fecit misericordiam.*

Tiago, II, 13.

de qualquer natureza que seja, que não seja remido pela oração quando dizemos:

*Perdoa-nos as nossas dívidas*²,

se tivermos o cuidado de fazer o que se segue:

*Assim como nós perdoamos aos nossos devedores*³.

De facto, dizem eles, o Senhor não diz «Se perdoardes aos homens os seus pecados, vosso Pai vos perdoará os vossos pequenos pecados de cada dia», mas

*Perdoar-vos-á os vossos pecados*⁴.

Portanto, qualquer que seja a sua natureza e gravidade, mesmo que sejam cometidos todos os dias, e deles se não afaste a vida mudada para melhor — mantêm eles a presunção de que os seus pecados lhes podem ser perdoados pela esmola do perdão que se não recusa.

Está bem que eles recomendem que se façam esmolas dignas, em proporção dos pecados; porque se dissessem que qualquer esmola feita pelos pecados quotidianos, graves e reiterados pelo mais inveterado costume, podia obter a misericórdia divina, de maneira que a sua remissão se seguiria diariamente — veriam que estavam a afirmar uma coisa absurda e ridícula. Com efeito, seriam desta forma forçados a confessar que poderia acontecer que um homem opulentíssimo, por dez minúsculas moedas por dia dispendidas em esmolas poderia resgatar homicídios, adultérios e quaisquer outros crimes abomináveis. Se afirmar isto é a coisa mais absurda e desvairada e se na verdade se procura saber quais são as dignas esmolas em proporção dos pecados, aquelas das quais o precursor de Cristo dizia:

*Fazei, pois, dignos frutos de penitência*⁵,

² *Dimitte nobis debita nostra.*

V. infra 3.

³ *Sicut et nos dimittimus debitoribus nostris.*

Mat., VI, 12.

⁴ *Dimittet vobis peccata vestra.*

Mat., VI, 14.

⁵ *Facite ergo fructus dignos paenitentiae.*

Mat., III, 8; Lucas, III, 8.

sem dúvida nenhuma que não as fazem aqueles que, até à morte, enterram a sua vida no cometimento de crimes quotidianos — principalmente porque, apoderando-se dos bens dos outros, tirando-lhes muitíssimo e distribuindo deles uma parte mínima aos pobres, crêem que estão assim a alimentar Cristo até ao ponto de se convencerem de que estão a comprar a licença de todos os malefícios ou até de lha comprarem todos os dias e que, assim, podem, com toda a segurança, cometer os crimes mais condenáveis. Se eles distribuírem por um só crime todos os seus haveres pelos membros indigentes de Cristo, mas não renunciarem a tais acções, possuindo a caridade, que nada de vicioso faz — isso de nada lhes poderá ser útil. Portanto, aquele que fizer dignas esmolas em proporção dos seus pecados comece por fazê-las por si próprio. É injusto, realmente, que as não faça a seu favor aquele que as faz ao próximo quando se ouve o Senhor dizer:

*Amarás o teu próximo como a ti mesmo*⁶,
e ouve ainda:

*Tem piedade da tua alma, agradando a Deus*⁷.

Aquele que não faz à sua alma esta esmola, isto é, a de agradar a Deus, — como é que se pode dizer que fez esmolas dignas em proporção dos seus pecados? A este respeito está também escrito o seguinte:

*Quem é mau para si, para quem será bom?*⁸

Na verdade, as esmolas ajudam a oração — e convém, realmente, tomar em consideração isto que lemos:

*Filho, cometeste o pecado; não acrescentes nenhum de novo e implora pelos passados para que te sejam perdoados*⁹.

⁶ *Diliges proximum tuum tanquam te ipsum.*

Mat., XXII, 39; Marcos, XII, 31.

⁷ *Miserere animae tuae placens Deo.*

Ecl., XXX, 24 (23).

⁸ *Qui sibi malignus est, cui bonus erit?*

Ecl. XIV, 5.

⁹ *Fili, peccasti, ne adicias iterum et de praeteritis deprecare, ut tibi dimittantur.*

Ecl., XXI, 1.

Devemos, portanto, fazer esmolas para, quando pedirmos pelos nossos pecados, sermos atendidos; mas não para nos convenceremos de que, mesmo neles perseverando, com as esmolas podemos comprar a licença de mal-fazer.

Por isso o Senhor predisse que havia de imputar aos da direita as esmolas feitas e aos da esquerda as não feitas, para, por aí, mostrar quanto valem as esmolas para apagar os anteriores e não para se cometerem outros pecados impunemente e sem cessar. Mas não se deve dizer que fazem esmolas deste género os que se recusam a melhorar a sua vida, afastando-se dos hábitos criminosos. Porque naquilo que Ele diz:

*Quando a um dos meus mais pequeninos o não fizestes, foi a mim que o não fizestes*¹⁰,

mostra que eles não as fazem mesmo quando estão convencidos de que as fazem. Na verdade, se eles derem pão a um cristão esfaimado, por ser cristão, com certeza não negariam a si mesmos o pão da justiça, que é o próprio Cristo, porque Deus atende, não ao que se dá, mas ao espírito com que se dá. Aquele, portanto, que ama Cristo no cristão, faz-lhe esmola na intenção de se aproximar de Cristo e não na intenção de querer de Cristo afastar-se impunemente. De facto, cada um tanto mais se afasta de Cristo, quanto mais ama o que Cristo reprova. Realmente, que aproveita, seja a quem for, ser baptizado, se não é justificado? Não foi Aquele que disse:

*Não entrará no reino de Deus senão aquele que renascer da água e do Espírito*¹¹,

o mesmo que disse também:

*Não entrareis no reino dos céus se a vossa justiça não estiver acima da dos escribas e fariseus?*¹²

¹⁰ *Quando uni ex minimis meis non fecistis, mihi non fecistis.*
Mat., XXV, 45.

¹¹ *Nisi quis renatus fuerit ex aqua et Spiritu, non intrabit in regnum Dei.*
João, III, 5.

¹² *Nisi abundaverit justitia vestra super scribanum et Pharisaeorum, non intrabit in regum Caelorum?*
Mat., V, 20.

Porque é que muitos, temendo o primeiro dito, correm a baptizar-se e, não temendo o segundo dito, não são muitos os que correm a justificar-se? Portanto, da mesma forma que não chama *tolo* ao seu irmão o que se sente ofendido com a sua qualidade de irmão mas sim com o seu pecado (se não ele seria réu do fogo de Geena) — assim também, pelo contrário, aquele que faz uma esmola a um cristão, não a oferece a um cristão se nele não amar Cristo; e não ama a Cristo quem se recusa a justificar-se em Cristo. Também, do mesmo modo, se alguém se surpreender neste crime de chamar *tolo* ao seu irmão, insultando-o indevidamente, sem intenção de corrigir o seu pecado — não lhe basta dar esmola para remir a sua culpa, se não lhe juntar a seguir também o remédio da *reconciliação* (de facto, segue-se aí:

*Se, portanto, fores apresentar no altar a tua oferenda, mas lá te recordares de que o teu irmão tem algo contra ti, deixa aí a tua oferenda junto do altar e vai primeiro reconciliar-te com teu irmão e, voltando então, apresentarás a tua oferenda*¹³);

assim, é pouca coisa dar esmolas, por maiores que sejam, por um crime qualquer, se se continuar no hábito do crime.

A oração quotidiana que o próprio Jesus nos ensinou, (e daí chamar-se ela dominical), apaga realmente os pecados de cada dia se todos os dias se disser:

*Perdoa-nos as nossas dívidas*²

e não se diga apenas, mas se faça também o que vem a seguir:

*Assim como nós perdoamos aos nossos devedores*³.

Mas é precisamente porque se praticam pecados que isto se diz e não se diz para que se pratiquem. Efectivamente, por esta oração o Salvador quis mostrar-nos que, por muito santamente que vivamos nas trevas e fraquezas

¹³ *Si ergo offeres munus tuum ad altare et ibi recordatus fueris, quia frater tuus habet aliquid adversum te, relinque ibi munus tuum ad altare et vade prius, reconciliare fratri tuo, et tunc veniens offeres munus tuum.*

Mat., V, 23-24.

desta vida, não nos faltarão pecados, pela remissão dos quais devemos orar e devemos perdoar aos que contra nós pecam para que também a nós seja concedido o perdão. O Senhor não disse:

*Se perdoardes aos homens os seus pecados, também o vosso Pai perdoará os vossos pecados*¹⁴

— para que, confiados nesta oração, cometamos todos os dias crimes sem receio

quer pela força — com a qual não teremos que recear as leis dos homens,

quer pela astúcia — com a qual esses mesmos homens poderemos enganar;

— mas para que, por esta oração, aprendamos a crer que não somos sem pecado, mesmo que estejamos isentos de crimes; foi também assim que Deus advertiu os sacerdotes da Antiga Lei acerca dos sacrifícios: ordenou-lhes que, primeiro, os oferecessem pelos seus pecados, e depois, pelos do povo. Mesmo estas palavras do nosso tão grande Mestre e Senhor devem ser tomadas em consideração com cuidado. De facto, Ele não diz: *Se perdoardes aos homens os seus pecados, vosso Pai também perdoará os vossos pecados quaisquer que eles sejam*, mas diz *os vossos pecados*. Com efeito, Ele ensinava esta oração de todos os dias e falava, sem dúvida, aos seus discípulos já justificados. Que quer então dizer *os vossos pecados*, senão *os pecados sem os quais vós não podeis existir, mesmo vós os que estais justificados e santificados*? Portanto, lá onde aqueles que procuram nesta oração um pretexto para o cometimento diário de crimes afirmam que o Senhor quis referir-se mesmo aos grandes pecados, pois não disse *perdoar-vos-á os pequenos pecados*, mas sim *os vossos pecados* — aí mesmo nós, considerando a que homens ele falava, e atentos à expressão *vossos pecados*, nada mais

¹⁴ *Si dimiseritis peccata hominibus, dimittet vobis et pater vester peccata vestra.*
Mat., VI, 14.

podemos ver que *pequenos pecados* porque já não eram grandes os de tais pessoas. Mas a verdade é que nem mesmo os grandes de que nos devemos afastar completamente depois de mudados os costumes para melhor, não serão perdoados aos que o pedem, se não fizermos o que se segue:

*Assim como nós perdoamos aos nossos devedores*³.

Efectivamente, se os mais pequenos pecados, sem os quais nem mesmo a vida do justo existe, não podem ser perdoados de outra forma — quanto mais as pessoas mergulhadas em tantos e tamanhos crimes, mesmo que deixem de os cometer, nenhuma indulgência obterão se tiverem sido inexoráveis em perdoar aos outros os pecados que contra si estes cometeram, visto o que diz o Senhor:

*Mas se não perdoardes aos homens, também o vosso Pai vos não perdoará*¹⁵.

A isto refere também o que diz o apóstolo Tiago: *o juízo será sem compaixão para os que não usaram de compaixão*. Recordemos também aquele servo a quem o seu senhor perdoou dez mil talentos, que depois obrigou a pagar porque não se compadeceu do seu companheiro que lhe devia cem denários. Para aqueles que são *Filhos da promessa e vasos de misericórdia*, vale também o que diz o mesmo apóstolo, que acrescenta ainda:

*Mas a misericórdia salta de júbilo perante o juízo*¹⁶; porque os justos que viveram numa santidade tão grande que até acolheram nos tabernáculos eternos os outros homens tornados seus amigos pelas riquezas iníquas (*mammona iniquitatis*) — esses justos, para tais se tornarem, foram libertados, por misericórdia, por aquele que justifica o ímpio, atribuindo-lhe uma recompensa em conformidade com a sua graça e não em conformidade com o seu mérito.

¹⁵ *Si autem non dimiseritis hominibus, neque pater vester dimittet vobis.*
Mat., VI, 15.

¹⁶ *Superexultat autem misericordia iudicio.*
Tiago, II, 13.

Realmente, no número destes está o Apóstolo, que diz:

*Obtive misericórdia para ser fiel*¹⁷.

Os que são recebidos por eles nos tabernáculos eternos, há que reconhecer que não foram dotados de costumes tais que a sua vida poderia bastar para os salvar sem o sufrágio dos santos. E por isso neles ainda mais a misericórdia salta de júbilo perante o juízo. Todavia, não se pense que qualquer um, carregado de crimes, que nunca mudou para uma vida boa ou tolerável, será recebido nos tabernáculos eternos lá porque obsequiou os santos com riquezas de iniquidade (*mammona iniquitatis*), isto é, com dinheiro e riquezas que foram mal adquiridas — ou embora bem adquiridas, que não são verdadeiras — ainda que a iniquidade as considere como riquezas porque ignora o que são as verdadeiras riquezas de que estão cheios os que recebem os outros nos tabernáculos eternos. Há também um certo modo de vida

nem tão mau que torne inútil, para aqueles que a vivem, a liberalidade das esmolas para se adquirir o reino dos céus, com as quais é sustentada a pobreza dos justos e se fazem amigos que os receberão nos tabernáculos eternos,

nem tão bom que só por si possa bastar para se atingir uma tão grande beatitude sem obterem misericórdia pelos méritos daqueles que eles tornaram seus amigos. (Muitas vezes me admiro de ter encontrado em Virgílio esta expressão do Senhor:

*Fazei amigos para vós com as riquezas da iniquidade,
para que eles vos recebam nos tabernáculos eternos*¹⁸;

e esta que lhe é semelhante:

¹⁷ *Misericordiam consecutus sum, ut fidelis essem.*

I Corínt., VII, 25.

¹⁸ *Facite vobis amicos de mammona iniquitatis ut et ipsi recipiant vos in tabernacula aeterna.*

Lucas, XVI, 9.

*Quem recolhe um profeta por ser profeta receberá uma recompensa de profeta e o que acolhe um justo por ser justo receberá uma recompensa de justo*¹⁹.

Efectivamente, este poeta, ao descrever os Campos Elísios onde julgam que habitam as almas dos bem-aventurados, coloca lá não só os que conseguiram chegar àquelas moradas pelos seus méritos mas acrescenta também estas palavras:

*Os que, obsequiando-os, tornaram os outros de si recordados*²⁰,

isto é, os que prestaram favores a outros e, porque os prestaram, fizeram que eles deles se recordassem — como se, na verdade, estes dissessem àqueles o que vem frequentemente à boca do cristão quando um humilde se recomenda a algum santo e lhe diz *Lembra-te de mim*, e faz com que assim seja, fazendo-lhe um favor).

Mas qual seja esse modo de vida e quais sejam esses pecados que impedem de tal maneira que se chegue ao Reino de Deus que se torna necessário impetrar indulgência pelos méritos dos santos amigos, é difficilimo dizê-lo e perigosíssimo defini-lo. Eu é que, até esta data, embora tenha feito grandes esforços nesse sentido, não consegui encontrar a resposta. E talvez estejam esses pecados escondidos precisamente por isto: para que o desejo de progredir no sentido de cortar os pecados se não relaxe. Porque se se soubesse quantos e quais são os pecados pelos quais (mesmo que se conservem e não sejam suprimidos pelo progresso duma vida melhor) é preciso procurar e esperar a intercessão dos justos —

a preguiça humana em segurança enredar-se-ia neles, e não teria o cuidado de se desenvencilhar de tais impemilhos com a prática de alguma virtude,

¹⁹ *Qui recipit prophetam in nomine prophetae, mercedem prophetae accipiet: et qui recipit justum in nomine justi, mercedem justi accipiet.*

Mat., X, 41.

²⁰ *Quique sui memores alios fecere merendo.*

Virgílio, Eneida, VI, 664.

mas apenas procuraria libertar-se pelos méritos dos outros que tinha tornado seus amigos por meio das riquezas da iniquidade (*mammona iniquitatis*) com largas esmolas. Mas até agora desconhece-se a medida da iniquidade venial, mesmo que persevere — de maneira que

há que pôr um cuidado mais vigilante no sentido de uma maior perfeição, com a oração incessante e não se descurar a busca de amigos mesmo com as riquezas da iniquidade,

há que pôr mais zelo no avanço para melhor, quer orando, quer suplicando mais assiduamente,

e não desprezar o cuidado de, com as riquezas da iniquidade, fazer amigos entre os santos.

Mas esta libertação, que se realiza quer pelas próprias orações de cada um, quer pela intercessão dos santos, faz com que se não seja lançado no fogo eterno, mas não com que, depois de lá ter sido lançado, se seja de lá tirado após um certo tempo. Efectivamente, os que julgam que isto que está escrito *a terra boa produz frutos abundantes, uma trinta, outra sessenta e outra cem por um* se deve entender assim: os santos, conforme a diversidade dos seus méritos, libertam trinta homens uns, outros sessenta, outros cem — esses também costumam pensar que isso se passará no dia do juízo e não depois do juízo.

Alguém — ao notar que os homens, baseados nesta opinião, a si próprios prometiam a mais perversa das impunidades, pois parece que todos por este meio podiam beneficiar da libertação — conta-se que respondeu com muita graça: é preferível viver bem para que cada um se encontre entre aqueles que hão-de interceder pela libertação dos outros, não vá acontecer que os intercessores sejam tão pouco numerosos que, tendo cada um deles chegado depressa à sua conta de trinta, de sessenta ou de cem, fiquem muitos de fora que já não podem por sua intercessão ser arrancados ao castigo; e entre eles pode encontrar-se algum que por vã temeridade, a si próprio prometeu a

esperança dum fruto alheio. Basta-me ter dado esta resposta aos que não desprezam a autoridade das Sagradas Escrituras que temos em comum, mas que, interpretando-as mal, pensam que acontecerá, não o que eles narram, mas antes o que eles desejam. E com esta resposta, dada nestes termos, terminamos, como prometemos, este livro.

LIVRO XXII

Acerca do devido fim da Cidade de Deus, isto é, da eterna felicidade dos santos.

Afirma-se a fé na ressurreição dos corpos e explica-se em que consistirá a ressurreição.

Dito que se.o que farão os santos nos seus corpos imortais e espirituais, termina esta obra.

CAPÍTULO I

Condição dos anjos e dos homens.

Como no livro anterior prometemos, este, que é o último de toda esta obra, tratará da eterna beatitude da Cidade de Deus:

não é devido a uma duração de muitos séculos, mas que um dia findará, que esta beatitude se chama eterna, mas recebe sim este nome em conformidade com o sentido desta frase do Evangelho:

*O seu reino não terá fim*¹;

nem será porque a partida de uns, morrendo, e a chegada de outros, nascendo, lhe dá a aparência de perpetuidade — como numa árvore, que se veste de perene fronde, parece manter o mesmo verdor, quando as folhas que secam e caem são logo substituídas por outras que nascem e lhe conservam o aspecto umbroso;

mas porque nela todos os cidadãos serão imortais, obtendo também os homens o que nunca perderam os santos anjos. É isto o que fará Deus, seu omnipotente criador. Com efeito, Ele prometeu e não pode mentir e, a favor daqueles que também quer convencer disto, já cumpriu muitas coisas, umas não prometidas, outras prometidas.

Foi Ele próprio quem, efectivamente, no princípio, criou o Mundo cheio de realidades, visíveis e inteligíveis, todas boas. Nele nada de melhor instituiu do que os espíritos que dotou de inteligência e tornou aptos para o contemplarem e capazes de o possuírem. Foi Ele quem os

¹ *Regni ejus non erit finis.*

Lucas, I, 33.

uniu numa só sociedade a que nós chamamos a *Cidade Santa*, na qual é o próprio Deus, como vida e alimento comum, quem os sustenta e torna felizes;

foi Ele quem dotou esta natureza intelectual de um livre arbítrio de tal ordem que, se ela quizer, pode abandonar Deus, isto é, a sua beatitude, caindo logo na desgraça;

foi Ele quem, embora sabendo antecipadamente que certos anjos, pelo orgulho de se quererem bastar a si próprios para conseguirem a vida feliz, haviam de desertar de tamanho bem, não lhes retirou esse poder, julgando que havia mais poder e bondade em fazer bem por ocasião do mal do que em não permitir mal algum (que não existiria com certeza, se a natureza mutável, mas boa e criada pelo Deus supremo e imutável Bem que tudo criou, ela própria contra si o não tivesse feito, pecando; mesmo com este pecado como testemunho, convence-nos de que é uma natureza boa, criada por Deus; com efeito, se ela própria não fosse um grande bem, embora não igual ao Criador, com certeza que o abandono de Deus, como sua luz, não poderia ter-se tornado no seu mal, pois assim como a cegueira é um defeito do olho, mas é esse defeito que mostra que o olho foi criado para ver a luz, e por isso, precisamente por causa deste seu defeito, é que se mostra que este órgão, capaz de ver a luz, é o mais excelente — não haveria outra causa para que fosse vício o carecer de luz — : assim também a natureza, que gozava de Deus, ensina, com o próprio defeito, que a torna infeliz porque já não goza de Deus, que foi criada muito boa);

foi Ele quem prendeu ao justíssimo castigo duma infelicidade eterna a queda voluntária dos anjos e aos outros que perseveraram neste Bem supremo, deo, como recompensa desta perseverança, a certeza de n'Ele perseverarem sem fim;

foi Ele quem fez recto também o homem, dotado do mesmo livre arbítrio, ser vivo, na verdade terreno, mas digno do Céu se se mantiver unido ao seu Criador — mas

da mesma forma, se d'Ele se separar, o perseguirá a desgraça que convém à sua natureza (o homem que, da mesma forma, sabia antecipadamente que, com a transgressão da lei de Deus, a Deus havia de abandonar para cometer o pecado — e, todavia, também a ele não retirou o poder do livre arbítrio, prevendo simultaneamente quanto de bem ele próprio viria a tirar do seu mal);

foi Ele quem da linhagem mortal, justa e merecidamente condenada, formou, com a sua graça, um tão grande povo que com ele supre e restaura a parte dos anjos que se perdeu — e assim, a amada Cidade do Alto não foi defraudada no número dos seus cidadãos, mas até talvez se regozige pelo acréscimo.

CAPÍTULO II

A vontade eterna e imutável de Deus.

É certo que muitas coisas más são pelos maus praticadas contra a vontade de Deus. Mas tão grande é a sua sabedoria e tamanha é a sua virtude que tudo, mesmo o que parece contrário à sua vontade, tende para os fins e resultados que Ele antecipadamente viu como bons e justos. Por isso, quando se diz que Deus muda de vontade, que, por exemplo, fica irado contra aqueles para quem era brando, — não foi Ele mas foram os homens que mudaram e de certo modo o acham mudado nas mudanças que experimentam: tal qual como o Sol muda para os olhos enfermos — de suave torna-se de certa maneira áspero, de deleitoso torna-se molesto, embora ele próprio continue a ser o mesmo que era. Também se chama *de Deus* a vontade que Ele suscita nos corações dos que obedecem aos seus mandamentos e da qual diz o Apóstolo:

*É Deus que opera em nós o próprio querer*¹; como se chama *de Deus* não só a justiça pela qual Ele próprio é justo, mas também a que Ele faz no homem que por Ele é justificado. Da mesma forma se chama *de Deus* a lei que é antes dos homens mas que por Ele foi dada; pois eram realmente homens aqueles a quem Jesus dizia:

*Está escrito na vossa lei*²,

¹ *Deus enim est, qui operatur in nobis et velle.*
Filip., II, 13.

² *In lege vestra scriptum est.*
João, VIII, 17.

embora noutra passagem leiamos:

*A lei do seu Deus está no seu coração*³.

Conforme esta vontade que Deus produz nos homens, diz-se que Ele quer o que Ele próprio não quer, mas faz com que os seus isso queiram, como se diz que Ele conheceu o que Ele fez que fosse conhecido por aqueles que isso ignoravam. Pois, nem quando o Apóstolo diz:

*Mas conhecendo agora a Deus, ou melhor, conhecidos de Deus*⁴,

é lícito que acreditemos que Deus conheceu então os que conhecia desde antes da criação do mundo; mas diz-se que conheceu então o que fez com que então fosse conhecido. Destas formas de expressão recordo-me que já se tratou nos livros anteriores⁵. É, pois, conforme essa vontade (pela qual, como dizemos, Deus quer o que faz querer aos outros, pelos quais são ignoradas as coisas futuras) que Ele quer muitas coisas mas não é Ele que as faz.

Com efeito, os seus santos, com uma vontade santa por Ele inspirada, querem que se façam muitas coisas que não chegam a ser feitas; como rogam piedosa e santamente por alguns, mas Ele não faz o que lhe pedem, sendo Ele quem, pelo seu Espírito, causa neles essa vontade de orar. Por isso, quando os santos querem e rogam, em conformidade com Deus, que cada um seja salvo, podemos dizer, segundo esse tipo de expressões: *Deus quer mas não faz*; dizemos então que Ele quer no sentido de que Ele faz com que os outros queiram. Mas, conforme essa vontade, que é sua e eterna como a sua presciência, claro está que tudo o que quis no Céu e na Terra, tanto passado e presente como futuro, fê-lo já. Mas antes que chegue o tempo em que se cumprirá como Ele quis o que antes de todos os

³ *Lex Dei ejus in corde ejus.*

Salmo XXXVI (XXXVII), 31.

⁴ *Nunc autem cognoscentes Deum, immo cogniti a Deo.*

Gál., IV, 9.

⁵ No livro XVI, Capítulo V e XXXII.

tempos Ele previu e determinou, nós dizemos: *Acontecerá quando Deus quiser*; mas se ignoramos dum acontecimento, não só o momento (*tempus*) em que virá a acontecer, mas também se chegará a acontecer, então dizemos: *Acontecerá se Deus quiser*: não porque Deus venha a ter então uma vontade nova que antes não tinha, mas porque só então acontecerá aquilo que desde toda a eternidade está preparado na sua vontade imutável.

CAPÍTULO III

Promessa de felicidade eterna para os santos e de suplicios perpétuos para os ímpios.

Por isso, pondo de parte muitas outras questões, assim como vemos que agora se cumpre em Cristo o que Deus prometeu a Abraão quando disse:

*Na tua geração todos os povos serão benditos*¹, assim também se cumprirá o que Ele prometeu à mesma descendência quando disse pelo profeta:

*Os que estavam nos túmulos ressuscitarão*², e ainda o que disse:

*Haverá um novo Céu e uma nova Terra e não se recordarão do passado e nada lhes subirá ao coração, mas encontrarão nela júbilo e alegria. Eis que eu farei de Jerusalém uma alegria e do meu povo um júbilo. Exultarei em Jerusalém e alegrar-me-ei no meio do meu povo, e nela nunca mais se ouvirá a voz do pranto*³,

e o que predisse por outro profeta, dirigindo-se ao mesmo profeta:

Nesse tempo será salvo todo o teu povo que se encontrar inscrito no livro e muitos dos que dormem na poeira da terra^{4a},

¹ *In semine tuo benedicentur omnes gentes.*
Gén., XXII, 18.

² *Resurgent qui erant in monumentis.*
Isaías, XXVI, 19.

³ *Erit caelum novum et terra nova, et non erunt memores priorum, nec ascendit in cor ipsorum, sed laetitiam et exultationem invenient in ea. Ecce ego faciam Hierusalem exultationem et populum meum laetitiam; et exultabo in Hierusalem et laetabor in populo meo, et in ultra non audietur in illa vox fletus.*

Isaías, LXV, 17-19.

^{4a} *In tempore illo salvabitur populus tuus omnis qui inventus fuerit scriptus in libro, et multi dormientium in terrae pulvere.*

(ou, como alguns traduziram, — *sob um montão de terra (aggere terrae)*):

Ressuscitarão, uns para a vida eterna, outros para o opróbrio e a confusão eterna^{4b};

e numa outra passagem, pelo mesmo profeta:

*Os santos do altíssimo receberão o reino e possuí-lo-ão para sempre, pelos séculos dos séculos*⁵,

e pouco depois diz:

*O seu reino será um reino eterno*⁶,

e tantas outras passagens acerca deste assunto que referi no livro vigésimo ou que não referi mas se encontram escritas nas Sagradas Escrituras; também estas se hão-de cumprir como se cumpriram as que os incrédulos julgavam que não chegariam a cumprir-se. Realmente, quem prometeu umas e outras, quem predisse que umas e outras se haviam de cumprir, foi o mesmo Deus perante quem tremem as divindades pagãs, segundo testemunho do próprio Porfírio, notabilíssimo filósofo dos pagãos.

^{4b} *exsurgent, hi in vitam aeternam et hi in opprobrium et in confusionem aeternam.*

Dan., XII, 1-2.

⁵ *Accipient regnum sancti Altissimi et obtinebunt illud usque in saeculum et usque in saeculum saeculorum.*

Dan., VII, 18.

⁶ *Regnum ejus regnum sempiternum.*

Dan., VII, 27.

CAPÍTULO IV

Contra os sábios do mundo que julgam que os corpos terrenos dos homens não podem ser transportados para a morada celestial.

Aparentemente certos homens doutos e sábios — contra a força de uma tão grande autoridade que voltou, como muito tempo antes tinha predito, toda a casta de homens para essa fé e essa esperança — julgam, lá consigo, argumentar com agudeza contra a ressurreição dos corpos ao repetirem o que por Cícero foi exposto no livro terceiro da *República*. De facto, depois de ter asseverado que Hércules e Rómulo de homens se tinham tornado deuses, diz:

*Os seus corpos não foram transportados ao Céu; nem a natureza permitiria que o que é de terra não permaneça senão na terra*¹.

Este é que é o grande argumento dos sábios de quem o Senhor conhece os pensamentos e sabe que eles são vãos².

Se, na verdade, fôssemos apenas almas, isto é, espíritos sem corpo, e, habitando no Céu, ignorássemos a existência de seres vivos terrestres, e nos dissessem que viríamos a estar unidos, por um qualquer admirável vínculo, a corpos

¹ *Quorum non corpora sunt in caelum elata; neque enim natura pateretur, ut id quod esset e terra nisi in terra maneret.*

Cícero, *De Republica III*, frag. 40. Cfr. M. Testard, *Saint Augustin et Cicéron*, II, Répertoire des Textes, p. 66.

² *Dominus novit cogitationes, quoniam vanae sunt.*

Salmo XCIII (XCIV), 11.

de terra para os animarmos — recusando-nos a crer nisso não teríamos nós um argumento muito mais forte dizendo que a natureza não poderia suportar que um ente incorpóreo estivesse ligado por um laço corpóreo? E, todavia, a terra está cheia de almas a vivificarem estes membros de terra que lhes estão unidos e ligados de maneira admirável. Porque é então que, por vontade desse mesmo Deus, que fez este ser animando, um corpo de terra não pode ser promovido a corpo celestial, se a alma, superior a qualquer corpo, portanto mesmo ao corpo celeste, pôde ser ligada a um corpo de terra? Será que uma tão pequena parte de terra pôde reter em si algo melhor que um corpo celeste para ter sensibilidade e vida e que o Céu desdenha acolhê-la dotada de vida e de sensibilidade — ou que, tendo-a acolhido, não pode retê-la embora ela tenha a sensibilidade e a vida dum ser superior a todo o corpo celeste? Mas isso não acontece agora, porque ainda não chegou o momento em que o quis quem fez isto (a união da alma e do corpo) que, por o estarmos a ver, se depreciou, mas que é muito mais admirável do que aquilo (a assunção ao Céu) que por eles não é admitido. De facto, porque é que não nos admiramos mais vivamente por os espíritos incorpóreos, superiores aos corpos celestes, se unirem a corpos de terra, do que por os corpos, embora terrenos, se elevarem às moradas celestes mas incorpóreas, senão porque estamos habituados a ver aquilo, isto é, os corpos de terra unidos a espíritos e estamos nesses corpos, ao passo que ainda não estamos nem ainda vivemos nas moradas celestes? Com certeza que, se consultarmos a sã razão, reconheceremos que é uma obra divina mais admirável unir o incorpóreo ao corpóreo do que reunir dois corpos, embora diferentes, porque um é terrestre e o outro é celeste, todavia um e outro apenas corpos.

CAPÍTULO V

Da ressurreição da carne em que alguns não acreditam, embora todo o mundo nela creia.

Isto poderia ter sido incrível outrora: mas agora o mundo acredita que o corpo terrestre de Cristo se elevou aos Céus; doutos e não doutos — com a excepção de muito poucos, doutos ou não doutos que se mantêm à margem e estupefactos — todos acreditam já na ressurreição da carne e na ascensão às moradas supernas. Se acreditaram numa coisa que era crível, reparem então quão estultos são os que não crêem; mas se não é crível aquilo em que acreditam, também é incrível que se tenha acreditado assim no incrível. Mas estas duas coisas incríveis — a ressurreição do nosso corpo para a eternidade e o facto de o mundo crer numa coisa tão incrível — o próprio Deus, antes mesmo que uma só acontecesse, predisse que ambas viriam a acontecer. Das duas coisas incríveis vemos nós que já aconteceu uma, a saber: o mundo crê no que é incrível. Porque desesperar do que falta para acontecer, ou seja: que acontecerá o que o mundo creia como incrível, como já aconteceu o que era igualmente incrível ou seja: que o mundo creia num facto incrível quando na verdade estes dois factos incríveis, dos quais vemos um e acreditamos no outro, foram preditos nas mencionadas Escrituras por intermédio das quais o mundo crê? E se se reparar na própria maneira como o mundo acreditou, ainda mais incrível isso parece. Pessoas ignorantes nas disciplinas liberais e totalmente incultas em tudo o que respeita às doutrinas (dos nossos adversários), desconhecedores da gramá-

tica, sem as armas da dialéctica, sem a intumescência da retórica, pouquíssimos pescadores, foi quem Cristo enviou com as redes da fé para o mar deste século e assim apanhou inúmeros peixes de todas as espécies, dos mais notáveis e dos mais raros e até mesmo os filósofos. A esses dois factos incríveis, acrescentamos — se se admitir, e tem sem dúvida que se admitir — este terceiro. Já são, portanto, três factos incríveis que não deixam de ser factos:

incrível é que Cristo ressuscitou na sua carne e com a sua carne subiu ao Céu;

incrível é que o mundo acredita numa coisa tão incrível;

incrível é que homens obscuros, da mais baixa condição, tão poucos, incultos, puderam persuadir tão eficazmente o mundo, e neste até os mais doutos, de tão incrível coisa. Destes três factos incríveis

não querem crer no primeiro aqueles com quem estamos a tratar;

o segundo são eles forçados a vê-lo;

e não descobrem como é que este aconteceu, se não acreditarem no terceiro.

É coisa certa que se prega e se acredita já em todo o mundo na ressurreição de Cristo e na sua ascensão ao Céu com a carne com que ressuscitou; se isto não é crível, como é que já toda a Terra nisso acredita? Se fossem muitos, ilustres, dos altos postos, doutos, os que tivessem afirmado que presenciaram o facto e que trataram de divulgar o que viram, não seria de admirar que o mundo neles acreditasse; teimar em não crer neles é que seria demasiado forte; mas se, como é verdade, o mundo acreditou em homens obscuros, poucos, incultos, de baixa condição, que afirmam pela palavra e pela escrita terem visto esse facto — porque é que poucos, tão obstinados, que se puseram à margem, continuam a não crer no próprio mundo que já crê? Este mundo acreditou num reduzido número de homens obscuros, da mais baixa condição, incultos, porque com testemunhos tão desprezíveis é que a Divin-

dade convence de maneira muito mais maravilhosa. A eloquência dos que persuadiam com o que diziam, estava, não nas palavras, mas nos factos prodigiosos. Os que não tinham visto Cristo ressuscitado na sua carne e com ela subir ao Céu, acreditavam nos que diziam tê-lo visto, porque não só falavam mas também faziam sinais portentosos. Realmente, a homens que sabiam que só conheciam uma língua, no máximo duas,

ouviam-nos com admiração de repente a falarem nas línguas de todos os povos — e viam

um coxo que o era desde o ventre materno, levantar-se, curado, após quarenta anos, à palavra deles em nome de Cristo,

panos por eles usados, darem a cura aos doentes, inúmeras pessoas, sofrendo de doenças diversas, postadas ao longo dos caminhos por onde eles deviam passar, para que, à sua passagem, a sua sombra os tocasse, habitualmente recuperarem instantaneamente a saúde e muitas outras coisas estupendas feitas por eles em nome de Cristo, e, por fim, até os mortos ressuscitarem.

Se admitem que todos estes prodígios aconteceram como se relatam — eis tantos factos incríveis que acrescentámos àqueles três incríveis; e para que se creia neste facto incrível único, que é a ressurreição da carne e a sua ascensão ao Céu, — acumulámos testemunhos tão notáveis de tantas coisas incríveis e, todavia, não conseguimos levar à crença incrédulos duma horrenda pertinácia. Mas se não crêem que, por intermédio dos Apóstolos de Cristo, se fizeram esses milagres, para se acreditar neles que pregavam a ressurreição e a ascensão de Cristo — a nós bastanos este milagre grande e único: o de todo o orbe da Terra ter acreditado nela sem milagres.

CAPÍTULO VI

Roma fez de Rómulo, seu fundador, um deus porque o amou; mas a Igreja ama Cristo porque acredita que é Deus.

Recordemos aqui também a passagem em que Cícero manifesta a sua admiração acerca da crença na divindade de Rómulo. Citarei as suas palavras tal qual como foram escritas. Diz ele:

O que mais é de admirar em Rómulo é que os outros que, segundo se diz, de homens se tornaram deuses, existiram em séculos muito menos cultos da humanidade, quando a razão era mais propensa à ficção e os ignorantes eram facilmente arrastados para a crença; mas vemos que, na época de Rómulo, há menos de seiscentos anos, as letras e as ciências tinham-se consolidado e tinham sido afastados os erros da vida inculta da humanidade dos velhos tempos¹:

Pouco depois, referindo-se ainda ao mesmo Rómulo, acrescenta no mesmo sentido:

Disto se pode concluir que Homero viveu tantos anos antes de Rómulo que agora, já com homens esclarecidos e em tempos de cultura, dificilmente haveria lugar algum para a ficção. Efectivamente, a antiguidade aceitou fábulas por vezes

¹ *Magis est in Romulo admirandum, quod ceteri, qui dii ex hominibus facti esse dicuntur, minus eruditis hominum saeculis fuerunt, ut fingendi proclivis esset ratio, cum imperiti facile ad credendum impellerentur; Romuli autem aetatem minus his sescentis annis jam in inveteratis litteris atque doctrinis omnique illo antiquo ex inculta hominum vita errore sublato fuisse cernimus.*

Cícero, *De Republica II*, 18-19.

*mesmo as mais desordenadamente concebidas; mas esta época já mais culta rejeita e zomba de tudo o que não pode acontecer*².

Um dos homens mais doutos e de todos o mais eloquente, Marco Túlio Cícero, diz que a divindade de Rómulo foi tão maravilhosamente aceite porque eram já tão cultivados esses tempos que não podiam aceitar a mentira das fábulas³. Mas quem acreditou que Rómulo era um deus senão Roma — uma Roma pequena e incipiente? Depois aos prósperos foi preciso conservar o que tinham recebido dos antepassados — e assim esta cidade cresceu com essa superstição como que bebida com o leite materno, e chegou a um tão grande poder que do seu fastígio, como que de um alto lugar, ela espalhou a sua crença pelos outros povos que ela dominava; e assim, mesmo que não acreditassem, chamavam, todavia, deus a Rómulo, para que a cidade a que estavam submetidos não se ofendesse por causa do seu fundador, não fazendo dele o mesmo conceito que Roma, que nele acreditava, com certeza não por amor ao erro mas antes por erro de amor.

Mas Cristo, embora seja o fundador da celeste e eterna Cidade, todavia, não foi por ter sido fundada por Ele que ela acreditou que Ele era Deus, mas antes foi por ter acreditado que Ele era Deus, que ela mereceu ser fundada. Roma já depois de construída e consagrada, é que venerou, num templo, o seu fundador como um deus; mas esta cidade de Jerusalém pôs o seu fundador Cristo-Deus

² *Ex quo intellegi potest, permultis annis ante Homerum fuisse quam Romulum, ut jam doctis hominibus ac temporibus ipsis eruditis ad fingendum vix quicquam esset loci. Antiquitas enim recepit fabulas, fictas etiam nonnumquam incondite; haec aetas autem jam exculpta praesertim eludens omne quod fieri non potest respuit.*

Id. Ib.

³ No tempo de Rómulo, tanto os latinos como os povos vizinhos do Lácio, viviam uma vida selvática, sendo, pois, infundada a opinião de Cícero a este respeito.

Cfr. nota 1 do Cap. XV do Livro XVIII.

como fundamento da sua fé para poder ser fundada e consagrada. Roma acreditou que Rómulo era deus porque o amou, Jerusalém amou Cristo por crer que Ele é Deus. Portanto, assim como naquela houve uma razão antecipada para amar e para, de bom grado, acreditar num bem, mesmo falso — assim também nesta uma antecipada razão houve para crer e para amar depois, com uma fé recta, sem temeridade, não o que é falso mas o que é verdadeiro. Com efeito, além de tantos e tamanhos milagres que provaram que Cristo é Deus, houve antes profecias dignas também de toda a fé, não profecias que se hão-de n'Ele cumprir, como creram os patriarcas, mas sim profecias que já se verificou terem-se cumprido; todavia, acerca de Rómulo, só porque fundou Roma e nela reinou, ouve-se e lê-se que isso aconteceu — mas nada do que viria a acontecer foi antes profetizado. Que ele foi recebido entre os deuses, a história tem isso na conta de uma crença e não de um facto. Realmente, por nenhum sinal de factos maravilhosos fica demonstrado que isso lhe aconteceu na verdade. Houve, é certo, o caso daquela loba amamentadora que se apresenta como um grande prodígio. Mas quê e quanto vale isso para demonstrar que ele era um deus? Mesmo que tal loba tenha sido um animal e não uma meretriz⁴, ela foi ama para os dois gémeos e nem por isso o seu irmão foi tido por um deus.

Mas quem é que foi proibido de proclamar que eram deuses Rómulo, Hércules ou outros homens que tais e preferiu morrer a não o proclamar? Haveria povo algum que

⁴ Lupa, além de loba, significa também meretriz — daí o nome de lupanar dado à casa onde as meretrizes vivem e recebem os seus clientes. Por os gémeos Rómulo e Remo terem sido amamentados, no redil para onde os levou Fáustulo seu marido, por Aca Larência que, conforme corria entre os pastores, era uma prostituta ou «loba», é que surgiu a lenda de que eles foram aleitados por uma loba. Santo Agostinho aproveitou neste passo o duplo e equívoco sentido da palavra lupa.

V. Tito Lívio, *Hist.*, Liv. I, Cap. IV; Cfr. Liv. XVIII, Cap. XXI do *De Civitate Dei*.

venerasse Rómulo entre os seus deuses se o medo do nome romano o não forçasse? Quem é que seria capaz de contar a multidão dos que preferiram a morte nos mais cruéis tormentos a negarem que Cristo é Deus? Foi, pois, o medo de incorrer na indignação dos Romanos, mesmo a mais insignificante, se não o fizessem, que forçou alguns povos submetidos ao poder Romano a venerarem Rómulo como um deus; mas o medo, não dum leve descontentamento mas de imensas e várias penas e até da morte, que é a mais temível de todas, não conseguiu afastar a imensa multidão de mártires espalhados por todo o orbe da Terra, não só de adorarem a Cristo como Deus mas também de, como tal, o confessarem! E nem então a Cidade de Cristo, apesar de caminhar ainda na Terra como peregrina, mas ter as forças de grandes populações, não lutou contra os seus ímpios perseguidores em defesa da sua salvação temporal — mas, ao contrário, para obter a vida eterna, não opôs resistência. Eram amarrados, enclausurados, decepados, torturados, queimados, esquartejados, chacinados — mesmo assim multiplicavam-se. Para eles, lutar pela salvação mais não era que desprezar a salvação pelo Salvador.

Sei que, se não me engano, no livro terceiro da *República* de Cícero se sustenta que por nenhum estado perfeito é declarada a guerra a não ser para cumprir um compromisso ou para defender a sua sobrevivência. Que entende ele por sobrevivência ou de que sobrevivência quer ele que se entenda, explica-o noutra passagem em que diz:

As penas que até os mais embrutecidos sentem — à fome, ao exílio, à prisão, aos açoites — se subtraem muitas vezes os indivíduos com a morte rápida; mas para as cidades a própria morte é uma pena que, parece, liberta de pena os indivíduos. É que a cidade deve estar de tal maneira constituída que seja eterna. A destruição da república não é, portanto, natural como é a do homem em quem a morte não só é inevitável mas, muitas vezes deve até ser desejada. Quando, portanto, uma cidade é suprimida, destruída, extinta, é, de

*certo modo, se as coisas pequenas às grandes se podem comparar, como se todo este mundo percesse e se desmoronasse*⁵.

Cícero fala assim porque entende com os Platónicos que o mundo jamais acabará. É claro, portanto, que ele quer que a cidade empreenda a guerra por sua salvação, de que resulta que ela se mantenha, como ele diz, eterna mesmo que morram e nasçam os indivíduos, — como eterna é a sombra da oliveira, do loureiro e outras árvores que tais, graças à queda e nascença das folhas. Como ele diz, a morte é, na realidade, uma pena para a cidade-conjunto, mas não para os indivíduos que ela livra, a maior parte das vezes, de toda a pena. Vem a propósito perguntar se os Saguntinos procederam correctamente quando preferiram que toda a sua cidade percesse a violarem a fé jurada que os unia à República Romana; por este seu comportamento foram eles louvados por todos os cidadãos da república terrestre. Mas não vejo como é que podem obedecer ao preceito em que se diz que nenhuma guerra deve ser empreendida senão pelo compromisso assumido ou pela própria salvação, — nem se diz qual se deve antes escolher para se manter um sem a perda da outra, se um e outra caírem num só e mesmo perigo. Evidentemente que, se os Saguntinos escolhessem antes a sua salvação, tinha que ser por eles abandonado o compromisso assumido; mas se o compromisso assumido se devia manter, tinha de se perder com certeza a salvação, como aconteceu. Mas a salvação da Cidade de Deus é tal que é com a fidelidade e pela

⁵ *Sed his poenis, quas etiam stultissimi sentiunt, egestate, exilio vinculis verberibus, elabuntur saepe privati oblata mortis celeritate; civitatibus autem mors ipsa poena est, quae videtur a poena singulos vindicare. Debet enim constituta sic esse civitas ut aeterna sit. Itaque nullus interitus est rei publicae naturalis, ut hominis, in quo mors non modo necessaria est, verum etiam optanda persaepe. Civitas autem cum tollitur, deletur, extinguitur: simile est quodam modo, ut parva magnis conferamus, ac sic omnis hic mundus intereat et concidat.*

Cícero, *De Republica* III, frag. 34.

fidelidade que ela se pode manter, ou antes, obter-se; perdida a fidelidade, ninguém a ela pode chegar. Foi este pensamento de um coração firmíssimo e capaz de tudo suportar que tantos e tão grandes mártires fez, ao passo que Rómulo, quando era tido por um deus, não teve, na realidade, nem pôde ter nem um sequer.

CAPÍTULO VII

**Que o mundo tenha acreditado em Cristo
— foi isso obra não da persuasão humana
mas da virtude divina.**

É por demais ridículo fazer menção da falsa divindade de Rômulo quando falamos de Cristo. Se Rômulo viveu cerca de seiscentos anos antes de Cícero, e se essa época, diz-se, era já bem culta para arredar tudo o que fosse impossível de acontecer — muito mais, depois desses seiscentos anos, no tempo do próprio Cícero e principalmente depois, já sob Augusto e Tibério, em tempos ainda mais esclarecidos, não poderia a inteligência humana admitir, por impossível, a ressurreição da carne de Cristo nem a sua ascensão ao Céu e, mofando, tê-las-ia arredado dos ouvidos e dos corações, se a divindade da própria Verdade ou a verdade da Divindade e os convincentes sinais dos milagres não tivessem demonstrado não só que podiam acontecer, mas que aconteceram mesmo. Assim, apesar de tantas e tão grandes perseguições terríficas e adversas, acreditou-se com a mais firme fé, pregou-se com intrepidez e, fecundada pelo sangue dos mártires, espalhou-se por toda a Terra a ressurreição e a imortalidade da carne, primeiro em Cristo e depois, nos demais, pelo correr dos séculos. Liam-se, com efeito, os vaticínios anteriores dos profetas, acumulavam-se os prodígios das virtudes e impunha-se aos hábitos uma verdade nova não contrária à razão, até que o orbe da Terra, que a perseguira com furor, se tornou seguidor da fé.

CAPÍTULO VIII

Dos milagres feitos para que o mundo acreditasse em Cristo e que, depois de o mundo se ter tornado crente, não deixam de se realizar.

Porque é, dizem, que não se fazem agora os milagres que dizeis se faziam antes? Eu poderia responder com verdade que, antes de o mundo acreditar, eles eram necessários para que o mundo acreditasse. Qualquer um que ainda peça prodígios para crer, é ele próprio um grande prodígio que não crê quando o mundo crê. Mas o certo é que, se eles falam assim, é para que se não creia que houve outrora esses milagres. Como é que se proclama então com tamanha fé por toda a parte que Cristo subiu ao Céu com a sua carne? Como é que, em épocas esclarecidas que repelem tudo o que não pode acontecer, o mundo acreditou tão miraculosamente em factos incríveis, sem quaisquer milagres? Acaso virão a dizer que esses factos eram críveis e por isso é que neles se acreditou? Então porque é que eles próprios não acreditaram? A nossa conclusão vai ser breve:

ou factos incríveis, mas que se verificavam e eram vistos, provocaram a fé num facto incrível e que se não via, ou então um facto, de tal forma crível que não necessita de qualquer milagre para nele se acreditar, refuta a desmesurada incredulidade deles. Tive de dizer isto para refutar tão fútil gente. Não podemos negar que se realizaram múltiplos milagres que dão testemunho daquele milagre único, tão grandioso, tão salutar, pelo qual Cristo subiu ao Céu com a carne com que tinha ressuscitado. Realmente, tudo foi consignado nos mesmos livros veracíssimos: os milagres que foram realizados e que foram reali-

zados para que se acreditasse. Estes milagres tiveram toda a publicidade para fazerem nascer a fé — e com a fé que produziram tornaram-se muito mais conhecidos. São, realmente, lidos às populações para que creiam, mas não seriam lidos às populações se neles não acreditassem já.

Ainda agora se fazem milagres em seu nome, quer pelos seus sacramentos quer pela oração e pelas relíquias dos santos. Mas não resplandecem com o mesmo brilho que cheguem a divulgar-se com tão grande fama quanta era a de então. Na verdade, o Cânon das Sagradas Escrituras, que era preciso ter fixado, ordena que em toda a parte se recitem aqueles milagres e se gravem na memória de todos os povos; mas os de agora apenas são conhecidos na cidade onde se realizam ou pelos que habitam nesse lugar. Mesmo aí, a maior parte das vezes, pouquíssimos os conhecem, ficando os demais sem o saberem, principalmente se a cidade é grande. E quando são narrados noutros lugares e a outras pessoas, não gozam de uma garantia tão grande que neles se possa acreditar sem dificuldade e mesmo sem dúvida, embora sejam referidos por fiéis cristãos a outros fiéis cristãos.

O milagre que se verificou em Milão quando lá estávamos — quando um cego recuperou a luz da vista — pôde chegar ao conhecimento de muitos porque a cidade é extensa e estava lá o imperador e os factos aconteceram tendo por testemunha uma população imensa que acorrera a ver os corpos dos mártires Gervásio e Protásio. Quando estes estavam escondidos e completamente ignorados, foram mostrados em sonhos ao bispo Ambrósio e encontrados. Foi aí que esse cego, dissipadas as velhas trevas, viu a luz do dia¹.

Mas em Cartago quem é que, além de um reduzido número, soube da cura de Inocência, antigo advogado no vicariato da Prefeitura onde nós estávamos e o vimos com

¹ Acerca deste facto leia-se o seu relato in *Confissões* IX, 7, pp. 277-279 da Trad. Port. ed. 1941.

os nossos olhos? De facto, quando chegámos do ultramar, eu e meu irmão Alípio, e ainda não éramos clérigos, mas já servíamos a Deus, como aquele era, bem como toda a sua família, muito religioso, acolheu-nos e ficámos então a habitar em casa dele. Andava a ser tratado pelos médicos de inúmeras e complicadas fistulas que ele tinha na parte posterior e inferior do corpo. Já lhe tinham feito uma incisão e aplicavam-lhe, com medicamentos, os outros recursos da sua arte. Mas durante essa incisão suportou prolongadas e acerbos dores. Um dos numerosos abcessos tinha escapado aos médicos e estava tão escondido que eles não podiam chegar-lhe e abri-lo com o ferro como era preciso. Já estavam curadas todas as outras fistulas de que tratavam porque estavam à vista, só esta, sobre a qual em vão recaía todo o seu trabalho, persistia. Achando suspeitas estas delongas, e receando deveras que de novo o operassem (o que já lhe tinha predito um médico da sua família, que ele, irritado, expulsara de sua casa e voltara a receber contrariado, e a quem os outros, quando foi pela primeira vez operado, não tinham admitido nem sequer para ver como é que eles o faziam), não se conteve e disse:

— «Quereis-me cortar outra vez? Terei que ir para o que disse aquele que nem presente quisestes que estivesse»?

Riram-se do médico incompetente e com boas palavras e promessas atenuaram o medo do homem. Mas passavam-se dias e mais dias e de nada servia tudo o que se fazia. Mas os médicos persistiam na sua promessa de que haviam de acabar com aquele abcesso não com o ferro mas com medicamentos. Chamaram também um outro médico já idoso e bastante louvado naquela arte, chamado Amónio (pois ainda era então vivo), que, examinada a zona doente, confirmou o mesmo que a diligência e a perícia dos outros tinham prognosticado. Animado pela sua autoridade, aquele, como se já estivesse curado, pôs-se a rir com faceta hilaridade do seu médico de família que lhe predissera uma nova incisão.

Que mais? Decorrem depois tantos dias passados em vão, e os médicos, cansados e confusos, acabam por confessar que de nenhum outro modo senão pelo ferro o podem salvar. Fica apavorado, empalidece perturbado por imenso terror, e, logo que volta a si e pode falar, mandou-os embora e que nunca mais lhe aparecessem; e, cansado das lágrimas e apertado pela necessidade, nada mais lhe ocorreu do que chamar um tal Alexandrino, que era então considerado como um admirável cirurgião para que este fizesse o que, irritado, não consentiu que pelos outros fosse feito. Mas, depois de ter vindo e ter visto nas cicatrizes o trabalho dos outros, como perito honrado, tratou de persuadi-lo a que fossem antes aqueles, que nele fizeram um tão bom trabalho como o que ele via e admirava, a terem o prazer de o curarem definitivamente — acrescentando que não poderia ser salvo se não fosse realmente operado, mas que muito repugnava aos seus hábitos, tirar a glória de um tão belo trabalho, por pouco que houvesse ainda para fazer, a homens de quem admirava, ao ver as cicatrizes, o trabalho, a perícia e o cuidado consumados. Voltaram eles a cair nas suas graças, e decidiu-se que, na presença de Alexandrino, abririam com o ferro o abcesso que todos reconheciam incurável por outro meio. O caso foi protelado para o dia seguinte. Mas quando eles se foram embora, foi tão grande a dor que se levantou naquela casa por causa do total abatimento do senhor, que difficilmente reprimíamos um pranto que parecia o de um funeral. Todos os dias o visitavam santos varões: Saturnino de bem-aventurada memória, então bispo de Uzalis, o presbítero Guloso, os diáconos da Igreja de Cartago, e entre eles estava o único que ainda está nas realidades deste mundo, o actual bispo Aurélio, que por nós deve ser nomeado com o devido respeito e com quem, recordando as obras maravilhosas de Deus, tantas vezes falámos deste caso e verificámos que ele se recordava muito bem do que conversávamos. Aos que, como era costume, o visitaram à tarde, pediu ele, com lágrimas que causavam dó, que, na

manhã seguinte, fizessem o favor de virem assistir ao seu funeral, que não à sua dor. Tão grande era o medo que, devido às dores anteriores, o invadira, que se convenceu de que ia morrer às mãos dos médicos. Consolaram-no e exortaram-no a que confiasse em Deus e se entregasse com coragem à sua vontade. Depois começámos a rezar, pusemo-nos de joelhos, como é costume, e inclinámo-nos até ao chão, e ele, como se alguém o tivesse empurrado, lançou-se por terra e começou a rezar. Com que maneiras, com que affecto, com que emoção, com que torrente de lágrimas, com que gemidos e com que soluços que sacudiam todos os seus membros e quase lhe tiravam a respiração — quem é que por palavras o poderá descrever? Não sei se os outros rezavam ou se a atenção se tinha desviado para este espectáculo. Eu é que, na verdade, não podia rezar; só disse rapidamente no meu coração:

Senhor, se não atendes a estas, quais são as preces dos teus que tu atendes?

De facto, parecia-me que já nada podia restar-lhe senão expirar enquanto orava. Levantámo-nos e, recebida a bênção dos bispos, retirámo-nos, pedindo-lhes ele que estivessem lá de manhã e exortando-o eles a que ficasse descansado. Apontou o dia que se temia; como tinham prometido que lá estariam, lá estavam, de facto, os servos de Deus; entraram os médicos, preparou-se tudo o que aquela hora exigia, trazem-se os terríveis instrumentos de ferro ficando todos atónitos e suspensos. Os de maior autoridade exortam-no com palavras de estímulo e esforçam-se por levantar a sua falta de ânimo; põem no leito os seus membros ao alcance das mãos do cirurgião; desatam-se os nós das ligaduras; põe-se a descoberto a zona doente; o médico inspecciona e busca atentamente, armado com os seus instrumentos, o abcesso que deve cortar; prescruta com os olhos, apalpa com os dedos, emprega, por fim, todos os recursos — mas o que encontra é uma cicatriz bem consolidada. Não é com as minhas

palavras que se poderá descrever a alegria, o louvor, a acção de graças a Deus misericordioso e onnipotente, que jorram da boca de todos com lágrimas de prazer: é mais fácil imaginá-lo do que dizê-lo.

Na mesma Cartago, uma mulher muito religiosa chamada Inocência, das mais ilustres dessa cidade, tinha um cancro no peito, caso que, segundo diziam os médicos, nenhum medicamento era capaz de curar. Costumava-se, portanto, extrair do corpo o órgão onde ele surgia ou então, para se viver durante mais algum tempo, sem que daí se protelasse, todavia, a morte para muito mais tarde, devia-se, conforme o conselho atribuído a Hipócrates, omitir todo o tratamento. Foi o que ela soube dum médico hábil, amigo íntimo de sua família. Ela, então, apenas para Deus se voltou pela oração. Ao aproximar-se a Páscoa, foi avisada em sonhos de que, colocando-se no baptistério na parte destinada às mulheres, a primeira mulher baptizada a ela se dirigiria e lhe traçaria sobre o peito o sinal de Cristo. Assim fez e alcançou imediatamente a saúde. O médico que lhe dissera para se abster de medicamentos se quisesse viver durante mais algum tempo, ao examiná-la em seguida e ao encontrá-la de perfeita saúde (ele sabia por um exame idêntico que antes ela tinha o referido mal), perguntou-lhe com insistência que remédio tinha aplicado, querendo, quanto nos é dado calcular, conhecer o medicamento com que podia refutar-se a opinião de Hipócrates. E depois de ter ouvido dela o que acontecera, ele, com voz e ar como que de desprezo, de tal modo que ela receou que ele iria proferir alguma palavra injuriosa para Cristo, conta-se ter respondido com religiosa urbanidade:

Julgava que tu me ias contar qualquer coisa de maravilhoso —

e, quando ela já se mostrava horrorizada, logo acrescentou:

Cristo fez alguma coisa de grande, lá porque curou um cancro, Ele que ressuscitou um morto de quatro dias?

Quando eu ouvi isto senti-me deveras desgostoso por um tão grande milagre, verificado numa cidade como aquela e em beneficio de tal pessoa realmente nada obscura, se manter assim ignorado. Por isso julguei que a devia admoestar e quase repreendê-la. Por ela me ter respondido que não se tinha calado com isso, perguntei às matronas suas melhores amigas, que ela tinha então consigo, se antes tinham disso sabido alguma coisa. Responderam-me que absolutamente nada sabiam.

Aí está, disse eu, a maneira como tu não te calas que nem estas, que a ti se juntam com tão grande familiaridade, o ouvirem.

E porque eu dela o tinha ouvido em resumo, fiz com que ela ordenadamente lhes contasse tudo o que tinha acontecido e elas, ao ouvirem-no, ficaram sobremaneira maravilhadas e glorificaram a Deus.

Quem conheceu na mesma cidade aquele médico gotoso que, tendo dado o seu nome para o baptismo, na véspera de ser baptizado foi proibido, em sonhos, por uns meninos negros de cabelos encrespados, que ele tomou por demónios, de se baptizar naquele ano? Não lhes obedeceu, embora eles lhe calcassem os pés até lhe causarem uma dor atroz como nunca tinha experimentado, mas ele, decididamente e vencendo-os, não protelou mais ser purificado, como tinha prometido, com o banho da regeneração. No próprio baptismo ficou livre não só dar dor, que o atormentava mais do que era costume, mas também da gota e, embora depois vivesse durante muitos anos, nunca mais lhe doeram os pés.

Mas nós, bem como um reduzido número de irmãos aos quais isto pôde chegar, conhecemo-lo.

Um certo antigo comediante de Cúrubis, quando estava a ser baptizado, ficou curado não só duma paralisia, mas também duma vergonhosa inflamação dos órgãos genitais e, livre de ambas as doenças, como se nunca tivesse mal algum no corpo, saiu da fonte da regeneração. Além de Cúrubis e de mais algumas, muito poucas, pes-

soas, quem é que, noutra parte qualquer, pôde ouvir falar nisto? Nós, porém, ao sabermos disto, por ordem do santo bispo Aurélio, fizemo-lo vir a Cartago, embora já antes o tivéssemos ouvido de pessoas de cuja sinceridade não podíamos duvidar.

Vive entre nós o ilustre Hespério, de família tribunícia. No território de Fussala possui ele uma propriedade denominada Zubedi. Como verificasse que os animais e os servos da sua casa eram atormentados pelos espíritos malignos, pediu, quando eu estava ausente, aos nossos presbíteros, que fosse um deles lá para os afugentar com as suas orações. Foi lá um e lá ofereceu o sacrifício do corpo de Cristo, orando tanto quanto lho permitiam as suas forças para que acabasse aquele tormento — e este logo cessou, graças a Deus misericordioso.

Tinha ele recebido de um seu amigo terra sagrada trazida de Jerusalém, do lugar onde Cristo foi sepultado e ressuscitou ao terceiro dia, e tinha-a dependurado no seu quarto para ele próprio se preservar de qualquer mal. Mas quando a sua casa ficou limpa daqueles estragos, pensou lá consigo que é que iria fazer daquela terra que, por respeito, não queria ter por mais tempo no seu quarto. Por acaso aconteceu que eu e o meu colega Maximino, então bispo de Siniti, estávamos perto dali. Pediu-nos ele que fôssemos lá e nós fomos. Depois de tudo nos ter contado, pediu-nos também que a enterrássemos em qualquer sítio e aí se criasse um lugar de oração onde os cristãos se pudessem também reunir para celebrarem as cerimónias de Deus. Não nos opusemos e assim se fez. Havia lá um jovem camponês paralítico. Logo que disto ouviu falar, pediu a seus pais que, sem demora, o transportassem àquele lugar santo. Tendo sido lá levado, lá orou e logo dali voltou por seu pé, já curado.

A menos de trinta milhas de Hipona Régia há uma vila chamada Victoriana. Existe lá um monumento (*memória*) em honra dos mártires de Milão, Protásio e Gervásio.

Foi lá levado um adolescente que, quando dava banho a um cavalo no verão, ao meio dia, no pego de um rio, foi invadido do demónio. Quando ele lá jazia próximo da morte ou parecido a um morto, a dona da propriedade entrou na *memória*, conforme era seu costume, com as suas servas e algumas religiosas, para as orações e hinos da tarde e começaram a cantar os hinos. Foi ele, então, o demónio como que ferido e sacudido por esta voz e com um terrível clamor mantinha-se agarrado ao altar, não ousando ou não querendo movê-lo, como se a ele estivesse ligado ou pregado, e, pedindo com grandes lamentos que o poupassem, confessava onde, quando e de que maneira se apoderou do adolescente. Por fim, anunciando que ia sair, indicou cada um dos seus membros que ameaçou que viria a amputar e, no meio destas palavras, saiu do homem — mas um olho dele, caindo sobre o queixo, estava suspenso da órbita por uma ténue veia como que por uma raiz, e todo o centro, que fora escuro, se tornara branco.

Ao verem isto os presentes (outros tinham ocorrido aos seus gritos e todos caíram prostrados em oração por ele), embora estivessem contentes por ele estar de pé e são de espírito, estavam tristes por causa do seu olho e diziam que se devia chamar um médico. Então o marido da irmã dele, que o tinha trazido, disse:

Deus que a pedido dos santos expulsou o demónio, é também capaz de lhe restituir a vista.

Então pôs, como pôde, no seu lugar, o olho caído e pendente, e segurou-o com um lenço, achando que não devia desatar senão sete dias depois. Quando tal fez, encontrou o olho completamente curado.

Outros foram ali curados, mas seria muito longo falar deles.

Sei de uma donzela de Hipona que ficou imediatamente curada do demónio quando se ungiu com azeite a que um presbítero misturara as suas lágrimas quando por ela rezava. Sei também de um bispo que, ao rezar uma

única vez por um adolescente que não chegou a ver, no mesmo instante o livrou do demônio.

Havia um velho chamado Florêncio, nosso filho de Hipona, homem piedoso e pobre. Vivía da sua arte de alfaiate. Tinha perdido a sua *calusa* mas não tinha com que comprar outra. Veio à *memória*, tão celebre entre nós, dos vinte mártires e pediu-lhes em alta voz com que se vestir. Uns adolescentes brincalhões que, por acaso, ali estavam, ouviram-no e quando ele saiu, seguiram-no, dele troçando como se ele tivesse pedido aos mártires cinquenta óbolos (*folles*) com que comprasse a peça de vestuário. Mas ele, quando em silêncio ia caminhando, viu um enorme peixe arrojado à praia ainda a agitar-se e, com o auxílio daqueles, que então o ajudaram, apanhou-o e vendeu-o a um certo cozinheiro chamado Catoso, bom cristão, a quem contou tudo o que aconteceu, por trezentas moedas, para os condimentos da sua cozinha — disposto a comprar assim a lã para que sua mulher lhe fizesse, caso fosse capaz, com que se vestisse. Mas o cozinheiro, ao abrir o peixe, encontrou-lhe no ventre um anel de ouro e imediatamente, tomado de compaixão e possuído de religioso temor, entregou-o ao homem, dizendo:

Repara como os vinte mártires de vestiram.

Quando o bispo Prejecto chegou com uma relíquia do gloriosíssimo mártir Estêvão a Águas Tibilitanas (*ad Aquas Tibilitanas*), veio ao seu encontro uma grande multidão. Uma mulher cega que ali se encontrava pediu que a levassem ao bispo portador da relíquia. Ofereceu as flores que levava, voltou a pegar nelas, aproximou-as dos olhos, e imediatamente ficou a ver. Exultando de alegria, caminhava à frente dos que, estupefactos, ali estavam presentes, tomando o seu caminho sem precisar de guia para o resto da viagem.

Com o povo a precedê-lo e a segui-lo, levava Lucílio, bispo do lugar, uma relíquia do citado mártir que se encontrava na fortaleza de Siniti, próxima da colónia de

Hipona. De repente, quando transportava aquele piedoso fardo, sentiu-se curado de uma fistula, mal de que sofria já de há tempos; esperava a chegada de um médico seu muito amigo que o havia de operar; e o certo é que nunca mais a encontrou no corpo.

Eucário, presbítero de Espanha residente em Cálama, que há muito sofria do mal de pedra, foi curado por intermédio das relíquias do mencionado mártir que o bispo Possídio lhe levou. Este mesmo presbítero, jazia mais tarde como morto, atingido por outra doença, de forma que já lhe ligavam os polegares. Por intervenção do mencionado mártir voltou à vida quando puseram sobre o corpo do presbítero moribundo a sua própria túnica que tinham trazido da *memória* do mártir.

Havia lá um homem chamado Marcial, o primeiro da sua categoria, já pesado em anos, que tinha grande aversão à religião cristã. Mas a filha era crente e o genro tinha sido baptizado nesse ano. Como ele estava doente, suplicavam-lhe com abundantes lágrimas que se fizesse cristão, mas ele recusou-se absolutamente e afastou-os de si com violenta cólera. Resolveu então seu genro ir à *memória* de Santo Estêvão pedir a Deus com todas as suas forças que lhe desse uma boa disposição para que não tardasse em crer em Cristo. Fê-lo com muitas lágrimas e soluços e com sincero e ardente sentimento de piedade. Depois, ao retirar-se, calhou tirar do altar algumas flores, e, como já era de noite, pô-las junto da cabeceira do sogro e foi-se deitar. Mas eis que, antes do alvorecer, começa este a gritar que lhe procurassem o bispo (que, por acaso, estava então comigo em Hipona). Ao ouvir dizer que ele estava ausente, pediu que viessem os presbíteros. Chegados que foram eles, confessou que acreditava e, com todos admirados e cheios de alegria, foi baptizado. Quando ainda estava vivo tinha na boca estas palavras:

Cristo, recebe a minha alma,

embora ignorasse que estas tinham sido as últimas palavras

do bem-aventurado Estêvão quando foi apedrejado pelos Judeus. Também para ele foram as últimas pois, pouco depois, também ele morria.

Também lá foram curados por intercessão do mesmo mártir dois cidadãos e um estrangeiro, todos gotosos: mas os cidadãos completamente, ao passo que o estrangeiro soube, por revelação, que remédio devia aplicar quando sentisse dores — e quando ele o applicava, logo a dor se acalmava.

Auduro é nome de uma propriedade (*fundus*) onde há uma igreja com uma *memória* do mártir Estêvão. Uns bois que puxavam um carro, espantaram-se e com uma das rodas esmagaram um menino que brincava no pátio e que logo entrou em agonia e morreu. A mãe pega logo nele e põe-o junto da *memória* e o menino não só voltou à vida como também se mostrou ileso.

Numa propriedade vizinha chamada Caspaliana uma certa religiosa sofria de um mal sem esperança. Levaram a essa mesma *memória* a túnica da religiosa, mas, antes de voltarem, ela morreu. Mas os pais cobriram o cadáver dela com a túnica. Volta-lhe então a respiração e ficou curada.

Em Hipona um certo Basso, sírio, orava na *memória* do mesmo mártir por uma filha que se encontrava gravemente doente. Tinha trazido para lá um vestido dela. Nisto saem de casa uns servos para lhe anunciarem a morte da doente. Mas como ele estava a rezar, uns amigos detiveram-nos e impediram-nos de lhe falarem para que não chorasse perante o público. Quando voltou a casa onde já ressoavam as lamentações dos seus, pôs sobre ela o vestido que trazia da filha — e ela voltou à vida.

Também cá, entre nós, morreu de doença o filho de um tal Ireneu, cobrador de impostos. Quando o seu corpo jazia exânime e com lágrimas e lamentos preparavam as exéquias, um dos seus amigos entre palavras de consolação sugeriu-lhe que ungisse o corpo com o azeite do referido mártir. Ele assim fez e o morto voltou à vida.

Ainda aqui, entre nós, o tribunício Eleusino colocou sobre a *memória* dos mártires, levantada nos subúrbios, um filhinho pequenino acabado de morrer de doença e, depois de ali ter rezado, derramando muitas lágrimas, voltou com ele vivo.

Que é que eu hei-de fazer? A promessa de acabar com esta obra aperta comigo de forma tal que não posso deixar aqui consignado tudo quanto sei. Não há dúvida de que a maioria dos nossos, ao lerem isto, lamentarão que eu tenha passado em silêncio tantos factos que conhecem tão bem como eu. A esses peço, desde já, que me desculpem e pensem quão extenso seria fazer o que a necessidade de terminar esta obra me obriga já a não fazer. De facto, se não referisse os outros e me limitasse a contar as curas miraculosas que, por intermédio deste gloriosíssimo mártir Estêvão, se realizaram na Colónia de Cálama e na nossa, muitos livros teriam de ser compostos, e nem mesmo assim poderiam ser todos coligidos, mas apenas aqueles de que se redigiram os folhetos (*libelli*) que se recitam ao povo. Quisemos, de facto, que se contasse isto, ao vermos que, também nos nossos tempos, são frequentes os sinais do poder divino, semelhantes aos antigos, e que não devem escapar ao conhecimento de muitos. Ainda não há dois anos que esta *memória* existe em Hipona Régia, e de muitos (disto estou bem certo) dos milagres que se verificaram, foram redigidos os *libelos*; todavia, quando estes factos descrevi, eram já cerca de setenta os *libelos* redigidos. Mas em Cálama, onde há uma *memória* anterior à nossa, verificam-se mais frequentemente e contam-se em quantidade incomparavelmente superior.

Soubemos que, por intercessão do mesmo mártir, se realizaram muitos milagres em Uzális, que é uma colónia vizinha de Útica; a *memória* dele foi aí construída pelo bispo Evódio muito antes de termos uma cá entre nós. Não há lá o costume de redigirem os *libelos*, ou melhor, não havia, porque agora talvez tenha começado a haver.

Efectivamente, quando recentemente ali estivemos, conforme a vontade do mencionado bispo do lugar exortámos Petrónia — uma mulher muito illustre que aí tinha sido curada milagrosamente duma grande e prolongada doença em que falharam todos os recursos dos médicos — a que redigisse um *libelo* que seria lido ao povo e ela aquiesceu da melhor vontade. Conta ella aí um facto que não posso omitir aqui, embora a urgência desta obra me force a apressar-me. Disse que um certo judeu a persuadiu a enfiar um anel num cinto de cabelo com o qual se cingiria, debaixo de todo o vestuário, junto ao corpo nu; teria esse anel no engaste uma pedra achada nos rins de um boi. Cingida com este como que remédio dirigiu-se ao santuário do Santo Mártir. Tendo partido de Cartago, deteve-se numa propriedade sua na margem do rio Bagrada, mas ao levantar-se para continuar a sua viagem viu o anel caído a seus pés e, admirada, apalpou o cinto de cabelo em que o anel tinha sido enfiado. Verificando que o cinto se encontrava tal qual como era, atado com os seus nós bem fortes, pensou que o anel se tinha quebrado e escorregado; como reparou que também este estava perfeitamente intacto, julgou ter recebido, com tal prodígio, de certo modo uma garantia da sua futura cura, e, desatando o cinto, atirou-o, juntamente com o anel, para o rio.

Pois não creiam nisto os que também não crêem que o Senhor Jesus nasceu da integridade virginal de sua mãe e entrou onde estavam seus discípulos com as portas fechadas. Mas informem-se deste e, se o acharem verdadeiro, acreditem nos outros. É uma mulher muito illustre, nobre de nascimento, casada com um nobre, e habita em Cartago. A importância da cidade e a importância da pessoa não permitem que o facto se possa esconder daqueles que o investigam. O próprio Mártir, por cuja intercessão ella foi curada, acreditou, com certeza, no Filho da que continuou virgem; acreditou n'Aquele que chegou até junto dos discípulos com as janelas fechadas; enfim, e por isso é

que dizemos tudo isto, acreditou n'Aquele que subiu ao Céu com a carne com que tinha ressuscitado. E se por seu intermédio tão grandes coisas acontecem é porque ele deu a vida por esta fé.

Ainda hoje se realizam numerosos milagres, sendo Deus, que os faz por intermédio de quem quer e da maneira que quer, o mesmo que fez aqueles que lemos. Mas nem estes são tão conhecidos nem, para não saírem da memória, se repete a sua leitura como se repisa o saibro. De facto, mesmo onde há o cuidado, que agora começou a haver entre nós, de ler ao povo os *libelos* dos que receberam benefícios, os que estão presentes ouvem uma só vez, muitos estão ausentes e não ouvem e mesmo os que estiveram presentes, passados poucos dias, já não retêm na memória o que ouviram e difficilmente se encontrará algum deles que seja capaz de contar o que ouviu a quem não esteve presente.

Verificou-se entre nós um milagre que não é maior do que aqueles de que falei, mas tão notório e brilhante que não há em Hipona, estou certo, quem o não tenha visto e dele não saiba; não há quem, por qualquer razão, o possa esquecer.

Dez irmãos (sete dos quais são varões e três irmãs) de Cesareia da Capadócia, nobres entre os seus concidadãos, foram amaldiçoados por sua mãe, desvalida em consequência da morte recente do pai deles e que suportara uma gravíssima ofensa que por eles lhe foi feita. Por isso foram pelo poder divino castigados com pena tal que todos se agitavam horivelmente com o tremor dos membros. Não podendo suportar, nesta tão repugnante situação, os olhares dos seus concidadãos, decidiram ir cada um para seu lado e vagabundeavam por quase todo o mundo romano. Também até nós chegaram dois deles, irmão e irmã, Paulo e Paládia, já conhecidos em muitos outros lugares pela sua notória desgraça.

Chegaram uns quinze dias antes da Páscoa e todos os dias iam à igreja e à *memória* lá existente do gloriosíssimo

Estêvão, pedindo a Deus que deles se compadecesse e lhes restituísse a antiga saúde. Aí e em qualquer parte para onde fossem, atraíram sobre si os olhares da cidade. Alguns que já os tinham visto noutros sítios e sabiam qual era a causa das suas convulsões, contavam o caso aos outros como podiam.

Chegou o dia de Páscoa e, nesse domingo, de manhã, quando já lá estava muita gente, estava também, junto às grades do lugar santo onde estava o relicário (*martyrium*), o mencionado jovem orando. De repente cai e jaz por terra como se estivesse a dormir mas sem tremer como lhe era habitual mesmo durante o sono. Ficaram estupefactos os presentes, uns possuídos de pavor, outros de compaixão. Quando alguns o quiseram levantar, os outros opuseram-se dizendo que era preferível esperar pelo desfecho. Nisto ele levanta-se, mas não tremia pois estava curado e olhava de pé, incólume, os que o olhavam. Quem é que então se aguentou sem dar louvores a Deus? De todos os lados se encheu a igreja com os gritos dos que aclamavam e davam graças. Correram até ao sítio onde eu estava sentado mas já disposto a ir ao seu encontro. Cada um se precipita, um depois do outro, contando-me cada um que vem a seguir, como novidade aquilo que outro me tinha acabado de contar. Cheio de alegria e dando, cá comigo, graças a Deus, surge-me ele próprio com vários outros, lança-se aos meus joelhos e depois levanta-se para receber o meu beijo. Dirijo-me ao povo; a igreja estava repleta; ecoava com as vozes de alegria: *Graças a Deus, Louvores a Deus!* Ninguém estava calado. As aclamações vinham de todos os lados. Saudei o povo e renovam-se as aclamações com o mesmo fervor. Feito por fim silêncio, procedeu-se à leitura solene das Sagradas Escrituras. Quando chegou a altura do meu sermão, proferi umas poucas palavras apropriadas à ocasião e à exuberância daquela alegria. Achei melhor, não que me ouvissem, mas antes que considerassem a eloquência de Deus na sua obra divina. O homem

almoçou connosco e contou-nos pormenorizadamente toda a história da sua desgraça — a de sua mãe e a de seus irmãos.

No dia seguinte, depois de proferido o sermão, prometi que no outro dia se deveria ler ao povo o *libelo* desta narrativa. Ao terceiro dia depois do domingo de Páscoa, enquanto isso se fazia, fiz colocar ambos os irmãos de pé nos degraus do estrado do alto do qual eu falava. Toda a gente de ambos os sexos os mirava — a um, de pé, sem qualquer anormal movimento, à outra com todos os seus membros em convulsão. Os que o não tinham visto podiam ver na sua irmã o que nele era efeito da divina misericórdia. Viam o que nele se devia agradecer e o que por ela se devia implorar. Terminada que foi a leitura do seu *libelo*, mandei-os retirar da vista do povo e começava eu a falar um tanto mais desenvolvidamente do mesmo caso, eis se não quando, estando eu ainda a falar, outros gritos de congratulação se ouviam vindos da *memória* do mártir. Os que me ouviam voltam-se para lá e todos juntos para lá começaram a correr. É que ela, tendo descido do estrado onde se mantinha de pé, foi orar para junto do Santo Mártir e, apenas tocou nas grades, também ela semelhantemente caiu por terra como que mergulhada no sono para logo se levantar curada. Quando eu procurava saber o que tinha acontecido, donde é que vinha aquele tumulto de alegria, entram com ela na basílica onde estávamos, trazendo-a curada do lugar do Mártir. Levantou-se então um tão grande clamor de admiração da parte de ambos os sexos que a ininterrupta gritaria à mistura com lágrimas parecia nunca mais ter fim. Levaram-na ao mesmo lugar onde pouco antes estivera em convulsões. Exultavam por vê-la tão semelhante a seu irmão, ela a quem, com dor, tinham visto tão diferente dele — e constatavam que já tinham sido atendidas (e tão depressa) as suas preces, quando ainda por ela nem sequer as tinham erguido. Exultavam em louvores a Deus, não com palavras

mas com gritos, com tal estrépito que difficilmente os nossos ouvidos o podiam suportar. Que é que nos corações dos que saltavam de alegria havia senão a fé de Cristo pela qual Estêvão derramou o seu sangue?

CAPÍTULO IX

Todos os milagres realizados em nome de Cristo por intermédio dos mártires dão testemunho da fé com que os mártires em Cristo acreditaram.

De que dão testemunho estes milagres senão dessa fé com que se prega que Cristo ressuscitou na sua carne e com essa carne subiu ao Céu? Porque os próprios mártires, dessa fé é que foram mártires, isto é, testemunhas dessa fé¹:

e, dando testemunho dessa fé, é que eles suportaram um mundo crudelíssimo e totalmente adverso,

é que eles o venceram, não pugnando, mas morrendo.

Foi por esta fé que morreram os que estes milagres podem obter do Senhor por cujo nome foram mortos;

foi por esta fé que, primeiro, sofreram admiravelmente e, depois, puderam manifestar nestes milagres este poder tão grande. Realmente, se a ressurreição da carne para sempre ainda se não verificou em Cristo e não virá a verificar-se, conforme Cristo predisse e como foi predito pelos profetas por quem Cristo foi anunciado — porque é que então foi concedido tanto poder aos mortos que deram a sua vida por uma fé que proclama esta ressurreição? Com efeito —

quer seja o próprio Deus a fazê-los por si próprio da maneira admirável como Ele, o Eterno, realiza as coisas temporais,

¹ Compreende-se melhor esta passagem se tivermos presente que a palavra grega μάρτυς (mártir), tardiamente adoptada pelo latim, principalmente por via eclesiástica, significa precisamente testemunha.

quer pelos seus ministros (e estes mesmos milagres que ele realiza pelos seus ministros

quer realize alguns deles por intermédio das almas dos mártires, como se eles fossem homens ainda vivos nos seus corpos,

quer os realize todos por intermédio dos anjos sobre os quais Ele impera invisível, incorpórea e imutavelmente, de maneira que, os milagres que se atribuem aos mártires, não são estes que os realizam, mas são realizados apenas porque eles oram e intercedem),

quer Ele os realize a uns de uma maneira e a outros de outra maneira, maneiras estas que de modo nenhum podem ser compreendidas pelos mortais

— todos estes milagres são testemunho desta fé em que se prega a ressurreição da carne para a eternidade.

CAPÍTULO X

Quão mais dignos de serem venerados são os mártires — que conseguem maravilhas para que o verdadeiro Deus seja adorado — do que os demónios que realizam algumas maravilhas para que se acredite que são deuses.

Chegados a este ponto, talvez nos queiram dizer que também os seus deuses fizeram maravilhas. Nada mau, se começam a comparar os seus deuses com os nossos homens já falecidos. Será que ainda hão-de afirmar que têm deuses procedentes de homens falecidos, tais como Hércules, Rómulo e muitos outros admitidos, julgam eles, no número dos deuses? Mas para nós, os nossos mártires não são deuses, porque o nosso Deus, sabemos-lo muito bem, e o dos mártires, é um só e o mesmo Deus. Nem também aos milagres que se realizam por meio das *memórias* dos nossos mártires, de modo nenhum se podem comparar os que eles dizem que se verificam nos seus templos.

E mesmo que parecessem semelhantes, o certo é que os seus deuses foram vencidos pelos nossos mártires tal qual como os magos do Faraó o foram por Moisés. Os demónios fizeram-nos com a mesma ostentação de impura soberba com que pretenderam ser os deuses deles, ao passo que os mártires os fazem, ou melhor, Deus a rogo deles ou com o concurso deles, para que se propague a fé pela qual acreditamos que eles não são os nossos deuses mas têm connosco um só Deus. Enfim, a tais deuses levantaram eles templos, erigiram altares, instituíram sacerdotes, ofereceram sacrificios — mas nós aos nossos mártires construímos não templos como a deuses, mas *memórias* como a

mortos cujas almas vivem junto de Deus; e nelas erigimos altares para oferecermos sacrificios, não aos mártires, mas ao único Deus deles e nosso; e nesses sacrificios invocam-se os seus nomes, segundo a ordem e o lugar (por que vem inscritos nos *dipticos*)¹, como homens de Deus que, confessando o seu nome, venceram o mundo — mas não são invocados pelo sacerdote que oferece o sacrificio. Na realidade, é a Deus que oferece o sacrificio e não a eles, embora os ofereça em memória deles: é que o sacerdote é sacerdote de Deus e não deles. E o próprio sacrificio é o corpo de Cristo que não lhes é oferecido pois eles próprios são esse corpo. Dos que realizam os prodígios — em quais se deve crer de preferência?

Será naqueles que pretendem ser tidos por deuses por aqueles a favor de quem os fazem,

ou naqueles que, para que se creia em Deus, que é o mesmo que crer em Cristo, fazem todas as maravilhas que fazem?

Será naqueles que quiseram tornar sagrados mesmo os seus crimes ou naqueles que nem os seus méritos quiseram que se tornassem coisas sagradas, mas referem todos os louvores que merecem à glória d'Aquele em quem são louvados? Realmente, é no Senhor que são louvadas as suas almas. Acreditemos, portanto, naqueles que proclamam a verdade e fazem milagres. Foi, de facto, por dize-

¹ Para esclarecimento do leitor mais alheado destes assuntos, acrescentamos à frase entre parêntesis, o seguinte: Na primitiva Igreja procedia-se à invocação dos santos que de maior veneração eram objecto, cujos nomes constavam duma lista dupla (*δίπτυχος*). Resquícios desta prática se mantiveram na liturgia da Eucaristia. De facto, até ao Conc. Vat. II, a seguir ao prefácio e na continuação do cânon, logo a seguir à oração *Te igitur* (assim chamada por serem estas as suas primeiras palavras), a assembleia dos fiéis orava por toda a Igreja (*In primis*), depois pelos vivos (*Memento*) seguindo-se logo a memória dos santos ou *dipticos* (*Communicantes et memoriam venerantes*) ou seja a lista dos santos.

rem a verdade que sofreram e assim chegaram a fazer milagres. Entre estas verdades o principal é isto: Cristo ressuscitou dos mortos e foi o primeiro que mostrou na sua carne a imortalidade duma ressurreição que nos prometeu para o princípio do nosso século e para o fim deste século.

CAPÍTULO XI

Contra os platônicos que da gravidade (*pondus*) dos corpos tiram o argumento de que um corpo de terra não pode estar no Céu.

Contra este grande dom de Deus esses disputadores, de quem

*o Senhor conhece os seus pensamentos e sabe que são vãos*¹,

uns argumentam com a gravidade (*pondus* — peso) dos elementos; é que realmente eles aprenderam em Platão, seu mestre, que os dois maiores e mais distanciados corpos, estão juntos e unidos por dois elementos intermediários, ou sejam, o ar e a água. E assim, dizem eles, como a terra, contando de baixo para cima, é a primeira, e a segunda é a água sobre a terra, o que se segue é o ar sobre a água e o quarto, sobre o ar, é o céu, — não pode haver no céu um corpo terrestre: é, de facto, graças aos pesos que lhes são próprios que cada um destes elementos encontra o equilíbrio para se manter no seu lugar. Eis com que argumentos a fraqueza humana dominada pela vaidade contradiz a onnipotência de Deus. Que fazem então no ar tantos corpos terrestres, se o ar é o terceiro a partir da terra? A não ser, talvez, que, quem concedeu aos corpos terrestres das aves que se aguentassem no ar graças à leveza das suas asas de penas, não possa dar aos corpos humanos, tornados imortais, o poder pelo qual se tornem

¹ *Cogitationes novit Dominus quoniam vanae sunt.*
Salmo XCIII (XCIV), 11.

capazes de habitar no mais alto dos céus. Também os animais terrestres, e entre eles os homens incapazes de voar, terão de viver na terra, tal qual como vivem na água os peixes que são animais das águas. Porque é então que o animal terrestre toma a sua vida do terceiro elemento e nem, pelo menos, do segundo, isto é, da água? Porque é que, pertencendo à terra, sufoca imediatamente, se for forçado a viver no segundo elemento que está acima da terra e, para viver, tem que viver no terceiro? Estará errada esta ordem dos elementos, ou estará antes errada essa ordem, não na natureza, mas na argumentação deles? Abstenho-me de falar naquilo que já expus no livro décimo terceiro acerca da grande quantidade de corpos terrestres que são pesados como o chumbo e, todavia, podem receber do artífice uma forma mercê da qual poderão flutuar sobre a água; mas nega-se ao artífice onnipotente que faça com que um corpo humano receba uma qualidade pela qual ele pode transportar-se ao Céu e no Céu estar.

Ora o certo é que, contra aquilo que já acima expus, nada encontram, mesmo nada, que dizer, esses que meditam e fazem exposições acerca da ordem dos elementos na qual põem a sua confiança. De facto, se, partindo de baixo para cima, a terra é a que vem em primeiro lugar, em segundo lugar a água, em terceiro o ar e em quarto o céu — acima de todos está a natureza da alma. E, na verdade, Aristóteles disse que ela é um quinto corpo² enquanto Platão diz que corpo nenhum tem. Mas se fosse o quinto, estaria com certeza acima dos demais; mas como nem corpo é, então está muito mais acima. Mas que faz ela então num corpo terrestre? Como é que actua nesta massa, ela que é o mais subtil de todos? Como é que se

² Verifica-se aqui uma má compreensão de Aristóteles por parte de Santo Agostinho. De facto, Aristóteles, no *De Coelo* (IV, 6), refere-se, não a um quinto corpo, mas sim à quinta essência, que é coisa bem diferente.

comporta neste peso ela de todos o mais leve? Como é que ela, a mais célere de todos, age nesta inércia? Será que, graças ao valor desta tão excelente natureza ela não será capaz de fazer com que o seu corpo se eleve até ao céu? — e se agora a natureza dos corpos terrestres pode arrastar as almas para baixo, será que um dia as almas não serão capazes de levantar para o alto os corpos terrestres?

Se voltarmos aos prodígios, realizados pelos deuses que opõem aos nossos mártires, não notaremos que também eles estão por nós e nos favorecem sobremaneira? Entre os grandes prodígios dos seus deuses, um dos maiores é, com certeza, o que Varrão relata: uma virgem vestal estando em perigo por causa de uma falsa suspeita de desfloramento, encheu um crivo com água tirada do Tibre e levou-a aos seus juizes sem que uma só gota o tivesse atravessado. Quem é que manteve o peso da água no crivo? Quem é que fez com que ela não caísse na terra por tantos buracos? Responder-me-ão:

— *Algun deus ou algum demónio.*

Se foi um deus, será ele maior que Deus criador deste mundo? Se foi um demónio, será ele mais poderoso que um anjo que serve a Deus por quem o mundo foi feito? Se então um deus inferior, ou um anjo ou um demónio pôde desta maneira manter suspenso o peso dum elemento líquido e, por assim dizer, mudar a natureza da água — será que Deus omnipotente, que criou todos os elementos, não poderá retirar o seu peso a um corpo terrestre para, uma vez vivificado, habitar no mesmo elemento que o *Espírito que vivifica* quiser?

Depois, se eles põem o ar no meio, entre o fogo por cima e a água por baixo — como é que muitas vezes o encontramos entre uma água e outra água e entre a água e a terra? Como é então que pretendem que as nuvens são formadas de água e no meio, entre elas e os mares, se encontra o ar? Então, graças a que peso e a que ordem dos elementos acontece que torrentes violentíssimas e prenes

de água se mantêm por cima dos ares, suspensas nas nuvens, antes de correrem na terra, debaixo dos ares? Por fim, porque é que o ar está no meio, entre os cumes do céu e a nudez das terras, por onde quer que se estenda o Mundo, se o seu lugar está fixado entre o céu e a água como o das águas está fixado entre ele e a terra?

Finalmente, se, conforme Platão, a ordem dos elementos está de tal forma disposta

que os dois extremos, isto é, o fogo e a terra, estão unidos pelos dois intermédios, isto é, pelo ar e pela água, e que o fogo ocupa o lugar mais alto do céu, a terra o mais baixo, à maneira de fundamento do Mundo, e por isso a terra não pode estar no céu,

— porque é então que esse mesmo fogo está na terra? Realmente, segundo esta doutrina, estes dois elementos, terra e fogo, devem estar tão estreitamente fixados aos seus lugares próprios, um em cima outro em baixo, que o que está em cima não pode estar em baixo, tal qual como, segundo a sua opinião, não pode estar em cima o que está debaixo, nem debaixo pode estar o que está em cima. Portanto, assim como, segundo julgam, não pode haver e nunca haverá a menor partícula de terra no céu, assim também nós não deveríamos ver na terra a menor partícula de fogo. Mas o certo é que há fogo na terra e até debaixo da terra de tal forma que os cumes das montanhas o vomitam, e além disso vemos que, para uso do homem, não só há fogo à superfície da terra mas também que ele nasce do interior da terra, pois até nasce da madeira e das pedras que, sem dúvida, são corpos terrestres.

Mas, dizem eles, aquele fogo é um fogo tranquilo, puro, inofensivo, eterno — ao passo que este, o da terra, é violento, fumoso, corruptível e corruptor. Todavia, não corrompe as montanhas nem os antros da terra onde ele arde ininterruptamente. Pois seja; que ele seja diferente daquele para que se adapte às moradas terrestres: porque é então que não permitem que acreditemos que a natureza

dos corpos terrestres, tornada um dia incorruptível, se há-de adaptar ao céu como agora o fogo corruptível se adapta à terra? Por conseguinte, eles nada tiram da gravidade e da ordem dos elementos que impeça Deus Omnipotente de tornar tais os nossos corpos que possam habitar mesmo no Céu.

CAPÍTULO XII

Contra as calúnias com que os infiéis mofam dos cristãos a propósito da crença na ressurreição da carne.

Com toda a minúcia costumam procurar algo com que zombem da nossa fé na ressurreição da carne, perguntando, por exemplo, se os fetos abortivos também ressuscitam; e, uma vez que o Senhor disse:

*Na verdade vos digo: nenhum cabelo da vossa cabeça
perecerá¹,*

se em todos virão a ser iguais a estatura e o vigor dos corpos ou se serão diferentes os tamanhos dos corpos. Pois, se se verificar a igualdade dos corpos, donde tirarão a massa corporal que cá não tiveram os abortos — caso ressuscitem também eles? E se não ressuscitarem, pois nem sequer nasceram mas foram expelidos, a mesma questão se põe acerca das criancinhas: — donde lhes virá o tamanho do corpo que vimos faltar-lhes cá, ao morrerem nessa idade? Claro que não iremos responder-lhes que não ressuscitarão os que são capazes não só de nascer mas também de renascer.

A seguir perguntam que medida virá a ter a própria igualdade. Efectivamente, se forem todos tão grandes e tão altos como foram os maiores e os mais altos que cá viveram — perguntarão, não só a propósito das crianças

¹ *Amen, dico vobis, capillus capitis vestri non peribit.*
Lucas, XXI, 18.

mas da maior parte das pessoas, se cada um receber o que teve cá, donde lhes virá o que cá lhes faltou; mas se esta palavra do Apóstolo, de todos devermos chegar

*à medida da plenitude da idade de Cristo*²,

e esta outra:

*Os que predestinou a tornarem-se conformes à imagem de seu Filho*³,

significam que a estatura e a medida do corpo de Cristo serão as de todos os corpos humanos que foram para o seu reino, então replicarão: «a muitos teria que se tirar parte da sua estatura e corpulência; e em que ficará a frase:

*Nenhum cabelo da vossa cabeça perecerá*⁴,

se do próprio tamanho do corpo tanto há-de perecer?» Ainda que, a propósito de cabelos, se possa perguntar também se será restituído o que caiu aos que cortam o cabelo. Se tudo vier a ser restituído, quem é que não ficará horrorizado perante uma disformidade dessas? E o mesmo aconteceria necessariamente a respeito das unhas: será restituído tudo o que os cuidados do corpo cortaram? Onde estará então a beleza que deve ser, já naquela imortalidade, certamente muito maior do que o pôde ser nesta corrupção? Mas se nada for restituído, então tudo perecerá. Como é que, perguntam eles, não perecerá um cabelo da cabeça? Da mesma forma discutem acerca da magreza ou da gordura. Com efeito, se todos forem iguais, não serão, na verdade, uns magros e outros gordos. A uns, portanto, alguma coisa se acrescentará e a outros se tirará; mas então não se receberá o que se tinha mas a um tem que se acrescentar o que não teve e a outro que se tirar o que teve.

² *In mensuram aetatis plenitudinis Christi.*

Efés., IV, 13.

³ *Quos praeordinavit conformes fieri imaginis filii sui.*

Rom., VIII, 29.

⁴ *Capillus capitis vestri non peribit.*

Lucas, XXI, 18.

Também a propósito da corrupção e dissolução dos corpos dos mortos — como uns se transformam em pó e outros se evolvem em gás, há os que os animais devoram e há os que o fogo consome e outros, ainda, morrem quer em naufrágio quer noutra qualquer afogamento de maneira que a putrefacção é que dissolve as suas carnes nas águas — não é em pequena medida que ficam perturbados e não acreditam nem que todos os elementos se possam reagrupar na carne nem na carne se possam reconstituir. Buscam ainda toda a espécie de deformidades e defeitos, acidentais ou de nascença, entre os quais citam com horror e troça os partos de monstros, e perguntam como será a ressurreição das deformidades. Se dissermos que nada disso voltará ao corpo do homem, logo pensam em refutar a nossa resposta recordando os lugares das chagas com que, conforme nós afirmamos, Cristo Senhor ressuscitou.

Mas de todas estas questões, a mais difícil que se apresenta é esta: «à carne de quem voltará a carne com que se sustentou o corpo dum outro que, impellido pela fome, come carne humana?» Realmente, ela transformou-se na carne daquele que viveu graças a tal alimento e reparou as perdas que a sua magreza mostrava. Para ridicularizarem a fé na ressurreição perguntam se essa carne voltará ao homem de quem foi primeiro ou antes àquele em quem ela depois se tornou — e assim: ou prometem, como Platão, uma alternativa de verdadeiras infelicidades ou de felicidades falsas à alma humana, ou confessam, como Porfírio, que a alma humana, depois de muitas passagens idênticas por diversos corpos, encontrará um dia o termo das suas misérias e nunca mais a elas voltará, não, todavia, por ter um corpo mortal mas antes por ter fugido a todo o corpo.

CAPÍTULO XIII

Serão excluídos da ressurreição os abortos se pertencerem ao número dos mortos?

Com a misericórdia de Deus a conceder ajuda aos meus esforços, responderei a estas questões que, conforme a ordem por que as pus (*me digerente*), me parecem ser as objecções dos nossos antagonistas¹. Não me atrevo nem a afirmar nem a negar que hão-de ressuscitar os fetos abortivos que, embora aí tenham vivido, morreram no útero, embora eu não veja como é que a eles se não estende a ressurreição de mortos, uma vez que não são excluídos do número dos mortos. Com efeito,

ou nem todos os mortos hão-de ressuscitar, e haverá algumas almas humanas para sempre sem corpo, embora tenham possuído corpos humanos no ventre materno;

ou, se todas as almas humanas hão-de receber os seus corpos ressuscitados, qualquer que seja o lugar onde os tiveram na vida ou deixaram na morte, não encontro maneira de dizer que a ressurreição dos mortos não se estende a todos aqueles que já morreram nem que seja no ventre de suas mães. Mas seja o que for que cada um pensar a este respeito, se eles hão-de ressuscitar, também a eles se deve aplicar o que atrás expusemos acerca das crianças já nascidas.

¹ Em vez do ablativo absoluto *me digerente*, que traduzi por «conforme a ordem por que as pus», Migne traz o ablativo absoluto *me dirigente* que poderá ser traduzido por «conforme expus».

CAPÍTULO XIV

Se as crianças hão-de ressuscitar no estado corporal que viriam a ter com o acréscimo da idade.

Que iremos então dizer das crianças senão que elas hão-de ressuscitar não com a exígua estatura com que morreram, mas com o desenvolvimento que, com o tempo, viriam a adquirir e que receberão por obra maravilhosa e instantânea de Deus? Realmente, na expressão do Senhor em que se diz:

*Nenhum cabelo da vossa cabeça perecerá*¹, afirma-se que nada do que se tinha faltará, mas não se nega que se há-de acrescentar o que falta. Ora, ao que morre criança falta o perfeito desenvolvimento do seu corpo, pois, na verdade, mesmo à criança perfeita falta realmente a perfeição do desenvolvimento corporal que, quando lá chegar, já não poderá aumentar de estatura. Esta medida de perfeição todos a têm desde quando foram concebidos e nasceram; mas têm-na na razão causal e não na materialidade (*in ratione non in mole*); e como os próprios membros que já existem todos de forma latente na semente, embora aos nascidos faltem ainda alguns tais como os dentes e outros deste género. É nesta razão causal, ínsita na matéria corporal de cada um, que, parece, de

¹ *Capillus capitis vestri non peribit.*
Lucas, XXI, 18.

certo modo já se encontra a bem dizer esboçado o que ainda não é, ou antes, o que está latente mas, com o tempo, virá à existência, ou melhor, aparecerá. A criança que virá a ser baixa ou alta, já é, portanto, baixa ou alta nessa razão causal. Segundo esta razão causal, não temos com certeza de recear o menor prejuízo corporal na ressurreição do nosso corpo, porque, mesmo que fosse igual à estatura de todos e todos atingissem a corpulência dos gigantes — nem mesmo os maiores gigantes haviam de perder na sua estatura algo que neles parecesse contrário à frase de Cristo de que não cairia um cabelo da sua cabeça. Como é que iria então faltar ao Criador, que criou tudo do nada, com que acrescentar o que, como admirável artífice, Ele julgasse que deveria ser acrescentado?

CAPÍTULO XV

Ressuscitarão os corpos de todos os mortos como o corpo do Senhor?

É certo que Cristo ressuscitou com a estatura com que morreu, e não é lícito que se diga que, quando o momento da ressurreição de todos chegar, o corpo de Cristo há-de adquirir um tamanho que não tinha quando apareceu aos seus discípulos e com o qual era deles conhecido para se poder tornar igual aos mais altos. Mas se dissermos que os corpos dos mais avantajados se hão-de reduzir à medida do corpo do Senhor, muito virão a perder alguns corpos, apesar de ele ter prometido que nem um cabelo se perderia. Resta, portanto, concluir que cada um receberá a estatura que lhe é própria, quer seja a que teve na juventude, embora tenha morrido velho, quer seja a que viria a ter se morreu antes dela — e o que diz o Apóstolo acerca da

*medida da plenitude da idade de Cristo*¹,

ou temos que o entender num outro sentido, isto é, que a medida da sua idade terá a sua plenitude quando Ele, cabeça dos povos cristãos, vier juntar-se à perfeição de todos os seus membros,

ou, se aquilo foi dito a propósito da ressurreição dos corpos, devemos compreender que os corpos dos mortos não ressuscitarão numa forma nem maior nem menor do que a da juventude, mas na idade e com o vigor até aos

¹ *Mensura aetatis plenitudinis Christi.*
Efés., IV, 13.

quais Cristo chegou cá (é realmente por volta dos trinta anos que a juventude atinge o seu pleno desenvolvimento, dizem os mais doutos homens do século: quando ela tiver ultrapassado o seu período próprio, começa então o homem a pender para o declínio duma idade mais grave e senil). Por isso é que se não disse: *à medida do corpo* ou *à medida da estatura*, mas *à medida da plenitude da idade de Cristo*.

CAPÍTULO XVI

Como se deve entender que os santos se hão-de conformar com a imagem do Filho de Deus.

Também aquilo que o Apóstolo diz dos predestinados: que eles se tornam

*conformes à imagem do Filho de Deus*¹,

se pode entender *conformes ao homem interior*. Por isso nos diz numa outra passagem:

*Não vos conformeis com este século, mas reformai-vos na renovação da vossa mentalidade*²;

portanto, precisamente onde nos reformarmos para não nos conformarmos com este século, é aí que nos conformamos com o Filho de Deus. Isto pode ainda ser entendido desta maneira: assim como Ele se tornou conforme a nós na mortalidade, assim também nós nos tornaremos conformes a Ele na imortalidade — o que, na verdade, também se relaciona com a ressurreição dos corpos. Mas se com estas palavras nos recorda com que forma hão-de os corpos ressuscitar, (tanto a estatura como a parecença), não se devem essas palavras referir ao tamanho, mas à idade. Por consequência, todos ressurgirão com a estatura que tinham ou viriam a ter na idade juvenil — embora a forma do corpo, infantil ou senil, nenhum prejuízo importe, lá onde nenhuma enfermidade subsistirá, quer da mente quer do próprio corpo. Por isso é que também, se alguém entender que cada um há-de ressuscitar com aquela conformação corporal com que morreu, não vale a pena com ele travar uma laboriosa discussão.

¹ *Conformes imaginis filii Dei.*
Rom., VIII, 29.

² *Nolite conformari huic saeculo, sed reformamini in novitate mentis vestrae.*
Rom., XII, 2.

CAPÍTULO XVII

Se os corpos das mulheres ressuscitarão mantendo-se no seu sexo.

Alguns, baseados nestas palavras:

*Até que cheguemos todos à unidade da fé, ao homem perfeito, à medida da plenitude da idade de Cristo*¹,
e nest'outras:

*Conformes à imagem do Filho de Deus*²,
não acreditam que as mulheres hão-de ressuscitar com o sexo feminino, mas todas no sexo masculino, porque Deus fez apenas o homem de barro e, à mulher, tirou-a do homem. Mas a mim parece-me que são mais judiciosos os que não duvidam de que ambos os sexos hão-de ressuscitar. É que, lá no Alto, não haverá já a paixão (*libido*) que é a causa de toda a perturbação. Realmente, homem e mulher, antes de pecarem, estavam nus e nem por isso se sentiam perturbados. Desses corpos serão extirpados os vícios e será conservada a natureza. O sexo feminino, porém, não é vício, mas natureza, embora, na verdade, doravante liberta do coito e do parto; subsistirão, porém, os órgãos femininos, não já acomodados ao antigo uso mas a uma nova beleza com que já não será aliciada a concupiscência, que se anulará, dos que para ela reparam, mas com que serão louvadas a sabedoria e a clemência de Deus

¹ *Donec occurramus omnes (in unitatem fidei) in vinum perfectum, in mensuram aetatis plenitudinis Christi.*

Efés., IV, 13.

² *Conformes imaginis filii dei.*

Rom., VIII, 29.

que fez o que não era e libertou da corrupção o que fez. Que, na verdade, no princípio do género humano, se formou a mulher com uma costela tirada do lado do homem adormecido — é um facto com que convinha fossem profetizados então Cristo e a Igreja. Na verdade, este sono do varão significava a morte de Cristo, cujo lado, quando estava inanimado ainda suspenso da cruz, foi atravessado pela lança, e dele saiu sangue e água — que, como sabemos, são símbolo dos sacramentos com que se edifica a Igreja. Foi precisamente desta palavra que se serviu a Escritura — lendo-se nela, não a palavra *formou* nem a palavra *modelou* mas antes:

*Edificou-a (à costela) em mulher*³;

é por isso que o Apóstolo diz a *edificação* do corpo de Cristo que é a Igreja. Tal como o varão, a mulher é, portanto, uma criatura de Deus; se ela foi formada à custa do homem, foi para pôr em destaque a unidade; e quanto à maneira como foi formada, figura ela, como já se disse, Cristo e a Igreja. Portanto, quem instituiu os dois sexos, os dois restabelecerá. Por fim, o próprio Jesus, a quem os Saduceus, que negavam a ressurreição, perguntaram de qual dos sete irmãos seria a mulher que eles, uns após outros, tinham desposado, pois a cada um pertencia, como a lei preceituava, perpetuar a descendência do irmão falecido, respondeu:

*Estais enganados porque não conheceis as Escrituras nem o poder de Deus*⁴;

e embora fosse ocasião para dizer:

— Essa de quem me falais será também ela um varão e não uma mulher — não disse isto, mas disse antes:

³ *Aedificavit eam in mulierem.*
Gén., II, 22.

⁴ *Erratis nescientes scripturas, neque virtutem Dei.*
Mat., XXII, 29.

*Pois na ressurreição nem elas nem eles casarão, mas serão como os anjos de Deus no Céu*⁵;

na verdade, iguais aos anjos na imortalidade e na felicidade, mas não na carne — nem também na ressurreição, de que não tiveram necessidade os anjos porque não puderam morrer. O Senhor negou, portanto, que na ressurreição haverá núpcias mas não negou que haverá mulheres e negou-o precisamente quando se tratava de tal questão; tê-la-ia resolvido mais rápida e facilmente negando que então houvesse sexo feminino se soubesse que ele não existiria lá. Mas, ao contrário, confirmou que o (sexo) havia de subsistir ao dizer, referindo-se às mulheres:

*Nem elas casarão*⁵,

e, referindo-se aos homens:

*Nem eles casarão*⁷.

Haverá lá, portanto, casados e casadas de cá: mas lá é que não voltarão a casar.

⁵ *In resurrectione enim neque nubent neque uxores ducent sed sunt sicut angeli Dei in Caelo.*

Mat., XXII, 30.

⁶ *Non nubent.*

Id. Ib.

⁷ *Nec uxores ducent.*

Id. Ib.

CAPÍTULO XVIII

Do homem perfeito, isto é, Cristo, e do seu corpo, isto é, a Igreja que é dele a plenitude.

Por consequência, o que diz o Apóstolo — que todos nós havemos de chegar ao homem perfeito — deve por nós ser tomado em consideração no contexto de toda aquela passagem que é do teor seguinte:

Aquele que desceu é precisamente o mesmo que subiu acima de todos os céus para encher todas as coisas. Foi também Ele que de uns fez apóstolos, de outros profetas, de outros evangelistas e ainda de outros pastores e doutores, destinados à perfeição dos santos para o trabalho do ministério, para a edificação do corpo de Cristo, até chegarmos todos à unidade da fé e ao conhecimento do Filho de Deus, ao estado de homem feito, à medida da plenitude da idade de Cristo; assim, já não seremos criancinhas batidas e levadas por todos os ventos de doutrina, pela ilusão dos homens, pela astúcia em urdir erros, mas professando a verdade na caridade, cresceremos em tudo para Aquele que é a cabeça, Cristo; é por Ele que todo o corpo ajustado e coeso por meio de todas as espécies de juntas, segundo a actividade de cada uma das partes, realiza o

¹ Qui descendit ipse est et qui ascendit super omnes caelos, ut adimpleret omnia. Et ipse dedit quosdam quidem apostolos, quosdam autem prophetas, quosdam vero evangelistas, quosdam autem pastores et doctores ad consummationem sanctorum in opus ministerii, in aedificationem corporis Christi, donec occurramus omnes in unitatem fidei et agnitionem filii Dei, in virum perfectum, in mensuram aetatis plenitudinis Christi; ut ultra non simus parvuli jactati et circumlati omni vento doctrinae, in inlusione hominum, in astutia ad machinationem erroris, verita-

*crescimento do corpo para a sua edificação na caridade*¹.

Ei-lo, o homem perfeito, cabeça e corpo, formado de todos os membros que, a seu tempo, se completarão, mas que já se vão todos os dias juntando ao corpo enquanto se vai edificando a Igreja à qual se dirigem estas palavras:

*Mas vós sois o corpo e os membros de Cristo*²,

e noutra passagem:

*Pelo seu corpo que é a Igreja*³,

e ainda noutra passagem:

*Muitos somos um só pão, um só corpo*⁴.

Acerca da edificação deste corpo diz-se nesta passagem:

*Destinados à perfeição dos santos para o trabalho do ministério, para a edificação do Corpo de Cristo*⁵,

e a seguir vem o assunto de que agora tratamos:

*Até chegarmos todos à unidade da fé, ao conhecimento do Filho de Deus, ao estado de homem feito, à medida da plenitude da idade de Cristo*⁶,

e o mais que se segue; e até onde havia de chegar essa medida no corpo, mostra-se ao dizer:

Cresceremos em tudo para Aquele que é a cabeça, Cristo; é por Ele que todo o corpo ajustado e coeso por meio

tem autem facientes in caritate augeamur in illo per omnia qui est caput Christus; ex quo totum corpus conexum et compactum per omnem tactum subministrationis secundum operationem in mensuram uniuscujusque partis incrementum corporis facit in aedificationem sui in caritate.

Efés., IV, 10-16.

² *Vos autem estis corpus Christi et membra.*

I Corínt., XII, 27.

³ *Pro corpore ejus quod est Ecclesia.*

Coloss., I, 24.

⁴ *Unus panis, unum corpus multi sumus.*

— I Corínt., X, 17.

⁵ *Ad consummationem sanctorum in opus ministerii, in aedificationem corporis Christi.*

Efés., IV, 12.

⁶ *Donec occurramus omnes in unitatem fidei et agnitionem filii Dei, in virum perfectum, in mensuram aetatis plenitudinis Christi.*

Efés., IV, 13.

*de todas as espécies de juntas, segundo a actividade de cada uma das partes*⁷.

Portanto, assim como cada parte do corpo tem a sua medida, assim o corpo todo, constituído por todas as suas partes, tem a medida do pleno desenvolvimento da qual se diz:

*À medida da plenitude da idade de Cristo*⁸.

Desta plenitude faz-se ainda menção naquela passagem em que se diz acerca de Cristo:

*Foi ele mesmo quem deu, como cabeça suprema, à Igreja, que é o seu corpo, a plenitude daquelle que enche tudo em todos*⁹.

Mas se isto se devia relacionar com a forma em que cada um estará quando da ressurreição — que é que nos impedirá de, com a palavra *vir* (*varão*), abrangermos também a mulher, tomando essa palavra no sentido geral de *homem*, tal qual como, na passagem em que se diz:

*Bem-aventurado o homem que teme o Senhor*¹⁰,
estão também abrangidas as mulheres que temem o Senhor?

⁷ *Augeamur in illo per omnia, qui est caput Christus; ex quo totum corpus conexum et compactum per omnem tactum subministrationis secundum operationem in mensura uniuscujusque partis.*

Efés., IV, 15-16.

⁸ *In mensuram aetatis plenitudinis Christi.*

Efés., IV, 13.

⁹ *Et ipsum dedit caput super omnia ecclesiae quae est corpus ejus, plenitudo ejus, qui omnia in omnibus impletur.*

Efés., I, 22-23.

¹⁰ *Beatus vir qui timet Dominum.*

Salmo CXI (CXII), 1.

CAPÍTULO XIX

Nenhum dos efeitos corporais que, nesta vida, se opõem à beleza do homem, existirá na ressurreição. Nesta persistirá a substância do corpo e tanto as suas qualidades como o seu tamanho concorrerão para a mesma e única beleza.

Que irei responder agora acerca dos cabelos e das unhas? Uma vez compreendido que nada se há-de perder do corpo de forma a nele nenhuma disformidade ficar — compreende-se também que o que viesse acrescentar-se ao seu tamanho, ocasionando uma enorme disformidade, não se acrescentará naqueles lugares em que a beleza dos seus membros ficaria prejudicada. É como se se fizesse um vaso de barro que de novo se reduzisse todo ao barro primitivo e de novo se refizesse todo: não seria necessário que se encontrasse na asa exactamente a mesma porção de barro que antes estava na asa, nem que o barro que constituía o fundo, constitua de novo, esse mesmo, o novo fundo, desde que o todo volte ao todo, isto é, desde que todo aquele barro, sem qualquer perda, volte ao vaso todo. Por isso é que os cabelos, tantas vezes cortados, e as unhas, tantas vezes aparadas, não podem voltar aos seus lugares se, voltando, causarem disformidade. Não se perderão para ninguém na ressurreição, porque voltarão à mesma carne para aí ocuparem, não importa que parte do

corpo, sem quebrarem a harmonia das partes, dada a mutabilidade da matéria. De resto, o que o Senhor diz:

*Nem um cabelo da vossa cabeça perecerá*¹,
pode entender-se muito melhor o que foi dito, não acerca do comprimento mas do número dos cabelos. Por isso diz noutra passagem:

*Todos os cabelos da vossa cabeça estão contados*².

Se eu digo isto, não é porque pense que a um corpo qualquer há-de faltar o que naturalmente lhe era inerente; mas o que tinha nascido disforme (não com certeza por outro motivo senão para mostrar também quão penosa é esta condição dos mortais) há-de voltar de forma a que se conserve a integridade da substância e pereça a disformidade.

Se, de facto, um artífice humano pode fundir de novo uma estátua que, por qualquer motivo, tinha saído dirforme, e torná-la formosíssima, sem que nada da sua substância desapareça a não ser a fealdade,

e, se na primeira figura algo havia que não agradava e não estava em conformidade com a proporção das partes, ele pode tirá-lo ou separá-lo donde o tinha posto, não totalmente mas distribuindo e misturando-o no conjunto, evitando a disformidade e conservando a quantidade,

— que havemos de pensar do artífice omnipotente?
Será então que

Ele não tem o poder de tirar ou de destruir todas as disformidades dos corpos humanos, não apenas as ordinárias, mas também as raras e monstruosas, que certamente são muito próprias desta vida miserável, mas incompatíveis com a felicidade futura dos santos?

e não poderá fazer isto de tal maneira que, quaisquer que sejam essas disformidades, mesmo as excrescências

¹ *Capillus capitis vestri non peribit.*

Lucas, XXI, 18.

² *Capilli capitis vestri numerati sunt omnes.*

Lucas, XII, 7.

naturais mas desgraciosas da substância corporal, desapareçam sem diminuição dessa substância?

Por isso nem os magros nem os gordos têm a temer que lá se venham a encontrar tal qual como aqui não quereriam estar se pudessem. Toda a beleza do corpo está, com efeito, na harmonia das partes com uma certa suavidade da cor. Onde não há harmonia das partes, há algo que ofende porque é mal feito, quer por ser de menos, quer por ser de mais. Por conseguinte, nenhuma disformidade haverá devida à desarmonia das partes, lá onde

o que é mal feito, será corrigido,

o que é menos do que convém, será completado como o Criador sabe

e o que é mais do que convém, será suprimido, — mantendo-se, porém, a integridade da matéria.

Depois, quão grande não será a suavidade da cor, quando

*os justos brilharem como o Sol no reino de seu Pai!*³

Essa claridade, ao ressuscitar, não faltava no corpo de Cristo, há que o reconhecer, mas escondia-se aos olhos dos discípulos. Efectivamente, a debilidade da vista humana não poderia suportá-la quando Ele se mostrava aos seus precisamente para ser reconhecido; foi ainda para isso que, para que lhes tocassem, Ele mostrou as cicatrizes das suas chagas; foi ainda para isso que ele comeu e bebeu, não porque precisasse de se alimentar mas pela capacidade que tinha de o fazer. Quando alguma coisa, embora presente, deixa de ser vista pelos que vêem as outras coisas também presentes — como dizemos que os discípulos viam aquela claridade presente de Cristo ao mesmo tempo que viam outras coisas — os gregos falam de ἀπορασία que os nossos tradutores, por não se poderem valer de equivalente em latim, traduziram no livro do Génesis por *caecitas* (*cegueira*).

³ *Justi fulgebunt sicut sol in regno Patris sui!*
Mat., XIII, 43.

Desta sofreram, com efeito, os Sodomitas quando procuravam a porta do varão justo e não a conseguiram encontrar. Se fosse esta uma cegueira que fizesse com que nada se pudesse ver, não procurariam a porta por onde pudessem entrar, mas teriam antes pedido guias do caminho que os afastassem dali.

Não sei como, devido ao amor pelos bem-aventurados mártires, acontece que chegamos a desejar, naquele reino, ver nos seus corpos as cicatrizes das chagas que receberam pelo nome de Cristo. E talvez as cheguemos a ver. É que nelas não haverá disformidade mas dignidade, — e uma certa beleza, não do corpo, embora no corpo, mas beleza da virtude refulgirá nelas. Se aos mártires foram amputados ou arrancados membros, nem por isso aparecerão na ressurreição dos mortos sem os seus membros, eles a quem foi dito:

*Nem um cabelo da vossa cabeça perecerá*¹.

Mas, se convier no século novo que se vejam na sua carne imortal os indícios das gloriosas feridas, aparecerão cicatrizes, nos sítios em que os membros, para serem separados, foram espancados ou cortados; porém, esses mesmos membros não estarão perdidos, mas serão repostos nos seus lugares. Ainda que não apareçam então todos os defeitos que advieram ao corpo — não se devem considerar ou chamar defeitos aos indícios da virtude.

CAPÍTULO XX

A natureza dos corpos, qualquer que tenha sido o modo como se decompuseram, será integralmente restabelecida na ressurreição.

Longe de nós esteja o pensamento de que, para ressuscitar os corpos e restituí-los à vista, a onipotência do Criador não possa restabelecer tudo o que foi devorado pelas feras ou pelo fogo, tudo o que a pó ou a cinzas se reduziu, tudo o que se dissolveu na água ou se diluiu no ar. Longe de nós o pensamento de que haja esconderijo ou lugar secreto algum na natureza que mantenha algum resto tão afastado dos nossos sentidos que escape ao conhecimento ou fuja ao poder do Criador de todas as coisas. Cícero, eminente escritor pagão, querendo definir, na medida em que isso lhe era possível, a Deus, disse:

*É um espírito livre e independente, alheio a toda a concreção mortal, que tudo conhece e a tudo move, ele próprio dotado de um movimento eterno*¹.

¹ *Mens quaedam est, soluta et libera, secreta ab omni concretionem mortali, omnia sentiens et movens ipsaque praedita, motu sempiterno* (*).

(*) O período todo, que é tirado das *Tusculanae Disputationes* (L.I., Cap. XXVI, 66), é do seguinte teor:

Nec vero deus ipse, qui intellegitur a nobis, alio modo intellegi potest nisi mens soluta quaedam et libera, segregata ab omni concretionem mortali, omnia sentiens et movens ipsaque praedita motu^(b) *sepiterno.* (« Nem o próprio deus, que nós concebemos, pode ser entendido de outra maneira que não seja: um espírito independente e livre, separado de toda a concreção mortal, que tudo conhece, que tudo move, ele próprio dotado de um movimento eterno»)^(b).

^(b) É notável como Aristóteles antecipadamente contradiz esta "definição" de Cícero. Deus, plenitude de Ser, plenitude essencial e

Isto encontrou ele nas doutrinas dos grandes filósofos. Por conseguinte, para falar à maneira deles — como é que pode qualquer coisa escapar àquele que tudo conhece ou fugir irrevogavelmente àquele que tudo move?

Chegou a altura de resolver a questão, que parece ser a mais difícil de todas, em que se pergunta: — quando a carne de um homem morto se torna carne de outro que vive, a qual deles de preferência deve voltar? Se, com efeito, alguém, oprimido e compelido pela fome, se alimentar de cadáveres humanos (este mal já aconteceu algumas vezes, como no-lo atesta a história antiga e no-lo ensinam desgraçadas experiências dos nossos tempos), poderá sustentar-se com inteira verdade que tudo foi eliminado através das vias inferiores, sem nada ter sido assimilado e transformado na carne dele, quando a própria magreza que foi e já não é, mostra à saciedade que perdas foram reparadas com esse alimento? Já apresentei um pouco antes algumas observações que devem servir para resolver também esta dificuldade. Tudo o que a fome consumiu de carne se diluiu com certeza no ar donde, já o dissemos, Deus onnipotente pode buscar o que desapareceu. Esta carne poderá, portanto, ser restituída ao homem em quem ela tinha sido primitivamente uma carne humana. Realmente, ela deve ser considerada como se tivesse sido tomada de empréstimo pelo outro: e, como dinheiro alheio, deve voltar àquele de quem ela se tomou. Mas, aquele a quem a fome tinha esgotado, receberá a sua própria carne daquele que pode ir buscar mesmo o que se diluiu no ar, — e mesmo que tivesse perecido totalmente e dela não restasse qualquer elemento nos recônditos da natureza, o Onnipotente a reconstituiria, tirando-a donde

existencial, ente totalmente realizado, acto puro, sem nada de potencial, é, segundo Aristóteles, quem tudo move, é o motor primeiro que tudo move, mas Ele mesmo é imóvel porque, se móvel fosse, transitaria de potência para acto, realizar-se-ia, não seria perfeito, não seria infinito, não seria Deus.

lhe aprouvesse. Mas, devido à expressão da Verdade, em que se diz:

*Nenhum cabelo da vossa cabeça perecerá*²,

é absurdo pensarmos que, quando nem um cabelo do homem pode perecer, possam desaparecer tantas carnes devoradas e consumidas pela fome.

Depois de consideradas e tratadas, à nossa humilde maneira, todas estas questões, pode formular-se este resumo: na ressurreição da carne para a eternidade, a estatura dos corpos terá as proporções que tinha atingido ou que deveria atingir na juventude, graças à razão causal ínsita no corpo de cada um, mas salvaguardada nas medidas de todos os membros uma harmoniosa beleza. Se, para conservar essa beleza, tem que ser tirada qualquer coisa a qualquer excrescência indecorosa aparecida em qualquer parte do corpo para a repartir pelo todo, de maneira que este excedente não seja perdido e o equilíbrio de todas as partes assegurado — não é absurdo crermos que este excedente possa também crescer à estatura do corpo, pois que assim seria redistribuído sobre todas as partes, para que sejam belas, o que, concentrado demasiadamente numa só, com certeza não ficaria bem. Mas se se sustentar que cada um há-de ressuscitar com a estatura que tinha quando morreu, não nos devemos opor teimosamente — contanto que se exclua toda a disformidade, toda a fraqueza, toda a incapacidade e toda a corrupção e tudo o que não fica bem àquele reino no qual os filhos da ressurreição e da promessa serão iguais aos anjos de Deus, não quanto ao corpo e à idade, claro está, mas quanto à felicidade.

² *Capillus capitis vestri non peribit.*

Lucas, XXI, 18.

CAPÍTULO XXI

Da novidade do corpo espiritual, no qual se mudará a carne dos santos.

Portanto, tudo o que dos corpos vivos e, depois da morte, dos cadáveres pereceu, tudo isso será restituído; e, juntamente com isso, o que ficou nos sepulcros, passará da vetustez do corpo animal para a novidade do corpo espiritual e ressuscitará revestido da incorruptibilidade e da imortalidade. Mesmo que, por algum acaso ou grave fereza dos inimigos, tanto quanto possível, for todo reduzido a pó e disperso pelos ares e pelas águas, e dele nada restar, — de maneira nenhuma poderá subtrair-se à Omnipotência do Criador e nem assim perecerá um cabelo da sua cabeça. A carne espiritual será, portanto, submetida ao espírito, continuando, todavia, a ser carne e não espírito, — como o próprio espírito carnal foi submetido à carne, continuando, todavia, a ser espírito e não carne. Disto temos nós a experiência no castigo da nossa degradação. Não era segundo a carne mas, na verdade, segundo o espírito que eram carnis aqueles a quem o Apóstolo diz:

*Não pude falar-vos como a espirituais, mas como a carnis*¹.

O homem espiritual, que assim é chamado nesta vida, não deixa de ser, porém, carnal no seu corpo e de ver nos seus membros uma outra lei em luta com a lei do seu espírito; todavia, será espiritual, mesmo no seu corpo, quando a sua

¹ *Non potui vobis loqui quasi spiritalibus, sed quasi carnalibus.*
I Corínt., III, 1.

carne ressuscitar de maneira a que se realize o que está escrito:

*Semeou-se um corpo animal, mas ressuscitará um corpo espiritual*².

Não tendo ainda disso a experiência, receio que venha a ser temerária toda e qualquer palavra que se profira acerca do que seja e quão grande seja a beleza do corpo espiritual. Mas, já que, para dar louvores a Deus, se não deve esconder a alegria da nossa esperança, e foi do mais íntimo das entranhas que saiu este dito dum coração ardente de amor:

*Senhor, eu amei a beleza da tua casa*³,

procuremos, com a sua ajuda e como pudermos, conjecturar, pelos dons que nesta vida cheia de amarguras dispensa aos bons e aos maus, quão grande será aquilo que ainda não experimentámos e de que, realmente, não podemos falar condignamente. Não faço menção do tempo em que Deus criou o homem recto; não faço menção daquela vida feliz dos dois cônjuges na fecundidade do Paraíso, pois foi tão breve que os seus filhos não chegaram a saboreá-la; quem poderá explicar as provas da bondade de Deus a respeito do género humano, mesmo nesta vida que nós conhecemos, na qual ainda estamos, cujas tentações, ou melhor, cuja continuada tentação, enquanto estamos nela, por muito que consigamos progredir, não deixamos de suportar?

² *Seminatur corpus animale, resurget corpus spiritale.*

I Corínt., XV, 42.

³ *Domine, dilexi decorem domus tuae.*

Salmo XXV (XXVI), 8.

CAPÍTULO XXII

Das misérias e males a que o género humano está sujeito em castigo do primeiro pecado e de que ninguém se liberta senão pela graça de Cristo.

Em relação à primeira origem, mesmo esta vida — se é que vida se lhe pode chamar, cheia como está de tantos e tamanhos males — atesta que toda a raça dos mortais foi condenada. Que outra coisa revela este horrendo abismo de ignorância donde nasce todo o erro que acolhe, como que num tenebroso seio, todos os filhos de Adão, de forma que não há homem que possa dele libertar-se sem dor, labor e terror? Que outra coisa atesta este amor de tantas coisas vãs e nocivas donde nascem os cuidados corrosivos, as perturbações, as amarguras, os receios, as alegrias loucas, as discórdias, os litígios, as guerras, as insídias, as cóleras, as inimizades, os enganos, as lisonjas, a fraude, o furto, a rapina, a perfídia, a soberba, a ambição, a inveja, os homicídios, os parricídios, a crueldade, as sevícias, a perversidade, a luxúria, a insolência, a impudência, a impudicícia, as fornicacões, os adultérios, os incestos e tantos estupros e impurezas contra a natureza de um e outro sexo que até é uma vergonha nomeá-las, os sacrilégios, as heresias, as blasfémias, os perjúrios, as opressões de inocentes, as calúnias, os logros, as prevaricações, os falsos testemunhos, os juízos iníquos, as violências, os latrocínios e tantos males quejandos que não me vêm à cabeça, mas que não deixam esta vida dos homens? É certo que todas estas coisas são próprias dos homens maus mas todas pro-

vêm dessa raiz de erro e de amor perverso com que nasce todo o filho de Adão. Quem é que, na verdade, não sabe com que ignorância da verdade, já evidente nas crianças, e com que abundância de concupiscência vã que já se começa a notar nos adolescentes, vem o homem a esta vida, de maneira que se lhe fosse permitido viver como lhe apraz e fazer o que lhe apraz, todos estes crimes e torpezas que referi e os que referir não pude, ele muitos viria a cometer se não a todos?

Mas a divina Providência de maneira nenhuma abandonou os condenados. Deus na sua cólera não reteve as suas misericórdias. A lei (*prohibitio*) e a instrução velam, na própria consciência do gênero humano contra as trevas em que nascemos e opõem-se a esses maus impulsos embora também elas, lei e instrução, estejam cheias de trabalhos e de dores. Que é que, na verdade, pretendem esses múltiplos meios de intimidação utilizados para reprimir as estouvances das crianças? Que pretendem os pedagogos, os mestres, a palmatória, as correias e as vergastas, a própria disciplina com que, diz a Sagrada Escritura, devem ser espancados os flancos dum filho muito amado para que não cresça indômito nem, uma vez endurcido, dificilmente se possa domar ou talvez se não possa domar mesmo? Que se pretende com todos estes castigos senão combater a ignorância e refrear as más inclinações, males com que entramos neste mundo? Porque é que, na verdade, com trabalho nos recordamos e sem trabalho nos esquecemos? Que tanto nos custa aprender e nada nos custa ignorar? Que somos esforçados com trabalho e sem trabalho somos indolentes? Não mostra isto claramente para onde pende, como se fora o seu peso, e para o que propende a natureza viciosa e de quão grande auxílio ela precisa para disso se libertar? A moleza, a indolência, a preguiça, a negligência são indubitavelmente vícios de que foge o trabalho, ao passo que o próprio trabalho, mesmo o que é útil, é um castigo.

Mas, além dos castigos da infância, sem os quais não é possível aprender o que querem os pais, que raras vezes querem qualquer coisa com utilidade, — quem poderá exprimir por palavras, quem poderá conceber em pensamento, por quantas e por quão graves penas é agitado o género humano, pensar que essas penas nada têm que ver com a malícia e a perversidade dos iníquos mas com a condição humana e com a miséria comum? Quão grande é o receio, quão grande é a desolação nascidas da orfandade e do luto, dos danos e das condenações, das decepções e das mentiras dos homens, das falsas suspeitas, de todas as violentas torpezas e crimes alheios — quando deles procedem tantas vezes a espoliação e o cativo, as prisões, os encarceramentos, os exílios, a tortura, a amputação de membros e a privação de sentidos, a opressão do corpo para satisfazer a obscena paixão do opressor e tantos outros males horrendos. E o que se não dirá dos casos exteriores que são para o corpo um pavor: calores e frios, tempestades, chuvas e inundações, relâmpagos e trovões, raios e granizo, movimentos e afundamentos e fendas hiantes de terras, esmagamentos por desabamentos, ódios e terrores e, ainda, a braveza dos animais domésticos, toda a casta de venenos dos frutos, das águas, dos ares e dos animais, das mordeduras apenas molestas ou mesmo mortais das feras, a raiva procedente de um cão raivoso que de animal meigo e amigo de seu dono às vezes se torna mais terrível e selvagem do que os leões e dragões e com o seu pestífero contágio torna raivoso o homem a quem tenha acaso contagiado, mais temido pelos pais, cônjuge e filhos do que a pior de todas as feras! Que males sofrem, os que navegam! Que males suportam os que palmilham os caminhos da terra! Por onde quer que ande, quem é que não está sujeito a um imprevisto acidente? Um, ao voltar da praça pública para casa por seu pé, com saúde, cai, fractura o pé e, devido a essa ferida, chega ao fim da vida. Que é que parece mais seguro do que alguém sentado? Da

cadeira onde estava sentado caiu o sacerdote Heli e morreu. Os agricultores, e até toda a gente, quantos e quão grandes contrariedades vindas do céu e da terra e de animais nocivos não receiam para os frutos dos seus campos! Só costumam estar sossegados acerca das searas uma vez colhidas e guardadas. Mas alguns, bem o sabemos, têm visto uma inundação súbita pôr os homens em fuga, levar dos seus celeiros toda a boa provisão de trigo. Contra as milhentas formas de incursões dos demónios, quem pode ficar-se na sua inocência, quando até as criancinhas baptizadas — e com certeza nada há de mais inocente do que elas — são por vezes de tal forma incomodadas (para que ninguém confie) para que, por especial permissão de Deus fique bem claro quão deplorável é a miséria desta vida e quão agradável é a felicidade da outra?

Mesmo quanto ao corpo, existem tantas espécies de doenças que nem nos livros dos médicos se encontram todas consignadas. Para a maior parte delas ou quase todas, mesmo os próprios cuidados e medicamentos são um tormento, de tal modo que os homens são arrancados do flagelo dos sofrimentos com o auxílio dos sofrimentos. Não tem o terrível ardor da sede levado homens a beberem urina humana, até a sua? Não tem a fome levado a que não se possam abster de carne humana e a comer não só homens já mortos, mas também assassinados para isso, e não unicamente estranhos — até mães comeram os seus próprios filhos com uma incrível crueldade que a fome tornava raivosa? Por fim o sono, a que se dá precisamente o nome de repouso — quem poderá explicar com palavras quão perturbado é ele muitas vezes pelas visões dos sonhos e quão perturbados é ele também por terrores, embora falsos, mas que o sonho apresenta e exprime de tal maneira que não os podemos distinguir dos verdadeiros? Não perturba ele os sentidos e esta infeliz alma? Até os que estão acordados são lamentavelmente perturbados por essas visões enganosas em certas doenças e envenena-

mento: muitas vezes os malignos demónios, dispendo duma grande variedade de enganos, enganam mesmo os homens sãos com tais visões que, embora não consigam arrastá-los assim para a sua facção, todavia, iludem os seus sentidos apenas pelo desejo de insinuarem de qualquer maneira a falsidade.

Deste como que inferno de tão desgraçada vida, só nos libertará a graça de Cristo Salvador, Deus e Senhor Nosso (é precisamente este o nome de Jesus — que significa Salvador): principalmente para que, depois desta, seja uma vida — e não uma morte mais miserável e eterna — a que nos receba. Embora, na verdade, sejam grandes os alívios dos nossos males que nesta vida recebemos por intermédio dos santos e das coisas santas, todavia, nem sempre esses alívios são concedidos a quem os solicita para que se não procure por causa deles a religião que deve antes ser procurada por causa da outra vida onde mais males não haverá; e a graça ajuda a todos os melhores nos seus males para que os suportem com um coração tanto mais forte quanto mais fiel é.

Os doutos deste mundo dizem que a filosofia também é útil para se suportarem esses males; mas a verdadeira filosofia, diz Túlío Cícero, concedem-na os deuses a muito poucos; e, acrescenta ele, nenhum dom maior foi ou pôde ser dado por eles ao homem. Chega-se ao ponto de, mesmo aqueles de quem divergimos, serem de certo modo obrigados a reconhecer a necessidade da graça divina para se possuir, não uma qualquer, mas a verdadeira filosofia. Mas se o único auxílio da verdadeira filosofia contra as misérias desta vida foi divinamente concedido a poucos, evidencia-se daí com suficiente clareza que o género humano foi condenado a suportar os castigos dessas misérias. E como, conforme eles confessam, não há dom divino maior que esse auxílio, tem que se admitir que não pode ele ser concedido por qualquer deus mas só por Aquele que, entre os muitos que eles veneram, reconhecem que é o maior de todos.

CAPÍTULO XXIII

Dos males destinados a exercitar os justos, além daqueles que são comuns a bons e maus.

Mas além destes males da vida, comuns a bons e maus, têm os justos os seus trabalhos próprios — lutam contra os vícios e encontram-se expostos às tentações e perigos de tais combates. Mais vivamente umas vezes, mais calmamente outras, nem a carne deixa de desejar contra o espírito nem o espírito contra a carne, de maneira que não fazemos o que queremos, para destruímos todo o mau desejo, — mas, tanto quanto pudermos com a ajuda divina, procuremos submetê-lo, recusando-lhe o nosso assentimento, fazendo guarda em contínuas vigílias

para que não nos engane uma opinião com aparências de verdade,

não nos iluda um discurso astucioso,

não obscureçam o nosso espírito as trevas de qualquer erro,

não tomemos o bem pelo mal nem o mal pelo bem,

não nos afaste o medo do que devemos fazer,

não nos arraste a paixão para o que se não deve fazer,

não se ponhã o sol sobre a nossa cólera,

não nos levem as inimizades a retribuirmos o mal com o mal,

não nos acabrunhe uma tristeza indigna e sem medida,

não gere em nós uma mentalidade ingrata a insensibilidade perante os benefícios recebidos,

não se deixe abater a boa consciência pelos rumores maledicentes,

não nos engane uma suspeita temerária acerca de outrem,
não nos quebrante uma falsa suspeita alheia a nosso respeito,
não reine o pecado no nosso corpo mortal para nos submeter aos seus desejos,
não se sujeitem os nossos membros, como armas de iniquidade, ao pecado,
não cedam os nossos olhos à concupiscência,
não nos vença o desejo de vingança,
não se demorem nem a vista nem o pensamento sobre aquilo que provoca um deleite no mal,
não se ouça complacientemente a palavra indecente ou má,
não se faça o que nos é vedado mesmo que nos agrade,
nesta guerra preenhe de fadigas e de perigos, não esperemos que a vitória resulte das nossas forças, nem às nossas forças atribuamos a vitória alcançada, mas à graça d'Aquele de quem o Apóstolo diz:

*Demos graças a Deus que nos concede a vitória por Nosso Senhor Jesus Cristo*¹,
e noutra passagem, diz:

*Mas em tudo isto somos nós mais que vencedores por Aquele que nos amou*².

Contudo, fiquemos a saber que, por muito grande que seja o valor com que lutemos contra os vícios, e mesmo que os tenhamos já vencidos e subjugados, enquanto permanecermos neste corpo nunca nos faltará motivo para dizermos a Deus:

*Perdoa-nos as nossas dívidas*³.

¹ *Gratias autem Deo, qui dat nobis victoriam per Dominum nostrum Jesum Christum.*

I Corint., XV, 57.

² *In his omnibus supervincimus per eum qui dilexit nos.*
Rom., VIII, 37.

³ *Dimitte nobis debita nostra.*
Mat., VI, 12.

Mas no reino onde estaremos para sempre com os nossos corpos imortais, não haverá mais lutas nem dívidas, que nunca e em parte nenhuma teriam existido, se a nossa natureza se tivesse conservado na rectidão com que fora criada. É também por isso que esta nossa situação de conflito, em que nos debatemos e de que desejamos libertar-nos por uma vitória suprema, diz também respeito aos males desta vida que, com o testemunho de tantas e tantas misérias, comprovamos ser uma vida condenada.

CAPÍTULO XXIV

Bens com que o Criador cumulou esta vida, apesar de sujeita à condenação.

É já tempo de considerar com que espécie e gratuidade e bondade de quem administra quanto criou cumulou mesmo a própria miséria do género humano, na qual se exalta a justiça do vingador. Em primeiro lugar: a bênção que, antes do pecado, tinha concedido ao dizer:

*Crescei e multiplicai-vos e enchei a Terra*¹,

nem, depois do pecado, Ele a quis retirar, permanecendo, portanto, na raça condenada o dom da fecundidade; e a essa admirável força seminal e à ainda mais admirável, que a produz, força aquela depositada nos corpos humanos e neles como que inoculada, nem a pôde tirar o vício, que nos infligiu a inevitabilidade da morte; mas, em conjunto, vão correndo, neste como que rio e torrente do género humano, tanto o mal que nos vem do genitor, como o bem que nos concedeu o Criador.

No mal original há duas coisas: o pecado e o castigo; no bem original também há duas coisas: a propagação e a conformação. Mas quanto ao que se refere ao nosso plano presente, já falámos bastante acerca desses males: um deles, isto é, o pecado, procede da nossa temeridade, e o outro, isto é, o castigo, procede do juízo de Deus. Proponho-me agora tratar dos benefícios de Deus, que Ele comunicou e comunica ainda, mesmo à natureza viciada e condenada. De facto, ao condenar,

¹ *Crescite et multiplicamini et implete terram.*

Gén., I, 28.

nem tudo o que tinha concedido retirou — senão nem sequer continuaria ela a existir,

nem a afastou do seu poder, mesmo quando a sujeitou ao Diabo para seu castigo, visto que nem o próprio Diabo excluiu do seu império. O que é em grau supremo, e faz com que *seja* tudo o que de qualquer maneira *é*, esse é que faz, realmente, com que também subsista a natureza do Diabo.

Daqueles dois bens que, como dissemos, brotam como que duma fonte de bondade na natureza, mesmo viciada pelo pecado e condenada ao castigo,

um, a *propagação*, concedeu-no-lo Deus com a sua bênção às primeiras obras do mundo, das quais descansou no sétimo dia,

o outro, a *conformação*, está nesta actividade que Deus continua até agora a exercer. Realmente, se Ele retirasse o seu poder eficaz às realidades, nem elas poderiam prosseguir no seu curso e realizar o tempo com a regularidade dos seus movimentos, nem permaneceriam no mínimo de criaturas que são.

Deus criou, pois, o homem em tais condições que lhe concedeu uma fecundidade pela qual gerará outros homens, gerando ainda neles a própria possibilidade, mas não necessidade, de se propagarem, embora Deus a tenha retirado, como lhe aprouve, a alguns homens que ficaram estéreis; mas não retirou ao género humano este poder, que foi concedido, de uma só vez, aos primeiros dois cônjuges numa benção especial. A propagação, embora não tenha sido suprimida pelo pecado, já não é, porém, tal qual seria se ninguém tivesse pecado. Desde que o homem, colocado em tal honra, foi, depois de ter pecado, comparado aos animais, gera como eles; todavia, não se extinguiu nele por completo uma como que centelha da razão que o fez ser a imagem de Deus. Mas, se a *conformação* não prestasse auxílio à *propagação*, esta nem sequer poderia progredir para as formas e modos que lhe são

próprios. Se se não verificasse a união sexual das pessoas e Deus quisesse, mesmo assim, encher a terra de gente, poderia criar todos do mesmo modo que criou um só sem a união do homem e da mulher; mas, mesmo que se unam, não poderão gerar sem a sua intervenção criadora. Portanto, assim como, a propósito da educação espiritual que forma o homem para a piedade e a justiça, o Apóstolo diz:

*Nem o que planta é coisa alguma, nem o que rega, mas Aquele que dá o desenvolvimento — Deus*²,

assim também aqui se pode dizer: “Nem o que se une, nem o que procria, é coisa alguma, mas Aquele que dá a forma, Deus; nem a mãe que concebe, traz consigo, dá à luz e alimenta a criança, é coisa alguma, mas Aquele que lhe dá o desenvolvimento, Deus”. Efectivamente,

é Ele próprio quem, com a sua operação, que continua até agora, faz com que as sementes cumpram os seus tempos (*numeros*) e, despidas dos seus envoltórios latentes e invisíveis, se abram para as formas visíveis desta beleza que contemplamos;

é Ele próprio quem, unindo e juntando, por maneiras maravilhosas, as naturezas incorpórea e corpórea, uma para comandar e a outra para obedecer, cria o ser vivo;

e esta sua obra é tão grande e tão admirável que, não só no homem, que é um animal racional e por isso, o mais excelente e o mais notável de todos os seres animados da Terra, mas até mesmo no mais pequenino dos ratinhos, gera a estupefacção no espírito de quem a contempla e o leva a dar louvores ao Criador.

Foi também Ele quem dotou a alma humana de mente — embora na criança a razão e inteligência se encontrem como que adormecidas, como se não existissem: devem a razão e a inteligência despertar e desen-

² *Neque qui plantat, est aliquid, neque qui rigat, sed qui incrementum dat Deus.*

I Corínt., III, 7.

volver-se com a idade para que a alma se torne capaz de ciência e de doutrina e apata para a percepção da verdade e do amor ao bem. Graças a esta capacidade, encher-se-á a alma de sabedoria e ficará provida de virtudes. Com estas, com a prudência, com a fortaleza, com a temperança e com a justiça lutará contra os erros e outros vícios inatos, e vencê-los-á, sem outro desejo que não seja o do Bem Supremo e Imutável. Mesmo que a alma nada consiga fazer destes bens, esta capacidade de adquirir tais bens, divinamente inserida na natureza racional, — quem poderá convenientemente dizer ou compreender quão grande bem é, quão admirável obra do Omnipotente é ela? Além das artes de bem viver e de chegar à imortal felicidade, (às quais se dá o nome de virtudes e que apenas aos filhos da promessa e do reino são dadas pela graça de Deus que está em Cristo) — não foram inventadas e praticadas pelo génio humano outras artes numerosas e grandiosas, umas necessárias, voluptuárias outras? E uma tão excelente força da mente e da razão, não dá testemunho, mesmo nessas coisas supérfluas e até perigosas e supersticiosas que deseja, da quantidade de bens existentes na natureza que lhe permitem descobrir, aprender e praticar tais artes?

A que obras estupendas e de maravilha nas edificações e no vestuário não chegou a indústria humana!

Quanto se progrediu na agricultura e na navegação!

Na fabricação de certos vasos, na variedade de estátuas e pinturas, o que se não inventou e realizou!

Que maravilhas para quem vê e que surpresas para quem ouve se não tentaram realizar e exhibir nos teatros!

Que abundância e perfeição de meios se não inventaram para capturar, matar ou domar os animais selvagens!

Quantos venenos diversos, quantas diversas armas e máquinas contra o próprio homem e quantos medicamentos e recursos para conservar e reparar a saúde se não descobriram!

Quantos condimentos para o prazer da boca e quantos estimulantes da gula se não inventaram!

Que multidão e variedade de sinais, entre os quais têm lugar especial as palavras e as letras, para tornarem os pensamentos acessíveis e persuasórios!

Quantos ornatos de linguagem e abundância de ritmos diversos para deleitar os espíritos!

Quantos instrumentos musicais, que variedade no canto se não escogitaram para acariciar o ouvido!

Com que sagacidade se adquiriu uma perícia imensa no conhecimento das dimensões e dos números, das revoluções e da ordem dos astros!

Quem poderá abarcar no pensamento a multidão das realidades do mundo, quem poderá descrevê-las, sobretudo se nos quisermos deter em cada uma em particular em vez de as examinarmos em conjunto?

Quem poderá avaliar, finalmente, quão grande foi o engenho dos filósofos e dos heréticos na própria defesa dos seus erros e das suas falsidades? E do que estamos agora a falar é da natureza do espírito humano com que esta vida mortal é ornada — e não da fé e do caminho da verdade com que se adquire a imortalidade. Tendo sido Deus, verdadeiro e soberano o criador de tão excelente natureza, sendo Ele quem governa tudo quanto criou, sendo Ele o detentor do poder supremo e da suprema justiça — não teria aquela natureza caído nas misérias actuais nem, depois delas, caminharia para as eternas (com excepção apenas dos que delas se hão-de libertar) se no primeiro homem, de quem todos os demais procedem, não tivesse sido precedida de um enorme pecado.

Mesmo no próprio corpo, embora o tenhamos em comum com os animais pela sua condição mortal e seja mais débil do que muitos deles, — que bondade a de Deus, que providência a do Criador a manifestarem-se nele! Não estão nele ordenados os sentidos e dispostos os restantes membros, não estão o seu aspecto, a sua própria confi-

guração e a estatura de todo o corpo adaptados de forma a anunciarem que foram feitos para o serviço de uma alma racional? Não, efectivamente, o homem não foi criado como os animais privados de razão que vemos inclinados para a terra: a forma do seu corpo levantada para o Céu o adverte de que deve saborear as coisas que estão no Alto. Além disso, a maravilhosa mobilidade que foi atribuída à língua e às mãos, tão apta para se falar e se escrever e tão conveniente para se realizarem trabalhos das mais variadas artes e ofícios — não mostra à saciedade a excelente qualidade de uma alma à qual foi dado o tal corpo para a servir? De resto, postas de lado estas necessidades de acção, a proporção de todas as partes é tão harmoniosa e corresponde a tão bela simetria, que se ficará sem saber se, na sua criação, a razão da utilidade teria prevalecido sobre a razão da beleza. Efectivamente, o que é certo é que nada vemos ter sido criado no corpo por causa da utilidade que não tenha também a sua parte de beleza. Isto ainda mais se nos evidenciaria se conhecêssemos as proporções (*numeros mensurarum*) que unem e ajustam entre si todas as partes. Talvez à custa de trabalho a destreza humana pudesse descobrir essas proporções, nas coisas que se nos mostram por fora; mas o que ninguém poderá encontrar são as partes que estão escondidas, afastadas dos nossos olhares, como o emaranhado das veias, dos nervos e das vísceras, que são o esconderijo da vida. É certo que com um zelo, por vezes cruel, os médicos chamados anatomistas, têm dissecado os corpos dos mortos e até dos que lhes morrem nas mãos, enquanto os cortam, examinam e esquadrinham, bem desumanamente, todos os segredos das carnes humanas para descobrirem o que é que havia para curar, como o haviam de fazer, em que sítios haviam de aplicar os remédios. Todavia, essas proporções, a cuja mútuo relacionamento (*coaptatio*) os gregos chamam ἁρμονία, relacionamento extrínseco é intrínseco de todo o corpo à maneira de um instrumento de música,

terei de confessar que ninguém as pôde encontrar, que ninguém se atreveu a procurá-las? Se essas proporções pudessem ser conhecidas mesmo nas vísceras interiores (que não ostentam atractivo algum), a beleza racional causaria tal deleite que o espírito que se serve dos olhos a julgaria preferível a toda a forma aparente que aos olhos agrada.

Mas há no corpo certos elementos que apenas têm beleza sem utilidade alguma: o peito do homem tem mamilos e a cara tem barba. Que isto só serve de ornamento viril e não de protecção, indicam-no as faces lisas das mulheres, precisamente elas a quem, por serem mais débeis, conviria estarem mais seguramente protegidas. Se, portanto, não há membro algum, pelo menos entre os mais notáveis (e disto ninguém duvida), que esteja acomodado à sua função, sem ter também beleza — há, porém, alguns que só têm beleza sem terem qualquer utilidade. Facilmente se compreende, julgo eu, que, na formação do corpo, a dignidade prevaleceu sobre a necessidade. Realmente, a necessidade passará e tempo virá em que gozaremos mutuamente apenas da beleza sem a menor volúpia (*sine ulla libidine*). É sobretudo isto que se deve alegar em louvor do Criador ao qual se dirige o salmo:

*Vestiste-te de louvor e de beleza*³.

A beleza e utilidade das demais criaturas, que foram concedidas ao homem pela divina prodigalidade para ele as contemplar e as usar apesar de condenado e atirado para tantos trabalhos e misérias, — com que palavras poderiam ser elas descritas? Elas resplandecem nos inúmeros e variados encantos do Céu, da terra e do mar,

na tão grande provisão e na maravilhosa beleza da própria luz, no Sol, na Lua e nas estrelas,

³ *Confessionem et decorem induisti.*
Salmo CIII (CIV), 1.

na opacidade dos bosques,
nas cores e fragrâncias das flores,
na diversidade e multidão das gárrulas e coloridas
aves,

na multiforme formosura de tantos e tão grandes
animais dos quais suscitam maior admiração os que são
mais pequenos (surpreendem-nos mais os trabalhos das
formigas e das abelhas do que os imensos corpos das
baleias),

no tão grandioso espectáculo do mar quando ele
como que se veste de variegadas cores, algumas vezes de
verde de múltiplas tonalidades, outras vezes de púrpura,
outras vezes de azul! Quão agradavelmente é contemplado
mesmo quando embravece e depois se transforma na
maior suavidade porque acaricia o espectador sem atirar
nem sacudir o navegante.

Que dizer da abundância, por toda a parte, de ali-
mentos contra a fome? Da diversidade de sabores contra o
fastio difundidos pelas riquezas da natureza, não inventa-
dos pelo trabalho e habilidade dos cozinheiros?

Quantos recursos para defender e recuperar a saúde
que há em tantas coisas!

Quão agradável é a sucessão alternada dos dias e das
noites!

Quão acariciadora é a tepidez das brisas! A quanti-
dade de materiais que há nos vegetais e nos animais para a
confeção do vestuário! Quem é que será capaz de tudo
inventariar? Mas apenas estes exemplos que eu como que
atei num feixe — o que eles não contêm! E se eu desatasse
esse feixe e quisesse a todos examinar, o tempo que eu
não teria que dedicar a cada um! E tudo isto é apenas
consolação de infelizes e não recompensa dos bem-
-aventurados.

Como não serão então essas recompensas, se estas
consolações são já tantas, tão grandes e de tal qualidade?
Que bens concederá aos que predestinou à vida Aquele

que estes concedeu mesmo aos que predestinou à morte? De que bens não fará participantes na vida bem-aventurada aqueles por quem quis que seu Filho Unigénito suportasse, até morrer, tão grandes males nesta vida desgraçada? Por isso o Apóstolo, ao referir-se aos predestinados ao Reino, diz: *Ele que não poupou o seu próprio Filho, mas o entregou por todos nós, como é que não nos dará todas as coisas com Ele?*⁴

Quando se cumprir esta promessa, que seremos nós, como é que seremos, que bens receberemos nesse Reino se, na verdade, com a morte de Cristo por nós, já receberemos tal penhor? Como será o espírito do homem sem vício algum a que se sujeite ou a que ceda ou a que tenha de dar combate pelo menos honrosamente, mergulhado na paz de uma virtude acabada? E como será grande, como será bela, como será cheia de certeza, sem erro nem trabalhos, a ciência de todas as coisas — saciando-se precisamente na fonte da sabedoria de Deus, com felicidade suprema, sem a menor dificuldade! Como será o corpo que, absolutamente submetido ao espírito e totalmente por ele vivificado, não mais precisará de alimentos — pois já não será um corpo animal mas será um corpo espiritual que conserva com certeza a substância da carne mas sem corrupção alguma da carne!

⁴ *Qui proprio filio non pepercit, sed pro nobis omnibus tradidit eum, quo modo non et cum illo omnia nobis donabit?*

Rom., VIII, 32.

CAPÍTULO XXV

Da obstinação de alguns que combatem a ressurreição da carne em que, como se disse, todo o mundo acredita.

Mas acerca dos bens da alma de que gozarão os bem-aventurados depois desta vida, não há discordância entre nós e os filósofos mais notáveis; apenas impugnam a ressurreição da carne que negam com todas as suas forças. Mas os que crêem, e muitos são, abandonaram os que negam, que são pouquíssimos, e doutos e ignorantes, sábios deste mundo e almas simples, com o coração cheio de fé, voltaram-se para Cristo que lhes mostrou na sua ressurreição o que àqueles filósofos parecia absurdo. De facto, o mundo acreditou no que tinha predito Deus que também predissera que o mundo nisso viria a acreditar. E não foi pelos sortilégios de Pedro que Ele foi forçado a predizer estas coisas, tanto tempo antes, com o agrado dos crentes. É que Ele é esse Deus (como já várias vezes disse e não me custa repeti-lo) perante o qual, como Porfirio confessa invocando os oráculos dos seus deuses, as próprias divindades estremecem; e enaltece-o ao ponto de lhe chamar Deus Pai e Rei. Longe de nós compreender o que Ele predisse, à maneira dos que se recusam a crer, com o mundo, no que Deus predisse, isto é, que o mundo viria a acreditar. Porque é que, com efeito, não se há-de antes entendê-lo como foi anunciado tanto tempo antes — que o mundo havia de crer — e não, como palram esses pouquíssimos que não quiseram acreditar com o mundo no que Ele predisse, isto é, que o mundo viria a acreditar? Mas se, consequentemente, eles disserem que se deve crer nisso

mas num sentido diferente (procedem assim para não incorrerem, se afirmarem que essa profecia escrita é enganadora, em injúria a Deus de quem, de resto, prestam um tão glorioso testemunho), proferem, sem dúvida, uma injúria tão grande ou até mais grave. Àquele que prometeu que o mundo viria a crer, cumpriu esta promessa e até louvou o mundo por vir a crer. Será que Ele não pode fazer com que a carne ressuscite e viva para sempre? Ou será que se não deve crer que Deus venha a fazê-lo porque é um mal e, portanto, d'Ele indigno? Já muito dissemos acerca da sua Omnipotência que tantas e tão grandes coisas incríveis fez. Se pretendem saber o que o Omnipotente não pode fazer — com certeza eu vo-lo direi, eles bem o sabem: não pode mentir! Acreditemos, pois, no que Ele pode, sem acreditarmos no que Ele não pode! Se não acreditam, portanto, que Ele possa mentir, acreditem então que Ele cumprirá o que prometeu fazer e acreditem-no da mesma maneira que o mundo acreditou, este mundo que Ele predisse e prometeu que viria a crer e, porque viria a crer, o louvou, e agora mostra que, de facto, acreditou. E como é que demonstram que a ressurreição é um mal? Lá não haverá mais a corrupção, que é um mal do corpo. Acerca da ordem dos elementos já tratámos; acerca das outras conjecturas humanas, também já dissemos o bastante; quão grande virá a ser, no corpo incorruptível, a facilidade de movimentos, creio que já o demonstrámos suficientemente no livro décimo terceiro, partindo do estado actual dum corpo que goza de boa saúde, embora esta de modo nenhum se possa comparar à immortalidade. Leiam, pois, as passagens anteriores desta obra os que ou as não leram ou querem recordar-se do que leram.

CAPÍTULO XXVI

Como a opinião de Porfírio — que as almas, para serem felizes, devem evitar todo o corpo — é refutada pelo parecer do próprio Platão que afirma ter o Deus Supremo prometido aos deuses que nunca seriam privados dos seus corpos.

Porfírio, replicam eles, diz que a alma, para ser feliz, deve evitar todo o corpo. Nenhum interesse há, portanto, em falar de um corpo que virá a ser incorruptível, se a alma não pode ser feliz se não evitar todo o corpo. Mas, no citado livro, já expus tudo o que interessava; de tudo isso só um ponto recordarei aqui. Emende Platão, mestre de todos eles, os seus livros e diga-lhes que os seus deuses, para serem felizes, têm de deixar os seus corpos, isto é, têm de morrer, pois disse que eles estão encerrados em corpos celestes; mas Deus, por quem eles foram criados, para que pudessem estar sossegados prometeu-lhes a imortalidade, isto é, a eterna permanência nos mesmos corpos, não porque a sua natureza a isso tenha direito mas porque prevalece o seu divino desígnio. Ainda aqui ele destrói o que eles afirmam: que não se deve crer na ressurreição da carne porque isso é impossível. Bem claramente, na verdade, segundo o mesmo filósofo, quando o Deus incriado prometeu aos deuses por si criados a imortalidade, disse que havia de fazer o que é impossível. Efectivamente, é assim que Platão expõe o seu discurso:

Pois que nascestes, não podeis ser imortais e indissolúveis; todavia, não sereis dissolvidos, nem os fados da morte

*vos tirarão a vida, nem serão mais poderosos que os meus designios, que são um vínculo mais forte para a vossa perpetuidade do que aqueles por que estais ligados*¹.

Se não são absurdos, se pelo menos não são surdos os que isto estão a ouvir, não duvidam, com certeza, de que, segundo Platão, o que é impossível foi prometido aos deuses criados por aquele Deus que os criou. Com efeito, quem diz: “Vós, realmente, não podeis ser mortais, mas, por minha vontade, imortais sereis”, que mais disse senão “o que não pode ser que vos torneis, por minha vontade sê-lo-eis”? Ressuscitará, pois, a carne, sob uma forma incorruptível, espiritual, imortal Aquele que, segundo Platão, prometeu que havia de fazer o que é impossível. Porque clamam ainda ser impossível o que Deus prometeu, o que o mundo acreditou fiado na promessa de Deus que também prometeu que o mundo viria a acreditar, quando nós, realmente, proclamamos que é Deus — de quem o próprio Platão diz que Ele faz coisas impossíveis — quem há-de cumprir essa promessa?

Para serem felizes, as almas não têm, portanto, de evitar os corpos mas de receber um corpo incorruptível. E em que corpo incorruptível mais convenientemente encontrarão a sua alegria do que no corruptível em que geram? Assim não experimentarão aquele cruel desejo que Vergílio põe nas suas bocas, citando Platão, ao dizer:

*E começam a desejar voltar de novo aos corpos*²;

¹ *Quoniam estis orti, immortales esse et indissolubiles non potestis; non tamen dissolvemini neque vos ulla mortis fata periment nec erunt valentiora quam consilium meum, quod majus est vinculum ad perpetuitatem vestram quam illa quibus estis conligati.*

Timeu segundo a trad. de Cícero (XI, 16 — ed. Mullach, fragmento philos. Graec., T. II, p. 169, Didot). Cfr. retro L. XIII, Cap. XVI, e Sermo 241, 8, 8 (in (P.L. XXXVIII). Ver ainda M. Testard, *Exemple de reminiscences cicéroniennes de Saint Augustin*, in Augustinus Magister, Paris, 1954, pp. 193-200.

² *Rursus et incipient in corpora velle reverti.*

Virgílio, *Eneida*, VI, 731.

assim, repito, não terão o desejo de regressar aos corpos, pois os corpos a que desejam regressar, tê-los-ão consigo e tê-los-ão de tal modo que nunca mais os abandonarão, nunca mais os perderão nem sequer por breve momento, por efeito duma qualquer morte.

CAPÍTULO XXVII

**Proposições opostas de Platão e de Porfírio.
Se nelas cada um cedesse alguma coisa ao outro
nem um nem outro se teriam desviado da verdade.**

Platão e Porfírio disseram cada um umas tantas coisas que, se tivessem podido comunicá-las um ao outro, talvez se tivessem tornado cristãos. Disse Platão que as almas não podiam existir para sempre sem os corpos. Por isso é que acrescentou que, após algum tempo, por mais longo que seja, até as almas dos sábios hão-de voltar aos corpos. Por sua vez Porfírio sustenta que a alma, completamente purificada, quando voltar para o Pai, nunca mais regressará aos males deste mundo. Assim, se Platão comunicasse a Porfírio a verdade que contemplou — ou seja: que as almas dos justos e dos sábios, mesmo completamente purificadas, têm que voltar aos corpos humanos — e se por sua vez Porfírio comunicasse a Platão a verdade que contemplou — ou seja: que as almas santas nunca mais voltarão às misérias dum corpo corruptível —

se não tivesse cada um dito a sua coisa, mas tivesse cada um dos dois dito ambos as coisas — julgo que veriam ser esta a conclusão: as almas voltarão para os corpos e receberão corpos tais que neles poderão viver felizes e imortais. Já que, segundo Platão, até mesmo as almas santas hão-de voltar aos corpos humanos, e, segundo Porfírio, as almas santas não voltarão aos males deste mundo — pois então que Porfírio diga com Platão: «elas voltarão para os corpos», e que Platão diga com Porfírio: «não voltarão para os males»! Concordarão todos que elas voltarão para

os corpos nos quais males nenhuns padecerão. E isto mais não é do que o que Deus prometeu: que as almas benditas viverão para sempre com a sua carne imortal. E assim, tanto quanto disso estou convencido, ambos nos concederiam facilmente o seguinte: confessando que as almas dos santos hão-de voltar a corpos imortais, voltam precisamente àqueles em que suportaram os males deste mundo e nos quais honraram, pia e fielmente, a Deus, para se verem livres desses males.

CAPÍTULO XXVIII

**Como Platão, Labeão e até Varrão,
poderiam ter-se entreadjudado para encontrarem
a verdadeira fé na ressurreição
se tivessem acordado em reunir num só corpo
de doutrina as suas opiniões.**

Alguns dos nossos, admiradores de Platão devido ao seu preclaríssimo estilo e a algumas verdades que chegou a conhecer, afirmam que ele chegou a saber acerca da ressurreição dos mortos algo de bastante semelhante ao que nós sabemos. Túlio Cícero nos seus livros sobre *A República* toca no assunto, mas para afirmar que preferiu contar uma história a dizer a verdade, pois apresenta-nos um homem que voltou à vida e expôs certas questões que se harmonizavam com as doutrinas platónicas.

Por sua vez Labeão refere que uns indivíduos, falecidos no mesmo dia, se encontraram numa encruzilhada e, depois, tendo recebido a ordem de voltarem aos seus corpos, decidiram viver como amigos e como amigos continuaram até voltarem a morrer. Estes autores contam ter-se verificado esta ressurreição do corpo tal qual como se realizaram as daqueles que sabemos terem ressuscitado e voltado a esta vida, mas não para não voltarem a morrer.

Mais admirável ainda é o que Marco Varrão relata nos livros que escreveu acerca da origem do Povo Romano (*De Gente Populi Romani*) de que, julgo eu, é meu dever transcrever as próprias palavras. Diz ele:

Alguns astrólogos (genethliaci) escreveram que se verifica no renascimento dos homens aquilo a que os gregos chamam

παλιγγενεσίαν. Escrevem elles que, por esta, se faz com que o mesmo corpo e a mesma alma, outrora unidos no mesmo homem, entrem de novo em união todos os quatrocentos e quarenta anos¹.

O que este Varrão ou não sei quais astrólogos (pois não refere os nomes daqueles cuja opinião cita) disseram, é, sem dúvida, falso, (pois as almas só uma vez voltarão aos mesmos corpos que tiveram, e nunca mais os abandonarão depois); todavia, o que estes disseram afasta e destrói muitos argumentos acerca da impossibilidade que contra nós murmuram. Efectivamente, aos que assim pensam ou pensaram, não lhes pareceu impossível que cadáveres transformados em gás, em pó, em cinzas, em líquidos, ou no corpo dos animais, ou mesmo dos homens, que os comeram voltassem de novo àquilo que foram. Por isso, se Platão e Porfírio, ou antes os seus sequazes ainda vivos, admitem connosco que até as almas santas hão-de voltar aos corpos, como diz Platão, mas sem voltarem a mal algum, como assevera Porfírio, segue-se daí o que a fé cristã ensina: que essas almas receberão corpos tais que neles poderão viver, sem resquício de mal, numa felicidade eterna; mas então aceitem também a doutrina de Varrão de que as almas voltarão aos mesmos corpos em que antes estiveram — e, para eles, ficará resolvida toda a questão acerca da ressurreição da carne.

¹ *Genethliaci quidam scripserunt esse in renascendis hominibus quam appellant παλιγγενεσίαν (a) Graeci; hac scripserunt confici in annis numero quadringentis quadraginta, ut idem corpus et eadem anima, quae fuerint conjuncta in homine aliquando, eadem rursus redeant in conjunctionem.*

De gente populi romani — Origens do Povo Romano (obra de Varrão que se perdeu, dela se conhecendo hoje apenas alguns extractos citados por autores como Santo Agostinho e Arnóbio, este em *Adv. Nation.*, V, 8).

(a) Embora em Português exista a palavra palingenesia, que mais não é que o grego com grafia romana, preferi manter o grego por se tratar de uma citação (Ver Dr. Artur Bivar, *Dic. Ger. e anal. de ling. port.*, II v. da I part., p. 615).

CAPÍTULO XXIX

Natureza da visão que os santos terão de Deus no século futuro.

Com o auxílio que o Senhor se dignar conceder-nos vejamos agora que é que farão os santos, nos seus corpos imortais e espirituais, quando a sua carne já não viver à maneira carnal mas espiritual. Se quiser dizer a verdade, não sei de que natureza virá a ser essa actividade, ou melhor, repouso, lazer, pois nunca o experimentei nos sentidos do corpo. Mas se eu disser que o experimentei na mente, isto é, na inteligência, — que pode ou que é a nossa inteligência perante essa realidade que a sobrepuja? Lá é que, com efeito, como diz o Apóstolo, mora

*a paz de Deus que ultrapassa toda a inteligência*¹; a que inteligência se refere senão à nossa ou talvez também à dos santos anjos? À de Deus é que não. Se, portanto, os santos hão-de viver na paz de Deus, com certeza que hão-de viver nessa paz que ultrapassa toda a inteligência. Que realmente ultrapassa a nossa, não há dúvida; mas se ela supera também a dos anjos, porque o que disse *toda a inteligência (omnem intellectum)* parece nem os próprios anjos ter excluído, devemos tomar estas palavras no sentido de que nem nós nem anjo algum poderemos conhecer a paz de Deus, a paz de que o próprio Deus goza, como Deus a conhece. Não há dúvida de que «ela ultrapassa toda a inteligência», excepto a sua.

¹ *Pax Dei quae superat omnem intellectum.*
Filip., IV, 7.

Mas assim como mesmo nós (que somos participantes da sua paz à nossa medida) conhecemos a paz em nós, entre nós e com Deus, no seu mais alto grau, no mais alto grau que nos é possível — do mesmo modo, à sua medida, os santos anjos a conhecem; mas, por maior que seja o seu desenvolvimento intelectual, o conhecimento que dela têm agora os homens é muito inferior. Efectivamente, deve ser tomado em consideração o que tão ilustre varão dizia:

*Conhecemos em parte e em parte profetizamos até que chegue o que é perfeito*²;

e:

*Agora vemos em espelho, em enigma; mas então veremos face a face*³.

É assim, face a face, que vêem já os santos anjos, chamados também anjos nossos, porque, arrancados ao poder das trevas e transferidos para o Reino de Cristo graças à garantia por nós recebida do Espírito, já começamos a pertencer a esses anjos com os quais formaremos a dulcíssima e santa Cidade que já descrevemos nos livros anteriores, Cidade esta que é a Cidade de Deus a todos comum. Eles, que são anjos de Deus, são igualmente anjos nossos, tal qual como o Cristo de Deus é o nosso Cristo. São de Deus porque não abandonaram Deus; e são nossos porque começaram a ter-nos por seus concidadãos.

Mas diz o Senhor Jesus:

*Olhai, não desprezeis um só que seja destes pequeninos porque, sou Eu que vo-lo digo, os seus anjos estão sempre a ver nos Céus a face de meu Pai que está nos Céus*⁴.

² *Ex parte scimus et ex parte prophetamus, donec veniat quod perfectum est.*

I Corínt., XIII, 9-10.

³ *Videmus nunc per speculum in aenigmate, tunc autem faciem ad faciem.*

I Corínt., XIII, 12.

⁴ *Videte non contemnatis unum de pusillis istis. Dico enim vobis, quia angeli eorum in caelis semper vident faciem patris mei, qui in caelis est.*

Mat., XVIII, 10.

Portanto, assim como eles vêem, assim havemos nós de ver — mas ainda não vemos dessa maneira. Por isso é que o Apóstolo diz o que há pouco referi:

*Agora vemos em espelho, em enigmas; mas então veremos face a face*³.

Assim, esta visão está-nos reservada como prêmio da fé, à qual se refere o apóstolo João quando diz:

*Quando (Deus) se manifestar, seremos semelhantes a Ele porque o veremos como Ele é*⁵.

Mas por «face» de Deus deve-se entender a sua manifestação e não qualquer coisa como esta parte do nosso corpo que por esse nome nós designamos.

Por isso, quando me perguntam o que é que farão os santos nesse corpo espiritual, eu não digo o que já vejo mas o que creio, conforme o que leio no salmo:

*Acreditei — e por isso é que falo*⁶.

E por isso eu digo: é mesmo neste corpo que havemos de ver Deus; mas se será por intermédio deste corpo, como nós vemos agora por intermédio dele o Sol, a Lua, as estrelas, o mar e a terra e o que estes contêm — não é questão de somenos. Realmente, custa afirmar que os santos terão então corpos cujos olhos não poderão abrir ou fechar à vontade; mas custa ainda mais afirmar que lá, quem fechar os olhos, não poderá ver a Deus! Se, na verdade, o profeta Eliseu, ausente do seu corpo, viu o seu servo Gíezi a receber os presentes do sírio Naaman curado da lepra pelo profeta (julgava aquele mau servo que os estava a receber às escondidas pois o seu Senhor não o estava a ver) — quanto mais não verão os santos todas as coisas no seu corpo espiritual, se fecharem os olhos ou mesmo se estiverem ausentes dos seus corpos. É que então

⁵ *Cum apparuerit, similes ei erimus quoniam videbimus eum sicuti est.*
I João, III, 2.

⁶ *Credidi, propter quod et locutus sum.*
Salmo CXV (CXVI), 10.

realizar-se-á «aquele perfeito» de que fala o Apóstolo ao dizer:

*Conhecemos em parte e em parte profetizamos; mas quando vier o que é perfeito, desaparecerá o que é em parte*⁷.

A seguir, para mostrar, na medida do possível, por meio de uma comparação, quanto dista esta vida daquela vida futura, não a de quaisquer homens mas mesmo a daqueles que cá no mundo são dotados duma notável santidade, acrescenta:

*Quando eu era criança, sentia como criança, falava como criança, raciocinava como criança; mas quando me fiz homem, pus de parte o que era próprio de criança. Agora vemos em espelho, em enigma, mas então veremos face a face. Agora conheço em parte, mas então conhecerei como sou conhecido*⁸.

Se, portanto, nesta vida, em que o dom profético de homens admiráveis se deve comparar àquela vida como a da criança se deve comparar à do homem feito, Eliseu viu assim, sem lá estar, o seu servo receber os presentes, — quando vier o que é perfeito e quando o corpo corruptível não oprimir a alma, mas, tornado incorruptível não mais lhe servir de estorvo, terão os santos ainda necessidade, para verem o que é de crer, de olhos corpóreos, quando Eliseu, estando ausente, deles não teve necessidade para ver o seu servo? São, de facto, estas as palavras do profeta dirigidas a Giézi, segundo os setenta tradutores:

⁷ *Ex parte scimus et ex parte prophetamus; cum autem venerit quod perfectum est, quod ex parte est evacuabitur.*

Corínt., XIII, 9-10.

⁸ *Cum essem parvulus, quasi parvulus sapiebam, quasi parvulus loquebar, quasi parvulus cogitabam; cum autem factus vir, evacuavi ea quae parvuli erant. Videmus nunc per speculum in aenigmate, tunc autem faciem ad faciem. Nunc scio ex parte, tunc autem cognoscam sicut et cognitus sum.*

I Corínt., XIII, 11-12.

*Não tinha ido contigo o meu coração quando o homem se afastou do seu carro e foi ao teu encontro e dele recebeste dinheiro?*⁹

e o que se segue; ou, como traduziu do Hebreu o presbítero Jerónimo:

*Não estava presente o meu coração quando o homem se afastou do seu carro e foi ao teu encontro?*¹⁰

O profeta viu isto, portanto, ele é que o diz, com o seu coração sem a menor dúvida miraculosamente ajudado por Deus. Mas quanto não abundarão todos mais na graça, quando

*Deus for tudo em todos!*¹¹

Todavia, os olhos do corpo terão também a sua função e estarão no seu lugar, e deles se servirá o espírito por intermédio do corpo espiritual. Realmente, nem mesmo o referido profeta, embora deles não necessitasse para ver o ausente, nem por isso deixou de se utilizar deles para ver as coisas presentes; e, todavia, podia vê-las em espírito, mesmo que fechasse os olhos como viu o que estava ausente sem ele próprio lá estar com eles. Longe de nós dizermos que os santos não poderão ver a Deus nessa vida com os olhos fechados, pois hão-de vê-lo sempre com o espírito.

Mas esta é que é a questão: se eles verão também com os olhos do corpo quando os tiverem abertos. Se, de facto, nos corpos espirituais os seus olhos, espirituais também, têm apenas o mesmo poder que os que temos agora, — não há dúvida de que com eles não poderá Deus ser

⁹ *Nonne cor meum iit tecum, quando conversus est vir de curru in obviam tibi et accepisti pecuniam?*

IV (II) Reis, V, 26.

¹⁰ *Nonne cor meum in praesenti erat, quando reversus est homo de curru suo in occursum tui?*

Id. Ib.

¹¹ *Deus erit omnia in omnibus!*

I Corínt., XV, 28.

visto. Terão de ser dotados dum poder muito diferente se com eles se pretender ver a natureza incorpórea que não está delimitada num lugar mas toda inteira em toda a parte. Lá porque dizemos que Deus está no Céu e na Terra (Ele próprio o declara realmente pelo profeta:

*Eu encho o Céu e a Terra*¹²⁾

não iremos dizer que Ele tem uma parte no Céu e a outra parte na Terra: Ele está todo no Céu, está todo na Terra, não alternadamente mas simultaneamente — o que é impossível a toda a natureza corpórea. Assim, a capacidade daqueles olhos será muito mais poderosa — não precisamente para verem com maior acuidade do que, como se diz, as serpentes ou as águias (realmente, por muito penetrante que seja a vista destes animais, mais não podem ver senão corpos), mas para verem mesmo as realidades incorpóreas. E talvez tenha sido este o grande poder de visão que, por um instante, foi concedido aos olhos do santo varão Job quando, ainda no seu corpo mortal, disse a Deus:

*A princípio só te ouvia com os meus ouvidos, mas agora são os meus olhos que te vêem; por isso desprezei-me a mim próprio, dissolvi-me e considerei-me terra e cinzas*¹³; embora nada haja que impeça que isto se refira aos olhos do coração acerca dos quais diz o Apóstolo:

*Tende iluminados os olhos do vosso coração*¹⁴.

Que é mesmo com estes que Deus será visto, quando for visto, nenhum cristão o duvida se aceita com fé o que disse o Divino Mestre:

¹² *Caelum et terram ego impleo.*

Jerem., XXIII, 24.

¹³ *In obauditum auris audiebam te prius, nunc autem oculus meus videt te; propterea despexi memet ipsum, et distabui et existimavi me terram et cinerem.*

Job., XLII, 5-6.

¹⁴ *Inluminatos oculos habere cordis vestri.*

Efés., 1, 18.

Bem-aventurados os limpos do coração, porque esses é que verão a Deus ¹⁵.

Mas é também com os olhos corporais que Ele será visto no Céu? É precisamente dessa questão que estamos a tratar.

Efectivamente, o que está escrito:

E toda a carne verá a salvação de Deus ¹⁶,

pode ser entendido sem a menor dificuldade como se fosse dito: «E todo o homem verá o Cristo de Deus» que, na verdade, foi visto no seu corpo e no seu corpo será visto quando julgar os vivos e os mortos. De que Ele é a salvação de Deus, são muitos os testemunhos das Escrituras, mas com mais clareza o declaram as palavras do venerando velho Simeão que, quando tomou Cristo menino em seus braços, exclamou:

Agora, Senhor, deixa partir o teu servo em paz, segundo a tua palavra, porque os meus olhos viram a tua salvação ¹⁷.

E também o que diz o já acima citado Job, como se vê nas cópias tiradas do Hebreu:

E a minha carne verá a Deus ¹⁸,

sem dúvida que anuncia profeticamente a ressurreição da carne; todavia, não disse «pela (*per*) minha carne». Se o tivesse dito, por Deus poderia entender-se Cristo que será visto na carne pela carne. Mas também se pode entender:

E a minha carne verá a Deus ¹⁸,

como se tivesse dito: «Estarei na minha carne quando vir a Deus». E o que o Apóstolo disse:

¹⁵ *Beati mundicordes, quoniam ipsi Deum videbunt.*

Mat., V, 8.

¹⁶ *Et videbit omnis caro salutare Dei.*

Lucas III, 6. Cfr. Isaías, XL, 5.

¹⁷ *Nunc dimittis, Domine, servum tuum secundum verbum tuum in pace, quoniam viderunt oculi mei salutare tuum.*

Lucas, II, 29-30.

¹⁸ *Et in carne mea videbo Deum.*

Job., XIX, 26.

*Face a face*¹⁹,

não nos obriga a crer que por esta face corporal, onde estão os olhos corporais, veremos a Deus, que veremos, sem interrupções, com o espírito. Com efeito, se não existisse também uma face do homem interior, o mesmo apóstolo não teria dito:

*Mas nós, contemplando, com a cara descoberta, a glória do Senhor, somos transformados na mesma imagem, de clareza em clareza, como pelo Espírito do Senhor*²⁰;

nem de outro modo compreendemos o que se canta no salmo:

*Aproximai-vos d'Ele e sereis iluminados e as vossas faces não ficarão ruborizadas*²¹.

Na verdade, é pela fé que se chega a Deus — e a fé pertence ao coração e não ao corpo. Mas como não sabemos até onde pode chegar o corpo espiritual (realmente estamos a falar do que não experimentámos), quando não vem em nosso auxílio algum testemunho das Sagradas Escrituras que não possa ser entendido de outra maneira, é necessário que apliquemos a nós o que se lê no livro da *Sabedoria*:

*Os pensamentos dos mortais são tímidos e incertas as nossas previsões*²².

Se pudéssemos ter a certeza absoluta de que o raciocínio dos filósofos, segundo o qual as coisas inteligíveis são de tal modo vistas pela mente e pelos sentidos do corpo, as sensíveis, isto é, as corpóreas, que nem as inteligíveis

¹⁹ *Faciem ad faciem.*

I Corínt., XIII, 12.

²⁰ *Nos autem revelata facie gloriam Domini speculantes in eandem imaginem transformamur, de gloria in gloriam, tanquam a Domini spiritu.*

II Corínt., III, 18.

²¹ *Accedite ad eum et illuminamini, et facies vestras non erubescunt.*

Salmo XXXIII (XXXIV), 6.

²² *Cogitationes mortalium timidæ et incertæ providentiæ nostræ.*

Sab. de Salomão, IX, 14.

podem ser intuídas pelo corpo nem as corpóreas pela mente — seria indubitavelmente certo que de modo nenhum poderá Deus ser visto pelos olhos do corpo, mesmo do corpo espiritual. Mas a verdadeira razão e a autoridade profética zombam deste raciocínio. Quem é tão avesso à verdade que chegue a afirmar que Deus desconhece as coisas corpóreas? Será então que Ele tem um corpo com cujos olhos Ele os possa ver? Além disso, o que há pouco referimos acerca do profeta Eliseu não indica suficientemente que é mesmo possível ver seres corpóreos não com o corpo mas com o espírito? Quando o dito servo recebeu os presentes, com certeza foi corporalmente que o fez; todavia, o profeta viu-o, não com o corpo mas com o espírito. Portanto, assente que os corpos podem ser vistos pelo espírito, porque é que o poder do corpo espiritual não é tão grande que também o espírito possa ser visto pelo corpo? Pois Deus é espírito. Além disso, cada um conhece, sem dúvida, a sua própria vida, pela qual vive neste momento no seu corpo, e que desenvolve e dá vida a estes membros terrestres; cada um conhece-a não pelos olhos do corpo mas por um sentido interior. Mas as vidas dos outros, apesar de invisíveis, vê-as, porém, com o corpo. Porque, como é que distinguimos os corpos vivos dos não vivos senão vendo ao mesmo tempo os corpos e as suas vidas que não podemos ver senão pelos corpos? Mas às vidas sem corpos é que não vemos com os olhos corpóreos.

Por isso pode acontecer e é muito provável que os corpos de um mundo constituído por um novo Céu e uma nova Terra os venhamos a ver então com os corpos de que fomos portadores e que contemplaremos, de maneira tal que veremos com a mais luminosa transparência, para onde quer que voltemos os olhos, a Deus em toda a parte presente e governando todos os seres, mesmo os corporais; veremos tudo isso, não como se vêem agora, com a inteligência, as coisas invisíveis de Deus por intermédio das coi-

sas por Ele criadas, como num espelho, em enigma, e parcialmente, em que a fé, que nos faz crer, tem em nós mais valor do que a aparência das coisas corporais que vemos com os olhos do corpo. Mas assim como, aos homens entre os quais vivemos e que, pelos seus movimentos, manifestam que vivem, logo que os vemos, não acreditamos, mas vemos que vivem, embora não sejamos capazes de ver, sem os seus corpos, as suas vidas, que, todavia, sem sombra de dúvida, neles vemos através dos corpos—assim também, para onde quer que volvermos os olhos dos nossos corpos espirituais, veremos a Deus incorpóreo regendo todas as coisas. Portanto,

ou Deus será visto com esses olhos, como se eles tivessem, em tamanha excelência, algo semelhante à mente com a qual se podem ver até as naturezas incorpóreas, — o que, de resto, é muito difícil se não mesmo impossível demonstrar por um exemplo ou pelo testemunho das Sagradas Escrituras,

ou então, o que é mais fácil de compreender, Deus nos será conhecido e visível de tal modo que será visto em espírito por cada um de nós; será visto por uns nos outros; será visto em si próprio; será visto num novo Céu e numa nova Terra; será visto em toda a criatura que então existir; será visto em todo o corpo, com os olhos do corpo, para onde quer que se voltem esses olhos do corpo espiritual. Mesmo os nossos pensamentos estarão patentes, mutuamente, a todos nós. Então se cumprirá, efectivamente, o que o Apóstolo, depois de ter dito:

*Não queirais julgar antes do tempo*²³,

logo acrescentou:

*Até que o Senhor venha; Ele iluminará o que as trevas escondem; Ele manifestará os pensamentos do coração; então é que cada um receberá de Deus o seu louvor*²⁴.

²³ *Nolite ante tempus judicare quicquam.*

I Corínt., IV, 5.

²⁴ *Donec veniat Dominus, et inluminabit abscondita tenebrarum et manifestabit cogitationes cordis, et tunc laus erit unicuique a Deo.*

Id. Ib.

CAPÍTULO XXX

Da felicidade eterna da Cidade de Deus e do sábado perpétuo.

Quão grande será essa felicidade onde mal nenhum haverá, ou bem nenhum faltará, onde toda a ocupação consistirá em louvar a Deus que será tudo em todos! Que outra coisa se fará lá onde não se repousará por preguiça nem se trabalhará por necessidade — eu não sei. É disto que sou informado também pelo Cântico Sagrado quando o leio ou o ouço:

*Bem-aventurados os que habitam na tua casa,
eles louvar-te-ão pelos séculos dos séculos*¹.

Todos os membros e órgãos internos do corpo incorruptível que vemos agora ocupados em diversas funções necessárias, porque então não haverá mais necessidade mas uma felicidade plena, certa, segura e sempiterna, todos eles se adiantarão em louvores a Deus. Realmente, todos aqueles números, agora escondidos, da harmonia corporal de que já falei, repartidos interna e externamente por todas as partes do corpo, e com as outras grandes maravilhas que lá se verão, inflamarão as mentes racionais com o deleite da beleza racional no louvor de tão grande artífice². Que

¹ *Beati qui habitant in domo tua, in saecula saeculorum laudabunt te.*

Salmo LXXXIII(LXXXIV), 5.

² Julgo que a frase «Realmente, todos aqueles números, agora escondidos, da harmonia corporal de que já falei, repartidos...» — tradução demasiado literal do texto «*omnes quippe illi, de quibus jam sum locutus, qui nunc latent, harmoniae corporalis numeri, ... dispositi...*» — pode, com vantagem, ser substituída por estoutra:

«Realmente, o ritmo latente da harmonia corporal de que já falei, repartido...».

movimentos serão lá os de tais corpos, não ousou eu dizê-lo, porque nem sequer sou capaz de o conceber; todavia, quaisquer que sejam os seus movimentos, as suas atitudes, bem como o seu próprio aspecto, tudo será gracioso nesse lugar onde nada de desgraçoso poderá haver. Com certeza que onde o espírito quiser, lá estará, sem demora, o corpo; mas o espírito nada quererá que, quer ao próprio espírito quer ao corpo, não possa convir.

Lá é que estará a verdadeira glória, lá onde ninguém será louvado por erro ou por lisonja de quem louva; as verdadeiras honras não serão negadas aos que delas são merecedores, nem concedidas aos que delas são indignos; mas nem sequer a tal se apresentará um indigno, lá onde não é permitido que esteja senão o digno. Lá reinará a verdadeira paz, lá onde ninguém sofrerá qualquer adversidade provinda de si próprio ou de outrem. O prémio da virtude será Ele próprio, Ele que concedeu a virtude e dela prometeu ser Ele próprio o melhor e o maior prémio que possa haver. Que outra coisa é, com efeito, o que foi dito pelo profeta:

*Eu serei o seu Deus e eles serão o meu povo*³,

senão: «Eu é que serei aquele onde se podem saciar; eu é que serei tudo o que pode ser honestamente desejado pelos homens — a vida, a saúde, o alimento, a abundância, a glória, a honra, a paz e todos os bens»? Também só assim se pode compreender correctamente o que diz o Apóstolo:

*Para que Deus seja tudo em todos*⁴.

Ele próprio é que será o fim dos nossos desejos, Ele é que será contemplado sem fim, será amado sem embotamento, será louvado sem cansaço. E este dom, este affecto, esta ocupação, seguramente que serão, como a própria vida eterna, comuns a todos.

³ *Ero illorum Deus, et ipsi erunt mihi plebs.*
Levít., XXVI, 12.

⁴ *Ut sit Deus omnia in omnibus.*
I Corínt., XV, 12.

De resto, quem é capaz de imaginar, quanto mais de expressar, quais virão a ser, conforme os méritos, os graus das honras e das glórias? Todavia, de que eles virão a existir é que não há dúvida. E essa bem-aventurada Cidade verá ainda em si mesma, como um grande bem, que os de uma categoria inferior não invejarão os de categoria superior, tal como agora os outros anjos não invejam os arcanjos. E não quererá cada um ser o que não recebeu, (por mais ligado que esteja, por um vínculo cheio de paz, àquele que o recebeu), tal como, no corpo, o olho não quer ser o que é o dedo, visto que um e outro dos órgãos fazem parte da organização pacífica de todo o corpo. E assim, cada um terá o seu dom, um menor do que o outro, de maneira que o que tem este seu dom não deseje outro maior.

Nem os bem-aventurados serão privados de livre arbítrio por não sentirem o atractivo do pecado. Pelo contrario, será mais livre esse arbítrio desde que se veja liberto do atractivo do pecado até chegar ao atractivo indeclinável de não pecar. Efectivamente, o primeiro livre arbítrio dado ao homem quando ao princípio foi criado na rectidão, podia não pecar, mas também podia pecar; mas este último será tão poderoso que já não poderá pecar; mas isto também por dom de Deus e não devido ao poder da sua natureza. Efectivamente, uma coisa é ser Deus e outra coisa é ser participante de Deus. Deus por natureza não pode pecar, — mas o participante de Deus recebe d'Ele o dom de não poder pecar. Mas tinham de se manter graus do dom divino: primeiro, dar-se-ia um livre arbítrio, mercê do qual o homem poderia não pecar; por último dar-se-ia um arbítrio, mercê do qual não poderá pecar; — o primeiro para alcançar méritos, o último para receber recompensas. Porque a nossa natureza pecou quando tinha o poder de pecar, é maior a graça que a liberta para a conduzir àquela liberdade em que já não pode pecar. Assim como, na verdade, a primeira immortali-

dade, perdida pelo pecado de Adão, consistia em poder não morrer e a última consistirá em não poder morrer — assim também o primeiro livre arbítrio consistia em poder não pecar e o último consistirá em não poder pecar. Desta forma será inadmissível a vontade de piedade e de equidade, da mesma forma que o é a vontade de felicidade. É que, realmente, ao pecarmos, não conservámos nem a piedade nem a felicidade, mas, ao perdermos a felicidade, não perdemos a vontade de sermos felizes. Na verdade, será que o próprio Deus, visto não poder pecar, não pode ter livre arbítrio?

Será, pois, única em todos os seus membros e inseparável em cada um deles a vontade livre dessa Cidade, libertada de todo o mal e repleta de todo o bem, fruindo incessantemente do prazer das alegrias eternas, esquecida das suas culpas, esquecida das suas penas, mas nem por isso esquecida da sua libertação para não ser ingrata para com o seu libertador, bem recordada dos seus males pretéritos, no que se refere ao seu conhecimento especulativo, mas de tudo esquecida no que respeita à sensação real. Realmente, o mais hábil dos médicos também conhece quase todas as doenças, como elas são ensinadas na sua arte; mas como elas são sentidas no corpo, dessas a maior parte deles desconhece a maior parte: as que ele próprio não experimentou.

Assim como, portanto, há duas maneiras de conhecer o mal: uma pelo poder da mente que o descobre, e a outra pela experiência dos sentidos que o suportam (de uma forma se conhecem todos os vícios pelo ensino da sabedoria, de outra forma pela péssima vida do insensato), assim também há duas maneiras de esquecer os males. O erudito e o douto esquecem-nos de uma maneira e doutra maneira os esquece o que os experimentou e suportou: aquele, se descuidar o seu saber e este, se se libertar da sua desgraça. É em conformidade com este esquecimento que referi em último lugar que os santos se não lembrarão dos males

pretéritos; esquecem-nos, efectivamente, a tal ponto que se apagam dos seus sentidos. Todavia, mercê da capacidade de saber, que neles será grande, não se lhes ocultarão nem as suas desgraças passadas nem as desgraças sem fim dos condenados. Se assim não fosse, se ignorassem que tinham sido desgraçados — como poderiam eles, como diz o Salmo,

*cantar para sempre as misericórdias do Senhor?*⁵

Com certeza que nada será mais agradável a essa Cidade do que cantar este cântico de reconhecimento à glória de Cristo que com o seu sangue nos libertou. É lá que se cumprirá esta palavra:

*Parai e vede que eu é que sou Deus*⁶.

Este será realmente o maior sábado que não terá tarde, aquele que o Senhor recomendou desde as primeiras obras do mundo, como se lê:

*E no sétimo dia Deus descansou de todos os trabalhos que tinha feito, e Deus abençoou o sétimo dia e santificou-o, porque nele descansou de todos os trabalhos que empreendera fazer*⁷.

Nós próprios seremos esse sétimo dia quando formos refeitos e plenos com a sua benção e santificação.

Quando lá repousarmos veremos que Ele próprio é que é Deus: precisamente o que nós quisemos ser quando d'Ele nos afastámos dando ouvidos ao sedutor:

*Sereis como deuses*⁸,

e afastando-nos do verdadeiro Deus que, com a sua participação, mas não com a nossa deserção, faria com que

⁵ *Misericórdias Domini in aeternum cantabunt.*

Salmo LXXXVIII(LXXXIX), 2.

⁶ *Vacate et videte quoniam ego sum Deus.*

Salmo XLV (XLVI), 11.

⁷ *Et requievit Deus die septimo ab omnibus operibus suis, quae fecit, et benedixit Deus diem septimum et sanctificavit eum, quia in eo requievit ab omnibus operibus suis, quae inchoavit Deus facere.*

Gén., II, 2-3.

⁸ *Eritis sicut dii.*

Id. Ib.

fôssemos deuses. Sem Ele, que fizemos, de facto, senão incorrer na sua cólera? Mas por Ele refeitos e, por uma graça mais aperfeiçoados, repousaremos por toda a eternidade, vendo que Ele próprio é que é Deus de quem seremos cheios quando Ele for *tudo em todos*.

Também as nossas próprias obras, quando são reconhecidas mais como suas do que nossas, ser-nos-ão então imputadas para alcançarmos esse sábadado; mas se as atribuírmos a nós, elas serão servis, como se diz a propósito do sábadado:

*Nenhum trabalho servil fareis*⁹:

e por isso é que também foi dito por intermédio do profeta Ezequiel:

*E dei-lhes os meus sábados em sinal de aliança entre mim e eles para que saibam que Eu, o Senhor, é que os santifico*¹⁰.

Isto saberemos então perfeitamente, quando perfeitamente repousarmos e perfeitamente virmos que Ele é que é Deus.

Além disso, se o número de idades, como o de dias, se computa segundo os períodos de tempo que parecem expressos nas Escrituras, este repouso sabático aparecerá mais claramente, pois é o sétimo que surge. A primeira idade, como um primeiro dia, seria desde Adão até ao Dilúvio; desde então até Abraão, é a segunda com igualdade, não de tempo mas de número de gerações (realmente, verifica-se que cada um tem dez). Desde então, como refere o evangelista Mateus, seguem-se três idades até ao advento de Cristo, desenvolvendo-se cada uma delas por catorze gerações — uma de Abraão a David, outra desde então até à deportação para Babilónia, a terceira desde então até ao nascimento carnal de Cristo.

⁹ *Omne opus servile non facietis.*

Deuter., V, 14.

¹⁰ *Et sabbata mea dedi eis in signum inter me et inter eos ut scirent quia ego Dominus, qui santifico eos.*

Ezeq., XX, 12.

Desta forma elas todas fazem cinco. A sexta processa-se agora, sem se poder determinar o número de gerações porque foi dito:

*Não vos é dado conhecer os tempos que o Pai guardou em seu poder*¹¹.

Depois desta, Deus repousará, como no sétimo dia, quando fizer descansar n'Ele próprio como Deus, o mesmo dia sétimo que seremos nós. Seria longo tratar agora detalhadamente de cada uma destas idades. Direi, porém: a sétima idade será o nosso sábado, cujo termo não será a tarde mas sim Domingo, o dia do Senhor (*dominicus dies*), como que um oitavo dia eterno que foi consagrado pela ressurreição de Cristo, significando o repouso eterno não só do espírito mas também do corpo.

Lá repousaremos e veremos, veremos e amaremos, amaremos e louvaremos. Eis o que estará no fim sem fim. E que outro é o nosso fim senão chegar ao reino que não tem fim?

Parece-me que, com a ajuda do Senhor, satisfiz a dívida desta extensa obra. Perdoem-me aqueles para quem ela é pouca coisa ou em demasia; mas, aqueles a quem ela baste, não a mim mas comigo se congratulem e dêem graças a Deus. Amen. Amen.

¹¹ *Non est vestrum scire tempora, quae Pater posuit in sua potestate.*
Act. dos Apóst., I, 17.

BIBLIOGRAFIA

I BIBLIOGRAFIA GERAL

1 — O facto histórico que ocasionou a feitura do *De Civitate Dei* foi o saque de Roma perpetrado em 410 pelos Godos chefiados por Alarico.

Esta ocorrência deu aos pagãos a oportunidade de atribuírem a catástrofe ao abandono pelos cristãos do culto dos deuses, velhos protectores de Roma.

Para responder a estas queixas e por solicitação do tribuno Marcelino é que Santo Agostinho se abalçou a escrever a *Cidade de Deus*.

A) Sobre estes factos, poderão consultar-se os seguintes autores da época:

- O próprio SANTO AGOSTINHO:
Epistola 99, Migne: Patrologia Latina, XXXIII, 365 ^(a),
Epistola 138, P.L. XXXII, 534,
Sermo 111 (ad Victoriam), P.L. XXXIII, 423,
Sermo 296, P.L. XXXVIII, 1.355,
Sermo 105, P.L. XXXVIII, 624,
Sermo 81, P.L. XXXVIII, 504,
Sermo 97, P.L. XXXVIII, 576,
De cura gerenda pro mortuis, P.L. XL, 594;
- Pseudo-AGOSTINHO:
De Urbis excidio II, 2, P.L. XXXI, 718;
- S. JERÓNIMO:
Epistola 126, P.L. XXII, 1.086,
Epistola 127, P.L. XXII, 1.094,
In Ezech., praef. libri I, P.L. XXV, 15;

^(a) Daqui em diante referiremos com a sigla P.L. a colecção «Patrologia Latina» de Migne (Jacques-Paul). Os números romanos indicam o volume e os árabes a coluna.

- PAULO ORÓSIO:
Historiarum adversus paganos, libri septem, P.L. XXXI, 635;
- MARCELINO:
Epistola 136 ad Augustinum, P.L. XXXIII, 515;
- VOLUSIANO (^b):
Epistola 135 ad Augustinum, P.L. XXXIII, 512.

B) Autores nossos contemporâneos:

- F. LOT, CHR. PFISTER e Fr. GANSHOF — *Les destinées de l'empire en Occident de 395 a 888* (in G. GLOTZ — *Histoire Générale. Histoire du Moyen Âge*, t. I, Paris, 1928, pp. 24-30);
- P. COURCELLE — *Histoire littéraire des grandes invasions germaniques*, Paris, 1948, pp. 19-35 e 42-44;
- F. CAVALLERA — *Saint Jérôme*, Paris e Lovaina, 1922, I, pp. 314, 322;
- A. CHASTAGNOL — *Obra cit*;
- J. DIAS PEREIRA — *Gênese do De Civitate Dei* (in *Eborensia*, n° 34, p. 9, 1939).

2 — Cronologia da feitura da «Cidade de Deus».

Iniciada em 412, só cerca de quinze anos depois o *De Civitate Dei* chegou ao seu termo. Acerca das etapas da composição da obra, podem consultar-se, além do que o próprio Santo Agostinho refere (in *De Civitate Dei*, L. V, C. XXVI), os seguintes autores:

- A. DUFOURCQ — *Rutilius Namatianus contre Saint*

(^b) Volusiano, da família patricia dos Caeionii, era filho de Caeionius Rufius Albinus, irmão de Albina, mulher de Publícola, por sua vez filho de Santa Melânia, a Velha. Apesar de sua irmã ser cristã, Volusiano manteve-se pagão, vindo, porém, a converter-se ao cristianismo e a receber o batismo mais tarde, convertido por sua sobrinha Santa Melânia, a Jovem. Volusiano foi procônsul em África, prefeito de Roma em 421, tomando então, nessa qualidade e já cristão, várias medidas contra os Pelagianos.

A Volusiano se refere o poeta Rutilius Namatianus em *De reditu suo*, L. I, vv. 167-176 (Trad. de Vissereau in Coll. des Universités de France, Paris, 1933).

Acerca de Volusiano poderá consultar-se A. CHASTAGNOL, *Le Sénateur Volusien et la conversion d'une famille de l'aristocratie romaine au Bas Empire* (in *Revue des Et. Anciennes*, LVIII, 1956).

- Augustin* (in *Revue d'histoire et de littérature religieuse*, t. X, 1905, pp. 488-499;
- P. CORCELLE — *Obra cit.*, pp. 83-84;
- RUTILIUS NAMATIANUS — *Obra e trad. cits.*, vv. 122-128 e 201-204.
- MACEDONIUS — *Epistola 154 ad Augustinum*, P.L. XXXIII, 666. Nesta carta, Macedônio, vigário de África, informa Agostinho do bom acolhimento dos três primeiros livros (os até então publicados);
- SANTO AGOSTINHO — *Epistola 155 ad Macedonium*, P.L. XXXIII, 667. É a resposta à carta de Macedônio. Cfr. *De Civitate Dei*, L. I, C. XVII e segs., *Epistola 169 ad Evodium*, P.L. XXXIII, 742. Nesta carta de 414, Santo Agostinho fala a Santo Evódio dos seus três primeiros livros do *De Civitate Dei*. Como se vê do *De Civitate Dei*, L. X, C. XXXII e dos *Historiarum adversus paganos libri septem* (in P.L. XXXI, 667) de P. Orósio, por este escritos a pedido de Santo Agostinho para servirem de complemento ao *De Civitate Dei*, em 415 já estava escrito o Livro X desta obra. Sobre este ponto, ver: GUY FINK — *Paul Orose et la conception de l'histoire*. Paris, Centre de documentation universitaire, 1951, pp. 51 e 54.

Por volta de 417, já estavam escritos os livros XI e XII, como referem o próprio Agostinho (in *De Trinitate* — P.L. XLII, 1023) e Orósio no prefácio da sua obra.

- Como refere Agostinho no L. I, C. XIV., n. 18 da sua obra *Contra adversarium legis et prophetarum* (P.L. XLII, 613), antes de 420 já estavam escritos os livros XIII e XIV do *De Civitate Dei*, pois de 418 a 420 já estavam redigidos os livros XV e XVI, como resulta das *Questiones in Heptateuchum*, que foram escritas nesse período.

3 — Sobre o plano do «De civitate Dei», além das referências do próprio Agostinho (in *Retractationes*, L. II, C. XLIII, n.ºs 1 e 2; *Epistola 184*, em P.L. XXXIII, 791, dirigida aos monges Pedro e Abraão; carta a Firmo, de que dou a tradução no início da presente versão da «Cidade de Deus»; *De Civitate Dei*, L. X, C. XXXII; L. XI, C. I; L. XVIII, C. I; L. XIX, C. I; L. XXI, C. I). Pode ver-se ainda:

— H.-I. MARROU — *Saint Augustin et la fin de la culture antique*, Paris, 1938.

4 — Acerca do conceito de «Cidade» e, mais precisamente, de «Cidade de Deus», vejam-se:

A) as seguintes fontes bíblicas:

— *Epístola aos Hebreus*: X, 10 e 13-16; XII, 22-23; XIII, 14;

— *Apocalipse*: III, 12; XXI, 2-10;

— *Epístola aos Gálatas*: IV, 22-26;

— *Epístola aos Filipenses*: III, 20-24.

B) os seguintes autores pagãos:

— PLATÃO — *República* (592) e *Teeteto* (176) em que é descrita a cidade ideal;

— PLOTINO — *Enéadas*, I-6, 8 e IV-4, 17, em que se refere a cidade espiritual (Cfr. P. HENRY — *Plotin et l'Occident*, Paris, 1934, pp. 107-109);

— CICERO — *De legibus*, t. 23 e *De natura Deorum*, II, 31 e 62;

— SÉNECA — *De Otio*, IV, 1;

— MARCO AURÉLIO — *In seipso*, II, 16; III, 6 e 11; IV, 4 e 23;

— FÍLON DE ALEXANDRIA — *De Somniis* (ed. de Hoeschel, Paris, 1640).

C) Estes autores cristãos da época:

— SANTO AGOSTINHO — *De Doctrina Christ.* e *De vera religione*, (P.L. XXXIV, 144);

— S. PAULINO DE NOLA — *Epístola ao bispo de Tagasta, Santo Alípio*, (C.S.E. L. XXIX, 14. Cfr. P. FABRE — *Saint Paulin de Nole et l'amitié chrétienne*, Paris, 1949, p. 139);

— SANTO AMBRÓSIO — *De Cain et Abel* (P.L. XIV, 317) e *In Psalmos*, 118 expos. (P.L. XV, 1422).

D) autores modernos:

— FUSTEL DE COULANGES — *La Cité Antique*, Paris, 1866.

- Há trad. port. editada pela Liv. Cláss. Edit. em 1980, subscrita por Fernando de Aguiar;
- JOHN H. S. BURLEIGH — *The City of God. A Study of St. Augustine's Philosophy*, Londres, 1949;
- G. BOISSIER — *La fin du paganisme*, Paris, 1898, t. II;
- É. GILSON — *Introduction à l'étude de saint Augustin*, Paris, 1943;
- MONCEAUX — *Histoire littéraire de l'Afrique chrétienne*, t. V, Paris, 1923, pp. 165-219.
- 5 — Acerca das duas cidades, poderão consultar-se:
- JOHN N. FIGGS — *The political aspects of St. Augustine's City of God*, Londres, 1921, p. 69;
- É. GILSON — *Obra cit.*, pp. 238-239;
- L. DUCHESNE — *Histoire ancienne de l'Église*, t. II, pp. 491-492; *La doctrine politique de Saint Augustin*, pp. 113-314;
- JEAN GUITTON — *Le temps et l'éternité selon Plotin et saint Augustin*, Paris, 1933;
- H.-I. MARROU — *L'ambivalence du temps de l'histoire chez saint Augustin*, Montreal, 1950.
- 6 — Fontes do *De Civitate Dei*. Sobre este assunto podem consultar-se:
- H. J. FRANCKEN — *Fragmenta M. Ter. Varronis quae inveniuntur in libris S. Augustini «De Civitate Dei» Lugduni Batavorum*, Leyde, 1836;
- H. KUHLMANN — *De Veterum historiarum in Augustini «De Civitate Dei» libro primo, altero, tertio vestigiis*, Schleswig, 1900;
- S. ANGUS — *The sources of the first ten books of Augustine's «De Civitate Dei»*, Princetown, 1906;
- J. VASOLD — *Augustinus quae hauserit ex Vergilio*, Munique, 1908;
- G. COMBÈS — *Saint Augustin et la culture classique*, Paris, 1927;
- P. HENRY — *Plotin et l'Occident*, Lovaina, 1934;
- P. COURCELLE — *Les lettres Grecques en Occident de Macrobe à Cassiodore*, Paris, 1943;
- WILLY THEITER — *Porphyrios und Augustin (em Schriften der Konigsbergengelehrten Gesellschaft)*, Halle, 1933.

- WINTER — *De doctrinae neoplatonicae in Augustini «De Civitate Dei», vestigiis*, Friburgo de Brisgóvia, 1930;
- H.-I. MARROU — *Saint Augustin et la fin de la culture antique*, Paris, 1938;
- SCHANZ-HOSIUS-KRUEGER — *Geschichte der römischen Litteratur* (acerca de Varrão — Marcus Terentius Varro — e dos seus *Antiquitatum rerum humanorum et divinarum libri XLI*);
- M. TESTARD — *Saint Augustin et Cicéron: I — Cicéron dans la transformation et dans l'oeuvre de Saint Augustin; II — Répertoire des textes*, Paris, 1958;
- P. LABRIOLLE — *La réaction païenne. Étude sur la polémique antichrétienne du premier siècle au sixième siècle*, Paris, 1942;
- A. CALDERINI — *Riflessi di Storia antica nel «De Civitate Dei»*, em *Rivista di Filosofia neoscolastica*, Supl., Milão, 1937;
- S. COLOMBO — *Lattanzo e S. Agostino (Didaskaleion)*, t. X, 1931);
- A. KURFESS — *Der Historiker Sallust in Augustins Gottesstaat (Theol. Quartalschr., t. CXVIII, 1937)*;
- P. BASSI — *Sant'Agostino e Virgilio (Annali del Istruzione media, t. VI, 1930)*;
- F. Martínez Morán — *Algumas ideas virgilianas en «La Ciudad de Dios» (Archivo Agustiniiano, t. XLIV, 1950)*; — *El espíritu Virgiliano em «La Ciudad de Dios» (La Ciudad de Dios, t. CLXVIII, número extraord., El Escorial, 1954)*;
- C. RODRIGUEZ — *El alma virgiliana de San Agustín*, El Escorial, 1931;
- M. RUCH — *L'Hortensius de Cicéron. Histoire et reconstitution*, Paris, 1958.
- AIMÉ SOLIGNAC — *Doxografies et manuels dans la formation de saint Augustin* (em *Recherches Augustiniennes*, I, 1958);
- CHRISTIAN PARMA — *Polemische Motive in Augustins Begriff der Civitas Dei* (em *Virgiliae Christianae*, 22, 1968);
- ANDRÉ MENDOUZE — *Saint Augustin et la cité grecque* (em *Revue des Études latines*, 47, 1969);

- J. RETHORE — *Les sources historiques profanes dans les premiers livres de la Cité de Dieu* (em *Revue d'Études augustinienes*, 15, 1969);
 - GIOVANNI BARRA — *La figura e l'opera di Terenzio Varrone Reatino nel «De Civitate Dei» di Agostino*, Nápoles, 1969;
 - TITO ORLANDI — *Sallustio e Varrone in Agostino «De Civitate Dei»*, I-VIII (em *Parole del passato*, fasc. 118, 1969);
 - J. PEPIN — *La teología tripartita de Varrón y la interpretación alegórica* (em *Augustinus*, 2, 1957);
 - K. H. SCHELK — *Virgil in Deutung Augustins*, Stuttgart, 1939;
 - H. HAGENDAHL — *Augustin and the Latin Classics*, Upsala, 1967;
 - K. T. SCHWARTE — *Die Vorgeschichte der augustinischer Weltalterlehre*, Bonn, 1966;
 - H. FUCHS — *Augustin und der antike Friedensgedanke. Untersuchungen zum neunzehnten Buch der «Civitas Dei»*, Berlim, 1926.
- 7 — Língua e estilo do «De Civitate Dei»:
- CONSTANTIN L. BALMUS — *Étude sur le style de saint Augustin dans les Confessions et la Cité de Dieu*, Paris, 1930;
 - M. B. SCHIEMANN — *The rare and late verbs in st. Augustine's «De Civitate Dei». A morphological and semantiological Study*, Washington, 1938;
 - MAHONEY — *The rare and late norms, adjectives and verbs in St. Augustine's «De Civitate Dei»*, Washington, 1935;
 - P. DE LABRIOLLE — *Saint Augustin — La Cité de Dieu*, t. I, Paris, 1941;
 - FINAERT — *L'Évolution littéraire de saint Augustin*, Paris, 1939.
- 8 — Introduções à «Cidade de Deus»:
- FULBERT CAYRÉ — *Le docteur des deux cités* (em *Revue de l'Université de Ottawa*, 19, 1949);
 - ULRICH DUCHRON — *Christenheit und Weltverantwortung. Ursprung und Bedeutung der Zweireichlehre*, Stuttgart, 1970;

- P. SERAFINO — *Introduzione al «De Civitate Dei»*, Roma, 1955;
- HEINRICH SCHOLZ — *Glaube und Unglaube in der Weltgeschichte; — Ein Kommentar zu Augustins «De Civitate Dei»*, Leipzig, 1911;
- ALBERTO VECCHI — *Introduzione al «De Civitate Dei»*, Modena, 1957;
- CAMILLO BUTTI — *La mente di Sant'Agostino nella «Città di Dio»*, Firenze, 1930;
- JEAN DU PANGE — *«Cité de Dieu» de st. Augustin* (em *Cahiers de la Nouvelle Journée*, 17, Paris, 1930);
- A. LAURAS e H. RONDET — *Le thème de deux Cités dans l'oeuvre de saint Augustin* (em *Études Augustiniennes*, Paris, 1953);
- J. C. GUY — *Unité et structure logique de la «Cité de Dieu» de st. Augustin*, Paris, 1961;
- PAULO BREZZI — *Analisi e interpretazione del «De Civitate Dei» di S. Agostino*, Tolentino, 1960;
- HENRI DAVENSON (H.-I. MARROU) — *Saint Augustin et la «Cité de Dieu»* (em *La Vie spirituelle*, 64, 1941);
- G. DELLA ROCCA — *La «Città di Dio» di Sant'Agostino*, Nápoles, 1930;
- HANS KLOESEL — *Augustinus «De Civitate Dei» Erläuterungen*, Paderborn, 1954;
- GASTON BOISSIER — *La «Cité de Dieu» de saint Augustin* (em *Revue de deux Mondes*, 97, 1890);
- E. RIVIERA DE VENTOSA — *La estructura de la «Ciudad de Dios» a la luz de las formas fundamentales del amor* (em *Augustinus*, 12, 1967);
- CH. JOURNET — *Las tres ciudades: la de Dios, la del hombre y la del diablo* (em *Orbis Catholicus*, 2, Barcelona, 1958);
- H.-I. MARROU — *Civitas Dei, civitas terrena: numquid tertium* (em *Studia patristica*, 2, 1957);
- J. RATZINGER — *Herkunft und Sinn de Civitas — Lehre Augustinus* (em *Augustinus Magister*, II, Paris, 1954);
- H. LEIGESANG — *Der Ursprung der Lehre Augustins von der «Civitas Dei»* (em *Arch. für Kulturgeschichte*, 16, 1925-1926);

— GUSTAVE BARDY — *La formation du Concept de Cité de Dieu dans l'oeuvre de saint Augustin* (em *L'Année Théologique*, 12, 1952).

No número 167-I da revista *La Ciudad de Dios*, poderão consultar-se ainda:

— U. ALVAREZ DÍEZ — *La «Ciudad de Dios» y su arquitectura*;

— ANTOINE LAURAS — *Deux cités, Jérusalem et Babylone. Formation et évolution d'un thème central du «De Civitate Dei»*.

No número 167-II da mesma revista:

— A. CUSTODIO VEGA — *La estrutura literaria de la «Ciudad de Dios»*;

— J. I. ALCORTA ECHEVERRIA — *El «ordo amoris» y la «aversio a Deo» en la dialéctica de las dos ciudades*.

E, no seu número 172, o estudo de

— GABRIEL DEL ESTAL — *La dialéctica de los reinos en la filosofía agustiniana de Derecho y del Estado*.

9 — Questões doutrinarias:

A) Bíblia:

— D. LE BRUYNE — *Les citations bibliques de le «De Civitate Dei»* (em *Revue biblique*, t. XLI, 1932);

— O. GARCÍA DE LA FUENTE — *Interpretación exegetica de Genesis en la «Ciudad de Dios». Aprecciones críticas* (em *La Ciudad de Dios*, t. CLXVII, n.º extraord., 1954); — *San Agustín, expositor de las profecías en la «Ciudad de Dios»* (em *La Ciudad de Dios*, t. CLXVII, n.º extraord., 1954).

B) Teologia:

— J. I. ALCORTA ECHEVERRIA — artigo citado na revista *La Ciudad de Dios*, n.º 167-II;

— R. BRINTON — *The Idea of God in the «De Civitate Dei» of St. Augustine* (em *Church Quarterly Review*, t. CVIII, 1929);

— E. D. CARRETERO — *Antropología teológica de la «Ciudad de Dios»* (em *La Ciudad de Dios*, t. CLXVII, n.º extraord., 1954);

- J. J. GAVIGAN — *Sancti Augustini doctrina de Purgatorio praesertim in opere «De Civitate Dei»* (em *La Ciudad de Dios*, t. CLXVII, n.º extraord., 1954);
- NAZARIO DE SANTA TERESA — *La «Ciudad de Dios», filosofía de la mística. De San Agustín a San Juan de la Cruz* (em *La Ciudad de Dios*, t. CLXVII, n.º extraord., 1954);
- F. J. THONNARD — *Science et Sagesse dans la «Cité de Dieu»* (em *La Ciudad de Dios*, t. CLXVII, n.º extraord., 1954).

C) Apologética:

- F. TH. CARLSON — *De Contentione Aurelli Augustini cum paganis in libro ejus «De Civitate Dei»*, Lund, 1847;
- P. COURCELLE — *Propos antichrétiens rapportés par saint Augustin* (em *Recherches Augustiniennes*, I, Paris, 1958);
- P. DE LABRIOLLE — *La réaction païenne. Étude sur la polémique antichrétienne du premier siècle au sixième siècle*, Paris, 1942;
- G. LÜTTGERT — *Theologumena Varroniana a S. Augustino in Judicium vocata*, I, II, Sorau, 1858-1859;
- J. PÉPIN — *La «Théologie tripartite» de Varron. Essai de reconstitution et recherche des sources* (em *Revue des Études Augustiniennes*, t. II, 1956, Mémorial Gustave Bardy);
- A. QUACQUARELLI, *La polemica pagano-cristiana de Plotino ad Agostino*, Milão, 1952;
- F. G. SIHLER — *From Augustus to Augustine. Essays and Studies dealing with contact and conflict of classic Paganism and Christianity*, Cambridge, 1923;
- ED. STAKEMEIER — *«Civitas Dei». Die Geschichtstheologie des hl. Augustinus als Apologie der Kirche*, Paderborn, 1953.

No já tantas vezes citado t. CLXVII, número extraordinário da *La Ciudad de Dios*, 1954, podem consultar-se ainda os seguintes estudos:

- U. DOMÍNGUEZ DEL VAL — *El martirio, argumento apologético en la «Ciudad de Dios»*;
- L. GONZÁLEZ — *Valor apologético del milagro en la «Ciudad de dios»*;

- J. OROZ — *Introducción a una «Theología» augustinovarronina, vista desde la Ciudad de Dios.*

D) Igreja e Cidade de Deus:

- É. GILSON — *Église et Cité de Dieu chez st. Augustin* (em *Archives d'histoire doctrinale et littéraire du moyen âge*, t. XX, 1954);
- TH. HAHN — *Tyconius-Studien*, Leipzig, 1900;
- H. HERMELINK — *Die Civitas terrena bei Augustin* (em *Festgabe Ad. von Harnack z. 70, Geburtstag*, Tubinga, 1921);
- A. LAURAS et H. RONDET — *Le thème des deux cités dans l'oeuvre de St. Augustin* (em *Études Augustiniennes*, Col. «Theologie», Paris, 1953);
- Idem — *Deux cités Jérusalem et Babylone. Formation et évolution d'un thème central du «De Civitate Dei»*;
- R. T. MARSHALL — *Studies in the political and socioreligious terminology of the «De Civitate Dei»*, Col. «Patrist. Studies», 86, Washington, 1952;
- ÉD. SALIN — *Civitas Dei*, Tubinga, 1926;
- G. SPANEDDA — *Il mistero della Chiesa nel pensiero di S. Agostino*, Sassari, 1944;

No já várias vezes citado número extraordinário I, 1954, t. CLXVII, da revista *La Ciudad de Dios*, poderão ser consultados com proveito os seguintes estudos:

- L. CILLERUELO — *La oculta presencia del maniqueísmo en la «Ciudad de Dios»*;
- G. DEL ESTAL y A. J. J. ROSADO — *Equivalência de «Civitas» en el «De Civitate Dei»*.

E) Tempo e história:

- G. AMARI — *Il concetto di storia in Sant'Agostino*, Roma, 1951;
- G. CATALDO — *La filosofia della storia nel «De Civitate Dei» de Sant'Agostino*, Bari, 1950;
- J. CHAIX-RUY — *Saint Augustin. Temps et Histoire*, Paris, 1956;
- J. GUITTON — *Le temps et l'éternité chez Plotin et saint Augustin*, Paris, 1933;

- E. HOFFMANN — *Platonism in Augustine's Philosophy of History* (em *Philosophy and History. Essays presented to E. Cassirer*, Oxford, 1936);
- E. LOGOZ — *La philosophie de l'histoire de St. Augustin* (em *Revue de Théologie et de Philosophie*, t. VI e VII, 1919);
- H.-I. MARROU — *L'ambivalence du temps de l'histoire chez St. Augustin*, Montréal, 1950.
- F. MEDA — *Sant'Agostino e la filosofia della storia* (em *Augustiniana*, Nápoles, 1930);
- TH. E. MOMMSEN — *St. Augustine and the Christian Idea of progress. The background of the City of God* (em *Journal of the History of Ideas*, t. XII, 1951);
- A. NIEMANN — *Augustins Geschichtsphilosophie*, Greifswald, 1895;
- U. A. PADOVANI — *La Città di Dio di Sant'Agostino: teologia e non filosofia della storia* (em *Sant'Agostino*, Milão, 1931);
- J. PEINKENS — *Geschichtsphilosophie des hl. Augustin*, Schaffhausen, 1866;
- G. RUOTOLO — *La filosofia della storia e la Città di Dio*, Florença, 1950;
- G. J. SEYRICK — *Die Geschichtsphilosophie Augustins nach seiner Schrift De Civitate Dei*, Leipzig, 1891;
- G. SIMARD — *Philosophie et théologie de l'histoire d'après la Cité de Dieu* (em *Revue de l'Université d'Ottawa*, t. VII, 1937);
- M. VELEZ — *La Ciudad de Dios como filosofia de la historia* (em *Religión y Cultura*, t. XXI, 1933);
- S. VISMARA — *La Storiografia nella cultura Greco-romana nel pensiero neo-cristiano e in Sant'Agostino* (em *Rivista de filosofia neo-scolástica*, t. XX, 1928).

Na revista *Augustinus Magister*, II, Paris, 1954, podem consultar-se os seguintes cinco estudos:

- 1) A. W. ZIEGLER — *Die Grenzen Geschichtlicher Erkenntnis. Beiträge zur augustinischen Geschichtstheologie*;
- 2) V. PÖSCHL — *Augustinus und die Römische Geschichtsauffassung*;

- 3) J. CHAIX-RUY — *La Cité de Dieu et la structure du temps chez St. Augustin*;
- 4) J. GILLET — *Temps et exemplarisme chez saint Augustin*;
- 5) J. HUBAUX — *Saint Augustin et la crise cyclique*.

Na revista *La Ciudad de Dios*, t. CLXVII, n.º extraordinário de 1954, podem consultar-se sobre o assunto os seguintes cinco estudos:

- 1) V. CAPÁNAGA — *Los ciclos cósmicos en la «Ciudad de Dios»*;
- 2) G. DEL ESTAL — *La «Ciudad de Dios» ante el curso de los tiempos. Historia, Filosofía de la Historia, Filosofía cristiana de la Historia*;
- 3) R. FLOREZ — *Temporalidad y tiempo en la «Ciudad de Dios»*;
- 4) U. A. PADOVANI — *Storicismo teológico agostiniano e storicismo filosófico hegeliano. La dottrina de la «Città de Dio»*;
- 5) M. F. SCIACCA — *In concetto di Storia in S. Agostino. Il suo culmine nei due amore della «Città di Dio»*.

F) Moral, Sociologia, Política, Direito:

- N. H. BAYNES — *The political Ideas of St. Augustine's De Civitate Dei*, Londres, 1936;
- C. BICKERSTELH — *St. Augustine's City of God and war* (em *Church Quaterly Review*, t. LXXX, 1916);
- J. BOURGEOT — *Augustins Philosophie des Friedens und des Krieges*, 1926;
- CH. BOYER — *Saint Augustin*, Col. *Les moralistes chrétiens, Textes et commentaires*, Paris, 1932;
- Y. DE LA BRIÈRE — *La Conception de la paix et de la guerre chez saint Augustin* (em *Revue de Philosophie*, t. I, 1930);
- A. BRUCCULERI — *Il Pensiero social de Sant'Agostino*, Col. «*Orientamenti e Contributi*», 7, Roma, 1945;
- C. CECCHINI — *Il problema morale in Sant'Agostino*, Reggio Emilia, 1934;
- G. CERIANI — *Giustizia e Carità nella Città di Dio*, Venegono Inferiore, 1941;
- G. COMBÈS — *La doctrine politique de st. Augustin*, Paris, 1927;

- M. H. FERNÁNDEZ — *El pecado como concepto fundamental en el problema justificativo del derecho y el Estado. El pensamiento agustiniano y el problema deontológico del derecho* (em *Revista de la Facultad de Derecho de Madrid*, t. XIII, 1943);
- J. N. FIGGIS — *The Political Aspects of Augustine's City of God*, Londres, 1921;
- A. FOCHERINI — *La dottrina del diritto de la Guerra da S. Agostino a Baltazar d' Ayala*, Modena, 1912;
- H. F. FRIBERG — *Love and Justice in Political Theory. A Study of Augustine's definition of the Commonwealth*, Chicago, 1944;
- F. GALAN — *San Agustín y el derecho natural*, Madrid, 1942;
- V. GIOGIANNI — *Il concetto del Diritto e dello Stato in S. Agostino*, Padova, 1951;
- V. HRABAR — *La doctrine du droit international chez Saint Augustin* (em *Archives de philos. du droit et de Sociolo. juridique*, T. II, 1932);
- A. JAEGER — *Augustin und der antike Friedensgedanken* (em *Neue Philol. Untersuchungen*, Berlín, 1928);
- E. KILZER — *The social thought of saint Augustine* (em *The Americ. Benedictine Review*, t. III, 1952);
- A. G. KIS — *Gedanken des heiligen Augustinus über die Sklaverei mit Rückblick auf den antiken Zeitgeist*, Viena, 1942;
- L. KOSTERZ — *Le «droit des gens» chez st. Augustin* (em *Revue de droit intern. et de legislation comparée*, t. XIX, 1933);
- R. MELLI — *Il concetto di autorità negli scritti di Sant'Agostino*, Lecce, 1948;
- F. X. MILLAR — *The significance of St. Augustine's criticism of Cicero's Definition of State* (em *Philosophia Perennis*, Regensburg, 1930);
- P. MONCEAUX — *Saint Augustin et la guerre* (em *L'Église et le droit de Guerre*, Paris, 1916);
- E. PETERSON — *Der Monotheismus als politisches Problem. Ein Beitrag zur Geschichte der politischen Theologie im Imperium Romanum*, Leipzig, 1935;

- M. G. RIBERA — *El concepto de la Ley eterna, Ley natural y Ley positiva en la «Ciudad de Dios» de San Agustín* (em *Jus*, t. XVIII, 1947);
- R. RÉGOUT — *La doctrine de la guerre juste de saint Augustin à nos jours*, Paris, 1935;
- B. SEIDEL — *Die Lehre vom Staat beim hl. Augustinus*, Col. «*Kirchengeschichtliche Abhandlungen*», IX, 1, Breslau, 1910;
- B. SWITALSKI — *Plotinus and the ethics of St. Augustine*, New York, 1946;
- J. TREBST — *Die vier Staatsbilder Augustins in der Civitas Dei*, Iena, 1921;
- A. S. TRUJOL — *El Derecho y el Estado en San Agustín*, Col. «*Estudios monográficos de Derecho público III*», Madrid, 1944;
- K. VOELKEN — *Die Gottestaats. Die Staatswissenschaftlichen Teile*, 1923;
- J. WANG TCH'ANG-TCHE — *Saint Augustin et les vertus des païens*, Paris, 1938;
- B. WENDORFF — *Die Staatslehre des Aur. Augustinus nach «De Civitate Dei»*, Borna — Leipzig, 1926.

Sobre os mesmos assuntos, poderão ver-se ainda, na revista *La Ciudad de Dios*, t. CLXVII, n.º extraordinário de 1954, os estudos de:

- 1) C. CARY-ELWES — *Peace in the «City of God»*;
- 2) J. M. LOPEZ RIOCEREZO — *La humanizacion del castigo en la penología de la «Ciudad de Dios»*;
- 3) C. J. PERL — *Üeber die Wertphilosophie Augustins. Ein Versuch axiologischer Einführung in den «Gottes Staat»*;
- 4) H. RONDET — *Pax, tranquillitas ordinis*;
- 5) P. L. VERDIR — *Persona y comunidad en la «Ciudad de Dios»*;
- 6) ZARAGÜETA — *Perspectiva ética de la «Ciudad de Dios»*.

Ainda acerca destes assuntos se poderão consultar na Revista *Augustinus Magister*, II, Paris, 1954, os seguintes estudos:

- 1) P. BREZZI — *Una «Civitas terrena spiritualis» come ideale storico-político de Sant'Agostino*;
- 2) TH. M. PARKER — *St. Augustine and the conception of Unitary Sovereignty*.

G) Filosofia:

- J. H. S. BURLEIGH — *The City of God, a Study of St. Augustinus's Philosophy*, Londres, 1949;
- G. CAPONE BRAGA — *La concezione agostiniana della libertà*, Padova, 1931;
- E. DINKER — *Die Anthropologie Augustins*, Stuttgart, 1934;
- P. MONNOT — *Essai de synthèse philosophique d'après le XI^e livre de la «Cité de Dieu»* (em *Archives de philosophie*, t. VII, 1930);
- F. J. THONNARD — *La philosophie de la «Cité de Dieu»* (em *Revue des Études Augustiniennes*, t. II, 1956);
- E. WINTER — *De doctrinae neoplatonicae in Augustini «De Civitate Dei», Vestigiis*, Friburg, 1928;

Sobre este assunto, podem consultar-se ainda, na revista *La Ciudad de Dios* (t. CLXVII, n.º extraordinário de 1954), os seguintes estudos:

- 1) CH. BOYER — *La «Cité de Dieu», source de la philosophie augustinienne*;
- 2) F. CASADO — *El repudio de la filosofía antigua en la «Ciudad de Dios»*;
- 3) A. MUÑOZ ALONSO — *Concepto agustiniano de filosofía según la «Ciudad de Dios»*;
- 4) C. VACA — *Puntos para una psicología del pecado en la «Ciudad de Dios»*.

H) Romanidade de Santo Agostinho:

- R. BRACCO — *La romanità di S. Agostino*, Tolentino, 1930;
- G. BRONZINI — *Romanità di S. Agostino* (em *Convivium*, t. III, 1937);
- J. D. BURGER — *Augustin et ruine de Rome* (em *Revue de Théologie et de Philosophie*, t. XXX, 1942);
- H. VON CAMPENHAUSEN — *Augustin und der Fall von Rom* (em *Universitas*, t. II, 1947);
- P. GEROSA — *Sant'Agostino e la decadenza dell'impero romano* (em *Didaskaleion*, t. IV, 1915);
- Idem — *S. Agostino e l'Imperialismo romano* (em *Miscellanea Agostiniana*, II, Roma, 1931);

- E. VON IVANKA — *Römische Ideologie in der Civitas Dei* (em *Augustinus Magister*, III, Paris, 1955);
- Fr. G. MAIER — *Augustin und das antike Rome*, Col. Tübringer Beiträge zur Albertums Wissenschaft, 39, Stuttgart, 1955;
- A. MANDOUZE — *Saint Augustin et la religion romaine* (em *Recherches Augustiniennes*, I, Paris, 1958);
- Fr. HERZBACHER — *Augustin und das antike Rom* (em *Archiv für Rechts und Sozial Philosophie*, t. XXXIX, 1950);
- G. SEMERIA — *La Romanità di Sant'Agostino* (em *Vita e Pensiero*, t. XXI, 1930 — número comemorativo);
- STRAUB — *Augustins Sorge um die Regeneratio Imperii. Das Imperium Romanum als Civitas Terrena* (em *Historischesjahrbuch*, t. LXXIII, 1954).

I) Destino do Império Romano:

- P. COURCELLE — *Histoire littéraire des grandes invasions germaniques*, Paris, 1940;
- G. CANNONE — *Il «Sermo de excidio urbis Romae» de Sant'Agostino* (em *Vetera Christianorum*, 12, 1975, fascículo 2);
- A. QUACQUARELLI — *La polemica pagano-cristiana de Plotino ad Agostino*, Milão, 1952;
- L. J. VAN DER LOF — *Einige Betrachtungen zur Polemik in der «De Civitate Dei»* (em *Augustiniana*, 12, 1962);
- H. FUCHS — *Die Geistige Widerstang gegen Rom in der antiken Welt*, Berlim, 1938;
- J. CHAIX-RUY — *Sant Agustín y el marco histórico de la «Ciudad de Dios»* (em *Augustinus*, I, 1956);
- BENOÎT LACROIX — *Les adversaires visés par st. Augustin dans la «Cité de Dieu»* (em *Medieval und Renaissance Studies*, 4, 1958);
- F. GEORGE MAYER — *Augustin und Antike Rom*, Stuttgart, 1955;
- J. LAMOTTE — *Le Mitte de Rome «Ville éternelle» et saint Augustin* (em *Augustiniana*, 11, 1961);
- R. ARBESMANN — *The Idea of Rom in the Sermones of Saint Augustine* (em *Augustiniana*, 4, 1954);

- E. VON IVANKA — *Römische Ideologie in der «Civitas Dei»* (em *Augustinus Magister*, III, 1955);
- P. GEROSA — *Sant'Agostino e la decadenza dell'Impero romano* (em *Didaskaleion*, 4, 1915);
- HANS VON CAMPENHAUSEN — *Augustin und der Fall von Rom*, Stuttgart, 1955.

J) Filosofia e Teologia da História:

- UMBERTO PADOVANI — *La «Città di Dio» di Sant'Agostino: Teologia e non filosofia della storia in Sant'Agostino* (em *Rivista di Filosofia neo-scolastica*, 23, 1931);
- EDUARD STAKEMAIER — *«Civitas Dei» Geschichtstheologie des hl. Augustinus als Apologie der Kirche*, Paderborn, 1955;
- JACOB OBERSTEINER — *Augustins «Civitas Dei» und die Geschichtstheologie der Bibel* (em *La Ciudad de Dios*, 167, I);
- H.-I. MARROU — *La théologie de l'histoire*, Paris, 1968;
- H. WACHTEL — *Beiträge zur Geschichtstheologie des Aurelius Augustinus*, Bonn, 1960.
- J. MARITAIN — *Pour une Philosophie de l'histoire*, Paris, 1959;
- SALVATORE RUOTOLO — *La filosofia della storia e la «Città di Dio»*, Florença, 1950;
- E. RIVERA DE VENTOSA — *Pressupuestos filosóficos de la teología de la historia*, Zamora, 1975;
- G. SIMARD — *Philosophie et théologie de l'histoire d'après la «Cité de Dieu»* (em *Revue de l'Université d'Ottawa*);
- F. J. THONNARD — *Science et Sagesse dans la «Cité de Dieu»* (em *La Ciudad de Dios*, 167, I);
- K. FORSTER — *Metaphysische Heilgeschichtliche Betrachtungsweise in Augustins Weisheitsbegriff. Eine Beitrag zur Methode nach «De Civitate Dei»* (em *Augustinus Magister*, III, Paris, 1954);
- F. SAWCKI — *Filosofia della storia*, Florença, 1925.

K) História e Tempo:

- W. KAMLAH — *Christenheit und geschichtlichkeit*, Stuttgart, 1951;

- G. AMARI — *Il concetto di Storia in S. Agostino*, Roma, 1951;
- M. F. SCIACCA — *Il concetto di Storia in S. Agostino. Il suo culmine nei due amores della «Città di Dio»* (em *Ciudad de Dios*, 167);
- M. A. MARKUS — *The Roman Empire in Early christian Historiography* (em *The Downside Review*, 81, 1963);
- K. LÖWITH — *El sentido de la historia. Implicaciones teológicas de la filosofía de la historia. S. Agostino*, (Trad. de Justo Fernández), Madrid, 1956;
- J. VAZ DE CARVALHO — *O sentido da história na «Cidade de Deus»* (em *Brotéria*, 47, 1958);
- J. GUITTON — *Le temps et l'éternité chez Plotin et Saint Augustin*, Paris, 1959;
- M.-I. MARROU — *L'ambivalence du temps de l'histoire chez Saint Augustin*, Montréal, 1950.
- J. CHAIX-RUY — *Le problème du temps dans les «Confessions» et dans la «Cité de Dieu»* (em *Giornale di Metafisica*, 2, 9, 1954);
- Idem — *La «Cité de Dieu» et la structure du temps chez Saint Augustin* (em *Augustinus Magister*, II);
- P. BREZZI — *Il carattere e significato della Storia nel pensiero di Sant'Agostino* (em *Revue d'Études augustiniennes*, I, 1955);
- EUSEBIO COLOMER — *Hombre y historia: visión agustiniana de la historia*, Barcelona, 1963.
- VITORINO CAPÁNAGA — *Los ciclos cósmicos en la «Ciudad de Dios»* (em *La Ciudad de Dios*, 67-II);
- E. LAMIRANTE — *Le temps de l'Église. Notes en marge de saint Augustin et d'Oscar Cullman* (em *Revue de l'Université d'Ottawa*, 32, 1962);
- O. ROUSSEAU — *La typologie augustiniennne de l'Hexameron et la théologie du temps* (em *Maison de Dieu*, 65, 1961);
- R. A. MARKUS — *History and Inspiration* (em *Augustinus*, 1967).

L) Fins das duas cidades:

- E. LEWALTER — *Eschatologie und Weltgeschichte in der*

- Gedankenwelt Augustins* (em *Zeitschr. für Kirchengeschichte*, 53, 1934);
- E. LAMIRANTE — *L'Église céleste selon saint Augustin* (em *Études Augustiniennes*, Paris, 1965);
- CAROLUS GOMBÖS — *Theologia claritatis apud Augustinum*, Coloczae, 1940;
- PABLO GOÑI — *La resurrección de la carne según san Agustín*, Washington, 1961;
- ADOLFO MUÑOZ ALONSO — *La cloaca de la historia*, Madrid, (s. d.) (Comentários à doutrina agustiniana sobre o Inferno);
- AIMÉ BECKER — *De l'instinct du bonheur à l'extase de la béatitude. Théologie et pédagogie du bonheur dans la prédication de saint Augustin*, Paris, 1967;
- T. CLARKE — *The Eschatological transformation of material World according to St. Augustine*, Woodstock, Maryland, 1956.
- Idem — *Augustinian Cosmic Redemption* (em *Theological Studies*, 19, 1958);
- RAMIRO FLÓREZ — *Muerte y inmortalidad en el pensamiento de San Agustín* (em *La Ciudad de Dios*, 174, 1961);
- R. HOLTE — *Béatitude et sagesse. Saint Augustin et le problème de la fin de l'homme dans la philosophie ancienne*, Paris, 1962;
- A. LEHAUT — *L'Éternité des peines de l'enfer dans saint Augustin*, Paris, 1912;
- ALBERTO DI GIOVANNI — *Mortalità ed essere in S. Agostino*, Palermo, 1975.

M) Outros temas doutrinários: política, pensamento social, teoria do estado, igreja, sociedade cristã, paz, ética.

- G. COMBÈS — *La doctrine politique de saint Augustin*, Paris, 1927;
- F. ÉDUARD CRANE — «*De Civitate Dei*» XV, 2, and *Augustine's. Idea of the Christian Society* (em *Speculum*, 25, 1950);
- A. BRUCCULERI — *Il pensiero social di Sant'Agostino*, Roma, 1941;

- OTTO SCHILLING — *Die Staatslehre des hl. Augustinus nach «Civitas Dei»* (em *Aurelius Augustinus*, Colônia, 1930);
- E. HENDRIKE — *Die Bedeutung von Augustinus «De Civitate Dei» zum Kirche und Staat* (em *Augustiniana*, I, 1961);
- ERNST HOFMANN — *Der Kirchenbegriff des Hl. Augustinus in seinen Grundlagen und seiner Entwicklung*, Munique, 1933;
- É. GILSON — *L'Église et «Cité de Dieu» chez saint Augustin* (em *Archives d'histoire doctrinale et littéraire du moyen âge*, t. XX, 1954);
- P. T. CAMELOT — *De pace christiana secundum sanctum Augustinum* (em *XXXV Congresso Eucarístico Internacional de Barcelona*, I, 1932);
- JUAN ZARAGÜETA — *La perspectiva ética en la «Ciudad de Dios»* (em *La Ciudad de Dios*, 167, I);
- P. BREZZI — *Una «civitas terrena spiritualis» como ideale storico-político di Sant'Agostino* (em *Augustinus Magister*, II, Paris, 1954);
- CH. BOYER — *La «Cité de Dieu» source de la philosophie augustiniene* (em *La Ciudad de Dios*, 167, II);
- A. ROMEO — *L'antitesi delle due Città nella Spiritualità di S. Agostino* (em *Sanctus Augustinus Vitae Spiritualis Magister*, I, Tolentino, 1954);
- NAZARIO DE SANTA TERESA — *«La Ciudad de Dios» filosofía de la Mística de San Agustín a San Juan de la Cruz* (em *La Ciudad de Dios*, 167, II);
- G. LAFONT — *Le sacrifice de la «Cité de Dieu»*. *Commentaire au «De Civitate Dei», Livre X, chap. I-VII* (em *Recherches de Science religieuse*, 53, 1965);
- EKKART SAUSER — *Gedanken zum Frieden in Theologie des Hl. Augustinus* (em *Den Frieden Erjagen*, Treier, 1970).

N) Influência do «*De Civitate Dei*» sobre o pensamento da posteridade:

- E. GILSON — *Les Métamorphoses de la «Cité de Dieu»*, Montréal-Paris, 1952 (Há trad. castelhana: *Las metamorfosis de «La Ciudad de Dios»*, Buenos Aires, 1954);

- ENST TROELTSCH — *Augustin. Die Christliche Antike und das Mittelalter in Anschluss in die Schrift «De Civitate Dei»*, Munique, 1915 (Há trad. italiana: *Agostino, l'Antichità e il Medioevo*, Roma, 1930);
- ALOÏS DEMPFF — *Sacrum Imperium-Geschichts- und Staatsphilosophie des Mittelalters und der politische Renaissance*, Darmstadt, 1954;
- F. TURNER — *Les deux cités dans la littérature chrétienne* (em *Études*, 123, 1910);
- PAOLO BREZZI — *L'influenza di Sant'Agostino sulla storiografia e sulle dottrine politiche del Medio Evo* (em *Humanitas*, 9, Bréscia, 1954);
- Idem — *La Concezione agostiniana della Città di Dio e le sue interpretazione medievale* (em *Riv. Storica Italiana*, Ser. 5, t. III, 1938);
- H. XAVIER ARQUILLIÈRE — *L'Augustinisme politique. Essai sur la formation des théories politiques au Moyen Âge*, Paris, 1934;
- Idem — *Réflexions sur l'essence de l'augustinisme politique* (em *Augustinus Magister*, II, Paris, 1954);
- SILVIO VISMARA — *La Storia en Sant'Agostino e G. B. Vico* (em *Rivista di Filosofia Neoscolastica*, 23, 1951).

Na revista *La Ciudad de Dios*, 167, II, podem ler-se com proveito os seguintes estudos:

- GUY FINK-ERRERA — *San Agustín y Orosio*;
- JOHANNES SPÖRL — *La «Civitas Dei» en el pensamiento de Oton de Freissing* (Este estudo foi também publicado em alemão sob o título *Die «Civitas Dei» ein geschichtsdenken Otto's von Freissing*);
- J. M. CASAS HOMS — *Juan Luis Vives y sus Comentarios a la Ciudad de Dios*;
- D. SEVILLA ANDREI — *El impacto de San Agustín en Donoso. Las dos Ciudades y las «Dos Civilizaciones»*.
- P. BREZZI — *L'influenza de S. Agostino sulla storiografia e sulle dottrine politiche del Medio Evo* (em *Humanitas*, IX, 1954);
- R. W. CARLYLE E A. J. CARLYLE — *A history of mediaeval political theory in the West*, 3 vol., Londres, 1950.

- B. GRAFFREY — *Die Augustinische Geschichts-auschauung in «Liber ad Amicos» des bischofs Bonitho von Sutri*, Langel Salsa, 1918;
- E. GÖLLER — *Die Staats-und Kirchenlehre Augustins und ihre Fortuntuinslung im Mittelalter*, Freiburg i Br., 1930;
- G. HARDY — *Le De Civitate Dei source principale du Discours sur l'Histoire Universelle*, Paris, 1913;
- J. HASHAGEN — *Otto von Freissing als Geschichtsphilosophie und Kirchenpolitiker*, Leipzig, 1900;
- U. MARIANI — *Le teorie politiche di S. Agostino e il loro influsso sulla scuola agostiniana del sec. XIV*, Florença, 1933.
- M. PELLEGRINO — *Salviano di Marsiglia*, Col. *Late-ranum*, nova Série, VI, 1-2, Roma, 1940;
- CONRADO RODRÍGUEZ — *El magisterio literario de San Agustín y la poesía de Virgilio en la edad media* (em *Religión y Cultura*, t. XV, 1931);
- J. SCHMIDLIN — *Die Geschichtsphilosophie und Kirchenpolitisch Weltanschauung Ottos von Freising*, Freiburg i Br., 1906;
- B. SMALLEY — *Thomas Waleys, O.P.* (em *Arch. Fratr. Praedic.*, t. XXV, 1954);
- P. VON SOKOLOWSKI — *Der hl. Augustin und die Christliche Zivilization*, Halle, 1927.

II BIBLIOGRAFIA ESPECIAL

LIVRO I

- S. ANGUS — *The Sources of the first ten books of Augustine's De Civitate Dei*, Princeton, 1906;
- C. V. VAN HORN — *Beiträge zur Staatslehre St. Augustins nach «De Civitate Dei»*, Breslau, 1934;
- H. KUHLMANN — *De veterum historicorum in Augustini «De Civitate Dei», Libro I, II, III vestigiis*, Schleswig, 1900;
- CONRADO RODRÍGUEZ — *El alma virgiliana de San Agustín* (El Escorial, 1931);
- A. SCHRÖDER — *Zweiundzwanzig Bücher der Gottesstaat*, Bd. 1-3, Munique, 1911-1922;
- SOROR MARGARET BEYANKA — *Consolation in Saint Augustine*, Washington, 1950;
- F. CUMONT — *Les religions orientales dans le paganisme romain*, Paris, 1929;
- Idem — *Lux perpetua*, Paris, 1949;
- G. BLOCH e J. CARCOPINO — *La République romaine de 133 avant J. Ch. à la mort du César*, Paris, 1940;
- LAURAND-LAURAS — *Manuel des Études Grecques et Latines*, II, Paris, 1960;
- CH. COUTURIER — «*Sacramentum et Mysterium*» dans *l'oeuvre de Saint Augustin* (em *Études augustiniennes*, Paris, 1953);
- CH. MOHRMANN — «*Sacramentum*» dans *les plus anciens textes chrétiens* (em *Études sur le latin des chrétiens*, Roma, 1969);
- P. MONCEAUX — *Hist. litt. de l'Afrique chrétienne*, t. IV;

- Idem — *Les Africains*, Paris, 1894;
- G. COMBÈS — *Saint Augustin et la culture antique*, Paris, 1927;
- E. PAIS e J. BAYET — *Histoire romaine, des origines à l'achèvement de la conquête* (em G. GLOTZ — *Hist. Gén., Hist. romaine*, t. I, Paris, 1940);
- P. ALFARIC — *L'évolution intellectuelle de Saint Augustin*, t. I, Paris, 1918;
- H. L. PUECH — *Le manichéisme, son fondateur, sa doctrine*, Paris, 1949;
- WILMART — *Un anonyme ancien «De decem virginibus»* (em *Bulletin d'anc. litter. et d'archéol. chrét.*, t. I.

LIVRO II

- WENDELL CLAUSEN — *Notes on Sallust's Historiae* (em *Americ. Journal of Philosophy*, Col. t. LXVIII, 1947);
- G. LEPOINT — *L'Occentatio de la loi des Douze Tables d'après saint Augustin et Cicéron* (em *Revue Internationale des droits de l'Antiquité*, 3.^a Série, t. II, 1955);
- A. F. WEST — *Philosophaster — De Civitate Dei, II*, 27 (em *Classical Philology*, t. XI, 1916);
- F. WALTER — *Zulicero und Augustinus — De Civitate Dei, II*, 16 (em *Philol. Wochenschrift*, t. LXI, 1941);
- SOROR MARY-DANIEL MADDEN — *The pagan divinities and their worship depicted in the works of saint Augustine exclusive of the City of God*, Washington, 1930;
- A. MENDOZE — *Saint Augustine et la religion romaine* (em *Recherches Augustiniennes*, Paris, 1958);
- JULIUS OBSEQUENS — *Liber de Prodigiiis*;
- P. DE LABRIOLLE — *La réaction païenne, étude sur la polémique antichrétienne du I^{er} au V^e siècle*, Paris, 1942;
- A. AUDOLENT — *Carthage romaine*, Paris, 1901;
- J. CARCOPINO — *Aspects mystiques de la Rome païenne*, Paris, 1942;
- Idem — *Sylla ou la monarchie manqué*, Paris, 1931;
- GERARD L. ELLSPERMANN — *The Attitude of the early Christian Latin writers toward Pagan Literature and Learning*, Washington, 1919;

- L. DUCHESNE — *Histoire ancienne de l'Église*;
- J. TOUTAIN — *Les cultes païens dans l'empire romain*, Paris, 1911;
- H. GRAILOT — *La lutte de Cybèle, mère des dieux, à Rome et dans l'empire romain*, Paris, 1912;
- F. CUMOT — *Les religions orientales dans l'empire romain*, Paris, 1924;
- J. GEFFCKEN — *Der Ausgang des griechischen römischen Heidentum*, Gotinga, 1920;
- M. SCHANZ, C. HOSIUS, G. KRUEGER — *Geschichte der römischen Litteratur*;
- S. MUELLENEISEN — *De C. Labeonis fragmentis, studiis, assentatoribus*, Marburgo, 1889;
- I. GABARROU — *Arnohe, son oeuvre*, Paris, 1921;
- GEORGE E. MC. GRACKEN — *Arnobius of Sicca. The case against the Pagans*, Westminster, 1949;
- F. SOLMSEN — *Neglected Evidence for Cicero's De Republica* (em *Museum Helveticum*, 13, 1956).

LIVRO III

- BERNARD BAVINK — *Von Augustinus bis zu Pascual Jordan. Ein Beitrag zu Problem der Zeit* (em *Natur, Geist, Geschichte, Festschrift für Aloys Wenzl*, Munique, 1950);
- A. SOUTER — *The Extent of Territory belonging to Cities in the Roman Empire* (*De Civitate Dei*, III, 15) (em *Classical Rev.*, t. XXXVII, 1923);
- ADOLF WILHELM ZIEGLER — *Stimmen aus der Völkerwanderung. Ein Auswahl von Texten aus der latinischen alt Christlichen Literatur*, Ratisbona, 1950;
- PIGANIOL — *Histoire de Rome*, Paris, 1939;
- JULIUS OBSEQUENS — *Liber de Prodigiiis*;
- PAULO ORÓSIO — *Adversus Paganos Historiarum libri septem*, P.L. XXXI;
- P. GRIMAL — *Le Dieu Janus et les origines de Rome* (em *Lettres d'Humanité*, t. IV, 1945);
- G. BLOCH e J. CARCOPINO — *La République romaine de 133 avant J. Ch. à la mort du César*, Paris, 1940;
- E. e L. EDELSTEIN — *Asclepios*, Baltimore, 1945;

- G. PUCCIONI — *La morte de Romolo nella «Historia Miscella» di Landolfo Sagace* (em *Atti della Acad. naz. dei Lincei*, 1956, fascículos 5-6).

LIVRO IV

- P. KESELING — *Publius Sirus bei Augustinus De Civitate Dei, IV, 3* (em *Philol. Wochenschrift*, t. XLIX, 1929);
- M. TESTARD — *Saint Augustin et Cicéron* (em *Études augustinienes*, Paris, 1958);
- JEAN DOIGNON — *Sacrum-Sacramentum-Sacrificium dans le texte latin du Livre de la Sagesse* (em *Revue des Études latines*, 34, 1956);
- A. PIGANIOL — *L'Empire chrétien*, Paris, 1942;
- Idem — *Recherches sur les jeux romains*, Strasburgo, 1923;
- A. J. FESTUGIÈRE — *La révélation d'Hermès Trismegiste*, Paris, 1949;
- L. DUCHESNE — *Origines du Culte Chrétien*, Paris, 1925;
- P. BATIFFOL — *Études de liturgie et d'archéologie chrétienne*, Paris, 1919;
- J. BAYET — *Les origines de l'Hercule romain*, Paris, 1926;
- P. FABRE — *La religion romaine* (em M. GORGE e R. MORTIER, *Hist. Génér. des religions*, II, Paris-Quillet, 1944);
- L. HOMO (em G. GLOTZ: *Hist. Générale*, Paris, 1941).

LIVRO V

- L. TEIXIDOR — *La libertad humana en San Agustin* (em *Estudios Eclesiásticos*, t. IX, 1930);
- P. COURCELLE — *Histoire littéraire des grandes invasions germaniques*, Paris, 1964;
- J. WANG TCH'ANG-TCHE — *Augustin et les vertues des païens*, Paris, 1938;

- J. R. PALANQUE — *Saint Ambroise et L'Empire romain*, Paris, 1933;
- DAVID AMAND — *Fatalisme et liberté dans l'antiquité grecque. Recherches sur la survivance de l'argumentation morale antifataliste de Carnéade chez les philosophes grecs et les théologiens chrétiens des quatre premiers siècles*, Lovaina, 1945;
- G. FONSEGRIVE — *Les traités «De Fato» (em Annales de la Faculté des Lettres de Bordeaux, nouvelle série, t. II, 1885)*;
- U. POHLENZ — *Die «Stoa» Geschichte einer geistiger Bewegung*, Gotinga, 1948;
- A. YON — *Cicéron, «Traité du Destin»*, Paris, 1933;
- M. BESNIER — *L'empire romain de l'avènement des Sévères au Concile de Nicée (em G. GLOTZ: Histoire Générale, Paris, 1937)*;
- L'ÉCRIVAIN — *Le sénat romain depuis Dioclétien*, Paris, 1883;
- BOUCHE-LECLERCQ — *L'astrologie grecque*, Paris, 1899;
- A. J. FESTUGIÈRE — *L'idéal religieux des Grecs et l'Évangile*, Paris, 1932;
- Idem — *La révélation d'Hermès Trismégiste: L'astrologie et les sciences occultes*, Paris, 1944.
- J. CARCOPINO — *La basilique pythagoricienne de la Porte Majeure*, Paris, 1944;
- Idem — *Virgile et le mystère de la quatrième églogue*, Paris, 1943.
- I. VAN GERVEN — *Liberté humaine et présience divine d'après saint Augustin (em Revue de philosophie de Louvain, 55, 1957)*;
- K. GROSS — *Augustinus. Von den Ursachen der Grösse Rome «De Civitate Dei» V*, Bamberg, 1952;
- F. CUMONT — *Fatalisme astral et religions antiques (em Revue d'Hist. et de Littér. relig., nouvelle Série, t. III, 1912)*;
- Idem — *Les religions orientales dans le paganisme romain*, Paris, 1929;
- Idem — *L'Égypte des astrologues*, Bruxelles, 1907.

LIVRO VI

— CH. NAILIS — *Aurelius Augustinus en Evhemerius* (em *Philolog. Studiën*, XI, 1939-1940);

— M. SCHANZ — *Geschichte der römischen Litteratur III.*, Munique, 1922 (acerca do poeta Terenciano Mauro, além de outros).

Acerca das três teologias de Varrão:

1) JEAN PEPIN — *Mythe et Allégorie*, Paris; 1958;

2) P. BOYANCE — *Sur la Theologie du Varron* (em *Revue des Études anciennes*, 57, 1955);

3) J. OROZ — *Introducción a una «Teología» agustino-varroniana, vista desde la Ciudad de Dios* (em *Estudios sobre la «Ciudad de Dios»*, I, El Escorial, 1954);

Sobre Evémero:

— J. PEPIN — *Op. cit.*

Acerca dos Galos:

1) J. CARCOPINO — *La réforme romaine du culte de Cybèle et d'Attis* (em *Aspects mystiques de la Rome païenne*, Paris, 1942);

2) P. DECHARME — *La critique des traditions religieuses chez les Grecs*, Paris, 1904.

Acerca das Bacanaís e sua supressão pelo Senado:

1) G. MEANTIS — *Les aspects religieux de l'affaire des Bacchantes* (em *Mélanges Radet, Revue des études anciennes*, XLII, 1940);

2) Y. BEQUIGNON — *Observations sur l'affaire des Bacchantes* (em *Revue archéologique*, 6^e Série, t. XVII, 1941).

Acerca dos paraninfos referidos no Cap. IX:

— M. DAVID — *La religion romaine*, Lille, 1949-1950.

Acerca do culto prestado aos deuses do Egipto e introdução desse culto no Ocidente:

— F. CUMONT — *Les religions orientales dans le paganisme romain.*

LIVRO VII

Acerca de Evémero:

1) E. H. WARMINGTON — *Remains of Old latin, I.*

Ennius and Caecilius, Londres e Cambridge (Mass.), 1935;

- 2) P. DECHARME — *La critique des traditions religieuses chez les Grecs*;
- 3) M. P. NILSSON — Grèce (em MORTIER et GORCE, *Histoire Générale des religions*, t. I).

Sobre os mistérios de Samotrácia:

- 1) P. GRIMAL — *Le dieu Janus et les Origines de Rome* (em *Lettres d'humanité*, t. IV, 1945);
- 2) F. CHAPOUTHIER — *Les Dioscures au service d'une déesse*, Paris, 1935;
- 3) B. HEMBERG — *Die Kabiren*, Upsala, 1950.

Acerca da magia e sua proibição:

- 1) F. CUMONT — *o. cit.*;
- 2) Idem — *Lux perpetua, o. cit.*;
- 3) MARTROYE — *Bulletin de la Société Nationale des Antiquaires de France*, 1915;
- 4) Idem — *La repression de la magie et le culte des gentils au IV^e siècle* (em *Rev. d'hist. de droit français et étranger*, IX, 1930);
- 5) H. HUBERT — *Magie* (em DAREMBERG, SAGLIO e POTTIER: *Dict. des Antiq. Gr. et Rom.*, t. III, II, 1951);
- 6) JACQUES FONTAINE — *Des traces de rites agraires dans un passage de Varron* (em *Revue des Études Augustiniennes*, V, 1959).

LIVRO VIII

- C. DE VOGEL — *L'idée de l'unité de Dieu: une vérité rationnelle* (em *Mélanges Philosophiques*, II, pp. 24-39, Amsterdão, Agosto, 1948);
- E. MOLLAND — *Three passages in Saint Augustin* (em *Serta Eitremiana*, fasc. suppl. XI, 1934);
- J. HUBAUX — *L'enfant d'un an* (em *Hommages à Joseph Bidez et à Franz Cumont*, Coll. Latomus, Bruxelas, 1949);
- G. SOURY — *La démonologie de Plutarque*, Paris, 1942;
- APULEIUS — *De deo Socratis*, Ed. Thomas, Leipzig, 1908.

Acerca da literatura hermética, ver:

- 1) A. J. FESTUGIÈRE — *La Révélation d'Hermès Trismégiste*, t. I: *L'astrologie et les sciences occultes*, Paris, 1944, e t. II: *Le Dieu cosmique*, Paris, 1949;
- 2) A. J. FESTUGIÈRE et D. NOCK — *Corpus hermeticum*, Paris, 1945.

Acerca de Esculápio, ver:

— FESTUGIÈRE-Nock — *Asclepius*.

Acerca das formas de adivinhação entre os Egípcios, ver:

- F. CUMONT — *L'Égypte des astrologues*. Bruxelas, 1937;
- A. SOLIGNAC — *Doxographies et Manuels dans la formation philosophique de saint Augustin*, § 4. *Le document doxographique de Civ. Dei, VIII, 2* (em *Recherches Augustiniennes*, I, Paris, 1958);
- G. ESSER — *The Augustinian Proof for God's Existence and the Thomistic Fourth way* (em *Proceedings of the Amer. Philosoph. Association*, 28, 1954);
- H. DELEHAYE — *Les origines du culte des martyrs*, Bruxelles, 1933.

LIVRO IX

- F. CHATILLON — *Et ibi pater et ibi omnia: Plotiniana I, apendice. En ouvrant Raoul de Presles* (em *Revue du Moyen Âge latin*, VIII, 1952);
- Idem — *Plotiniana II, Retour en la très claire patrie* (cit. *Rev. du M. A. latin*, X, 1954);
- APULEIUS — *De deo Socratis*, ed. Thomas;
- H.-I. MARROU — *Saint Augustin et la fin de la culture antique*;
- P. HENRY — *Plotin et l'Occident*, Lovaina, 1934.

Acerca do termo *paganus* (cap. XIX), ver:

- 1) J. ZEILLER — *Paganus, étude de terminologie historique*, Friburgo e Paris, 1917;
- 2) B. ALTANER — *Paganus, eine Bedeutungsgeschichtliche Untersuchung* (em *Zeitschrift für Kirchengeschichte*, t. LVIII, 1930).

Acerca das paixões segundo Aristóteles e os estóicos (C. IV), ver:

- 1) E. BRÉHIER — *Histoire de la philosophie*, t. I, 1938;
- 2) M. TESTARD — *Saint Augustin et Cicéron*.

Acerca da distinção entre *Lares*, *Penates* e *Manes* (Cap.

XI), ver:

- 1) E. TABELING — *Materearum, zum Wesen der Larenreligion*, Francfort, 1932;
- 2) F. CUMONT — *Lux perpetua*.

LIVRO X

— R. BEUTLER — *Porphyrios* (em *Pauly-Wissowa*, Kroll, XXII, 1, 1955);

— P. COURCELLE — *Les sages de Porphyre et les viri novi d'Amobe* (em *Revue des Études latines*, 31, 1953).

Acerca de algumas citações de Plotino por Santo Agostinho no Capítulo II, ver:

- 1) P. HENRY — *Plotin et l'Occident*;
- 2) É. GILSON — *Introduction à l'étude de Saint Augustin*, Paris, 1929.

Acerca do termo *sacramentum* (cap. III), ver:

— C. COUTURIER — *Sacramentum et mysterium dans l'oeuvre de Saint Augustin* (em A. Rondet — *Études augustiniennes*, Paris, 1953);

— J. LECUYER — *Le Sacrifice selon saint Augustin* (em *Augustinus Magister*, II, 1954).

Acerca do termo *religio* (cap. III), ver:

1) W. W. FOWLER — *The latin History of the Word Religio* (em *Trans. of the third. internat. Congress of the History of Religions*, II, Oxónia, 1908);

2) JOUON — *Recherches de Scienc. relig.*, XXVI, 1936.

Acerca de Porfirio e dos *teletas* (Cap. IX. 2), ver:

1) J. BIDEZ — *Vie de Porphyre, le philosophe néoplatonicien*, Gand e Leipzig, 1913;

2) BOYANCÉ — *Le culte des muses*, Paris, 1936.

Acerca da Égloga IV de Virgílio, citada no Cap. XXVII,

ver:

1) M. J. LAGRANGE — *Le prétendu messianisme de Virgile* (em *Revue Biblique*, XXXI, 1922);

2) J. CARCOPINO — *Virgile et le mystère de la quatrième églogue*, Paris, 1943.

Acerca da teurgia, magia e goetia (cap. IX, 1), ver:

1) H. HUBERT — *Magia* (em DAREMBERG, PATTIER e SAGLIO, *Dict. des antiquit. grecques et romaines*, t. III);

2) J. BIDEZ e FR. CUMONT — *Les mages hellénisés*, Paris, 1938;

3) FOAKS e K. LAKE — *The beginnings of christianity*, Part. I, t. V, Oxónia, 1933;

4) A. J. FESTUGIÈRE — *La révélation d'Hermès Trismégiste*, t. I;

5) Idem — *L'expérience religieuse du médecin Thessalos* (em *Revue biblique*, XLVIII, 1939);

6) S. EITREM — *La theurgie chez les néoplatoniciens et dans les papyrus magiques* (em *Symbolae Osloenses*, t. XXII, 1942).

LIVRO XI

— LACROIX — *La date du XI^e livre du De Civitate Dei* (em *Vigiliae Christianae*, t. V, 1951);

— P. MONNOT — *Essay de synthèse philosophique d'après le XI^e livre de la Cité de Dieu* (em *Archives de Philosophie*, t. VII, 1930);

— CH. BOYER — *La Cité de Dieu source de la philosophie augustinienne* (em *La Ciudad de Dios*, II, n.º especial de 1954);

— Idem — *Le Cogito dans saint Augustin* (em *Cartesio nel III centenario de Discorso de Metodo*, Milão, 1937);

— F. J. THONNARD — *La philosophie de la Cité de Dieu* (em *Mémorial Bardy — Revue des Études Augustiniennes*, II, 1956);

— J. DE BLIC — *Le processus de la création d'après saint Augustin* (em *Mélanges Cavallera*, Tolosa, 1947);

— R. ARNOU — *La Théorie néoplatonicienne de la contemplation créatrice, d'après Origine et saint Augustin* (em *Gregorianum*, 93, 1932);

— P. BENÔIT D'AZY — *Les anges devant le mystère de l'Incarnation* (em *Bulletin de littérature ecclésiast.*, 1948);

- J. CHAIX-RUY — *La Cité de Dieu et la structure du temps chez Saint Augustin* (em *Augustinus Magister*, Paris, 1954);
- Idem — *Le problème du temps dans les Confessions et dans la Cité de Dieu* (em *Giornale di Metafisica*, IX, 1954);
- R. FLÓREZ — *Temporalidad, tiempo en la Ciudad de Dios* (em *Estudios sobre La Ciudad de Dios*, 1954);
- R. CAPDET — *La formation des êtres d'après saint Augustin* (em *Bulletin de littérature ecclés.*, 1936);
- K. PELZ — *Die Engellehre des heiligen Augustinus*, Münster, 1912;
- M. VERSFELD — *A guide to the City of God*, Londres e Nova Iorque, 1958;
- J. GUITTON — *Le temps et l'Éternité chez Plotin et saint Augustin*;
- J. BAUDRY — *Le problème de l'origine et de l'éternité du monde dans la philosophie grecque de Platon à l'ère chrétienne*, Paris, 1931;
- É. GILSON — *Introduction à l'étude de saint Augustin*, Paris, 1929;
- J. M. BLOND — *Les Conversions de saint Augustin*, Paris, 1950;
- É. GILSON — *L'infini chez saint Augustin* (em *Augustinus Magister I*);
- P. COURCELLE — *Les lettres grecques en Occident*;
- G. PHILIPS — *La raison d'être du mal d'après saint Augustin*, Lovaina, 1927.

Acerca da questão se Descartes, ao enunciar o seu argumento do *Cogito*, conheceria já o de Santo Agostinho *si enim fallor, sum* (se me engano, é porque existo), ver:

- 1) FERRAZ — *La psychologie de saint Augustin*, Paris, 1869;
- 2) NOURRISSON — *La Philosophie de saint Augustin*, t. II, Paris, 1865;
- 3) L. BLANCHET — *Les antécédents historiques du «Je pense, donc Je suis»*, Paris, 1921;
- 4) É. GILSON — *R. Descartes. Discours de la méthode, texte et commentaire*, Paris, 1925;

- 5) Idem — *Introduction à l'étude de saint Augustin*, Paris, 1929;
- 6) G. LEWIS — *Augustinisme et Cartésianisme* (em *Augustinus Magister*, Paris, 1950).

LIVRO XII

- P. ROSSI — *Le evoluzioni cicliche del mondo secondo Sant'Agostino* (em *Rivista de Filosofia neo-scolast.*, Supp. spec. XXIII, 1931);
- V. CAPÁNAGA — *Los ciclos cósmicos en la Ciudad de Dios* (em *La Ciudad de Dios*, n.º esp. de 1954);
- N. LADOMÉRSZKY — *Saint Augustin Docteur du mariage chrétien. Études dogmatiques sur les biens du mariage*, Roma, 1942;
- ELOY D. CARRETERO — *Antropología teológica de la Ciudad de Dios* (em *La Ciudad de Dios*, n.º esp. de 1954).

Sobre o mal como privação de bem (cap. I, 3), ver:

- 1) G. PHILIPS — *La raison d'être du mal d'après saint Augustin*, Lovaina, 1927;
- 2) R. JOLIVET — *Le problème du mal d'après saint Augustin*, Paris, 1936.

Sobre a ordem universal (cap. IV), ver:

- 1) É. GILSON — *Introduction à l'étude de saint Augustin*, Paris, 1929;
- 2) R. JOLIVET — *Le problème du mal d'après saint Augustin*, Paris, 1936.

Acerca do pecado dos anjos (cap. IX), ver:

- 1) J. BLIC — *Saint Thomas et l'intellectualisme moral à propos de la peccabilité de l'ange* (em *Mélanges de Science religieuse*, 1944);
- 2) H. DE LUBAC — *Surnaturel, Études historiques*, Paris, 1946;
- 3) P. PHILIPPE DE LA TRINITÉ — *Du péché de Satan et de la destinée de l'esprit d'après saint Thomas d'Aquin* (em *Études Carmélitaines*, 1948);
- 4) P. GANHEBET — *L'amour naturel de Dieu chez saint Thomas et ses contemporains* (em *Revue Thomiste*, 1948 e 1949);

5) C. COURTÈS — *La peccabilité de l'ange chez saint Thomas* (em *Revue Thomiste*, 1953).

Sobre o problema da criação (caps. XIII e XVI), ver:

- 1) P. DUHEM — *Le système du monde*, Paris, 1913;
- 2) É. GILSON — *Introduction à l'étude de saint Augustin*, Paris, 1929;
- 3) JEAN GUITTON — *Le temps e l'éternité chez Plotin et Saint Augustin*.

Sobre a possibilidade de haver ciência do infinito (cap. XVIII), ver:

- 1) É. GILSON — *Introduction à l'étude de saint Augustin*, Paris, 1929;
- 2) Idem — *L'Infinité chez Saint Augustin* (em *Augustinus Magister*, t. I);
- 3) J. GUITTON — *Le temps et l'éternité chez Plotin et Saint Augustin*;
- 4) E. COUTURAT — *De l'infini mathématique*, Paris, 1896.
— H. KUSH — *Der Titel «Dominus» bei Augustinus und Thomas von Aquin* (em *Festschrift Franz Dornseiff*, Leipzig, 1953).

Sobre matéria e formas (cap. XXVI), ver:

- 1) É. GILSON — *Introduction à l'étude de saint Augustin*, Paris, 1929;
- 2) CH. BOYER — *L'idée de vérité dans la philosophie de Saint Augustin*, Paris, 1921;
- 3) A. GARDEIL — *La structure de l'âme et l'expérience mystique*, Paris, 1927;
- 4) I. CAYRÉ — *La contemplation augustiniennne*;
- 5) J. DO BLIC — *Le processus de la création d'après saint Augustin* (em *Mélanges Cavallera*, Tolosa, 1948);
- 6) F. J. THONNARD — *Caractères platoniciens de l'ontologie augustiniennne* (em *Augustinus Magister*, Paris, 1954).

LIVRO XIII

— J. P. PLUMPE — *Mors secunda* (em Inglês, em *Mélanges J. Ghellinck*, Gembloux, 1951);

— C. VACA — *Puntos para una psicología del pecado en la Ciudad de Dios* (em *Ciudad de Dios*, II, 1954);

- M. TESTARD — *Saint Augustin et Cicéron*, Paris, 1958;
- A. VERRIELE — *Le surnaturel en nous et le péché originel*, Paris, 1932.

Sobre o baptismo de sangue (cap. VII), ver:

- 1) H. WINDISCH — *Taufe und Sünde in ältesten Christentum bis auf Origines*, Tübinga, 1908;
- 2) H. DELEHAYE — *Les origines du culte des martyrs*, Bruxelles, 1912.

Sobre o momento em que se verifica a morte (cap. IX),

ver:

- 1) M. D'HALUIN — *La morte, cette inconue*, Paris, 1939;
- 2) R. TROISFONTAINES — *La mort* (coll. *du centre d'études Laënnec*), Paris, 1948;
- 3) P. GLORIEU — *In hora mortis* (em *Mélanges de Science religieuse*, t. VI, 1949).

LIVRO XIV

- F. J. THONNARD — *La vie affective de l'âme selon saint Augustin* (em *Année théolog. Augustin.*, 1938);
- Idem — *Science et Sagesse dans la Cité de Dieu* (em *La Ciudad de Dios*, n.º espec. 1954);
- A. NYGREN — *Die Ehrenzettung von Amor bei Augustin* (em *Diagrama*, Lund, 1938);
- C. VACA — *La sexualidad en San Agustín* (em *Augustinus Magister*, II, 1954);
- M. MÜLLER — *Die Lehre des hl. Augustinus von der Paradiesesehe und ihre Auswirkung in der Sexualethic des 12 und 13 Jahr-hunderts bis Thomas von Aquin*, Regensburg, 1954;
- B. ÁLVARES PEREIRA — *La doctrina du mariage selon saint Augustin*, Paris, Beauchesne, 1930;
- M. F. SCIACCA — *Il concetto di historia in Sant'Agostino. Il suo culmine dei amori della Città di Dio* (em *Ciudad de Dios*, 1954).

Acerca do valor moral das paixões (cap. VIII, 3), ver:

- 1) É. GILSON — *Introduction à l'étude de saint Augustin*, Paris, 1929;
- 2) M. FERRAZ — *La psychologie de saint Augustin*, Paris, 1869;

- 3) B. ROLAND-GOSSELIN — *La morale de saint Augustin*, Paris, 1925;
- 4) CH. BOYER — *Saint Augustin (Les moralistes chrétiens)*, Paris, 1932;
- 5) J. A. BECKAERT — *Bases philosophiques de l'ascèse augustinienne* (em *Augustinus Magister*, Paris, 1954);
- 6) M. TESTARD — *Saint Augustin et Cicéron*, 2 vols., Paris, 1958;
- 7) G. VERBEKE — *Saint Augustin et le stoïcisme* (em *Recherches augustinienes*, I, Paris, 1958).

LIVRO XV

- F. E. CRANZ — *De Civitate Dei XV, 2, and Augustine's Ideas of the Christian Society* (em *Speculum*, t. XXV, 1950). Este estudo de Cranz foi publicado, em adaptação e tradução francesa, por YVES M. J. CONGAR, sob o título de *De Civitate Dei XV, 2 et l'idée augustinienne de Société chrétienne*, na *Revue des Études August.*, III, 1957, com uma introdução: *Civitas Dei et Ecclesia chez saint Augustin*;
- F. BLIEMETZRIEDER — *Über st. Augustin's Schrift De Civitate Dei (XV. 4)* (em *Theolog. Quartalschrift*, t. XCV, 1913);
- O. GARCÍA DE LA FUENTE — *Interpretación exegética del Génesis in la Ciudad de Dios* (em *La Ciudad de Dios*, n.º especial CLXVII, 1954);
- JEAN DANIELLOU — *Les Saints païens de l'Ancien Testament*, Paris, 1956;
- G. SIMARD — *Les quatre livres historiques de la seconde partie du «De Civitate Dei», XV-XVII* (em *Revue de l'Université d'Ottawa*, t. VII, 1937);
- H. LEISEGANG — *Der Ursprung der lehre Augustins von der Civitas Dei* (em *Arch. für kulturgeschichte*, 16, 1926);
- E. MEUTHEN — *Der ethische Charakter der Civitates bei Augustin und ihre platonische Fehldeutung* (em *Aus Mittelalter und Neuzeit*), Bona, 1954.

Sobre a guerra (cap. IV), ver:

— G. COMBÈS — *La doctrine politique de saint Augustin*, Paris, 1927.

Os três versos transcritos no cap. XXII (que são da autoria de Santo Agostinho e que fazem parte da introdução ao seu poema *De anima* constituído por 53 hexâmetros) vêm transcritos na *Antologia Latina*.

Acerca desse poema e ainda da autoria do *Exultet* ou *Praeconium* que se canta em Sábado Santo, ver:

— R. CAPELLE — *L'Exultet pascal, oeuvre de Saint Ambroise* (em *Miscellanea Giovanni Mercati*. Città del Vaticano, 1946).

Acerca da *Anthologia Latina* ver nota 1 ao Cap. XXII do L. XV.

LIVRO XVI

— R. DE VAUX — *Les patriarches hébreux et les découvertes modernes* (em *Revue Biblique*, 1948);

— J. SCHILDENBERGER — *Gegenwartsbedeutung exegetischer Grundsätze des hl. Augustinus* (em *Augustinus Magister*, II, Paris, 1954);

— A. COLUNGA — *San Agustín, expositor de las profecías en la Ciudad de Dios* (em *La Ciudad de Dios*, n.º especial CLXVII, 1954).

Acerca da origem dos Hebreus e do seu nome (cap. III, 2), ver:

1) É. DHORME — *Les Amorrhéens* (em *Revue Biblique*, 37, 1928; em *Recueil Édouard Dhorme*, Paris, 1951);

2) Idem — *La question des Haeberi* (em *Revue des Religions*, 1938);

3) A. CLAMER — *La genèse* (Bible de Pirot).

Acerca das ilhas habitadas (cap. VII), ver:

— L. CUÉNOT — *La genèse des espèces animales*, Paris, 1932.

Acerca da concepção augustiniana do Mundo (cap. IX), ver:

1) P. BRUNET et A. MIELE — *Histoire des Sciences: Antiquité*, Bibliot. scientifique, Paris, 1935;

2) MARROU — *Saint Augustin et la fin de la culture antique*;

3) SCHIAPARELLI — *L'Astronomia nell Antico Testamento*, Milão, 1903.

Acerca de Sicyone, cidade do Peloponeso (cap. XVIII), ver: — G. GLOTZ E R. COHEN — *Histoire Grecque*, t. I, Paris, 1938;

— A. M. LA BONNARDIÈRE — *Les livres de Samuel et des Rois, les livres des Chroniques et d'Esdras dans l'oeuvre de saint Augustin* (em *Revue des Études Augustiniennes*, 2, 1956, Mélanges Gustave Bardy).

LIVRO XVII

Além dos estudos de J. Schildenberger e de A. Colunga, atrás referidos, ver ainda:

— E. MOIRAT — *Notion augustiniennne de l'Herméneutique*, Clermont-Ferrand, 1906.

Acerca da extinção da família de Aarão no séc. V, e da consequente recusa dos Romanos em permitirem aos Judeus a escolha de um patriarca após a morte de Hillel, último patriarca aarónida (cap. V, 4), ver:

— J. JUSTER — *Les Juifs dans l'empire romain*, Paris, 1914.

Acerca do gosto de Santo Agostinho pela música (cap. XIV), ver:

— H. DAVENSON — *Traité de la musique selon l'esprit de Saint Augustin*, Neufchatel, 1942; (H. Davenson é o pseudónimo de H.-I. Marrou).

Acerca do messianismo nos salmos (cap. XVII), ver:

— M. J. LAGRANGE — *Notes sur le messianisme dans les psaumes* (em *Revue Biblique*, 1905).

LIVRO XVIII

— C. FRICK — *Die Quellen Augustins im XVIII Buch seiner Schrift De Civitate Dei*, Höxter, 1886;

— A. LAURAS — *Deux cités, Jérusalem et Babylone. Formation et évolution d'un thème central du De Civitate Dei* (em *La Ciudad de Dios*, n.º esp. CLXVII, 1954);

— B. ALTANER — *Augustinus und Julius Africanus. Ein Quellenkritische Untersuchung* (em *Vigiliae Christianae*, t. IV, 1950);

- Idem — *Augustinus und die neutestamentlichen Apokryphen, Sibyllinem und Sextussprüche* (em *Anal. Bolandiana*, t. LXVII, 1949);
- F. J. DÖLGER — ἸΧΘΥΣ, *Das Fisschsymbol in frühchristlicher Zeiter* (em *Römische Quartalschrift*, Suppl., Roma, 1910);
- K. PRÜMM — *Das Prophetenamt der Sibyllen in Kirchlichen Literatur mit besonderer Bücksicht auf die Deutung der 4 Ekloge Virgils* (em *Scholastik*, 4, 1929);
- P. COURCELLE — *Les exégèses chrétiennes de la quatrième Églogue* (em *Revue des Études Anciennes*, LIX, 1957);
- A. KURFESS — *Augustinus und die Tiburtinische Sibylle* (em *Theol. Quartalschrift*, t. CXXXI, 1951, Munique);
- Idem — *Die Sibylle in Augustins «Gottesstadt»* (em *Theol. Quartalschrift*, t. CVII, 1936, Munique);
- Idem — *Alte lateinische Sibyllenwerke* (em *Theol. Quartalschrift*, t. CXXXIII, 1953, Munique);
- J. GEFFCKEN — *Die Oracula sibyllina*, Leipzig, 1902;
- B. BISCHOFF — *Die lateinischen Uberzetzung und Bearbeitungen aus den Oracula sibyllina* (em *Mélanges J. Ghellinsck*, I, Glemboux, 1951);
- B. THOMPSON — *Patristic Use of the Sibylline Oracle* (em *The Review of Religion*, XVI, 1952);
- J. DRÄSEKE — *Zu Augustinus «De Civitate Dei» XVIII, 42. Eine Quellenkritische Untersuchung* (em *Zeitschrift für wissensch. Theologie*, t. XXXII, 1889);
- D. DE BRUYNE — *Les citations bibliques dans le «De Civitate Dei»* (em *Revue Biblique*, XLI, 1932);
- Idem — *Saint Augustin réviseur de la Bible* (em *Miscellanea agostiniana*, II, 1931);
- G. JOUASSARD — *Requête d'un patrologue aux biblistes touchant les Septante* (em *Studia patristica*, I — *Congrès international. de Patristique d'Oxford*, 1955 — Berlin, 1957);
- Idem — *Réflexions sur la position de saint Augustin relativement aux Septante dans sa discussion avec saint Jérôme* (em *Revue des Études Augustiniennes*, 1956: *Mémorial G. Bardy*);
- P. BENOÏT, O.P. — *La Septante est-elle inspirée?* (em *Vom worts des Lebens. Fertschrift für Max Meinertz*, 1951, Münster W.);

- V. GRUMEL — *Du nombre des persécutions païennes dans les anciennes chroniques* (em *Mélanges G. Bardy*, in *Revue des Études Augustiniennes*, 1956);
- J. WANG TCH'ANG-TCHE — *Saint Augustin et les vertus des païens*, Paris, 1938;
- B. BLUMENKRANZ — *Augustin et les Juifs. Augustin et le Judaïsme* (em *Recherches augustiniennes*, I, Paris, 1958);
- L. CAPERAN — *Le problème du salut des infidèles. Essai historique*, Toulouse, 1934;
- L. HERMANN — *Le premier séjour de saint Pierre à Rome* (em *Latomus*, 1946);
- Idem — *Claudius Antonius et la crise religieuse de 394 ap. J.-C.* (em *Mélanges Henri Grégoire* — in *Annuaire de l'Institut de Philologie et d'Histoire orientales et slaves*, t. V, Bruxelles, 1950);
- J. HUBAUX — *Les grands mythes de Rome*, Paris, 1945;
- Idem — *La crise de la 365^e année* (em *Antiquité classique*, t. XVII, Bruxelles, 1948: *Mélanges H. Van Weerd*);
- Idem — *L'enfant d'un an* (em *Latomus*, 2, Bruxelles, 1948: *Hommage à Joseph Bidez et à Franz Cumont*);
- Idem — *Saint Augustin et la crise cyclique* (em *Augustinus Magister*, II, Paris, 1954);
- Idem — *Saint Augustin et la crise eschatologique de la fin du IV^e siècle* (em *Académie royale de Belgique, Bulletin de la classe des lettres et des sciences morales et politiques*, t. XL, 1954);
- Idem — *Rome et Véies. Recherches sur la chronologie légendaire du moyen âge romain*, Paris, 1958;
- P. COURCELLE — *Propos antichrétiens rapportés par saint Augustin* (em *Recherches augustiniennes*, I, Paris, 1958).

LIVRO XIX

- P. BREZZI — *Una «civitas terrena spiritualis» come ideale storico-politico di Sant'Agostino* (em *Augustinus Magister*, II, Paris, 1954);
- C. CARY ELWES — *Peace in the City of God* (em *La Ciudad de Dios*, t. CLXVII, n.º esp. 1954);

- F. X. MILLAR — *The Significance of St. Augustine's criticism of Cicero's Definition of the State* (em *Philosophia Perennis*, Festgabe J. Geysler, Regensburg, 1930);
- H. RONDET — *Pax, tranquillitas ordinis* (em *Ciudad de Dios*, CLXVII, n.º esp. 1954);
- J. WANG TCH'ANG-TCHE — *Saint Augustin et les vertus des païens*, Paris, 1938;
- J. J. O'MEARA — *Porphyry's Philosophy from Oracles and Saint Augustine*, Paris, 1959;
- E. GALÁN Y GUTIÉRREZ — *Jus naturae*, Valladolid, 1959;
- F. KLINGER — *La idea de Justicia de Hesíodo a San Agustín* (em *Rivista de Estudios Politicos*, 49, 1953);
- H. FUCHS — *Augustin und des antike Friedensgedanke. Untersuchungen zum neunzehnten Buch der «Civitas Dei»*, Berlín, 1926;
- F. CAYRÉ — *La philosophie de la paix. Les conditions de la paix dans la Cité humaine d'après Saint Augustin* (em *L'Année Théolog.*, VI, 1945);
- Idem — *Le docteur des deux cités* (em *Revue de l'Université d'Ottawa*, XIX, 1949);
- A. SALIGNAC — *Doxologies et manuels dans la formation philosophique de saint Augustin*, § 2, c. *Le «liber de philosophia» et les connaissances d'Augustin sur la Nouvelle Académie* (em *Recherches Augustiniennes*, Paris, 1958);
- F. SOLMSEN — *New Fragments of Cicero's De Republica* (em *Classical Philology*, 37, 1940);
- P. L. VERDU — *Persona y Comunidad en la Ciudad de Dios* (em *La Ciudad de Dios*, II, 1954, n.º extraordinário);
- P. BREZZI — *La concezione agostiniana della città di Dio*, Galantina, 1947;
- H.-I. MARROU — *La Théologie de L'histoire* (em *Augustinus Magister*, III, Paris);
- Idem — *Civitas Dei, civitas terrena, num tertium quid?* (em *Studia patristica*, II, 1957);
- P. JACCARD — *De Saint Augustin à Pascal. Histoire d'une maxime sur les vertus des Philosophes* (em *Revue de Théol. et de Philosoph.*, 1940);

- CH. JOURNET — *L'Église du Verbe incarné. I. La hiérarchie apostolique*, Paris, 1941;
- Idem — *L'Église du Verbe incarné. II. Sa structure interne et son unité catholique*, Paris, 1951;
- Idem — *Les trois cités, celle de Dieu, celle du diable, celle de l'homme* (em *Nova et Vetera*, 1958).

LIVRO XX

- A. GELIN — *Millénarisme* (em *Diction. Biblique, Supplem.*, T. V, 1957);
- W. KAMLAH — *Ecclesia und Regnum Dei bei Augustin* (*De Civitate Dei*, XX, 9). *Augustins Ansicht über Kirche und Gottesreich* (em *Philologus*, t. XCIII, 1939);
- K. MÜLLER — *Kirche und Reichgottes bei Augustin* (*De Civitate Dei*, XX, 9) (em *Zeitschrift für neutestamentliche Wissenschaft*, XXVII, 1938);
- TH. CLARKE — *The eschatological transformation of material world according to St. Augustine*, Romae, Pontif. Universitas Gregoriana, Fac. Theol., 1956;

Acerca do milenarismo (cap. VII), ver:

- 1) ALTZBERGER — *Geschichte der christlichen Eschatologie innerhalb der vornicänischen Zeit*, Friburg de Brisgóvia, 1896;
- 2) L. GRÉY — *Le millénarisme dans ses origines et son développement*, Paris, 1934;
- 3) G. BARDY — *Art. Millénarisme* (em *Dict. de Théol. Cathol.*, t. X, c, 1760);
- 4) G. FOLLINET — *La typologie du Sabbat chez saint Augustin. Son interprétation millénariste entre 389 et 400* (em *Revue des Études Augustiniennes*, II, 1956).

LIVRO XXI

- P. DE VOOGHT — *La notion philosophique de miracle chez saint Augustin* (em *Recherches de Théol. ancienne et médiévale*, X, 1938);
- Idem — *La Théologie du miracle selon saint Augustin* (em *Recherches de théologie ancienne et médiévale*, XI, 1939);

- L. GONZALEZ — *Valor apologético del milagro en la «Ciudad de Dios»* (em *La Ciudad de Dios*, 1954, n.º extraordinário);
- Idem — *El milagro en San Agustín dentro del marco de la Providencia* (em *Religión y cultura*, II, 1957);
- Idem — *Causalidad divina del milagro según San Agustín* (em *Religión y cultura*, IV, 1959);
- R. M. GRANT — *Miracle and Natural Law in Graeco-Roman and Early Christian Thought*, New York, 1957;
- A. MICHEL — *Purgatoire* (em *Dict. de théol. cath.*, XIII, col. 1163-1326);
- JOANNES J. GAVIGAN — *Sancti Augustini doctrina de Purgatorio, praesertim in opere De Civitate Dei* (em *La Ciudad de Dios*, n.º extraordinário, 1954).

LIVRO XXII

- A. SCHMIDT — *Augustins «Bürgerschaft»* (em *Theologische Zeitschrift*, XI, 1955);
- P. COURCELLE — *Propos antichrétiens rapportés par saint Augustin* (em *Recherches Augustiniennes*, I, Paris, 1958);
- Idem — *La posterité chrétienne du «Songe de Scipion»* (em *Revue des Études Latines*, XXXVI, 1959);
- M. D'HERBIGNY — *Les arguments apologétiques de saint Augustin* (em *Revue pratique d'Apologétique*, VIII, 1909);
- H. DELEHAYE — *Les recueils antiques de miracles des saints. I. Recueils grecs. II. Recueils latins* (em *Analecta Bollandiana*, 43, 1925);
- Idem — *Les premiers «Libelli miraculorum»* (em *Analecta Bollandiana*, 29, 1910);
- Idem — *Les origines du culte des martyrs*, Bruxelles, 1933;
- A. STOLZ — *Zum dem Wunderkapiteln in 22 Buch der «De Civitate Dei»* (em *Theologie und Glaube*, XVIII, 1926);
- M. VON HARNACK — *Das ursprüngliche Motiv der Abfassung von Märtyrer- und Heilungsakten in der Kirche* (em *Sitzungsberichte der preuss. Akademie der Wissenschaften*, 1910);

- M. TESTARD — *Note sur «De Civitate Dei» XXII, 24. Exemple de réminiscences cicéroniennes de saint Augustin* (em *Augustinus Magister*, Paris, 1954);
- F. CAVALLERA — *La vision corporalle de Dieu d'après saint Augustin* (em *Bulletin de Littér. ecclésiast.*, VII, 1915).

ÍNDICES

ÍNDICE DE MATÉRIAS

A

ACADEMIA. ACADÉMICOS.

Escola fundada por Platão: *Livro VIII, Cap. XII; Livro XIX, Cap. I.*

A Antiga Academia, de Platão a Polémon, foi, segundo Varrão, dogmática, e a Nova Academia, fundada por Argesilau, é céptica: *Livro XIX, Cap. I.*

Diferenças entre os neoadadêmicos e os estóicos: *Livro XIX, Cap. I.*

Teoria da Antiga Academia acerca do fim último: *Livro XIX, Cap. I.*

Erro comum à Antiga Academia e aos estóicos acerca do fim último, segundo Varrão: *Livro XIX, Cap. IV.*

Principais discípulos: *Livro VIII, Cap. XII.*

Enganam-se ao julgarem que é possível atingir-se a felicidade nesta vida: *Livro XIX, Cap. IV.*

Dúvida metódica dos Acadêmicos oposta à certeza da Cidade de Deus: *Livro XIX, Cap. XVIII.*

A dúvida acadêmica é refutada pela tríplice certeza da inteligência, dos sentidos e da fé: *Livro XIX, Cap. XVII*

e pelo *Cogito* augustiniano. *Ver PLATONISMO CRISTÃO.*

A dúvida metódica contradiz-se a si própria nos Acadêmicos de Cícero: *Livro VI, Cap. II.*

ALEGORIA. Ver SIMBOLISMO.

ALIANÇA ou TESTAMENTO.

Aliança com Abraão: *Livro XVI, Caps. XII, XIV e XXIV.*

Data da primeira promessa: *Livro XVI, Cap. XV.*

A Antiga Aliança contém a Nova velada: *Livro XVI, Cap. XXVI.*

Sentido espiritual e temporal da Aliança com Abraão: *Livro XVI, Cap. XVI.*

A Antiga e a Nova Aliança estão figuradas em Agar e Sara: *Livro XV, Cap. XXXI.*

Porque não são eternas algumas instituições do Antigo Testamento que como tais aparecem: *Livro XVII, Cap. VI.*

Utilidade do Antigo Testamento: *Livro XVII, Cap. VII.*

O Antigo Testamento é assim chamado devido às suas promessas terrenas: *Livro XVIII, Cap. XI;*

O Novo Testamento caracteriza-se pela promessa do Reino dos Céus: *Livro XVIII, Cap. XI;*

Novo Testamento profetizado por Malaquias: *Livro XVIII, Cap. XXXV. Ver PROFECIA.*

A segunda promessa — Terra de Canaã: *Livro XVI, Cap. XVIII.*

A terceira promessa — numerosa descendência. Sentido espiritual desta promessa: *Livro XVI, Cap. XXIII.*

A quarta promessa — herdeiro; seu alcance espiritual: *Livro XVI, Cap. XXIII.*

A quinta promessa após o sacrifício de Isaac: *Livro XVI, Cap. XXXII.*

Realização temporal da promessa com David e espiritual com Cristo: *Livro XVII, Cap. II.*

O sacrifício da Aliança: *Livro XVI, Cap. XXIV.*

A circuncisão no Antigo e no Novo Testamento: *Livro XVI, Cap. XXVI.*

ALMA HUMANA.

Imortal por natureza. A sua morte consiste em se afastar de Deus no tormento eterno: *Livro VI, Cap. XII.*

Criada por Deus, só Deus é a sua felicidade: *Livro VII, Cap. V.*

Três graus de alma na natureza, segundo Varrão: *Livro VII, Cap. XXIII.*

O espírito divino, princípio do Mundo, segundo Anaxágoras: *Livro VIII, Cap. II.*

A alma humana não é inferior aos demónios: *Livro VIII, Cap. XV.*

A felicidade da alma humana só existe em Deus, com Deus e por Deus: *Livro IX, Cap. II.*

As almas humanas não são demónios nem se transformam quando morrem: *Livro IX, Cap. XI.*

A sua luz e a sua sabedoria são participação da imutável sabedoria de Deus: *Livro XI, Cap. X.*

Vive em Deus quando vive bem: *Livro XII, Cap. II.*

Vive enquanto se mantém no corpo: *Livro XII, Cap. IX.*

Qualidades da alma: razão e inteligência: *Livro XII, Cap. XXIII.*

É ela que abandona Deus e não Deus que abandona a alma: *Livro XIII, Cap. XV.*

Ao separar-se do corpo sofre um castigo: *Livro XIII, Cap. XVI.*

Como consegue a sua felicidade: *Livro XIII, Cap. XVII.*

Deus é espírito. Diversas acepções nas Escrituras: *Livro XIII, Cap. XXIV.*

Como actua na alma o espírito de Deus: *Livro XIII, Cap. XXIV.*

As três partes da alma: concupiscível, irascível e razão, antes e depois do pecado: *Livro XIV, Cap. XIX.*

É componente do homem. Sua superioridade, segundo Varrão: *Livro XIX, Cap. III.*

Bens primordiais do espírito: sentido e inteligência: *Livro XIX, Cap. IV.*

A sua justa ordem está em submeter o corpo e submeter-se a Deus, presente no seu pensamento: *Livro XIX, Cap. IV.*

A alma irracional como princípio vital do corpo. A paz da alma: *Livro XIX, Cap. XIV.*

Seus sofrimentos no Inferno: *Livro XXI, Cap. IX.*

Exaltação dos dotes da alma humana: *Livro XXII, Cap. XXIV.*

Necessidade do corpo para a sua eterna felicidade: *Livro XXII, Cap. XXVI.*

A união com o corpo é um milagre: *Livro XXII, Cap. IV.*

A sua natureza ultrapassa os quatro elementos terrestres: *Livro XXII, Cap. XI.*

A alma do Mundo: *Livro IV, Cap. XI.*

Destino das almas justas após a morte — no repouso de misteriosas moradas: *Livro I, Cap. XIII; Livro XIII, Cap. XIX; em corpos imortais: Livro XIII, Cap. XIX.*

Deus não é a alma do Mundo: *Livro IV, Cap. XII.*

Ver VIDA. METEMPSICOSE. Platão. Ressurreição.

AMOR DE DEUS.

O maior sinal de que Deus nos ama está em nos ter enviado o seu Verbo: *Livro VII, Cap. XXXI.*

Duplo preceito de caridade — amor a Deus, amor ao próximo: *Livro X, Cap. III.*

O amor de si próprio supõe o amor de Deus: *Livro X, Cap. III.*

Amor de Deus até ao desprezo de si próprio: *Livro XIV, Cap. XXVIII.*

A correcção fraterna — acto necessário de caridade: *Livro I, Cap. IX.*

Negligência do dever de correcção fraterna: *Livro I, Cap. IX.*

O amor é a primeira actividade da vontade e origem das paixões: *Livro XIV, Cap. VII. Ver VONTADE.*

O amor, fundamento de uma definição da cidade com valor para cristãos e pagãos: *Livro XIX, Cap. XXIV.*

Dois amores — origem das duas cidades: *Livro XIV, Cap. XXVIII. Ver CIDADE.*

Origem das boas paixões nos santos: *Livro XIV, Cap. IX.*

Ordo amoris — como regra de vida ou virtude: *Livro XV, Cap. XXII.*

Provas de amor de amizade: *Livro XIX, Cap. VIII.*
 Amor à existência: *Livro XI, Cap. XXVII.*
 Amor à vida. O que se não deve amar: *Livro XI, Cap. XXVIII.*
 Amor universal; nos corpos inanimados; o amor e o peso: *Livro XI, Cap. XXVIII.*
 O amor para com Deus diminuiria se houvesse *ciclos cósmicos*: *Livro XII, Cap. XX.*
 Emprego diversificado do termo *amor*: *Livro XIV, Cap. VII.*
Amor-dilectio-caritas: *Livro XIV, Cap. VII.*
 A caridade expulsa o temor: sentido desta expressão: *Livro XIV, Cap. IX.*
 Amizade. Perigos que a rodeiam: *Livro XIX, Cap. V.*
 A amizade como refúgio dos males sociais: *Livro XIX, Cap. VIII.*
 Impossibilidade de amizade, nesta vida, entre os anjos e os homens: *Livro XIX, Cap. IX.*
 Que ama o homem doutrinado por Deus: *Livro XIX, Cap. XIV.*
 A caridade relacionada com a vida activa, contemplativa e mista: *Livro XIX, Cap. XIX.*
Caritas veritatis e necessitas caritatis: *Livro XIX, Cap. XIX.*
 Amor carnal — quando é e quando não é condenável, tendo em atenção o seu fundamento em Cristo: *Livro XXI, Cap. XXVI.*

ANJOS.

Foram criados: *Livro XI, Cap. IX.*
 Todos eles têm a mesma natureza, que é boa: *Livro XII, Cap. I.*
 Podiam ter existido desde sempre sem serem coeternos com Deus: *Livro XII, Cap. XVI.*
 Podem ter sido criados antes do mundo sensível: *Livro XI, Cap. XXXII.*
 Momento em que foram criados: *Livro XI, Cap. IX.*
 Seu estado de sabedoria e de felicidade desde quando foram criados: *Livro XI, Caps. XI e XIII.*
 A Escritura chama-lhes deuses: *Livro IX, Cap. XXIII.*
 Identificados com os deuses bons: *Livro VIII, Caps. XXIV e XXV.*
 Explicam os primeiros dias da criação pelo conhecimento que deles têm: *Livro XI, Cap. VII.*
 Conhecem no Verbo, luz de Deus: *Livro IX, Cap. XXII.*
 Seu duplo conhecimento das obras divinas — em si próprias e no Verbo: *Livro XI, Cap. XXIX.*
 Conhecimento vespéral e conhecimento matinal: *Livro XI, Cap. VII.*
 As suas paixões são puras virtudes: *Livro IX, Cap. V.*
 Sua impotência criadora: *Livro XII, Cap. XXV.*
 Não podem ser medianeiros entre Deus e os homens: *Livro IX, Cap. XV.*

São nossos guias para Deus: *Livro IX, Cap. XXIII.*

Maneira como eles nos amam para nos fazerem amar a Deus:
Livro X, Caps. III e VII.

Manifestação de Deus a Abraão e a Lot por intermédio dos anjos:
Livro XVI, Cap. XXIX.

Manifestação de Deus a Jacob por intermédio dos anjos: *Livro XVI, Caps. XXXVIII e XXXIX.*

Sua possível intervenção no povoamento das ilhas: *Livro XVI, Cap. VII.*

Manifestação de Deus através dos anjos na Torre de Babel: *Livro XVI, Cap. V.*

Seu ministério na promulgação da Lei: *Livro X, Cap. XV.*

Seus milagres: *Livro X, Caps. XVI e XVII. Ver MILAGRE.*

Classificação dos anjos em bons e maus: *Livro IX, Cap. XIX.*

Orgulho do Diabo: *Livro XI, Cap. XIII.*

Maus anjos. *Ver DIABO.*

Os anjos bons distinguem-se dos maus por recusarem os nossos sacrifícios: *Livro X, Cap. XVI.*

Os anjos bons mantiveram-se fiéis pela graça divina: *Livro XII, Cap. IX.*

Os anjos bons têm a sua eterna felicidade garantida: *Livro XI, Cap. XXXII.*

Os anjos bons pertencem à Cidade de Deus: *Livro XI, Cap. IX.*

Os anjos bons formam com os homens uma só cidade: *Livro X, Cap. VII; Livro XII, Cap. IX; Livro XIX, Cap. X e Livro XXII, Cap. XX.*

Questão da sua união a mulheres antes do dilúvio: *Livro XV, Cap. XXIII.*

Corpo dos anjos. *Ver CORPO.*

ANIMAIS.

Divisão dos animais racionais em três classes, segundo a filosofia pagã: deuses, homens e demónios: *Livro VIII, Cap. XIV e Livro IX, Caps. VIII e XII.*

Animais gregários e animais solitários: *Livro XII, Cap. XXII.*

Comparação entre os animais e as crianças: *Livro XIII, Cap. III.*

Como é que os animais povoaram as ilhas do Oceano: *Livro XV, Cap. VII.*

Os animais na Arca de Noé. *Ver DILÚVIO.*

ANTICRISTO.

Profecia de Paulo acerca do Anticristo e respectivos problemas de interpretação: *Livro XX, Cap. XIX.*

Roma e o Anticristo: *Livro XX, Cap. XIX.*

O Anticristo visto por Daniel: *Livro XX, Cap. XXIII.*

ANTÍPODAS.

Descrição dos antípodas: *Livro XVI, Cap. IX. VER MUNDO.*

APETITE. Ver DESEJO. CONCUPISCÊNCIA. VÍCIO. LIBIDO. PAIXÃO.

APOLOGÉTICA.

Seu método histórico: *Livro II, Cap. III.*

Seu método racional: *Livro XIX, Cap. I.*

Necessidade de provas racionais para convencer os incrédulos: *Livro XXI, Cap. VIII.*

Comparações apologéticas entre a fé dos Cristãos e a dos Romanos, na divindade de Cristo e de Rómulo: *Livro XXII, Cap. VI.*

Comparações apologéticas entre os mártires cristãos e a fidelidade dos Saguntinos: *Livro XXII, Cap. VI.*

Comparações apologéticas entre os deuses e os mártires como taumaturgos: *Livro XXII, Cap. X.*

Prova pelo testemunho dos mártires: *Livro XXII, Caps. VI e VII.*

Prova pela catolicidade da Igreja: *Livro XXII, Caps. V e VIII.*

Prova pelas profecias realizadas: *Livro XXI, Cap. VII e Livro XXII, Caps. V e VI.*

Objecções pagãs contra os dogmas. **Ver INFERNO. RESSURREIÇÃO.**

Nada é impossível a Deus omnipotente: *Livro XXI, Caps. VI, VII e VIII. Ver MILAGRE.*

Confirmação pelos filósofos (argumento *ad hominem*): no «discurso de Timeu», Deus promete e realiza o impossível: *Livro XXII, Cap. XXVI. Ver PLATONISMO.*

Milagres realizados no tempo de Santo Agostinho, como prova a favor da fé: *Livro XXII, Cap. VIII.*

APULEIO.

Discípulo de Platão: *Livro VIII, Cap. XII.*

Autor do *Asno de Ouro*: *Livro VIII, Cap. XIV.*

Provável tradutor do *De Mundo*: *Livro IV, Cap. II.*

Acusado de magia pelos tribunais: *Livro VIII, Cap. XIX.*

Sua demonologia: *Livro VIII, Caps. XVI e XXII. Ver DEMÓNIO.*

MEDIAÇÃO. CORPO. DEUSES PAGÃOS. ETERNIDADE. HOMEM. MISTÉRIOS. PAIXÃO. PLATONISMO.

ARCA.

Arca do Testamento ou da Aliança. Milagres ocorridos à sua passagem pelo deserto e ao entrar na Terra Prometida e a sua finalidade em relação com a lei e as promessas: *Livro X, Cap. XVII.*

Arca de Noé — símbolo da Igreja de Cristo: *Livro XV, Cap. XXVI.*

Os seus três pavimentos simbolizam as três virtudes teologais. Outros significados: *Livro XV, Cap. XXVI.*

Os animais da arca representam os povos reunidos na Igreja: *Livro XVI, Cap. VII. Ver DILÚVIO.*

ARISTOTELISMO.

O seu fundador é inferior em estilo a seu mestre Platão: *Livro VIII, Cap. XII.*

As suas teses sobre as paixões da alma: *Livro IX, Cap. IV.*

ASILO. *Ver TEMPLO.*

ASTRONOMIA. ASTROLOGIA.

As leis astronómicas determinam os eclipses: *Livro III, Cap. XV.*

Eclipses do Sol e da Lua preditos por Tales de Mileto, graças a essas leis: *Livro VIII, Cap. II.*

Apesar do que diz Eudócio de Cnido, não conhecemos o número das estrelas: *Livro XVI, Cap. XXIII.*

A astrologia preconizada por Possidónio é uma ciência vã: *Livro V, Cap. V.*

Consequências ridículas da astrologia: *Livro V, Cap. VII. Ver FATALIDADE ASTRAL.*

AUTORIDADE.

Origem da autoridade social: *Livro IV, Cap. VI.*

Origem da autoridade real depois de Caim: *Livro XV, Cap. XX.*

Autoridade doméstica e autoridade civil. Suas relações: *Livro XIX, Cap. XVI.*

Papel da autoridade para estabelecer a paz: *Livro XIX, Cap. XIV.*

A autoridade do testemunho baseia a fé nas coisas visíveis e invisíveis: *Livro XI, Cap. III. Ver FÉ.*

A autoridade dos Apóstolos garante a dos Setenta: *Livro XV, Cap. XIV. Ver ESCRITURA.*

A autoridade episcopal existe a favor dos governados e não em favor próprio. *Ver SOCIEDADE.*

B

BAPTISMO.

Sacramento de que todos necessitam para a salvação eterna: *Livro XXI, Cap. XVI.*

Torna-nos, bem como a Eucaristia, membros de Cristo: *Livro XXI, Caps. XX e XXV.*

Apaga o pecado, mas não permite o suicídio: *Livro I, Cap. XXVII.*

Porque é que não nos torna imortais: *Livro XIII, Cap. IV.*

Dá o Céu às criancinhas sem passarem pelo Purgatório: *Livro XXI, Cap. XVI.*

Batismo das crianças durante a perseguição do Anticristo: *Livro XX, Cap. VIII.*

Milagres ocorridos no batismo: *Livro XXII, Cap. VIII.*

Batismo de sangue: *Livro XIII, Cap. VII.*

BELEZA.

Sua origem, ordem e harmonia: *Livro XI, Cap. XXII.*

Em que consiste no corpo: *Livro XXII, Cap. XIX.*

Nas partes do corpo humano ela ultrapassa a utilidade: *Livro XXII, Cap. XXIV.*

Beleza do corpo ressuscitado: *Livro XXII, Caps. XIX e XX.*

Esplendor do corpo ressuscitado de Cristo, elemento da sua beleza: *Livro XXII, Cap. XIX.*

Beleza espiritual dos estigmas dos mártires no Céu: *Livro XXII, Cap. XIX.*

Beleza da natureza: *Livro XX, Cap. XXIV.*

Beleza dos seres pela sua gradação: *Livro XI, Cap. XVI.*

Beleza dos seres inferiores mutáveis: *Livro XII, Cap. IV.*

Beleza do Universo apesar dos monstros: *Livro XVI, Cap. VIII.*

Suprema beleza do Céu: *Livro XXII, Caps. XXI e XXIV.*

BEM. BENS. BONDADE.

Riqueza de bens terrestres: *Livro XXII, Cap. XXIV.*

Distribuídos a todos — a bons e maus: *Livro I, Caps. VIII e IX.*

Ver PROVIDÊNCIA.

Bens comuns a bons e maus: *Livro I, Cap. VIII.*

Bens próprios dos santos, mesmo na provação: *Livro I, Cap. X.*

Bondade dos seres destituídos de razão, variável conforme a sua ordem: *Livro XII, Cap. IV. Ver ORDEM.*

Bondade soberana de Deus: *Livro XII, Cap. II.*

O bem, causa do Mundo: *Livro XI, Cap. XXI. Ver DEUS.*

FELICIDADE.

C

CÂNON. *Ver ESCRITURA SAGRADA.*

CARIDADE. *Ver AMOR.*

CARNE.

A carne não é a fonte de todos os vícios: *Livro XIV, Cap. III.*

Sua revolta contra o espírito, consequência do pecado: *Livro XIII, Cap. XIII.*

As paixões carnis: *Livro XIV, Caps. XVI-XX. Ver DESEJO (LIBIDO).*

As obras da carne levam à condenação: *Livro XXI, Cap. XXV.*

As obras da carne destroem os bons efeitos da Eucaristia e da Comunhão no Corpo de Cristo: *Livro XXI, Cap. XXV.*

Sua oposição à salvação, segundo S. Tiago: *Livro XXI, Cap. XXVI. Ver CORPO. CONCUPISCÊNCIA. LIBIDO. PAIXÃO.*

CASTIDADE. Ver VIRTUDE.

CAUSA.

Presciência divina e causa eficiente: *Livro V, Cap. IX.*

Cícero classifica as causas em fortuitas, naturais e voluntárias: *Livro V, Cap. IX.*

Causa do mal moral — a vontade: *Livro XII, Caps. VI e VII.*

Entre os pagãos: Júpiter é a causa primeira e Juno a causa segunda: *Livro VII, Caps. IX e XVI. Ver VONTADE. MAL. DEUS.*

CERTEZA. Ver ACADEMIA. VERDADE.

CEPTICISMO. Ver ACADEMIA.

CÉU.

É a paz eterna: *Livro XIX, Cap. XI. Ver PAZ.*

É o nosso fim último: *Livro XXII, Cap. XXX. Ver FIM.*

É o eterno Sábado, derradeira idade do Mundo: *Ver IDADE.*

Sua soberana beleza por analogia com os bens terrestres: *Livro XXII, Cap. XXI.*

Louvores de Deus — única ocupação no Céu. *Livro XXII, Cap. XXX.*

Visão face a face da verdade imutável — fruto da graça. *Livro X, Cap. XXII.*

Seus aspectos: beatitude, conhecimento, liberdade, repouso em Deus: *Livro XXII, Cap. XXX. Ver BEATITUDE. LIBERDADE. VISÃO.*

Número dos eleitos fixado por Deus: *Livro XIV, Cap. XXIII. Ver PREDESTINAÇÃO.*

O «temor casto» no Céu: *Livro XIV, Cap. IX.*

A «casa» prometida a David e a paz prometida a seu filho realizam-se no Céu: *Livro XVII, Caps. XII e XIII. Ver CIDADE DE DEUS. SIMBOLISMO.*

CÍCERO.

Filósofo acadêmico: *Livro IV, Cap. XXX.*

Sua filosofia estética: *Ver ACADEMIA. ESTOICISMO. VARRÃO.*

Cícero e a fatalidade astral: *Livro V, Cap. II.*

Sua teoria acerca do último fim: *Ver FIM.*

Sua errônea opinião acerca da presciência divina oposta à liberdade: *Livro V, Cap. IX. Ver LIBERDADE. PRESCIÊNCIA.*

Triste fim de vida sob César e Antônio: *Livro III, Cap. XXX. Ver AMOR (AMIZADE). CAUSA. FIM. DEUS. CIÊNCIA (em Deus). CULTO. PAIXÃO. FILOSOFIA. PROVIDÊNCIA. RELIGIÃO. REPÚBLICA. RESSURREIÇÃO.*

CICLOS CÓSMICOS. *Ver ETERNIDADE DO MUNDO.*

CIDADE DE DEUS.

— A obra *Cidade de Deus* dirige-se aos pagãos e aos Cristãos: *Livro I, Cap. I.*

Uma resposta pagã nos três primeiros livros da obra *Cidade de Deus*: *Livro V, Cap. XXVI.*

Seu método apologético: *Ver APOLOGÉTICA.*

Problemas de gramática e de retórica tratados na obra *Cidade de Deus. Ver GRAMÁTICA.*

— Plano da obra: *Livro I, preâmbulo e Caps. XXXV e XXVI; Livro VI, prefácio; Livro XI, Cap. I; Livro XVIII, Cap. I.*

Análise dos Livros I-III: *Livro IV, Caps. I e II.*

— A Cidade Celeste ou Cidade de Deus: sua existência afirmada pela Escritura Sagrada: *Livro XI, Cap. I.*

Identidade entre Casa de Deus, Templo de Deus e Cidade de Deus: *Livro XV, Cap. XIX.*

É a única cidade dos anjos e dos homens. *Ver ANJOS.*

Verdadeiro sacrifício com Cristo: *Livro X, Cap. VI.*

Peregrina na Terra. Origem em Abel: *Livro XV, Cap. I.*

Sua paciência e progresso para a paz: *Livro XV, Cap. VI.*

Filhos seus entre os pagãos: exemplo de Job: *Livro XVIII, Cap. XLVII.*

Na Terra, goza a paz de Babilônia e ora por esta: *Livro XIX, Cap. XXVI.*

O seu fim próprio é a paz do Céu após a miséria terrestre: *Livro XIX, Cap. XXVII. Ver CÉU. IGREJA.*

— A *Cidade Terrestre* ou *Cidade do Diabo*, entre os anjos foi originada pelo pecado: *Livro XI, Caps. XIII e XXVIII.*

Entre os homens, foi Caim o seu fundador: *Livro XV, Cap. VII.*

Cidade ímpia e besta do Apocalipse: *Livro XX, Cap. IX.*

Seu fim próprio: o Inferno, a guerra eterna: *Livro XIX, Cap. XXVIII.*

- Sua piedade egoísta: *Livro XV, Cap. VII.*
 Sua frágil paz e suas guerras intestinas: *Livro XV, Cap. IV.*
 Ela significa «Confusão»: suas contradições: *Livro XVIII, Cap. XLI.*
- Os três impérios que a constituem: Assíria, Egito, Siciónia: *Livro XVI, Cap. XVII.*
 As duas que a encarnam: Babilónia e Roma: *Livro XVIII, Cap. XXII.*
 Roma, segunda Babilónia: *Livro XVIII, Cap. XXII.*
 Seu desenvolvimento no Império de Assíria: *Livro XVIII, Cap. II.*
 Seu desenvolvimento no Império Romano: *Livro XVIII, Caps. XV-XVII.*
 A Cidade Terrestre depois de Jesus Cristo: os heréticos e os maus cristãos: *Livro XVIII, Cap. LI.*
 A Cidade entre os pagãos: *Livro XIX, Caps. XXI-XXV. Ver REPÚBLICA.*
 Uma parte da Cidade Terrestre, imagem da Cidade Celeste: *Livro XV, Cap. II.*
 — As duas cidades, suas relações: tanto para os anjos como para os homens, só há duas cidades opostas: *Livro XII, Caps. I e IX.*
 Origem das duas cidades entre os anjos: *Livro XII, Cap. IX.*
 As duas cidades previstas por Deus em Adão: *Livro XII, Cap. XXVIII.*
 Suas características nos anjos: *Livro XI, Cap. XXXIII.*
 Suas características nos homens: *Livro XIV, Cap. XXVIII.*
 Origem das duas cidades em Caim e Abel: *Livro XV, Cap. I.*
 Sua ordem e sucessão: *Livro XV, Cap. I.*
 Caim e Set, pais das duas cidades: *Livro XV, Cap. XVII.*
 Sentido das duas genealogias. **Ver GENEALOGIA.**
 Mistura das duas cidades: *Livro I, Cap. XXXV; Livro XVIII, Caps. I, XLIX e LIV.*
 De Noé a Héber: *Livro XVI, Cap. X.*
 Guerra entre as duas cidades: começou em Caim e Abel: *Livro XV, Cap. XI.*
 Sua imutável distinção, no sentido espiritual: *Livro XVII, Cap. VII.*
 Sua aposição na verdade, fé e cepticismo: *Livro XIX, Cap. XVIII.*
 Sua luta, depois de Cristo, útil aos bons: *Livro XVIII, Cap. LI.*
 Seu desacordo religioso e sua concórdia possível em relação aos bens temporais: *Livro XIX, Cap. XVII.*
 Suas boas relações na paz terrestre: *Livro XIX, Cap. XXVI.*
 Definição de *Civitas* (Cidade): *Livro XV, Cap. VIII.*
 História comparada das duas cidades. **Ver SINCRONISMO.**
 Figuras das duas Cidades. **Ver SIMBOLISMO.**

CIÊNCIA.

No sentido amplo de «conhecimento evidente e certo»: nos anjos, ciência «vesperal» e ciência «matinal»: *Livro XI, Caps. VII e XXIX. Ver ANJOS.*

— A nossa ciência é limitada mas não é incerta (contra-acadêmicos): *Livro XIX, Cap. XVIII.*

— O conhecimento nos animais não chega a ser ciência: *Livro XI, Cap. XXVII.*

— baseada na experiência dos sentidos: *Livro XXII, Cap. XXX. Ver CONHECIMENTO.*

— diabólica, «que incha»: *Livro IX, Cap. XXX.*

Ciências matemáticas, experimentais ou positivas: ciência dos números. *Ver NÚMEROS.*

Ciência dos astros. *Ver ASTRONOMIA.*

— Ciências físicas — teoria dos lugares naturais. *Ver MUNDO.*

— Ciência das leis naturais. *Ver LEIS.*

— Ciência Geográfica: *Livro XVI, Cap. XV.*

— Ciência dos eleitos no Céu, que vêem os seus males passados, especulativamente e não praticamente: *Livro XXII, Cap. XXX.*

— Em Deus, ciência, causa do Mundo: *Livro XI, Cap. X.*

Sua perfeição eterna, imutável, universal: *Livro XI, Cap. XXI.*

Sua transcendência imutável: *Livro XII, Cap. XIX.*

Estende-se a tudo (Cícero): *Livro XXII, Cap. XX.*

Abraça o infinito: *Livro XII, Cap. XIX.*

Como é ela possível: *Ver INFINITO.*

Em que sentido Deus, fazendo-Se conhecer, começa a conhecer: *Livro XXII, Cap. II. Ver PRESCIÊNCIA. SABEDORIA.*

CÍNICOS.

Existência e moralidade desta seita: *Livro XIV, Cap. XX.*

Cinismo e pudor: *Ver DESEJO. LIBIDO.*

Seu género de vida de que lhes vem o nome: *Livro XIX, Cap. I.*

Atitude da «*Cidade de Deus*» a seu respeito: *Livro XIX, Cap. XIX.*

“COGITO” augustiniano. *Ver VERDADE.*

CÓLERA.

Porque não é ela «vergonhosa» como o «libido»: *Livro XIV, Cap. XIX.*

Em Deus, ela exclui perturbação e alteração: *Livro XXII, Cap. II.*

Ela significa justa punição do pecado: *Livro XV, Cap. XXV.*

Suas relações com a misericórdia: *Livro XXI, Cap. XXIV. Ver PAIXÃO.*

COMEÇO.

Os dois começos, segundo o tempo e segundo a natureza: *Livro X, Cap. XXXI.*

Os dois sentidos das palavras *in principio* do Génesis: no começo, ou melhor, no Verbo: *Livro XI, Caps. XXXII e XXXIII.*

Os anjos criados no começo ou «antes»: *Livro XII, Cap. XVI. Ver ANJOS.*

O Mundo criado no começo do tempo: *Livro XI, Cap. IV. Ver CRIAÇÃO.*

Começo do tempo: *Ver TEMPO.*

Começo do género humano: *Livro XII, Cap. XXI.*

CONCUPISCÊNCIA.

O seu sentido pejorativo tem excepções: *Livro XIV, Cap. VII.*

Exemplos de *cupio* no bom sentido: *Livro XIV, Cap. VIII.*

Constitui a vida «segundo a carne» ou «segundo o homem»: *Livro XIV, Caps. I-V.*

É consequência do pecado original: *Livro XIII, Cap. XIII e Livro XIV, Cap. XV. Ver PECADO ORIGINAL.*

Sua ausência no Paraíso: *Livro XIV, Caps. X e XXI.*

Possibilidade de procriar sem concupiscência: *Livro XIV, Cap. XXIII.*

Concupiscência da carne: *Ver PAIXÃO. DESEJO (libido).*

Os anjos tiveram concupiscência: *Livro XV, Cap. XXIII.*

A concupiscência depois da ressurreição: *Livro XXII, Cap. XVII.*

CONDENAÇÃO. *Ver PENAS ETERNAS.*

CONFORMAÇÃO (CONSERVAÇÃO).

Como propagação e aperfeiçoamento dos seres criados: *Livro XXII, Cap. XXIV.*

Natureza desta operação divina: *Ib.*

É necessária a toda a actividade das criaturas: *Ib. Ver FORMAÇÃO. FORMA.*

CONHECIMENTO.

Seus diferentes graus nos diferentes seres por diferentes funções: *Livro XI, Cap. XXVII.*

Conhecimento experimental sensível: *Livro XXI, Cap. III.*

Conhecimentos experimentais verificados: *Livro XXI, Caps. IV, V, VI e VII. Ver EXPERIÊNCIA.*

Conhecimento das criaturas em si próprias ou nas suas causas (o Verbo): *Livro XI, Cap. XX.*

Para o anjo conhecer é ser: *Livro XI, Cap. IX.*

Diversos conhecimentos angélicos: *Ver ANJO.*

Conhecimento do não-ser (privação, mal): *Livro XII, Cap. VII.*
Ver RAZÃO. VISÃO.

Conhecimento em Deus. *Ver CIÊNCIA. PRESCIÊNCIA. SABEDORIA.*

Superioridade do conhecimento intelectual ou «interior» em comparação com o conhecimento sensitivo, sobretudo pela consciência: *Livro XI, Cap. XXVIII.*

CONQUISTA. *Ver GUERRA. DOMÍNIO.*

CORPO.

O dos demónios é, segundo Apuleio, aéreo: *Livro VIII, Cap. XVI.*

Carácter hipotético deste corpo: *Livro XXI, Cap. X.*

O do homem é matéria de sacrifício a Deus: *Livro X, Cap. VI.*

Diversidade dos corpos segundo os méritos de cada alma (Orígenes): *Livro XI, Cap. XXIII.*

Os corpos procuram o repouso natural: *Livro XI, Cap. XXVII.*

Ver MUNDO.

A mesma massa corpórea pode tomar formas diversas: *Livro XXII, Cap. XIX.*

Corpo «animal» dos primeiros homens, imortal por privilégio: *Livro XIII, Cap. XXIII.*

Corpo espiritual ressuscitado. Sua natureza: *Livro XIII, Cap. XX.*

Suas qualidades e actividades: *Livro XIII, Cap. XXII.*

O corpo dos condenados após a ressurreição: *Livro XXI, Caps. II e X.*

O corpo e a dor: *Livro XXI, Cap. III. Ver FOGO. SOFRIMENTO.*

DIABO.

Os olhos corporais e a visão de Deus: *Ver VISÃO.*

O corpo humano não é o cárcere da alma: *Livro XII, Cap. XXVI.*

Os corpos corruptíveis podem durar eternamente: *Livro XIII, Cap. XVII.*

Os corpos terrestres separados dos celestes pela atracção da Terra: *Livro XIII, Cap. XVIII.*

Estado do corpo e sua mortalidade após a ressurreição: *Livro XIII, caps. XIX, XX, XXII, XL e XLV.*

O corpo é corruptível como castigo do primeiro pecado: *Livro XIV, Cap. III.*

Relação entre o corpo e a alma, segundo Varrão: *Livro XIX, Cap. III.*

A justa ordem do corpo é submeter-se à alma: *Livro XIX, Cap. IV.*

O corpo não morrerá no fogo eterno. Demonstra-se com argumentos da própria natureza: *Livro XXI, Cap. II.*

O corpo terrestre pode entrar no Céu: *Livro XXII, Cap. IV.*

União matéria-espírito: *Ib.*

Excelência e beleza do corpo humano: *Livro XXII, Cap. XXIV.*

Para que haja plena felicidade eterna, necessário é que o corpo se junte à alma: *Livro XXII, Cap. XXVI. Ver HOMEM. NATUREZA. METEMPSICOSE. PLATONISMO. CARNE. RESSURREIÇÃO.*

CORPO MÍSTICO.

O corpo místico de Cristo é constituído pelos fiéis a Cristo unidos no Seu sacrifício: *Livro X, Cap. VI.*

Somos integrados nesse corpo pelo baptismo e a Eucaristia: *Livro XXI, Cap. XX.*

O corpo místico torna «celestes» os corpos dos Cristãos: *Livro XIII, Cap. XXIII.*

Requisitos para se encontrar a salvação na Comunhão do Corpo Místico: *Livro XXI, Cap. XXV.*

Ele é a idade perfeita de Cristo: *Livro XXII, Caps. VIII.*

CRIAÇÃO. CRIADOR.

O único criador é Deus: *Livro VII, Caps. XXIX e XXX.*

Ele tudo criou num dia: *Livro XI, Cap. IX.*

O Mundo não pode existir sem ser «conhecido» por Deus: equivalem-se em Deus o ser, o conhecer e o agir: *Livro XI, Cap. X. Ver CIÊNCIA.*

O Mundo foi criado pela bondade de Deus: *Livro XI, Cap. XXI.*

O motivo da criação do Mundo não foi o pecado (Orígenes): *Livro XI, Cap. XXIII.*

Criação e imutabilidade divina: *Livro XI, Cap. IV.*

Deus criou o homem no tempo sem vontade nova: *Livro XII, Cap. XV.*

Deus criador de todos os seres vivos pelas suas ideias eternas: *Livro XII, Cap. XXVII; das almas e dos corpos: Livro XII, Cap. XXVIII.*

A acção criadora-informadora, imanente às criaturas: *Livro XII, Cap. XXVI. Ver CONFORMAÇÃO.*

Deus tanto criou os anjos como os menores seres: *Livro XI, Cap. IX.*

Deus tão grande é nas pequenas como nas grandes obras: *Livro XI, Cap. XXII.*

Criação dos anjos com a luz: *Livro XI, Cap. IX. Ver ANJOS.*

Sentido espiritual do sopro criador da alma: *Livro XII, Cap. XXIV e Livro XIII, Cap. XXIV.*

A alma não foi criada *ab aeterno*: *Livro XI, Cap. IV. Ver ETERNIDADE DO MUNDO.*

Porque é que o homem tão tarde foi criado? Absurdo da questão: *Livro XII, Cap. XIII.*

Criação da alma e da mulher de Adão: *Livro XII, Cap. XXIV.*

O Mundo foi criado «no começo»: *Livro XI, Cap. IV. Ver COMEÇO.*

Criação do tempo: *Livro XI, Cap. VI. Ver TEMPO.*

Deus continua a criar sustentando e aperfeiçoando: *Livro XXII, Caps. I e II.*

CRISTIANISMO. *Ver RELIGIÃO CRISTÃ.*

CRISTO. *Ver JESUS CRISTO.*

CRONOLOGIA.

Cronologia da viagem de Platão ao Egípto: *Livro VIII, Cap. XI.*

Comparação entre as cronologias gregas e a cronologia bíblica: *Livro XII, Cap. XI.*

Cronologia dos Patriarcas: *Livro XV, Cap. X;*

explicação dos anos curtos: *Livro XV, Caps. XII e XIV;*

falsidade da hipótese: *Livro XV, Caps. XII e XIV.*

Diferenças entre a cronologia do texto dos Setenta, desde Saul até Abraão: *Livro XVI, Cap. X.*

CULTO.

Culto de *latria* devido ao verdadeiro Deus: *Livro V, Cap. XV; Livro VI, prefácio; Livro X, Cap. I;*

sua prática na Cidade de Deus: *Livro XIX, Cap. XVII.*

Culto divino — verdadeira piedade: *Livro I, Cap. XXXVI; Livro V, Cap. XIX; Livro X, Cap. I;*

piedade que serve a Deus pela fé, a esperança e a caridade: *Livro V, Cap. XX.*

Diversos nomes gregos e latinos para designarem o culto de Deus: *Livro X, Cap. I.*

Culto de Deus e religião: *Livro X, Cap. I.*

Culto sem ídolos entre antigos romanos: *Livro IV, Cap. XXXI.*

Contradição entre o culto secreto e o culto público, entre os pagãos: *Livro II, Cap. XXVI.*

Os crimes dos deuses no culto pagão: *Livro VI, Cap. VI.*

Obscenidade do culto pagão: *Livro II, Caps. V e VII; Livro VI, Caps. VI e VII; Livro VII, Cap. XXVI.*

Obscenidade, mesmo no culto secreto: *Livro II, Cap. XXVI. Ver RELIGIÃO. DEUSES PAGÃOS.*

D

DEFUNTOS.

Pertencem à Igreja: *Livro XX, Cap. IX.*

Sepultar os mortos não é um acto indispensável: *Livro I, Cap. XII;*
mas é um acto recomendável: motivos: *Livro I, Cap. XIII.*

Deus ouve as nossas orações por eles: *Livro XXI, Cap. XXIV.*

DEMÓNIO. Ver DIABO.

Cinco notas por que se definem, segundo Apuleio: *Livro VIII, Cap. XVI.*

Crítica de Santo Agostinho à demonologia de Apuleio: *Livro VIII, Cap. XIV.*

Quatro categorias de demónios: *Livro IX, Cap. XI.*

Sua posição entre o homem terrestre e os deuses do éter: *Livro VIII, Cap. XIV; Livro IX, Cap. XVIII.*

Comparação com a alma humana: *Livro VIII, Cap. XV.*

Seu domínio sobre os homens: *Livro VIII, Cap. XXII.*

Necessidade da sua mediação, segundo Apuleio: **Ver MEDIADOR.**

Seu corpo. **Ver CORPO.**

Paixões do demónio: *Livro IX, Caps. III e VI. Ver PAIXÃO.*

O «demónio» de Sócrates: *Livro VIII, Caps. XIV e XXVII.*

Questão dos bons demónios: *Livro IX, Cap. II.*

O demónio segundo os Cristãos: **Ver DIABO.**

DESEJO. Ver CARNE. CONCUPISCÊNCIA. LIBIDO. PAIXÃO. VÍCIO.

Sentido geral (toda e qualquer paixão de apetite) e sentido próprio (desejo carnal) de «libido»: *Livro XIV, Cap. XV.*

Aparecem com o pecado: *Livro XIV, Cap. XVII.*

Violência e caprichos do libido no desejo sexual: *Livro XIV, Cap. VI.*

Vergonha no desejo carnal, mesmo no casamento: *Livro XIV, Cap. XVIII;*

mesmo entre os cínicos: *Livro XIV, Cap. XX.*

«Libido» e cólera: iguais na desordem, diferentes na vergonha: *Livro XIV, Cap. XI.*

O freio natural do pudor: *Livro XIV, Cap. XX.*

DESTINO. Ver Fatalidade.

DEUS (verdadeiro).

Prova da sua existência: *Livro VIII, Cap. VI; Livro XI, Cap. II.*

Definição: *Ego Sum Qui Sum: Livro XII, Cap. II.*

Definição de Cícero: *Livro XXII, Cap. XX.*

Essência pura que não pode ter contrário: *Livro XII, Cap. II.*

Presença incorpórea em todos os lugares e em todos os tempos: *Livro XI, Cap. V.*

Sua infinidade: **Ver INFINITO.**

Sua eternidade: **Ver ETERNIDADE.**

Simplicidade da sua natureza: *Livro XI, Cap. X;*

nas suas múltiplas perfeições: *Livro XI, Cap. X.*

Só Ele «é» o que «tem» porque é imutável: *Livro XI, Cap. X.*

Sua imutabilidade: na criação: *Livro XI, Cap. IV;*

no seu querer: *Livro XXII, Cap. II;*

na sua acção providencial: *Livro XII, Cap. XXI;*

Sua permanente acção sem mudança: *Livro XII, cap. XVIII.*

Deus invisível e sua acção visível: *Livro X, Cap. XII;*

milagre: *Livro X, cap. XIII;*

formas visíveis: *Livro X, Cap. XIV;*

benefícios sensíveis: *Livro X, Cap. XIV.*

Manifesta-se por intermédio dos anjos: **Ver ANJO.**

Não precisa dos nossos sacrifícios: *Livro X, Cap. V;*

Sua bondade soberana: *Livro XII, Cap. II;*

causa do mundo: *Livro XI, Cap. XXI. Ver CRIADOR.*

Sua virtude formadora e criadora: *Livro XII, Cap. XXVI.*

Informação criadora de Deus e causalidade das criaturas: *Livro XII, Cap. XXVI.*

A onipotência da sua vontade explica os milagres: *Livro XXI, Caps. VI e VII.*

É onipotente mas não pode mentir: *Livro XXII, Cap. XXV.*

Autor das naturezas: *Livro XXI, Cap. VIII. Ver NATUREZA.*

Sua acção nos corpos gloriosos: *Livro XXII, Cap. XIX.*

Só ele concede a verdadeira felicidade: *Livro IV;*

os bens e as provações. **Ver PROVIDÊNCIA.**

Para os eleitos é a fonte de todo o bem: *Livro XXII, Cap. XXX.*

Seus atributos por metáfora e analogia: Sua alma e Seus membros: *Livro XVIII, Cap. V.*

Seu arrependimento: *Livro XVIII, Cap. VII.*

Suas paixões: *Livro IV, Cap. V.*

Sua cólera: *Livro XV, Cap. XXV.*

O temor de Deus: é do homem todo: *Livro XX, Cap. III.*

Como se mantém o temor no Céu: *Livro XIV, Cap. IX.*

Deus e o pecado. **Ver PECADO. PROVIDÊNCIA.**

Sabedoria e ciência de Deus. **Ver CIÊNCIA. PREDESTINAÇÃO.**

SABEDORIA. TRINDADE.

DEUSES PAGÃOS.

Segundo Platão, são todos bons: *Livro VIII, Cap. XIII.*

Segundo os Platónicos distinguem-se dos demónios e, segundo Apuleio, são-lhes superiores: *Livro VIII, Cap. XIV.*

Na realidade identificam-se com os demónios, anjos caídos: *Livro II, Caps. IV, X e XXIV; Livro IV, Caps. I e XXVI; Livro VII, Caps. II e XXXII.*

«Todos os deuses dos gentios são demónios»: *Livro IX, Cap. XXIII.*

Sua origem. **Ver EVEMERISMO. POLITEÍSMO.**

Porque é que se lhes chama «pais de homens célebres»: *Livro III, Caps. III e IV.*

Suas guerras intestinas: *Livro IV, Caps. VII e XXX.*

Sua indiferença para com os valores morais: *Livro II, Caps. IV, XVI e XXII.*

Sua imoralidade: *Livro II, Caps. IV, V, VIII e X; Livro VI, Caps. VI e VII. Ver TEATRO.*

Obscenidade do seu culto. **Ver CULTO.**

Sua indignidade: *Livro VII, Caps. XXVII-XXIX;*

provada pelos livros de Numa: *Livro VII, Cap. XXXIV.*

Os seus vícios arrastam os homens para o mal: *Livro II, Caps. VII, XXV e XXVI.*

Ajudam ou desculpam os crimes dos homens: *Livro II, Cap. XXIV; Livro III, Caps. III, V e VI.*

Desinteressam-se pelo Império Romano: *Livro IV, Cap. VIII.*

São incapazes de o ajudar: *Livro III, Caps. VII, VIII, IX, XIV e XX; Livro IV, Caps. XXVIII-XXIX.*

São incapazes de dar não só a felicidade eterna como nem mesmo a terrestre: *Livro VI, Cap. I. Ver PAGANISMO. POLITEÍSMO. VARRÃO.*

DIABO. ANJO MAU ou DEMÓNIO.

Para os Cristãos, todo o demónio é Diabo: *Livro VIII, Cap. XIV; Livro IX, Cap. XIX.*

A palavra «demónio» significa «ciência que incha»: *Livro IX, Cap. XX.*

Origem do Diabo: o orgulho de certos anjos: *Livro XI, Cap. XIII.*

Questão do seu estado antes da queda: *Livro XI, Caps. XI e XIII.*

O primeiro pecado dos anjos: *Livro XII, Cap. IX.*

O Diabo «peca desde o começo» e «não se conserva na verdade»: *Livro XI, Caps. XIII e XV.*

Deus criou o Diabo «para o tornar objecto de mofa»: *Livro XI, Caps. XV e XVII.*

Conserva-o no ser: *Livro XXII, Cap. XXIV.*

O Diabo não tem carne nem paixões carnis: *Livro XIV, Cap. III.*

Os seus vícios provêm do orgulho. **Ver ORGULHO.**

Como é que ele sofre no seu corpo?: *Livro XXI, Caps. III e X.*

Carácter hipotético desse corpo: *Livro XXI, Cap. X. Ver CORPO.*

Pena do fogo que lhe é imposta: *Livro XXI, Cap. X. Ver INFERNO. FOGO.*

Seu papel na astrologia: *Livro V, Cap. VII.*

Ele obstrui o novo caminho para Deus: *Livro IX, Cap. XVIII.*

Sua ciência por conjecturas: *Livro IX, Cap. XXII.*

Imperfeição da sua ciência a respeito de Cristo: *Livro IX, Cap. XXI.*

Lançado no abismo por Cristo: *Livro XX, Cap. VII.*

À sua acção impõe Deus limites: *Livro XX, Cap. VIII.*

Mas no fim será desligado: *Livro XX, Cap. VIII.*

DILÚVIO.

A ocasião próxima do Dilúvio foi a mistura das duas cidades: *Livro XV, Cap. XXII.*

A sua causa foi a malícia dos homens: *Livro XV, Cap. XXIV.*

Sua historicidade: solução de objecções: *Livro XV, Cap. XXVII.*

Construção da Arca: *Livro XV, Cap. XXVI;*

a Arca, figura da Igreja. **Ver SIMBOLISMO.**

Os animais alojados na arca: *Livro XV, Cap. XXVII.*

Sobreviveu Matusalém ao Dilúvio?: *Livro XV, Cap. XI.*

O Dilúvio recordado na Grécia: *Livro XVIII, Cap. XII.*

O Dilúvio de Deucalião: *Livro XVIII, Caps. VIII e X.*

DIREITO. Ver JUSTIÇA. DOMÍNIO.

DOMÍNIO.

O justo direito de domínio: *Livro XIX, Cap. XVI. Ver JUSTIÇA.*

E

ENCARNAÇÃO. REDENÇÃO.

Obra-prima da Graça em Jesus: *Livro X, Cap. XXIX.*

Realizada na plenitude dos tempos: *Livro XVIII, Caps. XLV e XLVI.*

Objecções de Porfírio contra a Encarnação: *Livro X, Cap. XXIX.*

A Redenção por Cristo, incompatível com os ciclos eternos: *Livro XII, Cap. XIV.*

Benefício da Providência: *Livro VII, Cap. XXXI.*

Seu anúncio profético: **Ver PROFECIA.**

Humildade do Verbo Encarnado: *Livro X, Cap. XXIX.*

EPICURISMO.

Seus princípios morais: *Livro XIV, Cap. II.*

O nosso fim último está no prazer: *Livro XIX, Cap. XII.*

As virtudes estão submetidas ao prazer: *Livro V, Cap. XX.*
Coloca nos sentidos o critério da verdade: *Livro VIII, cap. VII.*
Teoria das Paixões: **Ver PAIXÃO.**

ESCRAVATURA.

A origem da escravatura está no pecado e não na natureza: *Livro XIX, Cap. XV.*

Como deve o chefe de família (*pater familias*) tratar os seus escravos: *Livro XIX, Cap. XVI.*

Em relação à moral e ao pecado, o escravo honrado é livre e o malvado livre é escravo: *Livro IV, Cap. III.*

Guerra dos Escravos: *Livro III, Cap. XXVI.*

ESCRITURA SAGRADA.

A sua autoridade é superior a toda a literatura pagã: *Livro XI, Cap. I.*

Sua autoridade e a regra de fé: *Livro XI, Cap. XXXIII.*

Valor da língua original: *Livro XV, Cap. XIII.*

Sua inspiração garantida pela autoridade canónica: *Livro XV, Cap. XXIII.*

A Escritura revela-nos Deus: *Livro XI, Cap. III.*

Vantagem da sua obscuridade: *Livro XI, Cap. XIX.*

Diversos sentidos da Escritura: **Ver EXEGESE.**

Fim profético da Escritura: *Livro XVI, Cap. II.*

Possíveis erros dos copistas, nomeadamente quanto a números: *Livro XV, Cap. XIII;*

um exemplo — Gál. III, 19 (*Semen Dispositum*): *Livro X, Cap. XXIV.*

Livros atribuídos a Salomão. Sua canonicidade: *Livro XVII, Cap. XX.*

Canonicidade da Epístola aos Hebreus. Reserva de Agostinho: *Livro XVI, Cap. XXII.*

Os apócrifos. Motivos por que são rejeitados: *Livro XV, Cap. XXIII.*

A tradução dos Setenta: *Livro XVIII, Caps. XL-XLIV. Ver SETENTA.*

Apócrifos atribuídos aos antigos patriarcas, Noé e Enoc: *Livro XVIII, cap. XXXVIII.*

A escrita em geral e a sua invenção: **Ver PALAVRA.**

O livro dos Macabeus não é incluído no Cânon dos Judeus: *Livro XVIII, Cap. XXXVI.*

Versões diversas do hebraico e do grego. Versão latina do hebraico por Jerónimo: *Livro XVIII, Cap. XLIII. Ver ALLIANÇA. EXEGESE. PROFETAS.*

ESPÍRITO (MENS).

O Espírito Santo, terceira Pessoa da Trindade: *Livro XIII, Cap. XXIV.*

Conferido à Igreja no Pentecostes: *Livro XVIII, Cap. XLIV.*

Não foi conferido ao homem ao ser criado: *Livro XIII, Cap. XXIV.*

Deus Pai, chamado Espírito paterno (Porfírio): *Livro X, Caps. XXIII e XXVIII.*

Deus é Espírito: sentidos espirituais desta palavra: *Livro XIII, Cap. XXIV. Ver TRINDADE.*

Espírito divino, princípio do mundo (Anaxágoras): *Livro VIII, Cap. II.*

O espírito criado: no homem, como alma espiritual, próxima de Deus: *Livro XI, Cap. II.*

Suas duas faculdades — Razão e inteligência: *Livro XII, Cap. XXIV.*

Conferido por Deus com a razão: *Livro XXII, Cap. XXIV.*

Espírito e os «Teletas»: *Livro X, Cap. IX.*

No Céu, o espírito move o corpo à vontade: *Livro XXII, Cap. XXX.*

É indirectamente visível pelas suas actividades no sensível: *Livro XXII, Cap. XXIX.*

Como o espírito do Profeta vê à distância: *Livro XXII, Cap. XXIX. Ver VISÃO.*

O espírito dos demónios entregue às paixões; *Livro IX, Cap. VI. Ver DEMÓNIO. RAZÃO.*

ESTADO. *Ver REPÚBLICA (Res publica).*

ESTÁTUAS.

Segundo Varrão, pretendem recordar-nos a alma do mundo quando contemplamos as representações humanas dos deuses: *Livro VIII, Cap. V.*

Segundo Varrão, as estátuas dos deuses são uma degradação do velho culto romano: *Livro IV, Cap. XXXI.*

ESTOICISMO.

Zenão e Crisipo, fundadores do estoicismo: *Livro IX, Cap. IV.*

A psicologia estóica de Varrão: *Livro VII, Cap. V.*

As paixões segundo o estoicismo: *Livro IX, Cap. IV.*

Teoria das «permanências» (*Constantiae*) e das «paixões», no estoicismo: *Livro XIV, Cap. VIII.*

Confronto entre a sua doutrina e a Sagrada Escritura: *Livro XIV, Cap. VIII.*

Teoria da ἀπρόθενα (impassibilidade): *Livro XIV, Cap. IX.*

Exemplo do estóico na tempestade: *Livro IX, Cap. IV.*

Paradoxo estóico que suprime a dor: *Livro XIX, Cap. IV.*

Estoicismo e suicídio. *Ver SUICÍDIO. SABEDORIA ESTÓICA.*

Doutrina do último fim: a virtude como soberano bem: *Livro V, Caps. I, XIX e XX.*

A vida estóica é também vida segundo a carne: *Livro XIV, Cap. II.*

Sua teoria da única cidade dos anjos e dos homens: *Livro XIX, Cap. IX.*

Teoria sobre a excelência do Mundo (Varrão): *Livro VI, Cap. V.*
Ver CÍCERO. FILOSOFIA. SÊNECA. VARRÃO.

ETERNIDADE.

A eternidade e o tempo: *Livro XI, Cap. VI.*

Duração sem começo: *Livro XII, Cap. XIII.*

Eternidade da beatitude celeste: *Livro XIX, Cap. XXVII.*

Vida do Céu: *Livro II, Cap. XXXIX.*

Sentido da eternidade prometida à *Cidade de Deus*: *Livro XXII, Cap. I.*

Idêntica eternidade, quer para a bem-aventurança dos Santos, quer para as penas do inferno: Dogma da fé: *Livro XXI, Cap. XXIII.*

Eternidade do Inferno. *Ver INFERNO.*

Eternidade dos deuses e da sua felicidade: *Livro IX, Cap. XIII;*
dos demónios (na definição de Apuleio): *Livro VIII, Cap. XVI.*

Eternidade corporal dos demónios: *Livro IX, Cap. IX;*
essa eternidade torna-os inferiores aos homens: *Livro IX, Cap. X;*
sua miséria eterna (segundo Apuleio): *Livro IX, Cap. XIII.*

Eternidade do homem: opiniões dos antigos filósofos: *Livro XII, Cap. X.*

Eternidade e imortalidade da alma: o que começa acaba (platónicos): *Livro X, Cap. XXXI.*

O mundo eterno, ser vivo: *Livro X, Cap. XXIX.*

Possibilidade da eternidade do mundo: exemplo da «pegada na poeira»: *Livro X, Cap. XXXI.*

Os ciclos eternos do mundo: *Livro X, Cap. XXX.*

Os retornos periódicos das civilizações: *Livro XII, Cap. XIV;*
necessários para a ciência divina (objecção dos pagãos): *Livro XII, Cap. XVIII.*

Os ciclos eternos opõem-se aos dogmas: da Redenção: *Livro XII, Cap. XIV. Ver ENCARNAÇÃO;*

e da beatitude celeste: *Livro XI, Cap. IV e Livro XII, Cap. XXI.*

EUCARISTIA.

Sacramento do altar, verdadeiro sacrifício de Cristo e da Igreja: *Livro X, Cap. VI.*

Os «misericordiosos» consideram-na como garantia de Salvação, apesar do pecado: *Livro XXI, Caps. XX e XXV. Ver MISERICORDIOSOS.*

Não é garantia absoluta de Salvação se, com o corpo de Cristo «no Sacramento», se não comunga o corpo de Cristo «na realidade»: *Livro XXI, Cap. XXV. Ver CORPO MÍSTICO. IGREJA. SACRIFÍCIO.*

EVEMERISMO.

Divinização dos homens entre os Gregos e os Romanos: *Livro II, Cap. V.*

Teoria de Cévola: *Livro IV, Cap. XXVII.*

Quase todos os deuses são homens falecidos: *Livro VIII, Cap. XXVI.*

Aplicação do evemerismo: no Egipto (Ápis): *Livro XVIII, Cap. V;*
na Grécia: *Livro XVIII, Cap. VIII;*
entre poetas-teólogos: *Livro XVIII, Cap. XIV;*
entre os Troianos (Diomedes): *Livro XVIII, Cap. XVI;*
em Roma (Eneias e Rómulo): *Livro XVIII, Caps. XIX e XXIV;*
os deuses «selectos» de Varrão: *Livro VII, Caps. XVIII e XXVII;*
as teorias de Numa: *Livro VII, Cap. XXXV.*

EXEGESE.

Na exegese, é normalmente preferível a regra do sentido próprio das palavras: *Livro XIV, Cap. VIII;*

a regra da «economia das revelações progressivas»: *Livro XIII, Cap. XXIII;*

um exemplo, na vida de Noé e de Taré, da regra da «recapitulatio»: *Livro XVI, Cap. XV.*

Exegese espiritual. Exemplo tomado do Génesis: *Livro XIV, Cap. XXI.*

Exegese alegórica. *Ver SIMBOLISMO.*

O tríplice sentido das profecias. *Ver PROFETA.*

EXPERIÊNCIA.

Dogma e experiência humana: *Livro XXI, Cap. XXXI.*

Conhecimento experimental. *Ver CONHECIMENTO.*

A experiência repetida de factos maravilhosos provoca a indiferença, em vez do entusiasmo: *Livro XXI, Cap. IV.*

Experiência dos factos naturais opostos às leis do peso: *Livro XXII, Cap. XI.*

F

FAMÍLIA. Ver **CASAMENTO**.

FATALIDADE. (DESTINO).

Natureza do destino ou fatalidade: opiniões: *Livro V, Cap. I.*

Identificação do destino com a conexão das causas e efeitos e a vontade de Deus: *Livro V, Cap. VIII.*

A fatalidade não foi causa do Império: *Livro V, Cap. I.*

Refutação pelo argumento dos gémeos: *Livro V, Cap. II;*

os gémeos de sexos diferentes: *Livro V, Cap. VI;*

os gémeos Isaac e Jacob: *Livro V, Cap. IV;*

objecção ineficaz do oleiro: *Livro V, Cap. III.*

Fatalidade e liberdade: *Livro V, Cap. IX.*

Astrologia, ciência vã. Ver **ASTRONOMIA**.

FÉ.

Funda-se no testemunho, humano e divino: *Livro XI, Cap. III;*

exemplo de testemunho humano: acerca do ambiente do Olimpo: *Livro XV, Cap. XXVII.*

Motivos sobrenaturais de credibilidade. Ver **APOLOGÉTICA**.

Crer e ver, cá e no Céu: *Livro XX, Cap. XXI.*

Crer para compreender (a ressurreição): *Livro XX, Cap. XX.*

A fê e a sua recompensa — não neste Mundo, mas no Além: sustentáculo dos mártires: *Livro XIII, Cap. IV.*

Deve purificar o espírito para ver a Deus: *Livro XI, Cap. II.*

Só ela nos desvenda o Céu: *Livro XXII, Cap. XXIX.*

E é ela que concede a paz à *Cidade de Deus* em exílio na Terra: *Livro XIX, Cap. XVII.*

É indispensável para conhecermos e atingirmos o nosso fim último: *Livro XIX, Cap. IV.*

A mesma fê em Cristo é que salva todos os justos, antes e depois de Jesus Cristo: *Livro XVIII, Cap. XLVII.*

Fé de Sara ao nascer Isaac: *Livro XVI, Cap. XXXI.*

Fé de Abraão na promessa, depois do sacrificio de Isaac: *Livro XVI, Caps. XXIII e XXXII;*

é comparável à de Maria: *Livro XVI, Cap. XXIV.*

Milagre da fê do mundo: *Livro XX, Cap. V.*

Crença da *Cidade de Deus* na evidência sensível e na Escritura: *Livro XIX, Cap. XVIII.*

Fé dos antigos romanos e fê cristã: *Livro XXII, Cap. VI.*

A «fê jurada», motivo de guerra justa: *Livro XXII, Cap. VI.*

A fê como deusa: *Livro IV, Caps. XX e XXI.*

A fê está incluída na virtude como parte principal da justiça: *Livro IV, Cap. XX.*

FELICIDADE (BEATITUDE).

É por todos desejada: *Livro X, Cap. I.*

Obtém-se por amor de Deus: *Livro X, Caps. I e II.*

Incapacidade dos deuses para a concederem: *Livro VI, Cap. I. Ver*

DEUSES PAGÃOS.

É uma dádiva do verdadeiro Deus: *Livro IV, Caps. XXV, XXVI e XXXIII.*

A beatitude é própria dos seres racionais se estiverem unidos a Deus: *Livro XII, Cap. I.*

Suas condições — ter o que se deseja: *Livro XIV, Cap. XXV;*

eternamente: *Livro XI, Caps. XI e XIII;*

na verdade e na segurança: *Livro X, Cap. XXX.*

Ela exclui os ciclos eternos. **Ver ETERNIDADE DO MUNDO.**

Problema da felicidade dos anjos e dos demónios antes da queda: *Livro XI, Caps. XI e XIII.*

Problema da felicidade na Cidade Terrestre: *Livro XIX, Cap. I.*

Felicidade dos homens no Paraíso Terrestre: *Livro XIV, Cap. X.*

Felicidade dos homens no Paraíso Terrestre comparada à felicidade actual dos justos: *Livro XI, Cap. XII.*

Eterna beatitude do Céu: *Livro XIX, Cap. XXVII e Livro XXII, Cap. XXX.*

Alegria — uma das quatro paixões: *Livro XIV, Cap. XXVII. Ver PAIXÃO.*

Alegria com o nascimento de Isaac: *Livro XVI, Cap. XXXI.*

FIGURA. Ver SÍMBOLO.

FILOSOFIA.

Filosofia — amor da sabedoria: *Livro VIII, Cap. I.*

Definição de *Pitágoras*: *Livro VIII, Cap. II.*

Filósofo é o que ama a Deus: *Livro VIII, Caps. I, V e VIII.* (Santo Agostinho).

Definição atribuída a *Platão*: *Livro VIII, Cap. XI.*

É a busca da felicidade (fim último): *Livro XIX, Cap. I.* (Varrão).

É uma obra dos deuses para suavizar os nossos males: *Livro XXII, Cap. XXII.* (Cícero).

Os profetas, verdadeiros filósofos, todos de acordo: *Livro XVIII, Cap. XLI.*

Os filósofos pré-socráticos: *Livro VIII, Cap. II.*

A filosofia de Sócrates: *Livro VIII, Cap. III.*

Contradições dos filósofos gregos — causas e exemplos: *Livro XVIII, Cap. XLI.*

As suas escolas não foram capazes de evitar a queda dos costumes: *Livro I, Cap. VII.*

Filosofia céptica da Cidade Terrestre: *Livro XIX, Cap. XVIII. Ver ACADÉMICOS.*

Filosofia eclética: exemplo de Antíoco de Escalon: *Livro XIX, Cap. III.*

Filosofia platónica como a filosofia por excelência. *Ver PLATONISMO.*

Filosofia agustiniana. *Ver PLATONISMO CRISTÃO.*

FIM.

Fim diferente das duas cidades: *Livro XVIII, Cap. LIV.*

Definição de fim último, no bem e no mal (*finis bonorum et malorum* ou bem supremo e mal supremo): *Livro XIX, Cap. I.*

Sentido do problema dos fins entre os filósofos pagãos: *Livro XIX, Cap. I.*

As 288 seitas de Varrão em função do *fim último.*

Resposta da *Cidade de Deus*: o nosso fim está em Deus e não em nós próprios: *Livro XIX, Cap. IV.*

O nosso fim não está nesta vida cheia de misérias: prova pelas quatro virtudes teologais: *Livro XIX, Cap. IV.*

Oposição dos fins de cada cidade: *Livro XIX, Cap. XVII.*

Paz eterna, beatitude final: *Livro XIX, Cap. X.*

Vida e paz eterna — último fim da Cidade de Deus: *Livro XIX, Cap. XI.*

Definição de Céu como fim derradeiro: *Livro XXII, Cap. XXX. Ver BEATITUDE. CÉU. PAZ. VARRÃO.*

FOGO.

Um dos quatro elementos: *Livro XXI, Cap. XIII.*

Lugar do fogo entre os quatro elementos: no alto: *Livro XXII, Cap. XI.*

Fogo terrestre e fogo celeste: *Livro XXII, Cap. XI.*

As maravilhas do fogo: *Livro XXI, Cap. IV.*

O fogo — lugar onde vivem certos animais: *Livro XXI, Cap. II.*

Fogo do inferno. *Ver INFERNO.*

Fogo purificador — testemunho de Virgílio: *Livro XXI, Cap. XIII.*

O fogo que salva (I Corínt., II, 13) não pode ser o fogo do Inferno: *Livro XXI, Cap. XXVI. Ver PENAS ETERNAS. PENAS PURIFICADORAS.*

FRATRICÍDIO. *Ver MORTE.*

G

GENEALOGIAS.

Porque se referem tão poucas: *Livro XV, Cap. XX.*

Estão orientadas para Abraão e Cristo: *Livro XV, Cap. XV.*

Comparação com a de Cristo em Mateus I, 2 e seg.: *Livro XV, Cap. XV.*

Genealogia de Sem centrada em Héber: *Livro XVI, Cap. III.*

Genealogia dos dois testemunhos da *Cidade de Deus* — Seth: *Livro XV, Caps. XX e XXI;*

e Sem: *Livro XVI, Cap. X.*

As mulheres nas genealogias das duas cidades: *Livro XV, Cap. XVII.*

Simbolismo das genealogias. *Ver CRONOLOGIA. SIMBOLISMO.*

GERAÇÃO. Ver MATRIMÓNIO.

GIGANTES.

Sua existência antes do Dilúvio: *Livro XV, Cap. IX.*

Sua possibilidade provada por factos: *Livro XV, Cap. XXIII.*

Razão da sua existência: lição para os justos: *Livro XV, Cap. XXIII.*

O Gigante Nebroth ou Nemroth, contemporâneo de Héber: *Livro XVI, Cap. XI;*

fundador de Babilónia: *Livro XVI, Cap. III;*

o seu orgulho: *Livro XVI, Cap. IV.*

GLÓRIA.

A mais ardente paixão dos antigos romanos: *Livro V, Cap. XII.*

A glória humana, embora seja um vício, é considerada como uma virtude porque refreia vícios maiores: *Livro V, Cap. XIII.*

A verdadeira glória verificar-se-á na eterna felicidade: *Livro XXII, Cap. XXX.*

GRAÇA.

A graça no Novo Testamento, via de salvação: *Livro X, Cap. XXXII.*

É ela que constrói a *Cidade de Deus*: *Livro XX, Cap. XVII.*

A graça nos anjos bons: *Livro XII, Cap. IX.*

Ela distingue, desde a origem, a *Cidade de Deus*, em Enós, filho de Set: *Livro XV, Cap. XXI.*

Foi anunciada e simbolizada pela circuncisão: *Livro XVI, Cap. XXIV;*

anunciada aos humildes pelo Cântico de Ana: *Livro XVII, Cap. III.*

É necessária ao homem, no Paraíso, para não pecar: *Livro XIV, Cap. XXVIII*;

para reparar o pecado original: *Livro XXI, Cap. XII*;

para evitar o pecado: *Livro XIII, Cap. V*;

a graça liberta-nos da segunda morte: *Livro XIII, Caps. XI e XXIII*;

para nos purificar e vencer o Diabo: *Livro X, Cap. XXII*;

a graça e as paixões: *Livro XV, Cap. IV*.

Origem das vitórias no combate cristão: *Livro XXII, Cap. XXIII*.

Graça interior e predicação frutuosa da verdade: *Livro XV, Cap.*

VI.

Seu poder nas provações, para evitar o pecado: *Livro I, Cap. XXVIII*.

Seu papel na santificação das provações desta vida: *Livro XXI, Cap. XV*.

Só ela nos liberta das misérias desta vida: *Livro XXI, Cap. XXII*.

É necessária para a paz terrestre: *Livro XIX, Cap. XXVII*.

No Céu, é fonte de liberdade: *Livro XXI, Cap. XXX*,

e superabundante: *Livro XXII, Cap. XXIX*.

Sua intervenção para se alcançar a sabedoria, na opinião de Porfírio: *Livro X, Cap. XXIX*.

Acção da graça devida aos benefícios divinos: *Livro VII, Cap. XXXI*.

GRAMÁTICA. RETÓRICA.

A propriedade de linguagem nos autores sagrados e profanos: *Livro XIV, Cap. VIII*.

Uso do neologismo *essentia* (οὐσία): *Livro XII, Cap. II*.

Sentido da expressão «antes da morte». Perfeito de *mori*: *Livro XIII, Cap. XI*.

Sentido de *formavit* e *finxit*: *Livro XIII, Cap. XXIV*.

Sentido de *Amor*: *Caritas, dilectio*: *Livro XIV, Cap. VII*.

Sentido de *Campestris*: origem da palavra: *Livro XIV, Cap. XVII*.

Nota gramatical acerca da narrativa da Torre de Babel: *Livro XVI, Cap. VI*.

Tradução de αἰώνιον por *saeculum* em vez de *saeculare*: *Livro XVI, Cap. XXVI*.

A palavra *quaero* da mesma família de *quaestus* (ganho): *Livro XVII, Cap. VI*.

Alusão às três disciplinas: gramática, dialéctica, retórica: *Livro XXII, Cap. V*.

Exemplo de retórica na descrição dos males terrestres: *Livro XXII, Cap. XXII*,

e na dos bens: *Livro XXII, Cap. XXIV*.

Uma transição: *Livro XXI, Cap. XXV.*

Figura de estilo explicando o *repouso de Deus (metáfora)*: *Livro XI, Cap. VIII.*

A *hipérbole*: definição e aplicação à história de Abraão: *Livro XVI, Cap. XXI.*

Explicação de *antítese*: *Livro IX, Cap. XVIII.*

Três versos *hexâmetros* augustinianos acerca do círio pascal: *Livro XV, Cap. XXII.*

GUERRA.

A sua origem no pecado do primeiro homem explica as suas atrocidades: *Livro XIX, Cap. XII.*

Ela procura a paz: *Livro XIX, Cap. XII.*

Não há guerra sem paz: *Livro XIX, Cap. XIII.*

Moralidade das guerras de conquista: *Livro IV, Cap. III.*

Sua injustiça entre os Romanos: *Livro IV, Cap. XV.*

O soldado pode matar para obedecer ao chefe: *Livro I, Cap. XXVI.*

Motivos válidos de guerra: *Livro XXII, Cap. VI.*

Seus estragos na Cidade Terrestre: *Livro XV, Cap. IV.*

Ela está na origem do Império Romano: *Livro III, Cap. X.*

Ela está na origem da sua dilatação: *Livro IV, Cap. III.*

Ela está na origem do Império da Assíria: *Livro IV, Cap. VII.*

Guerras entre os povos. Seu número e crueldade antes de Cristo: *Livro III, Caps. XVII-XX.*

As guerras civis: *Livro III, Caps. XXIII-XXXI.*

Guerra dos gladiadores: *Livro III, Cap. XXVI; Livro V, Cap. V.*

Guerra das duas cidades. **Ver CIDADE.**

A luta do cristão depois do baptismo é necessária para a salvação: *Livro XXI, Cap. XVI.*

A guerra ao vício é melhor que a paz no mal: *Livro XXI, Cap. XV.*

Guerra eterna do Inferno: *Livro XIX, Cap. XXVIII.*

H

HARMONIA. *Ver BELEZA.*

HERMES TRISMEGISTO.

Exposição e crítica da demonologia de Hermes: *Livro VIII, Caps. XXIII e XXIV.*

Sua teoria da invenção de deuses pelos homens: *Livro VIII, Cap. XXIII.*

Sua condenação dos ídolos e dos inventores de deuses: *Livro VIII, Cap. XXIV.*

Suas predições acerca da religião Cristã no Egipto: *Livro VIII, Cap. XXIII. Ver MÁRTIRES. POLITEÍSMO. PROFETISMO PAGÃO.*

HERÓI.

O vocábulo procede de Ἥρα, nome grego de Juno. Este nome relaciona-se com Ar, morada dos espíritos superiores ou demónios: *Livro X, Cap. XXI.*

HIDROMÂNCA. *Ver MISTÉRIO.*

HISTÓRIA.

Baseada no testemunho. *Ver FÉ.*

História profana e História Santa: primazia desta: *Livro XVIII, Cap. XL.*

Preocupação de autenticidade, em Santo Agostinho, relativamente aos factos miraculosos: *Livro XXII, Cap. VIII.*

HOMEM.

Define-se como animal racional: *Livro XXII, Cap. XXIV,*

e mortal: *Livro XVI, Cap. VIII;*

definição de Apuleio: *Livro IX, Cap. VIII.*

A natureza do homem é intermédia entre o anjo e o bruto: *Livro XI, Cap. XXII,*

é formada de corpo e alma: *Livro XIII, Cap. XXIV.*

Divisão tripartida dos Platónicos: *Livro X, Cap. XXVII.*

Sua unidade comparada à do Verbo Encarnado: *Livro X, Cap. XXIX.*

Sua antiguidade: *Livro XII, Caps. X-XIV.*

Sua criação. *Ver CRIAÇÃO.*

Sua unidade na criação, símbolo da paz: *Livro XII, Caps. XXII e XXVIII.*

Todos os homens descendem de Adão, mesmo os monstros: *Livro XVI, Cap. VIII.*

Unidade da espécie humana: *Livro XVI, Cap. VIII.*

Diferença de sexos: razão providencial: *Livro XIV, Cap. XXII.*

O sexo feminino na ressurreição: *Livro XXII, Cap. XVII.*

Eternidade da raça humana: *Ver ETERNIDADE.*

Beatitude do homem: *Ver FELICIDADE.*

Queda do homem. *Ver PECADO (original).*

HUMILDADE.

Fundamento da *Cidade de Deus*: é ela que nos eleva, submetendo-nos a Deus: *Livro XIV, Cap. XIII.*

É necessária para a fê na Encarnação: *Livro X, Cap. XXIX.*
Falta ao pecador: *Ver ORGULHO.*
A humilhação — remédio do orgulho: *Livro I, Cap. XXVIII.*
Humildade de Deus: *Ver ENCARNAÇÃO.*

IDEIA. *Ver PLATONISMO. RAZÃO. ILUMINAÇÃO.*

ÍDOLO. IDOLATRIA. *Ver POLITEÍSMO. DEUSES PAGÃOS.*

I

IGREJA.

É a *Cidade de Deus: Liv. XVI, Cap. II; Liv. XVII, Cap. XVI; Liv. XX, Cap. VII.*

É o reino de Deus na Terra, Cidade de Deus em peregrinação: *Livro XX, Cap. IX.*

Sua difusão por toda a Terra: *Livro XVIII, Cap. L.*

Igreja Universal, Cidade de Deus, Casa de Deus, Templo de Deus: *Livro XVIII, Cap. XLVII.*

Sua glória maior que a do antigo Templo, profetizada: *Livro XVIII, Cap. XLV,*

e realizada: *Livro XVIII, Cap. XLVIII.*

Seu advento com Cristo: *Livro XVIII, Cap. XLVI.*

Sua unidade. *Ver UNIDADE.*

Seu misterioso futuro (ninguém conhece a sua duração): *Livro XVIII, Cap. XLII.*

A prova da heresia — sua utilidade: *Livro XVIII, Cap. LI;*

e dos maus cristãos: *Livro XVIII, Cap. LI.*

Seu desenvolvimento no tempo de Santo Agostinho: *Livro XVIII, Cap. LIV.*

Seus membros desconhecidos, cá na Terra: *Livro I, Cap. XXXV,*
entre os pagãos: *Livro XVIII, Cap. XLVII.*

Sua constituição hierárquica na Terra, e seus membros após a morte: *Livro XX, Cap. IX.*

Todo o cristão deve manter-se-lhe fiel, mesmo que seja injustamente condenado: *Livro V, Cap. XXVIII.*

Na Missa, a Igreja santifica-se com Cristo: *Livro X, Cap. VI,*

Ela é protegida contra o Diabo duma forma especial: *Livro XX, Caps. VII e VIII.*

Ora por certos defuntos — não pelos condenados: *Livro XXI, Cap. XXIV. Ver ORAÇÃO.*

Igreja dos predestinados: *Livro XX, Cap. VII.*

Reunião dos eleitos, segundo Isaías: *Livro XX, Cap. XXI.*

Tempo da Igreja, desde Abel até ao fim do Mundo: *Livro XVIII, Cap. LI.*

A Igreja purificada no juízo derradeiro: *Livro XX, Cap. XXV.*

A Igreja do Céu. *Ver CÉU. CIDADE CELESTE. MILENARISMO. CISMA. CISMÁTICO.*

ILUMINAÇÃO. LUZ.

Teoria augustiniana atribuída a Platão: *Livro VIII, Cap. VII.*

É participação da luz do Verbo: *Livro XI, Cap. IX.*

A mesma teoria se encontra em Plotino. Cfr. Evangelho de S. João (Cap. I): *Livro X, Cap. II.*

Ação da luz imutável no espírito purificado pela fé: *Livro XI, Cap. II.*

A luz incorpórea aclara o sentido do espírito: *Livro XI, Cap. III.*

Comparação entre luz da verdade e luz física: *Livro XI, Caps. XIX e XX,*

e entre luz corporal e incorpórea (Sabedoria divina): *Livro XI, Cap. X.*

Luz intelectual participada de Deus, fonte de beatitude: *Livro X, Cap. II.*

Luz do primeiro dia, ou física, origem do Sol, ou espiritual, Jerusalém Celeste: *Livro XI, Cap. VII.*

A iluminação nos anjos, ciência do Verbo: *Livro IX, Cap. XXII.*

Criadora dos anjos na Sabedoria do Verbo: *Livro XI, Caps. IX e XI.*

Luz significando os anjos. *Ver ANJO.*

IMAGEM.

O homem foi criado, na sua alma, à imagem de Deus: *Livro XII, Cap. XXI.*

Esta imagem mantém-se apesar do pecado: *Livro XXII, Cap. XXIV.*

Imagem da SS. Trindade. *Ver TRINDADE.*

IMORTALIDADE.

É essencial nos anjos: *Livro XI, Cap. XI.*

Privilégio do homem antes do pecado original: *Livro XII, Cap. XXI; Livro XIII, Caps. III, XIX e XXIV; Livro XIV, Cap. X.*

Em Adão, estava garantida pela árvore da vida: *Livro XIII, Cap. XXIII.*

Imortalidade da alma humana, do anjo, mesmo do pecador, do homem ressuscitado: *Livro XIII, Cap. XXIV.*

Eternidade e imortalidade: *Ver ETERNIDADE.*

IMPERADOR. IMPÉRIO (reino).

Vantagem do império dos bons: *Livro IV, Cap. III.*

Sem justiça, os reinos são quadrilhas de ladrões: *Livro IV, Cap.*

IV.

Dependem da Providência divina: *Ver PROVIDÊNCIA,*
e não dos deuses. *Ver DEUSES PAGÃOS.*

Retrato ideal do imperador cristão: *Livro V, Cap. XXIV;*

dois exemplos: Constantino: *Livro V, Cap. XXV,*

e Teodósio: *Livro V, Cap. XXVI.*

Reino de Deus. *Ver IGREJA.*

Império Romano. *Ver ROMA.*

INFERNO.

O inferno e o seu fogo eterno — dogma da fé: *Livro XXI, Caps. IX e XXIII.*

Sua extensão a todos os pecadores: *Livro XXI, Cap. XXIII.*

Objecções pagãs contra o fogo eterno: sua refutação: *Livro XXI, Caps. II-VIII.*

Duplo sentido possível — corporal e espiritual — do Inferno predito como *verme* e como *fogo* eterno: *Livro XXI, Cap. IX.*

Como é que esse fogo atinge os espíritos, os demónios e as almas humanas sem corpo: *Livro XXI, Cap. X.*

Explicação das penas eternas pela justiça e a misericórdia divinas, após o pecado: *Livro XXI, Cap. XII.*

Sua justiça proporcionada à malícia e não à duração dos pecados: *Livro XXI, Cap. XI.*

A misericórdia de Deus exerce-se mesmo no Inferno: *Livro XXI, Cap. XXIV.*

Os infernos — morada dos Patriarcas, lugar a que desceu Cristo: *Livro XX, Cap. XV.*

INFINITO.

Tanto o infinito do espaço como o infinito do tempo é imaginário: *Livro XI, Cap. V.*

Segundo os pagãos, o infinito não pode ser objecto da ciência: *Livro XII, Cap. XVII.*

Resposta da Escritura: os números são conhecidos de Deus e são infinitos: *Livro XII, Cap. XIX.*

Número infinito dos princípios de Anaximandro, o ar infinito de Anaxímenes, matéria infinita de Anaxágoras: *Livro VIII, Cap. II.*

INFORMAÇÃO. FORMAÇÃO, FORMA. *Ver CONFORMAÇÃO.*

A formação reservada a Deus ou acessível ao homem: dois gêneros de formas: *Livro XII, Cap. XXVI.*

INFORMAÇÃO DA CIDADE Angélica pela Trindade: *Livro XII, Cap. XXIV.*

INSPIRAÇÃO. *Ver ESCRITURA SAGRADA.*

INTELIGÊNCIA. *Ver ESPÍRITO-RAZÃO.*

INTERCESSÃO (DE CRISTO — DOS SANTOS). *Ver MEDIAÇÃO.*

INTUIÇÃO. *Ver VERDADE.*

J

JESUS CRISTO.

Seus antepassados — Isaac: *Livro XVI, cap. XXX;*

de Isaac a Judá: *Livro XVI, Cap. XLI;*

David, pai do Messias: *Livro XVI, Cap. XLIII.*

Seu nascimento sob o principado de César: *Livro III, Cap. XXX,*

na plenitude dos tempos: *Livro XVIII, Caps. XLV e XLVI.*

Ver ENCARNAÇÃO.

E foi exemplo de boas paixões: *Livro XIV, Cap. IX.*

Sacerdote e vítima do seu sacrifício: *Livro X, Caps. VI e XX.*

Fonte de salvação do Antigo Testamento: *Livro X, Cap. XXV.*

Assumindo-os, purifica as três partes do homem: inteligência, espírito e corpo: *Livro X, Caps. XXIV e XXVII. Ver PURIFICAÇÃO.*

Cristo nos salmos: sua realeza (salmo 44): *Livro XVII, Cap. XVI;*

seu sacerdócio (salmo 109) e

sua paixão (salmo 121): *Livro XVII, Cap. XVII;*

sua ressurreição (salmos 3, 40, 15 e 67): *Livro XVII, Cap.*

XVIII. Ver SALMOS.

A estatura do seu corpo ressuscitado: *Livro XXII, Cap. XIV.*

Sua perfeição corporal, modelo dos nossos corpos ressuscitados: *Livro XXII, Cap. XV.*

Só Ele é o «fundamento» da vida cristã: explicação desta imagem: *Livro XXI, Cap. XXVI,*

falsamente invocada pelos «misericordiosos»: *Livro XXI, Caps. XXI e XXVI. Ver MISERICÓRDIA.*

É o único Mediador. *Ver MEDIADOR.*
Profecia acerca de Cristo. *Ver PROFECLIA.*
Figuras de Cristo. *Ver SIMBOLISMO. EUCARISTIA. ENCARNACÃO. SACRIFÍCIO.*

JUDEUS. *Ver POVO JUDEU.*

JUÍZO.

Os diversos juízos de Deus: no primeiro pecado, em cada pecado, no Juízo Final, etc.: *Livro XX, Cap. I,*
misteriosos e justos: *Livro XX, Cap. XIX.*
Seu carácter impenetrável: *Livro XX, Cap. II.*
É salutar pensar no Juízo: *Livro XX, Cap. III.*

JUÍZO FINAL.

Anúncio do Juízo Final por Jesus: *Livro XX, Cap. V.*
Os preliminares: volta de Elias e conversão dos Judeus: *Livro XX, Cap. XIX.*
Sua descrição segundo Mateus (XXV, 31-41): *Livro XX, Cap. V.*
Cristo será o Juiz: *Livro XX, Cap. XXX.*
Todos os homens a ele estarão presentes (Apoc., XX, 10 e segs.): *Livro XX, Cap. XV.*
Rapidez da sentença: *Livro XX, Cap. XXVI.*
Justiça fulgurante na separação dos bons dos maus: *Livro XX, Caps. XXVII e XXVIII.*
É então glorificada a *Cidade de Deus: Livro XX, Cap. XVII.*
Peripécias do acontecimento, sua ordem provável: *Livro XX, Cap. XXX.*

JUSTIÇA.

Definição: *Livro XIX, Cap. XXI.*
E o fundamento dos reinos: *Livro IV, Cap. IV,*
e da cidade: *Livro XIX, Cap. XXI.*
Está na base de uma definição estrita do povo: *Livro XIX, Cap. XXIII.*
Fundada no culto do Verdadeiro Deus: *Livro XIX, Cap. XXII,*
falta nas cidades pagãs: *Livro XIX, Cap. XXIV.*
Justiça e república. *Ver REPÚBLICA.*
A justiça das penas — independente da duração do crime: *Livro XXI, Cap. XI.*
Justiça original em Adão — descrição deste estado: *Livro XIV, Cap. X,*
seus dois elementos — propagação e conformação: *Livro XXII, Cap. XXIV.*

Justiça de Deus na sanção do pecado: *Livro XXI, Cap. XII. Ver PROVIDÊNCIA.*

L

LEI

Lei eterna — fundamento da paz com Deus: *Livro XIX, Cap. XIV.*

Lei de Moisés, sua autoridade divina: *Livro X, Cap. XVII;*

concedida pelos anjos: seu alto valor: *Livro X, Cap. XV;*

excelente em si, mas «força do pecado» (I Cor., XV, 56) sem a graça: *Livro XIII, Cap. VI.*

Lei dos Hebreus — testemunho de Porfírio a favor do sacrifício ao Deus único verdadeiro: *Livro XIX, Cap. XXIII.*

As leis naturais — objecção contra a ressurreição. **Ver RESSURREIÇÃO.**

Como é que a experiência pode precisá-las mas não contradizê-las: *Livro XXII, Cap. XI;*

nenhuma se opõe ao milagre: *Livro XXI, Cap. VIII. Ver MILAGRE.*

O sacramento da antiga Lei, seu valor. **Ver SACRAMENTO.**

A lei das XII Tábuas contra a maledicência de alguns poetas: *Livro II, Cap. IX.*

LIBERDADE.

Diversas formas de liberdade e de necessidade: *Livro V, Cap. X.*

Liberdade divina: sua plenitude, excluindo todo o pecado: *Livro XXII, Cap. XXX.*

Liberdade humana: pertence à vontade: *Livro V, Cap. X,*

e é garantida pela presciência divina: *Livro V, Cap. X.*

É exigida pela moral (Cícero): *Livro V, Cap. IX.*

Perfeita liberdade, dom de Deus: *Livro XIV, Cap. XI.*

As duas liberdades, a da provação e a do Céu, compradas à immortalidade de Adão e dos eleitos: *Livro XXII, Cap. XX.*

Liberdade natural dos homens: *Livro XIX, Cap. XV.*

Verdadeira liberdade dos bons, mesmo na escravidão: *Livro IV, Cap. III. Ver ESCRAVATURA.*

Libertação e libertação — «Caminho universal da libertação da alma» — sua definição: *Livro X, Cap. XXXII;*

preparada pelos profetas, realizada por Cristo: *Livro X, Cap. XXXII.*

Liberdade da Pátria, nobre paixão dos Romanos: *Livro V, Cap. XII.*

LIBIDO. Ver DESEJO.

LÍNGUA. LINGUAGEM. Ver PALAVRA.

LONGEVIDADE.

A longevidade dos Patriarcas permite a Caim fundar uma Cidade: *Livro XV, Cap. VIII.*

Objecção pagã contra esta longevidade: *Livro XV, Cap. IX;*
resposta por factos e pela Escritura: *Livro XV, Caps. IX, X e XI.*

Explicação dos anos curtos: *Livro XV, Cap. XII;*
sua falsidade: *Livro XV, Cap. XII.*

Longevidade e geração tardia dos homens: *Livro XV, Cap. XV.*

LUZ. Ver ILUMINAÇÃO

M

MAGIA. Ver MISTÉRIO.

MAL.

É uma deficiência, uma tendência para menos-ser e para o nada: *Livro XIV, Cap. XI.*

Natureza do acto mau: *Livro XII, Cap. VIII.*

Todo o mal supõe o bem: *Livro XII, Cap. I.*

O mal não tem uma causa eficiente mas uma causa deficiente: *Livro XII, Cap. VI.*

Problema da sua primeira origem no ser inteligente: deficiência da vontade, criada do nada: *Livro XII, Cap. VI;*

em que sentido se ignora esta origem: *Livro XII, Cap. VII.*

O mal entre os anjos e a Providência divina: *Livro XI, Cap. XVIII. Ver ANJO. DEMÓNIO. DIABO. PROVIDÊNCIA.*

Sua personificação em Caco: *Livro XIX, Cap. XII.*

O mal é vencido pelo bem: *Livro XIV, Cap. XI.*

O mal, como vício ou defeito, dá testemunho de que a natureza é boa: *Livro XI, Cap. XVII; Livro XII, Cap. I; Livro XXII, Cap. I.*

O mal é contrário à natureza boa onde ele está: *Livro XIV, Cap. XI.*

O mal só é prejudicial às criaturas mutáveis, mas não a Deus: *Livro XII, Cap. III.*

Males suportados por Roma. *Ver ROMA.*

O mal como provação ou pena. *Ver PECADO.*

MARIA — MÃE DE JESUS.

Sua fê foi como a de Abraão: *Livro XVI, Cap. XXIV.*

Sua profecia no *Magnificat*: *Livro XVII, Cap. XXIV.*

Virgem-mãe: *Livro XVIII, Cap. XLVI.*

O mistério da sua virgindade: *Livro X, Cap. XXXII.*

MÁRTIRES.

São testemunhas da verdade e da verdadeira piedade: *Livro X, Cap. XXXII.*

Merecem o título de «heróis»: *Livro X, Cap. XXI.*

Segundo Hermes Trismegisto, sucederam aos deuses no Egipto: *Livro VIII, Cap. XXVI.*

O seu culto nada tem de comum com o dos deuses: *Livro VIII, Cap. XXVII.*

O martírio transforma a morte na fonte de vida eterna: *Livro XIII, Cap. IV.*

O martírio é um verdadeiro baptismo para quem não está baptizado: *Livro XIII, Cap. VII.*

Contribuíram com a sua paixão para a difusão do Evangelho: *Livro XVIII, Cap. L.*

O martírio como argumento da veracidade da fé em Cristo-Deus: *Livro XXII, Cap. VI.*

Os milagres por sua intercessão dão testemunho da sua fé na ressurreição de Cristo: *Livro XXII, Cap. IX.*

Significado cristão das *Memoriae martyrum*: *Livro XXII, Cap. X.*

Os mártires estão muito acima dos deuses: *Livro XXII, Cap. X.*

Conservam na ressurreição as suas gloriosas cicatrizes: *Livro XXII, Cap. XIX.*

MATRIMÓNIO.

Foi instituído no Paraíso e confirmado no Evangelho: *Livro XIV, Cap. XXII.*

Os filhos — glória do matrimónio: *Livro XIV, Caps. XXI e XXII.*

Pudor na geração dos filhos: *Livro XIV, Cap. XVIII.*

O matrimónio no Paraíso: *Livro XIV, Caps. XXIII e XXVI.*

Matrimónio entre parentes próximos, permitido nas Escrituras.

Motivos por que agora é proibido: *Livro XV, Cap. XVI.*

O casamento, viveiro da cidade: *Livro XIX, Cap. XVI.*

Paz do casamento: *Livro XIX, Cap. XIV.*

Paz doméstica e escravatura: *Livro XIX, Cap. XVI.*

MEDIAÇÃO. MEDIADOR.

Cristo na sua condição de homem — Verbo Encarnado: *Livro IX, Cap. XV.*

único mediador: *Livro IX, Caps. XV e XVII,*

verdadeiro e necessário mediador: *Livro XI, Cap. II,*

vence o demónio e pacifica-nos: *Livro X, Cap. XXII.*

Na sua condição de mortal e justo, está colocado entre Deus e os homens: *Livro IX, Cap. XVII.*

A sua mediação transforma as penas da vida em meios de salvação: *Livro XXI, Cap. XV.*

A intercessão dos santos tornados nossos amigos devido à esmola, depois da morte e antes do Juízo Final: *Livro XXI, Cap. XXVII.*

Falsos mediadores: os deuses feitos homens: *Livro VIII, Cap. XXIV;*

os demónios, mediadores suspensos de cabeça para baixo: *Livro IX, Cap. IX;*

o homem sábio seria melhor mediador do que os demónios: *Livro IX, Cap. XIV.*

Como é que, segundo Apuleio, os demónios são falsos mediadores ao unirem a eternidade à miséria: *Livro IX, Caps. XVI e XVII.*

Crítica do papel atribuído aos demónios: impedir que os deuses sejam manchados pelos homens: *Livro IX, Caps. XVI e XVII. Ver DEMÓNIOS.*

MENTE. *Ver ESPÍRITO.*

MENTIRA.

A mentira é impossível a Deus: *Livro XXII, Cap. XXV.*

O Demónio, pai da mentira: *Livro XIV, Cap. III.*

O homem que vive segundo o homem vive na mentira: *Livro XIV, Cap. IV.*

Mentiras dos demónios *transfigurados em anjos de luz:* *Livro XIX, Cap. IX.*

A Providência permite mas limita as mentiras aos demónios: *Livro VIII, Cap. XXXV.*

Prova por factos a falsidade dos presságios pagãos: *Livro III, Cap. XXIX.*

Oráculos ambíguos de Apolo: *Livro III, Cap. XXVII.*

As crenças pagãs como mentira útil ao povo: *Livro IV, Caps. XXVII e XXXII.*

O vício da teologia pagã: *Livro VI, Cap. VI.*

Mentira dos pagãos acerca do fim do Cristianismo: *Livro XVIII, Cap. LIV.*

METEMPSICOSE. *Ver PLATONISMO.*

MILAGRE. FACTOS MARAVILHOSOS.

a) Os factos extraordinários:

Milagres do Velho Testamento a favor do Povo de Deus: *Livro X, Cap. VIII;*

operados no Sinai: *Livro X, Cap. XIII;*

no deserto, pela Arca da Aliança: *Livro X, Cap. XVII.*

- Milagres dos Apóstolos, testemunhas de Cristo: *Livro XXII, Cap. V*;
do Evangelho: *Livro XXII, Cap. VII*.
- Milagres constatados por Agostinho e seus contemporâneos: *Livro XXII, Cap. VIII*.
- Seu grande número — atestados pelos *libelli*: *Livro XXII, Cap. VIII*.
- Milagre moral da fé do mundo: *Livro XXII, Cap. V*.
- As metamorfoses entre os pagãos: *Livro XVIII, Cap. XVI (Diomedes) e Cap. XVII (outros factos)*.
- Milagres do Anticristo: *Livro XX, Cap. XIX*.
- b) Maravilhas da natureza:
- animais que vivem no fogo: *Livro XXI, Caps. II e IV*;
 - a carne de pavão, o fogo, a cal, o diamante, o íman: *Livro XXI, Cap. IV*.
 - Prodígios astronómicos: *Livro XXI, Cap. VIII*.
 - Factos actuais: sal de Agrigento, o asbesto, figueira do Egipto, pirite, etc.: *Livro XXI, Cap. V*;
 - o fruto de Sodoma: *Livro XXI, Cap. VIII*.
 - Factos quotidianos maravilhosos: *Livro XXI, Cap. VIII*.
 - Extraordinários movimentos do corpo sob o comando da vontade: *Livro XIV, Cap. XXIV*.
 - Factos extraordinários e monstruosos na humanidade: *Livro XVI, Cap. VIII*.
- c) Problemas:
- Grau de autenticidade dos factos: *Livro XXI, Cap. VII. Ver AUTORIDADE. CONHECIMENTO. FÉ. EXPERIÊNCIA. HISTÓRIA*.
 - Problemas especiais: os monstros e a unidade da espécie humana: *Livro XVI, Cap. VIII*.
 - Relações entre o espírito e o corpo perante as maravilhas voluntárias: *Livro XIV, Cap. XXIV*.
 - Explicações destes factos:
 - quatro formas de prodígios e sua etimologia: *monstra, ostenta, portenta e prodigia*: *Livro XXI, Cap. VIII*;
 - explicações dos pagãos, pelas forças ocultas da natureza: *Livro XXI, Cap. VII*.
 - Explicação natural, psicológica ou demoníaca dos milagres pagãos: *Livro XVIII, Cap. XVIII*;
 - pela habilidade humana e as forças da natureza, pelos demónios e pela magia: *Livro XXI, Cap. VI*,
 - pela acção enganadora do Diabo: *Livro XX, Cap. XIX*.
 - Explicação teológica por Deus, autor das naturezas: *Livro XXI, Cap. VIII*;
 - pela omnipotência divina: *Livro XXI, Cap. VI*;
 - pela vontade de Deus: *Livro XXI, Cap. VII*.

Nenhum prodígio, na medida em que é querido por Deus, é contra a natureza: *Livro XXI, Cap. VIII. Ver PROVIDÊNCIA.*

O problema apoloético:

O milagre, sinal visível de Deus invisível: *Livro X, Caps. XII e XIII.*

Inferioridade dos milagres contemporâneos: *Livro XXII, Cap. VIII.*

Superioridade dos milagres bíblicos sobre os teurgos: *Livro X, Cap. IX.*

Origem divina ou diabólica do milagre, julgado pelos seus frutos: *Livro X, Cap. XII.*

Os milagres divinos provam a origem divina da Lei de Moisés: *Livro X, Cap. XIII,*

e a autoridade divina desta lei, da missão dos anjos e do sacrifício reservado ao único Deus: *Livro X, Caps. VII e XVIII.*

Como milagres e prodígios convidam à crença nos mistérios revelados:

no fogo eterno: *Livro XXI, Caps. II, IV, V e VIII;*

no corpo glorioso: *Livro XXI, Cap. V;*

na ressurreição dos santos: *Livro XXII, Caps. IV e VIII;*

especialmente os milagres devidos a Santo Estêvão, testemunha de Cristo Salvador: *Livro XXII, Cap. VIII.*

Milagres pagãos — objecção contra os milagres evangélicos: *Livro XXI, Cap. VI;*

resposta pela onnipotência de Deus: *Livro XXI, Cap. VI.*

Como é que esses milagres pagãos favorecem o dogma da ressurreição: *Livro XXII, Cap. XI. Ver APOLOGÉTICA.*

MILENARISMO.

Duplo sentido da teoria: espiritual e carnal: *Livro XX, Cap. VII.*

Para o sentido carnal, faz-se apelo a Is. LXV, 17-19: *Livro XX, Cap. XXI.*

Vicissitudes do Reino de Deus (Igreja de Cristo) durante «os mil anos» ou «primeira ressurreição»: *Livro XX, Cap. IX. Ver MUNDO (FIM DO).*

MISERICÓRDIA.

Como é ela em Deus e no sábio: *Livro IX, Cap. V.*

É um sacrifício interior querido por Deus: *Livro X, Cap. V.*

As obras de misericórdia são um sacrifício a Deus: *Livro X, Cap. VI.*

A misericórdia de Deus estende-se mesmo aos condenados: *Livro XXI, Cap. XXIV. Ver INFERNO.*

Concilia-se com o dogma da eternidade das penas: erro de Orígenes a este respeito: *Livro XXI, Cap. XVII;*

erro dos «misericordiosos» — suas quatro formas: *Livro XXI, Caps. XVII-XXII.*

Refutação deste erro: *Livro XXI, Caps. XXIII-XXVII.*

A misericórdia divina para com os bons não exclui a condenação dos maus: *Livro XXI, Cap. XXIV.*

Assombrosa misericórdia dos bárbaros no saque de Roma: *Livro I, Cap. VII.*

MISTÉRIOS. MAGIA.

a) Os mistérios pagãos: Os de Tellus e da Grande-Mãe. Seu absurdo: *Livro VII, Cap. XXIV;*

os de Samotrácia: *Livro VII, Cap. XXVIII.*

Origem grega das Bacanais: *Livro XVIII, Cap. XIII.*

Imoralidade dos mistérios pagãos: *Livro II, Cap. VI.*

A magia compreende duas formas — a boa (*teurgia*) e a má (*goetia*): *Livro X, Cap. IX.*

Diversas formas de adivinhação no Egito: *Livro VIII, Cap. XXIII.*

Casos de encantação por *necromância* e *hidromância* (Numa): *Livro VII, Cap. XXXV.*

O mistério e o silêncio dos *teletas*: *Livro IV, Cap. XXXI.*

Função dos *teletas* na *teurgia*: não atingem a alma intelectual: *Livro X, Cap. IX.*

Purificação *teúrgica* — inútil aos filósofos, recomendada aos outros por Porfírio: *Livro X, Cap. XXVII.*

Crítica desta purificação:

é absurda: *Livro X, Cap. IX;*

é ímpia e diabólica: *Livro X, Cap. X.*

A magia é favorecida pelos demónios: *Livro VIII, Cap. XIX,*

para enganar os homens: *Livro VII, Cap. XXXV;*

explicada pelos *sinais* agradáveis a cada demónio: *Livro XXI, Cap. VI.*

Foi praticada por Apuleio: *Livro VIII, Cap. XIX.*

O mistério no sentido cristão. *Ver SACRAMENTO.*

b) Acerca dos mistérios pagãos: *Ver APULEIO. HERMETISMO. PORFÍRIO. VARRÃO.*

MORTE.

Definição e formas: morte da alma, morte do corpo: *Livro XIII, Cap. II.*

Sua origem: o pecado original: *Livro XIII, Caps. I e XV;*

este pecado tornou mortal a natureza humana: *Livro XIII, Cap. III.*

Morte corporal: em si, para ninguém é um bem: *Livro XIII, Cap. VI.*

Pena do pecado: *Livro XIII, Cap. IV,*

segue o pecado: *Livro XIII, Cap. XXV,*

apesar de ser um mal, é útil aos bons: *Livro XIII, Cap. V.*

- Mantém-se mesmo depois do baptismo: *Livro XIII, Cap. IV.*
- A segunda morte — no Inferno: *Livro XIII, Cap. II; Livro XIX, Cap. XXVIII; Livro XXI, Cap. XI.*
- As duas mortes, consequência do pecado original: *Livro XIII, Cap. XII.*
- A morte cristã: seu valor: *Livro XIII, Cap. VI;*
 garantia contra a segunda morte: *Livro XIII, Cap. VIII.*
- Todo o género de morte é suportável pelo Cristão: *Livro I, Cap. XI.*
- Morte espiritual pelo pecado — sua universalidade: *Livro XX, Cap. VI;*
 como abandono de Deus — origem de outras mortes: *Livro XIII, Cap. XV.*
- A vida — uma corrida para a morte: *Livro XIII, Cap. X.*
- O aspecto psicológico — o momento em que se verifica a morte: *Livro XIII, Caps. IX e XI.*
- Universalidade da morte corporal — talvez estejam exceptuados os que no fim do mundo se encontrem vivos: *Livro XX, Cap. XIX.*
- A pena de morte comparável ao Inferno: *Livro XXI, Cap. XI.*
- Em princípio, a ninguém é permitido matar-se: *Livro I, Caps. XVII e XX.*
- Homicídio legítimo por vontade de Deus ou da Sociedade: *Livro I, Cap. XXV. Ver GUERRA.*
- Foi o fratricídio que, em Caim e Rómulo, fundou a Cidade Terrestre: *Livro XV, Cap. V;*
 o de Rómulo desculpado pelos demónios: *Livro III, Cap. VI.*
- Morte voluntária. *Ver SUICÍDIO.*
- A sepultura dos mortos não é indispensável: *Livro I, Cap. XII,*
 mas é recomendável — por que motivos: *Livro I, Cap. XIII.*
- Sorte das almas após a morte. *Ver ALMAS.*

MUNDO. (Universo).

- Suas quatro partes, cheias de almas (Varrão): *Livro VII, Cap. VI. Ver VARRÃO. ALMA DO MUNDO.*
- Não foi criado por causa do pecado (Orígenes): *Livro XI, Cap. XXIII.*
- Sua criação. *Ver CRIAÇÃO.*
- Questão da sua eternidade. *Ver ETERNIDADE.*
- Sua beleza. *Ver BELEZA.*
- Múltiplas teorias dos antigos filósofos acerca do ou dos mundos: *Livro VIII, Cap. II;*
 suas contradições: *Livro XVIII, Cap. XLI.*
- Povoamento do mundo pelos homens e pelos animais: *Livro XVI, Cap. VII. Ver POVOS.*

Problema dos antípodas: *Livro XVI, Cap. IX.*

Lei natural própria de cada ser no mundo: *Livro XI, Cap. XXVII.*

O peso coloca cada corpo no seu sítio: *Livro XI, Cap. XXVIII;*
Livro XII, Caps. XI e XVIII.

A lei do Universo é o amor: *Livro XI, Cap. XXVIII: amor meus pondus meum.*

Fora do Mundo, não há lugar nem espaço: *Livro XI, Cap. V.*

Fim do Mundo — pelo fogo (S. Pedro): *Livro XX, Cap. XVIII.*

É desconhecida a sua data: *Livro XVIII, Cap. LIII.*

O Anticristo e a sua última perseguição: *Livro XX, Caps. VIII e XL; Livro XXI, Cap. XXVI. Ver PERSEGUIÇÃO.*

Prodígios enganadores do Anticristo: *Livro XX, Cap. XIX.*

Mundo no sentido moral: objecto de gozo para a Cidade Terrestre e de uso para a Cidade de Deus: *Livro X, Cap. VI.*

As sete idades do mundo. *Ver IDADES.*

N

NAÇÃO. *Ver POVO.*

NATUREZA.

Que toda a natureza é boa, o próprio vício o testemunha: *Livro XI, Cap. VIII; Livro XII, Cap. III; Livro XIV, Cap. XI;*

devemos por isso louvar a Deus: *Livro XII, Cap. V.*

A natureza pode existir sem mal, mas sem bem é que não poderá jamais existir: *Livro XIX, Cap. XIII.*

A natureza antes e depois do pecado original: *Livro XIII, Cap. III.*

A natureza da terra de Sodoma antes e depois do cataclismo: *Livro XXI, Cap. VIII.*

O criador das naturezas pode alterá-las: *Livro XXI, Cap. VIII.*

As leis naturais. *Ver LEI.*

Natureza e milagre. *Ver MILAGRE, Sua explicação.*

Natureza do anjo. *Ver ANJO.*

Natureza do homem. *Ver HOMEM.*

Natureza divina. *Ver DEUS. TRINDADE.*

NECROMANCIA. *Ver MISTÉRIO.*

NÚMERO.

A *congruentia numerosa* ou harmonia do corpo humano: *Livro XXII, Cap. XXIV.*

Infinidade dos números: *Livro XII, Cap. XIX. Ver INFINITO.*

Perfeição do número 6: *Livro XI, Cap. XXX;*

e do número 7: *Livro XI, Cap. XXXI.*
Simbolismo do número 7: *Livro XI, Cap. XXXI;*
e dos números 10, 11 e 12: *Livro XV, Cap. XX;*
e de 100 a 1000: *Livro XX, Cap. VII.*

O

ORAÇÃO.

Oração dos Cristãos perseguidos e dos Judeus após o exílio: *Livro XVII, Cap. XII. Ver SALMOS.*

Oração dominical unida à caridade perdoa os pecados: sua necessidade: *Livro XIX, Cap. XXVII.*

Segundo Porfírio, com a concordância de Agostinho, uma vida santa é uma oração excelente: *Livro XIX, Cap. XXIII.*

Sua inutilidade para os condenados: *Livro XXI, Cap. XXIV.*

Sua eficácia para os defuntos: *Livro XXI, Cap. XXIV.*

Oração da Igreja pelos seus inimigos: *Livro XXI, Cap. XXIV,*
mas não pelos réprobos: *Livro XXI, Cap. XXIV.*

Orações dos santos invocados pelos *misericordiosos*: *Livro XXI, Caps. XVIII e XXIV.*

Sua eficácia por expiarem certos pecados: *Livro XXI, Cap. XXVII. Ver PURGATÓRIO.*

ORÁCULO. *Ver PROFECIA (PAGÃ). PORFÍRIO.*

ORDEM.

Definição: *Livro XIX, Cap. XIII.*

Os seres são ordenados segundo a sua natureza, o seu valor moral ou o seu interesse: *Livro XI, Cap. XVI.*

A ordem do Mundo: sua beleza pela sua variedade: *Livro XI, Cap. XXII; Livro XIII, Caps. IV e V.*

A ordem dos séculos: beleza realçada pela antítese «bem-mal»: *Livro XII, Cap. XVIII.*

A ordem do Mundo explica o mal físico: *Livro XII, Cap. IV.*

Ordem violada no acto mau: *Livro XII, Cap. VIII.*

Ordem no sofrimento dos justos castigos: *Livro XIX, Cap. XIII.*

Lei da ordem na paz dos infelizes: *Livro XIX, Cap. XIII.*

Ordem natural em família: *Livro XIX, Cap. XVI.*

Tudo o que vem de Deus é de ordem natural, mesmo o milagre: *Livro XXI, Cap. VIII. Ver NATUREZA.*

A paz e a ordem da caridade: *Livro XIX, Cap. XIV.*

Virtude — ordem do amor: *Livro XV, Cap. XXII.*

ORGULHO.

O orgulho, ao levantar, rebaixa: *Livro XIV, Cap. XIII.*

Funda e domina a Cidade Terrestre: *Livro XIV, Caps. IX e XIII.*

Primeiro pecado dos anjos, primeira fonte de infelicidade: *Livro XII, Cap. VI.*

O orgulho invejoso do Diabo tenta Adão: *Livro XIV, Cap. XI.*

Leva os demónios a exigirem sacrifícios: *Livro IX, Cap. XX; Livro X, Cap. XIX.*

É fonte dos seus vícios: *Livro XIV, Cap. III.*

O secreto orgulho de Adão manifesta-se no pecado original: *Livro XIV, Cap. XIII*

provado pelas desculpas de Adão e Eva: *Livro XIV, Cap. XIV.*

Orgulho da Babilónia e de Nebrot na Torre de Babel — seu castigo: a confusão das línguas: *Livro XVI, Cap. IV.*

Remédio contra o orgulho — suas manifestas recaídas: *Livro XIV, Cap. XIII;*

sua humilhação: *Livro I, Cap. XXVIII. Ver HUMILDADE.*

ORÍGENES.

Sábio autor de *Os princípios* (περὶ ἀρχῶν): *Livro XI, Cap. XXIII.*

Os erros de Orígenes:

criação do Mundo como repressão dos males do pecado: *Livro XI, Cap. XXIII,*

transformação dos corpos em espíritos após a ressurreição: *Livro XIII, Cap. XX,*

temporalidade do Inferno: *Livro XXI, Cap. XVII. Ver CRIAÇÃO. MISERICÓRDIA. MUNDO.*

ORIGINAL (pecado). *Ver JUSTIÇA. PECADO (ORIGINAL).*

P

PAGANISMO. PAGÃOS.

Os pagãos e a cultura: *Livro VI, pref.*

Sua concepção materialista da vida: *Livro I, Cap. XXX.*

Só receiam os males materiais: *Livro III, Cap. I.*

São infundadas as suas queixas contra os Cristãos: *Livro II, Cap. XIX; Livro III, Cap. XXXI.*

Quadro ideal do Estado pagão: *Livro II, Cap. XX.*

O Estado pagão patrocina a imoralidade do culto: *Livro II, Cap. XXVII. Ver CULTO PAGÃO. DEUSES PAGÃOS. POLITEÍSMO. VIRTUDES (pagãs).*

PAIXÃO.

Sua natureza: «perturbação da alma» (*animi perturbationes* — Cícero): *Livro IX, Cap. IV; Livro XIV, Cap. VIII;*

definição em função da vontade: *Livro XIV, Cap. VI;*

e em função do amor: *Livro XIV, Cap. VII. Ver AMOR.*

As quatro paixões fundamentais (Cícero e Virgílio): *Livro XIV, Caps. III, V e VIII.*

Sua possível origem na alma sem corpo (Virgílio): *Livro XIV, Cap. V.*

A paixão é na alma quando há no corpo uma impressão: *Livro XIV, Cap. XV.*

A própria dor corporal radica-se na alma: *Livro XXI, Cap. III.*

Paixão e sabedoria. Diversas opiniões dos filósofos que, de resto, estão de acordo no essencial: *Livro IX, Cap. IV.*

Boas e más paixões, segundo as Escrituras: *Livro IX, Cap. V; Livro XIV, Cap. VIII.*

O amor dos santos, fonte de boas paixões: *Livro XIV, Cap. IX.*

Ausência de paixões no homem, no Paraíso terrestre: *Livro XIV, Cap. X.*

Revolta das paixões: justo castigo do pecado original: *Livro XIV, Cap. XV.*

As paixões carnis: *Livro XIV, Caps. XVI-XX. Ver DESEJO (libido).*

As paixões nas duas cidades: *Livro XIV, Cap. IX.*

A paixão do poder na Cidade Terrestre: *Livro I, Cap. I.*

A paixão de glória e de domínio-paixão que, segundo Horácio, é viciosa: *Livro V, Cap. XIII;*

sua diferença: *Livro V, Cap. XIX;*

ambas condenadas por Deus: *Livro V, Cap. XIV.*

Origem dos Impérios: *Livro IV, Cap. VI.*

Origem da grandeza romana: *Livro V, Cap. XII.*

Cícero considera-as úteis ao Estado: *Livro V, Cap. XIII.*

Os sacrifícios que por elas fizeram os Romanos: *Livro V, Cap. XVII.*

Desordem que elas geraram; freio que impunham às demais paixões (Nasica): *Livro I, Cap. XXXI.*

Nos anjos não há paixões: *Livro IX, Cap. V. Ver ANJOS.*

Essenciais aos demónios, segundo Apuleio: *Livro VIII, Cap. XVI;*

invadem mesmo o espírito dos demónios: *Livro IX, Caps. III e*

VI

e subjugam-no a todos: *Livro IX, Cap. VII.*

PAIXÃO DE CRISTO. *Ver JESUS CRISTO.*

PALAVRA (linguagem, língua).

Palavra eterna de Deus, manifestada pela palavra sensível de Jesus: *Livro X, Cap. XV.*

Como é que Deus falava aos anjos e aos homens: *Livro XVI, Cap. I,*
e a Caim: *Livro XV, Cap. VII.*

Linguagem de Deus: Verdade: *Livro XVI, Cap. VI. Ver VERDADE.*

O hebraico (língua de Héber) foi a língua primitiva: *Livro XVI,*
Cap. XI;

a língua primitiva — privilégio do povo de Deus: *Livro XVI,*
Cap. XI.

A confusão das línguas foi o castigo do orgulho: *Livro XVI, Cap. IV.*

Transmissão conjunta da língua primitiva e que existe até Moisés:
Livro XVIII, Cap. XXXIX.

PARAÍSO terrestre.

Sentido espiritual e verdade histórica: *Livro XIII, Cap. XXI. Ver*
SIMBOLISMO.

Duplo Paraíso: corporal e espiritual: *Livro XIV, Cap. XI.*

O uso do matrimónio e o nascimento de filhos, no Paraíso: *Livro*
XIV, Cap. XXI;

sem a concupiscência: *Livro XIV, Cap. XXIII;*

com toda a decência: *Livro XIV, Cap. XXIII;*

na perfeita obediência da carne à lei do espírito: *Livro XIV,*
Caps. XXIV e XXV.

Sua felicidade: *Livro XIV, Cap. XXVI,*

exulta de paixão: *Livro XIV, Cap. XXI,*

na justiça original: *Livro XIV, Cap. X. Ver JUSTIÇA ORIGINAL.*

Brevidade desta felicidade: *Livro XXII, Cap. XXI.*

Como é que o dom de integridade aí foi perdido pelo pecado:
Livro XIV, Cap. XVII. Ver PECADO (ORIGINAL).

Paraíso da vida eterna. *Ver CÉU.*

PAZ.

As dez definições de paz: *Livro XIX, Cap. XIII.*

Aspiração universal à paz: pela guerra, nos bandidos, os animais,
os maus: *Livro XIX, Cap. XII;*

mesmo na desordem: exemplo dos corpos suspensos pelos pés:
Livro XIX, Cap. XII.

Progresso para a paz na Cidade de Deus, neste mundo: *Livro XV,*
Cap. VI.

A paz imperfeita neste mundo, ordenada para a paz celeste pela
virtude: *Livro XIX, Cap. X.*

A paz é um verdadeiro, embora frágil, bem da Cidade Terrestre:
Livro XV, Cap. V.

Aplicação à vida terrestre das sete primeiras definições da paz: 1.^a, paz do corpo; 2.^a, paz da alma sem razão; 3.^a, paz do corpo e da alma; 4.^a, paz da alma racional; 5.^a, paz dos homens com Deus; 6.^a, paz dos homens entre si; 7.^a, paz doméstica: *Livro XIX, Cap. XIV.*

Paz entre as duas cidades — suas condições: *Livro XIX, Cap. XVII.*

A paz eterna, fim último da Cidade de Deus: *Livro XIX, Cap. XI;*
comparada à paz deste mundo: *Livro XIX, Cap. XX.*

A paz divina ultrapassa toda a compreensão humana: *Livro XXII, Cap. XXIX;*

é dom, não dos deuses, mas do verdadeiro Deus: *Livro III, Cap. IX;*

prometida a Salomão, realizada no Céu: *Livro XVII, Cap. XIII.*

PECADO.

Pecado dos anjos. *Ver DIABO.*

Pecado original: sua natureza — orgulho e desobediência: *Livro XIV, Cap. XIII;*

demonstrado pelas desculpas alegadas: *Livro XIV, Cap. XIV.*

Foi uma falta de fé: *Livro XIII, Cap. IV;*

em Eva seduzida e em Adão pecador consciente: *Livro XIV, Cap. XI.*

Sua gravidade: *Livro XIV, Caps. XII e XV.*

Sua grandeza e malícia: *Livro XXI, Cap. XII.*

Suas conseqüências e justa pena: revolta das paixões, morte espiritual e corporal: *Livro XII, Caps. XII e XIII; Livro XIV, Cap. XV. Ver*

CONCUPISCÊNCIA. MORTE. PAIXÃO.

Seus dois elementos — pecado e castigo: *Livro XXII, Cap. XXIV.*

Como pecado, vicia a natureza humana: *Livro XIII, Cap. III.*

Sua transmissão a todos os homens: *Livro XIII, Cap. XIV.*

Cometido por todos em um: *Livro XIV, Cap. XX,*

destrói a Aliança do filho incircunciso: *Livro XVI, Cap. XXVII.*

Justiça da condenação pelo pecado original: *Livro XXI, Cap. XII.*

Previsão da queda por Deus. *Ver PRESCIÊNCIA. PROVIDÊNCIA.*

Pecados actuais: em Caim — desprezo de Deus e inveja: *Livro XV, Cap. VII.*

Papel do amor no pecado: *Livro XV, Cap. XXII.*

Não se pode cometer um pecado para evitar um outro: *Livro I, Cap. XXV.*

Não se pode viver na Terra sem se pecar: *Livro XIX, Cap. XXVII.*

Alguns pecados merecem o Inferno, outros penas temporais: *Livro XXI, Cap. XXIX.*

Pecados mortais e veniais (*magna et parva*) — só os últimos são perdoados pela oração do «Pai Nosso»: *Livro XXI, Cap. XXVII.*

Em que condições são perdoados pela esmola: *Livro XXI, Cap. XXVII.*

Pecados perdoados por intercessão dos santos entre a morte e o Juízo Final — porque se não pode precisar quais: *Livro XXI, Cap. XXVII.*

Pecados e misérias humanas: *Livro XXII, Cap. XXII.*

Causa do pecado. *Ver MAL.*

Pecado, obra da carne. *Ver CARNE.*

PENITÊNCIA.

Restabelece o pecador como membro de Cristo: *Livro XXI, Cap. XXVI.*

É requisito para que se façam esmolas dignas: *Livro XXII, Cap. XXVII.*

A dos Ninivitas foi eficaz porque feita a tempo: *Livro XXI, Cap. XXIV.*

A de Teodósio: *Livro V, Cap. XXVI.*

PERSEGUIÇÃO.

É prova de verdade, embora seja para os pagãos motivo de desprezo da Igreja: *Livro X, Cap. XXXIII.*

Perseguição contra Abraão, Nácór e suas famílias: *Livro XVI, Cap. XIII.*

No princípio, foi eficaz para o progresso da Igreja: *Livro XVIII, Cap. L.*

As dez perseguições: *Livro XVIII, Cap. LII;*

este número não corresponde à verdade: *Livro XVIII, Cap.*

LII.

A última perseguição será a do Anticristo. Desconhecimento da sua data: *Livro XVIII, Cap. LIX.*

O Diabo será então *desligado*: *Livro XX, Cap. IX.*

Essa perseguição será de todas a mais violenta: *Livro XXI, Cap. XXVI.*

Essa perseguição atingirá a Igreja Universal: *Livro XX, Cap. XI.*

Verificar-se-á nos *mil anos*: *Livro XX, Cap. XIII. Ver MILENARISMO.*

PIEDADE. *Ver CULTO DIVINO.*

PLATÃO. PLATONISMO.

Precursores. *Ver FILOSOFIA.*

Seu fundador — Platão. Visão de conjunto: *Livro VIII, Cap. IV.*

Sucessores de Platão: *Livro VIII, Cap. XII. Ver ACADÊMICOS.*

Povos diversos que professam o platonismo: *Livro VIII, Cap. IX.*

O platonismo é superior às doutrinas de Varrão e dos outros filósofos: *Livro VIII, Cap. V.*

As três partes da sua filosofia — moral, natural e racional: *Livro VIII, Cap. IV.*

A Física e a existência de Deus: *Livro VIII, Cap. VI.*

A Lógica e a teoria da iluminação: *Livro VIII, Cap. VII.*

A Ética: Deus como regra da vida: *Livro VIII, Cap. VIII.*

Os filósofos pagãos e, antes de todos, Platão, descobriram esta tríade sem conhecerem a Trindade: *Livro XI, Cap. XXV.*

Platão e a Sagrada Escritura: não lhe foi possível ler os Setenta: *Livro VIII, Cap. XI.*

Pela sua moralidade, Platão é preferível aos deuses: *Livro II, Caps. XIV e XV.*

Sua doutrina: acerca das ideias causas exemplares do Mundo: *Livro VII, Cap. XXVIII;*

acerca da alma do Mundo, a qual vivifica eternamente o Universo: *Livro X, Cap. XXIX;*

acerca da imortalidade do corpo, prometida aos deuses inferiores por Deus Pai: *Livro XIII, Caps. XVI e XIX; Livro XXII, Cap. XXVI;*

acerca da criação pelos deuses inferiores dos seres vivos terrestres: *Livro XII, Cap. XXVII.*

Doutrinas platônicas:

acerca das más paixões devidas ao corpo, segundo Virgílio: *Livro XIV, Cap. III;*

mas, segundo ele, também presentes na alma separada e purificada: *Livro XIV, Cap. V;*

acerca do espírito (*mens*), que comanda as paixões: *Livro XIV, Cap. XIX.*

Testemunho de Virgílio acerca das penas purificadoras: *Livro XXI, Cap. XIII.*

Acerca do destino das almas humanas a seguir à morte: desejo de regresso aos corpos mortais, segundo Virgílio corrigido por Porfírio: *Livro X, Cap. XXX; Livro XIII, Cap. XIX; Livro XXII, Cap. XXVI;*

metempsicose, mesmo em animais, segundo Platão e Plotino; só nos homens, segundo Porfírio: *Livro X, Cap. XXX; Livro XII, Cap. XXVII;*

Livro XIII, Cap. XIX. Ver PLOTINO. PORFÍRIO. VARRÃO. VIRGÍLIO. APULEIO.

Platão e a ressurreição. *Ver RESSURREIÇÃO.*

Platonismo cristão ou filosofia agustiniana: Platonismo e Cristianismo, concordâncias e divergências segundo Santo Agostinho: *Livro VIII, Cap. X.*

Princípio fundamental: o *eu* pensante, tripla verdade imagem da Trindade: *Livro XI, Cap. XXVI.*

Valor infalível deste princípio: o *Cogito* agustiniano: *Livro XI, Caps. XXVI e XXVIII.*

As três partes — imagem da Trindade: *Livro XI, Cap. XXV.*

Física e instinto da conservação: *Livro XI, Cap. XXVII.*

Lógica e conhecimento: *Livro XI, Cap. XXVII.*

Ética e lei de amor: *Livro XI, Cap. XXVIII.*

O Evangelho de S. João invocado pelos platônicos cristãos: *Livro X, Cap. XXIX.*

PLOTINO.

Discípulo de Platão: *Livro VIII, Cap. XII,*

e seu melhor intérprete: *Livro IX, Cap. X.*

Sua doutrina da Inteligência paterna: *Livro X, Cap. XXIII.*

A Providência, beleza inteligível reflectida na sensibilidade: *Livro X, Cap. XIV.*

A alma racional iluminada por Deus: *Livro X, Cap. II.*

A união da alma ao corpo deve-se à misericórdia do Pai: *Livro IX, Cap. X.*

A visão de Deus, nosso fim supremo: *Livro X, Cap. XVI.*

O regresso a Deus implica a sua semelhança: *Livro IX, Cap. XVII.*

A beatitude e o regresso da alma ao Mundo: *Livro XII, Cap. XXI.*

POLITEÍSMO.

O politeísmo dos platônicos: *Livro VIII, Caps. XIII-XV.*

Origem da idolatria: a incredulidade, segundo Hermes Trismegisto: *Livro VIII, Cap. XXIV;*

arte de fabricar deuses: *Livro VIII, Caps. XXIII e XXIV;*

divinização do homem. *Ver EVEMERISMO.*

Origem histórica: entre os Argivos — Ápis e Serápis: *Livro XVIII, Cap. V,*

no Egipto — Ápis: *Livro XVIII, Caps. IV e V,*

na Grécia — Argus tornado deus: *Livro XVIII, Cap. VI,*

em Roma: *Livro XVIII, Caps. XIX e XXI.*

Idolatria da Grécia e da Siciónia: *Livro XVIII, Cap. VIII,*

de Atenas e do Areópago: *Livro XVIII, Caps. IX e X.*

Seu desenvolvimento na Grécia: *Livro XVIII, Caps. XII e XIII,*

em Roma no tempo de Numa: *Livro XVIII, Cap. XXI.*

Politeísmo da Cidade Terrestre: *Livro IV, Caps. XI e XII; Livro XIX, Cap. XVII.*

A multidão dos pequenos deuses e das abstrações deificadas: *Livro IV, Caps. VIII, XI e XVI-XXV.*

Sua especialização: *Livro IV, Cap. XXII.*

Três categorias de deuses: os dos poetas, os dos filósofos e os do Estado: *Livro IV, Cap. XXVII.*

Três teologias: fabulosa, natural e civil: *Livro VI, Caps. V-IX. Ver*

TEOLOGIA.

Lista de deuses *selectos*: *Livro VII, Cap. II;*

legitimidade desta selecção: *Livro VII, Cap. I*;
ela não se explica pelas funções dos deuses: *Livro VII, Cap. III*.
Sua natureza: *Livro VII, Caps. V-XXVI*;
sua indignidade: *Livro VII, Caps. XXVII-XXIX*.
Sua repartição pelos diversos sectores do mundo: *Livro IV, Cap. X*.
Explicação do politeísmo pela Carta de Alexandre: *Livro VIII, Caps. V e XXVII*;
a mesma explicação por Evémero. **Ver EVEMERISMO**.
Todos os deuses se identificam com Júpiter: *Livro IV, Cap. XI*,
nomeadamente os deuses *selectos*: *Livro VII, Caps. IX-XIII*.
O monoteísmo da Lei de Moisés: *Livro X, Caps. XV e XXIV*. **Ver Paganismo**.

PORFÍRIO.

Elogiado por Santo Agostinho: *Livro VII, Cap. XXV*; *Livro XIX, Cap. XXII*; *Livro XXII, Cap. III*.

Sua psicologia platónica das três partes da alma: *Livro X, Cap. IX*.
Ver PLOTINO.

A sua doutrina da «fuga ao corpo»: *Livro X, Cap. XXIX*; *Livro XII, Cap. XXVII*; *Livro XIII, Caps. XVI, XVII e XIX*; *Livro XXII, Caps. XII e XXVI*.

Porfírio e a metempsicose. **Ver PLATONISMO**.

Sua teoria da alma do Mundo: *Livro X, Caps. XXIX e XXX*.

Porfírio e a Encarnação: *Livro X, Caps. XXIV e XXIX*.

Sua expectativa do verdadeiro caminho da salvação: *Livro X, Cap. XXXII*.

O seu «Cristianismo»: *Livro XIII, Cap. XIX*.

Hesita entre Deus e os demónios: *Livro X, Cap. XXVI*.

Testemunho a favor do «Deus dos Judeus perante o qual tremem os deuses» pagãos: *Livro XIX, Cap. XXIII*; *Livro XX, Cap. XXIV*; *Livro XXII, Caps. III e XXV*.

Sua teoria da Trindade fonte de purificação: *Livro X, Cap. XXIII*;
acerca da verdadeira oração. **Ver ORAÇÃO**.

Suas hesitações acerca da teurgia: *Livro X, Caps. IX e X*,
que ele condena na sua carta a Anebonte: *Livro X, Cap. XI*.

É inconsequente na teoria da purificação teúrgica: *Livro X, Cap. XXVIII*.

Presta um testemunho favorável a Cristo e hostil aos Cristãos:
Livro XIX, Cap. XXIII.

Porfírio e o oráculo de Apolo. **Ver MISTÉRIOS**.

A *Filosofia dos Oráculos* de Porfírio: *Livro X, Caps. XXVII e XXXII*.

Porfírio e a ressurreição. **Ver RESSURREIÇÃO**.

POVO JUDEU. POVO DE DEUS.

Os povos do Mundo: *Livro XVI, Cap. IX*;
após o Dilúvio: numerosos na cidade Terrestre, mas um só povo eleito: *Livro XV, Cap. XI*.

O seu nome: Povo de Israel: *Livro XVI, Cap. XXXIV*; *Livro XVIII, Cap. XIII*.

O Povo hebreu tira o seu nome de Héber: *Livro XVI, Cap. III*.

Seus membros apelidados de *deuses* pela Escritura: *Livro IX, Cap. XXIII*.

A sua origem: a Aliança de Abraão: *Livro XVI, Caps. XLI e XLII*.

Ver ALLANÇA.

Sua instituição por Moisés: *Livro XVI, Cap. XLIII*.

Seu nascimento e sua prosperidade sem a ajuda dos deuses pagãos: *Livro IV, Cap. XXXIV*.

Os milagres feitos em seu benefício no Antigo Testamento: *Livro X, Cap. VIII. Ver MILAGRE*.

A sua história: de Josué a Dana: *Livro XVI, Cap. XLIII*;

de Samuel e os Juízes até David: *Livro XVII, Cap. IV*;

reino de Salomão: *Livro XVII, Cap. XX*;

de Salomão ao Messias: *Livro XVII, Caps. XXI-XXIV*;

do Cativo de Babilónia aos Macabeus e a Cristo: últimos chefes e últimas provações: *Livro XVIII, Cap. XLV*;

comparação da sua história com a dos impérios pagãos: **Ver SINCRONISMO**.

Os Judeus habitarão Jerusalém *usque in saeculum*: sentido da promessa a Abraão: *Livro XVI, Cap. XXI*.

A actual dispersão dos judeus pela Terra inteira é um testemunho a favor de Cristo e da Igreja: *Livro XVIII, Cap. XLVI*.

Sua conversão no fim do Mundo: *Livro XX, Cap. XXX*.

Diatrise de Séneca contra os Judeus: *Livro VI, Cap. XI*.

PRAZER. Ver BEATTITUDE. DESEJO (LIBIDO).

PREDESTINAÇÃO.

A graça escolhe entre os pecadores um determinado número de eleitos: *Livro XIV, Cap. XXVI*.

Como são predestinados aqueles por quem a Igreja intercede: *Livro XXI, Cap. XXIV*.

As nações predestinadas estão livres das seduções do Diabo: *Livro XX, Cap. VII*,

tal como a Igreja predestinada: *Livro XX, Cap. VIII*.

Nenhum dos predestinados pode perecer: *Livro XVIII, Cap. LI*.

O número dos predestinados está fixado: *Livro XX, Cap. XIII*, mas é-nos desconhecido: *Livro XX, Cap. VII*.

Predestinação ao Inferno: *Livro XVI, Cap. XXXV; Livro XXI, Cap. XXIV; Livro XXII, Cap. XXIV.*

PRESCIÊNCIA DIVINA.

Objecção de Cícero contra a presciência: *Livro V, Cap. IX.*

Ela está incluída na ciência universal do Infinito: *Livro XII, Caps. XIX-XX.*

Deus previu a queda e a Redenção: *Livro XII, Cap. XXIII; Livro XIV, Cap. IX; Livro XXII, Cap. I.*

A presciência divina não força o homem a pecar: *Livro XIV, Cap. XXVII.*

Para o homem a presciência é fonte de liberdade: *Livro V, Cap. X.*
Ver PREDESTINAÇÃO. PROVIDÊNCIA.

PROFECIA. PROFETAS.

a) Três gêneros de profecias: temporais, espirituais, mistas: *Livro XVII, Cap. III.*

Os mais antigos profetas: Noé, Enoc: *Livro XVIII, Cap. XXXVIII.*

Os nossos profetas são anteriores aos sábios pagãos: *Livro XVIII, Caps. XXXVII e XXXIX.*

A profetisa Ana, mãe de Samuel: *Livro XVII, Cap. IV.*

O «tempo dos profetas» de Samuel até ao regresso do cativoiro: *Livro XVII, Cap. I.*

Profecias de David: *Livro XVII, Cap. XVIII. Ver SALMOS.*

Os quatro profetas maiores e os doze menores: *Livro XVIII, Caps. XXVII-XXXVI.*

Os últimos profetas: João Baptista e Maria: *Livro XVII, Cap. XXIV.*

b) Profecias acerca de Cristo: a Redenção: *Livro VII, Cap. XXXII;*
o caminho universal para a Salvação: *Livro X, Cap. XX.*

Redenção por Cristo ressuscitado: Cântico de Ana: *Livro XVII, Cap. IV.*

Do Homem de Deus a Elias — acerca da mudança de Sacerdócio realizada em Cristo: *Livro XVII, Cap. V.*

Na Sabedoria de Salomão: Paixão de Cristo: *Livro XVII, Cap. XX.*

Isaías — acerca da Paixão: *Livro XVIII, Cap. XXIX.*

Miqueias — nascimento de Cristo em Belém: *Livro XVIII, Cap. XXX.*

Jonas — paixão e ressurreição de Cristo: *Livro XVIII, Cap. XXX.*

Habacuc — o Messias, a Redenção: *Livro XVIII, Cap. XXXII.*

Jeremias — o Salvador: *Livro XVIII, Cap. XXXIII.*

Daniel — época do Messias, seu reino eterno: *Livro XVIII, Cap. XXXIV.*

Ezequiel — o bom Pastor: *Livro XVIII, Cap. XXXIV.*

Ageu — o Desejado das Nações: *Livro XVIII, Cap. XXXV.*
Zacarias — a entrada em Jerusalém, a Redenção: *Livro XVIII, Cap. XXXV.*

Malaquias — o Anjo da Nova Aliança: *Livro XVIII, Cap. XXXV.*
Esdras — o Cristo — Verdade: *Livro XVIII, Cap. XXXVI.*

c) Profecias acerca da Igreja: posteridade incalculável de Abraão: *Livro XVI, Caps. XVI e XX. Ver ALIANÇA DE ABRAÃO.*

A Igreja triunfante e universal (Cântico de Ana): *Livro XVII, Cap. IV.*

Reino eterno de David realizado na Igreja de Cristo e não no Estado de Salomão: *Livro XVII, Cap. VIII.*

Isaías — glória da Igreja: *Livro XVIII, Cap. XXIX.*

Abdias — a Igreja Judaica: *Livro XVIII, Cap. XXXI.*

Nahum — a Igreja espiritual: *Livro XVIII, Cap. XXXI.*

Habacuc — as conversões e a perseguição da Igreja: *Livro XVIII, Cap. XXXII.*

Sofonias — o povo Cristão: *Livro XVIII, Cap. XXXIII.*

Malaquias — a Igreja Universal: *Livro XVIII, Cap. XXXV.*

Ageu — a Igreja Universal, verdadeiro templo restaurado de Deus: *Livro XVIII, Cap. XLV.*

Os Provérbios — Cristo e a Igreja: *Livro XVII, Cap. XX.*

Acerca de Cristo e Igreja nos Salmos. *Ver SALMOS.*

d) Profecias diversas: feita por Deus a Abraão acerca do Povo Judeu no Egípto: *Livro XVI, Cap. XXIV.*

Promessa profética da Terra Prometida, realizada no tempo de David: *Livro XVII, Cap. II.*

Profecia de Samuel e Saul acerca da divisão do seu reino: *Livro XVII, Cap. VII,*

e acerca da distinção das duas cidades, a Igreja e seus inimigos: *Livro XVIII, Caps. III e IV.*

Profecia de Eclesiastes acerca das duas cidades: *Livro XVII, Cap. XX.*

Profecia de Oseias acerca da vocação dos gentios: *Livro XVIII, Cap. XXVIII.*

Profecia de Amós acerca da conversão dos Judeus: *Livro XVIII, Cap. XXVIII.*

Profecia de Joel acerca do Pentecostes: *Livro XVIII, Cap. XXX.*

Profecia de Malaquias acerca do Juízo Final: *Livro XVIII, Cap. XXXV.*

Profecia de Jonas acerca da destruição de Nínive — seu cumprimento no sentido espiritual: *Livro XXI, Caps. XVIII e XXIV.*

Profecia de Sibilas. *Ver SIBILA.*

Figuras proféticas. *Ver SIMBOLISMO.*

e) Profecias pagãs: sua explicação natural: *Livro X, Cap. XXXII,*

acerca da duração do Cristianismo — 365 anos: *Livro XVIII, Cap. LIII.*

Sua refutação pelos factos: *Livro XVIII, Cap. LIV.*

De Hermes Trismegisto acerca da ruína dos cultos egípcios: *Livro VIII, Cap. XXIII.*

Oráculo de Cumas, invocado por Virgílio: *Livro X, Cap. XXVII.*

PROVIDÊNCIA.

Destino eterno da Cidade de Deus e Providência divina: *Livro XXII, Cap. I.*

Nos bens e nos males dos bons e dos maus: *Livro I, Cap. VIII.*

Misericórdia para com os Cristãos: *Livro I, Cap. IX; Livro II, Cap. XXIII.*

Sua intervenção nas guerras: *Livro V, Cap. XXII;*

na sorte dos impérios: *Livro V, Caps. XI, XIX, XXI e XXII;*

na derrota de Radagaiso: *Livro V, Cap. XXIII.*

A Providência instituiu e conservou o Reino Judaico: *Livro IV, Cap. XXXIV.*

Porque favoreceu ela os Romanos: *Livro V, Cap. XIX. Ver ROMA.*

Ela manifesta-se por belezas sensíveis (Plotino e o Evangelho): *Livro X, Cap. XIV;*

pelos bens que concede ao homem: *Livro XXII, Cap. XXIV;*

na alma dos homens: *Livro XXII, Cap. XXIV;*

no seu corpo: *Livro XXII, Cap. XXIV;*

em todos os seres criados: *Livro XXII, Cap. XXIV;*

na Redenção: *Livro VII, Cap. XXXI.*

Pedagogia da Providência no progresso da religião: *Livro X, Cap. XIV;*

nas profecias e nos ritos: *Livro X, Cap. XXXII.*

Só ela é que concede a verdadeira felicidade: *Livro IV, Caps. XXV e XXXIII.*

Sua universalidade, segundo o testemunho de Cícero: *Livro XXII, Cap. XX.*

Sua acção imutável: *Livro XII, Cap. XXI.*

Ela tudo dirige, respeitando porém a acção das criaturas: *Livro VII, Cap. XXX.*

Extrai o bem do mal: *Livro XI, Cap. XVII; Livro XXII, Cap. I.*

A ordem da Providência e o pecado: *Livro XIV, Cap. XXVI,*

nos anjos como nos homens: *Livro XIV, Cap. XXVII.*

A sua justiça e a sua misericórdia na punição do pecado original: *Livro XXI, Cap. XII. Ver PREDESTINAÇÃO. PRESCIÊNCIA. SABEDORIA. MAL. PECADO.*

PURGATÓRIO. PURIFICAÇÃO.

A questão das penas purificadoras: *Livro XXI, Caps. XIII-XVI.*

As penas purificadoras no Juízo Final, segundo Malaquias: *Livro XX, Cap. XXV.*

O Purgatório: pena purificadora após a morte e antes do Juízo Final: *Livro XXI, Caps. XIII e XXIV.*

A purificação pelo fogo. *Ver FOGO.*

Purificação pela oração dos Santos entre a morte e o Juízo Final: *Livro XXI, Cap. XXVI.*

Purificação do espírito pela fé para ver a Deus: *Livro XI, Cap. II,*
da alma espiritual pela graça: *Livro X, Cap. XXVIII.*

O Verbo encarnado, princípio de purificação para a alma e para a carne do crente: *Livro X, Cap. XXIV;*

para o homem total (*mens, spiritus, corpus*) e para todo o vestígio de pecado (Virgílio): *Livro X, Cap. XXVII.*

Contradição entre a purificação das almas e o seu regresso aos corpos mortais segundo os pagãos: *Livro X, Cap. XXX.*

Purificação teúrgica. *Ver MISTÉRIO. PORFÍRIO.*

R

RAZÃO (inteligência).

Faculdade própria do homem — imagem de Deus: *Livro XII, Cap. XXIV; Livro XXII, Cap. XXIV.*

Bem primordial da alma — ameaçada na Terra pela loucura e pela possessão diabólica: *Livro XIX, Cap. IV.*

Adormecida na infância, desenvolve-se pelas ciências e pelas virtudes: *Livro XXII, Cap. XXIV.*

As suas múltiplas e admiráveis invenções: *Livro XXII, Cap. XXIV.*

Para ajuizar do dever, a sã razão é preferível aos exemplos: *Livro I, Cap. XXII.*

Parte dominante da alma: domina as paixões: *Livro XIV, Cap. XIX,*
contanto que obedeça a Deus: *Livro XIX, Cap. XXV.*

A inteligência humana e angélica na paz celestial: *Livro XXII, Cap. XXIX. Ver ESPÍRITO (mens). VISÃO.*

RAZÃO SEMINAL. Ver SEMENTE.

Razões imutáveis ou Ideias da divina Sabedoria: *Livro XI, Cap. X.*

REDENÇÃO. Ver ENCARNAÇÃO.

RELIGIÃO.

Etimologia da palavra: *Livro X, Cap. II.*

A religião não se confunde com a superstição (Cícero): *Livro IV, Cap. XXX.*

Tem a sua origem, não na Cidade Terrestre mas na inspiração do verdadeiro Deus: *Livro VI, Cap. IV.*

Domina as paixões e imita o que adora: *Livro VIII, Cap. XVII.*

A verdadeira religião, «caminho universal de Salvação», é o Cristianismo: *Livro X, Cap. XXII.*

Sua santidade: *Livro II, Cap. XXVIII.*

O Cristianismo útil ao governo dos povos: *Livro V, Cap. XIX.*

A religião pagã. **Ver PAGANISMO. POLITEÍSMO. CIDADE DE DEUS. IGREJA. CULTO. JESUS CRISTO. APOLOGÉTICA.**

REPÚBLICA (Estado).

Definição de Cícero fundada na justiça: *Livro II, Cap. XXI; Livro XIX, Cap. XXIII.*

Definição augustiniana fundada no amor: *Livro XIX, Cap. XXIV.*

Aplicação a Roma da definição de República: *Livro XIX, Cap. XXI.*

Não há Estado (República) sem justiça: *Livro II, Cap. XXI.*

República romana: sua aparição histórica: *Livro XVIII, Cap. XXVI.*

A corrupção da República antes do Cristianismo: *Livro II, Cap. XIX.*

Roma pagã degenerada não é uma República: *Livro II, Cap. XXI;*
na medida em que é pagã, jamais foi uma verdadeira República: *Livro XIX, Caps. XXI e XXIII.*

Em que sentido Roma e qualquer Estado, mesmo pagão, é uma República: *Livro XIX, Cap. XXIV. Ver CÍCERO. ROMA.*

RESSURREIÇÃO.

Dogma de fé, professado no culto dos mortos: *Livro I, Cap. XIII.*

Depoimento de Isaías (LXVI, 12-16): *Livro XX, Cap. XXI.*

Há uma ressurreição das almas: *Livro XX, Cap. X,*

que precede a ressurreição dos corpos: *Livro XX, Cap. VI.*

Após o Juízo Final — dupla ressurreição; para a vida ou para a morte: *Livro XX, Cap. VI.*

A ressurreição geral no fim do Mundo e a morte dos últimos homens: *Livro XX, Cap. XIX.*

O regresso das almas humanas aos seus corpos não é um castigo: *Livro XII, Cap. XXVII.*

Desejo de ressurreição nas almas separadas: *Livro XIII, Cap. XX.*

Sua conveniência provada pelas opiniões pagãs: *Livro XIII, Cap. XIX.*

Objecções a este dogma:

objecções platónicas — a ausência de corpos necessária para a beatitude: *Livro XIII, Cap. XVI;*

não pode ser imortal o que é terrestre: *Livro XIII, Cap. XVII;*

não pode estar no Céu o que tem peso: *Livro XIII, Cap. XVIII*;
objecção tirada das leis naturais: *Livro XXII, Cap. IV*;
nomeadamente da gravidade: *Livro XXII, Cap. XI*.

Série de questões embaraçosas e objecções contra a ressurreição:
Livro XXII, Cap. XII.

O problema dos fetos abortivos e das crianças: *Livro XXII, Caps. XIII e XIV*

e dos corpos totalmente destruídos ou comidos por outros homens: *Livro XXII, Cap. XX*.

Resposta pela crença geral: *livro XX, Cap. V*

e pelos milagres. **Ver MILAGRE.**

Síntese das provas a favor da Ressurreição contra as objecções pagãs: *Livro XXII, Cap. XXV*.

Opiniões pagãs referidas por Cícero, favoráveis à ressurreição: *Livro XXII, Cap. XXVIII*.

A opinião de Porfírio de que *omne corpus fugiendum* é refutada por Platão (Discurso aos deuses do Timeu): *Livro XXII, Cap. XXVI*. **Ver PORFÍRIO.**

Porfírio depõe com Platão a favor da ressurreição: *Livro XXII, Cap. XXVII*

e ambos com Varrão: *Livro XXII, Cap. XXVIII*.

Ressurreição de Cristo, modelo da nossa ressurreição: **Ver JESUS CRISTO.**

A ressurreição na Sagrada Escritura: **Ver EXEGESE. SALMOS.**

RETÓRICA. Ver GRAMÁTICA.

RETORNOS PERIÓDICOS. Ver ETERNIDADE DO MUNDO.

ROMA. ROMANOS.

Sua fundação pelos descendentes de Eneias: *Livro III, Cap. II*,
no tempo de Ezequias, rei de Judá: *Livro XVIII, Cap. XXII*,
por Rômulo e Remo: *Livro III, Cap. VI*.

Tomada pelos Gauleses e salva pelos gansos: *Livro II, Cap. XXII*.

Sua grandeza após a expulsão dos reis: *Livro II, Cap. XVIII*.

Cresce com as guerras civis e é devastada pelas guerras civis. **Ver**

GUERRA.

Males que suporta antes de Cristo: *Livro III, Caps. XVII-XXX*.
Ver MAL.

Eternidade prometida por Virgílio: *Livro II, Cap. XXIX*.

Os antigos Romanos: seu sentido natural do direito e do bem: *Livro II, Cap. XVII*,

muitas vezes por eles violado: *Livro II, Caps. XVII e XVIII*,
pedem aos Gregos normas de vida e melhoram-nas: *Livro II, Cap. XVI*.

Censores dos poetas: *Livro II, Caps. IX e XIII.*

Pelos seus costumes são preferíveis aos deuses: *Livro II, Cap. XII.*

Os seus costumes são melhorados pelo medo e degradados pela prosperidade: *Livro II, Cap. XVIII.*

As virtudes pagãs: *Livro V, Cap. XII,*

comparadas às virtudes cristãs: *Livro V, Caps. XIII-XVI. Ver*

VIRTUDE.

Apelo de Agostinho ao nobre povo romano: *Livro II, Cap. XXIX.*

Arte de dominar dos Romanos: *Livro V, Cap. XII.*

A sua paixão de poder e de glória. **Ver PAIXÃO.**

Seus vícios inveterados apesar das provações: *Livro I, Cap. XXXIII.*

Razão de ser destas provações. **Ver PROVIDÊNCIA.**

O Império Romano e o Anticristo: *Livro XX, Cap. XIX.*

Fundou-se à custa de conquistas. **Ver GUERRA.**

O Império e os deuses. **Ver DEUSES PAGÃOS.**

República Romana. **Ver REPÚBLICA.**

Roma Cristã. **Ver IMPERADOR.**

S

SABEDORIA.

O Espírito de Sabedoria de Deus, que em si é simples, é múltiplo nos seus efeitos: *Livro XI, Cap. V.*

A Sabedoria — Verbo divino criador: *Livro XI, Cap. XXIV,*

arte criadora do Universo: *Livro XI, Caps. VII e XXIX,*

comunica-se às almas santas, aos anjos e aos profetas: *Livro XI,*

Cap. IV.

Filosofia — estudo da sabedoria: *Livro XI, Cap. XXV,*

amor da sabedoria: o filósofo é o sábio. **Ver FILOSOFIA. PLA-**

TONISMO.

As duas cidades e a sua sabedoria — uma, falsa e idólatra e outra, verdadeira piedade e caridade: *Livro XIV, Cap. XXVIII.*

Sabedoria oposta aos sábios deste mundo (I Cor., I, 19-25): *Livro X, Cap. XXVIII.*

O sábio domina as suas paixões: *Livro IX, Cap. IV,*

melhor que os demónios: *Livro IX, Cap. III.*

O homem sábio, melhor mediano de que o demónio: *Livro IX, Cap. XIV.*

A sabedoria não entra na definição dos demónios: *Livro IX, Cap. VIII.*

Os sete sábios do paganismo: *Livro XVIII, Caps. XXIV e XXV.*

Os profetas são mais antigos que os sábios pagãos: *Livro XVIII, Cap. XXXVII*

especialmente no Egipto: *Livro XVIII, Cap. XXXIX.*

Sabedoria do Cristão no caso da sua salvação: *Livro XXI, Cap. XXVI.*

A absurda sabedoria dos estóicos que vai até ao suicídio: *Livro XIX, Cap. IV.*

A sabedoria deste mundo ameaçada de loucura e outros males: *Livro XIX, Cap. IV.*

SACRAMENTO.

A palavra *sacramentum* designa todo o «rito sagrado» em geral: *Livro X, Cap. III,*

é um «sinal sagrado» relacionado com o sacrifício: *Livro X, Cap. V. Ver SACRIFÍCIO.*

O mistério (*sacramentum*) do Velho Testamento, onde se esconde o Novo: *Livro IV, Cap. XXXIII.*

Os sacramentos ou ritos sagrados dos Judeus, reprovados por Séneca: *Livro VI, Cap. XI.*

Ritos da Antiga Lei, sacramento ou símbolo de bens eternos: *Livro X, Cap. XV.*

A Arca da Aliança — sacramento ou símbolo do Novo Testamento: *Livro X, Cap. XVII.*

O sacramento ou o mistério da Lei Antiga, que é, pela fé, fonte de justificação: *Livro X, Cap. XXV.*

O sacramento da Lei e do Povo de Deus anuncia a Redenção: *Livro VII, Cap. XXXII.*

O sacramento ou o mistério da Virgindade de Maria no nascimento de Jesus: *Livro X, Cap. XXXII.*

O sacramento do Sangue de Jesus Cristo: *Livro XVIII, Cap. XI.*

Os sacramentos brotados do lado de Cristo na cruz: *Livro XV, Cap. XXVI.*

O sacramento do Baptismo e do Corpo de Cristo (sacramento da iniciação): *Livro XXI, Caps. XX e XXV. Ver BAPTISMO.*

O sacramento do Altar. *Ver EUCHARISTIA.*

SACRIFÍCIO.

Definição do Verdadeiro Sacrifício: *Livro X, Caps. V e VI.*

O Verdadeiro Sacrifício e suas formas: *Livro X, Caps. V e VI.*

Sacrifício interior do Cristão (por amor): *Livro X, Cap. II.*

Sacrifício da Eucaristia — verdadeiro sacrifício do Cristão: *Livro X, Cap. XX. Ver EUCHARISTIA.*

O sacrifício puríssimo da Cidade de Deus, hoje como no Paraíso Terrestre (Malaquias): *Livro XX, Cap. XXVI;*

sua perfeição no Céu: *Livro XX, Cap. XXVI.*

Sacrifício exterior, sinal do sacrifício interior, como as palavras sinais das coisas: *Livro X, Cap. XIX;*

como Deus rejeita o sacrifício exterior e quer o interior: *Livro X, Cap. V*;

ambos estes sacrifícios são devidos ao único Deus verdadeiro: *Livro X, Cap. IV e Livro XIX, Caps. V e XXIII*.

O sacrifício ao único Deus verdadeiro, base da justiça: *Livro XIX, Cap. XXIII*.

Desejado pelo orgulho dos demónios: *Livro X, Cap. XIX; Livro XV, Cap. XVI*.

Os anjos e os homens santos recusam-nos em sua honra: *Livro X, Cap. XIX*.

Desde as origens, os sacrifícios foram oferecidos em honra apenas de Deus: *Livro XV, Cap. XVI*.

Sacrifício de Caim: em que é ele reprovável: *Livro XV, Cap. VII*.

Sacrifício de Melquisedech — figura da Eucaristia: *Livro XVI, Cap. XXII*.

Sacrifício de Isaac por Abraão: *Livro XVI, Cap. XXXII*.

Múltiplos sacrifícios do Antigo Testamento, sinal do único Sacrifício do Calvário: *Livro X, Cap. XX*.

O Sacrifício oferecido sobre o túmulo dos mártires não é oferecido a estes, mas a Deus: *Livro VIII, Cap. XXVII*.

SALMOS.

David, autor de todos os salmos: *Livro XVII, Cap. XIV*.

Salmos III, v. 6; XV, v. 9-10; XL, v. 6-9, acerca da Ressurreição de Cristo: *Livro XVII, Cap. XVIII*.

Salmo XLIV *Eruclavit cor meum* — Cristo e a Igreja: *Livro XVII, Cap. XVI*.

Salmo XLIX, v. 3-5, acerca do Juízo Final: *Livro XX, Cap. XXIV*.

Salmo LXVII, v. 21, acerca da Ressurreição de Cristo: *Livro XVII, Cap. XVIII*.

Salmo LXVIII, v. 22-25, acerca da cegueira dos Judeus: *Livro XVII, Cap. XIX*.

Salmo LXXI de Salomão *Deus judicium tuum Regi da* — todo ele messiânico: *Livro XVII, Cap. VIII*.

Salmo LXXII, v. 17-28: Cristo, fonte de salvação desde o Antigo Testamento: *Livro X, Cap. XXV*.

Salmo LXXXVIII, v. 1 e 20-53 *Misericordias Domini* — promessas de Deus a David: *Livro XVII, Cap. IX*;

a eterna realeza de Cristo: *Livro XVII, Cap. X*;

a sua ressurreição: *Livro XVII, Cap. XI*;

oração de David: *Livro XVII, Cap. XII*.

Salmo CI, v. 26-28 — acerca do fim do Mundo: *Livro XX, Cap. XXIV*.

Salmo CIX *Dixit Dominus*: O Sacerdócio de Cristo: *Livro XVII, Cap. XVII.*

Salmo CXXI *Deus, Deus meus*: acerca da Paixão de Cristo: *Livro XVII, Cap. XVII.*

SANTIDADE. Ver RELIGIÃO.

SEMENTE (CAUSA SEMINAL).

Acção das causas *seminais* na geração: *Livro XII, Cap. XXVI.*

Os membros estão ocultos na semente, a razão do homem adulto na criança e no embrião: *Livro XXII, Cap. XIV.*

A acção das causas *seminais* depende de Deus: *Livro XXII, Cap. XXIV.*

SÉNECA

Crítica severamente os deuses civis: *Livro IV, Cap. X.*

Na prática, não é consequente: *Livro VI, Cap. X.*

Sua atitude para com os Judeus: *Livro VI, Cap. XI. Ver POVO JUDEU. ESTOICISMO. CULTO. SACRAMENTO. TEOLOGIA.*

SENTIDO.

É um dos *bens primários* da alma: *Livro XIX, Cap. IV.*

Os objectos sensíveis são distintos dos objectos inteligíveis (platonicos): *Livro VIII, Cap. VI e Livro IX, Cap. XVII.*

Os sentidos externos e internos; sentidos do corpo e sentidos do espírito: sua relação com a fê: *Livro XI, Cap. III.*

Valor dos sentidos como fonte de verdade: *Livro XIX, Cap. XVIII;*

diversas opiniões dos filósofos pagãos a este respeito: *Livro XVIII, Cap. XLI.*

Os sentidos do espírito, origem do pensamento (*sententia*): *Livro XI, Cap. III.*

Sentido do justo e do injusto: sua espiritualidade: *Livro XI, Cap. XXVII. Ver CONHECIMENTO. EXPERIÊNCIA.*

SETENTA.

História e valor da tradução dos Setenta: *Livro XVIII, Caps. XLII-XLIV.*

Concordância miraculosa dos setenta e dois tradutores: *Livro XVIII, Cap. XLII.*

Data da tradução: sessenta anos depois de Platão: *Livro VIII, Cap. XI.*

Fundamento da autoridade dos Setenta: *Livro XV, Cap. XIV.*

Como é que o hebraico e os Setenta são igualmente inspirados: *Livro XVIII, Cap. XLIII.*

Exemplos da concordância com o hebraico, apesar das divergências aparentes:

a morte de Matusalém: *Livro XV, Cap. XI*;

a lista dos patriarcas: *Livro XV, Caps. XIII-XIV*;

na pregação de Jonas: sentido literal e sentido espiritual: *Livro XVIII, Cap. XLIV. Ver ESCRITURA SAGRADA. CRONOLOGIA.*

SIBILA.

As diversas Sibilas: *Livro XVIII, Cap. XXIII.*

Carácter cristão dos seus oráculos: *Livro XVIII, Cap. XXIII.*

A Sibila de Cumas (Virgílio — IV Égloga) e a purificação por Cristo: *Livro X, Cap. XXVII.*

Profecia da Sibila de Eritreia acerca do fim do Mundo: *Livro XVIII, Cap. XXIII.*

Profecia de uma Sibila acerca da Paixão do Salvador, citada por Lactâncio: *Livro XVIII, Cap. XXIII.*

Adivinhação pelos livros Sibilinos: *Livro III, Cap. XXVII.*

Sibila de Samos, contemporânea de Isaías e de Numa: *Livro XVIII, Cap. XXIV.*

SIMBOLISMO (FIGURA. SÍMBOLO).

a) Método alegórico. *Ver PROFECIA:* Seu tríplice sentido.

b) Figuras de Cristo: Set: *Livro XV, Cap. XXI*;

Sem e Jafet, filhos de Noé: *Livro XVI, Caps. II e VII*;

Isaac, sacrificado por Abraão: *Livro XVI, Cap. XXXII*;

Jacob, abençoado em vez de Esaú: *Livro XVI, Cap. VII*;

Luta de Jacob com o Anjo e mudança do nome para Israel: *Livro XVI, Cap. XXXIX*;

Jacob e a visão da escada: *Livro XVI, Cap. XXXVIII*;

Jacob e a unção da pedra: *Livro XVI, Cap. XXXVIII*;

Judá abençoado por Jacob: *Livro XVI, Cap. XLI*;

O cordeiro pascal: *livro XVI, Cap. XLIII*;

Josué: *Livro XVI, Cap. XLIII*;

Samuel e David: Cristo, Sacerdote e Rei: *Livro XVII, Cap. X*;

Cristo, rei eterno: *Livro XVII, Cap. VIII. Ver SALMO*

LXXXVIII;

Salomão, Rei de paz: *Livro XVII, Cap. VIII.*

c) Figuras da Igreja: a árvore da vida: *Livro XIII, Cap. XXIV*;

A Arca de Noé: *Livro XV, Caps. XXVI e XXVII*;

O povo de Israel, de Isaac aos Reis: *Livro XVI, Caps. XXXV-*

-XLII;

O povo de Deus, instituído por Moisés: *Livro XVI, Cap. XLI*;

Templo de Jerusalém restaurado — símbolo da Igreja, que é um templo mais belo: *Livro XLVIII, Cap. XLVIII*;

Sacrifício de Melquisedech, figura da Eucaristia: *Livro XVI, Cap. XXII*;

As línguas de Pentecostes — símbolo da unidade da Igreja: *Livro XVIII, Cap. XLIX*;

O reino dos santos durante mil anos, símbolo do tempo da Igreja: *Livro XX, Cap. IX*;

Agar e Sara — símbolo dos dois Testamentos: *Livro XV, Cap. XXXI*;

Cetura e seus filhos — símbolo dos maus cristãos: *Livro XVI, Cap. XXXIV*;

Cam — símbolo dos heréticos: *Livro XVI, Cap. II*.

d) Simbolismo das duas cidades: nas primeiras gerações: *Livro XV, Caps. XVII-XXI*;

nas duas genealogias de Caim e de Set: *Livro XV, Cap. XV*;

na estrutura destas duas genealogias: *Livro XV, Cap. XXI*;

Caim e Abel: *Livro XV, Cap. XV*;

nos nomes dos primeiros patriarcas: *Livro XV, Cap. XVII*;

Agar e Sara: *Livro XV, Cap. II*;

Ismael e Isaac: *Livro XV, Cap. III*;

Esaú e Jacob: *Livro XVI, Cap. XXXV*;

Os dois filhos de José abençoados por Jacob: *Livro XVI, Cap.*

XLII.

e) Símbolos da Cidade Celeste: Enós, filho de Set: *Livro XV, Cap. XVIII*;

Enoc, arrebatado ao Céu: *Livro XV, Cap. XIX*.

f) Símbolos da Cidade Terrestre: a posteridade de Caim: *livro XV, Cap. XX*;

a besta do Apocalipse: *Livro XX, Cap. IX*.

g) diversos simbolismos: os da Arca: *Livro XV, Cap. XXVI*;

dos três filhos de Noé: *Livro XVI, Cap. II*;

da mulher de Set transformada em sal: *Livro XVI, Cap. XXX*;

do sacrifício de Abraão (em Visão): *Livro XVI, Cap. XXIV*;

do sacrifício de Isaac por Abraão: *Livro XVI, Cap. XXXII*;

o mar, figura do Mundo: *Livro XX, Caps. XV e XVI*;

simbolismo dos números. *Ver NÚMEROS.*

SOBERBA. ORGULHO.

Ao exaltar-se, rebaixa-se: *Livro XIV, Cap. XIII*.

Funda e domina a Cidade Terrestre: *Livro XIV, Caps. IX e XIII*.

Primeiro pecado dos anjos — primeiro manancial de pecado: *Livro XII, Cap. VI*.

A soberba, inveja do Diabo, tenta Adão: *Livro XIV, Cap. IX*.

A soberba leva os demónios à procura de sacrifícios e honras divinas para si: *Livro IX, Cap. XX; Livro X, Cap. XIX*.

É fonte dos demais vícios: *Livro XIV, Cap. III.*

O secreto orgulho de Adão manifesta-se no pecado original: *Livro XIV, Cap. XIII.*

As «desculpas» alegadas por Adão e Eva são a prova do seu orgulho: *Livro XIV, Cap. XIV.*

Orgulho de Babilônia e de Nebrot de Babel, e o seu castigo — a confusão das línguas: *Livro XVI, Cap. IV.*

Remédio do orgulho secreto: as repetidas quedas: *Livro XIV, Cap. XIII.*

Remédio do orgulho secreto: a humilhação: *Livro I, Cap. XXVIII.*
Ver HUMILDADE.

SÓCRATES.

Primeiro filósofo a orientar a filosofia para a conduta humana. Doutrina, método e discípulos: *Livro VIII, Cap. III.*

O mais importante filósofo moralista: *Livro XVIII, Cap. XXXVII.*

Suas discussões com os outros filósofos no Pórtico: *Livro XVIII, Cap. XLI.* **Ver FILOSOFIA. PLATONISMO.**

SOFRIMENTO.

Definição — uma das quatro paixões: *Livro XIV, Cap. VII;*

tristeza: *Livro XIV, Cap. XV.*

É a alma imortal que sofre no homem: *Livro XXI, Cap. III.*

Nem todo o sofrimento conduz à morte: *Livro XXI, Cap. III.*

A tristeza é precedida do temor: *Livro XIV, Cap. XV.*

Psicologia da dor física e da tristeza moral. **Ver PAIXÃO.**

Diversas provações da condição humana: *Livro XXI, Cap. XIV.*

Sofrimentos terrestres: *Livro XXII, Cap. XXII;*

desde a infância: *Livro XXII, Cap. XXII;*

misérias da condição humana: *Livro XIX, Cap. IV; Livro XXII, Cap. XXII.*

Os sofrimentos da infância: *Livro XXI, Cap. XIV.*

A tortura da justiça — sinal da miséria humana: *Livro XIX, Cap. VI.*

Provações suportadas pelos vencidos na guerra: *Livro I, Cap. V.*

Elas são comuns aos bons e aos maus: *Livro I, Cap. VIII.*

Valor moral do sofrimento — oposto para os bons e os maus: *Livro I, Cap. VIII.*

Provações dos justos nas lutas da virtude: *Livro XXII, Cap. XXIII.*

As provações são para os justos um bem: *Livro I, Cap. IX.*

Cativeiro, provação dos santos: *Livro I, Cap. XIV.*

Há, segundo a Escritura, uma tristeza que é boa: *Livro XIV, Cap.*

VIII.

Os castigos, mesmo corporais, são úteis para a paz doméstica: *Livro XIX, Cap. XVI.*

Ordem no sofrimento dum justo castigo: *Livro XIX, Cap. XIII.*

A dor na guerra eterna do Inferno: *Livro XIX, Cap. XXVIII.* Ver **INFERNO. DIABO. FOGO. PROVIDÊNCIA. PENAS PURIFICADORAS. PURIFICAÇÃO.**

SUBSTÂNCIA.

Simplex em Deus, composta e mutável nas criaturas: *Livro XI, Cap. X.*

SUICÍDIO.

É sempre ilícito: *Livro I, Caps. XX, XXII e XXV,*

salvo sendo por vontade de Deus: *Livro I, Cap. XXVI.*

Absurda sabedoria do estoicismo, que aconselha o suicídio: *Livro XIX, Cap. IV.*

É sinal de fraqueza de ânimo: *Livro I, Caps. XXII e XXIII.*

Seus motivos: a desonra receada ou suportada: *Livro I, Caps. XVII e XXIII,*

evitar um pecado: *Livro I, Cap. XXVII.*

Suicídio das virgens mártires: *livro I, Cap. XXVI.*

SUPERSTIÇÃO. Ver RELIGIÃO.

T

TEATRO.

Devido à sua imoralidade, foi proscrito em Roma: *Livro I, Cap. XXXI.*

Os actores são honrados na Grécia mas desprezados em Roma: *Livro II, Cap. XI.*

Platão condenou o teatro: *Livro II, Cap. XIV.*

Jogos cínicos imorais, desejados pelos deuses: *Livro I, Cap. XXXII; Livro IV, Caps. XXVI e XXVII.*

Os sacerdotes eram melhores que os seus deuses: *Livro II, Caps. X e XIII.*

TELETAS. Ver MISTÉRIOS.

TEMPLO.

Templo de Deus, Casa de Deus, Cidade de Deus — sinónimos: *Livro XV, Cap. XIV.*

O Templo judaico e a Igreja: *Livro XVIII, Cap. XLVIII.* Ver **SIMBOLISMO.**

Os templos cristãos de Roma e o seu direito de asilo: *Livro I, Caps. I e VII.*

Templos pagãos violados, sem esse direito de asilo: *Livro I, Caps. II e IV-VI.*

Os pagãos não dedicaram nenhum templo a Platão, que o merecia mais que os deuses: *Livro II, Cap. XV.*

Num sentido espiritual, todos e cada um de nós somos templos de Deus: *Livro X, Cap. III. Ver CIDADE DE DEUS.*

TEMPO.

A sua natureza está relacionada com a mudança: *Livro XI, Cap. VI,*

quer no Mundo (mudança dos astros) quer nos anjos: *Livro XII, Cap. XVI.*

O tempo na vida corporal — corrida para a morte (sua velocidade): *Livro XIII, Cap. X.*

Foi criado com o Mundo: *Livro XI, Cap. VI.*

Deus, moderador do tempo: *Livro IV, Cap. XXXIII.*

Há um começo do tempo: *Livro XI, Caps. IV e XXXIII; Livro XII, Cap. XV.*

Não há tempo antes de Mundo: *Livro XI, Cap. V.*

Invenção da medida do tempo por meses e anos: *Livro XVIII, Cap. III.*

Tempo infinito. *Ver INFINITO.*

Suas relações com a eternidade de Deus: *Livro XII, Cap. XVI. Ver ETERNIDADE.*

TENTAÇÃO.

Seu lugar na análise da primeira origem do mal: *Livro XII, Cap. VI.*

Deus permite as tentações diabólicas: tentação de Adão: *Livro XIV, Cap. XXVII,*

tentação do Anticristo, limitada por Deus: *Livro XX, Cap. VIII.*

Contra os ataques ou tentações do inimigo, o remédio é a oração: *Livro X, Cap. XXII.*

As tentações ou provações deste mundo são úteis para os santos: *Livro XIX, Cap. X*

para aprenderem a conhecerem-se: *Livro XVI, Cap. XXXII.*

A vida terrestre é uma tentação ou provação para o justo: *Livro XIX, Cap. XXVII; Livro XXII, Cap. XXIII.*

Exemplos: o de Adão e Eva: *Livro XIV, Cap. XI;*

o de Abraão: *Livro XVI, Cap. XXXII.*

TEOLOGIA.

Definição nominal: *Livro VIII, Cap. I.*

No sentido cristão: *Ver SABEDORIA. DEUS.*

No sentido pagão — divisão em três gêneros: fabulosa, natural e civil (segundo Varrão).

Como é que a civil se reduz à fabulosa;
relações entre a teologia civil e a natural.

Por que motivo é Varrão levado a identificar a teologia civil e a fabulosa: *Livro VI, Caps. VIII e IX.*

Aspectos ridículos da teologia civil: *Livro VI, Cap. IX.*

Crítica da teologia civil por Sêneca: *Livro VI, Cap. X. Ver SENECA.*

Interpretação física dos deuses por Varrão: *Livro VII, Cap. V;*

as inconseqüências desta teologia física a respeito de Jano e Término: *Livro VII, Cap. VII;*

as faces de Jano: *Livro VII, Cap. VIII;*

Júpiter e Jano: *Livro VII, Caps. IX-X.*

Incertezas da teologia de Varrão: *Livro IV, Cap. XXXI; Livro VII, Cap. XVII.*

Visão da teologia de Varrão: *Livro VII, Cap. XXIX. Ver DEUSES PAGÃOS. POLITEÍSMO. VARRÃO.*

TESTAMENTO. *Ver ALIANÇA.*

TESTEMUNHO. *Ver AUTORIDADE. FÉ.*

TEURGIA. *Ver MISTÉRIO. PORFÍRIO.*

TORTURA.

Condenação absoluta da tortura: *Livro XIX, Cap. VI.*

TREVAS.

No Anjo que se afasta de Deus: *Livro XI, Cap. IX.*

As trevas angélicas não foram planeadas por Deus: *Livro XI; Cap. XX. Ver ANJOS. ILUMINAÇÃO. DEMÓNIO. CONHECIMENTO. CIÊNCIA.*

Separação da luz e das trevas — símbolo da separação dos bons e dos maus Anjos: *Livro XI, Caps. XIX e XXXIII. Ver ANJOS.*

Trevas na alma privada da Sabedoria: *Livro XI, Cap. X. Ver ILUMINAÇÃO.*

TRINDADE.

É um Só Deus em três Pessoas: *Livro V, Cap. XI; Livro X, Cap. XXIV.*

O mistério da Trindade de Pessoas na simplicidade da natureza divina: *Livro XI, Cap. X.*

Este mistério é evocado desde o começo do Génesis: *Livro XI, Cap. XXXII;*

testemunhado quando da Torre de Babel: *Livro XVI, Cap. VI.*
As três Pessoas são consubstanciais na Trindade: *Livro XI, Cap. XXIV.*

Imagem da Trindade na *vida do espírito* do homem: *Livro XI, Caps. XXVI e XXVIII.*

Três aspectos da criação: *Livro XI, Caps. XXI, XXIII e XXIV*
e três aspectos da obra de arte (natureza, doutrina, uso) —
imagem da Trindade: *Livro XI, Cap. XXV.*

Três partes da filosofia, vestígios da Trindade: *Livro XI, Cap. XXV.*

Vestígios da Trindade no Universo: *Livro V, Cap. XI.*

Trindade de Plotino e de Porfírio. *Ver PLATONISMO. PORFÍRIO. DEUS.*

TRISTEZA. *Ver SOFRIMENTO.*

U

UNIDADE.

Unidade dos corações, ou concórdia, recomendada aos homens pela unidade de Adão na sua criação: *Livro XII, Caps. XXII e XXVIII.*

A unidade da raça humana e os monstros: *Livro XVI, Cap. VIII.*

A unidade e o problema dos antípodas: *Livro XVI, Cap. IX. Ver HOMEM.*

Unidade da igreja, figurada no milagre das línguas pelo Pentecostes.

Unidade da cidade Celeste, profetizada pelo nascimento de Set.

Unidade de Deus em Três Pessoas. *Ver TRINDADE. CULTO DO DEUS ÚNICO DO MONOTEÍSMO. POLITEÍSMO. SACRIFÍCIO.*

UNIVERSO. *Ver MUNDO.*

V

VARRÃO.

Elogio de Varrão por Agostinho e Cícero: *Livro VI, Cap. II.*

Sua doutrina platônica da alma do mundo, como idêntica a Deus: *Livro IV, Cap. XXXI; Livro VII, Caps. V e VI.*

A nossa alma, no corpo mortal, é semelhante à dos deuses nos seus corpos imortais: *Livro VII, Cap. V.*

Sua definição de homem: *Livro XIX, Cap. III.*

Sua teoria dos fins últimos: *Livro XIX, Caps. I e II. Ver FIM.*

Acerca dos *prima bona naturae*: *Livro XIX, Cap. III.*

Sua obra das *Antiguidades* em 41 livros: *Livro VI, Cap. III.*

Porque é que nem a obra de Varrão trata das coisas humanas antes de tratar das coisas divinas: *Livro VI, Cap. IV.*

Os poderes que atribui aos deuses pertencem ao verdadeiro Deus: *Livro VII, Cap. XXX.*

Acerca da teologia de Varrão. *Ver TEOLOGIA.*

Varrão e a ressurreição. *Ver RESSURREIÇÃO.*

Ver EVEMERISMO. MUNDO. ESTOICISMO. SÊNECA. VIRTUDE.

VERDADE.

O Verbo eterno — a verdade imutável: *Livro XI, Cap. XXIX.*

Jesus, Verdade encarnada para nos conduzir à verdade: *Livro XI, Cap. II.*

Deus é a verdade: *Livro XIV, Cap. IV,*

que se ri dos pagãos: *livro XIX, Cap. III.*

Verdade — Lei eterna de que participam os espíritos angélicos: *Livro XVI, Cap. VI.*

Tesouro comum da Cidade Celeste: *Livro V, Cap. XVI.*

Como é que a Verdade imutável fala aos espíritos: *Livro XV, Cap. VI. Ver PALAVRA.*

Mártires — testemunhas da verdade: *Livro X, Cap. XXXII.*

No Céu, a vitória e a Verdade: *Livro II, Cap. XXIX.*

Verdade imutável, que nos aperfeiçoará na outra vida, é fruto da graça: *Livro X, Cap. XXII.*

Preferência pela verdade em Porfírio: *magis amica veritas: Livro X, Cap. XXX.*

A graça interior é necessária na predicação da verdade: *Livro XV, Cap. VI.*

O que não vem da verdade desmorona-se por si mesmo: *Livro VII, Cap. XIX.*

A verdade do conhecimento sensível segundo os epicuristas e os estóicos: *Livro VIII, Cap. VII.*

O demónio é inimigo da verdade: *Livro VI, Cap. VI. Ver MENTIRA.*

VIRGÍLIO.

Seu platonismo: *Livro XIV, Cap. III. Ver PLATONISMO.*

Metempsicose: *Livro X, Cap. XXX.*

Alusão velada ao fim deste Mundo: *Livro XX, Cap. XXIV.*

As penas purificadoras dos condenados: *Livro XXI, Cap. XIII. Ver*

FOGO.

Coincide com o Evangelho ao afirmar que convém angariar amigos com as riquezas injustas: *Livro XXI, Cap. XXVII.*

Origem das paixões. *Ver PAIXÃO.*

VÍCIO. *Ver MAL.*

VIDA.

Deus, vida da alma: alma, vida do corpo: *Livro XIX, Cap. XXVI.*

A alma, fonte de vida do homem e dos animais: *Livro XIII, Cap. XXIV.*

Vida seminal (ou vegetativa), ausente do corpo bruto: *Livro XI, Cap. XXVII,*

vida sensível nos animais: *Livro XI, Cap. XXVII,*

vida intelectual do homem, imagem da Trindade: *Livro XI, Cap. XXVIII.*

Vida eterna e paz eterna: *livro XIX, Cap. XI;*

vida bem-aventurada dos eleitos ressuscitados — única vida verdadeira: *Livro XX, Cap. VI;*

essa vida é um dom do verdadeiro e único Deus: *Livro VI, Cap. XII;*

os deuses pagãos não podem dá-la: *Liv. VI, Caps. VI, VIII e IX.*

Graus da vida eterna, segundo os méritos dos eleitos: *Livro XXII, Cap. XXX.*

Vida social, vida de sábio, vida da Cidade de Deus: *Livro XIX, Cap. V.*

Vida terrestre, uma contínua tentação: *Livro XIX, Cap. XXVII.*

Ver TENTACÃO.

Duas vidas e duas morais (epicuristas e estóicos): *Livro XIV, Cap. II;*

vida segundo o homem e segundo Deus: *Livro XIV, Cap. IV;*

vida segundo a carne, isto é, «segundo o homem»: *Livro XIV, Cap. II.*

Os filósofos distinguem três gêneros de vida: *Livro XIX, Cap. II;*
as três vidas — activa, contemplativa e mista — e a lei da caridade: *Livro XIX, Cap. XIX.*

A árvore da vida no Paraíso: o que significa: *Livro XIII, Cap. XX;*

sentido espiritual aplicado à Igreja: *Livro XX, Cap. XXVI.*

Livro da Vida no Juízo Final: *Livro XX, Cap. XIV;*

significa a presciência de Deus: *Livro XX, Cap. XV.*

VIRTUDE.

Definição — arte de bem viver: *Livro I, Cap. XVI; Livro IV, Cap. XXI; Livro IX, Cap. IV; Livro XIX, Cap. III; Livro XXII, Cap. XXIV;*

piedade autêntica: *Livro V, Cap. XIX;*

ordem do amor (*ordo amoris*): *Livro XV, Cap. XXII.*

As quatro virtudes cardeais: *Livro IV, Cap. XX; Livro XIX, Cap. IV; Livro XXII, Cap. XXIV;*

segundo os Epicuristas, servem o prazer — e a glória, segundo os pagãos: *Livro V, Cap. XX.*

A obediência, virtude fundamental: *Livro XIV, Cap. XII.*

A «virtude», como deusa: *Livro IV, Caps. XX e XXI;*

abraça a «fé» e a «sabedoria»: *Livro IV, Cap. XX*

e todos os deveres: *Livro IV, Cap. XXI.*

Suas relações com o prazer e a glória: *Livro V, Cap. XX.*

O desprezo da glória — aumenta a virtude: *Livro V, Cap. XIX.*

A virtude está na alma e na vontade, e não no corpo: *Livro I, Cap. XVI;*

aplicação à castidade, que reside na alma e mantém a santidade do corpo mesmo violentado: *Livro I, Cap. XVIII.*

Seu papel na beatitude, segundo Varrão, suas relações com os outros diversos bens segundo os filósofos pagãos: *Livro XIX, Cap. III.*

A fonte das virtudes morais e cívicas está na Escritura: *Livro II, Cap. XIX.*

Como usa a virtude da paz imperfeita e dos males da Terra: *Livro XIX, Cap. XI;*

a virtude é útil aos povos: *Livro V, Cap. XIX.*

A verdadeira virtude: a que usa de todos os bens finitos, referindo-os, assim como ela própria, à paz celeste: *Livro XIX, Cap. XI;*

que tende, como seu fim próprio, para o supremo bem do homem: *Livro V, Cap. XII;*

que está unida à piedade autêntica: *Livro V, Caps. XIX e XX;*

suas relações com a piedade e a esperança do Céu: *Livro XIX,*

Cap. III.

Sua luta perpétua contra os vícios e os males, como temperança: *Livro XIX, Cap. IV;*

como prudência, justiça e força: *Livro XIX, Cap. IV.*

Provém da graça divina (pela oração): *Livro V, Cap. XIX; Livro X, Cap. XXII; Livro XXII, Cap. XXIV.*

A virtude dos antigos romanos foi a paixão da glória pela pátria: *Livro V, Cap. XII*

único vício que exclui muitos outros: *Livro V, Cap. XIII. Ver PAIXÃO.*

Esta paixão está na origem da grandeza romana: *Livro V, Cap. XII.*

Esta virtude, inata nos Romanos, está ordenada, segundo Salústio, para a honra e para a glória: *Livro V, Cap. XII.*

Sua recompensa temporal: o Império: *Livro V, Caps. XV e XVIII.*

Exemplos de virtudes pagãs: Bruto, Torquato, Camilo, Cincinato, Régulo, etc.

Régulo: *Livro I, Cap. XXIV;*

rivalidade entre virtudes pagãs e virtudes cristãs: *Livro V, Caps. XVI e XVII.*

A virtude pagã deve ser purificada pela piedade verdadeira: *Livro II, Cap. XXIX.*

As virtudes dos pagãos não são verdadeiras virtudes: *Livro V, Cap. XIX,*

mas vícios: *Livro XIX, Cap. XXV.*

Exemplos de verdadeiras virtudes: a virtude de Abraão: *Livro XVI, Cap. XXXIV:*

a sua fé: *Livro XVI, Caps. XXIII e XXIV. Ver FÉ;*

a sua fé e a sua obediência no sacrifício de Isaac: *Livro XVI, Cap. XXXII;*

a sua prudência e sinceridade no Egípto: *Livro XVI, Cap. XIX;*

a sua caridade e magnanimidade para com Lot: *Livro XVI, Cap. XX;*

a sua castidade: *Livro XVI, Cap. XXXVI;*

a sua castidade e honestidade na aceitação de Agar dada por Sara: *Livro XVI, Cap. XXV.*

Virtude de Jacob nos seus casamentos: *Livro XVI, Cap. XXXVIII.*

Virtudes dos apóstolos e dos mártires: *Livro V, Cap. XIV.*

Virtudes dos imperadores cristãos: **Ver IMPERADOR.**

Caridade, piedade, sabedoria, virtudes cristãs por excelência. **Ver AMOR (Caridade). CULTO (do Verdadeiro Deus). SABEDORIA.**

VISÃO.

Diversas visões: face a face no Céu (anjos) em enigma na Terra (homem) em espírito (profeta Eliseu): *Livro XXII, Cap. XXIX.*

Deus invisível vê-se através das coisas visíveis: *Livro X, Cap. XIII.*

Deus acima de toda a visão natural: *Livro XXII, Cap. XXIX.*

Visão sobrenatural com os olhos do *corpo espiritual*: *Livro XXII, Cap. XXIX.*

A inteligência vê o corpo: *Livro XXII, Cap. XXIX.*

Visão pela inteligência, única explicação segura de uma *visão de Deus*: *Livro XXII, Cap. XXIX.*

Visão de Deus, nosso fim supremo: *Livro X, Cap. XVI,*
nossa perfeição no Céu: *Livro X, Cap. XXII.*

A visão celeste de Deus torna-nos *deuses* por participação: *Livro XXII, Cap. XXX.*

Problema da visão de Deus com os olhos do corpo pelos eleitos: *Livro XXII, Caps. XIII e XXIX.*

Solução: com os olhos do corpo espiritual, visão directa do Cristo-Homem, indirecta de Deus no Universo sensível: *Livro XXII, Caps. V e XXIX.*

VONTADE.

Definida como amor: *Livro XIV, Cap. VIII.*

Definida na Escritura como *desejo do bem*: *Livro XIV, Cap. VIII.*

Toda a causa eficiente dos factos do Mundo é voluntária, não fatalista: *Livro V, Cap. IX.*

A vontade divina causa eficiente de tudo: *Livro V, Cap. IX.*

Imutabilidade e eficácia do querer divino: *Livro XXII, Cap. II.*

Como começa Deus a querer quando faz querer: *Livro XXII, Cap. II.*

Toda a vontade boa vem de Deus: *Livro XII, Cap. IX.*

Querer e felicidade: *Livro XIV, Cap. XXV.*

A vontade boa identifica-se com o amor: *Livro XIV, Cap. VII,*

a vontade boa identifica-se com o amor a Deus: *Livro XIV, Cap. VII.*

A vontade e o seu amor, fonte das paixões e do seu valor: *Livro XIV, Caps. VI e VIII. Ver PAIXÃO.*

Como é que a virtude comanda as paixões: *Livro XIV, Cap. XIX*

e todos os membros (antes e depois do pecado): *Livro XIV, Cap. XXIII;*

extensão real e possível do seu domínio — factos da experiência: *Livro XIV, Cap. XXIV.*

Sua liberdade. *Ver LIBERDADE.*

A vontade, fonte de moralidade: *Livro II, Cap. IV.*

Foi criada boa, tornou-se má por si mesma: *Livro XIV, Cap. XI.*

Não existe uma causa precedente da vontade má. Ela é a fonte do mal moral: *Livro XII, Cap. VI,*

é fonte do primeiro pecado: *Livro XIV, Caps. XI e XIII.*

ÍNDICE GERAL

LIVRO XVI

Na sua primeira parte, do capítulo primeiro ao décimo segundo, expõe-se o desenvolvimento das duas Cidades, da Celeste e da Terrestre, conforme a história sagrada, desde Noé até Abraão. Na segunda, trata-se apenas do desenvolvimento da Cidade Celeste desde Abraão até aos reis dos Israelitas.

CAPÍTULO I

Se, depois do dilúvio, desde Noé até Abraão, se encontram algumas famílias que tenham vivido como a Deus apraz 1447

CAPÍTULO II

O que foi profeticamente figurado nos filhos de Noé..... 1449

CAPÍTULO III

Gerações dos três filhos de Noé..... 1455

CAPÍTULO IV

Diversidade das línguas e inícios de Babilónia 1461

CAPÍTULO V

Descida do Senhor para confundir a língua dos que edificavam a torre 1465

CAPÍTULO VI

Como se deve entender a linguagem com que Deus fala aos Anjos 1467

CAPÍTULO VII

Receberam, mesmo as mais remotas ilhas, todas as espécies de animais que tinham sido salvas na área da inundação do dilúvio? 1471

CAPÍTULO VIII

- Da descendência de Adão ou dos filhos de Noé provieram certas castas de homens monstruosos? 1473

CAPÍTULO IX

- Será de admitir que, na parte inferior da Terra, contrária à que habitamos, há antípodas? 1477

CAPÍTULO X

- Gerações de Sem, na descendência de quem a linguagem da Cidade de Deus se esboça a caminhar para Abraão 1479

CAPÍTULO XI

- A primeira língua em uso entre os homens foi a que depois se chamou «hebraico», do nome de Héber, na família do qual se conservou até à dispersão das línguas 1483

CAPÍTULO XII

- Da época em que, em Abraão, se forma uma nova ordem da sucessão santa 1487

CAPÍTULO XIII

- Qual parece ter sido a razão por que, na ocasião da migração de Taré, que abandonou a Caldeia para passar à Mesopotâmia, nenhuma menção se faz de seu filho Nacor 1489

CAPÍTULO XIV

- Dos anos de Taré, que acabou sua vida em Charra 1491

CAPÍTULO XV

- Data da partida de Abraão quando, por ordem de Deus, saiu de Charra 1493

CAPÍTULO XVI

Ordem e natureza das promessas feitas por Deus a Abraão	1497
---------------------------------------------------------------	------

CAPÍTULO XVII

Dos três mais notáveis reinos dos pagãos, dos quais um, o dos Assírios, já no tempo de Abraão era o que mais sobressaía	1499
-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	------

CAPÍTULO XVIII

Por duas vezes Deus fala a Abraão, prometendo-lhe, a ele e à sua descendência, a terra de Canaã.....	1501
------------------------------------------------------------------------------------------------------	------

CAPÍTULO XIX

No Egípto, Deus protege o pudor de Sara, que Abraão declara ser não sua esposa mas sua irmã.....	1503
--------------------------------------------------------------------------------------------------	------

CAPÍTULO XX

Separação de Lot e Abraão, feita de comum acordo e sem quebra de amizade	1505
--------------------------------------------------------------------------------	------

CAPÍTULO XXI

Terceira promessa em que Deus promete para sempre a terra de Canaã a Abraão e à sua descendência	1507
--------------------------------------------------------------------------------------------------------	------

CAPÍTULO XXII

Derrota por Abraão dos inimigos de Sodoma quando libertou Lot do cativo e foi abençoado pelo Sacerdote Melquisedec	1511
--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	------

CAPÍTULO XXIII

Palavra do Senhor a prometer a Abraão uma posteridade que se viria a multiplicar como a multidão das estrelas. Porque nessa	
-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--

palavra acreditou, foi ele justificado, embora ainda não fosse circuncidado.....	1513
----------------------------------------------------------------------------------	------

CAPÍTULO XXIV

Significação do sacrificio que foi ordenado a Abraão que oferecesse, depois de ter pedido explicações acerca daquilo em que tinha acreditado.....	1515
---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	------

CAPÍTULO XXV

Acerca de Agar, escrava de Sara, que esta entregou a Abraão como sua concubina.....	1521
-------------------------------------------------------------------------------------	------

CAPÍTULO XXVI

Segurança que Deus concede a Abraão prometendo-lhe que, na sua velhice, teria um filho de Sara até então estéril, tornando-o pai dos povos e instituindo como garantia da sua promessa o sacramento da circuncisão.....	1523
-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	------

CAPÍTULO XXVII

Acerca do varão cuja alma perecerá, se não for circuncidado ao oitavo dia, porque quebrou a aliança de Deus.....	1529
------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	------

CAPÍTULO XXVIII

Mudança dos nomes de Abraão e de Sarra, que conseguiram o benefício da fecundidade quando já não podiam gerar por causa da esterilidade de uma e da velhice de ambos.....	1533
---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	------

CAPÍTULO XXIX

Dos três homens ou Anjos, em quem se manifesta ter o Senhor aparecido a Abraão junto do carvalho de Mambré.....	1535
-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------	------

CAPÍTULO XXX

Acerca de Lot, libertado dos Sodomitas, que foram consumidos pelo fogo celeste; e acerca de Abimelec, cuja concupiscência não pôde atentar contra a castidade de Sarra.....	1539
-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	------

CAPÍTULO XXXI

A Isaac, nascido da promessa, foi posto este nome por causa do riso de seus pais	1541
----------------------------------------------------------------------------------------	------

CAPÍTULO XXXII

Obediência e fê de Abraão, que foi posto à prova pela oferta de seu filho, que ele devia imolar. Morte de Sarra	1543
-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	------

CAPÍTULO XXXIII

Rebeca, neta de Nácor, a quem Isaac tomou por esposa	1549
------------------------------------------------------------	------

CAPÍTULO XXXIV

Que se deve pensar do caso de Abraão ter casado com Cetura depois da morte de Sarra	1551
-------------------------------------------------------------------------------------------	------

CAPÍTULO XXXV

Acerca dos dois gêmeos ainda encerrados no seio da sua mãe Rebeca: sentido da resposta divina a este respeito.....	1555
--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	------

CAPÍTULO XXXVI

Oráculo e bênção recebida por Isaac nos mesmos termos que seu pai Abraão em nome do qual Deus o amava	1557
-------------------------------------------------------------------------------------------------------------	------

CAPÍTULO XXXVII

Acerca dos que estão misticamente prefigurados em Esaú e em Jacob	1561
-------------------------------------------------------------------------	------

CAPÍTULO XXXVIII

Da missão de Jacob à Mesopotâmia para aí tomar esposa, da visão	
-----------------------------------------------------------------	--

que ele teve no caminho, e das suas quatro esposas embora só procurasse uma	1565
-----------------------------------------------------------------------------------	------

CAPÍTULO XXXIX

Por que razão a Jacob se chamou também Israel	1569
-----------------------------------------------------	------

CAPÍTULO XL

Como é que se conta ter Jacob entrado no Egipto com setenta e cinco pessoas, quando a maior parte das que são referidas só mais tarde foram geradas?.....	1571
-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	------

CAPÍTULO XLI

Bênção prometida por Jacob a seu filho Judá	1575
---------------------------------------------------	------

CAPÍTULO XLII

Dos filhos de José que Jacob abençoa com uma troca profética na posição das suas mãos.....	1579
--------------------------------------------------------------------------------------------	------

CAPÍTULO XLIII

Época de Moisés, de Jesus Navé (Josué), dos Juizes; depois, a dos Reis, de que Saúl é o primeiro e David o mais importante pelo seu mérito e pelo seu significado.....	1581
------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	------

LIVRO XVII

Nele se trata do desenvolvimento da Cidade de Deus no tempo dos Reis e dos Profetas desde Samuel e David até Cristo, e se expõem os vaticínios desses tempos acerca de Cristo e da Igreja, consignados nas Sagradas Escrituras dos Reis, dos Salmos e de Salomão.

CAPÍTULO I

O tempo dos Profetas.....	1587
---------------------------	------

CAPÍTULO II

- Em que época foi cumprida a promessa de Deus acerca da Terra de Canaã que Israel, segundo a carne, recebeu em partilha..... 1589

CAPÍTULO III

- Dos três sentidos das profecias, que se referem, ora à Jerusalém terrestre, ora à celeste, ora a uma e outra..... 1591

CAPÍTULO IV

- Transformação prefigurada da Realeza e do Sacerdócio de Israel. As profecias de Ana, mãe de Samuel, que era uma figura da Igreja..... 1595

CAPÍTULO V

- Das coisas que, com espírito profético, o homem de Deus disse ao sacerdote Heli indicando a sucessão do Sacerdócio que tinha sido instituído segundo a ordem de Aarão..... 1611

CAPÍTULO VI

- Do Sacerdócio e da Realeza judaicos, cuja instituição foi proclamada eterna, e, todavia, já não persistem, para que se compreenda que são outros os que têm a promessa de eternidade . 1621

CAPÍTULO VII

- Sucessão do Reino Israelita, figura da perpétua divisão entre Israel espiritual e Israel carnal..... 1625

CAPÍTULO VIII

- As promessas feitas a David acerca de seu filho de maneira nenhuma se realizaram em Salomão, mas sim, e plenamente, em Cristo..... 1631

CAPÍTULO IX

- Quão semelhante é a profecia, sobre Cristo, do Salmo 88.º às promessas contidas nas profecias de Natã, nos Livros dos Reis 1637

CAPÍTULO X

- Quão diferente do que Deus tinha prometido foi o que se passou no reino da Jerusalém terrestre – para se compreender que a verdadeira promessa diz respeito à glória de um outro reino e de um outro rei 1641

CAPÍTULO XI

- A «substância» do povo de Deus, realizada pela encarnação de Cristo, o único que teve o poder de arrancar sua alma dos infernos 1645

CAPÍTULO XII

- Nas palavras do Salmo «Onde estão, Senhor, as tuas antigas misericórdias?» – e outras –, a que pessoa se deve entender que se refere a exigência das promessas?..... 1649

CAPÍTULO XIII

- Se se pode atribuir aos tempos que correram sob Salomão a realidade da paz prometida por Deus 1655

CAPÍTULO XIV

- Cuidado de David quanto à disposição e ao simbolismo dos Salmos 1657

CAPÍTULO XV

- Se no contexto desta obra se devem invocar todas as profecias que nos Salmos se referem a Cristo e à Igreja..... 1659

CAPÍTULO XVI

Do que diz claramente ou figuradamente de Cristo e da sua Igreja no Salmo 44.º	1661
--------------------------------------------------------------------------------------	------

CAPÍTULO XVII

Acerca do que se refere ao Sacerdócio de Cristo no Salmo 109.º e à sua paixão no Salmo 21.º	1667
---------------------------------------------------------------------------------------------------	------

CAPÍTULO XVIII

Dos Salmos 3.º, 40.º, 15.º e 67.º, em que a morte e a ressurreição do Senhor são profetizadas.....	1671
----------------------------------------------------------------------------------------------------	------

CAPÍTULO XIX

O Salmo 68.º expõe a obstinada infidelidade dos Judeus	1677
--------------------------------------------------------------	------

CAPÍTULO XX

Do reino e dos méritos de David e de seu filho Salomão, e das profecias que se referem a Cristo e se encontram, quer nos livros de que aquele mesmo é autor, quer nos que lhes foram acrescentados.....	1679
---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	------

CAPÍTULO XXI

Dos reis que, quer em Judá quer em Israel, sucederam a Salomão.	1687
-----------------------------------------------------------------	------

CAPÍTULO XXII

Jeroboão levou ao culto ímpio da idolatria o povo que lhe estava sujeito, mas Deus não deixou de inspirar, nesse povo, profetas e a muitos livrou do crime de idolatria.....	1689
------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	------

CAPÍTULO XXIII

- Vicissitudes dos dois reinos hebreus até que ambos os povos fossem levados, em épocas diferentes, para o cativoiro — tendo posteriormente voltado Judá ao seu reino, que, por fim, passou ao poder dos Romanos..... 1691

CAPÍTULO XXIV

- Dos últimos profetas que houve entre os Judeus, e dos que são referidos na história evangélica ao tempo do nascimento de Cristo..... 1693

LIVRO XVIII

Trata do progresso simultâneo da Cidade Terrestre e da Cidade Celeste, desde a época de Abraão até ao fim do mundo — e trata, suscitantemente, dos oráculos acerca de Cristo, quer das Sibilas, quer principalmente dos profetas sagrados que escreveram desde o começo do reino romano: Oseias, Amós, Isaías, Miqueias e seguintes.

CAPÍTULO I

- Das questões tratadas nos dezassete livros precedentes, que vão até à época do Salvador 1697

CAPÍTULO II

- Dos reis e das épocas da Cidade Terrestre a que correspondem as épocas dos santos contadas a partir de Abraão..... 1699

CAPÍTULO III

- Quais eram os reis que reinavam entre os assírios e os sicionios quando, segundo a promessa, a Abraão, já centenário, nasceu Isaac, ou ao próprio Isaac, já sexagenário, nasceram, de Rebecca, os gémos Esaú e Jacob 1703

CAPÍTULO IV

Época de Jacob e de seu filho José	1705
------------------------------------------	------

CAPÍTULO V

Ápis, rei dos argivos, a quem os egípcios prestaram honras divinas sob o nome de Serápis	1707
------------------------------------------------------------------------------------------------	------

CAPÍTULO VI

À data da morte de Jacob no Egipto, quem é que reinava entre os argivos e entre os assírios	1709
---------------------------------------------------------------------------------------------------	------

CAPÍTULO VII

No tempo de que reis terá José morrido no Egipto	1711
--------------------------------------------------------	------

CAPÍTULO VIII

No tempo de que reis nasceu Moisés. E, nesse tempo, a que deuses se começou a prestar culto	1713
---------------------------------------------------------------------------------------------------	------

CAPÍTULO IX

Quando é que foi fundada a cidade dos atenienses e que explicação dá Varrão do seu nome	1717
-----------------------------------------------------------------------------------------------	------

CAPÍTULO X

Que é que Varrão nos conta acerca da denominação de Areópago e acerca do dilúvio de Deucalião	1719
-----------------------------------------------------------------------------------------------------	------

CAPÍTULO XI

Em que época fez Moisés sair o povo de Deus do Egipto; e na época de que reis morreu Jesus Navé, que lhe sucedeu	1721
------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	------

CAPÍTULO XII

- Ritos sagrados instituídos em honra dos falsos deuses pelos reis da Grécia, desde o êxodo de Israel do Egipto até à morte de Jesus Navé (Josué)..... 1723

CAPÍTULO XIII

- No tempo em que os juizes começaram a governar os hebreus, quais foram as ficções fabulosas que então surgiram 1727

CAPÍTULO XIV

- Os poetas teólogos 1731

CAPÍTULO XV

- Queda do reino dos argivos na época em que, entre os laurentinos, Pico, filho de Saturno, foi o primeiro a receber o reino de seu pai..... 1733

CAPÍTULO XVI

- Diomedes, depois da destruição de Tróia, foi colocado entre os deuses, e os seus companheiros, segundo se conta, foram transformados em aves 1735

CAPÍTULO XVII

- O que Varrão nos conta acerca das incríveis metamorfoses humanas 1737

CAPÍTULO XVIII

- Que é que se deve crer acerca das transformações que, parece, acontecem aos homens por artes dos demónios 1739

CAPÍTULO XIX

- Eneias veio para Itália na época em que Labdão governava os hebreus como juiz 1743

CAPÍTULO XX

Sucessão das dinastias reais entre os israelitas depois da época dos juizes	1745
-----------------------------------------------------------------------------------	------

CAPÍTULO XXI

Dos reis do Lácio, dos quais o primeiro, Eneias, e o décimo segundo, Aventino, foram declarados deuses	1747
--------------------------------------------------------------------------------------------------------------	------

CAPÍTULO XXII

Fundação de Roma na época em que findou o reino da Assíria e em que, em Judá, reinava Ezequias	1749
------------------------------------------------------------------------------------------------------	------

CAPÍTULO XXIII

Da Sibila de Eritreia, conhecida entre as demais Sibilas pelos seus muitos e evidentes vaticínios acerca de Cristo	1751
--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	------

CAPÍTULO XXIV

Quando reinava Rómulo, brilharam os sete sábios. Nesse tempo, as doze tribos que constituíram Israel foram levadas para o cativeiro pelos caldeus e o dito Rómulo morreu e foi elevado às honras divinas	1759
----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	------

CAPÍTULO XXV

Que filósofos brilharam em Roma no reinado de Tarquínio Prisco e, entre os hebreus, no de Sedecias, quando Jerusalém foi tomada e o Templo destruído	1761
------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	------

CAPÍTULO XXVI

Na época em que, decorridos setenta anos, acabou o cativeiro dos judeus, também os romanos foram libertados da dominação régia	1763
--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	------

CAPÍTULO XXVII

Época dos profetas cujos vaticínios ficaram consignados por escrito. Muitos vaticínios proferiram eles então acerca da vocação dos gentios, quando principiava o reino dos romanos e acabava o dos assírios.....	1765
------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	------

CAPÍTULO XXVIII

Profecias de Oseias e de Amós que se referem ao Evangelho de Cristo.....	1767
--------------------------------------------------------------------------	------

CAPÍTULO XXIX

O que Isaías anunciou acerca de Cristo e da Igreja.....	1771
---------------------------------------------------------	------

CAPÍTULO XXX

Profecias de Miqueias, Jonas e Joel, referentes ao Novo Testamento.....	1775
-------------------------------------------------------------------------	------

CAPÍTULO XXXI

Dos vaticínios que se encontram em Nahum e Habacuc acerca da salvação em Cristo.....	1777
--------------------------------------------------------------------------------------	------

CAPÍTULO XXXII

Profecia contida na oração e no cântico de Habacuc.....	1781
---------------------------------------------------------	------

CAPÍTULO XXXIII

Cristo e a vocação dos gentios, anunciados com espírito profético por Jeremias e Sofonias.....	1791
------------------------------------------------------------------------------------------------	------

CAPÍTULO XXXIV

Profecia de Daniel e de Ezequiel que se realiza em Cristo e na Igreja.....	1795
----------------------------------------------------------------------------	------

CAPÍTULO XXXV

Vaticínios dos três profetas: Ageu, Zacarias e Malaquias	1797
----------------------------------------------------------------	------

CAPÍTULO XXXVI

Esdras e os livros dos Macabeus	1803
---------------------------------------	------

CAPÍTULO XXXVII

A autoridade dos Profetas é mais antiga do que a primeira filosofia dos gentios.....	1805
--------------------------------------------------------------------------------------	------

CAPÍTULO XXXVIII

Alguns escritos de santos não foram, por causa da sua excessiva antiguidade, recebidos no cânon da Igreja, para que não dessem ocasião a se misturarem os falsos com os verdadeiros	1807
-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	------

CAPÍTULO XXXIX

Livros hebraicos que nunca deixaram de existir na sua língua original	1809
-----------------------------------------------------------------------------	------

CAPÍTULO XL

Pretensão totalmente falsa dos egípcios, que atribuem cem mil anos de antiguidade à sua ciência	1811
-------------------------------------------------------------------------------------------------------	------

CAPÍTULO XLI

Divergência das opiniões filosóficas e concordância, na Igreja, das Escrituras canônicas	1813
------------------------------------------------------------------------------------------------	------

CAPÍTULO XLII

Por que disposições da Providência de Deus as Sagradas Escrituras	
-------------------------------------------------------------------	--

da Velha Aliança foram traduzidas do hebraico para o grego para chegarem ao conhecimento dos gentios.....	1817
-----------------------------------------------------------------------------------------------------------	------

CAPÍTULO XLIII

Autoridade dos setenta intérpretes, que se deve preferir a todos os tradutores, salvaguardando a honra devida ao texto hebraico ..	1821
------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	------

CAPÍTULO XLIV

O que se deve compreender acerca da destruição dos Ninivitas, cuja ameaça se devia efectivar ao fim de quarenta dias, segundo o texto hebraico, e ao fim do curto espaço de três dias, segundo os Setenta	1825
-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	------

CAPÍTULO XLV

Depois da restauração do Templo, os judeus deixaram de ter profetas e, posteriormente, até ao nascimento de Cristo, foram atingidos de contínuas adversidades – para se demonstrar que era a construção de um outro templo que tinha sido prometida pelos oráculos proféticos	1827
-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	------

CAPÍTULO XLVI

Nascimento do nosso Salvador, pelo qual o Verbo se fez carne; e dispersão dos judeus por todas as Nações, como fora profetizado	1831
---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	------

CAPÍTULO XLVII

Antes dos tempos cristãos e fora da raça de Israel, terá havido homens que pertencessem à comunidade da Cidade Celeste?	1835
-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	------

CAPÍTULO XLVIII

A profecia de Ageu – em que se diz que a glória futura da Casa de Deus seria maior do que tinha sido antes – não se cumpriu com a reedificação do Templo, mas na Igreja de Cristo	1837
-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	------

CAPÍTULO XLIX

- Crescimento da Igreja, na qual, sem se distinguirem neste mundo, muitos réprobos se misturam com os eleitos..... 1841

CAPÍTULO L

- Pregação do Evangelho, que os sofrimentos dos seus pregadores tornaram mais evidente e mais eficaz..... 1843

CAPÍTULO LI

- Até com as dissensões dos hereges se robustece a fé católica..... 1845

CAPÍTULO LII

- Dever-se-á crer, como julgam alguns, que, depois das passadas dez perseguições, só haverá uma décima primeira, que virá no tempo do Anticristo? 1849

CAPÍTULO LIII

- A nenhum homem foi revelada a época da última perseguição... 1853

CAPÍTULO LIV

- Insensatíssima mentira dos pagãos, segundo a qual, imaginaram eles, a religião cristã não ultrapassaria os trezentos e sessenta e cinco anos 1857

LIVRO XIX

Trata-se neste livro dos fins de ambas as Cidades – da Terrestre e da Celeste.

Acerca dos bens e males supremos, revêem-se as opiniões dos filósofos que têm pretendido, mas em vão, encontrar a felicidade nesta vida.

Ao mesmo tempo que, com certo trabalho, se refutam esses filóso-

fos, mostra-se também que felicidade e que paz espera a Cidade Celeste, isto é, o Povo Cristão, assim como a que aqui pode esperar.

CAPÍTULO I

- A propósito da questão ventilada na discussão filosófica acerca dos bens e males supremos, Varrão descobriu que se podem encontrar duzentas e oitenta e oito seitas (*secta*)..... 1865

CAPÍTULO II

- Como Varrão, afastando todas as diferenças que não constituem seitas e mais não são que problemas, chega a três definições do bem supremo, mas das quais se tem que escolher apenas uma. 1873

CAPÍTULO III

- Qual das três escolas que procuram o bem supremo do homem se decide Varrão a escolher, seguindo a doutrina da Antiga Academia de que Antíoco é o autor 1877

CAPÍTULO IV

- O que pensam os Cristãos do bem supremo e do mal supremo, contrariamente aos filósofos que têm dito estarem eles próprios na posse do supremo bem..... 1881

CAPÍTULO V

- A vida social, embora altamente desejável, é muitas vezes perturbada por numerosas dificuldades 1891

CAPÍTULO VI

- Erro dos juizes humanos quando a verdade se esconde..... 1895

CAPÍTULO VII

- A diversidade das línguas divide a sociedade dos homens. Desgraça das guerras, mesmo das chamadas justas..... 1897

CAPÍTULO VIII

- A amizade dos bons não é segura enquanto eles tiverem que recuar os perigos desta vida..... 1901

CAPÍTULO IX

- Da amizade dos santos anjos, que neste mundo se não pode claramente manifestar ao homem por causa dos embustes dos demónios, de que são vítimas aqueles que julgam dever adorar uma multidão de deuses..... 1903

CAPÍTULO X

- Que recompensa está assegurada aos santos por terem vencido as tentações desta vida..... 1905

CAPÍTULO XI

- Da felicidade da paz eterna, na qual os santos encontram o seu fim, isto é, a verdadeira perfeição..... 1907

CAPÍTULO XII

- Mesmo a crueldade dos guerreiros e todas as preocupações humanas têm por fim chegar à paz: não há ser que por natureza a não deseje..... 1909

CAPÍTULO XIII

- Da paz universal que, mesmo no meio não importa de que perturbações, não pode escapar à lei da natureza. De facto, sob o justo Juiz cada um consegue, por força da ordem natural, o que

por decisão da sua vontade merece 1915

CAPÍTULO XIV

Da lei da ordem, quer terrestre quer celeste: mesmo os que se impõem, através dela, à sociedade humana, são-lhe úteis – e, sendo-lhe úteis, estão ao seu serviço 1919

CAPÍTULO XV

Da liberdade, que é natural, e da servidão que tem como primeira causa o pecado – porque o homem de vontade má, mesmo que não seja propriedade de outro homem, é escravo das suas próprias paixões 1923

CAPÍTULO XVI

O justo direito do domínio 1927

CAPÍTULO XVII

Origem da paz e da discórdia entre a Cidade Celeste e a Cidade Terrestre 1929

CAPÍTULO XVIII

Quão diferente é da firmeza da fé cristã a dúvida da Nova Academia 1933

CAPÍTULO XIX

Maneiras de ser e de agir do Povo Cristão 1935

CAPÍTULO XX

Os concidadãos dos santos durante esta vida temporal são bem-aventurados em esperança 1939

CAPÍTULO XXI

- Será que, segundo as definições de Cipião, que se encontram no diálogo de Cícero, alguma vez existiu a República Romana?. 1941

CAPÍTULO XXII

- Será o Deus, a quem os cristãos servem, o único verdadeiro e digno de sacrifícios?..... 1945

CAPÍTULO XXIII

- Respostas que, segundo Porfírio, deram os oráculos dos deuses acerca de Cristo..... 1947

CAPÍTULO XXIV

- Segundo que definição se torna claro que não só os Romanos, mas também outros reinos, podem legitimamente reclamar a denominação de povo e de república..... 1957

CAPÍTULO XXV

- Virtudes verdadeiras não pode haver onde verdadeira religião não há..... 1959

CAPÍTULO XXVI

- O povo de Deus, enquanto é peregrino neste mundo, utiliza-se, para a religião, da paz do povo afastado de Deus..... 1961

CAPÍTULO XXVII

- Da paz dos que servem a Deus, a qual, nesta vida temporal, não pode ser obtida com perfeita tranquilidade..... 1963

CAPÍTULO XXVIII

- Destino final dos ímpios após a morte..... 1967

LIVRO XX

Do juízo final e dos testemunhos do Antigo e do Novo Testamento que nos anunciam a sua realização futura.

CAPÍTULO I

Embora Deus julgue em todo o tempo, é propriamente do seu último juízo que deve tratar este livro 1971

CAPÍTULO II

Diversos casos humanos a que não se pode dizer que falta o juízo de Deus, embora não seja possível descobri-lo 1975

CAPÍTULO III

O que Salomão expõe no livro de *Eclesiastes* acerca do que é comum a bons e maus 1979

CAPÍTULO IV

Para tratar do último juízo de Deus convém carrear os testemunhos – primeiro do Novo e depois do Antigo Testamento..... 1983

CAPÍTULO V

Por que expressões do Senhor Nosso Salvador se declara que, no fim dos séculos, haverá o juízo divino 1985

CAPÍTULO VI

Que é que será quer a primeira quer a segunda ressurreição?..... 1993

CAPÍTULO VII

O que está escrito no Apocalipse de João acerca das duas ressur-

reições e dos mil anos. Que é que razoavelmente se pode pensar destas coisas	1999
------------------------------------------------------------------------------------	------

CAPÍTULO VIII

Prisão e libertação do Diabo	2007
------------------------------------	------

CAPÍTULO IX

O que é o reino dos santos com Cristo durante mil anos, e em que se distingue ele do reino eterno.....	2013
--------------------------------------------------------------------------------------------------------	------

CAPÍTULO X

Resposta a dar aos que julgam que a ressurreição diz respeito apenas aos corpos e não às almas também.....	2021
------------------------------------------------------------------------------------------------------------	------

CAPÍTULO XI

Acerca de Gog e Magog que, no fim do Mundo, o Diabo solto incitará a perseguirem a Igreja.....	2025
------------------------------------------------------------------------------------------------	------

CAPÍTULO XII

Pergunta-se se o facto de serem consumidos por um fogo que descerá dos Céus é que constituirá o último suplício dos ímpios	2029
----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	------

CAPÍTULO XIII

Se aos mil anos se deve acrescentar o tempo da perseguição do Anticristo	2031
--------------------------------------------------------------------------------	------

CAPÍTULO XIV

Acerca da condenação do Diabo com os seus e, à laia de recapitulação, acerca da ressurreição corporal de todos os mortos e acerca das sanções do julgamento final	2035
-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	------

CAPÍTULO XV

Quais são os mortos que o mar apresentou a juízo e os que a morte e o inferno restituíram	2039
-------------------------------------------------------------------------------------------------	------

CAPÍTULO XVI

Do novo Céu e da nova Terra	2043
-----------------------------------	------

CAPÍTULO XVII

Glorificação sem fim da Igreja depois do fim	2045
----------------------------------------------------	------

CAPÍTULO XVIII

O que ensinou o apóstolo Pedro acerca do último juízo de Deus ..	2049
------------------------------------------------------------------	------

CAPÍTULO XIX

O que o apóstolo Paulo escreveu aos Tessalonicenses acerca da manifestação do Anticristo, cuja época será seguida pelo <i>dia do Senhor</i>	2053
---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	------

CAPÍTULO XX

O que o mesmo Apóstolo nos ensina na primeira epístola aos mesmos Tessalonicenses acerca da ressurreição dos mortos	2061
---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	------

CAPÍTULO XXI

O que diz o profeta Isaías acerca da ressurreição dos mortos e das sanções do juízo	2067
-------------------------------------------------------------------------------------------	------

CAPÍTULO XXII

Que será a saída dos santos para verem as penas dos maus	2077
----------------------------------------------------------------	------

CAPÍTULO XXIII

O que Daniel profetizou acerca da perseguição do Anticristo, do juízo de Deus e do reino dos santos	2079
-----------------------------------------------------------------------------------------------------------	------

CAPÍTULO XXIV

Que é que se profetiza, nos salmos de David, acerca do fim deste século e juízo final de Deus	2085
-----------------------------------------------------------------------------------------------------	------

CAPÍTULO XXV

Profecia de Malaquias na qual se anuncia o último juízo de Deus e se fala de purificação a realizar por meio de penas purificadoras	2093
-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	------

CAPÍTULO XXVI

Os santos hão-de oferecer a Deus sacrifícios que lhe serão tão agradáveis como nos antigos dias e nos anos remotos	2097
--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	------

CAPÍTULO XXVII

Separação dos bons e dos maus pela qual será declarada a discriminação do juízo final	2103
---------------------------------------------------------------------------------------------	------

CAPÍTULO XXVIII

A lei de Moisés deve ser interpretada em sentido espiritual para que não sejamos arrastados pelo sentido carnal a murmurações condenáveis.....	2105
------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	------

CAPÍTULO XXIX

Vinda de Elias antes do dia do juízo. A sua pregação, desvendando os segredos das Escrituras, converterá os Judeus a Cristo.....	2109
----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	------

CAPÍTULO XXX

- Nos livros do Antigo Testamento, em que se vê que Deus nos há-de julgar, a pessoa de Cristo não é mostrada com clareza; mas, segundo alguns testemunhos, onde fala o Senhor Deus, não há dúvida de que se trata de Cristo 2113

LIVRO XXI

Acerca do merecido fim da Cidade do Diabo, ou seja do suplício eterno dos condenados, e acerca dos argumentos humanos dos incrédulos contra isto.

CAPÍTULO I

- Ordem da exposição: antes de tratarmos da eterna felicidade dos santos, devemos tratar do suplício perpétuo dos condenados com o Diabo 2125

CAPÍTULO II

- Se os corpos sujeitos à acção do fogo se poderão manter perpetuamente 2127

CAPÍTULO III

- Se é lógico afirmar que a dor do corpo leva à destruição da carne. 2129

CAPÍTULO IV

- Exemplos tirados da natureza, cuja observação nos ensina que os corpos podem manter-se vivos no meio dos sofrimentos 2133

CAPÍTULO V

- São muitas as coisas de que a razão não pode dar explicação, e, todavia, não pode ser posta em dúvida a sua realidade 2139

CAPÍTULO VI

Nem todos os factos maravilhosos são naturais: muitos conseguem-se pelo engenho humano e muitos outros pelos artificios do Diabo.....	2145
---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	------

CAPÍTULO VII

A suprema razão para crer nas coisas extraordinárias é a omnipotência do Criador	2149
----------------------------------------------------------------------------------------	------

CAPÍTULO VIII

Não é contra a natureza que, num ser cuja natureza nos é conhecida, comece a ser qualquer coisa diferente do que era conhecido.....	2153
-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	------

CAPÍTULO IX

A Geena e a natureza das penas eternas	2159
----------------------------------------------	------

CAPÍTULO X

Se o fogo da Geena é corporal poderá ele, por seu contacto, queimar os espíritos malignos, isto é, os demónios incorpóreos?....	2163
---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	------

CAPÍTULO XI

Haverá uma razão de justiça para que a duração das penas não seja mais extensa do que a dos pecados?.....	2167
-----------------------------------------------------------------------------------------------------------	------

CAPÍTULO XII

Magnitude do primeiro pecado. Por causa dele a todos os que estiverem fora da graça do Salvador é devida a pena eterna.....	2171
-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	------

CAPÍTULO XIII

Contra a opinião dos que julgam que para serem purificados é que aos criminosos são aplicados castigos após a morte	2173
---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	------

CAPÍTULO XIV

Penas temporais desta vida às quais a condição humana está sujeita 2177

CAPÍTULO XV

Toda a obra da graça de Deus, ao retirar-nos das profundezas do antigo mal, se orienta para a renovação do século futuro 2179

CAPÍTULO XVI

Leis da graça que regem todas as idades dos regenerados 2181

CAPÍTULO XVII

Dos que julgam que para ninguém haverá penas de duração eterna 2185

CAPÍTULO XVIII

Dos que julgam que no juízo final, graças à intercessão dos santos, nenhum homem será condenado 2187

CAPÍTULO XIX

Dos que prometem, mesmo aos herejes, a impunidade de todos os seus pecados, devido à sua participação no Corpo de Cristo 2191

CAPÍTULO XX

Dos que prometem o perdão, não a todos, mas apenas aos batizados na Igreja Católica, mesmo que, mais tarde, se precipitem em muitos erros e crimes 2193

CAPÍTULO XXI

Daqueles que concluem que, devido ao fundamento da sua fé, se

hãode salvar os que permanecerem na fê Católica, mesmo que vivam muito mal e por isso mereçam a pena do fogo 2195

CAPÍTULO XXII

Dos que julgam que não serão chamados a juízo de condenação aqueles crimes que foram cometidos ao mesmo tempo que se praticavam esmolas 2197

CAPÍTULO XXIII

Contra a opinião dos que afirmam que não serão perpétuos os suplícios quer do Diabo quer dos homens maus 2199

CAPÍTULO XXIV

Contra a opinião dos que julgam que, no juízo de Deus, serão poupados todos os réus, devido às orações dos Santos..... 2203

CAPÍTULO XXV

Se poderão esperar, devido ao favor dos sacramentos, a remissão do suplício eterno – os que foram baptizados no seio da heresia e depois ainda se tornaram piores por levarem má vida; – os que, renascidos na Igreja Católica, se passaram para o cisma ou a heresia, – ou os que, renascidos na Igreja Católica, dela se não afastaram mas vivem criminosamente 2213

CAPÍTULO XXVI

Que significa *ter Cristo por fundamento*? E a quem é feita a promessa de que será salvo *como que passando pelo fogo*? 2219

CAPÍTULO XXVII

Resposta àqueles que estão persuadidos de que, enquanto derem esmolas, não lhes serão prejudiciais os pecados em que persistirem 2227

LIVRO XXII

Acerca do devido fim da Cidade de Deus, isto é, da eterna felicidade dos santos.

Afirma-se a fé na ressurreição dos corpos e explica-se em que consistirá a ressurreição.

Dito que seja o que farão os santos nos seus corpos imortais e espirituais, termina esta obra.

CAPÍTULO I

Condição dos anjos e dos homens 2241

CAPÍTULO II

A vontade eterna e imutável de Deus 2245

CAPÍTULO III

Promessa de felicidade eterna para os santos e de suplicios perpétuos para os ímpios 2249

CAPÍTULO IV

Contra os sábios do mundo que julgam que os corpos terrenos dos homens não podem ser transportados para a morada celestial..... 2251

CAPÍTULO V

Da ressurreição da carne em que alguns não acreditam, embora todo o mundo nela creia..... 2253

CAPÍTULO VI

Roma fez de Rômulo, seu fundador, um deus porque o amou; mas a Igreja ama Cristo porque acredita que é Deus..... 2257

CAPÍTULO VII

- Que o mundo tenha acreditado em Cristo – foi isso obra não da persuasão humana mas da virtude divina 2263

CAPÍTULO VIII

- Dos milagres feitos para que o mundo acreditasse em Cristo e que, depois de o mundo se ter tornado crente, não deixam de se realizar 2265

CAPÍTULO IX

- Todos os milagres realizados em nome de Cristo por intermédio dos mártires dão testemunho da fé com que os mártires em Cristo acreditaram 2283

CAPÍTULO X

- Quão mais dignos de serem venerados são os mártires – que conseguem maravilhas para que o verdadeiro Deus seja adorado – do que os demónios que realizam algumas maravilhas para que se acredite que são deuses 2285

CAPÍTULO XI

- Contra os platónicos que da gravidade (*pondus*) dos corpos tiram o argumento de que um corpo de terra não pode estar no Céu 2289

CAPÍTULO XII

- Contra as calúnias com que os infiéis mofam dos cristãos a propósito da crença na ressurreição da carne..... 2295

CAPÍTULO XIII

- Serão excluídos da ressurreição os abortos se pertencerem ao número dos mortos? 2299

CAPÍTULO XIV

- Se as crianças não-de ressuscitar no estado corporal que viriam a ter com o acréscimo da idade..... 2301

CAPÍTULO XV

- Ressuscitarão os corpos de todos os mortos como o corpo do Senhor? 2303

CAPÍTULO XVI

- Como se deve entender que os santos se não-de conformar com a imagem do Filho de Deus 2305

CAPÍTULO XVII

- Se os corpos das mulheres ressuscitarão mantendo-se no seu sexo. 2307

CAPÍTULO XVIII

- Do homem perfeito, isto é, Cristo, e do seu corpo, isto é, a Igreja que é dele a plenitude 2311

CAPÍTULO XIX

- Nenhum dos efeitos corporais que, nesta vida, se opõem à beleza do homem, existirá na ressurreição. Nesta persistirá a substância do corpo e tanto as suas qualidades como o seu tamanho concorrerão para a mesma e única beleza 2315

CAPÍTULO XX

- A natureza dos corpos, qualquer que tenha sido o modo como se decompuseram, será integralmente restabelecida na ressurreição 2319

CAPÍTULO XXI

- Da novidade do corpo espiritual, no qual se mudará a carne dos santos 2323

CAPÍTULO XXII

- Das misérias e males a que o género humano está sujeito em castigo do primeiro pecado e de que ninguém se liberta senão pela graça de Cristo 2325

CAPÍTULO XXIII

- Dos males destinados a exercitar os justos, além daqueles que são comuns a bons e maus 2331

CAPÍTULO XXIV

- Bens com que o Criador cumulou esta vida, apesar de sujeita à condenação 2335

CAPÍTULO XXV

- Da obstinação de alguns que combatem a ressurreição da carne em que, como se disse, todo o mundo acredita 2345

CAPÍTULO XXVI

- Como a opinião de Porfírio – que as almas, para serem felizes, devem evitar todo o corpo – é refutada pelo parecer do próprio Platão que afirma ter o Deus Supremo prometido aos deuses que nunca seriam privados dos seus corpos..... 2347

CAPÍTULO XXVII

- Proposições opostas de Platão e de Porfírio. Se nelas cada um cedesse alguma coisa ao outro nem um nem outro se teriam desviado da verdade..... 2351

CAPÍTULO XXVIII

Como Platão, Labeão e até Varrão, poderiam ter-se entreadado para encontrarem a verdadeira fé na ressurreição se tivessem acordado em reunir num só corpo de doutrina as suas opiniões	2353
----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	------

CAPÍTULO XXIX

Natureza da visão que os santos terão de Deus no século futuro.	2355
-----------------------------------------------------------------	------

CAPÍTULO XXX

Da felicidade eterna da Cidade de Deus e do sábado perpétuo ...	2365
-----------------------------------------------------------------	------

Bibliografia

I – Bibliografia geral.....	2375
II– Bibliografia especial	2399

ÍNDICES

Índice de matérias	2425
Índice geral	2503

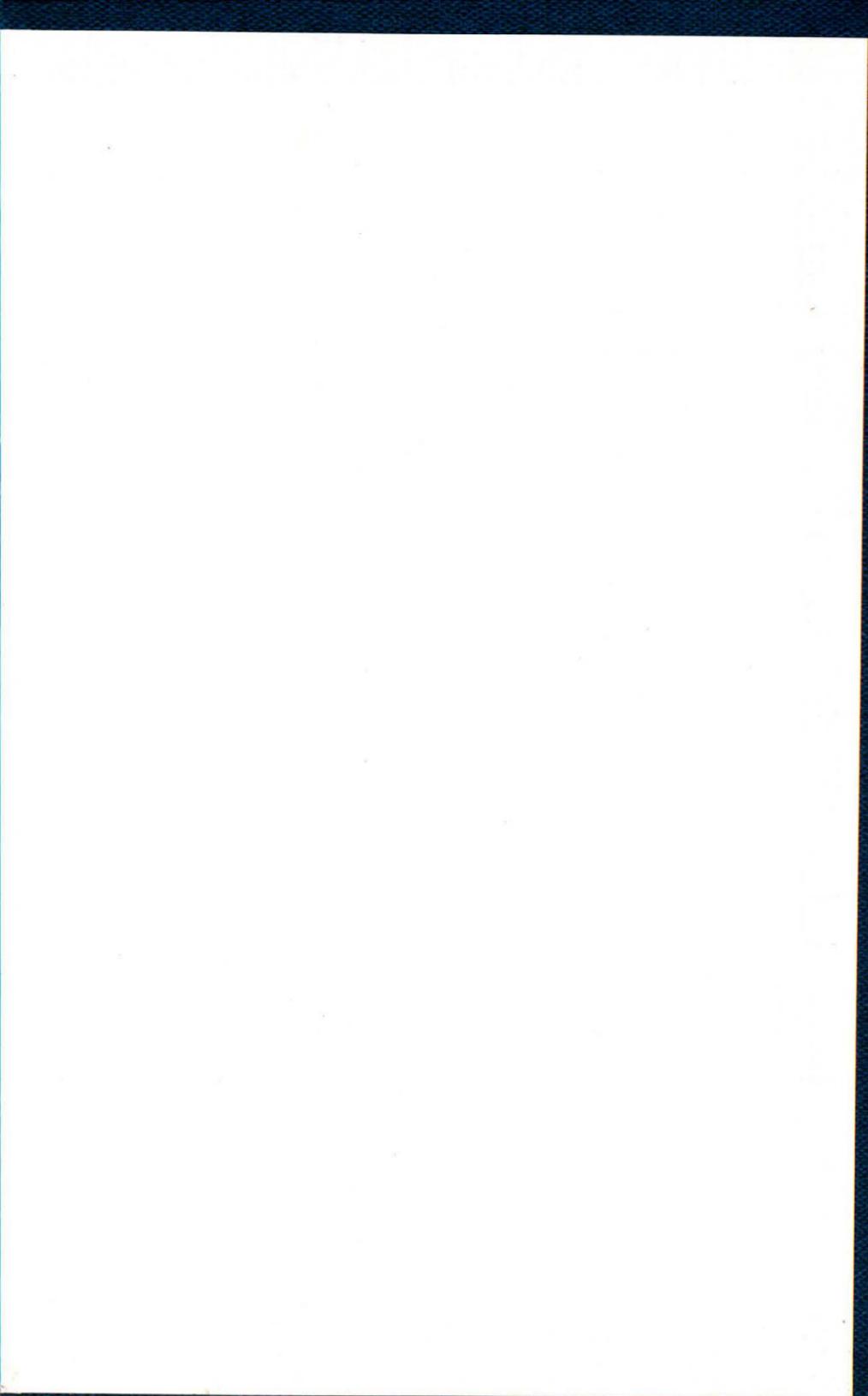
Esta 5.^a edição de A CIDADE DE DEUS, VOL. III,
de Santo Agostinho,
foi impressa e encadernada para
a *Fundação Calouste Gulbenkian*,
na Gráfica ACD Print, S.A.
www.acdprint.pt

A tiragem é de 500 exemplares

Junho de 2018

Depósito Legal n.º 404008/16

ISBN 978—972-31-0898-9



EDIÇÕES DA FUNDAÇÃO
CALOUSTE GULBENKIAN

TEXTOS CLÁSSICOS

Próxima publicação:

A Doute Ignorância, 4ª Edição

Nicolau de Cusa

CULTURA PORTUGUESA

Próxima publicação:

Cancioneiro da Juromenha

Edição de Barbara Spaggiari

MANUAIS UNIVERSITÁRIOS

Próxima publicação:

*Estatística Bayesiana,
2ª Edição Revista e Aumentada*

Carlos Daniel Paulino

M. Antónia Amaral Turkman

Bento Murteira

Giovani L. Silva

Capa de Sebastião Rodrigues

EDIÇÕES DA FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN

TEXTOS CLÁSSICOS — As raízes da cultura estão naquelas obras chamadas clássicas, obras cuja mensagem se não esgotou e permanecem fontes vivas do progresso humano. Por isso a Fundação, ao esquematizar o seu Plano de Edições, julgou que seria indispensável colocar ao alcance do público lusófono livros que marcassem momentos decisivos na história dos vários sectores da civilização. Da ciência pura à tecnologia, da quantidade abstracta ao humanismo concreto, procurar-se-á que os depoimentos mais representativos figurem nesta nova série editorial. Para dificultar ao máximo o acesso do leitor, todas as obras serão vertidas em português e apresentadas com a dignidade e a segurança que naturalmente lhes são devidas. Integrando na língua pátria estes grandes nomes estrangeiros, supomos contribuir para uma mais perfeita consciência da própria cultura nacional, cujos clássicos terão também o lugar que lhes compete no Plano de Edições da Fundação Calouste Gulbenkian.

SANTO AGOSTINHO (354-430) nasceu em Tágaste, pequena cidade do norte de África, filho de mãe cristã (Santa Mónica) e de pai não cristão (Patrício). Fez a sua educação literária em Milão embora também Roma e Cartago hajam sido testemunhas de algumas dissipações da sua juventude. O pensamento platónico fascinou o seu espírito sensível e não foi indiferente para a evolução intelectual do futuro bispo de Hipona. Precursor do Humanismo do Renascimento, Santo Agostinho consubstancia já na sua obra o propósito de conciliação entre a ética greco-latina e a mensagem evangélica. A preconização que recomenda de um conhecimento não superficial do hebraico, do grego e do latim para um entendimento profundo dos textos sacros anuncia o projecto cultural que o Renascimento humanístico havia de propor cerca de dez séculos depois. O *De civitate Dei e as Confessiones* são as suas obras mais conhecidas, mas escreveu ainda outras não menos importantes, sobretudo no domínio da hermenêutica novotestamentária. A leitura das *Confissões* está na origem da conversão de grandes figuras da história cultural antiga e moderna, a maior das quais foi certamente Francesco Petrarca (1303-1373). A sua obra exerceu uma profunda influência na cultura portuguesa, designadamente em autores como Gil Vicente, Sá de Miranda, Frei Heitor Pinto e António Vieira. A sua estupenda modernidade torna-a tão actual que bem podemos considerar Santo Agostinho como um nosso contemporâneo.

João Dias Pereira — Licenciado em Direito pela Universidade de Coimbra, seguiu a carreira da magistratura Judicial, jubilandose em 1981 quando exercia as funções de Presidente do Tribunal da Relação de Évora.